

Nº

01669



ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL

DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

DOCUMENTOS/INFORMAÇÕES REFERENTES À:

FUEL - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE EST. DE LONDRINA

PASTA 2/79

PT 1036.125



Secretaria de Segurança Pública
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Estado do Paraná

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

NOME:

FILIAÇÃO:

PROFISSÃO:

LONDRINA

04/11/78

Folha de Londrina

UEL:

Estudantes organizam Encontro de Psicologia

Os estudantes do curso de Psicologia da Universidade de Londrina estarão promovendo, a partir do dia 9, o 3º Encontro de Psicologia, que contará com a participação de especialistas de São Paulo. Além de palestras, distribuídas em diversos horários, será realizado também, paralelamente, um Curso de Psicodrama —a ser ministrado por Içami Tiba, presidente da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap).

A abertura do Encontro será feita por Olavo de Faria Galvão, da Universidade Federal de São Carlos, no dia 9, às 20 horas. Para o dia 10 estão marcadas três palestras: às 14 horas, Maria Aparecida Mota —da Clínica do Comportamento de Campinas — aborda "Classificação Psiquiátrica x Análise Funcional: Um estudo dos problemas obsessivos compulsivos". A partir das 16 horas, Ana Maria Padilha —da Clínica do Comportamento de Campinas — fala a respeito de "A experiência de Pedagogia em Clínica". E para as 20 horas está marcada a palestra de Maria José Morais de Andrade, psicóloga da Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, a respeito de "Psicologia Escolar: Uma nova perspectiva de trabalho em nossa realidade".

TERAPIA CONJUGAL

No dia 11, o programa pros-

segue com Sílvia Tatiana Maurer Lane — doutora em Ciências Humanas (Psicologia) e coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo — trata de "Atuação Preventiva em Psicologia Clínica", após as 14 horas.

Segue-se a palestra de Alice Maria de Carvalho Delitti, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, falando a respeito de "Terapia Conjugal", a partir das 16 horas. A noite será dedicada a um programa cultural.

No dia 12, outras 3 palestras: a primeira está marcada para as 8h30m, com Hélio Guilhardi —da Clínica do Comportamento de Campinas — tratando de "Trabalho Clínico: Preocupação com a prevenção e pesquisa". O tema da palestra de Antonio Waldir Biscaro, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que tem início às 10h30m, será "O papel do Psicólogo nas organizações". A última atividade do 3º Encontro de Psicologia será a realização de uma mesa-redonda, com os palestristas participantes discutindo as linhas gerais dos temas tratados durante a jornada.

CURSO DE PSICODRAMA

Simultaneamente às palestras

estará se desenvolvendo o Curso de Psicodrama a ser ministrado por Içami Tiba. O curso será desenvolvido em dois dias: no dia 11, das 8 às 14 horas; e no dia 12, a partir das 8 horas. Tanto as palestras como o curso terão lugar nas dependências do Colégio Marista.

Os alunos que organizam o Encontro alertam os interessados que o Curso de Psicodrama tem vagas limitadas —em número de 40 e a serem preenchidas preferencialmente por estudantes de Psicologia que cursam o 9º ou 10º períodos — enquanto que as inscrições para a reunião terão taxas mais baixas, se forem feitas até o dia 8. Assim, se a inscrição for feita até o dia 8, estudantes pagarão Cr\$ 100 e profissionais Cr\$ 180; após essa data, as taxas sobem para Cr\$ 150, para estudantes e Cr\$ 230 para profissionais. Essas taxas são cobradas dos que estiverem interessados em obter certificado de participação do Encontro. Independentemente disso, qualquer pessoa poderá dele participar, sem outros ônus.

Os que participarão do Curso deverão pagar Cr\$ 100 (estudantes) e Cr\$ 200 (profissionais). As inscrições para o 3º Encontro de Psicologia já se encontram abertas na sede do Diretório Central de Estudantes, à rua Prefeito Hugo Cabral, nº 727.

PT 1035.126

de FUEL

Pinotti analisou em Ponta Grossa expansão da UEL

OCIAL



DE

Estado do Paraná

NOME:

FILIAÇÃO:

PROFISSÃO:

RESIDÊNCIA:

PONTA GROSSA —"Em clima de trabalho intenso e em muitas oportunidades sem contar com a compreensão de áreas mal informadas, a Universidade de Londrina cresceu" —foi uma das asserções do reitor José Carlos Pinotti, em conferência realizada em Ponta Grossa, na segunda-feira, diante de um auditório em que estavam presentes o general Sebastião Castro, comandante da 5ª Brigada de Infantaria Blindada; o reitor Neumar Adélio Godoy, da Universidade Maringá; o reitor Daniel Albach Tavares, da Universidade de Ponta Grossa, bem como a oficialidade de maior escalão da 5ª Brigada de Infantaria Blindada.

O reitor da Universidade de Londrina referiu-se ainda à série de "contestações e crises, gratuitamente montadas", que fizeram difundir uma imagem que não corresponde à realidade da instituição, que já está consolidada, embora tenha muito a fazer, no sentido da sua implantação definitiva.

A conferência do professor Pinotti sobre a Universidade que dirige foi informativa, completando-se a exposição com a exibição de transparências, mostrando os aspectos físicos da instituição, gráficos explicativos de sua estrutura e dados relativos a atividades e aspectos financeiros.

Ao analisar o desafio surgido na área do ensino superior, quando o número de estudantes universitário cresceu, de 130 mil para 1.340 mil no País no decurso de um decênio, Pinotti comentou todas as novas propostas contidas na Reforma Universitária, considerando que elas, efetivamente, possibilitaram o desenvolvimento da rede universitária, embora impondo a necessidade de muitos sacrifícios e dedicação administrativa. Demonstrou, por exemplo que a otimização da relação alunos-docente no novo sistema de matrículas em disciplinas, sob o regime de créditos substituiu o índice de um docente para 4,2 alunos, vigente em 1961, para uma situação racional, que na Universidade de Londrina é de um docente para 11,4 alunos.

Expondo os programas e metas administrativas de que se valeu sua Universidade para resolver os problemas da súbita expansão inicial de 14 para 33 cursos, o reitor mostrou como a capacitação de docentes em cursos de pós-graduação, o aumento do acervo bibliográfico e de equipamentos, além da construção de novos prédios, conseguiram atender as exigências mais agudas que levaram ao reconhecimento dos novos cursos. "Os problemas — afirmou — não cancelaram as perspectivas de acerto do novo modelo institucional, embora tivessem exigido maior capacidade para sobrepujar os fatores negativos, antes de usufruir as vantagens da nova proposta legal, a Reforma Universitária". Considerou o reitor que "até hoje há vozes dissonantes que atacam a legislação, revelando haver quem prefira acusar, a tentar o aprimoramento de um modelo irreversível. Esquecem, prontamente, as causas determinantes da modificação do panorama universitário brasileiro e referem-se, facilmente, à "massificação" do ensino, sem perceber que pregam o privilégio das elites antigas, quando estas já não mais existem e a sociedade tem outras bases de organização".

Apresentando, em relatório bastante sintetizado, o que a Universidade realizou na área da capacitação docente, atendimento a estudantes carentes, números de atendimentos da área da saúde, clínicas odontológicas, valores dos orçamentos da Universidade, custos dispendidos na área da saúde e em construções, o crescimento da demanda estudantil, com bases na realização semestral dos concursos vestibulares e o incentivo à pesquisa, o reitor mostrou que a Universidade de Londrina está ainda em período de implantação e expansão, num crescimento que pode ser considerado ainda "explosivo", mas que já tem suportes adequados e maturidade para enfrentar as exigências desse crescimento. "Isso, mesmo dentro de uma realidade financeira difícil, pois o orçamento da Universidade de Londrina é dos menores entre as instituições similares do País" —finalizou o reitor.



O reitor da Universidade de Londrina, José Carlos Pinotti, falando em Ponta Grossa

Poster F-UEL

PT 1035-125

A. S. M. A. B. P. C.

Nós, alunos da MECÂNICA, diante da intransigência e do engodo com que tem sido tratadas nossas propostas de cursos de férias, resolvemos retomar nossa última, e também mais forte forma de pressão. Estamos novamente em greve.

Durante todo o período, nós nos reunimos, passamos listagem de matérias para saber quais eram as mais solicitadas, sondamos as opiniões e disponibilidades dos professores, discutimos com o diretor e encaminhamos uma proposta, ainda assim aberta a discussão, que refletia nossas necessidades mais prementes. A resposta que obtivemos foi um taxativo "NÃO".

Fechado o diálogo, só nos restou a greve. Isto é, diante da intransigência, forjamos nossa união. Conscientes da franqueza de nossa união, procuramos os professores e mostramo-lhes que nosso objetivo era tentar solucionar a bagunça de nossos horários e o problema das salas repletas. Prova disto é que desta reunião tiramos uma comissão paritária de alunos e professores, com poder deliberativo que estudasse nossas justas reivindicações. A partir daí, não havia sentido continuar, e assim decidimos pelo fim da greve, acreditando nos frutos que esta comissão nos pudesse trazer. Foi nesta reunião que obtivemos o resultado positivo em DES.MAQ. II.

De fato, as conclusões desta comissão nos deixaram bastante otimistas. Até que na segunda reunião alguns professores doram a entender que ela não tinha caráter deliberativo, e o pior, encaminharam posições completamente contrárias a suas posições na comissão paritária à comissão geral do depto.

Nós naturalmente sabemos que devido ao caráter da comissão geral, as opiniões do diretor pesam, prá não dizer que na verdade tem poder decisório de sim e do não. E foi assim que todas as outras matérias foram vetadas com a exceção de uma: Metrologia. Enquanto isto, um nosso representante que foi convidado a participar da reunião foi... desconvidado (?!).

Metrologia também foi vetada numa reunião do Conselho Departamental onde os 5 representantes dos alunos foram convocados sim... mas depois da data da reunião.

Diante deste quadro certamente nada favorável a nós (em cima das provas finais inclusive), respondemos mais uma vez com nossa união e repudiamos a atitude destes professores indecisos e principalmente do diretor de nosso depto. que não mostra nenhum desejo em solucionar este impasse.

Precisamos mais do que nunca do apoio de toda a comunidade da PUC e convocamos também a todos para a reunião do CTC de terça-feira, 12hs., no Bar das Freiras.

- TODOS A REUNIÃO DO CTC (3º-FEIRA;12hs.,Bar das Freiras)

- TODOS A ASSEMBLÉIA GERAL DA MECÂNICA (4º-FEIRA, 12hs.)

CEMEC
DAAF

QUESTIONÁRIO SOBRE CURRÍCULO ESCOLAR

Nós do C.A. elaboramos este questionário com o objetivo de levantar os problemas e soluções, de forma prática, relativos à questão curricular.

O mês de outubro já está chegando ao final e as atividades programadas, especificamente as palestras, por questões de horário dos participantes tem sido adiadas, no entanto a palestra sobre música, está marcada para o dia 31 com Ailton Esobar e Ricardo Tacuchian.

Só tendo uma visão clara e conjunta da nossa situação podemos propor as transformações que julgarmos justas.

Sabemos que lamentos, muxoxos e piadas só servem para a alienação do desânimo.

Sabemos que só a correta análise dos nossos problemas e o debate decorrente nos levarão ao caminho certo das conquistas de nossa consciência, identidade e às transformações concretas.

1- Levando em conta o seu currículo o que voce vê nele de positivo e de negativo, considerando a realidade universitária na qual ele se insere? *Pos: Ser melhor que nada.*

Ueg. Esquivodi a teoria-prática - superficialidade e falta de método. Não discutimos muito para as condições reais do 'mercado'. Inexistência de uma de uma espinha comum entre todas as cadeiras, por exemplo o produto final como produção artística e comercial. Total despreparo e desqualificação de alguns professores para as exigências reais e objetivas de cada cadeira. Lantejoulas demais. Falta de ser.

2- Em relação à nossa realidade cultural e artística como voce vê o seu currículo? Ele contribui para sua capacitação ou não?



3- Numa escala de prioridades, o que voce acha que deve ser feito para melhorar o seu currículo?

Aumento da carga prática e sistematização do ensino teórico

4- Existem ou não algumas cadeiras no seu currículo que são fundamentais para o seu aprendizado? No caso afirmativo que tipo de transformação o programa poderia sofrer no sentido de um melhor aproveitamento?

As cadeiras teóricas - Interp. Direção: Cenografia (Teoria e geral) nem mais aprofundadas e valorizadas e não vivem a rebuço de um pseudo-cadêral teórico superficial e sem substância. (Teoria é fundamental mesmo, mas jamais deve ser usada para encobrir deficiências práticas) etc. Professores menos alienados, mais realistas gente que frequê não que diga como.

5- Levando-se em conta que estamos numa escola de Artes, como voce vê o problema do ensino dessa atividade a curto, médio e longo prazo?

Mal, muito mal.

6- Nós estamos para mudar de prédio. Que necessidades e reivindicações voce teria a levantar para que sejam incluídas no novo espaço?

Espaço e agua quente.

7- Qual tem sido atualmente a sua prática no campo de teatro, música ou ed. artistica? De que maneira o seu currículo tem auxiliado essa prática?

Só teatro escolar. Muito pouco, não muito do que se quer aprender, pesquisa, aprofundar fora da sala de aula. (há exceçõs)

8- Que outros tipos de experiência curricular voce conhece relativa ao ensino de Artes?

Curso livres

9- Qual sua conclusão sobre uma análise do desempenho de seus professores?

Alguns bons, outros razoáveis, outros ruins. Acho que a questão é de orientação com superior e não dos professores em si.

10- Muito se tem falado em prática aqui na escola. Como voce entende uma atividade prática organizada, no sentido de mais oportunidades para todos num máximo de desempenho?

Teatro e prática. Tudo deve girar em torno da prática. no sentido de mais oportunidades para todos, num máximo de desempenho

C.A.O.V.F./79

Boletim do C.A. de COMUNICAÇÃO



editorial

É comum qualquer estudante universitário conhecer o que está se passando pelas áreas de sua universidade. Mas parece que este ser-comum está desaparecendo.

A comunicação entre os alunos, quando há, é apenas a nível de passagem em turma, ou então, pelo órgão oficial da PUC, que não é feito pelos alunos.

Este boletim tem a função de informar aos alunos de comunicação e também de outras áreas o que estamos fazendo e em que estamos trabalhando. Será um boletim mensal e estará aberto a participação dos alunos, inclusive para informes de outras áreas. Ele está aberto a todos, para falarem suas opiniões e exporem suas propostas.

Por aqui vocês saberão o que está sendo encaminhado pelo Centro Acadêmico Livre de Comunicação e quais são as propostas. Foi um dos meios práticos que conseguimos para acabar um pouco com a interrupção de aulas. Afinal nosso curso é precário e as interrupções contínuas podem prejudicar, vêzes outra, aquelas aulas que a gente está gostando.

Esperamos que o boletim comunique. E esperamos também que quando estivermos mais organizados possamos fazer um jornal. Este boletim é um meio de vocês darem uma força, porque nossa organização não está sendo fácil e tranquila. Há bastante a fazer e a gente está tentando achar o melhor caminho de levar to dos eles. Estejam presente ...

Diretoria do C.A. Livre de Comunicação

PROPOSTA PARA O

ESTATUTO PROVISÓRIO DO CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE COMUNICAÇÃO

No primeiro semestre desse ano, a Comissão pró-C.A. de Comunicação levou algumas discussões sobre estatuto. Essa proposta que segue abaixo ainda é para ser discutida entre os estudantes para aprovação dele ou não :

1- Dos princípios:

- 1.1. - O C.A. de Comunicação é o órgão que congrega os alunos de Comunicação da PUC-RJ, contribuindo para sua integração e participação em várias atividades (políticas, sociais, culturais, esportivas, etc...)
- 1.2. - Tem por função divulgar, promover o debate e encaminhar as questões relacionadas a Comunicação.
- 1.3. - É um órgão independente em relação à burocracia universitária, acatando somente as decisões da maioria dos estudantes.
- 1.4. - Centraliza, coordena e defende os interesses dos estudantes enquanto membros da comunidade universitária e enquanto setor da sociedade.
- 1.5. - Sua organização é democrática e suas posições são delegadas a partir do conjunto dos estudantes.

2- Do funcionamento:

- 2.1. - O C.A. funciona através de sua diretoria, canais de deliberação e comissões de trabalho.
 - 2.2. - A diretoria:
 - Coordena e encaminha qualquer questão do interesse dos estudantes após consulta aos mesmos.
 - 2.2.1. - Nos casos em que isso não seja possível, a diretoria encaminhará posicionamento baseado em sua carta programa, devendo posteriormente responder por essas deliberações perante os estudantes.
 - 2.2.2. - O posicionamento da diretoria é tirado em reunião da mesma, com um quorum mínimo de 50% + 1, de seus membros, com votação por maioria simples. Essas reuniões são abertas a todos, devendo ser amplamente divulgadas, sendo que apenas a diretoria possui direito a voto.
 - 2.2.3. - O C.A. de Comunicação só pode estar representado como entidade, através dos membros de sua diretoria, a não ser que seja delegado poderes a um membro da entidade.
 - 2.3. - Os canais de deliberação :
 - 2.3.1. - Assembleias gerais :
 - Canal máximo de decisões do C.A. de Comunicação. Suas decisões são soberanas: No caso em que seja impossível uma assembleia única para os cursos diurno e noturno, deve ser garantida assembleia para os dois turnos, sendo que a deliberação será pelo somatório de votos.
 - 2.3.2. - Em caso de uma situação específica, em um dos turnos, cabe ser convocada uma assembleia específica para este turno.
 - 2.3.3. - Caso seja impossível, no referente às formas de ação, um posicionamento único, cabe as assembleias por turno, deliberarem por si mesmas.
Discordancia : No que refere a forma de ação, alguns companheiros acham que a posição deve ser sempre única.
 - 2.3.4. - O quorum mínimo das assembleias deve ser de x% de estudantes matriculados no curso e presentes na hora da votação. Toda reunião com este quorum, tem caráter de assembleia, tendo direito a voz e voto todos os estudantes do diurno e noturno.
 - 2.3.5. - As assembleias gerais são convocadas por uma assembleia anterior, pela diretoria, pelo C.R. ou por 10% dos estudantes.
 - 2.4. - Plebiscito :
 - São encaminhados quando necessários, devendo ter um quorum mínimo de x%.
 - 2.4.1. - O plebiscito pode ser convocado por uma assembleia geral, pela diretoria, pelo C.R. ou por 10% dos estudantes.
- OBS : O Conselho de Representantes ainda não existe, devendo ser discutido e entrar no estatuto assim que estiver concretizado.

2.5. - Comissões de Trabalho :

- As comissões são criadas pela diretoria ou assembleias gerais, sendo que suas reuniões são abertas a todos os alunos, com direito a voz e voto.

3. - Disposições Gerais :

- 3.1. - A diretoria do C.A. de Comunicação deve ter um número mínimo de 7 (sete) membros, devendo ser composta por um número ímpar de pessoas. Todos os membros da diretoria do C.A. possuem o mesmo peso, nos votos.
- 3.2. - O mandato da diretoria será de 1 (um) ano. A nova diretoria do C.A. deverá tomar posse automaticamente após o término das apurações. Salvo irregularidades comprovadas na apuração (no pleito).
- 3.3. - As eleições da diretoria, são feitas por voto direto e secreto num período de 3 (três) dias, com base nos programas apresentados pelas chapas concorrentes. Nas apurações deve estar presente pelo menos 1 (um) fiscal de cada chapa.
- 3.4. - A diretoria pode ser destituída em assembleia geral, devendo ser formada nessa, uma comissão provisória que se responsabiliza pelo C.A. de Comunicação, até a próxima eleição, que deve ser realizada no prazo máximo de até 1 (um) mês.
- 3.5. - Este estatuto pode ser modificado somente em assembleia geral.

O ENECOM ACONTECEU!!!

Durante o mês de outubro, estudantes das escolas de Comunicação de R.J., resolveram encaminhar conjuntamente o III ENECOM - Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação - e formularam uma tese para ser apresentada nos dias 19, 20 e 21 de outubro em Brasília.

Aqui na PUC, houve uma Assembleia no dia 17, para discutir a nossa representação. Apesar da pouca discussão, foi decidido que seria importante a nossa intervenção com direito a voto. Como havia 15 pessoas que participariam do Encontro, resolveu-se que os votos representariam toda a delegação presente, ou seja, se todos concordassem com as propostas apresentadas, seriam dados 4 votos, e se houvesse discordância 3 votos para maioria e 1 pela minoria.

O que aconteceu em Brasília ?

Falam alguns participantes :

P: Conta p' nã gente como foi a ida a Brasília. A viagem, a chegada lá, como estava organizado o Encontro...

R: Nós conseguimos viajar graças aos pedágios feitos pelo pessoal das escolas do Rio, além do abatimento das passagens, obtido com cartas dos Diretores para a empresa que nos alugou o ônibus.

Aviagem foi a maior loucura, os papos rolaram, todos os tipos em todos os lugares, quem queria dormir ficou querendo.

Em Brasília, nós ficamos alojados no Departamento de Turismo (tinha banheiro nos quartos e até TV a cores na sala de estar), todas as delegações, num total de mais ou menos 400 pessoas, ficaram no mesmo local. Eram delegações de 34 Escolas de Comunicação de todos os Estados, com exceção de Alagoas.

O Encontro foi todo realizado na Escola de Comunicação da UNB, que fica num bloco imenso (Minhocão) que reúne todas as Faculdades da Universidade.

PT 1035-125

P: E o Encontro como foi ?

R: O pessoal foi dividido em 5 grupos para debater todos os pontos do Encontro: Função do Comunicador social, Currículo, Democratização na Universidade, Sub-Secretaria da UNE, Organização do IV ENCOM e Mercado de trabalho que foi dividido por áreas, isto é, jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, cinema rádio e TV.

P: O que foi decidido na Plenária.

R: Os assuntos foram debatidos nos grupos e as propostas foram votadas nas plenárias onde todos participaram.

Sobre jornalismo deliberou-se: incentivo as cooperativas de jornalistas independentes, criadas a partir das Escolas, sem vínculos com estas; estágio curricular obrigatório nas Escolas; lutar pelo imediato aparelhamento dos laboratórios; estágio opcional nas empresas.

Ficou decidido que o nº de estagiários será proporcional ao nº de profissionais nas empresas, sendo que a proporcionalidade será decidida através de levantamentos nos Estados, feitos por estudantes e Sindicatos. Outra luta também é um piso salarial para estagiários, assim como, garantias trabalhistas.

Essas propostas todas devem ser discutidas e avaliadas por alunos, professores, e profissionais para desembocar num Congresso no 1º semestre de 1980.

Sobre cinema, o pessoal tirou: contratação de monitores para os laboratórios; criação de cooperativas de produção independente, abertas a participação de associações de bairro e Sindicatos; circuito universitário de exibição em paralelo à produção independente; lutar pelo estágio em produções nacionais.

Sobre relações públicas foi discutido o seguinte: convênio entre escola e empresas para melhor coordenar a teoria e prática da escola à realidade da profissão; lutar alternativas de trabalho junto a sindicatos, associações de bairro; lutar pela criação do sindicato, garantias trabalhistas, piso salarial e pela defesa do exercício da profissão tal qual ela é, e não deturpada no sentido de vendas e outras coisas.

Em publicidade e propaganda, discutiu-se: luta pela existência e funcionamento de agências experimentais nas escolas, que possibilitem estágios práticos; a inclusão do ensino de Marketing no currículo; criação de associações e cooperativas, onde grupos de estudantes estariam representados; lutar pelo piso salarial; reconhecimento do Publicitário e não do técnico em Comunicação Social.

Sobre rádio e TV decidiu-se ampliar o debate sobre a Televisão por Cabo como produção regional voltada para seus próprios interesses: o reconhecimento da profissão; lutar pela implantação de emissoras de rádio e TV nas Escolas; criação de grupos para produzir programas didáticos de rádio e TV; lutar pela democratização dos meios de comunicação de massa.

P: E sobre a Sub-Secretaria da UNE ?

R: Foi aprovado que todas as Escolas de Comunicação do país estivessem presentes na Sub-Secretaria da UNE, e que sua organização fosse feita por uma Comissão Executiva, composta por 10 estados, na qual o Rio é representado pela ECO-UFRJ. As demais escolas são: UNISINOS-RS, LONDRINA, ECA - SP, UFES, UFBA, UFGO, UFPB, UFPA e UFMG..

Foi aprovado que o Jornal da UNE será feito pelos estudantes de Comunicação. O jornal é mensal e ficará cada mês a cargo de uma regional. O editorial, a linha po-

PT 1036-126

no Encontro serão encaminhadas ao Conselho de Entidades Sociais (CONEG), que se reunirá no Rio nos dias 10 e 11 de novembro.

P: E sobre o currículo o que o ENECOM discutiu ?

R: A gente viu que o currículo não deve ser dividido entre teoria e prática, as matérias devem ser dadas simultaneamente. Que o currículo não se volte exclusivamente para o mercado de trabalho, mas sim que proporcione um ensino que permita a ampliação deste mercado, além de garantir um campo de pesquisa.

Aprovar o currículo nacional no ENECOM seria loucura. Então o que se fez quanto a isso, foi tirar formas organizativas que permitissem que todas as escolas do Brasil estudassem e colaborassem na feitura desse currículo único. Daí a gente aprovou a proposta de Comissões Paritárias (professores e alunos) por Escola, por região e nacional.

A Comissão Paritária Nacional foi tirada com 5 estudantes (1 de cada região do país, que compõe a executiva das escolas de Comunicação), e 5 professores; que se reuniram nos dias 24, 25, 26 e 27 passados no II Encontro Nacional dos Professores de Comunicação, realizado no Rio. Essa Comissão elaborou um projeto de Currículo mínimo que foi levado ao MEC para aprovação.

As comissões regionais por escola terão por função garantir a implantação do mínimo e a elaboração dos currículos plenos, seguindo-se as especificidades de cada região e escola.

Aqui na PUC, percebendo que nossa escola está muito longe de oferecer um curso que satisfaça os nossos interesses a gente precisa garantir mobilização em relação às nossas lutas imediatas: o acesso aos laboratórios e a gráfica e pelo urgente aparelhamento de nosso curso. Todas as escolas tem que integrar nessa luta.

II ENCONTRO NACIONAL DOS PROFESSORES DE COMUNICAÇÃO

Foi realizado, do dia 24 a 28 de outubro no Rio de Janeiro, o II Encontro Nacional dos Professores de Comunicação que discutiu a elaboração de um novo currículo mínimo para o curso. A Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa de Comunicação (ABEPEC) fez, este ano, um acordo com o MEC de apresentar um novo projeto para o currículo mínimo. Para isso, convocou um Encontro Nacional, no qual se tirou uma Comissão Paritária de cinco alunos participantes do Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação (ENECOM) e cinco professores da USP, UNB, Católica de Minas, AFPB e PUC/RJ. Esta comissão - coordenada pela professor Itamar - membro da ABEPEC e professor da UFMG - elaborou um projeto que foi aprovado no encontro e enviado ao MEC no dia 5 deste mês. O documento deve ser estudado pelo Conselho Federal de Educação até dezembro e seus principais pontos são:

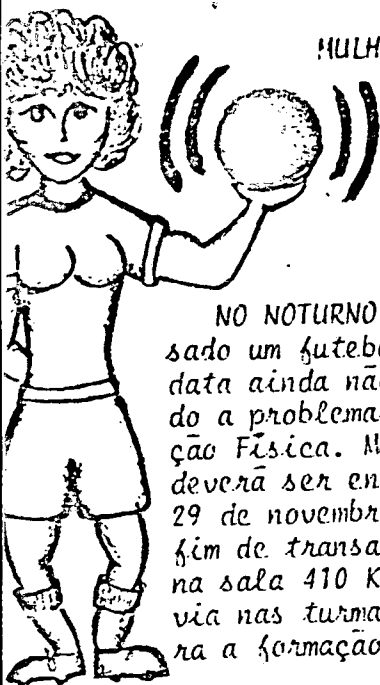
1 - Equilibrar a teoria, a técnica e a prática através do incremento das disciplinas da área de Ciências Sociais.

2 - Reduzir as disciplinas do currículo mínimo para dar maior liberdade às escolas de comunicação de elaborar seu currículo pleno.

3 - Abrir espaço, dentro das matérias, para que todas as correntes do pensamento contemporâneo sejam estudadas.

4 - Criação de uma matéria sobre comunicação comunitária como

PT-1035-126



MULHERES DO NOTURNO :
FUTEBOLEMOS !

NO NOTURNO, está sendo transado um futebol de mulheres. A data ainda não está fixada devido a problemas do Dptº de Educação Física. Mas já se sabe que deverá ser entre os dias 23 e 29 de novembro. Quem estiver a fim de transar, procurar Márcia na sala 410 K ou Clarice e Silvia nas turmas do 4º período para a formação de times.

FESTANÇA NO C.A. !!!

Aqui na PUC, uma dificuldade que encontramos, é a de não haver uma forma de convívio mais efetivo entre os alunos dos diversos períodos. Por isso, achamos ilegal pintar uma festa de vez em quando; e 4º feira é a hora.

TÁ NA HORA DE COLORIR UM POUCO MAIS AS NOSSAS NOITES. TÁ NA HORA DE NOS UNIRMOS MAIS NAS NOSSAS FESTAS. TÁ NA HORA DE AUMENTARMOS CADA VEZ MAIS A NOSSA BANDA.

4º feira (14/11) casa V

CONVOCAÇÃO AMPLA, GERAL... PRÁ ORGANIZARMOS UMA MOSTRA DE FOTOGRAFIA

...vai sair a mostra de fotografias. São que não piana a diretoria ficar encaminhando, fazendo e antecendo. A democracia tem que ocorrer na prática com todos os interessados levando suas propostas.

HEI !!! VAMOS TER CONCERTO ...

- Trío renascença Pro-arte
- Participando : Mazareth Silvério
Claudio Vabrudi
Ricardo Vabrudi
- Tocando : Cornamusa, cromorna,
flauta doce e voz alaúde
- Auditório do RDC / dia 14/12:00 hs

40,00 - ingressos no local

REUNIO 2º feira (12/11) no DAT (casa V)

NOTURNO : 20:30 hs

DIURNO : 12:00 hs

ATENÇÃO MOÇADA !

CURSO DE IMPRENSA ALTERNATIVA

Os editores do jornal Repórter - Chico Júnior e Luís Alberto Bittencourt - se propuseram a dar um curso de Imprensa Alternativa para os alunos de Comunicação, especialmente para aqueles que pretendem fazer jornalismo. O curso é de quinze dias, com duas aulas por semana, à noite, e deve iniciar na segunda quinzena deste mês.

Os interessados devem procurar maiores informações no C.A. - que funciona na Vila dos Diretórios - Casa V ou com Silvia do 4º período do

PT 1035-125

O 1º Congresso de Publicidade Ibero-Americano contou com a participação de alguns alunos de Comunicação da PUC-RJ de diversos períodos. Com sua realização no palácio de convenções do Anhembi, São Paulo, teve grande repercussão em todo país.

Conjuntamente com o CIBAM, houve também o FIAP (Festival Ibero-Americano de Publicidade), com mostra de Peças Gráficas, de Rádio, T.V. e Cinema; e o FIBAM (Feira Ibero-Americana de Publicidade) que contou com stands de muitas empresas associadas à publicidade.

Do ponto de vista de informação, foram importantes esses quatro dias integrais (até às 20:00 hs. é lógico, que ninguém é de ferro) de atenção ao Congresso.

A discussão de problemas atuais da Publicidade no Brasil, girou desde o ensino até como ela atua nas comunidades. Problemas como, o ensino da publicidade nas faculdades e se essa formação interessa ao mercado de trabalho, alternativas como a agência publicitária da PUC-RS que já nos está sendo encaminhada.

Os interessados em saber mais sobre CIBAM procurem o Gil do 2º período do turno, que eu não me recuso a levar um pa

OLHA O CASO AI !!! DA PUC A BRASÍLIA

A Comissão do problema da implantação arbitrária da cabodifusão, levou ao IIR ENECOM, os problemas discutidos nos debates que houveram aqui na PUC. A questão da TV por cabo foi bem recebida por todos os estudantes que participaram do Encontro, e foi aprovada uma moção de repúdio ao "picote da TV por Cabo" que foi levada ao secretário de Comunicação Lourenço Chehab.

O importante é que este assunto começou a ser discutido e questionado. Para quem estiver querendo saber, em detalhes o que a Comissão vem fazendo, existe um mural no pilotis que poderá informar melhor.

VOCE SABE QUE EXISTE UM JORNAL COMUNITARIO ?

O professor Maurício Azedo, está coordenando um projeto de Jornal Comunitário para o bairro da Gávea.

Este jornal é aberto a todos os estudantes de comunicação, e se propõe a tratar dos assuntos e necessidades da Comunidade Gávea.

O C.A. de Comunicação, divulgou através de notas e cartazes, as reuniões do jornal. Foram tiradas várias comissões, sendo que nesta fase em elaboração é de extrema importância a ampliação da comissão de pesquisa.

NESTE SENTIDO, CONVOCAMOS TODOS OS INTERESSADOS A UMA REUNIÃO DESSA COMISSÃO, QUE SE REALIZARÁ 2º FEIRA/12/11 - às 11:00hs NO 5º ANDAR K

POETAS NA PUC !!! ONDE ?!

Será lançado na PUC o livro "Sobre a mesa o muro". São 6 poetas, sendo que 4 pertencem a Universidade e 1 ao nosso departamento... é o Carlos Pousa do 5º período do diurno... O lançamento será nos pilotis, onde se instalará um som e serão lidas diversas poesias.

Neste sentido, pretendemos fazer um verdadeiro DIA DA POESIA, em que todos aqueles que escrevem poderão colocar, no pilotis os seus trabalhos.

PT 1035-125

SINTOMA

JORNAL DOS ESTUDANTES DA BAIANA

OUT/NOVEMBRO

1979

SALVADOR - BAHIA

PREÇO 10,00

Atitudes da diretoria obrigam o 3º ano a manter a greve

PÁGINA 3



TUDO
SOBRE O
SEMINÁRIO

PÁGINAS 4, 5 e 6

ANISTIA A LUTA CONTRA
A UNE ESTÁ NA PÁG 7
MULHERES

PÁGINA 8

UMA MULHER
É UMA PESSOA

EDITORIAL

Assumimos a direção da entidade num período em que ela se encontrava em descrédito em relação aos estudantes, e colocamos como questão principal, em nossa prática, a necessidade de estarmos lado a lado com os colegas, na defesa dos nossos interesses, buscando tornar nossa entidade cada vez mais representativa.

Vivemos durante o decorrer desse ano momentos importantes, tanto dentro como fora de nossa escola.

As eleições para a diretoria do diretório se constituíram num processo novo, em que a plataforma de trabalho e os nomes foram indicados dentro das salas de aula. Tivemos como saldo um programa ligado aos anseios dos estudantes e uma diretoria formada por pessoas das mais representativas da Escola, conseguindo uma vitória decorrida do fato da experiência ter sido inédita.

Nossa atuação vem se dando com base num programa e na consulta aos colegas. Temos aumentado a representatividade da entidade, aumentando sua organização interna e participando dos grandes eventos que têm marcado a vida estudantil durante esse período.

O XXXI Congresso da UNE — marco histórico de reconstrução de nossa entidade máxima — contou com uma participação significativa dos estudantes da Baiana, que teve a votação mais expressiva da Bahia (870 votos) nas eleições diretas para a escolha de sua diretoria per-

manente. A chapa apoiada pela diretoria do diretório, conquistou uma vitória com larga vantagem sobre a segunda colocada (ver reportagem nesta edição), demonstrando que o estudante da Baiana se coloca ao lado de todo o povo brasileiro na luta por uma Anistia ampla, geral e irrestrita, pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, contra o ensino pago, por mais verbas para a educação, por uma Universidade Democrática e contra a conciliação com a ditadura.

Ainda com relação à UNE, a maioria dos delegados escolhidos para representar a escola defendeu a proposta de sair de lá uma diretoria permanente, considerando que o congresso era representativo o suficiente para tirar uma diretoria permanente que já estivesse encaminhando a partir daquela época, a direção das lutas estudantis.

O I Seminário de ensino foi, também, um evento importante em nossa escola. Conseguimos retirar dele um saldo positivo em relação à discussão sobre a situação de ensino. Concluímos que a universidade que existe hoje é elitista e autoritária, e que devemos lutar por uma universidade que, realmente esteja representando os interesses populares.

Foi também neste Seminário, que amadureceu a posição do 3o. Ano em relação às deficiências do curso.

No que diz respeito ao ECEM, tivemos

uma participação ampliada, tanto em relação ao número de participantes quanto ao nível das discussões que conseguimos travar com a realização de um Pré-ECEM e de uma semana de debates. Em João Pessoa, defendemos as nossas propostas de forma vigorosa, tendo conseguido propôr e concretizar um ato público pela Anistia ampla, geral e irrestrita, com a participação de mais de 3.000 pessoas, em pleno centro da cidade.

Nossa participação na greve do 3o. ano se dá com firmeza e confiança na justiça das suas reivindicações. A diretoria da escola sabe da "pedra no calcanhar" que é o movimento e tenta descaracterizar a representação estudantil e isolar essa liderança do seio dos estudantes.

A organização das comissões, e a ampliação de seus quadros, se deu no decorrer dos trabalhos e temos hoje cada comissão, encaminhando seus trabalhos de uma forma organizada. O crescimento da atividade das comissões, merece e deve ser capitalizado, pois vem sendo de importância vital no crescimento do nível de consciência dos colegas.

Sabemos das nossas limitações, porém buscamos no dia a dia lutar pela resolução dos nossos problemas específicos, associando-os aos gerais e nos colocando junto com os colegas, ao lado de todo o povo brasileiro, principalmente os trabalhadores, na luta por uma sociedade mais humana e mais justa.

Samuel Pessoa fala de imperialismo reforma agrária e que estudante não é só para estudar

Samuel Pessoa, morto há três anos, foi o maior estudioso brasileiro de Parasitologia. Suas atividades, no entanto, ultrapassaram o campo acadêmico. As pesquisas eram sempre baseadas no contato direto com a população pobre do interior. Também contribuiu grandemente para a organização de serviços brasileiros de saúde. Seu aprofundamento nos problemas de saúde levou-o a desenvolver atividades que ultrapassavam o âmbito estritamente profissional. Através deste artigo, baseado no livro Ensaio Médico Social (do próprio Pessoa) e resenhas do jornal Movimento procuramos mostrar algumas das obras desse grande cientista e o depoimento de alguns dos seus colaboradores e amigos.

"Pessoa não foi, Pessoa é!" lembra o professor Kurt Kloetzel, no IX ECEM, em 1977, completando que "mantê-lo vivo é uma imposição que fazemos a nós mesmos, única maneira de escapar ao desolador sentimento da solidão, do desespero de ver-nos pequenos diante das injunções do mundo. Homens assim não devem morrer senão com eles morrerá o amor e a alegria, a esperança, a insistência, a coragem de dar murro ao ponto de fuga.

As pegadas que o homem deixa atrás de si, não é qualquer ventinho à toa que as fará desaparecer, desde que outros as repisem com passos firmes, aprofundando-as".

Segundo esse mesmo professor, o seu antigo mestre Samuel Pessoa é um homem engajado, comprometido, apaixonado, cientista que sabe ver além da ocular do microscópio ou do quadro negro, que não tem o menor pudor de declarar suas preocupações com os homens. Para ele "a ciência não é um fim mas um meio, não é um instrumento mas pedra para integrar o mundo".

Muito combativo, Samuel Pessoa foi realmente o grande reformador do ensino e da investigação parasitológica no Brasil numa época em que professores e alunos liam somente os tratados estrangeiros de parasitologia, "distanciados da nossa realidade, é que surgiu a primeira edição da nova "Parasitologia Médica" livro brasileiro, baseado em exemplos brasileiros, e na experiência brasileira, que veio mostrar que as doenças para-



sitárias no Brasil não eram meras curiosidades nosológicas, que incidiam em alguns indivíduos sem importância em regiões também economicamente não importantes; como pensavam alguns sanitaristas de gabinete, mas sim grandes problemas sanitários que necessitavam urgentemente ser estudados, equacionados e resolvidos" (prof. Amílcar Viana). É esse o livro que logo se tornou bíblia dos estudantes e professores brasileiros, sendo, sempre ainda hoje, em suas novas edições, o livro fundamental parasitológico em nosso país. Dedicando-se intensamente aos estudos, esse grande mestre "no entanto, sempre manteve-se na defesa ardorosa da liberdade de pensamento e tinha a concepção de que a Universidade deveria ter condições de se voltar ao estudo e à solução dos múltiplos problemas que desgraçam a vida do nosso povo não omitindo-se, por isto, da denuncia dos fatores responsáveis pela sua manutenção".

Números prêmios, medalhas e honrarias, recebeu, fora e dentro do país, tendo publicado mais de 400 trabalhos científicos e artigos, além de 17 livros e monografias. Como professor procurava desenvolver nos alunos o interesse pela pesquisa científica, tendo também caminhado por todo o Brasil, organizando departamentos de parasitologia em diversas universidades brasileiras. Uma característica sua sempre lembrada era o princípio da renovação dos quadros acadêmicos, tendo renunciado em

1956, voluntariamente, a cátedra que ocupava na Faculdade de Medicina da USP.

Sempre atuante, participou de campanhas pela paz e contra as armas atômicas e foi candidato a deputado pelo partido comunista, em 1945; presidiu a reunião que lançou em São Paulo, após a segunda grande guerra a Semana Nacional, Pró-Anistia, então promovida pela UNE.

Durante o VII Congresso Brasileiro de Higiene, reunido em 1948, apresentou a seguinte moção, que hoje é ainda de grande importância:

"Considerando que, sendo todos os problemas sanitários interdependentes e subordinados aos problemas econômicos-sociais considerando que, nas condições atuais de pobreza e baixo nível de vida da nossa gente rural, os progressos obtidos com o emprego de medidas unicamente de caráter médico-sanitário serão reduzidos e fulgazes; considerando que o latifúndio constitui o fundamento mais constante das precárias condições de nosso homem rural, e causa permanente e invariável do entrave ao progresso da maioria das zonas rurais brasileiras considerando que somente com elevação da situação econômica das populações camponesas, mediante a redistribuição das propriedades latifundiárias, subsidiadas por medidas paralelas visando a solução dos problemas de transporte, do cooperativismo agrícola, da energia elétrica barata e abundante, da criação de indústrias de bases, será possível o progres-

so sanitário dos campos, propomos que o VII Congresso de Higiene faça sentir aos poderes competentes a urgência com que se impõe a solução da questão agrária no Brasil".

As imensas qualidades de Samuel Pessoa, raramente reunidas em um só homem, diz Amílcar Viana, e suas corajosas lutas pela melhoria das condições de vida do povo que lhe valeram não poucas perseguições, como a sua prisão, um ano antes de sua morte, quando o bravo professor, que ainda se dedicava às pesquisas, já contava com 77 anos de idade; não pode ser esquecida também, a expulsão da Faculdade de Medicina, após o golpe de 1964, dele próprio e de muitos dos seus colaboradores, cientistas, hoje exilados em sua maioria, como outros inúmeros professores brasileiros, ansiosos para voltar ao nosso país mas impedidos.

Mas, do professor Samuel Pessoa, filho de Paraíba, contador de anedotas, ficaram trabalhos e idéias que ninguém jamais poderia destruir, dos quais alguns foram citados aqui.

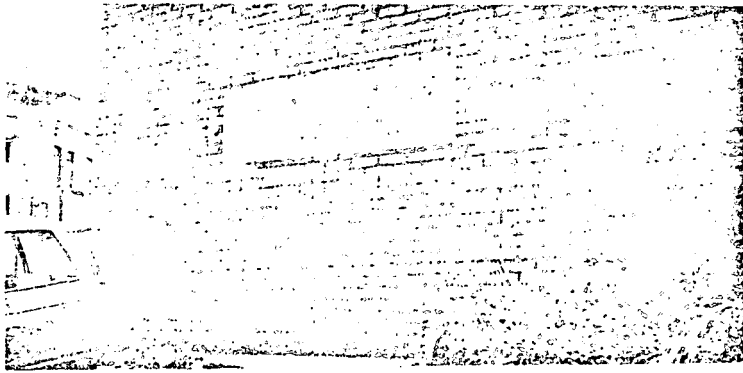
Dele ficaram, por exemplo, conselhos como estes dados em palestras na Universidade de Minas Gerais, a convite do Diretorio da Escola de Medicina, em 1963:

"Podem alegar que o estudante só deve estudar. De fato a função de estudar é por essência a do estudante; mas esta função só é única onde se tenha realizado a plena humanização do trabalho e onde pequenas melhorias não usufruam mais os bens criados pelo povo, deixando na miséria milhões de espoliados, de doentes, de ignorantes..."

"Estudem pois os Universitários brasileiros, mas também interessem-se pela política, a política nacionalista; a política que luta contra as forças antinacionais, que luta contra os trustes que espoliam e empobrecem o Brasil, que querem reduzir o país a mera colônia dos Estados Unidos. Continuem pois, a luta pelo Brasil, por sua independência, pelo seu progresso; é obra patriótica é tarefa realmente universitária".

As pegadas que o homem deixa atrás de si, não é qualquer ventinho à toa que as fará desaparecer, desde que outros as repisem com passos firmes, aprofundando-se, isso também vale lembrar.

3º ANO: A GREVE CONDUZIRÁ À VITÓRIA



Os problemas não são resolvidos...

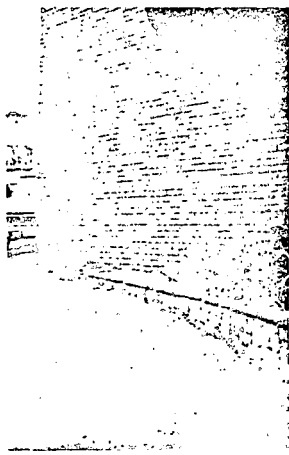
Depois de termos passado pela experiência de uma greve desorganizada, que fizemos em repúdio à injusta punição ao colega José Luciano no final do ano passado e que nos deixou poucos saídos, parecia que em nossa escola os estudantes não voltariam a utilizar mais essa forma de luta.

Porém, a lembrança da histórica greve de 1976 (graças a qual temos ainda hoje o contrato com o H.S.I.) e de muitos outros movimentos vitoriosos, prevaleceu, e voltamos a presenciar em nossa escola um firme movimento reivindicatório, que não temeu usar da greve quando sentiu que só através dela se resolveria o problema de Anatomia Patológica e Patologia Geral.

Após ter confiado em muitas promessas e por não querer se omitir frente a uma situação deficiente de matérias tão importante, os terceiranistas resolveram, após o I Seminário de Ensino (veja matéria nessa edição) paralisar as aulas até que o programa e a carga horária de patologia sejam ampliadas, que existam condições materiais para o curso prático de ambas as matérias e que o professor Moisés Telles seja substituído, com consequente abertura de concurso, para a cadeira de anatomia patológica.

A direção da escola, que não aceitava dialogar com os representantes do 3o. ano e de diretório, foi obrigada (por meio de denúncias aos estudantes e à população em geral, através da imprensa) a mudar de atitude: começou a receber os representantes estudantis, apesar de continuar a não admitir as reivindicações principais, não querendo nem discutir a saída do prof. Moisés e a ampliação do programa de Patologia.

A própria direção da escola, ao tentar encobrir "por ética" as atitudes irresponsáveis do Dr. Moisés, que diz não se interessar pela cadeira, mas nela quer se manter a todo custo, terminou por colocar obstáculos que só fizeram prorrogar a greve. Afinal, todos sabem que outros professores que chegaram a agir como o referido professor (que só deu seis aulas, apesar de já ter assinado as quatorze aulas a que era obrigado) já foram excluídos da escola — foi o caso, por exemplo, do



...mas os cartazes são logo arrancados

último professor de clínica médica, substituído graças à pressão do atual 6o. ano.

As tentativas de intimidação (como a pressão à representante do 3o. ano A, através da sua família) e as pressões sobre a imprensa também não frearam o movimento.

Apesar da omissão de alguns colegas do terceiro ano em participar das reuniões e dos trabalhos práticos, o movimento tem se ampliado, contando com o abaixo-assinado de apoio do 1o. ao 4o. ano de medicina e é garantida a não traição do movimento, nem que a direção e o conselho departamental insistam na sua posição de não atender as justas reivindicações estudantis, procurando sempre barganhar, tratando o ensino como uma mercadoria qualquer.

Da assembléia geral realizada na última 5a. feira dia 18, se tiraram várias atividades de apoio à greve, sendo que a principal será a concentração em frente à Delegacia Regional do MEC, para a entrega do documento reivindicatório dos grevistas e do Seminário de Avaliação de Ensino.

Na assembléia que contou com a participação de representantes de todos os cursos e séries da escola, ficou bastante clara a ligação dos problemas do 3o. ano com o restante da escola, com os problemas da Universidade Católica e com a crise por que passa todo o ensino no Brasil.

OS NOVOS PASSOS PELA ANISTIA TOTAL

No início, logo quando as mobilizações ganhavam corpo, o regime falava em revisão de casos. Admitia que tinha cometido "algumas" injustiças. Mas o movimento foi crescendo, sendo centro de debates, conferências e congresso, ganhou a boca do povo e passou a ser motivo de discussões e de frequentes notas nos jornais. Tornou-se uma exigência popular. Aí saiu do Planalto a idéia de um projeto de Anistia: foi o primeiro recuo do regime.

A luta se aguçou, as manifestações, que antes se restringiam ao interior dos auditórios e das salas, saltaram para as praças e se derramaram pelas ruas, em forma de atos públicos e passeatas. Um grito só de norte a sul do Brasil. O regime se viu acuado, e com divergências quanto ao alcance da anistia no seu próprio bojo. Parlamentares moderados do MDB que antes eram favoráveis ao projeto restritivo, reavaliaram sua posição. Foi a vontade popular abrindo caminho, apertando o cerco contra a ditadura, cobrando do partido oposicionista uma atuação condizente. Com esse clima, chegamos a votação do projeto. Em Brasília chegaram caravanas vindas de todas partes do país para se concentrar na câmara, no momento da votação. O MDB, que antes tinha muita gente vacilante, votou em bloco por um projeto amplo tendo sido somados a esses votos o de 14 deputados arenistas que resolveram dessa vez não dizer amém ao que rezava os seus dirigentes. Esses deputados, hoje, são vítimas de represálias por parte do regime.

Mesmo assim o projeto da ditadura foi aprovado, ainda que com uma diferença de apenas 5 votos a favor.

A anistia embora tenha se constituído numa vitória do povo brasileiro saiu muito aquém do que se desejava. Centenas de patriotas que lutaram contra os opressores do povo, ficaram de fora. A reintegração de funcionários públicos, depende agora de boa vontade do regime ou está condicionada a um humilhante requerimento; a volta dos militares depende do parecer do ministro do exército e permanece ainda em vigor as salvaguardas

e a Lei de "Segurança" Nacional, que é uma ameaça permanente ao povo que busca liberdade de organização e expressão. Além de tudo isso, ela beneficia aqueles que cometeram crimes contra a humanidade — os torturadores. Aqueles que, para arrancar confissões de presos políticos, cometeram as mais atrozes barbaridades, tendo muitos dos torturados, não resistindo a fúria desses algozes, morrido em suas mãos. Para justificar a restrição do projeto, o regime acusa de terroristas aqueles que pegaram em armas para lutar contra ele. Ora, nós sabemos que quem implantou um estado de terror em nosso país durante muitos anos, após 64, foi a ditadura. Foi quem, invadiu associações, sindicatos e residências, pondo em pânico velhos e crianças, traumatizando pais e filhos. Foi quem arrancou do convívio de seus familiares muitos daqueles que lhe faziam oposição. Foi quem em 77 na PUC de São Paulo, durante o III ENE — Encontro Nacional dos Estudantes, lançou bombas incendiárias, usadas no Vietnã contra nós estudantes, tendo na invasão, saqueado e incendiado os arquivos da universidade. Esses sim, foram atos terroristas.

A ditadura que tenta recuar de maneira organizada para continuar forte, manobra muito bem. Percorrendo, momentos antes do dia da votação do projeto, que a anistia aprovada desencadearia grande insatisfação popular, ela já começava a tecer nos bastidores, o projeto de reformulação partidária, que como era previsto, tem atraído as atenções da nossa sociedade. Mas o leme do barco não ficará muito tempo nas mãos dos opressores dos brasileiros e as mobilizações pela anistia total retornarão com mais força, reforçadas agora pelos patriotas já anistiados e que não estão dispostos a conciliar com o regime que os torturou e que assassinou seus companheiros.

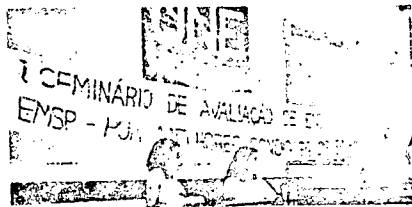
O II Congresso pela Anistia, a ser realizado agora em novembro em Salvador, será o reinício organizado da luta pela verdadeira anistia: Ampla, Geral e Irrestrita.

Seminário verifica péssimas condições de ensino na Baiana e no país

Depois de um primeiro e segundo graus deficientes massificantes o estudante se lança na feroz luta pela conquista de uma vaga na universidade. Mas que universidade é essa? A análise que fazemos é de uma universidade elitista, autoritária e distanciada da realidade de nosso povo. Para tal ela precisou ser imposta, através de uma reforma ordenada pelo imperialismo norte americano, defendendo totalmente seus interesses.

Foi contra esse tipo de universidade que lutaram e deram seu suor e sangue os estudantes brasileiros. Foi contra essa forma de dominação que o povo brasileiro levantou a voz e foi calado a força, pelo terror e pela violência.

Os danos causados por essa anomalia que passaram a chamar de universidade, se refletem num currículo distante dos interesses populares, na falta de aulas práticas, na triagem ideológica a que são submetidos os professores, na falta de liberdades. Esses danos são



causados contra o povo todo, e é este povo que já se organiza e começa a repudiar essa universidade discriminatória que forma para satisfazer a megalomania imperialista nas suas mais variadas formas de exploração. É contra esse tipo de universidade que se colocam hoje professores, funcionários e principalmente estudante que é quem usufrue o "privilégio" de ser univer-

sitário. É nesse sentido, que esses setores abrem o espaço para a discussão de uma universidade popular, na compreensão de que essa proposta alternativa de Universidade só pode e deve ser posta em vigência pela sociedade toda, pelos setores populares organizados, pelos trabalhadores, através de seus sindicatos e de todas as formas de organização popular.

Foi partindo dessa visão que realizamos o I SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DE ENSINO DA BAHIANA. Não que achassemos que dele iríamos conseguir uma proposta de currículo ou de uma universidade nova. Sabíamos, sim, que ele seria a abertura do debate sobre a situação de ensino do país e sobre os problemas específicos de ensino de nossa escola, nos quais, pela nossa união, podemos obter vitórias a curto e médio prazo.

O material que segue tem o objetivo de oferecer subsídios para a discussão que, mais que nunca, temos de travar.

COMO FOI O SEMINÁRIO.

A abertura se deu no dia 25/09 à noite, com o pronunciamento da diretoria do Diretório Acadêmico, de um representante do DCE da UCSal e de um representante da UNE, ficando o tema Universidade e Ensino Pago para a palestra do Dr. Flávio Valente (que reproduzimos adiante).

O segundo dia contou com a participação do Dr. Sival, onde foi debatida a situação de ensino da área de saúde, em particular, a situação dos cursos de medicina, fisioterapia e terapia ocupacional.

No dia 27/09 à tarde reuniram-se os grupos por séries. Foram levantados e discutidos os problemas específicos da nossa escola. À noite, em assembleia geral que contou com a participação de alunos e funcionários, ficaram defendidas as principais denúncias e reivindicações nossas e, no relatório tirado expressamos todo apoio à luta e organização dos funcionários na defesa de seus direitos.

O debate sobre a Situação Profissional, contou com a participação do Dr. Renato Veras, que fez mestrado em medicina social na UFRJ, e da Dra. Dayse, que falou sobre fisioterapia e terapia ocupacional.

O encerramento do Seminário se deu com uma serenata, realizada no sábado (29/09), que contou com a participação do Seminário (pois ninguém é de ferro).

FUNCIONÁRIOS ROMPEM O SILÊNCIO

Os funcionários da escola também participaram do Seminário, rompendo o silêncio e denunciando a situação em que vivem. Todos nós sabemos que suas condições de vida são mínimas, mas raramente avaliamos as causas do arrocho salarial a que estão submetidos e qual deve ser nosso posicionamento diante dos reclamos deste setor, que faz parte da grande parcela explorada do povo brasileiro. As denúncias que eles fizeram foram muitas e graves. Colocamos a seguir as principais, que foram lançadas e discutidas conjuntamente entre alunos e funcionários:

A grande maioria recebe salário mínimo (para quem não sabe: pouco mais de Cr\$1.600,00), com o qual tenta sustentar família com casa, saúde, educação, etc.

Os que executam tarefas que colocam em risco a saúde, o fazem sem a devida proteção e, geralmente, não recebem acréscimo por insalubridade.

Muitos não recebem classificação e salários de acordo com a função que desempenham ou tem condições para desempenhar.

Alguns funcionários antigos, como é o caso de Maurício (Pai Vêi) e de Antônio (de anatomia), trabalham na escola há cerca de 27 anos, porém recebem mesmo ordenado de uma pessoa que tenha sido admitido recentemente.

A situação dos vigilantes é grave. Um vigilante é responsabilizado por toda área da escola, não tendo direito a portar uma arma, nem sequer a uma ficha telefônica para uma emergência.

É este setor explorado que hoje busca se organizar e discute saídas para a situação em que se encontram. Damos todo apoio a qualquer forma de luta que venham a travar os funcionários, no sentido de terem seus direitos respeitados.

O QUE O DIRETÓRIO DIZ DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Consideramos de fundamental importância, na análise que iremos fazer sobre a situação de ensino, hoje, em nossa escola; discutirmos toda estrutura da universidade atual no país; a quem ela serve, a que ela se propõe.

Temos uma nova universidade que possui como tradição principal o fato de ser elitista, e que para continuar sendo elitista ela tem de ser autocrática e autoritária, discriminatória e alienada. Uma universidade que continua sendo a grande matéria reprodutora das formulações super-estruturais do sistema: os médicos que ela forma se destina a uma medicina privatizada, os farmacêuticos e químicos a uma indústria estrangeira exploradora, os arquitetos a organizar o espaço físico da dominação, os engenheiros a edificar as fábricas e habitações onde o povo será explorado, os físicos a ajudarem a construir bomba atômica com que sonha a megalomania imperialista, os professores a ministrarem um ensino de primeiros e segundo graus mentiroso, incompleto e massificante, e os sociólogos e psicólogos a encontrar formas de apaziguar os ânimos gerais e impedir que os exploradores levantem suas vozes em protesto. É claro que há exceções, mais ainda são exceções individuais ou se encontram em fase inicial de organização coletiva para mudar a essência da universidade.

Diante dessa situação, achamos que devemos lutar por uma universidade realmente voltada para os interesses populares. Os entraves que limitam as vagas e o acesso ao ensino superior devem, evidentemente, ser combatidos; mais essa universidade deve propor metas mais ousadas. Acreditamos que os setores devem enfrentar no campus um espaço para aquisição de

conhecimentos. E mais ainda, que a universidade popular deve, ela sim, procurar conquistar e construir espaços culturais em que o saber e o conhecimento possam ser apropriados pelos que produzem a sociedade e suas instituições. A universidade precisa dissolver o limites dos seus campus para romper seu isolamento alienado e alienante, e mergulhar na sociedade onde quer que ela se encontre a fim de prestar ensinamento e adquirir conhecimento. Ela precisa reorganizar seus currículos e programas, seu ritmo e seus prazos, seu público e suas relações com seu público, para dar aristocratizar-se e popularizar-se.

Essa reorganização pode e deve ser proposta pelos que atualmente usufruem do benefício e privilégio de ser universitários, só pode e deve ser discutida, quando posta em vigência e fiscalizada, pela sociedade toda, pelos setores populares organizados, pelas entidades sindicais e associativas, pelos partidos políticos e por todas as outras formas de organização popular.

A reapropriação popular da cultura e do saber é tão necessária quanto a reapropriação popular da riqueza, cujos primeiros reclamos se fazem sentir, com os protestos contra o autoritarismo, a conclamação pelas liberdades democráticas, por uma anistia ampla, geral e irrestrita, e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livremente eleita democrática e soberana.

O ensino não pode ser encarado sob angulo diferente. Assim como a questão agrária é uma questão política, a questão de saúde é uma questão política. Não à toa que os cursos da área de saúde hoje só satisfazem aos interesses à minoria dominante. O

atrelamento do ensino aos interesses de uma minoria deve ser desmascarado e repudiado por todos aqueles diretamente envolvidos. A criação da sub-secretaria de medicina no último ECEM, foi um passo importante na luta por um currículo que realmente seja do interesse da grande maioria do povo brasileiro. Os estudantes de fisioterapia hoje também se organiza. No último mês de junho foi realizado o X CONGRESSO desses cursos e decididas as lutas por um currículo que satisficam os interesses do estudante e do povo e contra a redução desses cursos a nível técnico. Mas nossa luta não é só pelo currículo, devemos ir mais além. Devemos lutar contra toda forma de exploração por que passa ou venha a passar o estudante brasileiro.

Quando a política educacional do governo é de, justamente, restringir progressivamente as verbas para a educação e tornar o ensino cada vez mais dependente dos interesses do capital estrangeiro e do grande capital nacional, a ponto dos responsáveis pela educação no país aceitarem publicamente a situação caótica do ensino no claro propósito de decretar a falência da universidade e decretar de uma vez por todas o ensino pago a todos os níveis. Essa manobra se faz sentir já na UFMG, UCS, UFBA, em Taubaté. Acreditamos que devemos responder a esta situação lutando contra o aumento das anuidades, pela anistia ao crédito educativo, pelo fim do ensino pago, por mais verbas para a educação, enfim por melhores condições de ensino. E que essa luta não se esgote aí. Devemos erguer nossas vozes, sempre, no dia a dia, denunciando as injustiças e avançando na luta por uma sociedade mais humana e mais justa.

SEMINARIO

As denúncias e as reivindicações

PRIMEIRO ANO

Histologia

falta de didática do professor de teoria
sobrecarga do curso prático
repetição de provas
não cumprimento do horário
monitores substituindo o professor titular

Reivindicações: assistência do professor titular aos monitores; maior contato dos monitores com os alunos; melhoria didática do professor; não repetição das provas; maior número de monitores; obtenção de outro microprojektor e telas de projeção, com utilização das duas salas disponíveis; melhor divisão das turmas práticas.

Embriologia

falta de didática do professor titular
aulas monotonas e cansativas
falta de aulas práticas

Reivindicações: melhor didática do professor; mais aulas teóricas, já que o programa é extenso; deverá ser dada depois de histologia (pré-requisito); existência de aulas práticas.

Biofísica

didática superada do professor de teoria
aulas impostas e bitoladas
instrumentos práticos obsoletos
não acesso dos alunos a estes instrumentos

Reivindicações: atualização do curso; melhoria do curso prático e atualização dos instrumentos; mais acesso dos estudantes às práticas.

Anatomia

métodos ultrapassados e falta de material
não cumprimento da carga horária e do programa
discordância entre o curso teórico e o prático

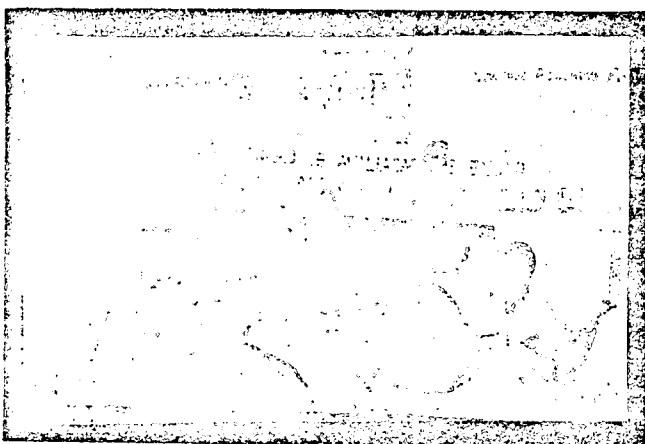
Reivindicações: redução do número de alunos em cada aula prática; mais cadáveres; mais acesso dos estudantes às peças; ministração do curso na sua totalidade; concordância entre teórica e prática.

Genética

matéria curta e inoportuna
práticas inexistentes (só houve 5 aulas)

Citologia

apesar de constar e de ser necessária, não foi ministrada, sem qualquer aviso.



Obs: com relação a genética e citologia não há dados suficientes para discussão.

SEGUNDO ANO

Microbiologia

curso prático precário
carga horária insuficiente

Reivindicações: aumento da carga horária; mais material e maior participação dos alunos nas práticas; maior tempo para imunologia, micologia, virologia e doenças infecciosas.

Fisiologia

Dr. Simões e Dr. Gildo aparentam incapacidade para ministrarem a matéria

falta de relação lógica entre as teóricas e as práticas
falta de sequência lógica nas aulas teóricas

Reivindicações: mais participação dos alunos nas práticas; melhoria de Dr. Simões e Dr. Gildo; aquisição de um biotério funcionamento ou melhoria do que existe; relação lógica entre as aulas ministradas.

Parasitologia

Práticas pouco dinâmicas
não existência de testes parasitológicos

Reivindicações: maior espaço físico para as práticas; melhoria do material de prática; mais participação dos alunos; existência de testes parasitológicos.

Neuroanatomia

falta de peças anatômicas
curso pouco prático
não comprometimento dos professores com a aula prática
choques de horários práticos, ficando de 2 a 3 turmas na mesma sala
salas de aulas praticas mal localizadas e com pouco espaço físico

Reivindicações: peças anatômicas; comprometimento dos professores com o curso; **RACIONALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS**; melhor localização das salas de prática.

Bioquímica

O Dr. Tripoli não tem condições de continuar como professor: práticas desatualizadas e com falta de didática.

alunos não tem acesso ao laboratório

Reivindicações: contra o autoritarismo na cadeira; atualização das práticas.

TERCEIRO ANO

Anatomia Patológica

substituição de Dr. Moisés da cadeira
reposição das aulas
real existência de macro e microscopia
monitores capacitados
um real curso, com outro professor e ainda este semestre

Patologia

melhoria das aulas teóricas
patologia geral, realmente deverá ser dada em 4 meses
aperfeiçoamento dos monitores
não deve limitar-se a genética e hematologia

Anestesiologia

objetivo para o curso
melhoria do nível teórico
aumento da carga horária
monitores com curso e concurso
real existência de aulas práticas

Técnica cirúrgica

mais objetividade teórica
mais animais nas aulas práticas
mais aulas teóricas e práticas
mais participação nas aulas práticas
OBS: já há considerável melhoria neste curso.

Farmacologia

curso voltado para as reais necessidades da população
melhoria do conteúdo didático das aulas teóricas
monitores com curso e concurso

Propedêutica

existência real do curso de Psicologia
falta de capacidade do professor de Psicologia
Aulas práticas de Eletrocardiografia
Nivelamento dos assistentes de Semiologia
Melhoria das aulas teóricas de Radiologia
Práticas de Semiologia não limitar-se a leitura de Anamneses.

FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

- 1 - garantia de salas práticas e teóricas
- 2 - garantia de livros para pesquisa e consulta
- 3 - cursos para monitores e assistentes e que sejam remunerados
- 4 - estágios para todos os estudantes com orientação de profissionais contratados pela escola.
- 5 - aumento da carga horária de teórica e prática.
- 6 - melhoria da didática dos professores
- 7 - contratação de professor através concurso
- 8 - garantia da permanência do internato de Físio e T.O. nos vários hospitais.

PROPOSTAS GERAIS

Ampliação da biblioteca e do tempo em que permanece aberta, incluindo-se as tardes de sábado.
Ampliação da cantina.
Fichário dos livros à disposição dos alunos.
Limpeza da escola.
Contra a retirada de neuroanatomia do currículo
Denúncia dos assistentes contratados que nunca aparecem.
Mais estudantes no Conselho de Representantes.
Prestação de contas do capital empregado na escola
Ensino voltado para a realidade.
Denúncia das atitudes deraçônicas do Dr. Orlando
Melhores salários para professores e funcionários.
Denúncia de alguns materiais de Físio e T.O.
Bioquímica básica no primeiro ano.
Bioquímica ao lado de Fisiologia e mais voltada para Clínica Médica.
Afastamento de Dr. Moisés.
Admissão de professores mediante concurso.
Monitores com orientação, curso e concurso.
Assistência médica e odontológica aos estudantes.
Devolução das provas.
Acesso dos estudantes ao Iperba.
Não utilização dos estudantes como mão-de-obra barata.
Pelo diálogo com a Direção da escola.
Abolição das taxas.
Anistia ao Crédito Educativo.
Contra o aumento das anuidades.
Contra a autarquia do ensino.
Curso de Fisiologia dada em um ano.
Reunião geral com professores, coordenadores e estudantes de Físio e T.O. até o final de outubro.
Garantia do estágio do Pronto Socorro (abolido no momento) para Físio e T.O.
Por um currículo unificado e amplamente discutido com os estudantes.

PT 1035-125

FLÁVIO VALENTE:

"O Governo quer a Universidade ainda pior"

Apresentamos abaixo trechos da palestra de abertura do Seminário, com o Professor Flávio Valente - do Departamento de Medicina Preventiva da UFBA e Presidente da Associação dos Profissionais em Saúde Pública da Bahia.

"É um enorme prazer estar conversando de novo com estudantes. Fazem exatamente sete anos que isto não acontece pois tive que dar um "passoio" fora do país. É uma sensação bastante gostosa, voltar às universidades e à convivência estudantil.

...há-se, porém, necessária a compreensão de que o pacote que hoje temos não é uma dádiva concedida pelo regime, mas sim uma conquista nossa, obtida com muito sangue, luta e companheiros mortos.

Eu queria, exatamente, dedicar esta minha volta a dois companheiros que, gostaria, ainda estivessem lutando a nosso lado; dois companheiros do DCE da USP quando este era ilegal e que foram mortos pela ditadura. Companheiros que, se ainda vivos, não teriam recebido esta anistia do governo, continuando no cárcere. Detido neste momento a Alexandre Vannuci, grande amigo, e a Ronaldo Quairoz, com quem trabalhei e lutei na época (palmas)..."

... desde suas épocas mais remotas, quase todas as universidades e escolas eram como a de vocês. Universidades católicas, religiosas, onde os padres ministravam o mesmo que ensinavam nas igrejas, não havendo muito lugar para ciência. Era uma formação de aristocratas, já que todo nobre tinha que ter educação. Entretanto, aos poucos, esta universidade deixa de servir a uma nova classe que vai surgindo, mercadores e a nova burguesia, não servindo ao interesse destas, que necessitava não só de ideologia, mas também do que eles chamavam ciência, uma ciência objetiva e pura. Começa então a aparecer os cientistas, que no início eram quase todos religiosos, mas que agora já recebiam financiamento de alguns mercadores. Estes cientistas, assim como hoje, recebiam financiamento no sentido da pesquisa para obtenção de lucros maiores e mais fáceis para estes mercadores, principalmente no setor agrícola. Um exemplo claro era o interesse dos grandes fazendeiros nas pesquisas do Mendel com os tomates. Era uma pesquisa financiada e controlada pela burguesia, surgindo vez ou outra, por acaso, descobertas que ainda hoje nos são necessárias."

... foram surgindo as indústrias que, aos poucos, pilando seu controle sobre as pessoas com habilitações científicas. Esta permanência dos cientistas nas indústrias foi ficando difícil, resolvendo-se então o deslocamento destes cientistas para outro local, surgindo as universidades modernas, ou seja, um local que continue a servir às indústrias mas fora delas.

Ocorre que o Estado passa a ter interesse em financiar aos poucos estas universidades, retirando dinheiro de taxas e impostos sobre o povo, principalmente das classes trabalhadoras.

Deduz-se então que a universidade nunca foi livre realmente; nunca serviu aos reais interesses da população, dos produtores, dos explorados, servindo sempre aos interesses das classes dominantes..."

... os sociólogos reproduzem toda a dominação e os técnicos criam condições para maior produtividade e exploração das classes trabalhadoras.

No Brasil a história não é muito diferente, sendo mais triste ainda. Como o companheiro da UNE falou, o Brasil nunca teve realmente uma universidade, sempre limitando-se a servir à aristocracia. Como exemplo temos a grande reforma sanitária do começo do século, onde formou-se sanitaristas para combater as doenças que eram levadas daqui para o exterior, prejudicando a apuragem dos navios, que se recusavam a atracar por medo do contágio. Resolvido este problema, foi-se cortando o financiamento para este empreendimento, destruindo-se as instituições..."

"Outro papel da Universidade era o de dar status aos filhos dos aristocratas..."

... os cientistas formados nunca serviram ao povo brasileiro, nem mesmo à indústria nacional, isto porque a maior parte da tecnologia era importada, criando-se muito pouco para a Universidade Brasileira.

Estes cientistas iam estudar fora e quando voltavam faziam pesquisas de interesses de ingleses, franceses e americanos, repetindo experimentos e ensinando. Isto refletiu-se muito na área do ensino médico, onde vê-se um ensino dirigido exatamente para este tipo de

tecnologia, atendendo aos interesses dos que podem pagar.

A partir de 60 começa um movimento pela democratização da sociedade e da universidade, onde a UNE teve papel importante, juntamente com os sindicatos. Este movimento cresce a ponto de por em perigo a hegemonia capitalista, inclusive dos grandes latifundiários. Estava-se tentando, através deste movimento, criar uma universidade voltada para os interesses do povo brasileiro e para os problemas nacionais.

Com o aumento da resistência e mobilização popular, há a junção das classes dominantes num só bloco que, junto com o capital monopolista estrangeiro, resolvem eliminar pela raiz este problema..."

... reprimiu-se todas as oposições e lideranças, impondo-se ao país um regime ditatorial, autoritário e que serve à classe dominante, às custas do povo. Criar-se no Brasil um sistema capitalista tipicamente dependente do monopólio estrangeiro e onde as classes dominantes são porta-vozes controladas pelo capital externo. Isto resultou no conhecido "grande milagre brasileiro", às custas de milhões de mortos por fome, falta de habitação, de saneamento e pelo arrocho salarial.

Em 68/69, há uma reação violenta, muito mais por parte dos estudantes, em Minas e São Paulo, mas que foi duramente reprimido. Os estudantes saíram às ruas para lutar contra a reforma universitária proposta pelo regime, reforma esta que queria destruir a semente de uma universidade livre e voltada para a população.

As classes dominantes sentiram que estavam entrando pessoas nas universidades que não pertenciam ao círculo aristocrático, iniciando sérios riscos para o sistema. A reforma universitária queria esfacelar a universidade, transformando-a em pequenas unidades e dificultando um maior contato de pessoas do mesmo curso. Além disso, a intenção é formar técnicos que servissem ao capital e tecnologia estrangeira.

Apesar dos vitórias do regime, a uniao estudantil conseguiu impedir a implantação do ensino pago (acordo MEC-USAID) e impossibilitando a implantação, na íntegra, da reforma universitária.

Hoje vê-se uma universidade decapitada. Os professores com maior potencial de ensino foram afastados, nestes quinze anos, e os que foram agora anistiados não tem nenhuma garantia de reintegração às universidades.

Os salários dos professores foram diminuindo progressivamente. As condições de ensino foram piorando, esvaziando, o corpo docente.

Isso tudo é resultado do processo degenerativo que sofre as universidades, esvaziando-se as pesquisas críticas por falta de verbas. Faz 6 meses que a Universidade de Saúde Comunitária tenta conseguir verbas para pesquisar causas da desnutrição, da mortalidade infantil. Mas para esse tipo de pesquisas não há verbas. Estas só existem para a privatização da medicina e para os serviços de saúde que atendam aos interesses do capital estrangeiro.

As ciências sociais estão abandonadas. Os professores que ainda ensinam não recebem. O corte de verbas para Educação continua aumentando.

Que acontece com os estudantes? Aumenta-se as

taxas, anuidades, etc. E agora surge o crédito educativo, propagandeado largamente. É lógico que é uma vitória dos estudantes, mas deve-se ver que ele é mais um passo para o ensino pago. Será uma vitória real dos estudantes se vier junto com o ensino gratuito, passando a ser uma manutenção para que o estudante tenha condições de estudar, passando a ter realmente uma função social.

Vocês que recebem o crédito educativo para pagar depois de formados, devem pensar 2 vezes. Isto porque do jeito que vão as coisas, não vai dar pra pagar não. Hoje em dia, 70 por cento dos médicos são assalariados, e mal.

Agora vem este último pacote, dirigindo-se ao ensino pago. É um pacote jogado na cabeça dos professores, tentando ganhá-los, como fizeram com o crédito para os estudantes. Diz-se que vai aumentar os incentivos para os professores, dividindo-os em 25 níveis que vai desde o cara que só tem um curso de graduação ganhando X, passando para uma progressão horizontal em anos, até uma progressão vertical por títulos. Na verdade não há aumento, pois este vem da própria correção monetária e tirado do auxílio de ensino..."

... hoje tenta-se transferir a responsabilidade do governo pelas universidades, transformando-as em autarquias especiais, o que implica numa total autonomia e na retirada das verbas que ainda hoje são dadas às universidades. Quem estaria interessado em financiar este ensino e estas pesquisas, então?

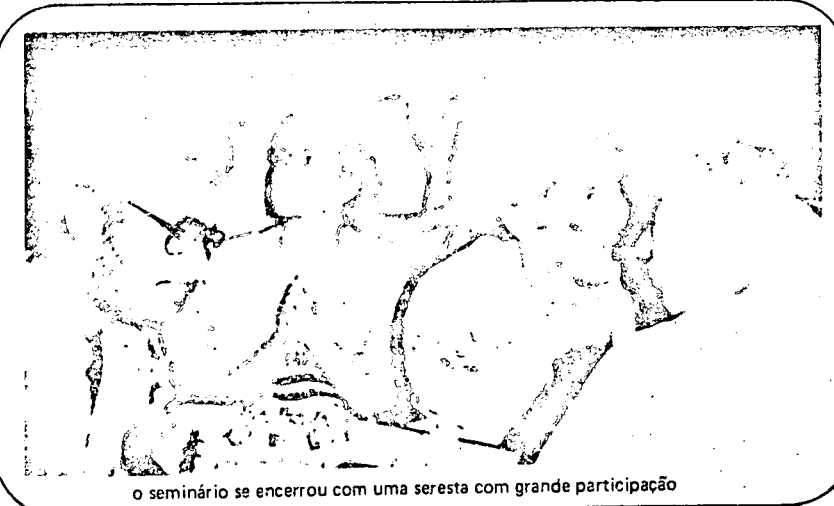
Ainda com relação aos níveis em que serão divididos os professores, o que realmente vai ocorrer é uma maior divisão das classes. Vai haver briga entre os auxiliares de ensino e o professor titular. A tática é dividir cada vez mais mal. Dá-se um pouquinho mais a um pouquinho menos a outro. Eles brigam entre entre si e esquecem do regime..."

... E quem é que tem dinheiro para financiar as pesquisas e o ensino? Evidentemente que será financiada pelas que querem um ou outro tipo de técnico..."

... quando a universidade chega a este nível de deteriorização é porque existe um outro interesse por trás. É um interesse muito claro. A universidade não tem dinheiro e o governo não pode pagar, então que fazer duas coisas: uma é vender as universidades às companhias multinacionais, fazendo pesquisas para quem possa pagar mais, e outra é obrigar o estudante a pagar por este ensino, elitizando a universidade já que só estudatão os que tem condições para pagar.

Esta é a situação que se nos apresenta atualmente nas universidades e estas são as perspectivas do processo. No entanto eles terão um trabalho muito grande pela frente. Se conseguimos resistir nestes quinze anos e abrir um pequeno espaço, poderemos conseguir ampliar este espaço, de maneira madura e mais consciente, mais organizada. Numa hora em que o trabalhador está atingindo uma consciência política, são levantadas bandeiras que, unidas com as dos estudantes, certamente modificarão este sistema. O nosso objetivo final é transformar esta sociedade numa democracia, onde todos que trabalham tenham parte no que produzem e nas discussões dos processos de desenvolvimento..."

... o que nós queremos é a criação de uma universidade popular, democrática e que resolva os nossos problemas, através de soluções nossas."



o seminário se encerrou com uma seresta com grande participação

PT 1036.126

Com a UNE impomos maits respeito.

No ano de 1968, em Ibiúna (SP), seria realizado clandestinamente o XXX Congresso da UNE, que, desmantelado pela repressão, logo no início, teve todos seus delegados (cerca de mil) presos e fichados na Polícia Federal. Muitos desses delegados só saíram da prisão ou da clandestinidade em que ficaram submetidos, para o exílio.

Depois da tentativa de Ibiúna, o movimento estudantil, mesmo debilitado com o golpe que sofreu, voltou a discutir a pauta do Congresso que não houve e, no ano seguinte, março de 69, conseguiu realizá-lo às escondidas no Rio de Janeiro. Desse Congresso saiu como presidente da UNE Jean Marc, que junto com outros companheiros, passa a ser vítima de perseguições. É desse período a promulgação do AI-5 e do Decreto-Lei 477 que visava "infrações disciplinares" de professores, alunos, e funcionários de estabelecimentos públicos e privados, o que veio reforçar o 228, criado em 67, com o objetivo de reformular a estrutura das entidades estudantis e se contrapor à União Nacional dos Estudantes.

Com estes novos golpes, o movimento estudantil entra em convulsão final. É a época das grandes manifestações, das grandes revoltas — depois vem o silêncio. O regime, que tinha como ditador de plantão o general Médici, se livrara de um grande inimigo; não havia mais quem se contrapusesse à reforma universitária, à institucionalização do ensino pago, ao acordo MEC-USAID ou quem levasse às ruas o grito por liberdade.

Mas esse silêncio foi conseguido por força de muitas prisões, de muita tortura, perseguições e mortes de muitos dos nossos colegas. Não conseguindo escapar da fúria da repressão é preso em agosto de 1969 Jean Marc, assumindo seu lugar na presidência da UNE, o vice, Honestino Guimarães. Em 1973, Honestino é preso e, desde então dados como "desaparecidos". Dizemos: morto pela ditadura.

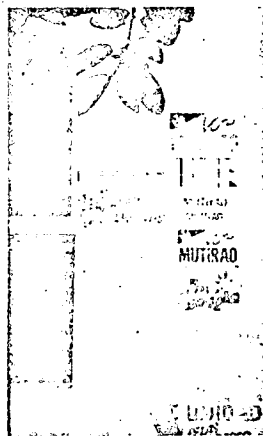
A VOLTA POR CIMA

Diante de tantos golpes que sofreram as entidades estudantis e os seus membros (aliás um dos



ENFIM, A UNE RECONSTRUÍDA.

primeiros atos praticados pela ditadura implantada no país pelo golpe de 10. de abril de 1964 foi o de incendiar a sede da UNE no Rio de Janeiro), vimos o quanto era significativo para nós, estudantes e todo o povo brasileiro, a realização do XXXI Congresso da UNE, ocorrido aqui em Salvador, em maio passado, e que foi o marco de sua reconstrução. Foi o mais representativo congresso da entidade, onde reuniram-se por volta de 3.500 delegados, oriundos de escolas de toda parte da nação, contando em sua abertura com mais de 10.000 pessoas. Reconstruída a UNE, deu-se início às discussões visando a eleição de uma diretoria definitiva. Acompanhando esse processo foram sendo criadas as secretarias por área, nos seus respectivos encontros.



A Secretaria de medicina surgiu no último ECEM, já promoveu o I encontro do CONEM — Conselho Nacional de Entidades de Medicina — onde foi escolhida a comissão executiva, composta de 7 entidades regionais, sendo uma delas o D. A. de Medicina da UFBA, que representa a região que compreende os estados de Bahia, Alagoas e Sergipe.

A UNE MAIS FORTE

Nos dias 3 e 4 de outubro foram enfim realizadas as eleições para a XXXI diretoria da UNE, com a participação de 350 mil universitários. Saiu como grande vencedora a chapa "MUTIRÃO" com um total de 136 mil votos (44 acima da segunda colocada). A Bahia teve uma expressiva participação nessas eleições e a Baiana foi a escola onde o maior número de estudantes procurou as urnas em nosso estado — 170 votantes sendo que a chapa MUTIRÃO (apoiada pela diretoria do nosso D.A.) obteve aqui 758 votos, ficando em segundo a chapa UNIDADE com apenas 36 votos. Mutirão teve a maioria dos votos em quase todas

as unidades de ensino do nosso estado, com exceção de Agronomia, Letras e História da UFBA., alcançando aqui uma margem de quase 12.000 votos acima da segunda colocada.

O regime tentou boicotar as eleições lançando o Decreto-lei dois dias antes do seu início, ameaçando de destituição a diretoria da entidade (D.A.,C.A.,DCE) que se filiassem à UNE. Mas como vimos o tiro saiu pela culatra; e a medida, ao invés de nos intimidar, como esperava o regime, deu um novo vigor aos debates e promoveu um maior interesse em torno das eleições. Perguntamos: desde quando pedimos licença à ditadura para criarmos nossas entidades e eleger suas diretorias? Muito pelo contrário, sabemos que a reabertura de nossas entidades sempre representou uma afronta aos detentores do poder e um desrespeito às leis de exceção que determinaram o fechamento delas.

Com as eleições da UNE, demos uma lição de democracia em todo o país e tais eleições, juntamente ao congresso de reconstrução, se constituíram num passo importante na derrubada da ditadura militar. Com a nova diretoria, a UNE adquiriu mais forças para lutar contra as investidas do regime (que visa cada vez mais elitizar o ensino e torná-lo ainda mais distante das necessidades de nosso povo); contra o ensino pago; para apoiar a luta dos trabalhadores da cidade e do campo por melhores condições de vida e saúde; para lutar pela soberania nacional, pelo fim do regime militar e por liberdades democráticas.

O RESULTADO OFICIAL DA BAIANA:

MUTIRÃO	758
UNIDADE	36
LIBERDADE E LUTA	21
NOVAÇÃO	15
NULOS	15
BRANCOS	14
MAIORIA	11
Total	870

O resultado final, estado por estado.

Est	Mutirão	Unidade	Novação	Lib.Luta	Maioria
AC	195	5	7	210	5
AM	1.470	128	223	409	118
PA	4.955	1.756	246	173	165
MA	2.740	570	32	74	510
PI	1.091	21	75	267	8
CE	4.659	3.916	121	691	651
RN	3.403	842	94	254	1.170
PB	4.965	1.756	246	173	195
PE	10.512	2.481	3.198	302	819
AL	4.243	41	333	50	403
SE	1.355	1.182	45	82	63
BA	13.387	1.497	1.213	386	249
GO	3.246	5.719	97	389	127
MS	431	650	442	73	372
MT	1.082	592	60	252	156
DF	3.632	4.712	483	692	536
MG	17.595	3.150	16.284	3.587	1.615
ES	2.560	4.742	241	216	98
RJ	8.722	25.922	10.913	1.592	1.623
SP	28.886	21.199	14.555	10.337	7.036
PR	8.557	4.819	721	1.488	1.735
SC	817	2.813	1.812	390	579
RS(1)	8.211	4.234	6.621	2.095	4.989
Total	136.328	92.806	59.264	25.319	23.484

(1) Nesse estado, 6 mil votos estão em litígio. Se forem computados, significariam apenas um acréscimo no número total de eleitores, pois não serão computados para nenhum das chapas.

PT 1035-125

LIVROS

MULHERES

Apresentamos aqui notas sobre os livros "A Nova Mulher e a moral sexual", de Alexandra Kollontai e "Sobre a Mulher" de Marx, Engels e Lênin — ambos da Coleção Bases, da Editora Global.

A NOVA MULHER

"Quem são as mulheres modernas? Como a vida as fez? A mulher moderna, a mulher que se denomina celibatária, é filha do sistema econômico, do grande capitalismo. Essa mulher, que é uma realidade da massa, nasceu com o ruído infernal das máquinas da oficina e das sirenes das fábricas.

A imensa transformação que sofreram as condições de produção nos últimos anos, principalmente depois das constantes vitórias da produção do grande capitalismo, obrigou também a mulher a se adaptar às novas condições criadas pela realidade que a rodeia.

O tipo fundamental dessa mulher está em direta com o grau histórico do desenvolvimento econômico porque atravessa a humanidade. E, ao mesmo tempo que se experimenta uma transformação das condições econômica com a conseqüente evolução das relações de produção, experimenta-se uma mudança no aspecto psicológico da mulher.

A mulher moderna, como tipo, não poderia aparecer senão com o aumento quantitativo da força de trabalho feminino assalariado. Há cinquenta anos, considerava-se a participação da mulher na vida econômica como desvio do normal, como inflação à ordem natural das coisas. As mentalidades mais avançadas buscavam então meios adequados para que a mulher voltasse ao lar. Hoje em dia, só os reacionários, encerrados em preconceitos e na mais surda ignorância, são capazes de repetir essas opiniões.

Atualmente, milhões de mulheres pertencem às fileiras proletárias; centenas de milhares têm uma profissão, consagram suas vidas à ciência ou à arte. Marcha grandiosa a desse exército de mulheres! E boa parte desse exército é constituída por mulheres do tipo celibatário, isto é, por mulheres que na luta pela subsistência contam apenas com suas próprias forças; de mulheres que não podem viver unicamente na dependência de um marido que as sustente.

As relações de produção, que durante séculos mantiveram a mulher fechada em casa e submetida ao marido, são entretanto as mesmas que, ao arrancar as correntes enferrujadas que a aprisionavam, impõem a mulher frágil e inadaptada à luta pela vida, submetendo-a à dependência econômica do capital. A nova mulher de frente-se com esse problema de adaptação e tem de corrigir imediatamente as verdades mo-



rais que herdou de seus avós. Dá-se conta, assombrada, de toda a inutilidade do aparelho moral com que a educaram. As virtudes femininas — passividade, submissão, doçura, — que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A realidade capitalista contemporânea só recebe as mulheres que souberam a tempo desprezar essas virtudes femininas e que assimilaram a filosofia da luta pela vida. Para as inadaptadas, isso é, para as mulheres do tipo antigo, não há lugar nas fileiras das classes trabalhadoras. As fileiras das trabalhadoras são sempre formadas pelas mais fortes e resistentes, pelas mulheres de espírito mais disciplinado. As de natureza frágil e passivas continuam fortemente vinculadas ao lar. Se as necessidades materiais arrancam do lar para lançá-las na tormenta da vida, deixam-se levar pelo caminho fácil da prostituição legal ou ilegal, casam-se por conveniência ou lançam-se à rua. As mulheres trabalhadoras constituem, por isso, a vanguarda de todas as mulheres e integram em suas fileiras representantes das diferentes camadas sociais".

Melhor que qualquer comentário que possa ser feito sobre livro de Alexandra Kollontai é a sua leitura. Mesmo porque sua linguagem simples e precisa dispensa o trabalho de intermediários.

O trecho reproduzido acima é o começo do livro e também o ponto de partida de que a autora se vale para penetrar nos complexos terrenos de amor, sexo e da emancipação da mulher. Ela reconhece a complexidade dessas questões e não pretende, em poucas páginas, resolvê-las. Mas a partir de uma análise histórica das relações de produção, fornece, talvez, a linha mestra para a sua melhor compreensão.

O fato do livro ter sido escrito em 1918 e ter conservado, durante esses 61 anos, a mesma atualidade e o mesmo vigor explica-se pela coragem que ela teve, àquele tempo, de não separar as leis que regem o amor e o sexo das leis que regem a sociedade. Fica mais fácil, assim, por meio de sua leitura, compreender porque a luta da mulher por sua emancipação não se dá por acaso, como se de repente ela despertasse de um longo sonho. Nem acontece como resposta a uma possível rivalidade com o homem. Essa luta se trava no dia-a-dia da produção, que é onde toda a mulher trabalhadora se viu de repente mergulhada e onde o homem trabalhador é seu aliado. Nessa batalha, a mulher trabalhadora entra é claro, em situação de desvantagem em relação ao homem — e a própria Kollontai o reconhece —, mas cabe a ela reconquistar o terreno perdido com suas próprias forças, ou seja, aperfeiçoando a sua força de trabalho e lutando pela valorização dessa força de trabalho no mercado.

A segunda parte do livro é dedicada à forma como a mulher de 1918 aparece na literatura. Alexandra Kollontai se revela aí uma profunda conhecedora da literatura de sua época e nos ensina o caminho da leitura ideológica ou seja, em cada obra analisada, ela se esforça para descobrir a ideologia de cada personagem feminina e conclui que a nova mulher — a mulher que vive às suas próprias custas — começa a surgir na literatura, embora de maneira ainda tímida.

Na terceira e última parte do livro, Kollontai repassa o papel desempenhado pela mulher nos diversos estágios da história da humanidade. Mostra que a mulher submissa, que luta hoje por sua emancipação nem sempre foi submissa. E que mesmo essa submissão teve fases diferentes da que enfrenta hoje.

Enfim, uma das reedições mais importantes dos últimos anos de leitura obrigatória. Para homens e mulheres.

O FUTURO DA MONOGAMIA

Este trecho escrito por Friedrich Engels é apenas um dos inúmeros que causam polêmica e interesse no livro "SOBRE A MULHER" de Marx, Engels e Lenin lançado pela global Editora no início deste ano, como parte da Coleção Bases:

"Agora, marchamos para uma revolução social onde as bases econômicas atuais da monogamia desaparecerão tão certamente como as do seu complemento: a prostituição. A monogamia nasceu da concentração das grandes riquezas nas mesmas mãos — as do homem — e do desejo homem de algum outro. Para tal, a monogamia da mulher era necessária, a do homem, não, embora essa monogamia da mulher não estorvasse, em absoluto,

to, a poligamia aberta ou escondida do homem. Mas a revolução social iminente, transformando pelo menos a imensa maioria das fortunas imobiliárias hereditárias — os meios de produção — em propriedades social, reduzirá todas essas preocupações de transmissão hereditária ao mínimo. Ora, a monogamia, tendo nascido de causas econômicas, desaparecerá se estas causas desaparecerem?

Poder-se-ia responder, não sem razão: ela desaparecerá em escala tão diminuta, que é bem mais a partir desse momento que será plenamente realizada. Pois com a transformação dos meios de produção em propriedade social desaparecem também o salariado, o proletário, e, por consequência, a necessidade obrigatória dum

certo número — calculável por estatística — de mulheres prostituindo-se por dinheiro. A prostituição desaparece, a monogamia, em lugar de periclitar, torna-se enfim uma realidade — mesmo para os homens.

A condição dos homens será, portanto, em todos os casos, grandemente modificada. Mas a das mulheres, de todas as mulheres, sofrerá igualmente modificações consideráveis. Com meios de produção uma vez passados à propriedade comum, a família individual cessa de ser a unidade econômica da sociedade. A economia doméstica privada transforma-se em indústria social. Os cuidados e a educação a dar às crianças tornam-se um negócio público; a sociedade cuida igualmente de todas as criações,

sejam elas legítimas ou naturais. Assim desaparece a preocupação dos "efeitos", hoje em dia o móvel social essencial — tanto moral como economicamente — que impede uma jovem de se dar sem pensamentos reservados àquele que ama. Será que isso não é suficiente para outorgar, progressivamente, maior liberdade ao comércio sexual e para criar uma opinião pública por consequência menos rigorosa em matéria da honra das virgens e desonra das mulheres? E, enfim, não vimos que, no mundo moderno, monogamia e prostituição são, é verdade, antinômias, mas antinômias inseparáveis, os dois polos dum mesmo estado social? A prostituição pode desaparecer sem levar consigo a monogamia para o abismo?

EM DEFESA DA IMPRENSA ALTERNATIVA E DA UNE!

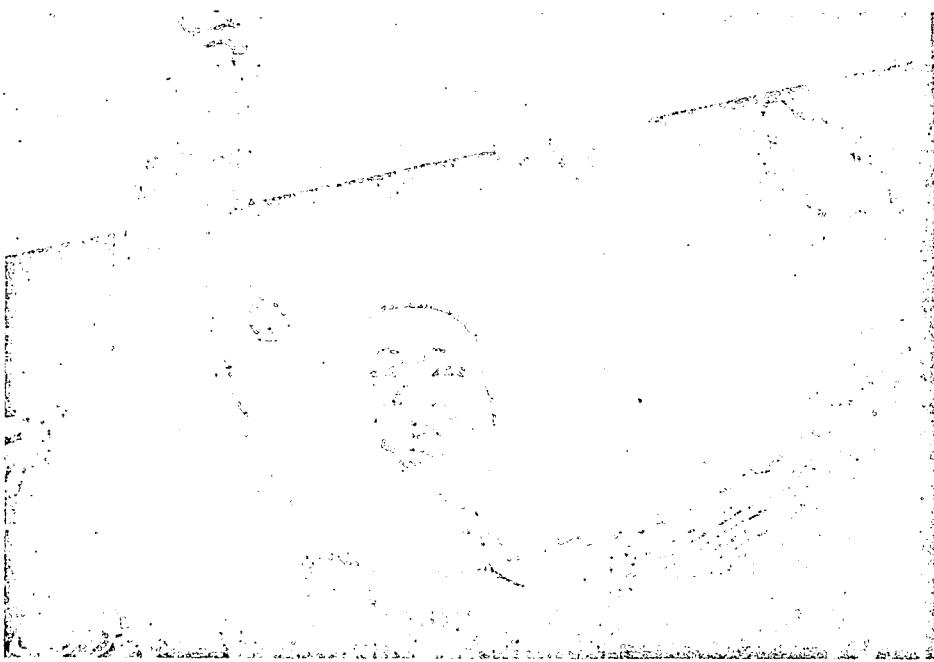
TRABALHADORES CONTRA O PLANO DO GOVERNO

metalúrgicos -- CSA
professores -- MG
jornalistas -- SP

a palavra da:
**CONVERGÊNCIA
SOCIALISTA**

A união necessária das mulheres

Elaine Gonçalves Pereira era recepcionista do Jornal do Brasil, diário do Rio de Janeiro. Mas para Isaac Biltcher, um dos editores, as mulheres antes de tudo são objetos sexuais. Por isso praticou contra Elaine uma violência sexual. Ela reagiu e o denunciou à direção do jornal. Resultado: Elaine foi despedida e Isaac Biltcher foi para a Europa esperar a poeira baixar.



Mas a safadeza não parou aí. No dia oito de maio, três dias após a demissão de Elaine, oito recepcionistas do JB foram tomar satisfação com a direção do jornal. Afinal foram contratadas para trabalhar ou servir de distração para os grandes do JB?

A última hipótese era a correta, pois todas foram despedidas em seguida.

Machismo e exploração

A atitude do Jornal do Brasil foi mais um exemplo do que acontece diariamente nas fábricas, escritórios, em todos os locais de trabalho, nas ruas e mesmo no lar. As mulheres são discriminadas em seu trabalho e consideradas essencialmente como fonte de prazer sexual. De seres humanos que são, dignos e capazes, são tratadas como objetos passivos, à disposição dos homens, os mais inteligentes, fortes e poderosos.

Essa discriminação é maior ainda quando se trata de mulher trabalhadora, que precisa do seu salário para sobreviver. Condição muitas vezes a sua permanência no Trabalho à satisfação que proporcionem aos seus chefes.

Esta situação precisa acabar!

Numa sociedade como a nossa, dividida em classes, a burguesia necessita do machismo e da super exploração feminina para manter sua dominação sobre todos os trabalhadores.

Mantendo as mulheres como sustentáculo da unidade familiar que repõe a principal força produtiva, o ser humano assegura seus lucros, transferindo tarefas como a educa-

ção e criação dos filhos que deveriam ser assumidos pelo estado para a família e reforçando a ideologia patriarcal fazendo com que uma parcela essencial da classe trabalhadora, as mulheres, estejam isoladas em suas casas, desorganizadas e principalmente distantes da luta de classes.

Esta situação precisa acabar!

Foi esta a reação de várias mulheres organizadas no Centro da Mulher brasileira, na Comissão Violência contra a mulher, na Comissão Documentação, na Comissão contra-informação e no Grupo de Reflexão Coletivo de Mulheres, que escreveram uma carta-aberta à Condessa Pereira Carneiro, assinada também pelas recepcionistas do Jornal do Brasil, exigindo readmissão das funcionárias e a demissão de Isaac Biltcher. Enfim, justiça.

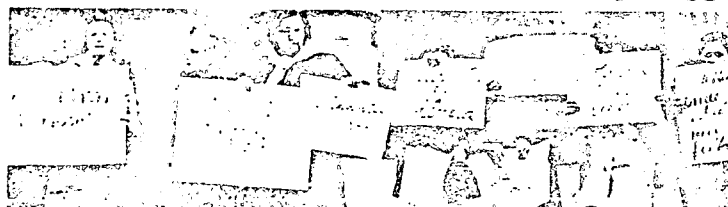
Pacto de silêncio

A resposta da direção do JB foi o silêncio. Os patrões, donos da grande imprensa, se uniram e boicotaram sistematicamente qualquer notícia. Só a Tribuna da Imprensa e os jornais nancicos independentes denunciaram o caso.

As mulheres não desistiram. Escreveram uma carta-aberta à população e organizaram uma manifestação de protesto em frente à sede do JB na Av. Rio Branco, reunindo mais de 50 mulheres, contando com a presença de feministas famosas como Heloneida Studart.

Mas este foi só o começo. A união das mulheres precisa dar passos mais largos para conquistar na luta sua verdadeira emancipação.

Amistia



Liberdade para Flávia Shilling

Já era noite em Montevideo. Flávia, 18 anos, brasileira, estudante. Flávia e sua tragédia. Flávia há 6 anos, ferida, estendida na Rua 3 de outubro em Montevideo. Flávia hoje, ferida, na prisão da ditadura uruguaia. Flávia Shilling precisa voltar.

Para o Coronel Ledesma, Ministro do Superior Tribunal Militar do Uruguai Flávia Shilling só sai da prisão depois do cumprimento de sua pena. A afirmação deste homem, um dos trágicos carrascos do-provo uruguaio é um desafio para todos os brasileiros.

Para os Comitês Brasileiros pela Anistia, por alguns parlamentares do MDB e entidades democráticas nacionais e internacionais. Prova que a persistência arranca vitórias mesmo dos governos mais duros como o de Vidella.

Em 72 a brasileira Flávia Shilling foi presa acusada de pertencer ao Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros no Uruguai. Condenada há 10 anos de prisão cumpre sua pena no campo de concentração de Punta Rieles, nos arredores de Montevideo. Pesando hoje menos de 50 quilos - pesava 60 quando foi presa - Flávia passou fome, foi violentamente torturada e sofre hoje de úlcera, tendo sido operada recentemente.

Este é o caminho para conseguirmos arrancar Flávia da prisão. O governo brasileiro, através do seu Ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, tem obrigação de pressionar de fato o governo uruguaio e exigir sua liberdade. Mas a afinidade existente entre os dois governos, comprovada pela ação conjunta dos órgãos policiais dos dois países para raptar os uruguayos Lillian Celiberti e seu marido em Porto Alegre mostra que esta atitude não é tão simples. Só a pressão redobrada de todos os democratas poderá forçar o governo à uma ação mais conseqüente e enérgica.

Toda a movimentação nacional e internacional ainda não foi suficiente para conquistar a sua liberdade. A ditadura uruguaia e seus militares sabem que sua libertação pode abrir um precedente a todos os cárceres lotados do Uruguai.

Queremos Flávia de volta. E basta de exílio para Flávia Koutzii.

Flávia, uma esperança

A libertação do brasileiro Flávio Koutzii na Argentina é uma vitória da campanha realizada pelos diver-

Bem vindo Cajá

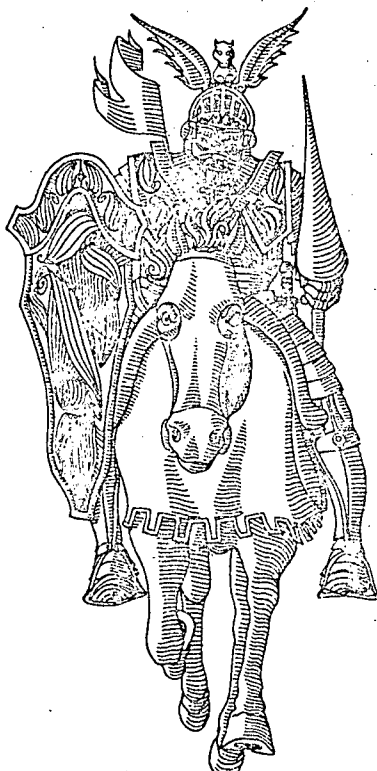
Pernambuco, a vitória vem de lá. Dentro de poucos dias Cajá estará em liberdade. Essa foi uma conquista do povo brasileiro que exige justiça. Dentro de poucos dias Cajá retornará, fora do cárcere, sua luta ao lado dos trabalhadores.

2
Chefe de edição: Omar de Barros Filho. Diretor de Redação: Jorge Pinheiro Nacional; Enio Bucchioni (redator); Cristina Ribeiro, Julio Tavares (editores assistentes). Internacional: Hélio Goldstajn (redator); Elisabeth Marie (editora assistente). Arte: Sonia Kawa. Administração: Renato Codeço, Maria José Lourenço, Maru Girardi. Depto Jurídico: Luiz Eduardo

Greenhalgh. Distribuição: Fernando Chinaglia. Diretor responsável: Alcides Ferreira Jr. Versus é uma publicação da Editora Versus Ltda., redação e administração à Av. Prof. Alfonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, Capital. C.F.P. 05019. Composição: Editora Jornalística CRIART Ltda., Rua do Carmo, 56, 2.º andar, sala 24, S.P. Impressão: Jornal Paulista.

PT 1036.125

A RESPOSTA AOS PLANOS DO GOVERNO



De março a maio o governo Figueiredo sofreu uma dor de cabeça só: as greves. A partir da devolução dos sindicatos do ABC e do fim das ameaças de uma nova greve só se ouviu suspiros de alívio lá para os lados do palácio do Planalto. Agora o governo tem as mãos livres para tomar a frente o seu plano de "aberturas" controladas.

A sucessão de greves que explodiu no país de março para cá, começou a se mostrar menos constante e mais fraca a partir do fim da greve dos funcionários públicos de S. Paulo e claramente quando não estourou uma nova paralisação no ABC. Isto não significa que não vão surgir novas greves. Apenas estes movimentos grevistas não estão ocorrendo com a força ou a amplitude de antes, quando no ABC havia cerca de 200.000 operários ou em SP 250 mil funcionários públicos parados. Agora são as categorias de outros estados, como os professores de Minas Gerais, ou outros setores numericamente menores de São Paulo, como os jornalistas, que assumem a vanguarda do movimento. Porém indiscutivelmente os setores de maior peso dos trabalhadores, como os metalúrgicos do ABC, estão acurando forças para novas lutas e pensando para polir a forte organização sindical, tanto na base quanto na superestrutura, que foi a maior vitória dos trabalhadores nesta greve.

dicato está baseado em milhares de ativistas, organizado em dezenas de comissões de fábrica e contando com a tradição das gigantescas assembleias nos estádios. Esta nova força da classe trabalhadora é uma vitória muito maior do que alguns poucos pontos de aumento que muito dificilmente seriam conquistados com uma nova greve.

A nossa resposta

Contra os planos do governo os trabalhadores só podem responder de forma organizada, com planos, e organismos que possam transformar estes planos em vitórias.

Por isto é necessária a unidade de todos os trabalhadores para enfrentar o plano anti-inflacionário do governo. Somente um plano de combate à inflação elaborado pelos sindicatos em um congresso das classes trabalhadoras pode esboçar uma solução para o problema, que atinja os verdadeiros culpados: os patrões.

Um verdadeiro plano de luta terá que conter as campanhas já desenvolvidas pelos dirigentes sindicais que são as lutas pela estabilidade e pelo salário mínimo nacional de 6 mil e duzentos cruzeiros. Mas além disto deve propor outras medidas como os reajustes automáticos assim que o custo de vida aumentar 5%, trabalho igual salário igual, etc. Para levar este plano a frente uma Intersindical, dirigida pelos sindicalistas mais reconhecidos do país, os do ABC, Lula e Marcílio, é o organismo mais adequado que os trabalhadores podem construir. Aliado a esta organização é preciso um forte trabalho de base que organize os trabalhadores que começam a lutar por seus direitos. É fundamental manter as comissões de fábrica criadas nestas greves e desenvolver uma ampla campanha de sindicalização a nível nacional que fortaleça as entidades representativas dos trabalhadores, os sindicatos. Esta será a nossa resposta à aliança patrões-governo para jogar o peso da inflação nas costas dos trabalhadores.

Apesar da ofensiva, vitória.

Para tentar esvaziar as greves, o governo usou de tudo: intervenção nos sindicatos, intimidações e por fim negociações. Mas, por fim definiu uma posição clara diante dos movimentos grevistas e toda a burguesia o apoiou: o plano anti-inflacionário que pretende fazer com que a classe trabalhadora pague pela inflação criada pelos próprios patrões.

Com esta posição, definida pelo governo, todos os patrões endureceram o jogo e mostraram as garras. Por isto ficou muito mais difícil conseguir um aumento maior no ABC e no funcionalismo público de SP. Mas apesar disto os operários do ABC conquistaram uma grande vitória, que foi principalmente política. Não só retomaram os seus sindicatos como receberam de volta uma arma muito mais poderosa, do que antes das greves. O "novo" sin-

VERSUS

editorial

Nos momentos mais difíceis destes longos anos de opressão e arbítrio, quando os vários governos militares se desdobravam em atacar repetidamente os trabalhadores e os demais setores explorados, sempre houve uma resistência democrática e popular. A imprensa alternativa esteve na linha de frente desta resistência, mesmo sofrendo ofensivas variadas, desde a famigerada censura prévia até apreensões de edições, e mais recentemente, bombas, pichações e ... processos "legais".

Hoje o país vive um clima de "abertura" democrática. Estão no ar promessas de anistia e reformulações partidárias, mas os atos do governo mostram uma intenção clara: deixar de fora da abertura os setores mais ligados aos trabalhadores. Os ataques arbitrários continuam e mostram que, ainda que tenha mudado seus métodos, este governo continua contra os trabalhadores, seguindo o exemplo dos seus antecessores.

Os recentes ataques contra a imprensa alternativa são parte deste plano que tenta deixar de fora da "abertura" os setores mais combativos pelos direitos da classe trabalhadora. O Jornal VERSUS tem sido a mais recente vítima destas medidas repressivas disfarçadas sob uma capa "legal". Foi atingido sucessivamente por uma multa da Receita Federal de 240 mil cruzeiros, por uma perícia contábil que tenta provar a sua ligação com a Associação Convergência Socialista, por uma invasão de policiais do DEOPS e por fim como se não bastasse, por uma pichação da ONE (Organização Nacionalista Estudantil).

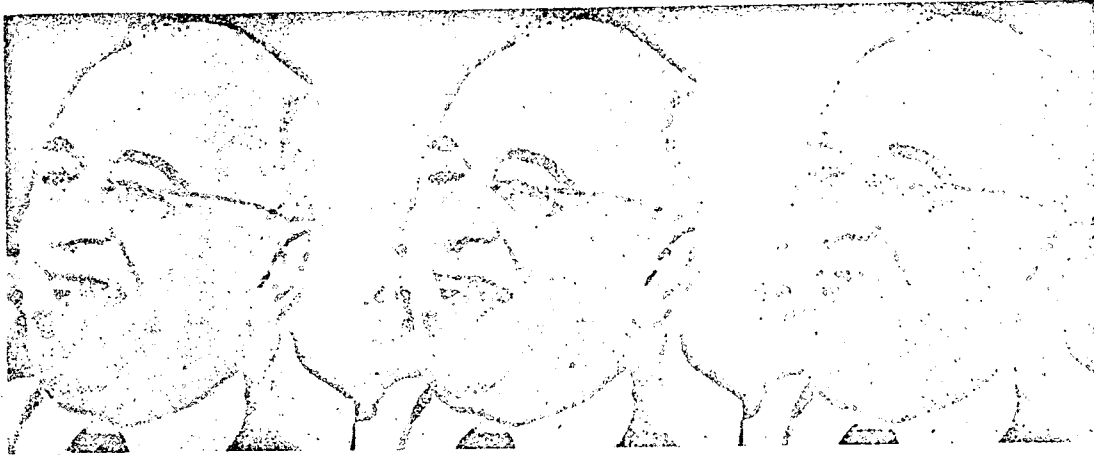
VERSUS é apenas um exemplo de como o governo tenta sufocar a imprensa alternativa utilizando meios "legais". Os outros casos estão aí para quem quiser ver: "Movimento" teve recentemente uma edição apreendida e responde atualmente a um processo pela Lei de Segurança Nacional; "Resistência", do Pará também teve uma edição apreendida pela PF por ter denunciado torturas, etc, etc.

Uma outra amostra do que significa a política de "aberturas" do governo Figueiredo é a sua posição diante do Congresso de fundação da UNE, em Salvador. Ao mesmo tempo que promete não reprimir o Congresso, sua atitude diante do ressurgimento da UNE, entidade máxima dos estudantes, é de tentar um total desconhecimento, recusando-se a aceitar a UNE como uma entidade legal.

Evidentemente isto são planos do governo, se ele vai conseguir levá-los à prática é outra história. Os setores democráticos tem demonstrado a sua vontade e capacidade de se opor à estas tentativas. A campanha pela defesa da imprensa alternativa tem demonstrado isto: foram criados comitês de defesa destes jornais e ao defender o mais recente alvo dos ataques do governo, VERSUS, a solidariedade alcançou os setores mais representativos desta consciência democrática. Parlamentares, dirigentes sindicais, artistas, intelectuais CBAs, populares, todos colaboraram na defesa de um órgão da imprensa alternativa.

O exemplo desta campanha é significativo: somente com a unidade na ação democrática é possível quebrar os planos do governo, de isolar politicamente os setores mais próximos à classe trabalhadora. Será assim no caso da imprensa alternativa e será do mesmo modo em relação à UNE.

NOVOS PARTIDOS QUAL A OPÇÃO?



...cia deve voltar ainda este ano. Com ele as velhas lideranças do passado e do PTB. Se a mão estendida em conciliação não chega ao ponto de apertar as de Arraes, Brizola e Julião, a anistia limitada os inclui.

Porque?

Para o governo e sua democracia gradual as atuais legendas partidárias, não servem mais. Este fato é comprovado diariamente pelas declarações dadas à imprensa por todas as lideranças da Arena e do poder executivo e até pelo próprio Figueiredo. Confirmadas pelos calorosos debates provocados por Ulisses Guimarães e seus correligionários, jurando fidelidade ao MDB e criticando duramente a ousadia do governo.

A Arena está fraca, inexpressiva, os setores fortes da burguesia nacional estão representados muito mais diretamente no executivo em cargos de confiança e nos ministérios por exemplo.

Ela foi útil durante a época de consolidação e expansão de um modelo econômico centralizador e de um regime duro, hoje as coisas não se passam mais assim.

Apesar da crise econômica mundial, o governo dispõe de relativa folga para desenvolver a produção e adquirir novos financiamentos exterior, além de uma reserva monetária acumulada durante os anos de arrocho salarial. Esta tranquilidade relativa na economia, somada às greves exigindo melhores salários, a própria aspiração burguesa de maior autonomia e liberdade de ação empurram o regime para uma outra definição política. Se o projeto democrático proposto pelo governo, é vacilante, indefinido e, principalmente controlado por métodos autoritários, reflete as necessidades atuais de um importante setor da classe patronal.

A contra — revolução democrática

O que está definido dentro da proposta do executivo é o fortalecimento

Ulisses Guimarães não está nada satisfeito com os rumos da conciliação. Afinal o MDB parece ser o alvo predileto das bombas da abertura partidária.

Conservando aqui, dialogando ali, o velho Petrônio, agora sagrado ministro da Justiça, vai ensaiando a marcha fúnebre das atuais legendas. MDB e Arena em troca de cinco ou quatro novos partidos, úteis para canalizar a insatisfação popular até o legislativo e reacomodar as forças burguesas.

Só não consta da reformulação partidária a criação de partidos de trabalhadores. A luta de classes deve ser bloqueada não só nas portas do Congresso. Resta saber se é possível. A história diz que não...

licimento do legislativo com novos partidos, mais representativos do poder dominante e sem o perigo de um MDB que se por um lado aglutina todos os setores da oposição é débil o suficiente para impedir os enfrentamentos sociais e controlar a insatisfação dos trabalhadores.

É evidente que neste legislativo mais consistente politicamente caberia um PTB, com lideranças disciplinadas e úteis, sem os contornos de um partido classista. Aí está a chave do cofre da felicidade dos patrões: partidos políticos, todos, menos os partidos dos trabalhadores.

Democracia sim. Mas não para os trabalhadores.

O jogo parlamentar, ainda mediado pelo executivo deve se fortalecer na medida em que o parlamento inspire confiança e seja o "caudilho" de uma abertura controlada.

Vai dar certo?

O sucesso ou não desse projeto depende em última instância da luta dos trabalhadores e suas direções reconhecidas, principalmente das novas, consolidadas nas últimas greves, como Lula. Furar o bloqueio é a principal tarefa dos setores sindicais classistas.

Por isto a importância de um Partido dos Trabalhadores, organizado por estas lideranças sindicais, os únicos no momento capazes de unir a classe num partido político, fundamental hoje para que o processo grevista iniciado em maio de 78 não acabe no vazio.

A hora certamente é de reorganização. Os patrões buscam saídas, os trabalhadores também devem procurá-las.

O erro de alguns deputados do MDB, homens sérios e corajosos, propondo a unidade do partido

de oposição, repetido por estas lideranças seria um desastre.

O MDB nunca foi e não é um partido da classe. É hoje claramente um partido de patrões, convivendo em suas fileiras com setores próximos aos trabalhadores.

Qual foi a atitude do MDB, um partido nacional durante as greves do ABC, do funcionalismo de São Paulo e das várias outras que estouraram em todo o canto do país?

Dirigiu a greve nacionalmente?

Organizou a solidariedade? Esteve ombro a ombro com os grevistas?

Exigiu sistematicamente o posicionamento favorável do governo, às reivindicações?

Recolheu fundos para as greves de maneira centralizada?

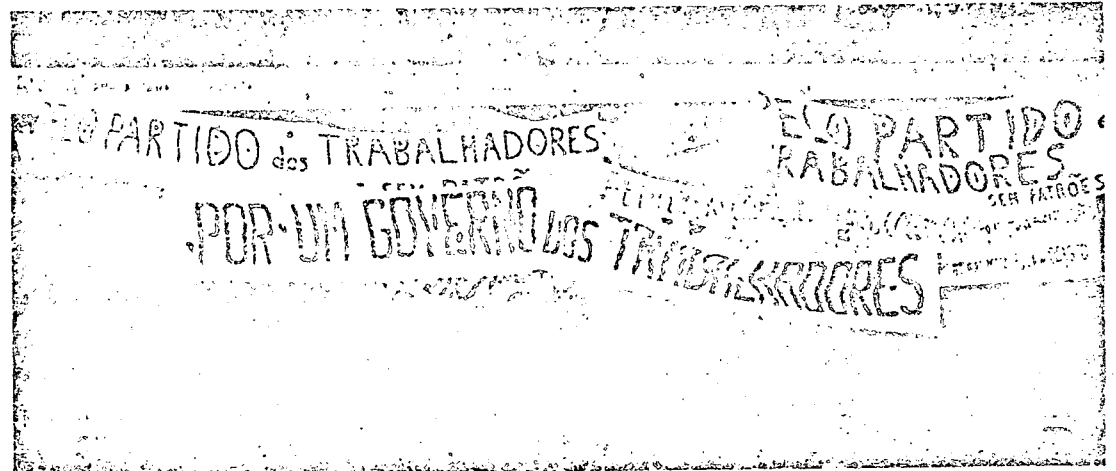
A direção do partido e a maioria de seus membros não fez nada disso. Somente alguns deputados tiveram um comportamento à altura dos acontecimentos. E o que fariam partidos de trabalhadores?

E o que faria um Partido dos Trabalhadores?

Não é por outro motivo que os patrões e o governo temem um partido dos trabalhadores, e preferem fazer concessões econômicas e democráticas do que permitir à classe se organizar de forma independente.

Já pensaram uma eleição para governador em que concorressem Lula e Maluf? É preciso perguntar quem ganharia? E um governo dos trabalhadores encabeçado por Lula que medidas não faria em favor dos direitos dos trabalhadores?

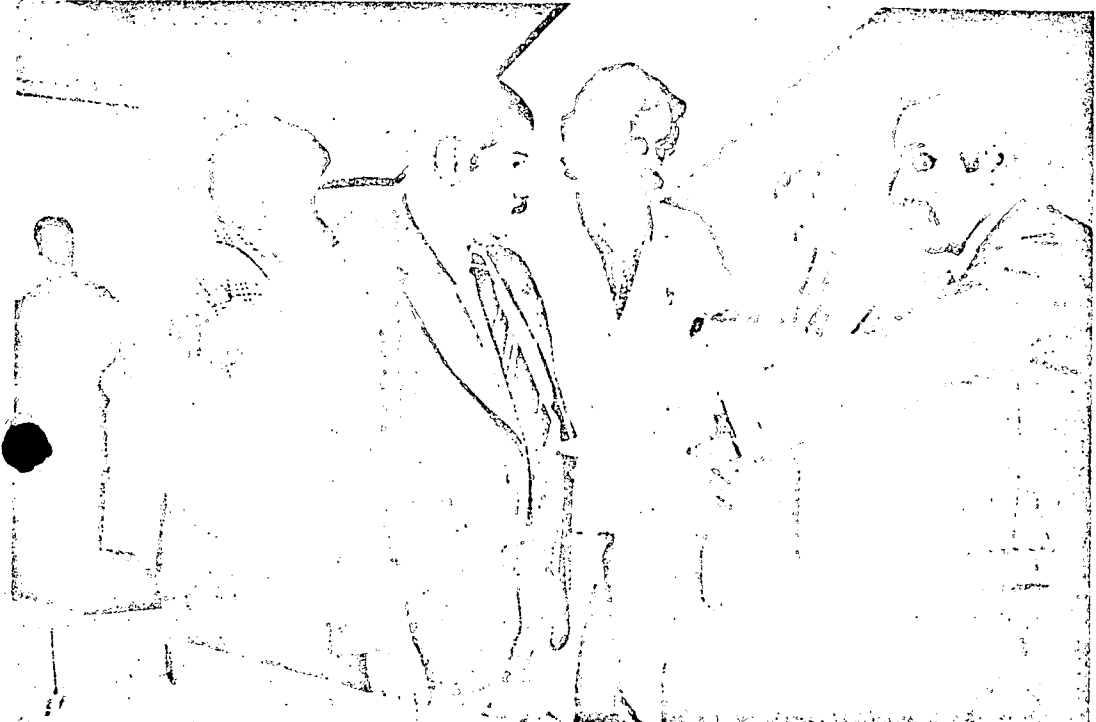
Não é à toa que o governo e o patronato temem que se constitua um Partido dos Trabalhadores sem patrões e por estes mesmos motivos, cada vez mais é fundamental que a classe trabalhadora procure organizar este partido, que lute pelos seus direitos e pelo fim da exploração.



NANICOS CONTRA A REPRESSÃO

VERSUS

De um lado burgueses, de outro proletários. De um lado a grande imprensa, do outro os famosos nanicos, os jornais independentes. Esta identificação o governo faz e não gosta. Tanto não gosta que organizou uma santa aliança composta pelo Deops, Polícia Federal, Receita Federal e outros organismos "legais" para acabar de vez com eles. A tática do "aniquilamento democrático" proposto pelo documento secreto do CIEEx — Centro de Informações do Exército, os nanicos respondem com a sua união e com o apoio de todos os setores e entidades democráticas. Este o caso de Versus. A luta pela liberdade de expressão e imprensa cresce em todo país.



Cenas do ataque à VERSUS. Da esquerda para a direita: o perito Gallerani; o editor de Versus Ênio Bucchioni; um delegado do DEOPS; o advogado Luís Eduardo Greenhalg

Dorivaldo não gosta de fotografias. Mas os jornalistas da Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Jornal do Brasil precisavam cumprir seu trabalho. E Dorivaldo Gallerani do Instituto de Polícia Técnica do Estado saiu irritado da sede do Jornal Versus sem concluir sua missão: uma detalhada vistoria financeira-contábil solicitada pelo Deops e autorizada pelo juiz auditor Nelson Machado Guimarães. Seu objetivo éacular Versus ao processo relativo atividades da Associação Civil Convergência Socialista.

Esta não foi a primeira nem a última vistoria ao jornal. As primeiras resultaram numa multa de 240 mil cruzeiros aplicada pela Receita Federal. E Dorivaldo voltou. No dia 12 de maio, acompanhado de vários agentes do Deops e um mandato de busca e apreensão.

Tática do CIEEx

Este ataque ao jornal Versus faz parte da política traçada pelo CIEEx para liquidar os jornais independentes pela via econômica, sem restringir abertamente a liberdade de expressão. Além de mais sutil esta tática teria como mérito atingir o ponto mais fraco de todas as publicações alternativas que sobrevivem de suas vendas e contribuições, sem qualquer auxílio financeiro do estado. Os jornais Movimento, Em Tempo, Lâmpião, Tribuna da Imprensa, Resistência, O Trabalho, Companheiro, Repórter e o São Paulo — da Cúria Metropolitana,

mostram em suas memórias todos os momentos da repressão. Editores e jornalistas presos, bombas nas redações, pichações em suas sedes, além das constantes perseguições jurídicas através da Lei de Segurança Nacional.

A nova tática da repressão está bem enquadrada na proposta de conciliação nacional do governo que, abolindo a censura à grande imprensa procura acabar com a pequena, identificada com as lutas dos trabalhadores, propondo uma solução democrática e muitas vezes socialista como é o caso de Versus.

As medidas repressivas além de visarem a imprensa alternativa, buscam atingir também jornalistas individualmente como no recente caso do jornalista Lourenço Diaféria, condenado por ter publicado uma crônica no jornal Folha de São Paulo, considerada ofensiva à figura do patrono do Exército, Duque de Caxias; ou o processo contra o jornalista Antonio Carlos Fon, da revista Veja, que publicou uma matéria intitulada "Descendo aos Porões", onde denuncia torturas. Também responde processo o jornalista Hélio Fernandes, dono da Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, um dos jornais que mais sofreu a ação da censura brasileira.

Resposta Unificada

À este plano organizado, os jornais alternativos respondem unificadamente criando comissões para organizarem uma ampla campanha pela liberdade de expressão, des-

maskarando as intenções do governo. Com o apoio dos vários sindicatos dos Jornalistas, da ABI — Associação Brasileira de Imprensa, CBA — Comitê Brasileiro pela Anistia, parlamentares do MDB, da Igreja, artistas, intelectuais, estudantes, sindicatos de trabalhadores e outras entidades democráticas, resistem e conquistam a sua sobrevivência.

Uma campanha vitoriosa

Este foi o caso do jornal Versus que iniciou uma ampla campanha de solidariedade política e financeira. A receptividade obtida demonstra como está enraizada a consciência democrática na população. Em poucos dias personalidades fundamentais na luta democrática do país, assinaram o abaixo assinado de solidariedade, contribuindo financeiramente para o pagamento da dívida de Versus. Telegramas e cartas de todo o país são enviadas diariamente para a nossa redação, assinalando repúdio à mais este ataque da ditadura e mais uma presença na luta pela liberdade de expressão e pela existência dos jornais alternativos.

Nas ruas, na Câmara dos deputados, em todo o país, os democratas se unem para garantir o direito de Versus defender sua posição, propor saída e lutar pelo socialismo.

A Campanha de Versus está sendo uma vitória não só de Versus mas de toda a imprensa independente que se vincula cada vez mais à sua origem e própria razão de existência: os trabalhadores.

Memórias da violência

RESISTÊNCIA

Jornal da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos

Pará, agosto de 1978. O jornal Resistência é apreendido pela Polícia Federal por ter denunciado as torturas que sofreram no Ministério do Exército o presidente e um membro da Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos, além do editor do jornal.

LEIA E ASSINE MOVIMENTO UM JORNAL DEMOCRÁTICO

Antônio Carlos Ferreira, editor do semanário Movimento está sendo processado, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Com várias edições apreendidas, Movimento sofre boicotes para obter créditos bancários, não consegue publicidade em nenhuma empresa pública e seus vendedores são constantemente perseguidos pela polícia. No início de maio sua sede foi pichada pela auto denominada ONE — Organização Nacionalista Estudantil, grupo clandestino de extrema direita.

EM TEMPO

Além das dificuldades impostas à todos os jornais independentes, sofreu dois atentados à bomba em suas sucursais de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Sua sede em São Paulo também foi pichada pela ONE e o documento do CIEEx o considera o mais "perigoso" dos jornais da imprensa alternativa por ter a maior circulação.

LÂMPIÃO

Porta-voz da minoria homossexual no Brasil, Lâmpião possui dois processos na Polícia Federal, por ser considerado atentatório à moral e aos bons costumes.

50

EDITORIAL

Encarando a luta

Em setembro de 1978, como consequência de uma violenta crise que abalou profundamente os alicerces de nosso sindicato, esta diretoria foi obrigada a assumir a responsabilidade de reequer o edifício minado. Reorganizar a categoria significou desativar as minas, superar a crise e não deixar ruir o trabalho que vinha sendo feito a três anos e meio.

Aquele momento entregávamos aos artistas e técnicos o primeiro número do boletim "Cena Aberta", em cujo editorial cobrávamos o pagamento da primeira parcela para a compra da sede própria. Hoje, um ano depois, esta sede não tem espaço suficiente para atender a todas as Comissões que aqui se reúnem — quase diariamente — e por isto já estamos procurando um novo local.

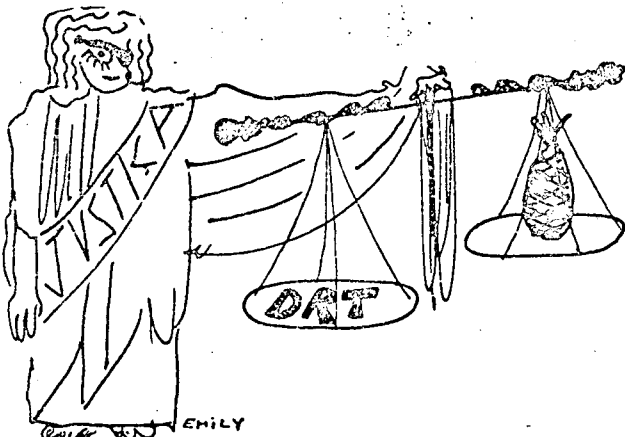
Temos trabalhado no sentido de levar a categoria à consciência de si mesma, para fazê-la sentir que o sindicato só existe de fato se for conduzido por aqueles que representa, isto é, por todos os seus associados, pois ele é, apenas, o veículo através do qual a categoria reivindica e luta para a conquista de seus direitos.

As soluções paternalistas, vindas de cima para baixo, fazem apenas adiar a resolução mais profunda e verdadeira dos problemas. Assim, não podemos nos iludir: a Lei dos Artistas e

Técnicos, embora fruto de lutas e pressões da categoria, serviu, a um momento de governo, para beneficiar sua imagem às vésperas de eleições. Fazer com que a cumpram, agora, interessa tão somente a nós, trabalhadores. Fazer com que a cumpram, agora, significa encarar corajosamente a luta cotidiana do sindicato através sobretudo, do trabalho mais árduo: o de conquistar colegas para a nossa causa. Trazer para nosso lado aqueles que ainda permanecem acuadaos diante da empresa ou da eterna espera pela capa de revista. O poder econômico acena sempre com esta perspectiva e, desta forja, cala, acua e afasta das assembleias e do sindicato aqueles que, inebriados com a possibilidade da fama ou apavorados diante da idéia do desemprego — que vem mesmo sem a atuação no sindicato — acabam esmagados exatamente por este poder.

Terminam-se os que acreditam em terminar aí esta encruzilhada. Isto é o que o poder quer fazer para afastar a categoria da discussão a procura de novos caminhos e soluções. Estes caminhos existem, sim. Encontrá-los depende, unicamente, do interesse e, sobretudo, da coragem de nos reunirmos para encarar e analisar, coletivamente, os nossos problemas.

Vanda Lacerda



Fiscalização e Denúncia

Está sendo criado, no sindicato, um departamento de fiscalização próprio que vai se incumbir de fazer vigiarem a lei e o regulamento, cobrindo os abusos e arbitrariedades cometidos contra nossa categoria. Os empregadores que não estiverem

absolutamente dentro das normas legais, serão denunciados à Delegacia Regional do Trabalho.

Importante: as denúncias devem partir dos associados. Telefone, escreva ou venha ao sindicato para que ele possa fazer cumprir a Lei.

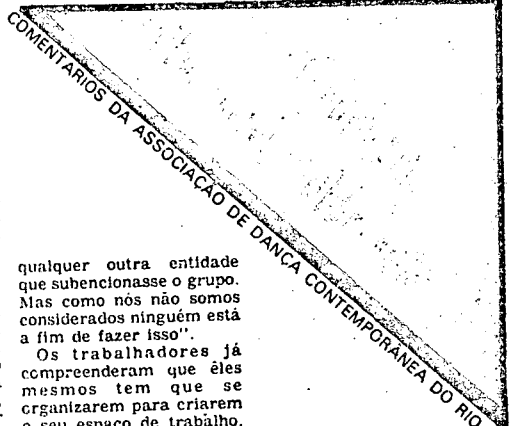
Uma vida de altos e baixos

A vida de uma ballarina ou minha vida, que é a mesma coisa é cheia de altos e baixos. De repente aparece muita coisa a fazer e depois termina num buraco sem fim e vazio.

Porque essa profissão funciona no Brasil dessa forma. Quando sai da Escola em que me formei para o Teatro Municipal... mas o artista não pode ser o funcionário, o funcionário não pode ser artista. As coisas que eu tinha que obedecer me incomodavam. Nos tratam como artista no momento que lhes convém e nos tratam como funcionários nos momentos que lhes convém. Então era o caos.

Fizeram uma seleção na Funterj. Então eu tinha dois caminhos: ou ficar na Funterj e dançava, ou ficava a disposição da Secretaria de Educação...

Tem de haver um diálogo entre os indivíduos que fazem arte. Eu não sou uma máquina e não posso me comportar de uma forma em que me digam: não faça isso e eu tenha que fazer. É muito proibitivo esse tipo de diálogo na Funterj... O ballarino tem que existir de alguma forma. Tem uma coisa muito triste assim para dizer. Aqui no Brasil se faz grupos e grupos e duram uma semana porque como esse negócio da profissionalização não pintava, não existe nenhuma entidade que queira subvencionar esses grupos, como acontece lá fora. Essa companhia que eu vou é subvencionada pelo Duque e a Duquesa de Alba, como poderia ser pela Souza Cruz, ou



qualquer outra entidade que subencionasse o grupo. Mas como nós não somos considerados ninguém está a fim de fazer isso".

Os trabalhadores já compreenderam que eles mesmos tem que se organizarem para criarem o seu espaço de trabalho, defender seus salários, determinar aos órgãos públicos a política que lhes interessa. O ballarino, como os demais trabalhadores das artes não pode ficar esperando um mecenas ou o paternalismo do Estado.

Então, enquanto não houver um outro tipo de mentalidade que nada tem haver com a nossa. Você sabe o que você quer, eu também sei o que quero. Eu sei como deve ser, você também. Só que eu não tenho como fazer um grupo aparecer, quem sustenta o grupo ali".

A falta de um circuito de teatros ou espaços para dança limita o campo de ação do ballarino como profissional. Nas televisões não há programações obrigatórias de dança brasileira. Não há programas ao vivo. As universidades não sustentam a dança como cadeira formativa, ou corpo de baile. Os grupos de dança do Rio de Janeiro não possuem condições de excursionar pelo interior do próprio estado por falta de condições de aparelhamento das casas de espetáculo ou dos espaços existentes. Nem tampouco existe uma política neste sentido. As verbas são gastas em

dispendiosas excursões de grupos oficiais pelos estados. A periferia da cidade não é atendida.

"Enquanto não tiver isso, essa saída em massa de ballarinos do Brasil vai continuar e os grupos desaparecer depois de dois meses. Se o negócio não pintar muito sério, se ninguém segurar, vai terminar a dança mesmo. Vão ficar poucos heróis... Ninguém melhor do que eu posso dizer que a última coisa que desejaria é ir embora do Brasil. Eu me sinto forçada... a classe não é unida por si só, não é igual a dos músicos, igual a dos cantores. É uma classe que para se apresentar um dia vende qualquer coisa, abre mão de qualquer direito, qualquer reivindicação profissional, abre mão de tudo... Fica cada um cuidando de si... O que estou fazendo. Que é o que 10 pessoas que estão saindo da Funterj também estão fazendo não é uma coisa legal, com base sólida... Eu até compreendo, porque aqui não tem mercado de trabalho, você não tem teatro para a dança. Só tem o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, São Paulo ou BNH. Você aqui tem 5 ou 6 companhias..."

(Cristina Martinelli)

Pela união dos ballarinos

"Quem vive de dança, vive de aula. Oitenta por cento dos participantes do grupo dão aula de dança. Outras com profissões paralelas... achamos que o movimento principal agora é em termos de união dos ballarinos de todos os estados. Porque a gente primeiro precisa criar uma força para a dança poder acontecer. Criar base para que em cima possa criar um movimento de dança, um estilo. Brasileiro é um povo que dança para burro mas não tem uma dança brasileira (adaptada as condições cênicas). A gente dança coisas importadas".

A cultura e o trabalho estão associados. Uma política coerente e democrática de dança não quer dizer politicagem de grupos. É sim todos os ballarinos reunidos para que as verbas existentes sejam aplicadas de forma que todos tenham maiores oportunidades e a cultura seja defendida e permanentemente desenvolvida. Para que se tenha

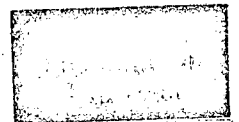
acesso a informação teórica e com manifestações constantes possibilitando todos trocarem informações e exporem ao público essas experimentações. Mas sobretudo com condições mínimas de trabalho. Sendo assegurado ao ballarino profissional um mínimo de sobrevivência como os demais trabalhadores brasileiros. Depoimento do Grupo Ex (São Paulo)

Não somos profissionais

Depoimento do Grupo CORPO:

"Nós não somos registrados e não podemos dizer que recebemos dinheiro com a dança pois não somos profissionais".

O que é então um grupo profissional? Um grupo que excursiona, recebe verbas oficiais, cobra ingresso, faz temporadas... Um trabalhador, até o biscateiro autônomo que faz trabalhos esporádicos tem sua carteira profissional registrada. Assegurando-o contra acidentes de trabalho, tempo de serviço e outras garantias mínimas.



A Comissão Permanente de Luta pela Liberdade de Expressão se reúne todas as quintas-feiras: às 18 horas, às 18 horas, na ABI, 7º andar. O Sindicato dos Artistas e Técnicos é uma das vinte e quatro entidades que atuam nesta Comissão. Se você, artista ou técnico, deseja engrassar as fileiras da luta pela garantia da livre expressão de todas as formas de arte no país, venha ao sindicato para que os companheiros o encaminhem à Comissão.

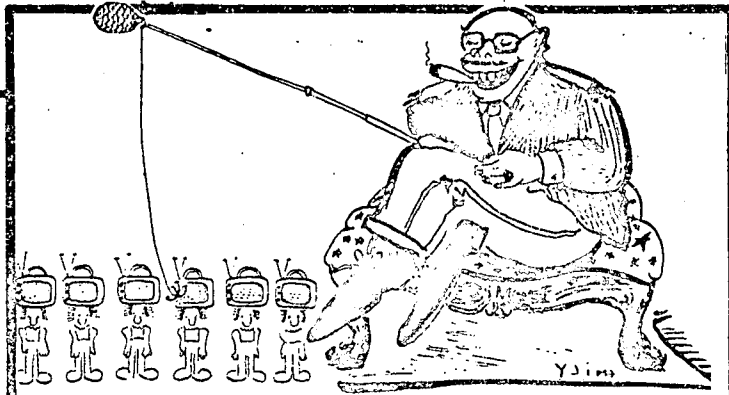
O Sindicato amplia o seu serviço de atendimento médico, fechando convênio com a MED-SERVICE. Os interessados encontrarão à sua disposição setores de oftalmologia, neurologia, radiologia, cistografia, laboratório de análises, fisioterapia, angiologia, ginecologia, otorrinolaringologia, pediatria, cardiologia, pneumologia, ortopedia, urologia, reumatologia, gastroenterologia, clínica cirúrgica, dermatologia, psiquiatria, anestesiologia, cirurgia geral, serviço de clínica geral e internações.

PT 1036.126

A Comissão de Ação, eleita em Assembleia Geral da Categoria, em 25/6/79, tem como incumbência fundamental "conduzir a mobilização nacional para o cumprimento efetivo da regulamentação da profissão", tendo em vista que, como é sabido por todos os profissionais Artistas e Técnicos, as conquistas da classe asseguradas no texto da lei 6.533, são, sistematicamente, ignoradas pelos empresários.

A partir da questão do conflito que se esboçava entre a nossa regulamentação e a Lei regulamentação dos profissionais Radialistas, entendeu a comissão, já em suas primeiras reuniões, que, além de defender o cumprimento da lei, era necessário defender os próprios conceitos nela expressos, que se encontravam ameaçados, tendo em vista o que preceituava a lei posterior. Essa questão era, basicamente, a seguinte: — Por ocasião da elaboração da Lei de Regulamentação da Profissão de Artistas e Técnicos foi estabelecido um acordo entre a direção do nosso Sindicato e os representantes da categoria dos Radialistas, e que resultou no artigo 5 da referida lei. Pelo qual estariam excluídos da nossa regulamentação "os técnicos que prestassem serviços a empresas de radiofusão". Por sua vez, a lei 6.615 (Lei dos Radialistas), que foi sancionada logo após a decretação de nosso Regulamento, em dezembro de 1978, estabelecia, em seu artigo 5º que: "Não se incluem no disposto nessa lei os Atores e Figurantes que prestam serviços a empresas de radiofusão". Com isso, ficava evidenciado que, pelo exposto nesse artigo, poderiam ser abrangidos pela nova lei várias das funções artísticas que já tinham a regulamentação da profissão assegurada, (com todas as conquistas atingidas pelo trabalho de toda uma classe), não só pelo que havia sido acordado entre as direções das duas categorias profissionais envolvidas na questão, como pela clara redação do artigo 2º da Lei 6.533, que define Artista como "o Profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição, ou divulgação pública, através dos meios de comunicação de massa, ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública".

Por iniciativa da comissão, foram convocadas reuniões com direção do Sindicato dos Radialistas, visando encontrar soluções para o latente conflito de regulamentos, além de terem sido iniciados contatos na área do governo, no sentido de procurar evitar que, por conceitos conflitantes nos textos das duas regulamentações, elas (ou, pelo menos, parte delas) se anulassem, ou fossem mesmo, na prática, utilizadas pelos patrões para contrapor as duas categorias profissionais.



A quem interessa o conflito?

A Comissão de Ação apresenta as suas contas

Nesse contexto, dentre os temas discutidos com a direção sindical dos Radialistas, sobressaía como fundamental a questão do atestado de capacitação profissional, cujo controle, pelo exposto no próprio texto da Lei dos Artistas e Técnicos, era assegurado ao Sindicato, enquanto que, na Lei dos Radialistas, não estava especificada a maneira de ele ser concedido, deixando para o posterior regulamento a definição da questão. Foi, inclusive, acordado preliminarmente que o nosso Sindicato apoiaria os Radialistas, para que eles obtivessem conquista idêntica a dos Artistas e Técnicos, ou seja: que somente ao Sindicato caberia avaliar a capacitação profissional, para o devido, e não as empresas, ou mesmo o Ministério do Trabalho (através do reconhecimento de "cursinhos profissionalizantes"), como queriam os empresários.

Além do apoio na questão da capacitação profissional, entendidas discussões das duas direções sindicais e da comissão de ação, que a não inclusão das funções artísticas já abrangidas pela Lei 6.533 na Regulamentação dos Radialistas, nos representaria para os últimos nenhum esvaziamento sindical, considerando que a grande maioria dos seus representados pertence às funções específicas da radiofusão. Ao contrário, esse esvaziamento poderia ocorrer na área dos Artistas e Técnicos, pois, dentro do nosso campo de atuação, é, justamente, nas emissoras de Televisão que está a maior concentração do Poder Econômico e, conseqüentemente, a maior força de pressão. No sentido desse entendimento o presidente do Sindicato dos Radialistas do Rio se comprometeu a fazer gestões às

direções dos demais Sindicatos de Radialistas do País, visando a retirada das funções discutidas, do Quadro Anexo do regulamento a ser decretado, e trazendo, após o Congresso Nacional da sua categoria, que se realizou entre os dias 16 e 18 de agosto passado, em Fortaleza, as respostas das outras entidades, para o acerto final do problema. Causou-nos a maior estranheza, portanto, que a resposta prometida não tenha sido dada, ou pior, que a resposta tenha vindo através de um artigo publicado no órgão oficial dos Radialistas do Rio onde as diretorias dos Sindicatos de Artistas e Técnicos do Rio de São Paulo eram violentamente atacadas, justamente por causa das atitudes tomadas em relação as regulamentações das duas profissões, atitudes essas abertamente discutidas, não só em mais de uma Assembleia Geral da nossa categoria, como também com os próprios dirigentes Radialistas!

Por outro lado, nos contatos tidos nas áreas governamentais em Brasília, ficou perfeitamente clarificado e evidenciado, para todos os setores envolvidos na questão, o conflito que havia entre as duas Regulamentações. Estavam incluídas, no Quadro Anexo do projeto de Regulamento dos Radialistas, prestes a ser decretado, as mesmas funções artísticas já definidas em lei anterior, características dos Artistas e Técnicos, tais como Bailarinos, Cenógrafos, Diretores, e muitas outras, e que, a prevalecer o exposto em lei posterior, passariam, ao exercerem as suas profissões nas emissoras de Televisão, a pertencer à categoria dos Radialistas. Após sucessivas reuniões, o problema foi sendo devidamente equacionado, e nossas reivindicações sendo, aos poucos, ouvidas e atendidas. Na última vez que estivemos na Capital Federal,

em reunião com as Assessorias Jurídicas dos Ministérios das Comunicações e da Educação, e com o Secretário das Relações do Trabalho, do Ministério do Trabalho, em vista do claro entendimento do problema por parte desses setores do Poder Executivo, restavam, na última versão do projeto de Regulamento da Lei dos Radialistas, poucas das funções por nós reclamadas. Mas, por absurdo que isso possa parecer, havia sido incluída, a última hora, uma nova função: e de Dublador! Parece desnecessário afirmar, ou reafirmar, que essa função simplesmente não existe: Dublador é Ator! É um evidente disparate, se a Lei dos Radialistas exclui os Atores e Figurantes, o seu Regulamento incluir o Dublador, que é o Ator que faz dublagens! (A propósito, devemos esclarecer que também essa nossa reclamação foi ouvida e encaminhada a devida solução para o problema).

No entanto, toda essa questão só será definitivamente solucionada com a decretação e publicação do Regulamento dos Radialistas e, por isso mesmo, permanecemos atentos ao problema, prontos a defender as conquistas da Lei dos Artistas e Técnicos. E, também, continuamos abertos para todo e qualquer diálogo com os setores envolvidos no problema, em especial a categoria dos Radialistas, mas, ao contrário, não estamos absolutamente interessados em polemicas estereis, seja através de notas, artigos de jornal, ou quaisquer outros meios.

Como, por parecer de nosso Departamento Jurídico, a definição dos profissionais Radialistas só se efetiva no Quadro Anexo das funções, rejeitamos qualquer iniciativa de rediscussão das duas leis e defendemos a imediata decretação do Regulamento dos Radialistas, insistentemente reclamado, com razão, por aquela categoria, desde que sejam superados (e estão sendo) os conceitos conflitantes.

Com isso, temos a certeza de estamos zelando pelos interesses nessa categoria, tendo sempre a clareza de que qualquer conflito entre posições defendidas por trabalhadores, sejam de que área forem, só interessa aos setores empresariais e ao Poder Econômico. Foi com essa certeza que, junto com diversos companheiros de classe, promovemos e realizamos um Ato Público, na Cinelândia, para colocar, claramente, sem subterfúgios, todos os nossos problemas para a população da cidade, não só esclarecendo essa questão do conflito da regulamentação, como também denunciando as manobras dos patrões para que a nossa lei não seja cumprida.

A Comissão de Ação.

52

Abrimos esta seção de Cartas no CENA para que a correspondência com o Sindicato seja viva e constante. As colaborações poderão vir endereçadas à gente, da Comissão do Jornal, ou para o endereço da sede, mesmo.

Neste nosso primeiro exemplar, damos alguns depoimentos que colhemos a respeito da atuação e da importância do Sindicato. Outros serão encontrados pelo Leitor, vazado pelas páginas seguintes.

"O Sindicato é hoje um centro de grande atividade, onde o artista e o técnico tem consciência e confiança de que pode recorrer a ele para solução dos seus problemas".

(Lauro Goes, ator)

O Sindicato é a grande saída para todas as dificuldades do trabalhador e, se ainda não resolveu todos os problemas é porque nós, os trabalhadores, estamos ausentes.

(Tião Fonseca, assistente de câmera)

Eu vejo o Sindicato hoje muito mais forte, algo concreto com o qual podemos contar para resolver os problemas da classe e encaminhar nossas lutas e esperanças.

(Leina Krespi, atriz)

O Sindicato hoje é muito mais atuante, mais forte, e por isso suas responsabilidades são bem maiores, na medida em que encontra grandes dificuldades para o cumprimento da Lei 6.533, que regulamentou nossa profissão.

(Dina Sfat, atriz)

O Sindicato é para os trabalhadores, especialmente para nós, artistas de circo, lugar a que recorremos, com confiança e certeza para resolver os nossos problemas.

(Conceição Mendes, mágica)

O Sindicato é o órgão que representa e protege profissionalmente. O artista ou técnico sindicalizado deixa de ser presa fácil para aqueles que sempre estão tentados a explorar nosso trabalho. No meu ponto de vista o SATED está lutando digna e corajosamente por todas as classes que representa, contra os que querem "dividir para reinar".

(Lionel Combecau, roteirista cinematográfico)

Cena Aberta

Órgão oficial do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro.

Presidente: Vanda Lacerda
Diretoria: Roberto Frota, Joaquim Motta, Jorge Loredi, Dilma Lóes, Norma Dumar e Danilo Mujica

Comissão do Jornal: Emmanoel Cavalcanti, Tônio Rocha, Clóvis Scarpino, Emily Combecau, Mariana, Cecília Loyola, Labanca, Marie Claude, Luiza Barreto Leite e Roberto Scorza.

Editado por OFICINA, Assessoria de Imprensa e Editora Composto e impresso na Gráfica Mory Rua do Rezende, 65

Um filme nosso: por que?

Há dois anos a produção cinematográfica no Rio de Janeiro (principal pólo de produção do país, juntamente com São Paulo), trabalha com apenas 10% de sua capacidade produtiva. Isto leva 800 famílias a um desemprego crônico.

Nos poucos trabalhos que conseguem realizar — filmes publicitários, curtas metragens, etc — a lei que regulamentou a sua profissão é constantemente desrespeitada. Os encargos sociais não são pagos, horas extras, falta de contrato, 13º salário, férias e fundo de garantia, agravando mais a situação.

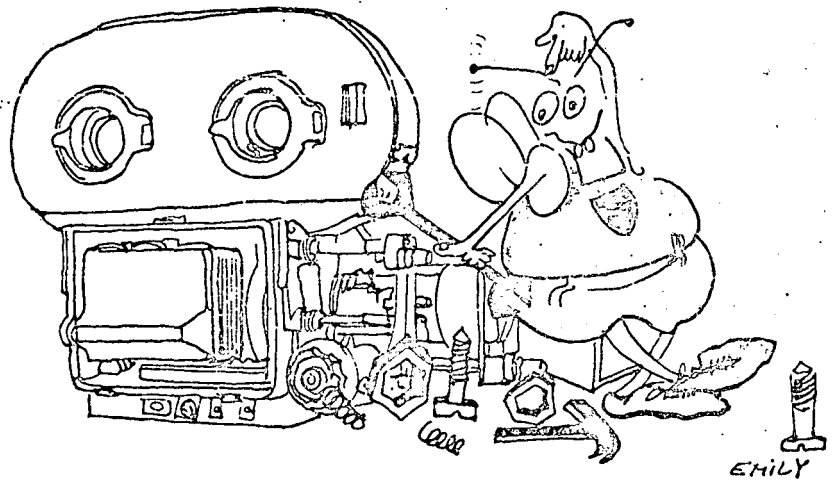
No momento o pouco mercado de trabalho existente restringiu-se ainda mais em consequência da recessão econômica que atinge o país. A televisão continua dominada pelos enlatados americanos. Isto rouba um mercado de 10 mil empregos diretos e exporta 14 milhões de dólares em "royalties" por filmes que apenas massacram a nossa cultura.

Diante desse impasse, tendo que sobreviver e defender o seu espaço cultural, bem como o mercado de trabalho, os técnicos resolveram unir-se em seu sindicato e

se organizar em torno de um projeto de um filme a ser produzido e realizado por eles próprios, contando para isto com a adesão dos atores num mutirão de trabalho.

Realizarão um filme de longa metragem que se baseará no livro de contos de Graciliano Ramos, "Insônia", cujos direitos foram cedidos pelos herdeiros.

Os recursos para financiamento e produção do projeto estão sendo conseguidos nos mais diversos setores como por exemplo laboratórios cinematográficos, agências de publicidade, produtoras cinematográficas, órgãos governamentais, etc.



Atores de rádio

O SATED, que ficou responsável pelo enquadramento sindical dos atores que trabalham no rádio, está promovendo reuniões com esta parcela da categoria, visando a efetivação de convenções coletivas de trabalho. O objetivo é dar continuidade e melhores condições de trabalho aos rádio-atores, até hoje tutelados pelo Sindicato dos radialistas.

A grande importância do Sindicato, hoje, está na possibilidade de melhoria das condições de trabalho e do nível profissional, a partir da regulamentação da profissão (Luiz Paulo, ilustrador).

**O SINDICATO É SEU
PARTICÍPE**

O Tempo Passa (rela)

De pequeninha, ouvi de minha avó, a velha Sinhazinha, perguntas que me pareciam inocentes e visavam tão somente divertir a criançada que lhe pedia para contar estórias.

Invariavelmente ela começava: — O tempo perguntou para o tempo: é, tempo, qual é o tempo que o tempo tem? O tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.

Pois, é, gente. Nunca entendi direito o que a velha senhora queria dizer com isso. Só muito mais tarde vim encontrar palavras semelhantes no Eclesiastes. "... há tempo para tudo; tempo para semear e tempo de colher..."

Na passagem do tempo, cai na vida (meu Deus, que coisa horrível! Mas vá lá), cai na vida artística. Não de ser estrela, ganhar altos cachês, defender altos contratos com redes mis deses Brasília, mas de ser artista menor, manequim, modelo, figurante. Ai, minha santa Margarida do Ponto, que fiz a Deus para merecer tanta paulada. Tempo? Cadê tempo!

Para modelo, manequim e figurante mal remunerados, não há tempo. Não há tempo de começar nem tempo de terminar filmagem. Não há tempo de começar e terminar desfile. Há tempo para você esperar em seleção para escolha de alguém figurante em comercial. E tome tempo. O tempo da jornada de trabalho, pela Lei nº 6.533, é de quanto tempo? Seis horas? Ah, sim... Seis horas para se começar a filmar?... E pagamento? Tem tempo? Sete dias? Quinze dias? Um mês? Que nada... bota mês nisso... A gente até esquece que um dia fez o trabalho... Ah, mas a Lei é clara... Muito clara... No artigo 27 diz que cabe ao tomador de nossos serviços fornecer o guarda-roupa... Isto é o artigo 27... Mas outra é a Lei, a que na realidade rege nossos serviços, deve dizer mais ou menos assim:

"Artigo XPTO — Fica assentado que o profissional que não dispõe de vestuário de várias épocas (e lá vem tempo) e variedade de roupa do tempo atual (e tome tempo), está automaticamente afastado de exercer sua despresível profissão." E a gente disfarça, reboia, geme, cataca aqui, cataca dali, toma emprestado, aparecemos nos locais de filmagem, de cabides e mais cabides, lindos, lindas, maravilhosos. E tome tempo. Tempo de mostrar roupa e tempo de recusar roupa. Tempo de vestir roupa e tempo de pichar roupa. "Arranja um vestido com alças", "Quero você de busto à mostra!". E tome tempo!

Gente, há mesmo tempo para tudo? Para eles há tempo de chamar a gente às quatro da manhã e há tempo de desconvoar a gente depois de horas e horas de espera. Só não há tempo de pagar o nosso tempo. Não há tempo de pagar os nossos tempos de trabalhos extraordinários. Não há tempo de pagar riscos de filmagem em lugares impróprios. Não há tempo de pagar o tempo de espera. Não há tempo de pagar seguro. Há, apenas, tempo de lamentar uma colega nossa que montou a cavalo, em São Paulo, e ele disparou assustado. Era um cavalo de saito, acostumado a provas hípicas. A modelo fraturou a espinha e nem o cachê recebeu. Houve, apenas, tempo de dizer à agência que tinha fornecido uma incompetente na arte de montar. Mas o filme não era de salto, era de galope...

Pois é, gente. Se acreditamos que há tempo para tudo, talvez seja tempo de tentar consertar isto... Para mim, só há um jeito: o tempo de estar unido, de pensar junto, de debater, de falar, de se organizar e o tempo de denunciar...

Vamos botar a boca no trombone. Não podem por negro em mensagem publicitária? Tempo de gritar... Mais de oito horas de externas? Assovio! Que o regime de trabalho assalariado (mínimo, meu Deus, já nem falo das seis horas) é de oito horas para todos os filhos de sei-lá-de-quem. Váias para quem exige a todo o tempo que forneçamos guarda-roupa. Patadas para quem atrasa nossos cachês. Magros e miserios cachês, suados, sofridos e negados, pelo menos, têm de ser pagos em dia.

No duro, no duro, a gente tem de vir para o sindicato. Berrar, esperar, participar. Não importa se alguns elitistas nos consideram artistas menores mas é dentro do sindicato que podemos mudar alguma coisa. Só participando das assembleias, da luta sindical, denunciando as péssimas condições de trabalho poderemos modificar alguma coisa e fazer valer a Lei 6.533, que está ameaçada de se tornar letra morta.

Você não acha que já é tempo de parar de reclamar sem participar? Para participar custa tão pouco. Venha ao sindicato, entre na luta para tornar realidade a Associação dos Modelos e Manequins Profissionais. Procure os companheiros, no sindicato, eles lhe darão maiores informações. Se há tempo para tudo, é tempo de lutar. Você não acha? (Soniinha Cavaco)

A Comissão de Cinema

Em 1978, os técnicos de cinema, em Assembléia Geal do setor, elegeram uma Comissão de técnicos para trabalhar junto ao sindicato no período de um ano. Esta Comissão era composta de 25 membros efetivos e 25 suplentes, com representantes de cada função.

Começando os trabalhos ela deu início ao levantamento do piso salarial e também do anuário dos técnicos de cinema, com a ficha de cada um de acordo com a função. Deu início à fiscalização das produtoras que não cumpriam a lei, não pagando os encargos sociais, filmando sem contrato de trabalho, etc.

A partir dos dados levantados, a comissão realizou um levantamento da situação do técnico e daí elaborou um projeto que foi apresentado no 1º Simpósio Nacional de Cinema, cuja ideia nasceu da Comissão, e a promoção foi feita pelo sindicato junto a várias outras entidades cinematográficas.

A comissão levou proposta ao Simpósio no sentido de que os artistas e técnicos que o que se conseguiu não poderia suprir as necessidades dos técnicos desempregados, a comissão resolveu realizar uma longa metragem com dois objetivos básicos:

Desta forma, ficou estabelecido que para a representação, o efetivo será eleito pelo Rio de Janeiro e o suplente por São Paulo, ambos em Assembléia Geral.

A partir dos trabalhos da Comissão o sindicato promoveu cursos de formação e reciclagem de mão-de-obra cinematográfica em convênio com a Embrafilme. A partir de um abaixo-assinado entregue ao Concine, conseguiu que o prêmio "Coruja de Ouro" fosse estendido aos técnicos.

Em maio de 1979 foi eleita em Assembléia Extraordinária do setor, uma nova comissão dando continuidade à reciclagem proposta para o trabalho das comissões. Conta com 7 efetivos e 7 suplentes. Realizou a 1ª Semana do Técnico de Cinema para angariar fundos, objetivando o fundo desemprego. O saldo líquido foi de Cr\$ 27.000,00. Tendo em vista o que se conseguiu não poderia suprir as necessidades dos técnicos desempregados, a comissão resolveu realizar uma longa metragem com dois objetivos básicos:

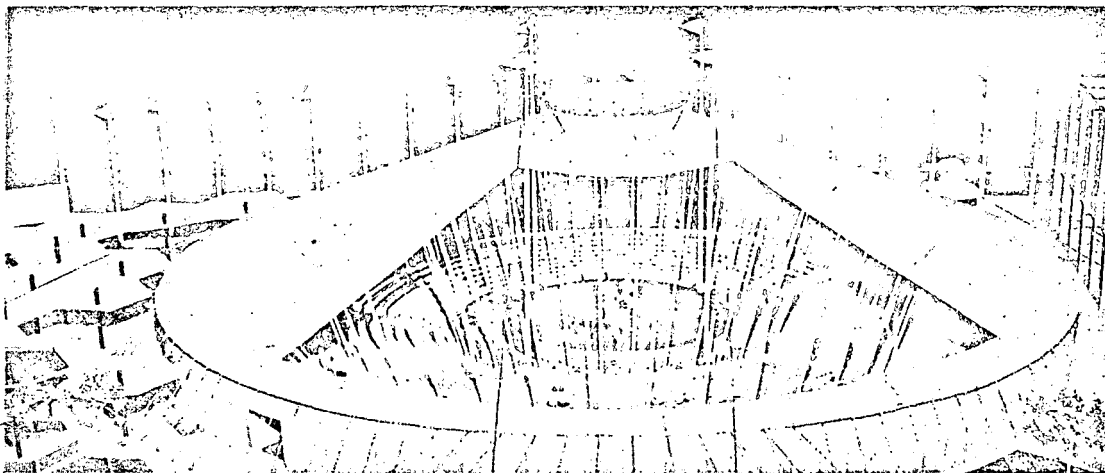
- 1º) Empregar esta mão-de-obra;
- 2º) Aplicar a renda do filme num fundo social;

Desta forma, a quantia arrecadada pela Semana do Técnico foi destinada à produção do longa metragem. O sindicato está realizando contatos com a cooperativa de Artistas e Técnicos (Combate) para viabilizar a produção do filme.

Baseada no artigo 25 da lei 6.533, que determina que de cada técnico estrangeiro que venha trabalhar no Brasil, 10% de seu salário seja depositado em favor do sindicato, a comissão, junto à Assessoria Jurídica do SATED, está cobrando da United Artists do SATED, co-produtora do filme "MOONRAKER" — este imposto, que não havia sido pago na época da produção do filme. Está também fazendo um levantamento de todas as produções estrangeiras realizadas no Brasil desde 1977, para fazer esta cobrança. O anuário, iniciado pela Comissão anterior, está sendo diagramado e será editado em convênio com a Embrafilme.

Depois de 2 anos de luta está em vias de ser assinado o 1º Acordo Coletivo de Trabalho (relativo ao piso salarial) dos técnicos de cinema, realizado entre o sindicato dos Artistas e Técnicos e o sindicato Nacional das Indústrias Cinematográficas.

O sindicato enviará representantes escolhidos pela comissão para participar do I Encontro Nacional de Realizadores, promovido pela Associação Brasileira de Cineastas — ABRACI — a se realizar em outubro, no Hotel das Palmeiras.



O SATED e a Associação Carioca de Críticos Teatrais estão promovendo um ciclo sobre o método de trabalho no Teatro Brasileiro. Ao contrário de outras anteriores, este ciclo vai funcionar com um atelier prático de teatro, tratando, principalmente, da direção e da interpretação. Quatro dos mais importantes diretores atuais foram escolhidos como responsável pelas aulas. De 9 a 15 de outubro, será Antunes Filho.

José Celso Martinez Correa o sucede, de 22 a 28. Segue-se Amir Haddad, de 5 a 11 de novembro. E, para o encerramento, entre 26 de novembro e 2 de dezembro, o responsável é Augusto Boal. As inscrições estão abertas na sede do Sindicato, com Roberto Scorza, das dez e meia até o meio dia e meia.

Tendo como base os estudos e conclusão do Seminário de Arcozelo, os artistas e técnico têm se reunindo, na sede do SATED, para estudar o projeto de cooperativa e livre-associação, a partir do subsídio do SATED de São Paulo, da Associação de Artistas e Técnicos do Rio Grande do Sul e de nossa própria realidade no Rio de Janeiro.

Por ser assunto de interesse geral e por representar alternativa de trabalho diante da atual crise de desemprego, acreditamos merecer espaço de destaque nesse jornal, o que ocorrerá no próximo número, quando procuraremos levantar um panorama amplo desta forma de relação de trabalho.

O circo no Brasil passa por uma grande crise, tendo que enfrentar concorrências de formas mais sofisticadas de entretenimento e, ao mesmo tempo, as dificuldades econômicas que cada dia mais se agravam. Com exceção de um número muito restrito de grandes circos, os demais limitam-se a dar espetáculos nos fins de semana.

Hoje, também entre outras muitas circunstâncias, luta com a crescente escassez de áreas próprias para sua instalação.

Neste contexto, é grande a expectativa dos artistas circenses quanto ao projeto da Escola Circense e do Circo Permanente que está sendo efetivado pelo SNT e que visa, basicamente, a formação de mão de obra e a garantia de um espaço para companhias que desejam trazer ao Rio seus espetáculos.

Tupi paulista: greve e vitória

No dia 11 de setembro às 20 hs., nos estúdios de gravação das novelas da Rede Tupi de Televisão, cerca de 200 trabalhadores, artistas, radialistas e jornalistas reuniram-se e na presença de dirigentes dos três Sindicatos que representam os trabalhadores daquela Empresa, decidiram por unanimidade a paralisação imediata das atividades da Emissora, que sistematicamente e há anos vem, por método e comportamento habitual, atrasando os salários dos trabalhadores. A TV Tupi desde a mudança de suas direções se propôs a acertar e colocar em dia os salários de seus funcionários. O dia 10/9/79 estava fixando como data base para que a Emissora finalmente se colocasse em ordem com seus sucessivos atrasos, e exatamente no dia 10 os trabalhadores foram informados de que o pagamento deveria ser processar por faixas e em dias consecutivos, desrespeitando o acordo firmado entre a Emissora e os Sindicatos. Imediatamente após a Assembleia, o Inspetor da DRT

designado para cuidar exclusivamente do "problema Tupi", convocou os representantes das Entidades para uma reunião informal. Ele deixou claro os riscos que corríamos com a deflagração do movimento, pois tinha "ordens expressas de Brasília" para impedir qualquer tipo de manifestação grevista. Ao que os dirigentes responderam que o governo não poderia se colocar contra os trabalhadores, que vêm sendo destruídos, desrespeitados em seus direitos mínimos de excesso de hora de trabalho, péssimas condições de trabalho, e que aquela greve era justa e legítima. Os dirigentes nada tinham a temer já que ela surgiu espontaneamente, a partir dos próprios trabalhadores. Em nenhum momento ela foi incitada pelos Sindicatos, estávamos ali apenas como interlocutores da categoria, e que, por outro lado, nos colocávamos à inteira disposição da DRT e dos representantes das Empresa, para iniciarmos as negociações.

Os trabalhadores marcaram outra Assembleia para o dia 11, a fim de definir

as formas de organização do movimento. Deixaram claro que a volta ao trabalho só seria possível se os pagamentos fossem efetuados. Os representantes da empresa, frente a esta proposta, exigiram a volta imediata ao trabalho, deixando expresso que o pagamento não seria efetuado sequer no prazo combinado antes da deflagração do movimento, e que poderia ser realizado num prazo de 15 dias, o que foi rechaçado pelos representantes dos três Sindicatos.

Estabeleceu-se o impasse. Na mesa redonda realizada na DRT, ficou constatado que os advogados e representantes da Tupi apostavam na instalação do dissídio, uma vez que, por praxe, toda e qualquer greve é julgada legal pelo Tribunal Regional do Trabalho.

O movimento na sua fase mais grave. A empresa começou a aliciar trabalhadores, mantendo sua programação no ar, via Embratel, embora precariamente. Alguns setores furaram, mas as Assembleias mantiveram-se chelas e, a firme disposição dos trabalhadores em continuar parados

sustentou o movimento vivo. Formaram-se Comissões de Luta, e o Fundo de Greve começou a ser ativado. Diversas categorias compareceram às Assembleias para prestar seu apoio e solidariedade

No dia 13, data marcada para a conciliação do dissídio, o movimento dos trabalhadores conseguiu sua primeira vitória. A atuação brilhante dos advogados sindicais, deixou o advogado patronal praticamente sem saída para organizar sua defesa. O julgamento da ilegalidade ou não da greve foi marcado para o dia 17. Dia 16, segunda-feira, o parecer do Procurador Geral da Justiça do Trabalho dizia que a greve da Tupi era legal. Não tardou o telefonema dos representantes dos patrões. Queriam acordo. E a proposta dos trabalhadores foi aceita na íntegra! Pagamento imediato dos salários. A greve não poderia ser considerada "justa-causa" para demissões. E os dias parados não seriam descontados.



Na área de modelos e manequins, a atuação do Sindicato tem sido pouca, por falta de conscientização dos profissionais deste setor. Os modelos se devem unir em torno do Sindicato, a força que ele está tendo, para dar sua contribuição às lutas para a solução dos nossos problemas que são inúmeros. (Cloris Diva, modelo)

CENA ABERTA vai ter um espaço reservado para o pessoal baixar o pau, contar tudo o que sabe e que viu, nem que seja só para que todos fiquem sabendo das safardanagens que andam fazendo por aí.

O caso de um pode ser o mesmo caso de muitos, e a denúncia pública vai servir para unir os artistas contra aqueles que estão rindo por trás do pano.

Eu vejo, hoje, o Sindicato como algo da maior importância, pois só o movimento sindical tem condições de propor alternativas para todo esse momento de transição em que vivemos.

(Maia Luiza Lacerda, atriz-teatro de bonecos)

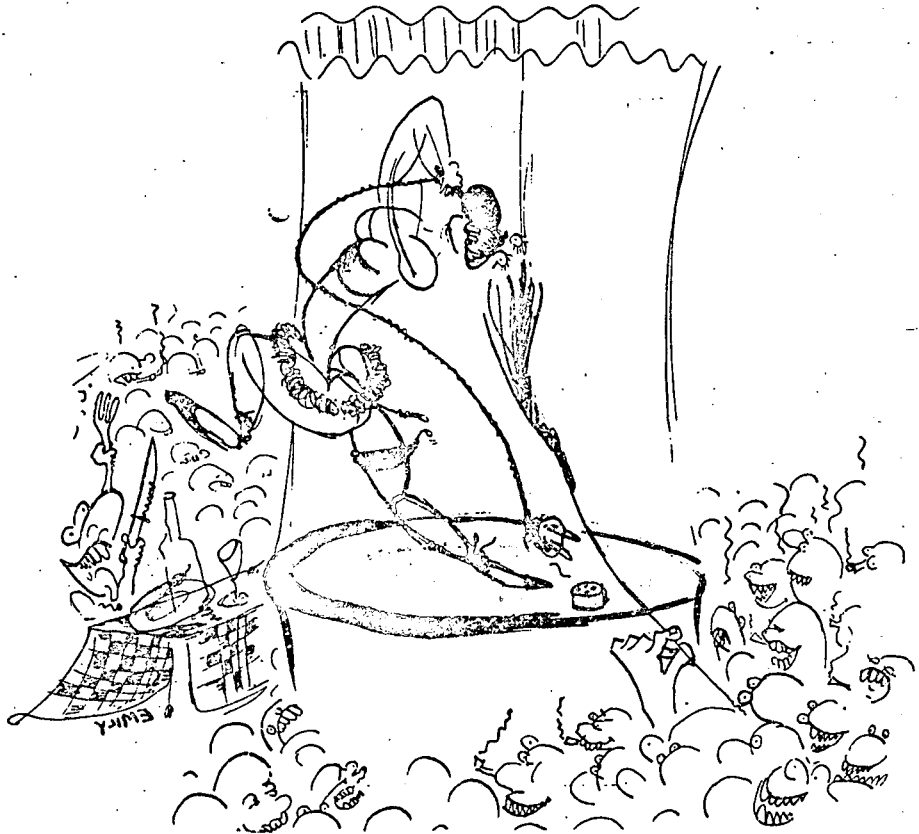
“O Sindicato é hoje o único órgão capaz de congrega todas as categorias da classe artística e técnica, não só como representante a nível trabalhista, como também nas nossas reivindicações políticas. (Sérgio Sanz, diretor cinematográfico)

55

Caso de Policia

A área de shows e variedades é uma das mais difíceis para a atuação do sindicato.

Os empresários não estão tomando conhecimento da Lei 6.533, que regulamentou a profissão de artistas e técnicos. Os proprietários das casas noturnas recusam qualquer diálogo com representantes do Sindicato, e o mesmo acontece com os profissionais, que têm medo de perdorem seus empregos. Para levar ao conhecimento de toda a categoria esta realidade, o ator Labanca, a atriz Cecilia Loyola e o roteirista Roberto Scorza, conseguiram que dois profissionais de shows e variedades dessem: os seus depoimentos, revelando, assim, um retrato em branco e preto do cotidiano em que vivem.



As Meninas que Falam

P - Como começou a trabalhar em shows e variedades?
R - "Faz quatro anos que trabalho em shows. Seguido, dois anos, mas parei um ano, quando viajei com uma comédia. Depois viajei com uma revista e, agora, faço show novamente. Tenho cinco anos de profissão. Comecei como atriz de teatro. Não podia sobreviver com o teatro, então fui para os shows. Apesar de não conseguir me realizar em nenhuma delas".

P - Quanto você ganha em média e como é a forma de pagamento?
R - "Ganho por show. Se eu fizer, numa mesma casa, dois shows, serei paga pelos dois. Mas, normalmente, numa casa só se faz um ou dois shows, no máximo. Para ganhar mais, tenho que batalhar em outra casa para conseguir um salário razoável. Em média, eles pagam Cr\$ 150,00 aos melhores artistas, ou seja: aqueles que, como eu, dançam e representam. Isso, no caso das mulheres, pois os homens ganham mais, pois são contratados como atores. As mulheres nos shows, apesar de representarem, não são consideradas atrizes. Eu sou registrada e sindicalizada como atriz, mas se pedir um contrato como atriz, não trabalho. As vezes eles dão contrato como bailarinas, mas, normalmente, não tem contrato, carteira assinada, nada. Só um recibo, batido à máquina, dado pelos donos da casa".

P - Quantos shows você faz e quantas horas trabalha por noite?
R - "Três shows, por noite, que duram uma hora e meia a duas horas, cada um, numa média de oito, nove horas, por noite. Normalmente vou de dez horas da noite às seis ou sete da manhã".

P - Que função exerce nos shows? Como é a direção do espetáculo?
R - "Dançarina e atriz, mas chamam de "bailarina", "giri", "garotas de

show", "meninas que falam", nunca me reconhecem como atriz. Temos um diretor, um coreógrafo e o autor. Ensalamos de vinte a trinta dias, mas esses ensaios nunca são pagos".

P - Você frequentou alguma escola? Como foi seu aprendizado?
R - "Frequentei escola de dança e escola de teatro. Dança, eu fiz na Academia Eugênia Feodorova, com o Rodrigo Rosedá e afro-brasileiro, na Casa do Estudante, com Debret. Teatro, fiz o curso do Paschoal Carlos Magno e o do Jayme Barcelos, de formação de ator".

P - Como é a relação com a produção dos espetáculos?
R - "Normalmente são boas, tanto no plano pessoal quanto no profissional. Agora, a produção só nos dá a roupa e o material de cena. Maquiagem, meias, sapatos são considerados objetos de uso pessoal e ficam por nossa conta, sai de nosso bolso".

P - Você conhece a Lei 6.533? Qual a sua relação com o sindicato?
R - "Bem, eu conheço a Lei porque sempre me interessei estar por dentro da minha profissão, mas a maioria não conhece e nem são sindicalizados. Eu sou sindicalizada, estou sempre acompanhando as atividades do sindicato, participo das assembleias, assisto às reuniões da Comissão de Cinema, pois isso é importante para mim não só pelo conhecimento do pessoal, como para estar a par de tudo, como profissional".

P - Já pensou em fazer teatro, cinema, televisão? Faz outros bicos para ajudar?
R - "Eu já fiz. Programas humorísticos, pontas em novelas e seriados, peças infantis e adultas. Filmes como "O Coronel e o Lobisomem", "Tinha bububú no bobobó". Isso aí são os bicos, porque o que me segura mesmo são os shows noturnos".

P - Artisticamente, como você encara esse tipo de trabalho?
R - "Difícil. Acho muito difícil e mal remunerado. Difícil porque a gente não tem condições de fazer um bom trabalho. Trabalhamos num palco, tipo pista, a trinta centímetros do cliente, que ficam sentados ao redor. Num camarim que cabem duas pessoas, ficam oito, sem o mínimo de conforto, sem uma cadeira sequer, para sentar. E isso, a noite inteira. Mal remunerado porque trabalho a noite inteira para ganhar Cr\$ 500,00. E eu sou uma das que ganham mais".

P - Você tem algum recado para os companheiros do setor de shows e variedades?
R - "O recado é que elas tomem mais consciência do que estão fazendo e do que está acontecendo a elas para melhorarem as suas condições de trabalho".

A entrevistada prefere não se identificar por temer represálias dos donos da noite.

O Falso Brillante

Faço shows há cinco anos. Fui chamado por um amigo que, gostou do meu tipo de trabalho. Ganho uma média de Cr\$ 200,00 por show. O pagamento é feito na base do toma-lá-dá-cá. Não tenho contrato, nota contratual e muito menos carteira assinada. Na que eu ganho não entra INPS, FGTS, férias, 13.º, nada disso, nem o famoso "caia a boca". Quero deixar claro que existem casas que assinam cartelas, mas nunca pelo valor real que o artista ganha. Por exemplo: o artista ganha Cr\$ 10.000,00 e na cartela é registrado Cr\$ 3.000,00. Com três shows por noite, trabalho oito horas por noite.

Fiz curso de teatro no YETU, pelo SNT, depois caí na vida, no começo,

em teatro infantil. Depois fiz comédia, viajei o Brasil inteiro. Foi o aprendizado. O resto fica pela disposição de lutar pela sobrevivência.

Conheço a lei que regulamentou a profissão. A Lei diz que o artista é obrigado a dar oito espetáculos semanais. Qual é a casa noturna que cumpre isso?

Nos trabalhos, de segunda a segunda, sem folga. Temos várias pessoas trabalhando sem ter, pelo menos, conhecimento de teatro, sem nem saber o que é sindicato nem tampouco que existe uma Lei. Posso citar um exemplo, a moda que está imperando em quase todas as casas: shows sexuais feitos por pessoas que não são profissionais, sem um mínimo de arte. Agora, eu pergunto: se a moda

pega, de que viverão os profissionais de shows? Valerá a pena ser sindicalizado?

Eu sou sindicalizado, me interesso pelas atividades do sindicato e só não participo das assembleias porque são realizadas no meu horário de trabalho. Eu acho que a luta do sindicato, apesar de grande, está sendo em vão devido aos próprios profissionais que não estão ajudando, por medo, sei lá, de ficarem desempregados, não conseguirem trabalho por estarem denunciando a exploração de que são vítimas.

O artista noturno nem tem como provar que é um trabalhador. Comigo aconteceu um fato que vem provar a realidade dessa afirmação. Na saída de uma

noite para outra, onde realizaria um outro trabalho, fui abordado pela polícia e não pude provar que era um trabalhador. Se eu não fosse um ator, teria ido em casa pois como iria provar, com documentos, que trabalho e deste trabalho sobrevivo? E isso aí.

Para acabar com essa situação acho que seria necessário uma união efetiva de todos os profissionais da noite, no sindicato, para que possamos cobrar do Ministério do Trabalho, uma fiscalização rigorosa no setor, para que, enfim, possamos ser vistos como trabalhadores como quaisquer outros que tenham sua profissão reconhecida."

56



Foi em Quebrângulo, Estado de Alagoas onde nasceu Graciliano Ramos de Oliveira, em outubro de 1892. Quebrângulo, Viçosa, Palmeira dos Índios, Bulque, no Estado vizinho de Pernambuco e na capital do Estado, Maceió, o traço desta geografia agreste por vezes infiltrada do horror das secas, do banditismo, as miseráveis e famintas populações, o drama político centralizado na disputa de melhores condições para a região nordestina, o esforço pela aprendizagem da vida com suas formas requintadas de repressão e o homem sensível reagindo dentro dela, insuflando-se de tal forma que encontra o meio cabível de denunciar o esmagamento, o obscuro, o que reduz mesquinhamente a impasses desmoralizantes, a hombridade de caráter são alguns passos que conduzem ao entendimento do fenômeno ficcional do escritor Graciliano Ramos.

Nela, a realidade é o dado maior, o doloroso cotidiano dos seres esmagados, animais terra e homens jungidos a um destino injusto, sem que deslize a natureza do humano, o destroço de sentimentos tão arraigados que levam o espectador de suas narrativas povoadas de seres humildes e brutais dominadores, ao entendimento pleno, nunca à compaixão, mas à revolta contra o rude processo do injusto. O escritor assumindo o seguimento, o destino daquelas vidas engendradas na sua genial concepção de arte literária, nada acrescenta além dos tons que transfiguram aquelas vidas habitadas com a injustiça, sem artifício, rebuscamentos,

mas de tão contidas, rigorosamente elaboradas no plano artístico, sem dissimulações, levam o conhecedor da arte literária e ao leitor comum, um quadro que disputa frase por frase uma obstinada linguagem da perfeição do poético, da contenção de arroubos estilísticos e o seu conceito reflexionador da realidade, transborda de uma solene e definitiva investida na natureza dos seres.

O escritor que exaure o peso das palavras até o esvaziamento da emoção. Enxuto, conciso, há instantes de tamanha clareza de sua

linguagem que perseguem imagens aterradoras por semanas seguintes em seus leitores.

Os romances, as memórias, os contos, são matéria legítima de um criador acima do comum, dotado de excepcional contextura literária, relatos de experiências próprias e ficcionais que desencadeiam na literatura brasileira um processo de cruz agudeza de análise, de investidas poéticas a nível de transportar universos que se distanciam aparentemente a um lugar comum onde se purgam sofrimentos e até a com-

preensão de antagonismos individuais se estabelecem.

Ele mesmo no presídio, levado ao carcere por suas ideias regeneradoras da sociedade, o humano Graciliano de aparente sisudez, não elabora odientamente a sua narrativa de infortúnios, mas transporta o universo carregado da perversa situação da cadeia, do prisioneiro humilhado ao entendimento de absurda manobra, um aparelho degenerado que conduz ao esfacelamento, à quebra da dignidade humana. Os seus contos são quase síntese da obra romanesca. Povoam a alta criação de Graciliano

Ramos um quadro de vida, uma densidade de personagens nunca esquemáticos, nem automáticos, mas regados de uma aflição intensa por cobrar da vida os mais legítimos anseios existenciais e políticos.

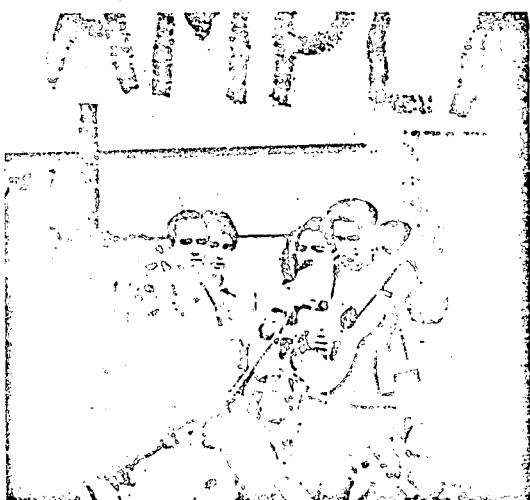
Soube refletir a sociedade brasileira dos arruados infelizes, de pequenas cidades monótonas e sem alternativas, veio até a cidade maior, o Rio de Janeiro, e traçou um círculo que levanta a memória do homem sofrido do Brasil desde os roçados agrestes ao suarento ramerrão da grande cidade.

Para o filme que se propõe a combater uma crise nos vários planos da realização cinematográfica, principalmente o desemprego dos trabalhadores cinematográficos, encontramos no conteúdo deste verídico e substancial processo literário que apareceu em nossa literatura, o mestre Graça, tão modesto e reservado, digno a tal ponto de nunca cortejar os poderosos, o homem profundamente ético, o criador de uma literatura que engrandecesse todo o povo brasileiro, literatura que tem a força da terra e do povo, que esfacela enigmas e dá confiança no futuro, satisfazendo nossos anseios. Os outros escolhidos são quatro. Estão incluídos na coletânea impressa com o título de "Insônia". A prisão de J. Carmo Gomes, da responsabilidade de Lutz Paulino, Clúmes, com Ronaldo Graça, Um Ladrão, a cargo de Nelson Pereira dos Santos. E me oferecem esta oportunidade feliz, o conto Dols Dados, fica comigo. Graciliano convocado para o debate na solução da crise. (Emmanuel Cavalcanti)

“GRACILIANO CONVOCADO PARA O DEBATE”

57

Anistia Que é isto?



Houve tempo que eu proclamava ser o nosso Brasil um país surrealista, tal o poder criador de nosso Inconsciente Coletivo que, superando a própria ignorância chegou, em determinado momento, quase a se liberar das forças repressoras, adquirindo consciência desse poder obscurecido pelo sufoco de outros maiores. Mas a euforia libertária ultrapassou os limites da prudência indispensável aos mais fracos na corrida armamentista, alertando a parte do mundo acostumada a dominar pela força das armas e... foi aquilo que se viu.

Dai... o universo surrealista se viu derrubado por um mesquinho mundo fonésquiano dominado por rinocerontes e outros bichos assassinos de mentes e corpos. Mas, 15 anos passados, também de repente o povo começou a olhar mais fixamente para o cenário que o cercava e retomou a tomada de consciência ainda não amadurecida e, por isso mesmo, perdida. Viu que o espetáculo do teatro do absurdo que o dominava, já estava fora de moda, consequentemente sem o apoio externo indispensável. E veio para as ruas enfrentar a

falsa realidade que o sufocara durante quinze anos. Mas as armas ainda não haviam se recolhido aos quartéis como manda o figurino das democracias. E o povo ainda está confuso, se perguntando mil coisas ainda obscurecidas por tantos anos de escuridão, ainda necessitando ser esclarecidas, como por exemplo:

Anistia, do latim amnestia, é esquecimento. Uma espécie de amnésia consciente ou ato de arquivar a memória de fatos que interromperam a marcha natural da história durante determinada fase repressiva. Mas então a anistia deveria ser dada pelo povo e não pelo Governo que, sem nosso apoio, sem o apoio do voto livre, se apropriou do poder, matando e turvando jovens de todas as categorias sociais que se atreviam a protestar em nome desses mesmos direitos humanos pelos quais os generais no poder haviam lutado na última guerra inútil. Confuso, não? Mas estou escrevendo para gente habituada a este espetáculo confuso que todos representamos (já que viver de verdade ninguém, nem o poder, viveu) nestes quinze anos.

É por causa do absurdo e da confusão em que vivemos

que foi dada a luz pelo ventre dominante. Não pela Anistia ampla, geral e irrestrita pela qual o povo vem lutando mas uma espécie manca e desmiolada de anistia parcial. Ou será manca e desmiolada esta paz sem pé nem cabeça que o Governo oferece como cortina de fumaça para que a parte ainda não consciente da população pende que "a liberdade abriu as asas sobre nós"? Será que o próprio Governo acredita que se possa dormir em paz (o poder em berço esplêndido e o povo nos lamaçais) enquanto não houver mais justiça social na qual a Anistia ampla, geral e irrestrita, sem novos rastros de sangue, é a bandeira maior, a par e passo com o fim da miséria ou, pelo menos, o começo do fim?

Penso que essa nova peça do absurdo, que está começando quando este tipo de teatro já está gagá, deveria ser exibida sem censura, como debate livre para menores de 100 anos, pois só aquele Comendador do Chico Anísio será capaz de entendê-la. Ou talvez a Salomé possa explicar aos generais que de 32 para cá muitas águas correram mas muitas crianças continuam órfãs de pais vivos, cujo crime foi lutar por um Governo legalmente eleito.

Como signatários da Carta de Gragoatá, referendada por aclamação em assembléia do nosso Sindicato, e, portanto, comprometidos com a política de unidade sindical, aprovada unanimemente pelo Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais, em Niterói, repudiamos a repressão que se abateu sobre os companheiros das diretorias do Sindicato dos Bancários e do Centro Estadual dos Professores, através das prisões e outros atos de violência.

O Ato Público programado pela Unidade Sindical do Rio de Janeiro e que seria realizado em recinto fechado, no Sindicato dos Metalúrgicos, foi arbitrariamente impedido pela polícia, obedecendo à determinação do Delegado Regional do Trabalho.

A Unidade Sindical, ao lado das entidades que lutam, neste momento, pelas liberdades democráticas, realizará um outro Ato Público na quarta-feira, dia 24 na Cinelândia, às 17 horas.

Pelo fim da intervenção nos sindicatos bancários do Rio e de Porto Alegre! Pelo fim da intervenção no CEP!

Pelo fim da política de arrocho salarial!

SATED — Rio

Arcozelo: O Trabalhador Retoma seu Espaço

O lante da necessidade de analisar e refletir sobre a realidade das Artes Cênicas no país, de traçar caminhos a nível nacional e, finalmente, se posicionar diante da absorção do Serviço Nacional de Teatro pela FUNARTE, dezessete entidades de classe se reuniram durante quatro dias na cidade de Arcozelo — de Paschoal Carlos Magno — e debateram longamente sobre um roteiro previamente estabelecido pelas próprias entidades de classe.

Artistas — amadores e profissionais — autores, técnicos, críticos e produtores do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco discutiram e aprofundaram as peculiaridades e os problemas que atinge aos vários setores das Artes Cênicas no país, com base nos seguintes itens: 1) Dramaturgia Brasileira; 2) Produção; 3) Mercado de Trabalho; 4) Espaço Nacional e Espaços Regionais da Cena Brasileira; 5) Política Nacional de Produção, Apoio e Estímulo à Atividade Cênica no Brasil.

O Seminário foi organizado pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos do Rio de Janeiro e cada entidade participou com cinco delegados: Beth Mendes, Matia Esmeralda, Walmor Chagas (que impossibilitado de comparecer foi substituído por Labanca), Fernando

Pamplona e Luiza Barreto Leite, tendo como suplentes Ronaldo Graça e Ada Chasselov, além da presidente Vanda Lacerda. O que se segue é apenas um resumo extremamente sucinto do que foi estudado e aprovado em Arcozelo, pois o documento final, organizado pela Comissão Executiva Nacional, eleita para este fim no último dia do encontro, é composto por mais de cinquenta páginas editado pelo SATED — Rio e à disposição dos interessados, na sede do Sindicato.

A Comissão 1 do Seminário analisou longamente os prejuízos que a dramaturgia brasileira sofreu nos últimos anos pela presença sempre constante da censura, propondo medidas de caráter jurídico e político tais como ingressar na justiça com mandados de segurança, lutar pela revogação de toda legislação que restringe não só o poder de criação, mas também a livre expressão e manifestação. Criação da CCPILE — Comissão Permanente de Luta pela Liberdade de Expressão em cada Estado. Aprovou, também, a realização de Seminários práticos e teóricos, concursos de peças teatrais em âmbito regional, edição e divulgação de textos teatrais de autores locais. Recomendou a criação de bancos de peças e ampliação, dinamização e divulgação do Projeto Memória, criado pelo SNT.

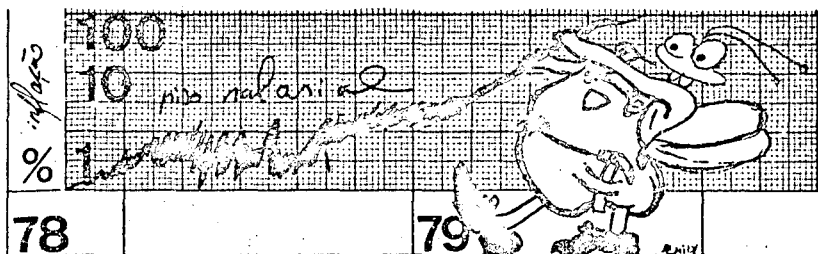
A Comissão 2 estabeleceu as relações de produção existentes nas montagens brasileiras, definindo três situações básicas que nortearam todo o trabalho: Relações Empresariais, Grupo Mutirão ou Livre Associação, Grupo Amador. A Comissão procurou fazer um diagnóstico da situação dessas relações, discutindo propostas de ação e estabelecendo seis objetivos básicos a serem conquistados: 1) Aumentar o Mercado de Trabalho; 2) Incentivar a Produção Experimental; 3) Incentivar a Dramaturgia Nacional; 4) Incentivar a Criação e a Produção Regional por todos os meios de comunicação; 5) Resolver os problemas de subvenção para todos os tipos de produção; 6) Popularizar as Artes Cênicas.

A Comissão 3 encaminhou sugestão no sentido de se fazer um levantamento completo e estatístico da mão-de-obra disponível, bem como de oferta de trabalho. Também para se fazer o tabelamento do salário mínimo (piso salarial) de acordo com as diferenças regionais. Propôs a luta pela criação e cumprimento de leis que pressionem as empresas ou órgãos governamentais no sentido de contratação obrigatória de mão-de-obra regional, num mínimo de 30% da programação das emissoras de TV.

A Comissão 4 aprovou proposta no sentido da criação ou fortalecimento das entidades de classe das várias regiões, dado que as melhorias das condições de trabalho e o respeito aos direitos trabalhistas dependem, fundamentalmente, de sua força sindical e do grau de mobilização da categoria. O desencadeamento de movimentos de politização da categoria — mesmo do Rio e São Paulo — sobre o real significado do trabalho desempenhado nas Artes Cênicas. A formação de grupos de estudo permanentes, filiados às entidades representativas da categoria, objetivando o aprofundamento da problemática da Arte Cênica na televisão. Criação de auxílios ou bolsas que propiciem a todo artista e técnico, independente de seu nível de formação, ajuda necessária.

A Comissão 5 firmou posição pela criação da Fundação Nacional das Artes Cênicas como órgão substitutivo para o SNT, fixando que o mais importante desta decisão não é, apenas, a criação da instituição, mas sim a consciência clara de que esta ou qualquer outra solução só representará uma nova conquista se estiver garantida a representatividade de classe e sua participação efetiva na condução do novo organismo.

57a



Quem não chora, não mama.

Em 1º de maio de 1943 todos os trabalhadores conquistaram o salário mínimo, ou seja, é a quantia mínima paga ao trabalhador, sem distinção de sexo, por dia (ou por mês) de serviço capaz de satisfazer as suas necessidades normais de alimentação, vestuário, habitação, higiene e transporte. E veja bem, já lá se vão 36 anos.

Nós, os trabalhadores em espetáculos de diversões, lutamos por quase 50 anos para que reconhecessem uma atividade que é tão velha quanto a própria humanidade. A partir de 24 de maio de 1978 deixamos de ser "biónicos" perante a Lei. Mas a Lei não estava completa. Era apenas parte das conquistas de nossas necessidades. Para que um

profissional — seja ele de circo, cinema, teatro, televisão, dança, shows ou variedades — possa também comer, pagar aluguel, etc. deve conquistar também o seu salário mínimo profissional.

Os técnicos de cinema e laboratórios cinematográficos estabeleceram sua tabela em Assembléia Geral e está em fase de negociação a assinatura de um acordo com os patrões numa Convenção Coletiva de Trabalho, como diz na bíblia do trabalhador, a CLT.

E as demais áreas (teatro, dança, televisão, circo, shows e variedades) dependem exclusivamente de seu esforço em atuar junto com o sindicato, através de sua Comissão.

Vamos lá. Lute pelo que você merece e tem direito de receber pelo seu trabalho!!!

O Sindicato, hoje, está forte, lutando contra tudo contra tudo e contra todos, para que tenhamos o lugar ao sol a que temos direito. Precisamos de união, e isso a atual Diretoria está conseguindo (Oswaldo Lousada, ator).

A fase que o país atravessa impõe a Sindicatos com o nosso que se posicionem firmemente em relação às reivindicações, à vida cultural, contra as limitações da censura e sobre as questões políticas mais importantes. Tenho a impressão de que o nosso Sindicato, agora, mais do que nunca, responderá às aspirações de seus associados (Marcos Flaksman, cenógrafo).

Reunidos de 2 a 6 de agosto de 1979 em Gragoatá, Niterói, no Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais, representantes de trabalhadores do campo e da cidade de todas as regiões do país expressam, após amplos debates sobre a situação político-institucional econômica do país, o compromisso de luta pela conquista da democracia, inseparável da resolução dos problemas que afetam a vida sindical. Entendem, por essa razão, que é essencial para os trabalhadores a plena e integral restauração das liberdades democráticas — de imprensa, de expressão, de livre associação e organização partidária — assegurando-se a cada brasileiro o direito de escolher os governantes.

Mas, para que a democratização realmente se efetive, consideram indispensável que os canais de participação política sejam abertos aos trabalhadores — de tal maneira que possam exercer a liberdade e autonomia sindicais, o direito de greve e a estabilidade no emprego, convertidos em princípios constituintes que venham a ser aprovados em Assembléia Nacional Constituinte, livremente eleita e soberana.

Embora tenha sido determinada em grande parte pela ação dos movimentos grevistas, que romperam as barreiras legais à autêntica atividade sindical, a "abertura" com que acena o Governo procura reduzir os

A Carta de Gragoatá

O 1º Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais, que reuniu mais de 300 representantes da classe trabalhadora do campo e da cidade, entre os dias 2 e 6 de agosto, em Gragoatá, Niterói, representou um marco dos mais importantes na luta pela conquista da liberdade e da autonomia sindicais, pela criação de uma Central única dos Trabalhadores, pela anistia ampla, geral e irrestrita e pela plena liberdade de organização partidária.

CENA ABERTA, reconhecendo a importância do documento aprovado pela unanimidade dos presentes na sessão final do Encontro publica-o na íntegra.

trabalhadores à condição de meros espectadores do entendimento entre as elites, que pretendem assim modelar as transformações políticas segundo seus interesses.

As manobras de marginalização da classe trabalhadora se evidenciam claramente no anteprojeto de reforma da Consolidação da Lei do Trabalho, que reproduz a filosofia corporativista da legislação vigente, com o que se pretende perpetuar a subordinação dos Sindicatos ao Estado.

Ao repudiar o anteprojeto da CLT, exortamos os assa-

riados das diversas categorias para que, através da sindicalização e da organização nos locais de trabalho, fortaleçam os Sindicatos que, no processo de luta pela conquista da autonomia e liberdade sindicais, deverão ser coordenados por uma Central Única de Trabalhadores.

Pressionado pelo povo brasileiro, o governo é forçado a recuar, enviando ao Congresso Nacional um Projeto de anistia que, embora sendo parcial e restrito, é resultado do avanço das forças democráticas e populares. E devolve a cidadania política

a centenas de brasileiros. Mais uma vez, porém, a ação governamental discriminária social e politicamente, pondo à margem dos benefícios da anistia milhares de trabalhadores afastados dos empregos pela brutal repressão que se abateu, nos últimos 15 anos sobre a classe operária. Comprometidos com a luta por anistia geral, ampla e irrestrita, que liberte todos os presos políticos e restitua às suas ocupações todo e qualquer brasileiro afastado por motivos políticos, esperam os representantes dos trabalhadores do campo e da cidade que o Congresso Nacional saiba refletir na discussão e votação do projeto do Governo o que seja o conjunto da sociedade brasileira: desmantelamento dos aparelhos de repressão, revogação nas leis e medidas de exceção. Em suma, a abolição do regime de exceção em todos os planos.

Com base no princípio de plena liberdade de organização de partidos políticos, inerente ao regime democrático, defendem o pluralismo político. Por conseguinte, denunciam e se opõem firmemente às tentativas de extinção dos atuais partidos por ato de força governamental, qualquer que seja o pretexto utilizado para esse fim. A liberdade de organização partidária por, que lutam deve assegurar aos trabalhadores, assim como as demais forças e classes sociais, o direito de se expressarem através de partidos.

Ao condenar o "modelo econômico", alertam para o risco de que a política de "economia de guerra" venha, na realidade, a representar, a pretexto de combater a inflação, um instrumento de sustentação da política de arrocho salarial — resguardando, no entanto, os lucros dos oligopólios nacionais e estrangeiros.

Para enfrentar tal situação, devemos começar, desde já, em todos os locais de trabalho, uma ampla campanha de mobilização e conscientização política sobre os significados sociais da estratégia de recessão econômica, de modo que estejam preparados, se necessário, a recorrer à greve geral.

Entendem os representantes dos trabalhadores do campo e da cidade, de todas as regiões do país, que o efetivo combate à inflação repousa na recuperação da economia fundada num programa de gastos em habitação popular, transportes coletivos e urbanos, educação, saúde, lazer e saneamento básico. Para isso, torna-se indispensável a promoção das reformas financeira e tributária.

Sustentam também que a dinamização da agricultura, com justiça social, só será efetiva com a promoção da reforma agrária.

Pelo progresso e bem estar do povo brasileiro.

Pela Unidade de todos os trabalhadores.

Gragoatá, 6 de agosto de 1979.

PT 1036-126

ENTREVISTA
COM
LELIA ABRAMO

Unidade ou desagregação

P — Como você vê a atuação conjunta dos Sindicatos de Artistas e Técnicos do Rio e São Paulo?

R — Acho que é uma necessidade da categoria para uma luta em comum. Isto só é possível dentro de uma unidade de pontos de vista com objetivos idênticos, embora considerando pequenas diferenças, peculiaridades regionais. Em dados momentos pode haver uma repercussão maior no Rio ou São Paulo. Por exemplo: no Rio, se houver uma campanha para o fundo de greve, haverá uma contribuição mais substancial. Ao passo que em São Paulo, ela pode ser igualmente eficaz, mas menos visível.

R — Todos nós temos responsabilidade com os nossos representados. A Intersindical é importante porque estará sempre subordinada aos interesses da categoria a nível nacional. Ela é a prova e testemunho da coincidência de nossos objetivos, reivindicações, e de nossos propósitos e formas de luta para atingi-los a nível nacional. Ela é necessária para que estejamos unidos, discutindo questões que abranjam soluções a nível nacional da nossa categoria. Mas se a Intersindical, eventualmente, pretendesse se tornar um órgão dos Sindicatos e Associações de classe, mesmo se, na sua essência, ela pudesse se transformar num organismo paralelo, então sua existência não seria mais justificada. No fundo, ela apenas tem que funcionar como um Conselho Deliberativo e Consultivo, mas espelhando sempre, em todas as situações, o interesse da maioria. Foi constituída

justamente, para tomar atitudes urgentes que são necessárias nos momentos de crise.

P — O que representa a Intersindical de Artistas e Técnicos, formada durante o primeiro Seminário Baiano?

P — O que significou o Ato Público — do qual você participou — realizado no Rio de Janeiro, no sentido de resguardar conquistas da Lei 6.533?

R — Eu acho que foi importantíssimo. De uma maneira muito eficaz o público pôde tomar conhecimento de que as promessas feitas pelo governo em época de eleição não foram efetivamente cumpridas, pois não foram fornecidos aos Sindicatos os meios eficientes para aplicar a Lei. O Ato Público foi não apenas a denúncia de uma situação real, desmascarando o engodo em que a classe foi arrastada. Ele também serviu de denúncia política, demonstrando uma relação de forças desequilibrada: a fraqueza da categoria frente à força das empresas, que contam com a omissão do governo para desrespeitarem a Lei. Pela primeira vez foi levada a público uma contradição surgida em virtude de equívocos criados na formulação de artigos da Lei. O importante é que a luta afastou qualquer possibilidade de desunião, conflito ou desagregação de nossas categorias (artistas, técnicos, radialistas). Mais do que nunca estamos dispostos a manter essa união, pois as categorias sabem onde está o seu adversário.

P — O que pode representar para os dois Sindicatos, de Artistas e Técnicos, e o do Radialistas, o conflito existente entre as duas leis?

R — O conflito existente poderia apresentar o perigo de uma divisão que só interessaria às empresas. Essa eventualidade sempre foi a nossa maior preocupação, pois foi sempre nosso objetivo um entendimento total com os radialistas, para que as nossas lutas não se transformassem em motivos de desavenças.

P — O que os Sindicatos podem fazer para que as DRTs fiscalizem o cumprimento da Lei no que diz respeito aos registros profissionais?

R — Se o governo criou essa lei para regulamentar a profissão, somente a comprovação da capacitação profissional é que pode permitir o registro para o exercício da profissão. Caso contrário, o próprio Ministério do Trabalho estará fraudando a Lei. De nada adiantaria aos Sindicatos exigir documentos e comprovações, necessárias ao exercício da profissão, se o Ministério do Trabalho concedesse, sem nenhum documento comprovatório, o registro. O que os Sindicatos poderiam solicitar do governo seria um maior número de funcionários para fiscalização nas DRTs, a fim de que essa averiguação fosse possível.

P — Como presidente de um Sindicato, como você vê o atual movimento sindicalista brasileiro?

R — Está dentro de um processo cujos líderes tem que ter a consciência da importância histórica desse momento, dirigindo os trabalhadores para os seus destinos, sem divisionismo, sem conflitos internos, para que os trabalhadores mais uma vez não sirvam de massa de manobra para os politiquinhos e oportunistas.

O Que é que a Bahia Tem? Tem Técnico e Artista Também!

Desde a época da regulamentação, o nosso Sindicato de Artistas e Técnicos busca uma aproximação com os companheiros de outros Estados visando dar uma unidade às nossas reivindicações. Temos procurado contribuir com nossa experiência na busca da compreensão dos problemas regionais, evitando, assim, desequilíbrio e desigualdade entre nós, trabalhadores em espetáculos de diversão.

Também temos procurado incentivar os companheiros a se organizarem em Associações Profissionais e auxiliado a transformar as Associações existentes, em sindicatos, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo.

Por esses motivos, o Sindicato foi convidado a participar do I.º Seminário de Artistas e Técnicos Baianos, de 20 a 23 de julho de 1979, promovido pela APATEDEBA (Associação Profissional de Artistas e Técnicos em Espetáculos do Estado da Bahia).

Participaram como nossos representantes: Vanda Lacerda (presidente), Norma Dumar (atriz), Cecília Loyola (atriz), Tânia Pacheco (diretora), Jorge Monclar (técnico de cinema), Raimundo Teixeira Mendes (advogado do nosso sindicato).

Durante três dias, em horário integral, debateram os assuntos de produção no mercado baiano, a Lei 6.533/79, o piso salarial e o relacionamento dos profissionais das artes com as entidades culturais estrangeiras, com o setor privado e com o Poder Público.

Compareceram, também, o Sindicato dos Artistas e Técnicos de São Paulo, as associações profissionais de Artistas e técnicos do Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco e a ASA.

O temário do Seminário, para estudos, foi dividido em comissões que pela manhã debateram os assuntos e à tarde, no plenário, com a presença de toda a categoria, prestaram esclarecimentos, colheram colaborações e realizaram votações para formar um documento único a ser divulgado pela imprensa e encaminhado aos órgãos públicos servindo, assim, de plataforma de ação da entidade. Organizaram-se Comissões de

Dança, Teatro, Circo, Cinema e Executiva Nacional.

A Comissão Executiva Nacional, formada por ocasião do I.º Encontro Nacional de Artistas e Técnicos (no Circo Garcia) era composta pelos Sindicatos dos Artistas e Técnicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, além das Associações Profissionais dos Artistas e Técnicos da Bahia, de Minas Gerais, de Pernambuco, do Rio Grande do Sul e a ASA.

Tendo cumprido sua missão por ocasião da regulamentação da Lei 6.533, a Executiva Nacional estava inoperante há quase um ano. Reunida paralelamente ao Seminário, foi dissolvida por unanimidade de votos, criando-se, a seguir, a Inter-sindical em Espetáculos de Diversões. Desta entidade somente fazem parte as Associações Profissionais devidamente credenciadas e registradas na forma da Lei e Sindicatos de classe, o que além de evitar desenvolvimento e interferências de entidades paralelas, reforça os órgãos de classe em sua luta e representatividade junto às bases.

A Comissão de Dança aprovou:

a) Criação de um circuito regional e nacional de dança;

b) Criação de um núcleo de dança vinculado à APATEDEBA;

c) Criação de um corpo de baile do Teatro Castro Alves (com verba captada do Imposto de Renda e não subdividindo as verbas atuais existentes). Este corpo será administrado por um órgão colegiado composto por três representantes da APATEDEBA (clássico, folclórico e contemporâneo), um da área federal e um da administração do Teatro Castro Alves e/ou do Serviço Nacional de Teatro (SNT);

d) Promoção de cursos de reciclagem e formação profissional;

e) Criação de um espaço cênico de dança;

f) Volta às atividades (em caráter profissional) do Corpo de Baile da Universidade da Bahia.

A Comissão de Cinema aprovou:

a) Efetivação do Pólo Cinematográfico da Bahia, no momento, apoiando exclusivamente a produção de filmes de Curta-Metragem

destinados à comercialização;

b) Incorporação do "Cine Guarani" (administrado pela Embrafilme) ao Pólo Cinematográfico;

c) Cursos de reciclagem e formação profissional;

d) Criação de uma Cooperativa de Técnicos de Cinema;

e) Transformação da atual Delegacia da Embrafilme em Superintendência, a exemplo de São Paulo, com poder de decisão local;

f) Elaboração de uma Tabela de Preços baseada nas sugestões do Rio (adaptada à realidade baiana);

A Comissão de Circo aprovou:

a) Criação de uma escola de circo na Bahia;

b) Local fixo na cidade de Salvador, com sanitários e casa de força, para instalação de circos;

d) Defesa da Lei nº 6.533/79 nas agências e produtoras comerciais;

d) Criação de facilidades dos impostos para os circos.

A Comissão de Teatro aprovou:

a) Estudo de piso salarial;

b) Participação da APATEDEBA nas discussões e projetos culturais oficiais, verbas de subvenção.

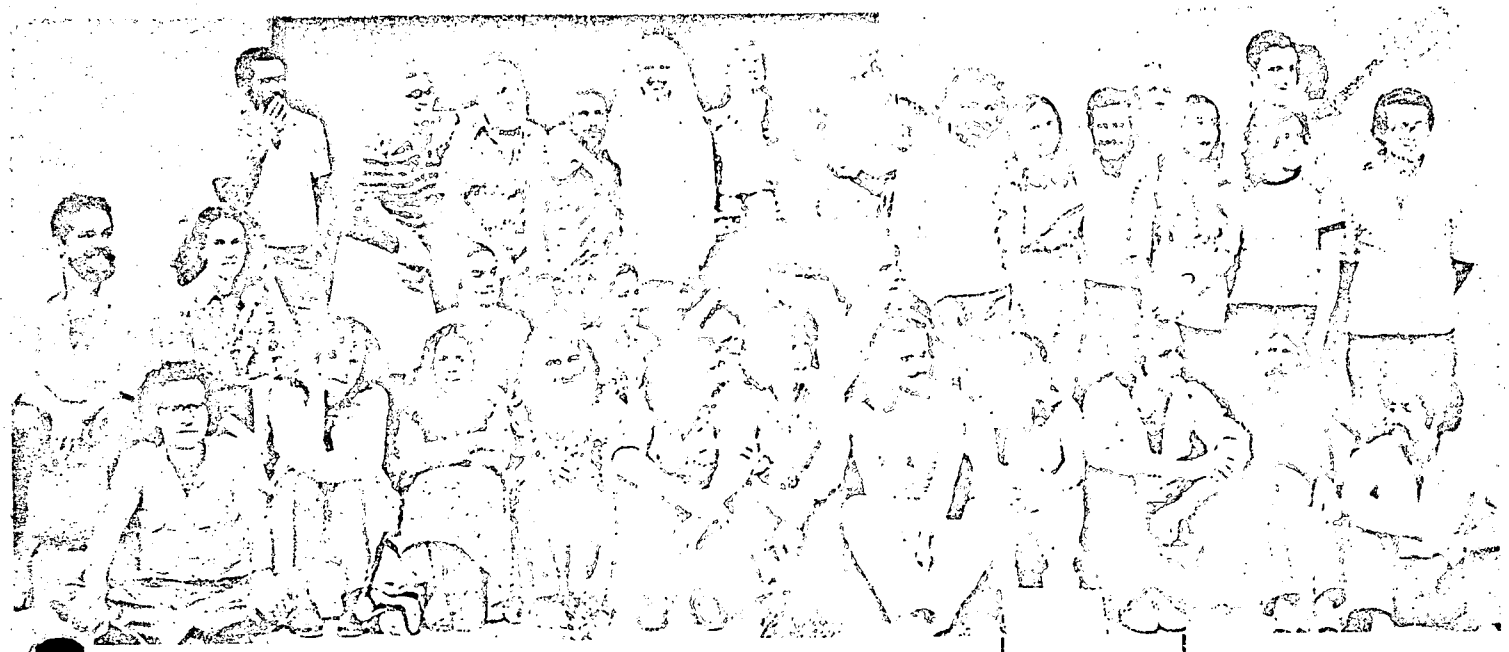
c) Defesa da Lei nº 6.533/79 nas agências e produtoras de comerciais;

d) Conquista de espaços para o teatro

No encerramento, foi eleita uma comissão local para auxiliar a APATEDEBA na efetivação do programa levantado.

O que nos pareceu importante neste encontro foi o fortalecimento regional da classe e o embrião de um Sindicato que em dezembro deverá se efetivar.

A diretoria do nosso Sindicato recebeu dos colegas baianos uma imagem de seus problemas e pode sentir, na prática, a importância de nossa união na busca de soluções dos problemas dos trabalhadores das Artes Cênicas. Esperamos que também aqui no Rio de Janeiro possamos, cada vez mais, nos aproximar para juntos alcançarmos nosso objetivo. Você é o Sindicato. Ocupe seu espaço nesta cena trabalhando com os seus companheiros.



A opção era a resistência coletiva

CENA ABERTA — Você recebeu muitas visitas de artistas nos últimos tempos?

JIMI — Alguns artistas mais ligados a mim, como Lucélia Santos, a Betina Viany, Marcos Alvizi, me visitaram permanentemente. Após o início da luta pela Anistia, outros, por intermédio desses, passaram também a nos visitar, como Ney Latorraca, Osmar Prado e a Vanda, como representante do Sindicato, assumiu a luta da classe também pela anistia e passou a nos dar uma assistência permanente em todos os níveis. Por ocasião da

nossa greve de fome, em protesto ao projeto parcial da Anistia enviado ao Congresso, os artistas compareceram em massa, em caravanas, ao presídio em solidariedade à nossa luta. Estiveram lá entre outros, Francisco Cuoco, Renata Sorrah, Mário Lago, Dina Sfat, Paulo José, Edwin Luisi, Regina Viana, Stela de Freitas, Hugo Carvana, Elke Maravilha, Zezé Mota, Denise Bandeira, Denis Carvalho, Marília Pera, Elizabeth Savalilha, Marcelo Picchi, Maria Silvia, Bette Mendes, John Neshilling, José Renato, Stephan Nercessian, Sônia Braga e Claudio, João das Neves, Antonio Pedro, Tassy Callado.

CENA ABERTA — Quanto tempo você ficou preso? Quantos anos tinha quando foi preso?

JIMI — Fui preso em março de 1970, aos 22 anos.

CENA ABERTA — Você já era casado nesta época?

JIMI — Já era casado mas não tinha filhos. Minha mulher foi presa também mas depois de mim. Foi presa em casa. A polícia invadiu procurando minha mulher. Foi levada para o DOI-CODI, na rua Barão de Mesquita. Ela teve várias prisões, a mais longa de dois meses, sempre no DOI-CODI. Após a libertação, ela passou a me visitar. Na Ilha Grande, as visitas eram uma vez por mês, somente duas horas.

CENA ABERTA — Como a cadeia agiu, psicologicamente, sobre você?

JIMI — Na prisão, principalmente nos cinco primeiros anos, a tentativa de aniquilamento físico,

Acho importante a luta pela Anistia ampla, geral e irrestrita continuar.

A experiência me demonstrou que toda a resistência, no campo social, pessoal ou profissional, deve ser levada pelo conjunto das pessoas que estão envolvidas no processo.

psíquico e político, por parte do sistema repressivo implantado no país, foi bastante acentuada. Desta maneira, a única opção que nos restava era a resistência coletiva. Nós sempre nos portamos de maneira coletiva. Ia desde a nossa convivência social numa vida comunitária até os embates propriamente ditos contra a administração carcerária. Porque neste período, a gente teve que brigar por colher para comer (no início davam o prato sem colher, para a gente comer com as mãos), banhos de sol regulares, visitas mais assíduas, acesso à informação (no início era proibido jornal, livro, revista) e o que é pior, a resistência física porque em seguida às provocações, foram inúmeras as tentativas de espancamentos, sempre respaldadas. Essa experiência me demonstrou que toda a resistência, seja no campo social, seja no campo pessoal, profissional, deve ser levada pelo conjunto de pessoas que estão envolvidas no processo. Por isso, acho inclusive, importante no plano profissional o fortalecimento das entidades de classe. Desta forma, no plano psicológico, a prisão representa um desgaste muito grande. Mas aqueles que mantiveram a dignidade durante esse período, conseguiram sair inteiros. Um pouco machucados, mas a solidariedade prestada e a antevisão de uma nova vida, serviram para cicatrizar todas as feridas. Nós saímos da prisão, pelo menos eu, particularmente, com muito mais humildade diante das coisas do mundo, muito mais preocupado em aprender do que apresentar uma proposta definitiva para todas as coisas.

CENA ABERTA — Todos os seus companheiros foram soltos?

JIMI — Absolutamente. No Rio de Janeiro continuavam nove na prisão. No Brasil todo esse número deve chegar a 30. Alguns desses têm possibilidades de serem soltos em pouco tempo. Mas o resto, a depender de sua libertação formal, ficaria na prisão por muitos anos. Por isso, acho importante a luta pela Anistia irrestrita continuar. Porque para nós que saímos de certa forma nos sentimos dilacerados com os companheiros ainda presos. Pois uma parte da gente, de nossa própria vida, ficou com eles. Portanto continuamos "abertos a visita pública, sábados e domingos das 8h às 17hs".

No dia 26 de setembro, à tarde, fomos surpreendidos no Sindicato com a visita do querido companheiro Jimi — Jorge Raimundo Jr. — recém saído da penitenciária Dias Moreira e que, neste momento, assim como seus companheiros, está procurando se integrar profissionalmente. Recepcionado calorosamente na nossa Sede, Jimi é mais um "bom filho que a casa torna". Os Companheiros da Comissão do Jornal aproveitaram para fazer algumas perguntas ao futuro sindicalizado. Bem vindo, Jimi!

sempre continuaram me escrevendo e visitando, e depois que a Vanda assumiu a presidência do Sindicato, ela passou a visitar a mim e a todos os companheiros na Frei Caneca. Sai de lá há dez dias. — **CENA ABERTA** — Você tem alguma mágoa do Sindicato? Poderia ter feito algo por você?

JIMI — Absolutamente. Durante o período negro de 69 à 75 muito pouca coisa poderia ser feita. Estávamos completamente isolados na Ilha Grande e mesmo aqui fora, todos viviam atemorizados pelo sistema de terror político que o Governo manteve nessa época. Ninguém tinha condições, nesse momento, de mobilizar a classe para uma atividade mais ampla de solidariedade. O próprio Sindicato e a classe viveram, nesse período, o marasmo de toda a sociedade. A partir do processo inicial de "abertura", a classe e o Sindicato, na medida do possível, procuraram acompanhar a mobilização para suas próprias lutas em particular e as da sociedade em geral. Nesse âmbito incluiu-se a questão dos presos políticos e da anistia.

CENA ABERTA — O que trouxe você ao Sindicato?

JIMI — Vim me sindicalizar. Fiz assistência de produção antes da militância política e nesse tempo tive ligação com a classe, através de companheiros de profissão que



Confidencial

60

INFORMAÇÃO nº 175/79 - ASI/FUEL

DATA: 21.11.79
 ASSUNTO: JOSINO MORAES JUNIOR
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA: -----
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 ANEXOS: -----Cópia xerox de recorte de jornal-----
 DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -



1.

O nominado ex- vice presidente do Diretório Central de Estudantes da Universidade Mackenzie /SP, no ano de 1.964, militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), posteriormente envolveu-se com o Movimento Subversivo 26 de março (Porto Alegre) e mais tarde ingressou na Aliança Libertadora (AL dissidência da Guanabara).

Procurado pelos órgãos de segurança, fugiu do país, ingressando no Uruguai e posteriormente asilou-se no Chile, onde concluiu o Curso de Engenharia na Universidade Católica de Santiago.

Após a morte de Salvador Allende, juntamente com outros asilados brasileiros seguiu para Europa, obtendo asilo político na Suécia, tendo regressado no Brasil em setembro de 1.978, permanecendo em São Paulo até o início de 1.979.

Em outubro foi constatada sua presença em Londrina, ocasião em que passou a frequentar a sede do DCE/LIVRE mantendo contatos com o grupo Poeira.

1.1

No dia 14 de novembro de 1.979, o jornal Folha de Londrina, página 21, coluna "Qual é a Deles", publicou uma entrevista com o nominado, concedida para um Grupo de Estudantes do Curso de Comunicação da FUEL, ligados ao ME e que fazem estágio no referido jornal.

1.2

Josino Moraes Junior foi condenado pela Auditoria Militar da 2a. Região Militar a pena de 04 anos de prisão, por prática de atividades subversivas, tendo mais tarde conseguido ser absolvido.

1.3

Atualmente pretende radicar-se na região de Londrina, estando a procura de emprego em algum Órgão ou Empresa Estatal.

2.

Confidencial

"segue"

Assessoria de Segurança e Informações
 Publicação de referência
PROTOCOLO
 Nº 1764
 DATA: 26/11/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. P. 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

PT 1035.126

DADOS DE QUALIFICAÇÃO:

Confidencial

NOME: Josino Moraes Junior

FILIAÇÃO: Josino Moraes

Herminia de Moraes

DATA E LOCAL DE NASC.: 16.11.41 - Assis/SP

RG.: 1.943.418 - SSP/SP

PROFISSÃO: Engenheiro Civil

RESIDÊNCIA: possivelmente Londrina-Pr.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

92

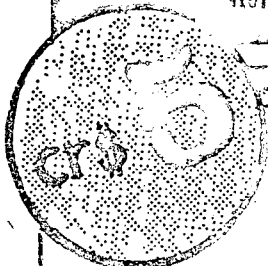
Um Cangaceiro em Nova Iguaçu. Pg. 6

Um mês depois... Pg. 8
CADÊ O PEÃO?
de Volta Redonda.

BERRRO

JORNAL DO LADO INDEPENDENTE

Nº 9 - RJ - OUTUBRO 1979



PARTIDO DOS TRABALHADORES

Pg. 2

Enquanto o Governo impõe sua farsa, dessa vez com a reforma partidária, os trabalhadores respondem com a organização de:

UM PARTIDO SEM PATRÕES

As lutas de Barros Filho Nova Iguaçu discute organização do MAB. Zona Oeste faz assembléia

Pg. 6 e 7

A FORÇA DOS BAIRROS

A LUTA NO CAMPO

Pg. 3

Relatório da FETAG-RJ aponta conflitos rurais em 15 municípios do RJ envolvendo 5 mil famílias

Metalúrgicos do Rio Depois da greve

Pg. 4 e 5

UMA CLASSE MAIS FORTE

EDITORIAL

O desenrolar dos acontecimentos políticos no país, principalmente nas situações provocadas pela ação do movimento operário e popular, vem demarcando cada dia mais forte os interesses que separam e opõem os trabalhadores ao governo e aos patrões.

A demarcação destes interesses vem se dando de forma natural, à medida em que descontentes ante a situação de miséria em que vivem, os trabalhadores vêm encontrando formas de manifestar, esta insatisfação e de unir e mobilizar a classe para a conquista de melhorias.

O papel do governo, principalmente nas greves mais recentes, tem mostrado claramente, mesmo para os mais desavisados, os interesses que ele defende. Assim como as consequências da repressão policial aos movimentos dos trabalhadores, bem demonstram até onde o regime capitalista é capaz de ir na defesa de suas instituições básicas, a exploração e a miséria dos trabalhadores e do povo.

Estão aí os exemplos, os dois operários mineiros mortos durante escalada repressiva contra as greves da construção civil e dos metalúrgicos, no espaço de tempo de dois meses. Estão aí as prisões de trabalhadores e dirigentes sindicais, os inquéritos na DPPS contra bancários e professores e a intervenção do governo nas entidades classistas, tentando reprimir a luta dos trabalhadores e assalariados de todas as formas e em todos os cantos por onde ela possa se expressar.

Não é nova a luta entre trabalhadores e patrões. Não é de hoje que governo e Estado são instrumentos essenciais de dominação de uma classe sobre a outra. São novos, porém, particularmente para os trabalhadores brasileiros, as formas que as lutas entre as classes têm tomado no Brasil.

A organização das lutas dos trabalhadores pelas bases, a partir de cada fábrica, cada bairro e de cada comunidade, tem trazido ensinamentos novos e que de grande importância vital para a luta da participação em todas as discussões e decisões. Não tem sido à toa que a capacidade de luta e de organização e a combatividade dos trabalhadores, têm assustado patrões, governo e pelegos.

Estão aí os exemplos das recentes greves dos metalúrgicos do Rio que deixou muita gente surpresa com o índice de adesão e de organização do movimento, já no seu primeiro dia; e a dos bancários que mostrou na prática, principalmente no Sul, que se os patrões são decididos na defesa dos seus lucros e privilégios, os trabalhadores organizados também são capazes de ir até as últimas consequências na defesa das suas reivindicações e anseios.

E esta força com que o movimento operário e popular tem atuado na defesa de suas reivindicações, não é um elemento espontâneo, surgido espontaneamente. Ela é fruto de uma política de organização e de uma visão própria de democracia que os trabalhadores têm praticado no movimento e que prioriza as discussões e decisões pelas bases, construindo nas bases a organização da luta, fortalecendo nas lutas, mesmo diante do atrelamento a que estão submetidos os sindicatos, uma direção autêntica, proletária e independente, intimamente ligada às bases do movimento e, por isto mesmo, capaz de com sua força e representatividade mobilizar as parcelas até então desmobilizadas, envolvendo na luta tanto os sindicatos atrelados como as diretorias vacilantes, forçando-os a uma postura mais combativa e ao lado dos trabalhadores, servindo como apoio necessário às lutas desenvolvidas.

Desta forma vai tendo cada vez menos espaços para se expressar entre os trabalhadores, aquelas políticas cupulistas de direção, ligadas na história das lutas ao reformismo e ao populismo, e que durante muito tempo marcaram o movimento operário brasileiro, quando os trabalhadores "obedeciam" muito mais do que conscientemente participavam e imprimiam às lutas a direção de acordo com os seus reais interesses.

Vai ganhando corpo a perspectiva de que tanto uma Central Sindical dos Trabalhadores como o seu partido político, ou virão de organizações de base, de baixo para cima, ou não serão nem CUT fortalecida num partido autêntico dos trabalhadores. Central Sindical que surja somente da reunião de alguns ou mesmo de vários dirigentes sindicais ou partidos políticos organizados em gabinetes parlamentares ou a partir da cabeça de um ou poucos homens, por mais oposicionistas que sejam ou por melhores que sejam suas intenções, deixarão de contribuir de forma mais consequente para a construção de um amplo e unitário movimento dos trabalhadores da cidade e do campo que não só instale as bases de um novo sindicalismo, livre e democrático, como, a nível mais amplo, seja forte para avançar rumo às conquistas de reivindicações fundamentais que transformem esta sociedade.

Por isto, saudamos e nos colocamos ao lado de todas as iniciativas que atualmente se desenvolvem visando a construção da organização livre e independente dos trabalhadores e do povo, tanto nos seus locais de trabalho quanto nos locais de moradia. Tanto ao nível específico e sindical, quanto ao nível político e partidário. Não é à toa que em todas as greves os patrões e o governo têm negado reconhecimento e tentado impedir a organização de comissões de operários nas fábricas ou de delegações sindicais amplas e representativas. Não é à toa que na reforma partidária que a ditadura está agora impondo ao país, o partido dos trabalhadores não tem vez. São realmente interesses distintos e opostos. Uns visando manter e ampliar o poder que já têm; os trabalhadores e o povo interessados em se libertarem deste poder.

No entanto, em que pese o arbítrio e o caráter policial do regime sob o qual vivemos, os trabalhadores vêm respondendo através de suas lutas e mobilizações. E com toda certeza, este regime opressor e explorador não passará!

ENDERECO PARA CORRESPONDÊNCIA:
RUA DA LAPA, 200/1207 - CEP 20.021

93 VEM AÍ A REFORMA PARTIDÁRIA: TRABALHADOR NÃO ENTRA!!!

No Berro nº 6 já falávamos da organização de novos partidos e a que interesses eles viriam a servir. Hoje esse debate está na ordem do dia, com o projeto do governo devendo ser aprovado no Congresso até o final do ano. O regime militar que tem sempre defendido os interesses dos patrões sejam eles estrangeiros ou brasileiros mesmos, já vem de algum tempo modificando a sua maneira de agir. Da repressão pura e simples pra cima dos trabalhadores, ele passa agora a estender a mão em conciliação, combinando a repressão com as propostas de reformas que procuram enganar os menos avisados.

O regime muda a roupa. Propõe reformas da CLT, da legislação salarial, aprova a anistia restrita e agora prega a reorganização partidária. E mesmo sendo questionado por diversos setores da sociedade, principalmente os trabalhadores em suas lutas, vem tocando seu projeto pra frente na perspectiva de resolver sua crise interna, os grandes problemas econômicos do país e continuar mantendo a sua dominação, não permitindo às massas trabalhadoras a sua livre organização política e sindical.

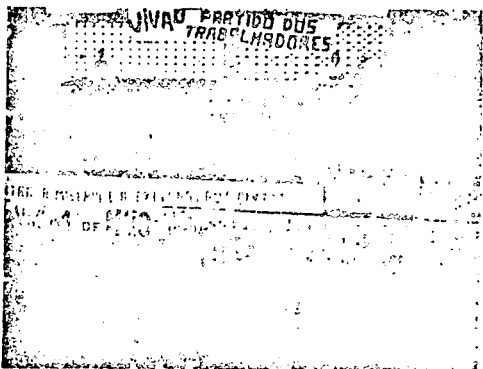
Sobre os novos partidos o que se vê até agora é que o governo mesmo enfrentando uma oposição forte dentro da Arena, vai formar um partido único para apoiá-lo. Partido bem projetado, na base até da matemática, para garantir nas eleições de 1982 a maioria na Câmara e no Senado, se mantendo no poder. Para os arenistas descontentes parece que a alternativa vai ser o partido independente, que contará inclusive com a adesão de diversos parlamentares da atual oposição e terá uma atuação meio de oposição mas sempre pronto a compor com o governo, podendo também fazer composições com outras siglas para chegar ao poder. Fala-se que um dos integrantes será o sr. Chagas Freitas, conhecido travesti do MDB que para não perder suas bases não se mudaria para o partido da situação e entrando para o partido

independente continuaria com sua política de estar na oposição jogando a bola para o time da situação.

Já o sr. Brizola, conhecido líder político antes de 64, voltou da Europa disposto a reorganizar o PTB. Com sua política trabalhista voltou com um discurso duvidoso falando de socialismo democrático e aceitando os moldes do projeto do regime, que já lhe assegurou a legalização do PTB que inclusive conta com a adesão de políticos conciliadores e até do deputado Lubanco, ex-prefeito de Nova Iguaçu, e que tem uma história de corrupção para esconder. Os parlamentares autênticos do MDB estão também articulando um partido popular que pretendem eles, sirva de alternativa para os trabalhadores nesse jogo todo, mas estão cometendo o erro de articularem esse partido lá entre eles e não descendo às bases dos trabalhadores para discutir.

Por isso tudo podemos perguntar: neste quadro onde entram os trabalhadores?

Distante dos debates, sentindo na própria pele o outro lado da máscara do governo, com a repressão que tem atingido suas lutas, continuando a ser enquadrados na Lei de Segurança Nacional pelo fato de estarem lutando para não morrer de fome e poderem se organizar em seus sindicatos, os trabalhadores mesmo assim avançam em suas lutas e a contra-gosto de quem quer que seja constroem por baixo sua organização, livre e independente. E já chegam a discutir a formação de um partido próprio sem pelegos e sem patrões, que é uma espinha cravada na garganta dos donos do poder. A organização do PT em todo o país não ocupa as páginas dos grandes jornais, mas está caminhando para chegar às fábricas, aos bairros, ao campo e ser discutido pelos trabalhadores e o povo de uma maneira geral. Com certeza não tem sua legalização garantida pela própria reforma partidária mas como disse um de seus líderes, o Lula, "o PT já está registrado. Não nos cartórios da burguesia mas na cabeça dos trabalhadores."



O CAFÉ AMARGO DOS PATRÕES

Lançada há quase um ano, a proposta de um Partido dos Trabalhadores está chegando a vários cantos do país. Núcleos em Curitiba, São Paulo, Rio Grande do Sul já estão funcionando e discutindo sua atuação, ampliando também a idéia e ganhando novos parceiros.

Aqui no Rio metalúrgicos, professores, rodoviários, médicos e outras categorias, em reuniões em Madureira, Volta Redonda e Nova Iguaçu, iniciam este mês a organização do PT. Nas discussões a respeito da proposta os trabalhadores tem levantado a necessidade do partido dos trabalhadores não para servir de cabide para eleger deputados mas para que nas lutas atuais e futuras contem com ele, na frente das lutas; junto aos trabalhadores, contribuindo para que o movimento operário e popular avance em suas conquistas, dando um fim à miséria e à exploração.

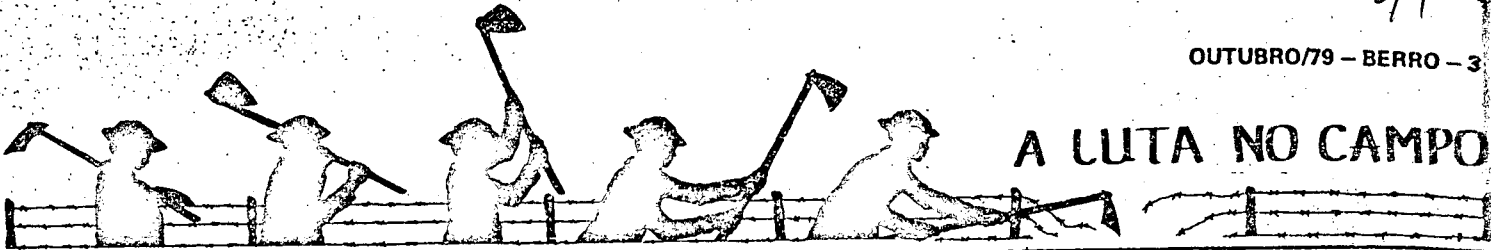
Um partido dos trabalhadores certamente não será simplesmente eleitoral, mas vai garantir a expressão política do povo tanto no parlamento como fora dele. Os trabalhadores não votarão mais nos patrões e também não serão mais guiados por uma política patronal. Hoje no Brasil, com o avanço das lutas operárias, a construção do PT, discutido nas bases, formado por elas, representa mais um passo dos trabalhadores para se tornarem livres, pois terão a seu lado um partido verdadeiramente autêntico e popular, expressão viva dos anseios de total liberdade de organização e manifestação.

Desde já os núcleos pró partido dos trabalhadores devem atuar no movimento operário e popular segurando bem firme suas bandeiras e desenvolvendo campanhas fundamentais para o prosseguimento dele como a luta pela liberdade de organização dos trabalhadores, contra a CLT reformada, contra a repressão às greves e tudo que vem com ela como a intervenção nos sindicatos, prisões de lideranças e com isso levantar também a continuidade da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita como a única forma de acabar de vez com a violência política pra cima da classe operária.

Mas quem será o partido?
Estará sentado numa sala com telefone porém sem ouvintes?
E o que pensará esse partido?
Será de horizontes ou de ganhos?
Por onde realizará esse partido agora?
E quando se errar verá o horizonte?
Se vestirá como o roupa dos patrões?
Sentir com o poder do chefe alinhado nas filas atrás de vocês pensar com a cabeça dos oficiais?
Morar na casa dos operários lutar vendo forças criadas na luta e no gás do sentido à vida: eis o partido.
Não um partido de reuniões, mas dos atos públicos.
Não um partido de discursos, mas de discussões.
Para a política, não só pra eleições.
Não um partido finalmente, mas o começo do futuro.
O futuro não começa com estrondos.
Não começa com gemidos o futuro.
Começa com nosso partido.
Como começar nosso partido?

BERRO - Jornal Popular Independente
Equipe - Nilo Sérgio S. Gomes (editor responsável), Suely, César, Benedito, Nazaré, Sílvia, Valéria, Dalva, Eduardo, Enock, Ricardo, Ricardo Davi, Floriano, Hermes, Jocemir, Manuel, Margarida, Cintia, Paulo Ricardo, Cristina, Vanda.
Arte - Paulo, Cléber, Sandra
Composição - Robertom
Colaboram neste número: Ênio, Raimundo, Pedro
Editora Equipe - CGC 30.215.081/0001-08
Impresso na Gráfica e Editora Jornal de Hoje - Rua Kennedy, 101/111 - Bairro Jaqueline - Nova Iguaçu

PT 11036-125



A LUTA NO CAMPO

RELATÓRIO DENUNCIA CONFLITOS RURAIS

A situação do trabalhador rural está cada vez pior. Um levantamento feito pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio (Fetag-RJ) mostra bem a situação. Trabalhadores sendo expulsos de suas terras por interesses mesquinhos que vão desde a especulação imobiliária até a indústria de turismo, com construção de hotéis de luxo, balneários, etc.

A principal conclusão que o relatório indica é que só com a desapropriação das grandes extensões de terra e sua justa distribuição entre os que nela trabalham ou desejem trabalhar, se poderá dar cabo a uma situação de miséria onde a cada dia mais famílias de lavradores são expulsas de suas roças, jogadas nos grandes centros urbanos sem emprego e sem casa.

REFORÇAR E UNIR A LUTA

O problema é que medidas como esta se dão do interesse dos trabalhadores e do povo que passam a ter terras produtivas, trabalho e alimento para a população, vai de encontro aos interesses monopolizados das grandes empresas capitalistas, voltadas única e exclusivamente para os lucros.

Por isto, para se enfrentar interesses como os das multinacionais White Martins, Metalúrgica Barabá ou Cia. Adele, ou os interesses (grandes também) da família Cunha Bueno ou da Rede Ferroviária Federal, que nas regiões de Angra dos Reis, Parati e Cabo Frio tentam expulsar lavradores de suas roças, será preciso "reforçar e unir a luta de todos os trabalhadores rurais por melhor distribuição das terras no Estado, por uma Reforma Agrária ampla e maciça em nosso país", como afirma a Fetag-RJ no ofício enviado à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Porque senão, o caminho é o da vitória dos grandes interesses escusos contra os interesses dos trabalhadores.

A derrota significa quando não a morte, a expulsão da terra. E o êxodo rural

em nosso estado, como demais em todo o país, pode ser medido pela situação do município fluminense de Trajano de Moraes, que em 1960 contava com uma população de 42 mil habitantes, que em 1970 eram apenas de 10 mil. Também poderia. Entre 1966 e 1974, quatro mil famílias foram despejadas de suas terras, o que equivale a cerca de 20 mil pessoas. E pra onde elas foram?

LAVRADORES EXPULSOS. E ONDE FICA O GOVERNO?

Para se ter uma idéia da situação do lavrador fluminense, os conflitos envolvendo famílias de lavradores atingem hoje mais de 25 mil pessoas em 15 municípios. Só em Angra dos Reis e Parati, há mais de 20 casos envolvendo 1.500 famílias e quase 8 mil pessoas. E a história é sempre a mesma: lavradores sendo expulsos de terras onde vivem e trabalham há 20, às vezes, há 50 anos, roças sendo destruídas por tratores e casas incendiadas por jagunços. Muitos lavradores já morreram defendendo sua terra e seu trabalho mas até hoje o Estado e o governo não tomaram nenhuma providência que na prática beneficie os trabalhadores. Muito pelo contrário.

Conforme relata o ofício da Fetag-RJ, "ações judiciais promovidas pelos proprietários", servem de fachada para "legitimar a expulsão pela força de centenas de famílias" de lavradores. As denúncias feitas às autoridades competentes, de violências contra os trabalhadores, "permanecem sem a devida apreciação".

Quanto à política agrária do governo, o relatório denuncia que terras desapropriadas no início dos anos 60 a favor de lavradores, estão sendo "devolvidas" pelo INCRA aos "pretensos proprietários". Isto está acontecendo em Cachoeira de Macacu, o caso da Fazenda São José da Boa Morte, em Duque de Caxias e em Campos.

Outra coisa são as áreas destinadas para reservas florestais em Parati, Silva Jar-

SEMINÁRIO DE PARATI O trabalhador desmascarando os patrões

No dia 19 de setembro, em Parati, cidade do litoral do Rio de Janeiro, com grande importância histórica, devido à sua arquitetura colonial, foi realizado o "I Seminário de Parati", patrocinado pela Fundação Roberto Marinho (o patrão do Jornal O GLOBO).

Este seminário surgiu da necessidade que os donos de terra da região, estavam sentido de poderem ter uma melhor condição de ativar o processo de especulação imobiliária, com a criação de loteamentos para os turistas ricos, nas áreas tombadas pelo Patrimônio Histórico.

Mas, como a história nos ensina, nem sempre os patrões levam a melhor, e no caso de Parati, o feitiço virou contra o feiticeiro.

Os fazendeiros ricos da região, como sempre, vieram com aquele mesmo papo de que "há trezentos anos que Parati estava fechada ao "progresso", que "era preciso abrir as portas ao desenvolvimento", coisa e tal.

Mes, acontece, que o povo da região entendeu muito bem que tipo de progresso queriam os patrões, que este progresso, não era o do bem-estar da população, que o desenvolvimento que queriam os donos de terra, era, exclusivamente o desenvolvimento dos bolsos deles.

E, isto foi constantemente denunciado pelos trabalhadores, que como a dona Vera da Anunciação, uma mãe de família, com quatro filhos, subiu à tribuna do seminário, para, em nome de

todos os moradores de Vila Trindade (uma comunidade de pescadores), acusar a empresa estrangeira ADELLA/BRASCAN, de estar destruindo a vida das famílias de Trindade, onus os homens não podem mais sair para o mar, trabalhar, porque a empresa manda jagunços armados de metralhadoras, atear fogo às suas casas, para obrigá-los a vender seus terrenos. É este o progresso que querem os patrões.

E quando não são as empresas de turismo, são os próprios fazendeiros do lugar, como Gibraltar Donnus, ex-nazista, e o maior grileiro da região, que manda trazer "Búfalos" da Ilha de Marajó, para amedrontar os posseiros que se recusam a lhe vender as suas terras, na praia do Sono, outra localidade perto de Parati.

E, mas os companheiros, trabalhadores do campo, já estão compreendendo que a luta é muito ampla, que não basta só lutar sozinho, é preciso que todos entrem para o sindicato, que forcem o sindicato a encaminhar e lutar, pois só assim, da organização da classe dos trabalhadores do campo, e da classe trabalhadora, em geral, é que vamos conseguir um governo em que os interesses dos trabalhadores, sejam os mais importantes, um governo em que as autoridades não sejam vendidas aos donos do dinheiro, enfim, um governo de quem realmente produz alguma coisa neste país, e não vive explorando ninguém. Um governo, companheiros, dos trabalhadores desta país.

dim, Macaé e Valença, que são "freqüentemente localizadas em regiões densamente cultivadas e habitadas por lavradores".

E as obras realizadas pelo governo, como construção de estradas, só tem ajudado a valorizar estas áreas intensificando a disputa pela terra onde o lavrador é sempre parte fraca. Como afirma o ofício da Fetag-RJ, "percebe-se então que os investimentos governamentais aplicados em serviços de infra-estrutura, ao invés de terem servido para beneficiar os trabalhadores rurais, como seria de se esperar, acarretam o aceleramento da expulsão do homem da terra. Verifica-se portanto, que os reais beneficiários foram os grandes proprietários de terra, através da especulação imobiliária, e uma minoria de privilegiados urbanos que disputam áreas de lazer e recreio".

DE POSSEIRO RURAL A POSSEIRO URBANO

Para se ter outros dados do êxodo rural na região fluminense, em 1943, segun-

do o IBGE, 63% de nossa população vivia em meio rural. Em 1970 essa porcentagem era apenas 27%. E hoje, segundo dados do mesmo IBGE, de 1976, 10% da população vive no campo.

O ofício da Federação aponta também dados do INCRA que demonstram bem a concentração de terras em mãos de poucos: 60% dos imóveis na região são minifúndios (pequenas propriedades) que ocupam 13% das terras, enquanto 35% dos imóveis são latifúndios (grandes propriedades) e controlam 77% das terras. E afirma:

"É lógico que essa expulsão do homem da terra só pode agravar a situação social no estado. Cabe lembrar que o posseiro expulso vai inchar ainda mais as favelas, ou seja, vira um posseiro urbano. E aumenta incrivelmente o número de assalariados rurais temporários, que são forçados a aceitar todo o tipo de exploração. Segundo dados oficiais já há 120 mil assalariados no Estado do Rio e 80% não têm sua carteira de trabalho assinada."

Aos Companheiros Bancários "A parte do Leão"

Diz um provérbio africano que "quando as abelhas querem construir sua colmeia, elas não chamam o leão, que é o rei da selva, para as dirigir. Elas trabalham organizadamente, confiando em sua direção, constituída também por abelhas".

O Brasil tem mais de 80% de "abelhas": são trabalhadores que aram e terra, moldam o ferro, se enterram em minas em busca de minérios, se espalham em milhares de fbricas, transportam, vendem, ensinam, contam dinheiro e papéis... constroem juntos uma grande colmeia: o Brasil.

Os outros 20% são "leões", ou seja, bebem o mel, deitam e rolam no berço esplêndido construído com o suor e a vida de suas "abelhas". São banqueiros, donos das indústrias, investidores, latifundiários, donos dos grandes jornais, das televisões. Administram seus escravos, ensinam o que devem ou não devem fazer, manter a "sua" ordem com conselhos ou com porretes, se for necessário. Não admitem ser questionados, estão sempre certos, querem apenas ser obedecidos.

Por que? Serão os abelhas, esses inimigzinhos tão pequenos mais inteligentes que os trabalhadores, que se deixam escravizar, que vivem e morrem sustentando um punhado de parasitas?

Vamos entender melhor essa história com um exemplo prático:

Os "leões", digo, os patrões são donos dos bancos também. Os bancários é que trabalham. Assim como os metalúrgicos, os químicos, os gráficos, cada um na sua função. Os donos dos bancos jogam com o dinheiro, emprestam e re-emprestam. Lucram em cima de lucros. Ai pensam assim: "Por que não ganhar mais? Além dos lucros podemos explo-

rar mais nossos escravos bancários." Então baixam os salários ou não deixam que essas acompanhem o custo da vida, mandam seus empregados errocharem o cinto, lavando-os ao desespero. Ainda falam que o banco é uma grande família, que todos trabalham juntos, que confiam em Deus, que o sacrifício deve ser de todos.

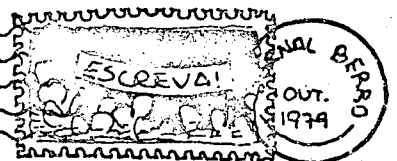
Os bancários, no suço do sufoco, a fome ameaçando a família, as necessidades crescendo, a gravata apertando o pescoço, o custo de vida, o transporte, e escola das crianças... os bancários entram em greve!

O que acontece? Todos sabem que os patrões fazem greve quando querem. Prendem as mercadorias, especulam com o dinheiro. E são bem organizados. Estão sempre reunidos: ar condicionado, secretárias. Estão sempre juntos protegendo sua mina, seus filhos de ouro.

E os bancários? Basta ler os jornais: sindicatos invadidos, líderes presos, demissões, uma guerra. Essa cena se repete entre todos as categorias de trabalhadores, em todos os países cujo base econômica é a exploração da maioria em benefício de alguns.

Os patrões contam com meios eficientes: as armas da polícia, as forças armadas em geral, as ilusões e divisões que criam entre os trabalhadores e, principalmente, a desorganização e falta de consciência destes.

Do lado dos patrões está também a imprensa: rádio, televisão, os grandes jornais. Distorcendo notícias, divulgando ameaças, dizendo que a fome dos trabalhadores é subversão no país. Do lado dos patrões estão também os que acham que a luta dos trabalhadores deve ser sempre dirigida, dos que



não acreditam na capacidade dos trabalhadores ir aprendendo na prática, acumulando forças na experiência e aumentando o grau de consciência que o próprio enfrentamento direto permite. Os iludidos acham que um dia os patrões serão bonzinhos...

A boca que oprime pesa tanto, as ilusões espalhadas cegam tanto que o trabalhador ainda não sentiu toda a força que tem, todo o amor que pode cultivar se estiver junto a sua classe, se deixar de brigar com os vizinhos e companheiros de dificuldades por quaisquer besteiras, e começar a preparar uma brigã maior: acabar com a exploração, com o medo, com a fome.

Bancários do Rio, um dia de greve. O aumento não veio, o sindicato caiu nas garras dos lobos, as demissões se sucedem.

Bancários do Rio, o primeiro grande passo de uma luta que está começando. A experiência valeu, é preciso aprender, reaprender, se organizar melhor, recomeçar sempre. Vocês não estão sozinhos, companheiros. A luta de vocês tem eco na luta de todos os trabalhadores. Talvez não saibam, mas no silêncio dos oprimidos a solidariedade é grande. A luta é justa porque dela depende sua própria subsistência, dela depende o fim da miséria. Já se viu que "e cada avanço do trabalhador corresponde um recuo na exploração dos patrões".

E vão continuar os leões mandando, abusando, iludindo, até aprendermos bem o exemplo das abelhas.

Altemir - Fazenda Estafagem (RJ)

NÃO HÁ FALTA DE GAZ É ROUBO MESMO

Está faltando gás de cozinha na sua casa? Não console-se, mas revolte-se porque não apenas na sua, mas na maioria das residências da Baixada Fluminense e dos bairros populares do Rio. Ao contrário do que possa parecer não é culpa dos árabes ou da crise do petróleo, é manobra contra o bolso dos trabalhadores.

Há muito tempo as companhias de gás, têm bronca de entregar o gás à domicílio nestes lugares: Alegam esses patrões que as ruas são ruins e pinta muito assalto. Mentira não é. Mas certamente não é o povo o responsável por esta situação.

Diante da campanha do governo em convencer o povo a consumir produtos derivados de petróleo, as companhias se aproveitaram e cortaram a distribuição. Desde o início do ano a distribuição de casa em casa está rarefeita.

Acontece que sem gás ninguém cozinha e só resta uma solução: procurar o produto nos chamados depósitos clandestinos existentes em abundância por todos os lados. As companhias agora, chegam no bairro e vão direto para estes depósitos. Resultado: o preço de tabela do butijão que está em Cr\$ 120,90 é vendido por depósitos por Cr\$ 140,00 até Cr\$ 150,00.

Estes depósitos são uma fórmula de liquidar com o bolso do povo. São ilegais, não pagam impostos, são um risco para a população, pois podem explodir, e existem uma lei que os proíbe. Na prática, no entanto, não se tem notícia que a polícia tenha prendido seus proprietários.

E só não faz porque não é do interesse, já que os únicos prejudicados são os trabalhadores. De clandestinos eles não têm nada. Por exemplo: na Rua Gama, bairro da Posse, em Nova Iguaçu, lá está estampado num muro amarelo e vermelho: "Depósito da Minas-Gás". Ali o produto está sendo vendido bem acima da tabela.

Como se vê a defesa da economia popular não está nas preocupações do governo. Se estivesse todos os patrões já estariam na cadeia.

**LEIA E DIVULGUE
O BERRO!!**

DEPOIS DA AGUA QUER ESGOTO

Barros Filho — parte da antiga Fazenda Botafogo — fica à margem da Avenida Brasil. Entre Coelho Neto e Guadalupe. Bairro fácil de localizar: os impostos, taxas e outros "sangue-sugas" chegam facilmente. Dificílimo de localizar se for procurado em planos de melhoramentos dos poderes públicos.

Tem em média uns 35 mil habitantes: boa fonte de impostos. Celeiro de mão-de-obra barata. Mas falta tudo no bairro: esgotos, iluminação pública, escolas, posto de saúde, policiamento, creche, calçamento... e sobra lixo, doenças, lama, abandono, marginalidade e promessas eleitorais.

Esta é uma história comum a todos os bairros populares. A maioria que sofre os descasos das administrações. A maioria que constrói o Brasil a troco de nada, que constrói o Brasil para os ricos viverem bem.

No entanto, nem tudo é tristeza por aqui. Os moradores descobriram uma nova esperança. Descobriram que se não esperarem passivamente os homens do governo, que se ficarem juntos, exigindo, se organizando, cobrando do governo as benfeitorias que devem ser construídas com os impostos pagos. Benfeitorias que viram promessas de deputados catando voto; descobriram que juntos são fortes e podem, finalmente, melhorar o bairro. A luta por melhores condições de vida vai ensinando os moradores a administrar sua comunidade, a criar um espírito de participação e solidariedade.

A primeira luta foi por uma linha de ônibus. Muitas viagens, abaixo-assinado, reuniões: hoje a 362 liga o bairro à Praça 15. Depois, veio a luta pela água. Aí a coisa engrossou. Todos sabem como são as coisas com a Cedae, ótima pra cobrar e melhor ainda pra deixar os bairros sem água ou com os canos arrebentados. Os moradores de Barros Filho estavam cansados de andar com uma lata d'água rua acima, rua abaixo, de ver crianças morrerem atravessando a avenida pra apanhar água do outro lado.

Muitas reuniões foram feitas, comunicados, mais de 80 viagens à Cedae. A própria comissão da água, formada por moradores, fez as medições das ruas: 11 mil metros de canos seriam necessários. Mais viagens, muitos não acreditavam que o problema seria resolvido. Pra colocar os canos, os próprios moradores tiveram que cavar os buracos. Coisa de bairro pobre: vocês já viram morador de Copacabana cavar buracos na rua? Mas, a vitória veio afinal. A água corre nos canos.



A Igreja de São José, onde os moradores se reúnem pra discutir e aprender a se unir ao próximo lutando pela melhoria da vida comunitária, esteve sempre de portas abertas, dando teto às muitas reuniões, numa total integração ao esforço de todos.

Uma luta puxa outra. O exemplo ficou. A força aumentou. Agora se luta por uma creche, por um sinal de trânsito, por calçamento...

Mais recentemente, o Conjunto do antigo IAPI (Honório Gurgel) ao lado de Barros Filho, seguiu o exemplo. Está se organizando pra lutar pelo saneamento de suas ruas. Uma comissão pró-melhoramentos está sendo organizada. Um abaixo-assinado vai ser levado à Administração Regional.

Pra ampliar a luta, os moradores realizaram uma assembléia geral no último dia 23, em frente a uma das ruas, fazendo da lama e da sujeira presentes o tema de estímulo ao enfrentamento do problema. Um setenta pessoas presentes, falando da necessidade de botar o trabalho pra frente sem descanso. Foi formada uma comissão com representantes de todas as ruas do conjunto.

**PARITÓPE VOCS
TAMBEM!!**

LAGARTIXA FALA DOS TEMPOS NO CANGAÇO

"A única coisa que o cangaço significava para os cangaceiros além de uma noção de vingança, era a liberdade. Sua raiz era econômica, social e política — a divisão dos bens em enormes latifúndios dominados pelos coronéis e a manutenção dos lavradores numa condição de servidão. O cangaceiro não tinha uma orientação ideológica na sua luta. Para todos os efeitos ele era um bandido. Geralmente começava querendo vingar injustiças sofridas pela família, e aí constatava que naquela vida não era obrigado a sofrer humilhações dos patrões da terra e que acima de tudo comia melhor."

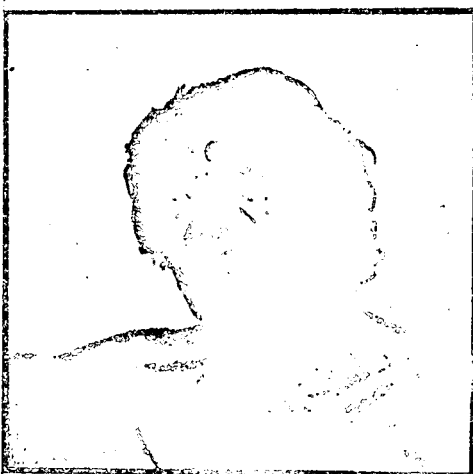
Numa das reuniões do jornal soubemos através de um de nossos companheiros de trabalho que em Nova Iguaçu, mora um cangaceiro. Interessados em conhecer a sua vida dos tempos de cangaço até hoje, fomos à sua casa bater um papo. Foi num sábado pela manhã e fomos recebidos por seu Francisco, a mulher, seus filhos e netos.

Sentimos que seu Chico já estava meio "alto". Sua filha, como que querendo explicar a situação, comentou que a "mãe" lhe pedira pra não beber mas ele não lhe dera ouvidos. Desde o cangaço ele aprendeu a beber e nunca mais se esqueceu, como nos disse mais tarde.

Antes de entrarmos em sua casa, tiramos algumas fotos de toda a família para orgulho do seu Chico. Assim que nos acomodamos na sala para dar início à entrevista, o nosso entrevistado apresentou uma série de recortes de revistas e jornais sobre Lampião e até alguns livros ditados por Chico e copiados por seu filho, pois ele é analfabeto. Então esses livros encontramos o trecho que se segue:

"No Nordeste brasileiro, no sertão do Ceará, no ano de 1912 à 20 de janeiro, no termo do arraial de Vertente, nasceu este caboclo e criou-se na arte de pegar boi, o que era a sua maior ambição."

Assim ele começa a nos contar toda a história. Em 1915 Chico é abandonado pela mãe na fazenda dos Castelo, grandes senhores de terra do sertão do Ceará. Família de grande poder às custas da situação de escravidão em que mantinha seus trabalhadores — um regime de fome e trabalho dia e noite. A lei do tacão e da chibata era familiar a todos os empregados do coronel.



Aos 12 anos fugiu à procura de uma vida decente, onde a fome e a humilhação não tivessem lugar. Numa fazenda da região em que procurava trabalho, encontrou Pelado e mais 3 vaqueiros que propuseram a ele se juntar ao bando: "Nós vamos nos juntar a Lampião. Quer ir?" De Lampião, Chico sabia o que se comentava, "Lampião era o maioral do sertão" e diante da falta de opções na sua busca por melhores condições de vida, a perspectiva que se apresentava de entrada para o bando foi a que abraçou. Não tem idéia de quanto tempo viveu com o bando — nessa hora chama sua mulher, que não foi do bando, pra lembrar de coisas já esquecidas. Emocionado, fala daquela época chegando até a chorar: "A minha vida no cangaço eu gostei. A gente não sabia o que era perigo. Nós que era do bando, nós não passava fome não, aonde nós chegava nós comia. Quando nós tava com fome nós pedia, mas não atacava. Só quando a pessoa tinha e se negava."

Eu como moleque novo eles me mandavam cozinhar, arranjar lenha, vigiar a situação dos macacos, comprar cachaça e buscar comida pra gente. Lampião me dizia: "Olha, quando você vê mais de 3 homens armados, mais de 4 homens armados, mais de 5 homens armados, de longe, você vai me avisar, você vai vigiando, você se esconde, cai fora." Ele me dava o serviço direitinho. Ele dizia: "Não se entregue não moleque. Se você não vigiar os macacos direitinho, quando chegar aqui vai levar uma surra." Mas ele nunca me bateu não", — fala aí como um menino — "ele às vezes me ameaçava quando eu fazia um recado mal dado."

Quando do ataque a Mossoró, cidade do interior do Rio Grande do Norte, consequência de uma desavença entre Lampião e o Prefeito, Chico é baleado e deixado por seus companheiros aos tratos de pessoas amigas. A partir daí se perdeu do bando definitivamente embora tenha tentado várias vezes, mesmo depois de casado, retomar o contato.

Seu próximo passo em busca da satisfação de suas necessidades básicas (que continuavam as mesmas), e se vendo mais uma vez sem muitas opções, foi ingressar na Marinha como civil. Participou como tal das revoluções de 1930 e 32 e anos depois se alistou como voluntário para ir lutar ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial porque queria ir para a Europa brigar. Mas ficou na reserva.

Francisco Marques de Oliveira — conhecido como Lagartixa no bando de Lampião — tem 68 anos e mora há 27 anos em Nova Iguaçu. Tem 8 filhos e vários netos. É aposentado da Marinha e atualmente não tem nenhuma atividade profissional. Da sua luta não houve muitos frutos — continua escravo, só que hoje de um senhor que não usa chibatadas, de voz doce e palavras bonitas.

Em novembro, ele e sua esposa completam 43 anos de casados. Perguntamos se vai ter festa pra comemorar essa data e a resposta foi que não, o dinheiro tá curto e a vida muito cara. Da Segunda Guerra para cá, Chico nada conta — é um sujeito que fala muito, mas fala muito dos tempos do cangaço. Sua história parece que termina nos idos de 40, quando queria ir brigar na Europa.

"Costumes e Tradições do Povo Cearense" — Francisco Marques de Oliveira — 1975.

A FORÇA DOS BAIRROS

MAB: SE PREPARANDO PARA FICAR MAIS FORTE

Como vai o Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu? Passada a assembléia de julho, quando 3 mil pessoas unidas exigiram uma definição da prefeitura municipal, quando as obras prioritárias de saneamento e urbanização nos diversos locais do município, pouco se viu de obras e também de novas pressões dos moradores.

De obras, a prefeitura resolveu criar a Operação Comunitária Integrada de Nova Iguaçu - OCISNI que vem realizando uns pequenos consertos sem maior vulto. Ao mesmo tempo dá privilégios a uns bairros e nega tudo aos outros como forma de dividir o movimento. Em suma: a prefeitura continua não fazendo nada.

Já a própria coordenação do MAB admite que hoje o movimento está um pouco parado, sem conseguir que a prefeitura atenda às reivindicações e mesmo de procurar novas fórmulas de combater as tradicionais manobras do prefeito que se conversa, conversa e não atende ninguém, ou melhor só atende os que lhe interessam, isto é, os empresários e os patrões de Nova Iguaçu.

Segundo a coordenação, o principal motivo desta "má fase" seria o próprio crescimento do MAB. Se em outubro do ano passado - primeira assembléia -, só existiam 34 grupos de bairros, hoje eles já atingem aos 90, e a coordenação continua composta por 13 representantes dos bairros. Neste ponto parece que ninguém discorda. Realmente é difícil imaginar que 13 coordenadores possam acompanhar o movimento de 90 associações e grupos.

Na prática essa carência de assistência aos bairros vem provocando uma série de atitudes isoladas. Por exemplo: bairros indiferentes do que os outros estão pensando acabam desenvolvendo uma própria luta por alguma melhoria. Foi o caso de Santa Rita que fez passeata contra o aumento das passagens de ônibus. O protesto era correto, acontece que todos sofrem

com este problema e todos deveriam participar, quando então a lambada em cima do lucro das empresas seria maior.

Como solucionar isto? A coordenação acredita que é através de um Conselho de Representantes. E mais uma vez todos concordam. O que se discute hoje, é como eleger este conselho de representantes

de maneira que ele realmente represente os moradores em geral.

A coordenação acredita que deve ser feito desta maneira: será feito um documento, distribuído a todos os bairros que discutirão e elegerão um representante. Aqueles bairros que tiverem reuniões com mais de 20 pessoas terão direito a um vo-

to, caso contrário somente poderão falar.

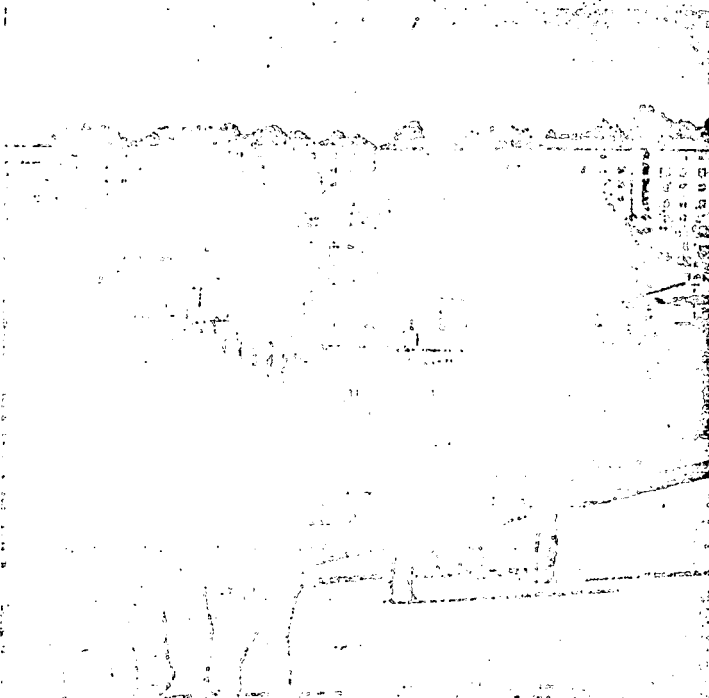
Uma outra proposta partida de vários setores do MAB, particularmente dos moradores da Regional II (área de Belford Rcxo) aponta como primeiro passo para o Conselho de Representantes a necessidade de uma assembléia interna do MAB, onde seria discutido por todos a importância do Conselho. Nela todos votariam e elegeriam os novos representantes dos bairros.

Em ambas as propostas o Conselho de Representantes teria uma função de maior importância: eleger a nova coordenação do Movimento Amigos de Bairro.

Segundo os defensores da segunda proposta, uma assembléia com ampla participação dos moradores seria uma forma de tornar tanto o Conselho como a própria coordenação realmente representante de todos os bairros, pelo simples motivo que todos participariam na decisão.

Além disto, os que consideram a segunda proposta a forma de tornar o MAB cada vez mais ativo no combate das manobras do governo, acham que a assembléia interna serviria não só para a eleição mas também para a discussão de novas medidas para aumentar a participação dos moradores nos bairros. São elas: os delegados por rua que se encarregam, que já aplicados em alguns locais tende a dar bons frutos e aumentar a participação dos moradores. Além disto também existe a proposta de transformar em seis as regionais do MAB - atualmente são quatro - como forma de ligar os bairros mais próximos, e portanto com problemas semelhantes.

Segundo os defensores da segunda proposta, todos são favoráveis ao Conselho de Representantes, e a preocupação é torná-lo representativo de todos os moradores. Para eles quanto mais pessoas participarem das decisões do MAB, mais forte o movimento vai ficar e com isto só o prefeito e o governo têm a perder. E isto nós apostamos: ninguém é contra.



NAS FAVELAS E CONJUNTOS, OS MORADORES TÊM QUE SE ORGANIZAR PARA CONQUISTAR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

TRANSPORTE

O problema do transporte nos bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro tá dando o que falar e o que fazer. Vila Aliança depois de uma longa batalha conseguiu a fiscalização da concessão da linha 389 (Vila Aliança-Largo de São Francisco), da Viação Oriental, que domina o transporte da região. Tingui, em Campo Grande, a partir de meia-noite fica sem ônibus. Os trabalhadores que costumam chegar mais tarde em casa passam o maior sufoco. Agora é a vez de Mallet onde não há ônibus para o centro da cidade.

Os moradores realizaram uma reunião no bairro para agirem contra esta situação. Viram ainda que o preço das passagens estão cada vez mais caros e as condições dos coletivos cada vez mais precárias. Resolveram passar um abaixo-assinado por todo o bairro reivindicando à CMTC e à Prefeitura uma linha de ônibus que parta da rua Pirapuarã, passando pela Estrada Marechal Fontenele, até o centro da cidade. Na reunião, representantes de rua e loteamentos, ficaram de marcar uma nova reunião para organizar a entrega do abaixo-assinado. A idéia dos moradores é também junto com outros bairros, enfrentarem também os preços das passagens, que diga-se de passagem, até agora já aumentou 4 vezes.

INDÚSTRIA DE HABITAÇÃO

Enquanto os bancários e metalúrgicos retornavam ao trabalho depois das greves por melhores condições de salários, os moradores dos bairros populares da Zona Oeste do Rio de Janeiro reuniram-se para discutir melhorias nas condições de vida nos bairros.

Cerca de 25 bairros, entre conjuntos habitacionais, loteamentos clandestinos e favelas, estiveram reunidos na última assembléia (23/9) do Grupo Terra e Habitação. Além das denúncias das péssimas condições de moradia, em que vivem os trabalhadores, que moram na Zona Oeste, foram dados informes das lutas que os moradores estão travando contra estas condições e contra o desinteresse por parte do Governo em resolver estes problemas.

Foram discutidas também quais as melhores formas do Grupo promover uma maior união dos bairros da Zona Oeste, que lutas devem ser levadas pelo conjunto dos bairros.

Para estimular essas discussões, a Assembléia foi dividida em três grupos que debateram seus problemas específicos, além da importância da formação das Associações de Moradores e o Movimento Contra a Carestia. Os grupos foram divididos de acordo com as características dos bairros. Assim formou-se um grupo reunindo os moradores de conjuntos habitacionais; outro os de favelas, e outro os de loteamentos clandestinos. O BERRO acompanhou de perto as discussões e publica uma síntese do que foi debatido.

CONJUNTOS HABITACIONAIS

Na reunião dos moradores de conjuntos habitacionais constatou-se que as comunidades têm aumentado sua organização e resistência às constantes ameaças de despejos por parte do CEHAB e outras instituições, ainda que de forma isolada, sem nenhuma articulação com ou-

tros conjuntos. Nos debates foi ficando claro a necessidade de uma maior integração entre os conjuntos, que podem começar com visitas de um conjunto a outro, promoção de atividades culturais conjuntas (exibição de filmes, peças de teatro etc.). Ficou acertada uma nova reunião dos conjuntos para ver como levar à frente as sugestões, conhecer melhor os problemas da habitação, e debater a formação do Movimento Contra a Carestia e a importância das Associações de Moradores.

LOTEAMENTOS IRREGULARES E FAVELAS

Após a troca de experiências entre os bairros pobres, os moradores de loteamentos clandestinos se reuniram e discutiram seus problemas e uma forma de lutar juntos. Estavam presentes moradores de Cambaó, Mallet, Anápolis, Jardim Bela Vista, Santa Rosa, Parque Proletário da Vila do Céu, Nova Kennedy, Antares e Tingui. O problema do loteamento-clandestino não é problema de fácil e rápida solução como se viu nesta reunião. Será necessário, segundo os moradores, conscientizar cada loteamento com o problema, que a urbanização deve ser feita pelo loteador: arrumação, água, luz, esgoto etc. Todos deixaram bem claro que a luta pela posse da terra e urbanização é também política. Se os loteadores acobertados pela prefeitura exploram os moradores com taxas e mais taxas de uma urbanização que não existe, mensalidades pagas pelos lotes sem a garantia de escritura pública e definitiva, os moradores devem procurar a força de sua união para combater as manobras e a exploração tanto dos loteadores quanto da prefeitura. Como falou um morador: "Os bairros dos ricos tem tudo: água, luz, esgoto, vai passar matrô e tudo mais, os bairros onde moram os trabalhadores só tem proble-

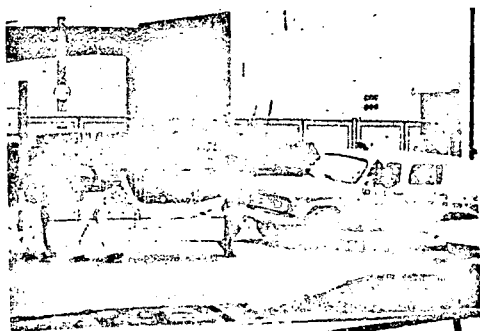
mas, é loteamento clandestino, é falta de tudo.

Isto é obra da opressão dos ricos sobre os pobres, da exploração do homem pelo homem, da exploração dos capitalistas."

Em Antares, na Fazenda do Rôla, uma luta de 12 anos pela posse da terra está sendo vitoriosa. A persistência, a coragem e a organização do povo de Antares fizeram com que 312 propriedades conquistassem a posse da terra.

O Jardim Bela Vista e o Vilar Santa Rosa também vão em conjunto pressionado seus loteadores a fazer a urbanização. Como se vê é hora de trocar experiências de luta e unir os loteamentos para conhecerem melhor seus direitos, e pressionar a prefeitura para conseguir a urbanização. Para isso os bairros presentes decidiram marcar para o dia 13 de outubro uma nova reunião dos loteamentos no Bairro Boa Esperança, na Igreja de Boa Esperança em Campo Grande às 19 horas onde se estudará e será discutido o decreto 58, que regulamenta os loteamentos.

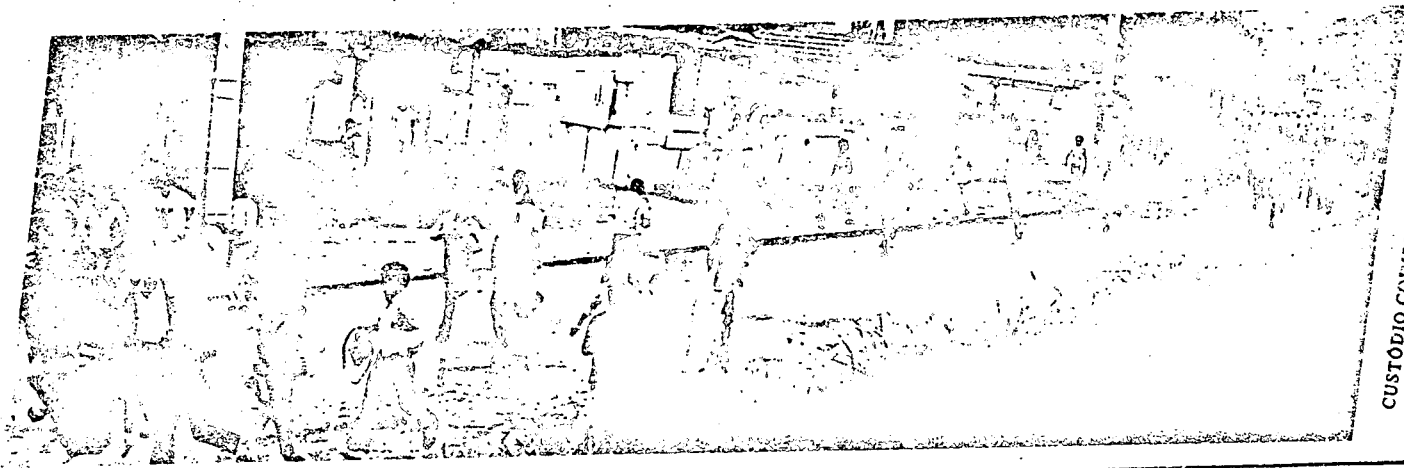
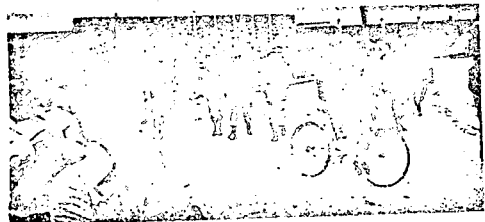
Os moradores reunidos para discutir os problemas dos "avulsos" resolveram intensificar o contato com a FAFERJ (Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro).



NA PORTA DAS FÁBRICAS
A POLÍCIA E OS PIQUETES
PRISÕES, MEDO E RAIVA.
A POLÍCIA TRABALHA
PARA OS PATRÕES.
OS OPERÁRIOS EM GREVE
TRABALHAVAM PARA SI MESMOS.
POR UM SALÁRIO MELHOR
QUE ACABE COM A FOME.
(FOTOS DA GREVE DOS METALÚRGICOS)
RIO

**TRABALHANDO OU NÃO,
OPERÁRIOS APANHAM DO MESMO JEITO**

Durante a greve dos metalúrgicos o BERRO viu uma coisa curiosa: nós estávamos cobrindo também o que está ocorrendo nas fábricas têxteis de Santo Aleixo. O problema lá é de dispensa em massa de cerca de 1.000 operários, que querem continuar trabalhando. Pois bem: a repressão baixou do mesmo jeito, com intimidações, ameaças, etc. É isso aí: enquanto os metalúrgicos apanhavam da polícia por não quererem trabalhar com salário de fome, os têxteis apanhavam também - mas pelo justo contrário!!! Isto é o que se chama de justiça!!!



CUSTÓDIO COIMBRA

CADÊ O PEÃO?

Um mês depois de publicada no BERRO a denúncia do desaparecimento do peão trabalhador da Odebrecht, que no dia 12 de agosto, na hora do almoço, foi surrado pela polícia e levado em péssimo estado físico para o Hospital da Companhia Siderúrgica Nacional, e nenhum esclarecimento foi prestado ao público sobre o destino do trabalhador. Nem a firma Odebrecht, nem o hospital da CSN, nem entidade alguma se manifestou a respeito.

Muito pelo contrário. A repressão sobre os peões se intensificou e no domingo, dia 16 de agosto, três companheiros que distribuíram o BERRO no alojamento e faziam apuração sobre novas denúncias e notícias a respeito do peão desaparecido foram atacados por soldados da Polícia Militar de plantão no local, que apreendeu mais de 20 exemplares do jornal, tomou outros das mãos de alguns peões que haviam acabado de adquiri-los e ameaçou nossos companheiros caso persistissem nas proximidades.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

- Ei você aí, me dá este jornal - grita o policial, ainda do outro lado da cerca de arame.

O companheiro aponta para a cerca onde estão expostos alguns jornais e responde: "Leia este aí!"

O policial, vestido a paizano, seguido por outro de farda e armas, atravessa a cerca, arranca os jornais das mãos, da cerca e de alguns peões.

- Me dá esta...!

O ar fica irrespirável. Os policiais se retiram fazendo intimidações e ameaças. Os companheiros se voltam para os peões, a atitude dos policiais é discutida.



Juntam-se vários peões.

- É isto aí, é só falar bem do peão que eles profíbem. Eles sabem que quando fala bem do peão é porque estão falando mal deles.

O carro da polícia se aproxima, os companheiros recuam até a linha do trem. O alojamento, também conhecido como campo de concentração, vive o seu mais puro ambiente: medo e opressão.

**VIOLENCIA
POLICIAL**

AS EMPRESAS SÃO CONIVENTES

Como era de se esperar, todas as denúncias foram confirmadas pelos trabalhadores que acrescentaram outras. Roubos de roupas, furto de dinheiro e contínuos espancamentos de peões cu pelos guardas de segurança das empresas ou pelos soldados da Polícia Militar.

Os peões disseram também que os comerciantes que trabalham ali, a maioria anda armada e que isto é permitido, "dentro da maior normalidade, como se a gente fosse um bando de ladrão".

E as empresas - Montreal, Techint, Consid, Almeida e Filhos, Servix, Odebrecht, Sade e a própria Companhia Siderúrgica Nacional - estão coniventes com toda esta situação opressiva sobre os trabalhadores. A própria CSN cedeu um dos abrigos do alojamento para servir de plantão da PM que, segundo eles, viria para "garantir a ordem" mas que não dão segurança alguma aos trabalhadores. Pelo contrário, o clima é de total insegurança e medo.

O que vem mostrar mais uma vez que a polícia está aí "para proteger os que têm dos que não têm", como bem afirmou ao BERRO o bispo de Volta Redonda, D. Waldyr Caiheiros. A polícia garante o regime de exploração, embora sejam os policiais filhos das classes oprimidas.

Dão-lhes fardas e revólveres para representarem com segurança o poder, para que eles sujem suas mãos abafando a ferro e fogo a revolta dos oprimidos enquanto os ricos melam suas mãos na fortuna e nos prazeres.

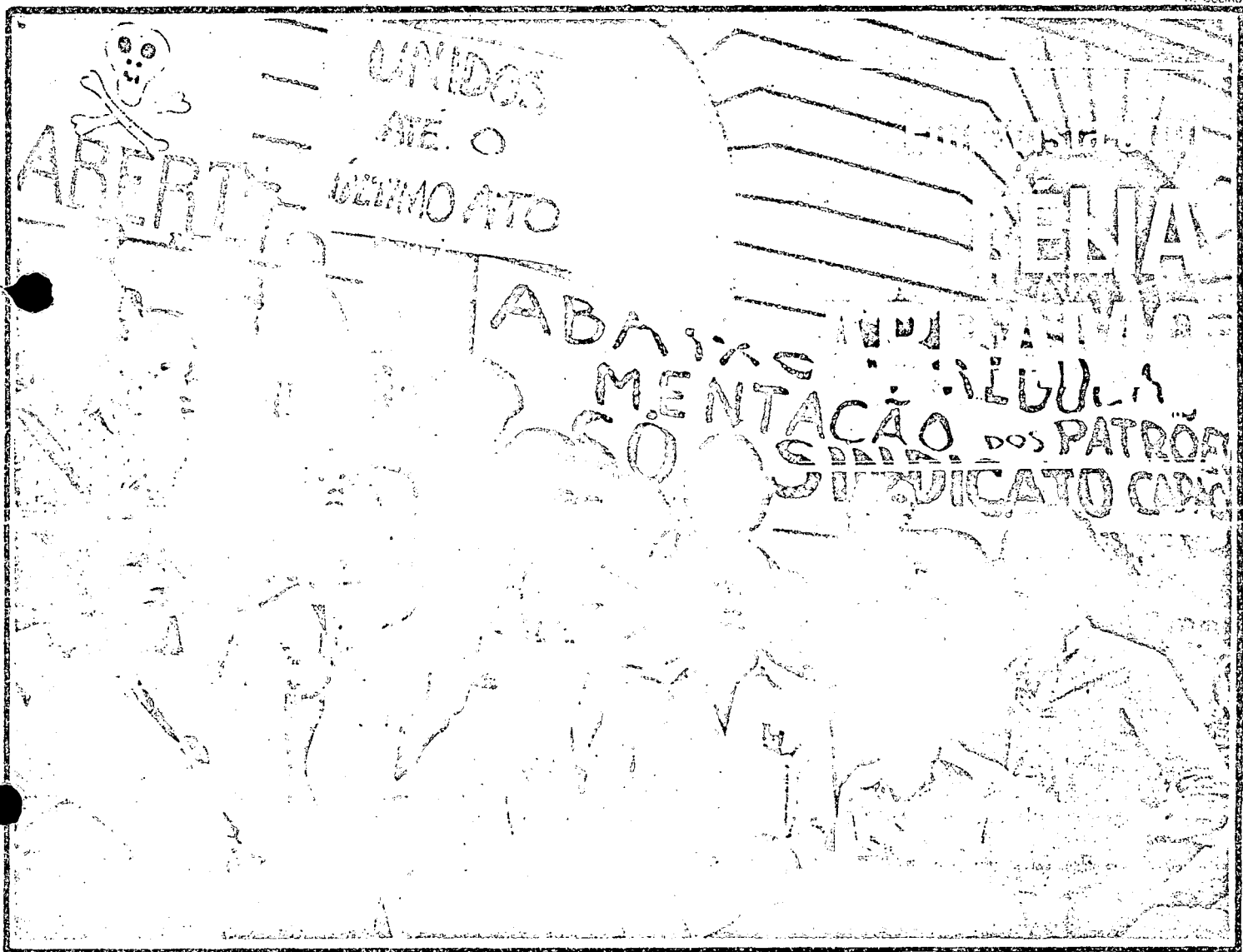
CENA ABERTA

DOS ARTISTAS E TÉCNICOS

Órgão oficial do SATED do Rio de Janeiro

Ano I N.º 1 outubro de 1979

R. Coelho



Prezado Público, vamos: busquem sem esmorecer! Deve haver uma saída: precisa haver, tem que haver!

Shows e variedades é a área da exploração mais descarada, onde as "meninas que falam" trabalham e ensaiam sem carteira assinada, nem nada! Os proprietários só querem saber de faturar, nem ligam para a qualidade de espetáculo

pág. 4



O filme do Sindicato é um trabalho coletivo em cima da obra de Graciliano Ramos. É coisa fina.

pág. 6

Piso salarial existe!

pág. 8

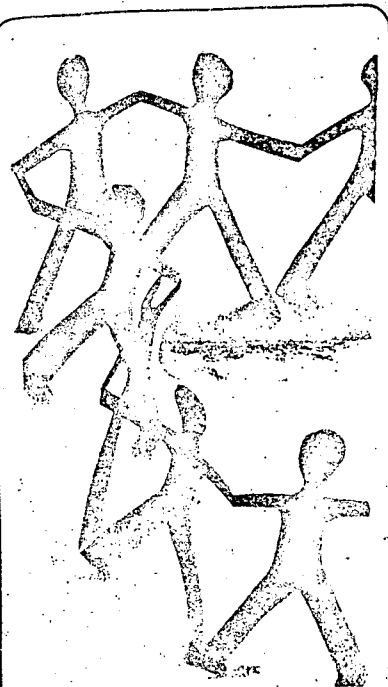
Jimi voltou ao Sindicato assim que saiu da prisão

pág. 2

ATORES DO RÁDIO

O Sindicato dos Artistas e Técnicos, que ficou responsável pelo enquadramento sindical dos atores que trabalham em empresas de rádio, está promovendo reuniões com esta parcela da categoria visando a efetivação de convenções coletivas de trabalho, para dar continuidade e possível melhoria às condições de trabalho dos rádioatores, antes tutelado pelo Sindicato dos radialistas.

ABC



Quando param as redações

Silenciam as máquinas de escrever. Os piquetes nas portas dos grandes jornais, enfrentando a polícia e bombas de gaz, são a maior prova de combatividade dos chamados trabalhadores intelectuais. Por 25% de aumento e pela imunidade dos representantes de redação os jornalistas de São Paulo estão em greve.

No dia a dia das greves dos trabalhadores, os jornalistas estão sempre presentes de caneta e papel na mão, máquina fotográfica em punho, cobrindo os acontecimentos e dando na maioria das vezes a sua solidariedade. Agora chegou o seu dia!

A luta por melhores salários e imunidade para seus representantes nas redações uniu todos os companheiros que decretaram greve geral numa assembléia de 2.000 no TUC-CA, no dia 23.

Repressão patronal

Furiosos, os patrões convocaram imediatamente o secretário de Segurança Pública para reprimir os piquetes. Os jornais continuam saindo, os noticiários de rádio e das TVs, em parte também, sem contar com os informes locais.

Para furar o bloqueio dos patrões e da repressão e vencer esta parada os jornalistas devem ter um só pensamento. Concretizar o apoio de toda a sociedade, entidades democráticas e demais sindicatos de todo o país, organizando manifestações públicas de solidariedade; generalizar a luta em todos os órgãos de imprensa e redações, reforçando os piquetes e a ligação sistemática com o Sindicato e com o Comando Geral de Greve. Mas se os gráficos trabalham continuam saindo os jornais. Se eles param também por suas reivindicações específicas está dado um passo fundamental para conseguir a vitória. Unidos gráficos, jornalistas, radialistas num só comando de greve, não transmitindo os noticiários, parando de fato as impressoras, estaremos à um passo da vitória.

Maio chegou. Entrou ABC à fora e foi encontrar dentro das fábricas o mesmo clima de expectativa que se espalhava pelo país. A trégua do movimento grevista dos metalúrgicos estava chegando ao fim. Em suas mãos se encontrava uma difícil decisão: fechar um capítulo da história do trabalhador brasileiro que se transformou em valiosa lição para todas as categorias e mudou o rumo da política do governo de Figueiredo.

Na assembléia do dia 13 de maio veio a decisão -- as máquinas não voltaram a parar. Quem ganhou? quem perdeu?

Com a certeza de que a luta contra a exploração dos patrões só vai acabar com a vitória definitiva dos trabalhadores, um grupo de metalúrgicos da Convergência Socialista escreve aos seus companheiros.

Companheiros metalúrgicos:

Acabamos de sair de mais uma batalha. Mas a luta continua e será mais forte se aproveitarmos as lições e experiências que fizemos durante esse tempo. Na cabeça de muitos companheiros ficou uma pergunta. Nossa greve foi vitoriosa? é preciso buscar a resposta vendo o movimento como uma luta que começou por reivindicações salariais e avançou conquistando vitórias importantes para a luta dos trabalhadores. Não conseguimos receber os 11% e vão ser pagas metade das horas paradas, mas obtivemos vitórias, pois se os companheiros lembram, os patrões só queriam dar 63 a 60% escalonados, conseguimos arrancar um pouco mais e ficamos com 63%.

O mais importante no entanto companheiros, é que nenhum governo vai daqui para a frente conseguir intimidar ninguém com a estória de que greve é ilegal, porque conquistamos definitivamente nosso direito de entrarmos em greve a qualquer hora que for preciso e obrigar o patrão a sentar na frente dos nossos representantes para negociar cara a cara. E isso tudo companheiros, não foi conquistado apenas para nós metalúrgicos mas para todo o trabalhador brasileiro.

Alguns dias depois da nossa volta ao trabalho, começaram a estourar greves em todo o país. Foram 107 greves em 53 dias que desafiaram o governo Figueiredo com seus pacotes. Nós metalúrgicos fomos os primeiros e todas as categorias ouviram nossa voz e aprenderam conosco. Passamos para os outros trabalhadores a experiência que fizemos desde a nossa greve de 1978. Não é à toa que foi possível fazer dos nossos dirigentes sindicais líderes reconhecidos em todo o país por todos os trabalhadores. A importância desse fato só pode ser reconhecida se lembrarmos que pela primeira vez os trabalhadores tem líderes legítimos, que são operários, como o Lula.

Todas as vitórias alcançadas durante o movimento se tornaram muito mais importante com a devolução dos nossos sindicatos. Agora é nossa tarefa mantê-los fortes. Só através da participação ativa de todos nós nos sindicatos

podemos garantir a democracia que conquistamos dentro do sindicato com as comissões de fábrica, os piquetes e o fundo de greve.

Essas, companheiros são vitórias que têm que ser garantidas por isso é preciso ver claro o que realmente alcançamos. Ninguém entra numa luta sabendo se vai ganhar. Não ganhamos tudo que reivindicamos dos 78,1%. Conquistamos muito mais. Não só para nós mas para todos os trabalhadores brasileiros.

Nossa tarefa é manter o que conquistamos para da próxima vez irmos até a vitória total!

De que forma garantir isso? Primeiro devemos manter a organização por fábrica e não aceitar que as horas paradas sejam descontadas ou que nenhum companheiro grevista seja demitido.

O segundo passo é fortalecer os sindicatos, trazendo novos companheiros para se associar e participar da vida sindical. Nessa greve vimos o valor de termos Lula e Marcílio para dirigir nossa luta. Nas próximas queremos ter vários deles.

A terceira tarefa nos leva ao acordo salarial e a intervenção que fizeram no nosso sindicato. Nossa greve pegou o governo de surpresa, sem um plano definido de como se comportar diante da greve. Depois de 45 dias de trégua enquanto nós mantivemos nosso ânimo de luta e organização o governo aproveitou para se organizar junto com os patrões. Fizeram um plano anti-inflacionário que uniu todos os patrões contra os trabalhadores e que limita os aumentos salariais a índices muito baixos, enquanto tenta nos enganar com mudanças na CLT, e acenos de "aberturas democráticas".

Ora, se tem algo que nós defendemos de uma vez por todas nessa greve é o valor da nossa união. Se todos os patrões e seu governo se uniram contra nós temos que unir todos os trabalhadores contra eles. Outra coisa, não podemos admitir que o governo ou quem quer que seja se aposse do nosso sindicato. Por isso não queremos que o governo faça mudanças na CLT que passa de suas mãos para a justiça do Trabalho o poder de intervir nos sindicatos. Qual é a diferença? todos sabemos que essa "Justiça do Trabalho" é justiça dos patrões por isso não nos serve.

Os interesses dos trabalhadores só serão realmente defendidos por trabalhadores. Por isso chamamos os dirigentes do ABC, especialmente Lula e Marcílio, que representam a vanguarda da classe trabalhadora para a formação de uma intersindical, a seguir um congresso das classes trabalhadoras onde se elabore: um plano anti-inflacionário e uma nova CLT que responda de fato aos interesses dos trabalhadores. Contra a União dos patrões temos que conseguir a união de todos os trabalhadores.

NÃO AO DESCONTO DAS HORAS PARADAS!

NÃO À DEMISSÃO DOS GREVISTAS!

POR UMA INTERSINDICAL DIRIGIDA.

POR LULA E MARCÍLIO!



O caminho é a luta

Mãos levantadas. Faixas suspensas. Assembleias, piquetes. Em alguns momentos, funcionários de todos os setores e professores caminharam juntos pelas ruas ou se uniram em atos públicos — foram os melhores momentos — O movimento ganhava força e mostrava toda sua vontade de lutar até a vitória. Hoje os professores voltaram as escolas e funcionários ao trabalho. No entanto todos afirmam numa só voz: Não fomos derrotados.



O importante é lembrar que durante 30 dias, mais de 90% do funcionalismo estadual desafiou as regras anti-povo do governo de Maluf e do Prefeito Olavo Setubal. A intransigência dos biônicos tinha a clara intenção de derrotar o movimento pelo cansaço. É claro, eles consideram os setores de serviço como secundários já que não afeta diretamente a produção, portanto seus lucros. No entanto essa greve serviu para mostrar que os funcionários não são servidores do governo mas sim servidores da população. Provou que escolas ruins, professores mal pagos, cansados, sem condições para dar um atendimento digno aos filhos dos trabalhadores assim como as péssimas condições dos hospitais do estado e do município têm uma só origem: a insensibilidade, a má administração pública e o descaso com que o governo trata o povo.

Erros de um lado, acerto de outro

Mas a hora ainda é de briga e é preciso colocar alguns pontos nos devidos lugares. Ainda não foram reiniciadas as negociações que fazem parte do acordo aceito pelos funcionários para voltar ao trabalho. Apesar da greve ter sido longa e ter atingido em muitos momentos mais de 90% dos funcionários a vitória a nível econômico não foi significativa, pois o aumento conseguido de 2.000,00 foi vantajoso apenas para um setor. Além disso é preciso garantir a não reposição dos dias parados e que nenhum grevista seja punido.

O movimento tem pela frente uma batalha ainda dura e os erros cometido pela Coordenação Geral Permanente não podem voltar a ser repetidos. Não é difícil notar que o ponto baixo da mobilização foi exa-

tamente a atitude pouco democrática da CGP que em muitos momentos impediu que o movimento avançasse, não unificando os funcionários, para ganhar a força necessária e forçar outra posição do governo. Não é difícil comprovar como isso é verdadeiro. Basta lembrar o Ato Público em frente ao Palácio dos Bandeirantes, em que todo o funcionalismo se unificou pressionando Maluf e obrigando ao início das negociações. No entanto a CGP não soube tirar daí as lições necessárias e uma assembleia geral. A CGP se investiu de poderes deliberativos quando seu papel deveria ser apenas executivo. Do outro lado temos a nível dos Comandos Gerais a política acertada do Comando Geral dos professores que sem dúvida é a vanguarda no momento. No entanto parte do Comando Geral dos professores foi também responsável pelo não avanço do movimento ao brigar para tomar para si a direção do movimento quando o correto naquele momento era brigar dentro da CGP por sua democratização. Essa mesma parcela luta hoje contra a Apeosp, quando a entidade acaba de ser conquistada por direções legítimas saídas da luta contra as direções pelegas que dominavam a entidade da categoria. Isso pode ser tomado no mínimo como uma grande traição, na medida em que a tentativa de se formar um sindicato paralelo é nesse momento contraponto a entidade que não existe a uma entidade que por direito pertence a categoria.

Essas posições devem ser analisadas porque parte da responsabilidade da volta desorganizada dos funcionários ao trabalho se devem a elas. Só a unidade vai garantir um golpe definitivo contra a política do governo. Todas as mobilizações marcadas provam que os trabalhadores não desistiram de sua luta.

Entrevista

Durante os 30 dias de greve dos funcionários públicos a Universidade de Campinas foi tomada. Quem mandava lá eram os funcionários professores e alunos que se solidarizaram ao movimento. Unidos mantiveram a disposição da luta e adesão total ao movimento até o fim. Mesmo não contando com o apoio da ASSUC — Associação dos Servidores da Unicamp —, os funcionários se organizaram e levaram o movimento em conjunto com a entidade dos professores a ADUNICAMP — Associação dos docentes da Universidade de Campinas —, que passou a ser o Comando Único da Greve.

A greve foi suspensa mas o professor Vitorio Zago, presidente da ADUNICAMP, garante que as manifestações ocorridas durante a greve na cidade de Campinas vão ficar por muito tempo e servir para dar força e orientação para a luta. Quem pode esquecer o "Trem da Alegria" de Maluf chegando a cidade às 9.00 hs. sob chuva torrencial? No lugar de empoados cidadãos ele foi recepcionado por uma Salva de vaias de mais de 2.000 funcionários que estavam desde às sete da manhã a espera do grande momento.

Versus — Funcionários e professores voltaram ao trabalho. O fato de não ter sido alcançado o índice reivindicado pelo movimento significa uma derrota?

Zago — De maneira nenhuma. Podemos dizer que a uma certa altura do movimento houve uma mudança no seu caráter. É preciso ver que é a primeira greve do funcionalismo pú-

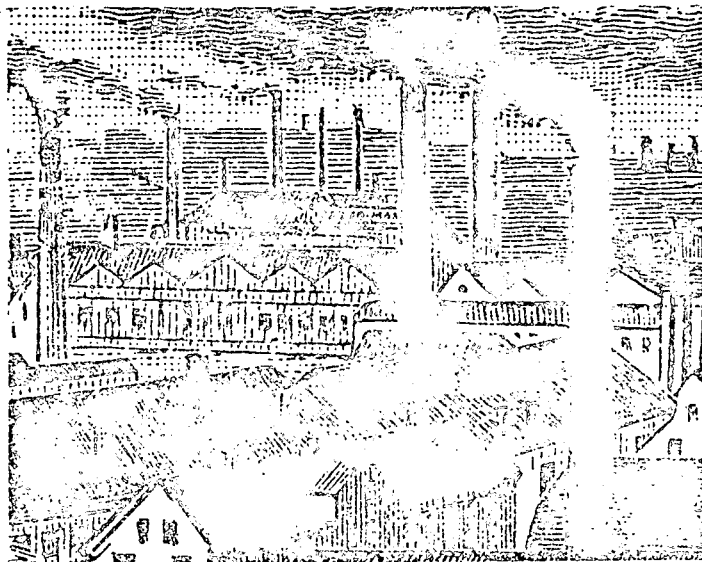
blico depois de 30 anos. A força da greve não estava baseada na paralisação direta da produção, por isso desmoronou rapidamente no campo político. Nesse ponto os funcionários teriam que contar com o apoio de outras categorias de trabalhadores. Mas ainda não reconquistamos nossos organismos de unidade como a CGT e não temos um partido político só de trabalhadores que unifique a luta política a nível nacional. Versus — Quais foram as maiores dificuldades que o movimento enfrentou?

Zago — O índice de 2.000,00, poderia ter dividido o movimento e abriu algumas brechas para manobras, como aconteceu. No entanto isso foi superado pela união dos professores e funcionários, num movimento conjunto. Ficou claro que não podemos aceitar nivelamento por baixo, como escalonamentos, e que manobras e divisões só serão evitadas por um índice comum.

Versus — Como você está sentindo a volta ao trabalho na UNICAMP? Zago — Dentro da Unicamp tivemos vitórias importantes, principalmente no que se refere a atitude do Conselho Diretor da Universidade, que apoiou a greve e manteve-se firme na defesa da autonomia universitária. Vemos aí um embrião para a democratização da universidade. Em todo o funcionalismo as formas organizadas de base e as lideranças que surgiram assim como o ânimo demonstrado nas manifestações do final da greve representam uma vitória que o governador ainda vai sentir por um longo período.

CSN: trabalhadores em campanha

Os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional levantam a poeira de 15 anos e iniciam uma campanha salarial junto com a oposição sindical, exigindo o fim das manobras dos pelegos.



No início de maio, os metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional tiveram uma assembléia movimentada. Duzentos trabalhadores aprovaram a luta por 35% de aumento sem desconto dos 12%, Piso Salarial de 6.000,00; pagamento das taxas de insalubridade do portão para dentro; pagamento do tempo anterior a 67 e pagamento de 100% de horas extras.

Convocada na realidade pela oposição sindical, já que a diretoria do Sindicato não se preocupa com a ampla participação dos metalúrgicos, a assembléia começou com um discurso muito bonito dos pelegos. Trouxeram até um jurista para enrolar o pessoal. Mas logo um metalúrgico começou a falar e disse que não interessava tudo aquilo, pois o importante era a união em torno da proposta de oposição sindical. Falou também que não deveríamos deixar a diretoria manobrar e pedir várias reivindicações que diluiriam as principais.

Mas as tentativas de manobras existiram, sempre acompanhadas pelas vaies do plenário. Disseram até que a oposição é contra o sindicato, mas todo mundo sabe que a oposição é contra a diretoria pelega e luta por sua substituição por uma classista.

Um outro companheiro falou uma coisa muito importante: que era preciso começar a guardar um bocadinho de arroz, pois não se sabe o que virá depois das negociações, pois se os patrões não drem aumento é bom se preparar para os dias de luta.

Foram aprovadas também durante a assembléia duas comissões, uma de divulgação e outra de negociação. Foi recomendado que sejam criadas comissões de divulgação dentro de cada departamento para organizar as divulgações e a convocação para a próxima assembléia.

O que ficou bem claro durante o encontro foi que os trabalhadores precisam de um sindicato com companheiros classistas como os da oposição sindical que lutam pela categoria. Como falaram na assembléia, união mais organização é igual a vitória.



O sindicato é dos bancários

Após sete anos, os bancários retomam o seu sindicato elegendo no pleito de 14 a 18 de maio, uma chapa de oposição ao peleguismo, a Chapa 2.

Mesmo após as eleições anuladas — em janeiro/78 e dezembro/78 — a categoria mostrou sua disposição comparecendo em massa às urnas: 14.438 bancários votaram. Cabe agora às duas chapas de oposição que concorrem, reviverem a militância sindical de base, fortalecer as comissões sindicais, ganhando os bancários para confiarem em seu sindicato, tão desgastado durante todos estes anos. Para isso foi importante o acordo entre as duas chapas de reconhecer o vencedor, sem recorrer ao segundo escrutínio, evitando as manobras da DRT (Delegacia Regional do Trabalho).

Para a Chapa 2, fica a tarefa fundamental de cumprir o seu programa e democratizar o sindicato, favorecendo o crescimento das lutas da categoria. Os 8.426 votos conquistados vão exigir este comportamento.

Renovação Bancária

O crescimento numérico e político da Chapa 1, de 3.225 para 5.327 votos, a chapa que levava um programa e propostas de atuação mais definidos, inclusive o apoio ao PT — Partido dos Trabalhadores — foi o outro dado importante a mostrar o avanço da categoria. Hoje os bancários se organizam em torno de duas correntes de oposição, sem dar chance ao peleguismo.

Agora, não basta comemorar, mas sim, reforçar o sindicato, as comissões de mobilização por banco, e preparar uma grande campanha salarial vitoriosa para o dissídio de setembro.

Uma vitória prepara outra

Os metalúrgicos do Rio conquistaram uma grande vitória: 30% de aumento escalonado, a ser descontado no próximo dissídio.

No início da campanha, os patrões só pensavam em dar 17,6% como constava do último acordo. No entanto a categoria não aceitou a migalha e exigiu 30% já. Depois de duas assembléias que demonstravam o ânimo da categoria, a última reunindo 800 trabalhadores, os patrões recuaram e concederam o aumento. Se este vai ser descontado ou não é uma briga para o futuro. O dinheiro já está no bolso e todos se sentem vitoriosos.

Existiram porém algumas deficiências que a categoria precisará corrigir para a próxima campanha salarial. Ficou claro a importância de um amplo trabalho de propaganda nas fábricas a partir do sindicato, especialmente de sua diretoria; assim como a realização de assembléias setoriais para reforçar a unidade e estender o movimento à todos os companheiros. Essas medidas irão contribuir para preparar uma nova e grande na próxima campanha salarial.



Palavra Sindical



Tarefas das Comissões de Fábrica

As Comissões de Fábrica surgem geralmente em períodos de mobilização. Quando os trabalhadores fazem greve, ou estão reivindicando alguma melhoria na fábrica ou salários mais altos.

Quando acaba o movimento morrem as comissões. Mantê-las vivas permanentemente é uma tarefa importante de todos os trabalhadores.

Dirigir a produção

Este é o objetivo final das Comissões de Fábrica. Se os patrões da fábrica são os representantes de toda a burguesia em cada fábrica os operários devem ser os representantes de sua classe. Por isso as comissões têm uma tarefa: dirigir as lutas dos trabalhadores e consequentemente preparar-se para dirigir a fábrica.

Cada patrão conhece todo o processo de produção de sua fábrica, quantas máquinas funcionam, quantos trabalhadores são necessários para alcançar determinada produtividade, enfim controlam todo o funcionamento do trabalho ali.

Além disso, mantém homens de confiança em sessões chaves para manter o equilíbrio da produção e muitas vezes delatar os trabalhadores que ameacem seus lucros. São os espíões. Muitas artimanhas são criadas para aumentar a produtividade, sem aumentar os salários, isto é para aumentar a exploração. Os mais comuns são o aumento da velocidade das correias, as horas extras e os prêmios por produção que só incentivam a concorrência entre os próprios trabalhadores. Os gritos e insultos de alguns chefes de sessão são as formas mais baratas de estimular a produção à força, à revelia dos salários e da dignidade do operário.

Os operários por sua vez devem adotar a mesma tática dos patrões. Conhecer a fundo toda a fábrica, estudando detalhadamente cada setor. Quem são os principais clientes, quantas máquinas estão quebradas, quantos operários são necessários para levar adiante a produção, são algumas perguntas que devem estar na ponta da língua dos trabalhadores da comissão.

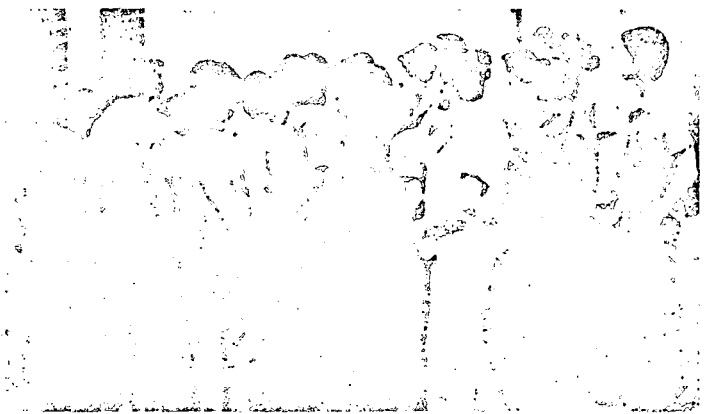
A CLT e o regulamento interno das empresas também devem ser estudados a fundo.

Os trabalhadores devem ganhar a confiança dos trabalhadores dos escritórios e ter seus espíões nas seções mais importantes da fábrica. Cumpridas estas tarefas os trabalhadores poderão planificar sua intervenção nas fábricas, sabendo exatamente quando, e onde atacar.

Programa mínimo

Se hoje as comissões de fábrica são organismos sindicais e ainda não de poder nas empresas, deve ter um programa básico que impulsiona as mobilizações. Além das reivindicações específicas de cada fábrica deve encaminhar também as campanhas salariais das categorias e as lutas mais gerais como a bandeira da estabilidade.

Eleitas democraticamente pela base, são na prática o elo de ligação entre os trabalhadores e o sindicato. Mas isto não implica na perda de sua independência: manter um jornal próprio, murais livres e dirigir a vida comunitária dos operários nos clubes, organizando passeios, bailes, shows e outras atividades sociais são funções suas.



COMANDO GERAL

Metalúrgicos - SP

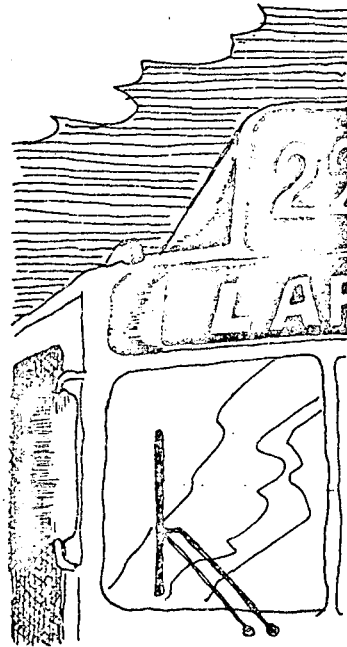
Ano passado foram as urnas furadas. Mas o super-pelego Joaquim sabe que essa já não cola mais. Por isso usa táticas mais "sutis". Agora ele tem sob suas ordens um grupo de capoeira que ao primeiro sinal sai batendo e violentando todos os trabalhadores que fazem oposição aos seus métodos de traição.

No dia 18 passado a assembléia ia começar. Logo na entrada já dava para perceber as manobras do pelego para não deixar que os trabalhadores participassem do sindicato. Na entrada vários funcionários, formavam um corredor polonês para impedir sua entrada. Exigiam a carteira do sindicato. Ora qualquer trabalhador com carteira profissional assinada prova que pertence a categoria e por isso tem todo direito de participar das assembléias e defender seus direitos. O pior é que nem apresentando o recibo de quitação da mensalidade do sindicato um trabalhador conseguiu entrar. Um dos componentes da oposição sindical foi violentamente impedido pelos funcionários, que tentaram tomar o recibo de sua mão. Os outros companheiros que estavam na porta do sindicato reagiram e o grupo de capoeira entrou em ação sob o comando de um dos diretores do sindicato. O grupo passou a agredir todos que estavam nas imediações e no final da briga saiu um operário ferido, outro com o braço quebrado e ainda outro com a cabeça partida.

O fato foi denunciado na assembléia e Joaquim como sempre prometeu punir os responsáveis, mas todos sabem muito bem que isso não vai acontecer. "Joaquim não pode punir os responsáveis que estão na verdade cumprindo suas ordens" disse um metalúrgico componente da oposição sindical setor Sul, "essa diretoria se apega em meios violentos para continuar dominando o sindicato porque sabe que a categoria não reconhece sua direção".

Mas as agressões não param aí. Dentro da assembléia Joaquim tem uma gang organizada para tumultuar, tornando impossível qualquer trabalhador fazer uma proposta. No final da assembléia ele lê suas deliberações como se tivessem sido tomadas pelo conjunto da categoria.

E, companheiros, pelo jeito a oposição Sindical vai ter que contar com o apoio total da categoria e expulsar de vez esses pelegos. Essa experiência que está sendo feita, durante a campanha pelo aumento de 30% de abono, não pode deixar de ser tirada como lição.



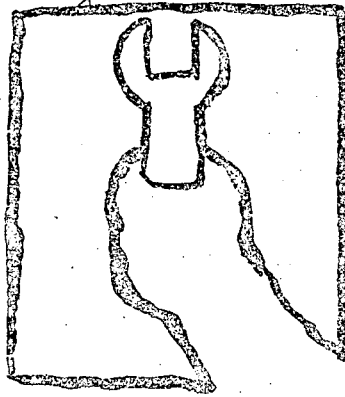
Motoristas - SP

A greve começou, ganhou a cidade e deu muito o que falar. Só que para os motoristas a batalha era dura, tinham que lutar contra o Prefeito e contra a Junta interventora que não deixou nem, ao menos que a categoria utilizasse seu sindicato para organizar a luta. E a greve deixou uma primeira certeza na cabeça de todos - é preciso ter de volta o sindicato.

Antes mesmo da greve acabar, a comissão salarial começou a trabalhar também para lançar uma chapa de oposição e tomar o sindicato da mão da junta traidora.

O trabalho foi duro mas a chapa foi inscrita dentro do prazo curtíssimo que restava para inscrição. Mas antes disso os trabalhadores quiseram garantir a inscrição e impetraram um mandato para adiamento das eleições por 30 dias. Só que a DRT acabou concedendo um prazo de 90 dias. Dessa forma os motoristas vão compor uma nova chapa, dessa vez com nomes discutidos em cada garagem.

De qualquer forma os motoristas vêm lutando, desde que voltaram ao trabalho para fortalecer sua organização pela base para enfrentarem os patrões. Agora que as negociações já se iniciaram o trabalho para mobilizar os trabalhadores por garagem é a única forma capaz de impedir que seja assinado um acordo contra os motoristas e cobradores. É bom notar que logo na primeira negociação o Secretário dos Transportes Olavo Cupertino veio com uma proposta de regimento interno para as negociações que não engana a ninguém. Primeiro é um regimento autoritário feito sem consulta aos representantes dos trabalhadores impondo suas regras para impedir que os trabalhadores negociem dentro dos seus direitos. Para organizar o trabalho de mobilização dentro da garagem a comissão salarial está realizando reuniões aos domingos e organizando vários comandos regionais.



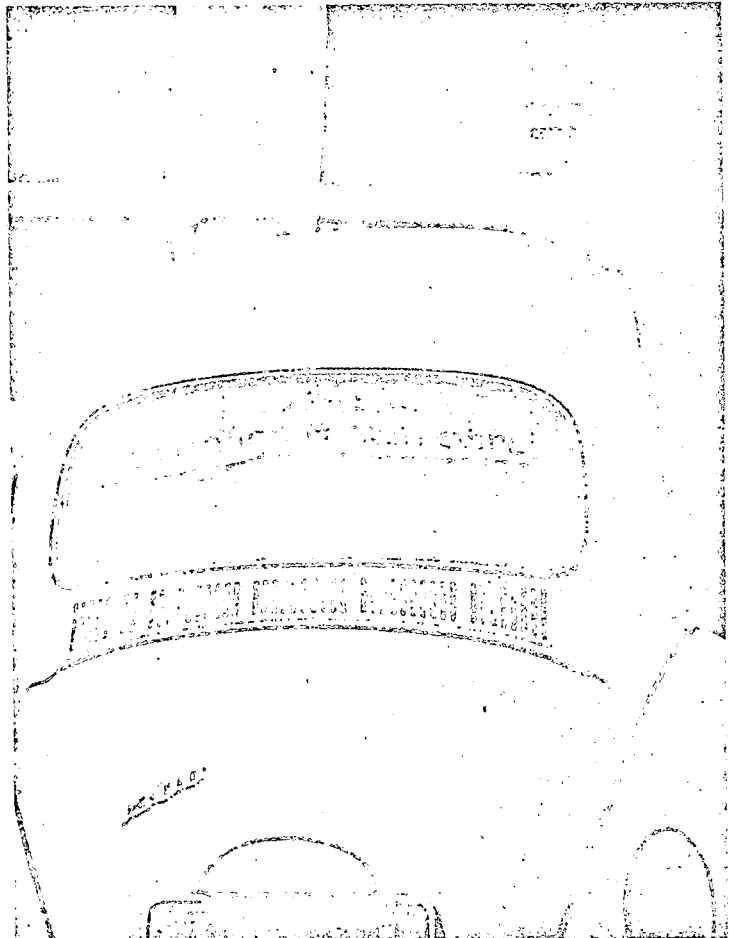
Professores - RJ

Os professores de São João de Meriti no Rio de Janeiro, depois de 15 dias de greve, conquistaram uma grande vitória: 92,5% de aumento salarial.

De 1.560,00 passou para 3.000,00 a remuneração mais baixa entre o professorado local.

Mas a vitória não parou aí. Foi formada uma comissão integrada por quatro professores municipais e dois representantes da Sociedade Estadual dos Professores - SEP, entidade consagrada nas últimas greves no Rio, para estudar com o prefeito, a partir do dia 20 de junho, os reajustes para os outros níveis salariais e a integração das professoras adjuntas - já concursados e com mais de 15 anos de profissão, mas sem o curso normal.

Foram aceitos representantes da SEP em todas as escolas, o maior saldo organizativo da greve e a garantia de mobilizações futuras.



Têxteis - SP

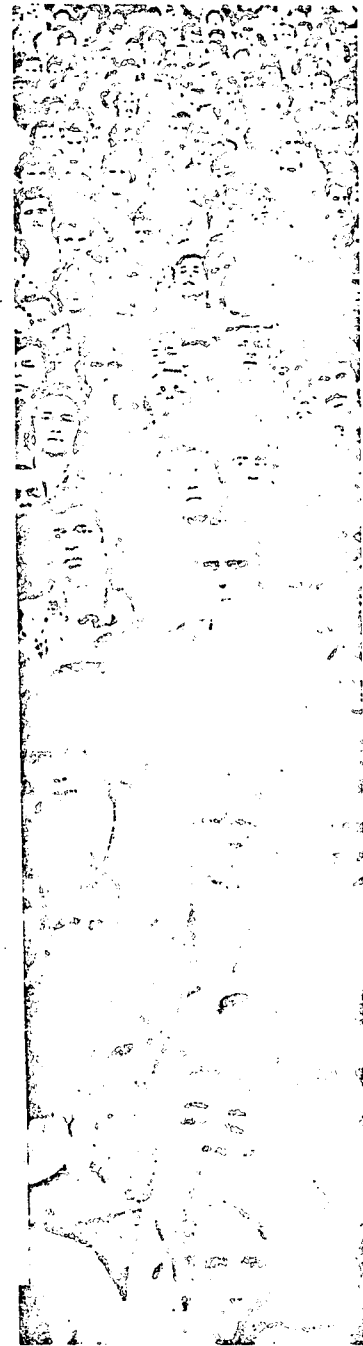
Apesar da diretoria estar fazendo tudo para impedir o avanço da campanha, os têxteis paulistas prosseguem com a campanha pelo abono de 30%. Só que desde o começo dava para perceber que alguma coisa não estava certo. A diretoria do sindicato encaminhou numa primeira assembléia um índice de 60% de abono quando todo mundo sabe que é impossível negociar partindo de um índice tao alto. É claro que eles não estavam enganados, a diretoria na verdade não estava levando a sério a reivindicação dos trabalhadores e pensaram que poderiam enganá-los. Mas a manobra não durou muito tempo, e a assembléia do dia 20 de maio provou que os trabalhadores em indústrias têxteis sabem o que querem.

Exigiram que o índice fosse baixado para 30% e desmascaram a diretoria. Porque a diretoria não conseguiu a categoria. Além disso o boletim para encaminhamento da campanha foi tão mal redigido que nem ao menos constava o índice a ser levado.

Essas são lições que a categoria está aprendendo a partir das assembléias que já começam a se tornar massivas. É o resultado da organização pela base, dentro das empresas, com a criação de comissões de fábrica.

Só que as diretorias já está com o olho em cima das comissões cercando os companheiros e tentando transformá-los em traidores da classe.

A última assembléia foi a gota d'água. Não ficou marcada uma nova data para a categoria voltar a se reunir e discutir conjuntamente o andamento da campanha pelo abono e não foram definidas outras formas de encaminhar a luta. É claro que a diretoria preferem as reuniões separadas com as comissões porque desse forma é menor a possibilidade de ser desmascarada. Mas ninguém vai cair nessa. Os trabalhadores sabem que a assembléia geral é a forma mais democrática de discussão e não vão abrir mão dessa conquista.



Professores - MG

Em Minas Gerais não há aulas. Os professores municipais, estaduais e particulares estão parados, reivindicando melhores salários, unificados em um só Conselho Geral de Greve.

Durante a concentração monstro do dia 23 de maio, em frente à Assembléia Legislativa, mais de 10.000 professores exigiam do governo uma resposta às suas reivindicações.

No peito de alguns o desafio ao Secretário da Educação que afirmou não poder dialogar com um movimento que não tinha rosto, em clara referência à falta de apoio por parte das entidades classistas: "Nós somos o rosto da greve".

Direção na luta

Na verdade as entidades de representação não estão assumindo a direção da greve. Maria Telma, presidente da União das Professoras Primárias, está abertamente contra e do Comando Geral, a verdadeira direção, não faz parte nenhuma entidade oficial.

Mas os professores já procuraram criar alternativas com os representantes por regionais e os professores presentes no Comando Geral de Greve se organizando em chapas para substituir os pelegos nas próximas eleições.

Só o CGG negocia

Como único representante reconhecido dos professores, só os membros do CGG podem negociar com o governo. Que confiança merecem dirigentes como Maria Telma? Nenhuma respondem os professores.

Mas para negociar com força é preciso manter a paralização que já atinge 100% e generalizar o movimento no interior. A unidade e a democracia asseguradas por assembléias unitárias devem prosseguir.

Lotando as assembléias, mesmo as convocadas pelos pelegos como a do dia 23 na Sede da Associação das Professoras Primárias, obrigando as diretorias a assumirem as reivindicações, a vitória poderá ser alcançada.

As reivindicações

Os professores particulares exigem 35% de abono imediato e 25% pelo trabalho extra classe.

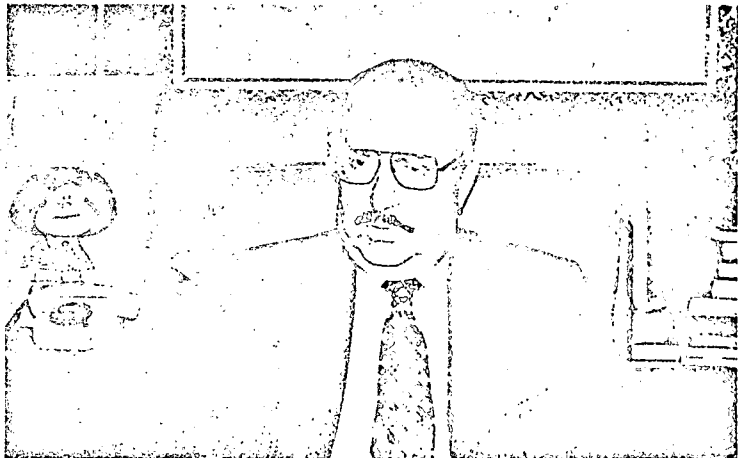
Na rede oficial os professores normais querem 8.966,00; os com estudos adicionais 9.360,00; com licenciatura curta 11.232,00 e com licenciatura plena 13.480,00. Além do aumento reivindicam doze horas semanais e mais oito horas preparatórias, efetivação dos precários e equiparação dos inativos.

COMANDO GERAL



VERSUS

O homem de 66 milhões de dólares



O imperialismo americano desmascara sua política de direitos humanos e financia a matança de Somoza na Nicarágua. Somente a solidariedade internacional de todos os oprimidos, ao lado da brava luta do povo nicaraguense, conseguirá liquidar a ditadura e implantar um governo de trabalhadores.

A América Central é um barril de pólvora e a Nicarágua é hoje seu estopim. Há mais de 30 anos lutando contra a dinastia da família Somoza e a sua Guarda Nacional, os trabalhadores nicaraguenses juntamente com a Frente Sandinista de Libertação Nacional provocam há 18 meses um estado insurrecional no país. Levantes armados com o apoio da população são realizados quase que diariamente, sufocados pelos ataques da Guarda Nacional que bombardeiam o país, atingindo indiscriminadamente guerrilheiros e população civil.

A Nicarágua vive hoje uma guerra civil. É um país arrasado pela tirania de um governo que se apoia com um pé no imperialismo americano e com outro na sanguinária Guarda Nacional. A própria burguesia nacional, traidora e vacilante está hoje em sua maioria na oposição, procurando proteção numa futura aliança com o imperialismo americano.

As duas faces do dólar

Se Carter não anda nada satisfeito com a ditadura do assassino Somoza, em contrapartida não confia o suficiente na burguesia opositora, extremamente débil, e não aceita um governo com a Frente Sandinista, único movimento representativo e forte no país.

Entre lamúrias e profissões de fé na política dos direitos humanos autorizou recentemente um empréstimo de 66 milhões de dólares à Nicarágua através do Fundo Monetário Internacional. Este dinheiro é fundamental para Somoza enfrentar a crise que vive o país — uma dívida de 80 milhões de dólares, ausência total de investimentos e desemprego que atinge 4 entre dez trabalhadores.

O objetivo do governo americano é fortalecer a economia nicaraguense para que haja possibilidades de uma transferência do poder das mãos de Somoza para os setores burgueses da FAO — Frente Ampla de Oposição, em aliança com o Partido Liberal de Somoza, sem grandes abalos e sem o perigo de uma forçada composição com a Frente Sandinista.

Solidariedade Internacional

Na verdade nenhum dos dois governos interessam aos trabalha-

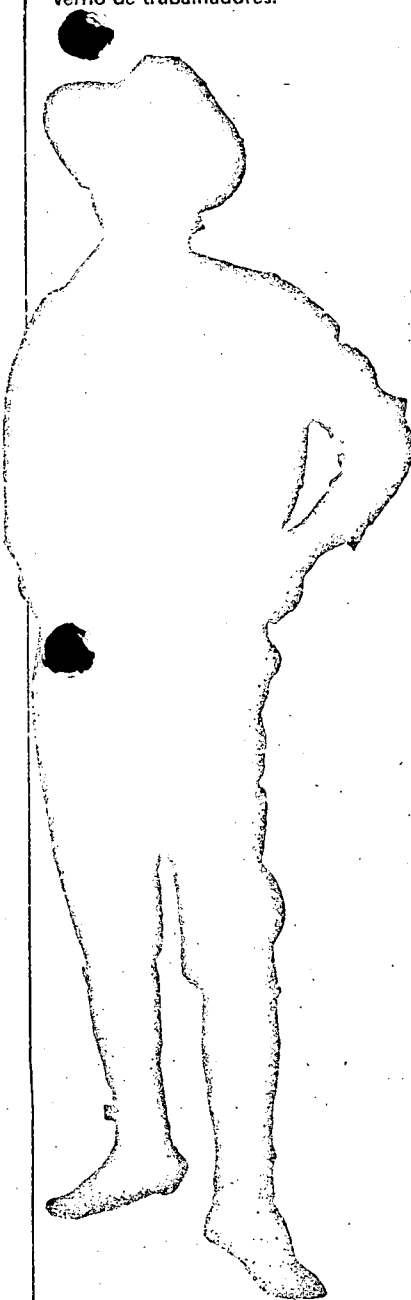


dores. Ambos são patrões e a burguesia da FAO até pouco tempo apoiava Somoza. Só um governo composto pela Frente Sandinista de Libertação Nacional, com os partidos dos trabalhadores e Centrais Sindicais poderá assegurar o fim da ditadura e as liberdades democráticas. E levar adiante uma linha programática que tenha como pontos principais: a ruptura com todos os pactos com o imperialismo; expropriação das propriedades imperialistas; expropriação dos bens da família Somoza; Liquidação da Guarda Nacional e a eleição de uma Assembléia Constituinte Democrática e Soberana. Estas são conquistas que só um governo de trabalhadores poderá garantir através da construção socialista no país.

Mas para enfrentar os patrões do mundo só os trabalhadores unidos internacionalmente numa ampla campanha de denúncia contra o empréstimo do FMI e de solidariedade ao povo nicaraguense. Uma campanha concreta com manifestações de protesto em todos os países, principalmente naqueles com representa-

ção no FMI, pressionando seus governos para, a exemplo do México, Costa Rica e Panamá romperem as relações com o governo de Somoza; com envio de telegramas às embaixadas e ao governo dos Estados Unidos, exigindo do parlamento americano não só um posicionamento contrário ao empréstimo como um boicote às propostas do governo Carter. As entidades democráticas como a Anistia Internacional e outras poderão assumir um papel importante não só divulgando a situação da Nicarágua através de debates, palestras, livros e jornais como promovendo encontros internacionais e nacionais para elaborar uma campanha de solidariedade unificada.

Aqui no Brasil a campanha de solidariedade poderá ser iniciada no Congresso de Criação da UNE — União Nacional dos Estudantes. A luta pela libertação da Nicarágua e de todos os povos latino-americanos deve ser a principal bandeira internacional dos estudantes brasileiros levando adiante a tradição democrática do movimento estudantil.



NICARÁGUA GUERRILHEIRA
os antigos moços na estrada

Nosso repórter foi a Nicarágua. Entrevistou Somoza, penetrou nas trincheiras sandinistas, conversou longamente com os homens e mulheres de um país naufrago. O povo valente de uma nação arrasada lutando contra uma dinastia que sobrevive às custas do sangue e do massacre.

Hélio Goldsztejn escreveu um livro. Uma reportagem de autor, ódio, violência e coragem. Como todos os capítulos da revolução.

A "Nicarágua Guerrilheira" é o primeiro livro da série "Carnos pelo Socialismo" editada por Versus. Não será o último pois o caminho ainda é longo e a espera rica em lições.

Do país de Sandino, uma das mais cruéis experiências na luta de um povo pela sua liberdade.

Há muito tempo, a bandeira da UNE começou a reaparecer durante manifestações públicas. Para muitos foram os primeiros encontros. Afinal, durante os atos de violência sofridos por toda a sociedade brasileira a UNE também ganhou seu selo oficial "proscrito". Hoje, a medida que o nível de mobilização e organização dos diversos setores explorados avança na luta contra a opressão, a voz dos estudantes de todo o país, se torna cada vez mais forte. Sob as cinzas do Decreto Lei 477 e 228 a UNE renasce para unir os estudantes e democratizar as universidades.



UNIVERSIDADE E MOVIMENTO ESTUDANTIL

Nos dias 29 e 30 de maio, mais de 3.000 delegados, representando as várias correntes de opinião do movimento estudantil, se encontrarão em Salvador no Congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes, UNE.

Sem negar seu passado, a nova UNE deve buscar definições mais precisas para consolidar a aliança com os trabalhadores, os principais aliados dos estudantes. Do apoio que receber de todas as entidades democráticas como o MDB, Igreja, ABI, OAB, CBA e outras; dos trabalhadores através dos seus sindicatos e na luta comum contra o ensino pago e por uma universidade voltada para os assalariados e principalmente dos próprios estudantes, refletindo a sua necessidade de organização e união, renascerá forte e poderá conquistar sua legalização.

Sindicato estudantil

A UNE deve ser o sindicato dos estudantes. Independente do estado e do governo, refletindo as várias correntes de opinião presentes nas universidades do país. Para conquistar esta representatividade deve se guiar sempre pela prática democrática nas suas decisões e nas formas de representação.

Eleições diretas

Democratizar a UNE hoje significa promover eleições diretas para a sua diretoria. Nascendo em um momento em que as lutas estudantis se dão dispersas tanto à nível das reivindicações específicas como das políticas, quando não

existem campanhas de ação que unificam o movimento, o voto direto de cada estudante significará o debate e o posicionamento nas escolas, nas salas de aula, sobre o programa e o papel da UNE e a sua ligação mais estreita com toda a comunidade estudantil.

Qualquer fórmula mais vanguardista como a das eleições por delegados poderá ser eficiente no futuro, quando a UNE já tiver conquistado o seu lugar e se implantado entre os estudantes. Quando o nível de mobilização estudantil apresente assembleias massivas e de fato representativas.

As eleições indiretas para a UNE hoje significam na prática afasta-la do conjunto, restringindo a participação à uma minoria de privilegiados. E os estudantes não querem uma UNE burocratizada, eleita ao sabor dos acordos e conchavos entre as tendências, mas um instrumento de ação que reflita as necessidades de todos.

Para que haja tempo de preparar uma ampla campanha as eleições devem ser marcadas para o fim de agosto, início de setembro. E até lá a UNE deverá ser dirigida por um Conselho Nacional de entidades composto por todos os DCEs, Uniãoes Municipais e UEEs. Legalidade já!

Cai o 477 e o 228, leis que ameaçavam com punições estudantes, professores e funcionários, e restringiam sua organização. Foi o reconhecimento por parte do governo de sua extinção na prática

conquistada pela mobilização de toda a comunidade universitária com o apoio de toda a sociedade. Foi Uma vitória.

Mas as exigências não param aí. Queremos a legalização da UNE incluída nos planos de abertura do governo, reconhecida como única representante nacional de todos os estudantes brasileiros. Assim como a revogação do 477 e do 228 não se deu por bondade mas pela luta, sua legalidade será conquistada pelos estudantes com o apoio da população e de suas entidades democráticas.

Uma campanha pela legalização da UNE tem de ser organizada desde já, como uma das principais tarefas votadas no Congresso.

Uma carta política

O governo promete estender a mão em conciliação nacional. E os estudantes sabem, primeiro que não existe conciliação com um governo que tortura, mata e não representa os trabalhadores, a maioria da nação. Segundo, que na outra mão, escondido está um porrete para disciplinar a conciliação e continuar explorando e reprimindo trabalhadores, estudantes e todos os oprimidos.

Por isso continuam intransigentes em sua luta contra a ditadura, pela anistia ampla geral e irrestrita e pela Convocação de uma assembleia nacional constituinte democrática e soberana.

Estes os pontos iniciais que devem constar na Carta de Princípios da UNE, pois refletem um senti-

mento e lutas já tradicionais.

Sem ser um estatuto ou um programa acabado a Carta de Princípios deve ser uma carta de princípios políticos já consagrados pelo movimento estudantil. Neste sentido devem constar também pontos como a luta contra a reforma universitária e pela reformulação do ensino; solidariedade à luta dos trabalhadores e pela reconstrução do CGT e dos seus partidos políticos e a solidariedade a todas as lutas dos estudantes e trabalhadores do mundo contra a exploração. Lutas nacionais.

A principal tarefa da UNE hoje é a implementação de Campanhas Nacionais que unifiquem os estudantes e os organizem na luta. Com estas campanhas a UNE garantirá de fato o seu reconhecimento e prestígio não só nas universidades como entre a população.

Entre os temas que mais mobilizam os estudantes existem dois mais importantes: a luta pelo ensino público e gratuito e contra o ensino pago e elitizado defendido abertamente pelo atual ministro da educação e pela anistia a todos os professores atingidos pela repressão.

Através da consequência de suas lutas, os estudantes poderão criar condições sólidas para ampliar sua aliança com os trabalhadores e abrir caminho para a derrubada final de uma sociedade injusta, substituindo-a por outra, onde os trabalhadores sejam governo e iniciem a construção do socialismo.



PUC

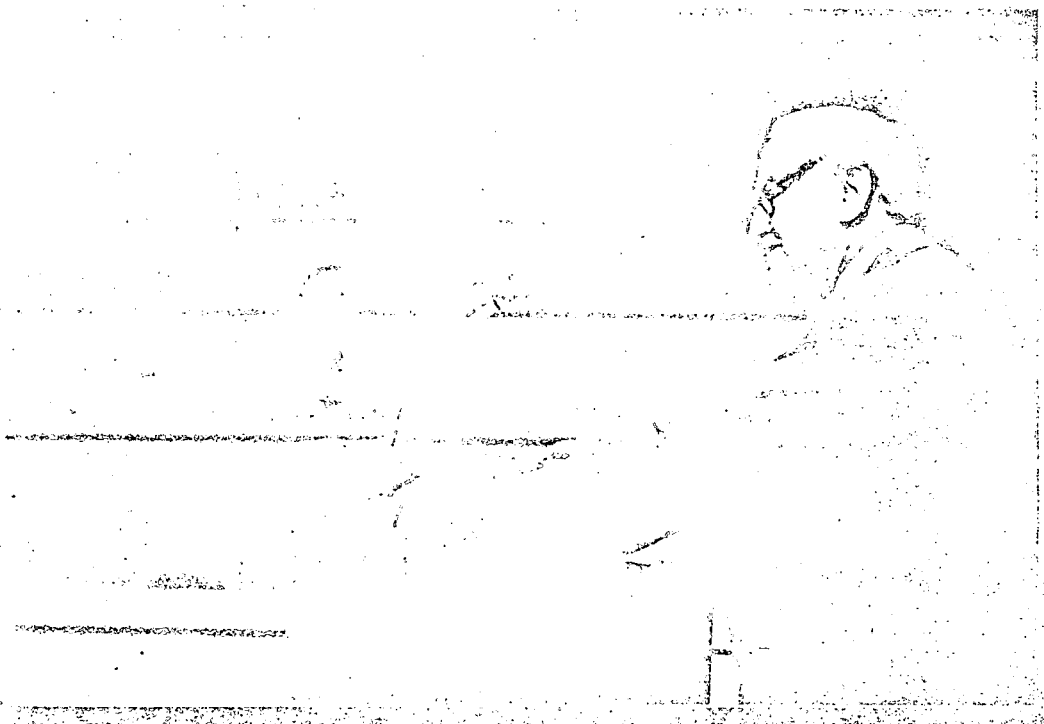
NOTÍCIAS

Informativo Semanal

34

Dr. Abs fala da economia internacional

"Observações a respeito da situação financeira e monetária internacional", foi o título da conferência que o Dr. Herman Joseph Abs pronunciou no auditório do Rio Data Center. Ele é uma autoridade em economia, com renome mundial. Declarou-se a favor de um sistema monetário internacional com taxas de câmbio fixas e um dólar amarrado ao centro do sistema. Na quinta página um resumo da conferência que pronunciou.



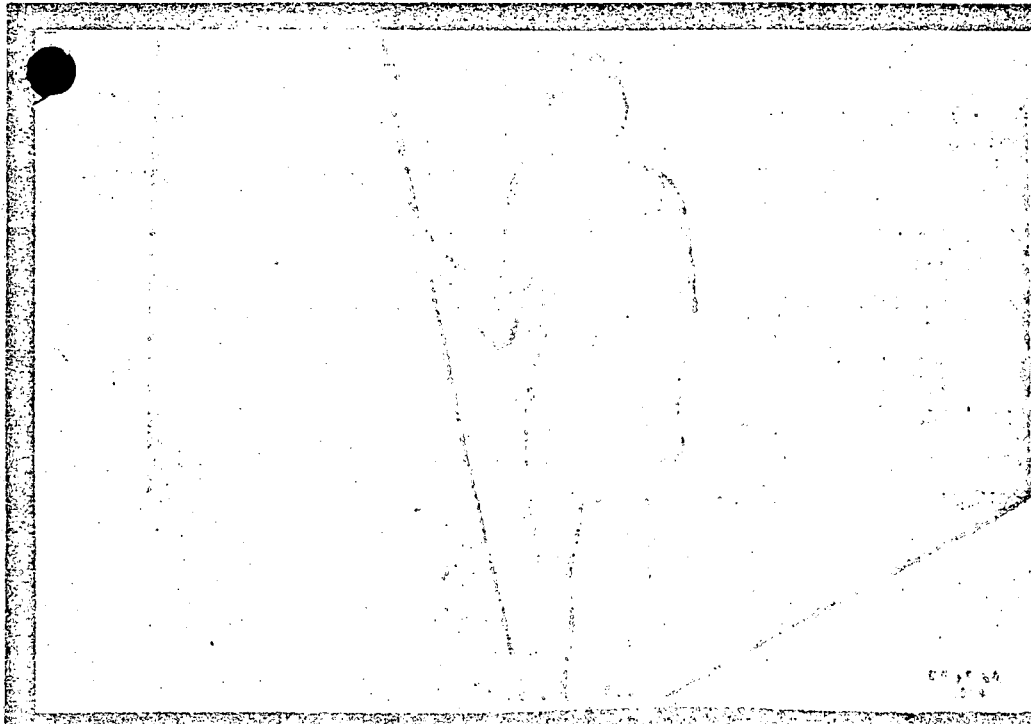
Problemas mundiais da odontologia em debate

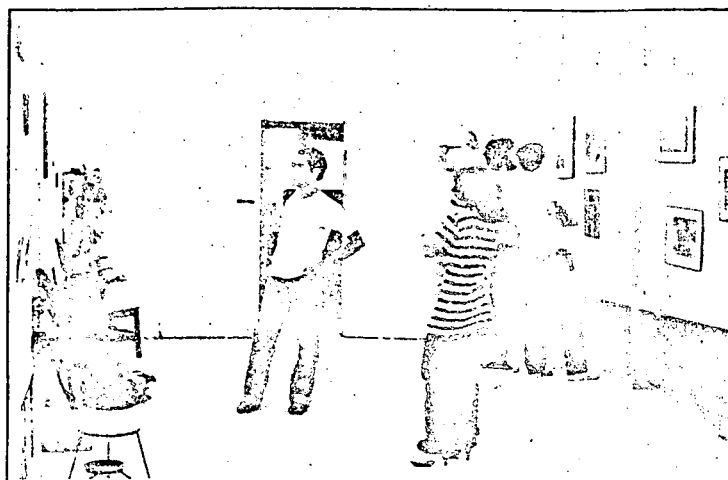
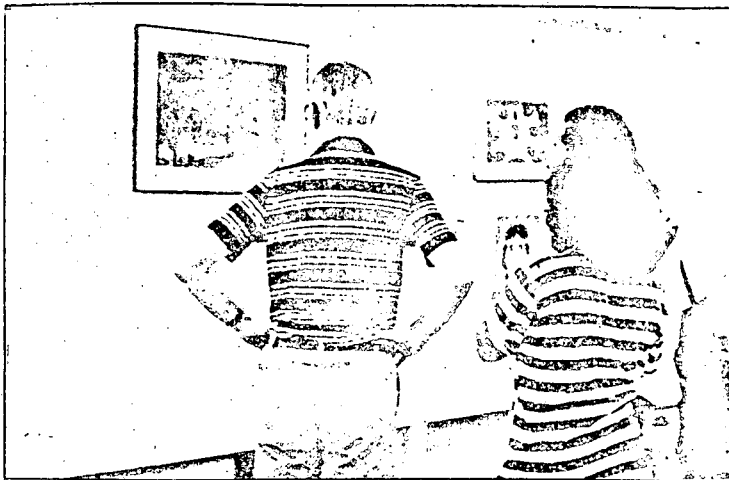
O Instituto de Odontologia vai comemorar os seus 25 anos de existência debatendo, em simpósios, os cinco problemas mundiais determinados pela Organização Mundial da Saúde, nesse campo. Sob a denominação Jornada Odontológica

Jubileu de Prata serão realizados, ainda, dia 15 a 18, cursos para acadêmicos, a cargo de 10 professores, cada um falando sobre a sua especialidade, e cursos para dentistas, a cargo de professores da Escola do Pós-Graduação em Medicina. Texto na página 3.

Aspectos da realidade brasileira

Ainda há tempo para ver, quem ainda não viu: a exposição de Cristina Maria Assunção Moura Varão, aluna do Departamento de Serviço Social, na Biblioteca Central. São 13 quadros a óleo, com uma predominância de elementos nordestinos e indígenas. O objetivo da pintora é transmitir aos colegas universitários aspectos da realidade brasileira. Cristina já havia, anteriormente, realizado no mesmo local uma exposição fotográfica subordinada ao tema "A Terra e o Homem do Nordeste". Página 2





• Os quadros de Cristina têm atraído a atenção de um grande número de visitantes da exposição na Biblioteca Central

Aspectos da realidade nacional expostos na Biblioteca Central

No último dia 5, iniciou-se na Biblioteca Central, uma exposição de quadros da pintora Cristina Maria Assunção Moura Varão. A exposição, que se estenderá até o dia 15 de novembro, apresenta 13 quadros pintados a óleo e conta

com um livro aberto a críticas e assinaturas dos assistentes.

Cristina Maria é aluna do Departamento de Serviço Social da PUC/RJ. Segundo ela, suas obras têm um significado em relação à sua futura atividade profissional,

revelado nos temas escolhidos, que mostram elementos indígenas e nordestinos. O objetivo da pintora, nesta sua primeira exposição, é transmitir aos colegas universitários partes da realidade brasileira, a partir do seu ponto de vista

artístico, que busca ainda um estilo definitivo. Anteriormente, Cristina Maria realizou uma exposição fotográfica, também na Biblioteca, com o tema: "A Terra e o Homem do Nordeste."

As pessoas interessadas em

promover exposições na Biblioteca Central da PUC/RJ devem se dirigir à Vice-Reitoria Comunitária e solicitar uma permissão, com a qual poderão reservar, junto à Diretoria da Biblioteca Central, uma data para o evento.

Glôncia ante a ética

Nos dias 25 e 26 de outubro, esteve na UNICAMP o Professor Aristides Camargos Barreto, Associado do Departamento de Matemática e Coordenador dos Projetos Interdisciplinares do CTC. Por meio de uma estratégia criada pelo Professor Aristides, a partir de modelos matemáticos, aquela Universidade está realizando uma experiência de ensino de Matemática integrado ao de outras áreas, com recursos do Projeto PADES (Projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior), do MEC. Durante a visita foram feitas uma primeira avaliação de resultados e a programação da próxima etapa.

Defesa de Teses

Educação

Determinantes Socio-econômicos do Rendimento e Atraso Escolar é o título da tese que a aluna Elcy Rodrigues Lacerda defende, dia 12, às 16h, na sala 130 do prédio Cardenal Leme.

Trata-se de uma análise dos fatores sócio-econômicos que influem no rendimento e atraso escolares dos alunos de primeiro e segundo graus, através do estudo comparativo entre quatro países latino-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil e Peru. O ren-

dimento é avaliado através da idade cronológica do aluno na série escolar. A ocupação e a educação dos pais, situação de trabalho da mãe, além dos hábitos culturais da família são alguns dos aspectos que foram alcançados com o determinante do êxito ou fracasso e do atraso escolar dos alunos latino-americanos.

A comissão julgadora é constituída pelos professores: Marlon Augusto Viana, presidente; Cláudio Moura Castro e Daniel de Oliveira.

Resultados finais das eleições para o DCE

Só são conhecidos os resultados das eleições para o DCE da PUC/RJ. A vencedora foi a chapa Mutirão, somando 2.858 votos. A seguir a contagem final, conforme foi apurada pelos Centros:

	CTC	CCS	CTCH	CCBM	Final	%
Mutirão	844	1112	851	51	2.858	51
Unidade	831	955	383	56	2.225	40
Novos Rumos	78	96	31	1	206	4
Nulos	80	12	33	1	186	3
Branco	55	40	25	0	120	2
Total	1.888	2.275	1.323	109	5.595	100



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Grão Chanceler

Cardeal Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro

Reitor
 Vice-Reitor Administrativo
 Vice-Reitor Acadêmico
 Vice-Reitor Comunitário
 Vice-Reitor de Desenvolvimento

Pe. João A. Mac Dowell, SJ
 E. Quintiliano da Fonseca Sobral
 Pe. Agostinho Castejon Garcia, SJ
 Pe. José de Souza Mendes, SJ
 Prof. Heitor Moreira Herrera



PUC NOTÍCIAS
Informação Semanal

EDITOR: PROF. NELSON DIMAS FILHO
 Gerente Comercial: Ruy Damasceno
 Assessor de Imprensa: Pe. Dumel Amaral, S.J.; Redação: Vânia Paula Faveres Cordoniz; Reportagem: Dora de A. Lizaralde, João Canali C. Neto, Maria Pia A. M. Mussnich Pedrosa, M. Beatriz F. de Souza; Fotografia: Antônio J. Albuquerque Filho; Secretárias: Márcia Silveira Arjona e Maria da Graça Lima da Cunha.
 Rua Marquês de São Vicente, 225 — CEP 27.453 — Gávea
 Tels.: 274-4197 e 274-9922 (Ramal 213).
 Composto e impresso na Gráfica Editora Jornal do Comércio, Rua do Livramento 189, Tel.: 223-2613 — 4º andar.

Instituto comemora jubileu de prata debatendo temas mundiais

Cinco problemas mundiais da odontologia, determinados pela Organização Mundial de Saúde servirão de temas a cinco simpósios a serem realizados, no período de 15 a 18 do corrente, no campus da PUC/RJ, em comemoração ao transcurso dos 25 anos de fundação do Instituto de Odontologia desta Universidade. Sob a denominação **Jornada Odontológica Jubileu de Prata**, o Instituto realizará, no mesmo período: cursos para acadêmicos, a cargo de 10 professores, cada um falando sobre tema de sua especialidade; cursos para dentistas, de introdução às especializações médicas, a cargo de professores da Escola de Pós-graduação em Medicina, que darão aulas sobre suas especializações.

Os temas dos simpósios, motivo de preocupação da OMS, são: cárie dentária, periodontia (doenças dos tecidos de sustentação dos dentes), maloclusões (irregularidades nas posições dos dentes) e câncer bucal, cuja incidência é cada vez maior.

Está prevista, ainda, a apresentação de temas livres, cerca de 140, ao todo, bem como a fundação de centros de estudos de cada especialização em Odontologia. A programação de aniversário do Instituto de Odontologia, reunindo, assim, apresentações, informações, comunicações, simpósios, filmes, mesas demonstrativas, cursos e debates, com a presença de personalidades de alto nível profissional, obedecerá à seguinte programação:

Dia 15:
 8h30min — Apresentação/informação/comunicações
 10h30min — Simpósio: "Cárie Dentária"
 Presidente: Prof. Suelyo Santos Oliveira
 Expositores: Prof. Marcos Salles Cunha (Etiopatogenia), profª Maria José Marchon (Materiais Restauradores) e Prof. Sérgio Weine (Profilaxia).
 12h30min — Almoço/filmes/mesas demonstrativas

14h30min — Simpósio: "Periodontopatias"
 Presidente: Prof. Orandino Prado Filho
 Expositores: Prof. Celso Saad (Profilaxia), Prof. Rugerpe Pedreira (Etiopatogenia) e Prof. Moisés Moreinos (Tratamento).
 16h30min — Cursos: Introdução às Especialidades Médicas:

- Recentes Avanços em Medicina Nuclear
 Prof. Villela Pedras
- Recentes Avanços em Endocrinologia
 Prof. Luiz César Póvoa
- Introdução às Especialidades Odontológicas

Dia 16:
 8h30min — Cursos:
 Introdução às Especialidades Médicas:
 — Recentes Avanços em Oftalmologia
 Prof. Paulo César da Silva
 Fontes
 — Recentes Avanços em Ginecologia
 Prof. Ivan Lengruber

10h30min — Simpósio: "Maloclusões"
 Presidente: Prof. Antônio Alex Osthoff
 Expositores: Prof. Estelio Zen, Profª Eclia Pineschi e Prof. Mauro César Álvares Cruz.

12h30min — Almoço/filmes/mesas demonstrativas
 14h30min — Simpósio: "Malformações"

Presidente: Prof. Vmfcio Ribeiro Soares
 Expositores: Prof. Antônio Ilseu Giordani (Fissuras), Prof. Wilmar R. Soares (Plásticas dos Tecidos Moles) e Prof. Vinício R. Soares (Malformações Ósseas dos Maxilares)
 16h30min — Cursos: Introdução às Especialidades Médicas

— Recentes Avanços em Radioterapia
 Prof. Antônio Campbell Pena

— Recentes Avanços na Artroplastia do Joelho
 Dr. Eraz Magalhães (Diretor do Hospital Central da Marinha)
 Introdução às Especialidades Odontológicas

Dia 17:
 8h30min — Cursos:
 Introdução às Especialidades Médicas
 — Recentes Avanços em Imunopatologia
 Prof. Ulisses Mota
 — Infecção Focal
 Prof. Tomé Lima de Araújo
 Introdução às Especialidades Odontológicas
 10h30min — Simpósio: "Câncer Bucal"
 Presidente: Prof. Ataliba M. Bellizzi

Expositores: Prof. Afonso Rocha (Profilaxia), Profª Maria Aparecida Vaz (Diagnóstico), Prof. Anilson da Silva Durães (Tratamento) e Prof. Ulisses Mota Aquino (Imunopatologia).

12h30min — Almoço/filmes/mesas demonstrativas
 14h30min — Cursos:

Introdução às Especialidades Médicas
 — Recentes Avanços em Leishmaniose
 Dra. Maria Aparecida
 — Reanimação Cardiorrespiratória
 Prof. Carlos Sá
 Introdução às Especialidades Odontológicas

16h30min — Temas Livres
 18h30min — Missa

Dia 18:
 9h — Temas Livres
 10h30min — Fundação dos Centros de Estudos Especializados
 11h30min — Sessão de Encerramento
 13h — Almoço

Pioneirismo e alto conceito internacional

O Instituto de Odontologia da PUC/RJ foi criado em 1954 por um grupo profissional que trabalhava na Policlínica do Rio de Janeiro e na Associação Brasileira de Odontologia. A iniciativa partiu do Dr. Aristeo Gonçalves Leite e do Dr. Orandino Prado Filho, atuais diretor-executivo e diretor-presidente do Instituto, respectivamente.

O Instituto foi criado a exemplo da Escola Médica de Pós-graduação, fundada no ano anterior, pelo Dr. Geraldo Siffert. Havia a necessidade de uma entidade universitária que ministrasse cursos de aperfeiçoamento na área odontológica. Por isso o Dr. Orandino e o Dr. Aristeo fizeram contato com o Pe. Pedro Belizário Velloso, reitor da PUC/RJ na época, a fim de darem início a este trabalho, que foi pioneiro no Brasil.

Em pouco tempo, o Instituto se firmava como órgão dedicado exclusivamente ao aperfeiçoamento e à pesquisa odontológica, oferecendo aos

profissionais da área cursos de especializações do mais alto nível, obra que vem se desenvolvendo até hoje com a maior seriedade e grande empenho por parte de sua direção.

Este pioneirismo levou ao Instituto, desde a sua fundação, alunos de quase todos os Estados do Brasil e de vários países da América Latina. Hoje em dia, ele conta com cerca de 250 alunos anuais, já tendo formado mais de três mil profissionais em especialização. Até hoje, foram matriculados uma média de sete mil dentistas, distribuídos entre os cursos de extensão, intensivos, de atualização e especialização.

O Instituto oferece vários tipos de cursos de odontologia. As aulas são ministradas em clínicas e hospitais, variando de acordo com as especializações.

O Instituto mantém convênio com a Faculdade de Ciências da Saúde, em Duque de Caxias.

Libros

JORGE, J. Simões—Sem Ódio Nem Violência, edições Loyola, São Paulo

Foi lançado na semana retrasada, pelas Edições Loyola, o livro **Sem Ódio Nem Violência**, do Pe. J. Simões Jorge, da Pastoral Universitária da PUC/RJ. Trata-se segundo o autor, de uma apresentação do método de Paulo Freire para chegar a "verdadeira libertação" através do diálogo.

O Pe. Jorge é Ph. D. em Filosofia pela Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, Roma. Sempre trabalhou no campo da educação, tendo publicado, além desta, mais três obras: **Colégio Planejado**, em 1974, que trata da psicologia dinâmica das escolas de 2º grau;

Jesus Cristo Pão e Vinho, em 1977, sobre teologia da Eucaristia; **A Ideologia de Paulo Freire**, em março de 1979, onde são temas fundamentais de Paulo Freire: a educação, a consciência e a conscientização. Em breve, o Pe. Jorge irá lançar seu quinto livro: intitulado **Libertação, Uma Alternativa?**, que aborda o problema da consciência histórica e o conhecimento e a educação problematizadora.

O Pe. Jorge esteve durante oito anos na Europa, ocasião em que trabalhou no Colégio Universitário Pio Brasileiro de Roma, e na Rádio do Vaticano como locutor e diretor do programa transmitido para o Brasil.

AGUARDEM!
GRANDE SORTEIO DE NATAL
 Uma promoção PUC-NOTÍCIAS, destinada exclusivamente aos alunos, professores e funcionários da PUC/RJ

Discurso de João Paulo II ao Parlamento Geral da ONU

Dignidade humana é fundamento da justiça e da paz



Terceira parte

A dignidade da pessoa humana é o fundamento da justiça e da paz

12. Aplicando este critério, devemos diligentemente examinar *quais as tensões principais*, ligadas aos direitos inalienáveis do homem, que podem fazer vacilar a construção desta paz, que todos desejamos ardentemente e que é também o fim essencial dos esforços da Organização das Nações Unidas. Isso não é fácil, mas é indispensável. Ao empreender tal indagação, cada um deve situar-se numa posição absolutamente objectiva, ser guiado pela sinceridade, pela disponibilidade para reconhecer os próprios preconceitos ou erros e até mesmo pela disponibilidade para renunciar a interesses particulares inclusivamente políticos. A paz, de facto, é um bem maior e mais importante do que cada um destes interesses; e sacrificando estes à causa da paz, servi-lo-emos de maneira mais justa. Afinal, no interesse político "de quem é que pode ser alguma vez uma nova guerra?"

Todas as análises, necessariamente, devem partir das mesmas premissas; ou seja, que todo o ser humano possui uma dignidade que — não obstante a pessoa existir sempre num contexto social e histórico concreto — não poderá jamais ser diminuída, ferida ou destruída; mas que, pelo contrário, deve ser respeitada e protegida se se quer realmente construir a paz.

Os direitos fundamentais da pessoa e o primado dos valores espirituais

13. A Declaração Universal dos Direitos do Homem e os outros instrumentos jurídicos, tanto a nível internacional como a nível nacional, num movimento que não se pode deixar de desejar seja progressivo e contínuo, procuram criar uma consciência geral da dignidade do homem e definir ao menos alguns dos direitos inalienáveis do homem. Seja-me permitido enumerar aqui alguns deles, dentre os mais importantes, que são universalmente reconhecidos: o direito à vida, à liberdade e à segurança da pessoa; o direito à alimentação, ao vestuário, à habitação, à saú-

de, ao descanso e à recreação; o direito à liberdade de expressão, à educação e à cultura; o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, individualmente ou em comum, tanto em privado como em público; o direito a escolher o próprio estado de vida, a constituir uma família e a dispor de todas as condições necessárias para a vida familiar; o direito à propriedade e ao trabalho, a condições equitativas de trabalho e a um salário justo; o direito à liberdade de movimento e à migração interna e externa; o direito à nacionalidade e à residência; o direito à participação política e o direito a participar na livre escolha do sistema político do povo de que faz parte. O conjunto dos direitos do homem corresponde à substância da dignidade do ser humano, entendido integralmente, e não reduzido a uma só dimensão; tais direitos referem-se à satisfação das necessidades essenciais do homem, ao exercício das suas liberdades e às suas relações com as outras pessoas; mas eles referem-se sempre e em toda a parte ao homem, à sua plena dimensão humana.

14. O homem vive simultaneamente no mundo dos valores materiais e no mundo dos valores espirituais. Para o homem concreto que vive e espera, as necessidades, as liberdades e as relações com os outros nunca correspondem somente a uma ou à outra esfera de valores, mas pertencem a ambas as esferas. É lícito considerar separadamente os bens materiais e os bens espirituais, até para melhor compreender que no homem concreto eles são inseparáveis, e para se ver também que todas as ameaças aos direitos humanos, tanto no âmbito dos bens materiais como no âmbito dos bens espirituais, são igualmente perigosas para a paz, porque vão atingir sempre o homem na sua integridade.

Os meus ilustres interlocutores hão-de permitir-me recordar aqui uma regra constante da história do homem, já implicitamente contida, aliás, em tudo aquilo que foi lembrado a respeito dos direitos e do desenvolvimento integral do homem. Esta regra está baseada na relação entre os valores espirituais e os valores materiais ou económicos. Em tal relação o primado compete aos valores espirituais, por atenção à própria natureza destes valores, bem como por motivos que dizem respeito ao bem do homem. O primado dos valores do espírito define o significado próprio e o modo de servir-se dos bens terrenos e materiais, e acha-se, por este mesmo facto, na base da justa paz. Tal primado dos valores espirituais, por outro lado, influi no fazer com que o desenvolvimento material, técnico e de civilização sirva àquilo

que constitui o homem; ou seja, sirva para a este tornar possível o pleno acesso à verdade, ao desenvolvimento, à total possibilidade de usufruir dos bens da cultura de que somos herdeiros e à possibilidade de multiplicar esses bens por meio da nossa criatividade. É fácil verificar, de resto, que os bens materiais têm uma capacidade não por certo, ilimitada para satisfazer as necessidades do homem; de per si, não podem ser facilmente distribuídos e, nas relações entre quem os possui e deles goza e quem se acha privado dos mesmos, provocam tensões, dissídios e divisões, que podem muitas vezes chegar até à luta aberta. Os bens espirituais, ao contrário, podem estar na fruição contemporânea de muitos, sem limites e sem diminuição do próprio bem. Até mais, quanto maior é o número dos homens que participam num bem, mais dele se goza e a ele se vai haurir satisfação, e mais esse bem demonstra o seu valor inesrutível e imortal. É uma realidade confirmada por exemplo pelas obras da criatividade, isto é do pensamento, da poesia, da música e das artes figurativas, frutos do espírito do homem.

15. Uma análise crítica da nossa civilização contemporânea põe em evidência que ela, sobretudo durante este último século, contribuiu, como nunca anteriormente, para o desenvolvimento dos bens materiais, mas que gerou também, na teoria e mais ainda na prática, uma série de atitudes, nas quais, em grau mais ou menos relevante, se acha diminuída a sensibilidade quanto à dimensão espiritual da existência humana, por causa de certas premissas em virtude das quais o sentido da vida humana passou a ser relacionado prevalentemente com os condicionamentos materiais e económicos, ou seja, com as exigências da produção, do mercado, da acumulação de riquezas, ou da burocratização com que se procura regular os correspondentes processos. E isso não será fruto também de se ter subordinado o homem a uma só concepção e esfera de valores?

16. E que ligação é que tem esta nossa consideração com a causa da paz e da guerra? Dado que, conforme já dissemos em precedência, os bens materiais, pela sua própria natureza, são origem de condicionamentos e de divisões, a luta para os conquistar torna-se inevitável na história do homem. Cultivando esta unilateral subordinação humana apenas aos bens materiais, não seremos capazes de superar tal estado de necessidade. Poderemos quando muito atenuá-lo ou esquivá-lo nalgum caso particular, mas não conseguiremos eliminá-lo de maneira sistemática e radical, se não

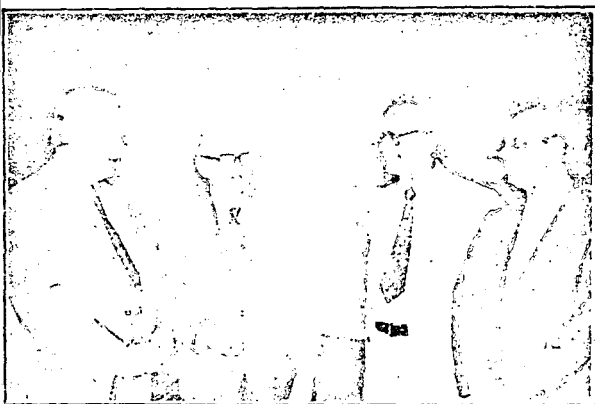
pusermos no devido realce e honra mais emplamente, aos olhos de todos e cada um dos homens, à perspectiva de todas as sociedades a *segunda dimensão dos bens*: a dimensão que não divide os homens, mas que os faz comunicarem entre si, os associa e os une.

Eu julgo que o prólogo famoso da Carta das Nações Unidas, em que os Povos das mesmas Nações Unidas, "decididos a salvarem as gerações futuras do flagelo da guerra", reafirmavam solenemente "a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade dos direitos dos homens e das mulheres, e das nações grandes e pequenas", intenta pôr em evidência uma tal dimensão.

Efectivamente, não se podem combater os germes das guerras de um modo somente superficial, "sintomático". É preciso fazê-lo de um modo radical, que vá até atingir as causas. Se me permiti chamar assim a atenção para a dimensão dos bens espirituais, fi-lo por um motivo de solicitude pela causa da paz, que se constrói com a união dos homens em torno daquilo que no máximo grau e mais profundamente é humano, que eleva os seres humanos acima do mundo que os circunda e decide da sua indestrutível grandeza: indestrutível, sim, não obstante a morte a que cada um deles está sujeito sobre esta terra. E desejaria acrescentar que a Igreja Católica e — creio poder dizer — toda a Cristandade vêem precisamente neste campo a sua tarefa particular. O II Concílio do Vaticano ajudou a estabelecer aquilo que a fé cristã tem em comum quanto a esta aspiração, com as diversas Religiões não cristãs. A Igreja está, pois, grata a todos aqueles que, no respeitante a esta sua missão, se comportam com respeito e benquerença, e não põem obstáculos à sua actuação nem a tornam difícil. A análise da história do homem, em particular pelo que se refere à época actual, demonstra quanto é relevante o dever de patentear mais plenamente o alcance daqueles bens aos quais corresponde a dimensão espiritual da existência humana; demonstra quanto é importante uma tal tarefa para a construção da paz e, ainda, quanto é grave toda e qualquer ameaça contra os direitos do homem. A violação destes, mesmo nas condições "de paz", é uma forma de guerra contra o homem. No mundo contemporâneo, parecem existir duas ameaças principais, que dizem respeito a uma e outra aos direitos do homem, no âmbito das relações internacionais e no interior de cada um dos estados ou sociedades.

Continua na próxima edição

38



O dr. Herman Abs, em palestra com o Reitor, Pe. Mac Dowell, e com os Pes. Leopoldo Hainberger, diretor do Departamento de Química e Gunther F. Schuhly, professor do departamento de serviço social

Dr. Herman Abs falou sobre a situação financeira mundial

Autoridade de renome mundial no campo da economia, só pela sua atividade à frente de importantes organizações, como também publicou, assessor da ONU em problemas de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, o dr. Herman Joseph Abs pronunciou uma conferência na PUC/RJ, dia 19, sobre o tema: "Observações a respeito da situação financeira e monetária internacional."

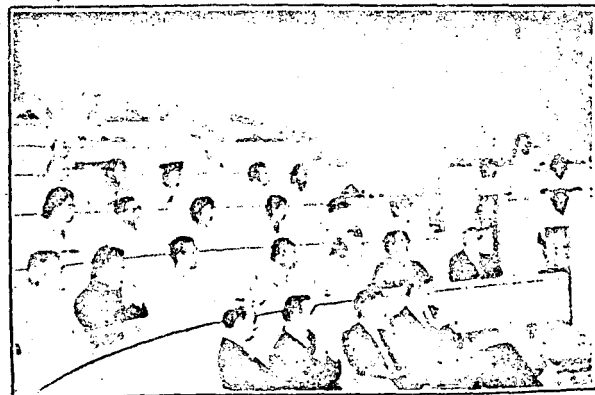
Falando para professores e alunos, além de membros da direção da Universidade, no Auditório do RDC, após ser apresentado pelo Pe. Luiz Garcia de Souza, vice-decano do CCS, o dr. Abs discutiu o mercado de eurodivisas e alguns problemas financeiros internacionais. Descreveu as operações do mercado, as moedas utilizadas, a sua localização, as fontes de informação, o papel dos bancos centrais e a proposta para controlar bancos comerciais,

com reservas mínimas obrigatórias.

O conferencista argumentou contra a prática de alguns bancos centrais, de fazer depósitos de mercado e declarou-se a favor de um sistema monetário internacional com taxas de câmbio fixas e um dólar estável no centro do sistema.

O dr. Abs é presidente da Luftansa, da Daimler Benz AG (fábrica de carros Mercedes Benz), do Deutsche Bundesbahn (sistema nacional de ferrovias da Alemanha) e de mais seis grandes organizações ligadas às indústrias química, metalúrgica, de borracha, de calçados, de energia elétrica e de fibras artificiais, naquele país.

É Doutor Honoris Causa em Ciências Econômicas pela PUC/RJ e pelas Universidades de Goettingen e Mannheim, na Alemanha; Sofia, em Tóquio e Técnica, de Lisboa.



Professores, alunos e dirigentes da Universidade acompanharam com grande interesse a conferência do dr. Abs.

Cônsul da Austria abre mostra sobre Schubert

Uma exposição de reproduções de gravuras, desenhos e quadros sobre a vida do compositor austríaco Franz Schubert, foi inaugurada a 15 do mês na Biblioteca Central da PUC/RJ. A mostra, promovida pelo Consulado Geral da Austria, permaneceu aberta ao público em geral, encerrando-se no dia 26. Foi encarregado da organização, por parte da PUC/RJ, o professor Uwe Schmelter, do Departamento de Letras.

A inauguração contou com a presença de representantes do Consulado Austríaco no Brasil, músicos, estudantes e professores da PUC/RJ, além da Diretoria da Divisão de Bibliotecas e Documentação, prof.^a Suzana Gonçalves, e do reitor, Pe. João A. Mac Dowell. Marcou a abertura da mostra a execução de duas peças de Schubert: "A Morte e a Donzela" e "Primeiro Tempo de um Quarteto em Sol".

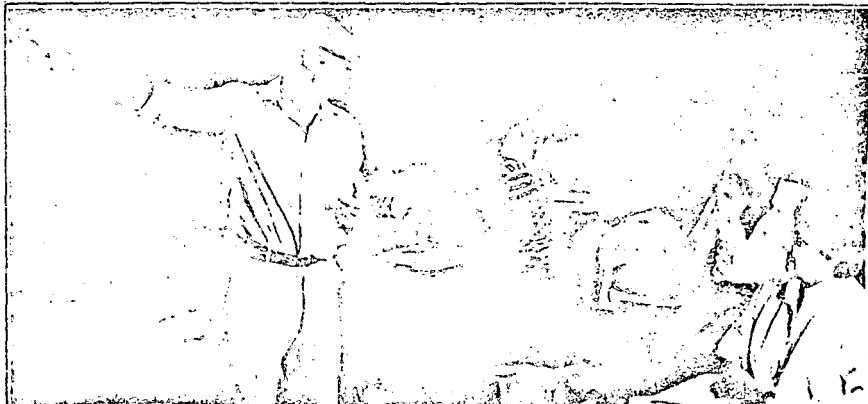
Durante a inauguração da exposição, o reitor da PUC/RJ falou ressaltando o duplo sentido do evento:

"Recordou a importância de manter o intercâmbio cultural com outros países; e acentuar a dimensão artística na Universidade, lançando, assim, um ideal a ser perseguido pelos membros da nossa comunidade: o contato com o belo, com a arte".

O Cônsul Geral da Austria, sr. André Somogyi, também falou do seu contentamento em realizar na PUC/RJ a exposição de Schubert, que está percorrendo diversas capitais do Brasil. Lembrou também que há três anos fez à Universidade uma importante doação de obras de Literatura.

Monsenhor Guilherme Schubert, austríaco radicado no Brasil há muitos anos e profundo conhecedor da obra do compositor, fez uma preleção a respeito da vida do artista. Na confraternização final foi servido aos presentes excelente vinho austríaco, brinde do Consulado.

Entre os representantes do Consulado Geral da Austria, compareceu à inauguração da mostra a sr.^a Anna Maria Zillmann.



Evolução do idioma no Brasil é mais livre que na Europa

A convite do Departamento de Letras da PUC/RJ, o professor de Linguística, Oswaldo Ducrot da "Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales" de Paris, deu um curso entre os dias 22 e 26 do corrente, sobre Linguística, especialmente no campo da semântica das línguas naturais.

Segundo o professor, a Linguística procura definir os caracteres gerais que se encontram em todas as línguas e cada língua tem seu caráter específico. Esses caracteres se encontram na fonética, na gramática, na forma de agrupar as palavras e na maneira de apresentar a realidade. A semântica estuda esta realidade, e como ela é apresentada através da língua.

Durante o curso, o professor sentiu grande interesse e preparo dos alunos, na maneira pela qual formularam per-

guntas, e acentuou que a evolução da nossa língua é mais livre do que as línguas européias.

Ressaltou que as pesquisas na área de Linguística, no Brasil, precisam ser aprofundadas ainda mais, e que a França e os Estados Unidos, pelos recursos financeiros e tradições culturais, são os países mais avançados na área da Linguística.

O professor Ducrot estudou na Sorbonne, em Paris, e já esteve no Brasil quatro vezes, dando cursos e conferências. É autor dos seguintes livros: O Estruturalismo em Linguística; Ed. Cultrix; Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem com o prof. Tzvetan Todorov; Ed. Perspectiva; La Preuve et le Dire e Dire et ne pas Dire, não traduzidos ainda para o português.

PUC NOTÍCIAS - O ESTADO
CULTO GAZETA DO Povo

Fatos & Pessoas

Fundação Japão concede 50 bolsas de estudo

A Prof.^a Zélia Domingos Mediano, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação da PUC/RJ, participou, na semana passada, da 3ª Reunião e da Assembléia Geral da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação — ANPEd. Esta semana, as Profas. Vera Maria Ferrão Candau e Marimar Muller Stahl, do Departamento de Educação, participam, em Salvador, do XI Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional.

O Dr. David Elkind Schwartz, diretor-geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, foi convidado pelo Departamento de Engenharia Industrial da PUC/RJ, para proferir uma palestra nesta Universidade. Ele já aceitou o convite e falará sobre as atividades do DNER e o Plano Alternativo de Transportes. A palestra será realizada dia 27, das 14 às 16h, no auditório de Química — AQ-5 — do prédio Cardeal Leme.

De acordo com a circular 011/79, da Gerência de Pessoal, não haverá expediente na área administrativa da PUC-RJ, nos próximos dias 15 e 16, considerados feriados escolares.

A Assessora da Pós-Graduação da PUC/RJ Maria Fernanda Trigo de Negreiros participou do simpósio realizado pelo Senac, em São Paulo, a 11 e 12 do mês passado, sobre o tema "Perspectivas da Educação para a década de 80".

O Pe. Thomas Lynch Cullen, professor do Departamento de Física, está participando em Roma, como convidado, de um simpósio internacional, denominado "I Colloquium Romanum". O encontro debaterá o tema: "O homem, que é ele realmente? Perspectivas para um novo humanismo". Dele participarão, como conferencistas, o Cardeal Franz Konig, Arcebispo de Viena, e o dr. Pietro Prini, professor de Filosofia da Universidade de Roma e coordenador do colóquio. No encerramento do simpósio, os participantes serão recebidos por S. S. o Papa João Paulo II.

A Fundação Japão distribuirá, no próximo ano letivo, 50 bolsas de estudo a candidatos de todos os países que tenham relações diplomáticas com aquele país. As bolsas são de duas categorias: bolsas de estudo profissionais e bolsas de estudo de dissertação.

As primeiras destinam-se sobretudo a professores de escola superior, escritores e

outros profissionais com experiência e treinamento em algum aspecto de estudos japoneses. Há bolsas profissionais de longa, duração (de 4 a 12 meses) e de curta duração (de 2 a 4 meses). O estipêndio mensal é em regra de 300.000 ienes, além da possibilidade de outros auxílios.

As bolsas de dissertação destinam-se a proporcionar a candidatos ao diploma de

doutorado em ciências sociais e humanidades a que falte apenas a dissertação e em setores profissionais como direito e negócios, uma oportunidade para realizar pesquisa de dissertação no Japão. O estipêndio mensal é de 180.000 ienes, além de outros auxílios.

Não é indispensável proficiência na língua japonesa, embora desejável.

O prazo para apresentação de requerimentos termina em 10 de novembro. Estes são apresentados em formulários fornecidos pela Embaixada ou pelo Consulado Geral do Japão, onde poderão ser fornecidas informações mais detalhadas. A Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa também poderá fornecer mais alguns esclarecimentos.

PONTA FRIO FERRO GAVEIA

Onde comprar é tão gostoso como ir à praia ou tomar um chopp na esquina.

Ponta Frio Gaveia
Rua Marquês de São Vicente, 52 - terreo.

**AGUARDEM!
GRANDE
SORTEIO DE
NATAL**

Departamento de Letras promove ciclo de debates

Aniversariantes da semana (de 12 a 19 de novembro)

Dia 12:
Luiz Emydio F. da Rosa Jr., Departamento de Ciências Jurídicas; Rosane Teles L. Castilho, Departamento de Informática; Jorge de Oliveira, Departamento de Engenharia Elétrica; André Schwab, Departamento de Filosofia; Anthony Julius Naro, Departamento de Letras; Guido Antônio de Almeida, Departamento de Filosofia; Aline de Castro Neves Vieira, Departamento de Psicologia; Heinz Josef Kesselmeier, Departamento de Teologia;

Dia 13:
Cândido José F. Carvalho, Coordenação de Artes; João Carlos Santiago F., Departamento de Engenharia Civil; Roberto Antônio Quintães, Departamento de Comunicação Social; Denisia Rufino dos Santos, Departamento de Economia; Gilberto Oliveira Correa, CETUC;

Dia 14:
Emanuel Paiva O. Costa, CETUC; Márcio Machado Rabello, CETUC; Luciene Neves Barboza, Coordenação Cursos de Administração; Ney Fernandes de Castro, Rio DataCentro;

Dia 15:
Rosa Marina Brito Meyer, Departamento de Letras; Vera Lúcia C. Sorage, Departamento de Letras; Dymas Joseph Pellier, Departamento de Comunicação Social; Paulo Leo Marinho, Departamento de Engenharia Elétrica; Ademar da Silva Mendonça, Divisão de Segurança e Parquetamento;

Dia 16:
Jonny Katz, Departamento de Economia; Marilva Busche Rodrigues, Divisão de Bibliotecas e Documentação; Marcos Alberto Albagli, Departamento de Engenharia Elétrica; Carlos Alberto G. Santos, Departamento de Filosofia; Maria Carmo E. Rollemberg, Departamento de Química;

Dia 17:
Marcelino Cavalcante Pequeno, Departamento de Informática; Glauco Antônio D. Sampaio, Departamento de Engenharia Civil; José Eduardo G. Machado, Divisão de Atividades Artísticas e Culturais; Wellington José Costa, Divisão de Serviços Gerais;

Dia 18:
Silvia Vieira Sousa, Serviço Gráfico; Waldimir Pirro e Longo, Departamento de Metalurgia; Enos da Costa Palma, Departamento de Ciências Jurídicas; José Pizarro de Sande E. Lemos, Departamento de Engenharia Mecânica;

Dia 19:
Marcelus Geraldo Araújo, Departamento de Engenharia Mecânica; Judith Cardoso M. Schmid, Departamento de Comunicação Social; Celso C. Carneiro Ribeiro, Departamento de Engenharia Elétrica; Luiz José Corbellini, Diretoria de Administração e Registros;

O Departamento de Letras, através do Núcleo de Atividades Culturais, promove desde a semana passada um ciclo de debates a respeito do "Lugar da Literatura". O objetivo central desse programa reside na busca de uma efetiva prática interdisciplinar, visando a uma aproximação entre os docentes do Departamento e aqueles ligados a outros departamentos do CTCH e do CCS.

Segundo o prof. Luis Filipe Ribeiro, coordenador do NAC-LETRAS, era premente uma abertura do Departamento de Letras em relação às demais ciências do homem, como forma de oferecer aos seus alunos uma visão de seu campo de trabalho que, extrapolando os limites de suas disciplinas específicas, os dotasse de uma perspectiva crítica e de uma atitude interdisciplinar capaz de propiciar um entendimento não alienado da Literatura.

A metodologia adotada para o caso foi a de convidar para o debate de cada tema dois professores, um do Departamento de Letras e outro ligado à ciência do homem a que se deseja relacionar a Literatura. Desta forma pretende-se que haja sempre enfoques diferentes sobre os temas, propiciando o debate e o esclarecimento de maneira aberta e pouco autoritária.

LITERATURA E HISTÓRIA

O ciclo começou no dia 24 de outubro com a realização de uma mesa redonda sobre o tema "Literatura e História", para o qual foram convidados os professores Gilberto de Mendonça Telles, do Departamento de Letras, e a Prof.^a Gizlene Neder, do Departamento de História. Na sessão, aberta pela Diretora do Departamento de Letras, prof.^a Maria Cândida Bordenave Diaz, foram desenvolvidos um conjunto de temas conducentes a um relacionamento das duas áreas de conhecimento. No fundamental o prof. Gilberto situou a relação da Literatura com a História, em torno de três pontos básicos: a) o interesse crescente dos estudiosos por uma retomada dos estudos diacrônicos; b) a ineficácia do modelo positivista adotado até aqui pelos historiadores da literatura brasileira e c) a necessidade de separar a história literária da história geral. De sua parte a prof.^a Gizlene Neder, teve considerações sobre a articulação entre História e Literatura a partir da análise do discurso historiográfico, centrando-se principalmente na segunda metade do século XIX. A base metodológica de tal trabalho deve sempre levar em consideração a divisão da sociedade em classes sociais, a dinâmica do processo histórico e a correlação de forças sociais e políticas no momento considerado.

LITERATURA E SOCIOLOGIA

O segundo debate, realizado no dia 26 de outubro, esteve centrado no tema das relações entre a Sociologia e a Literatura e dele participaram a prof.^a Moema Toscano, do Departamento de Sociologia, e o prof. Luis Filipe Ribeiro, do Departamento de Letras. A professora deteve-se na análise das condições sociais em que se

produz e onde circula o texto literário, ressaltando a considerável importância da situação de classe, a atitude ideológica e a opção do escritor diante dos grandes problemas de seu país e do mundo, no momento em que escreve. Baseada em alentada bibliografia, forneceu um panorama das formulações teóricas que já existem neste setor relativamente recente da Sociologia. Já o prof. Luis Filipe situou sua participação em torno de alguns problemas que dificultam o desenvolvimento de uma relação entre os dois campos de saber. Apontou como os mais importantes: a) a constituição do campo do imaginário e sua estrutura de classe; b) o problema da "realidade" como uma construção discursiva que reflete interesses de classes sociais distintas; c) o problema da hierarquização dos discursos em sociedade que conduz o discurso literário a uma posição de inferioridade diante de outros discursos sociais, dentro da ideologia vigente; d) o da indissolubilidade entre a análise ideológica e a análise poética.

LITERATURA E SEMIOLOGIA

No dia 30, realizou-se o debate tendo por tema as relações entre a Semiologia e a Literatura. Coube ao prof. Milton José Pinto, do Departamento de Letras, a exposição geral do tema e ao prof. Carlos Henrique de Escobar, do Departamento de Comunicação, uma abordagem crítica de tal exposição. O primeiro, em síntese, fez um balanço dos estudos de Semiologia nos últimos 20 anos, mostrando seu surgimento como disciplina autônoma no interior de uma problemática tipicamente estruturalista, a partir da Linguística dos anos 50, até a incorporação recente de conceitos de outras ciências como a Sociologia, a Antropologia e a Psicanálise.

Em relação aos estudos literários, salientou as três áreas em que a Semiologia poderia dar sua contribuição: um melhor conhecimento do nível explícito dos textos; a transformação da problemática idealista da "literariedade" numa história do conceito; e a construção de uma tipologia efetiva dos discursos usados em Literatura, em substituição à problemática dos gêneros. (*)

OUTROS DEBATES

O ciclo prosseguirá com a realização de mais quatro debates: "Literatura e Psicanálise", dia 5/10; "Literatura e Artes", dia 14/10; "Literatura e Filosofia", dia 19/10 e "Literatura e Teoria", dia 21/10.

No dia do encerramento já serão entregues aos participantes os certificados de frequência e discutidas as próximas programações do Núcleo de Atividades Culturais do Departamento de Letras.

(*) O prof. Carlos Henrique de Escobar questiona os conceitos de "significação", de "estrutura" e a própria Semiologia, dando bases para um alentado debate sobre os temas.

Agenda

DIA	HORA	LOCAL	EVENTO
12	15:30h	856-L	Seminário de Geometria e Topologia de Variedades de Dimensão (segundo Thurston)
			"O Teorema de Mostow segundo Gromov" — Henrique Browne Fº — Dep. Mat. PUC/RJ
	16:00h	260-L	Seminário Interdisciplinar "Como foi a 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática 1979 — Prof. João Pitombeira de Carvalho — Dep. Mat. PUC/RJ
	16:00h	AQ-5	Um modelo para o CTS: Dimensionamento e Organização.
			Moderadores: José C. Pereira de Lucena Expositores: Erlane Ferreira Soares, Carlos Maurício Chaves, Alceu G. de Pinho, Sidney Stuckenbruck
	10:00h	260-L	Ciclo de debates sobre as relações da Literatura com outras ciências "Literatura e Filosofia" — Luiz Costa Lima e Eduardo de Jardim Moraes — Dep. Letras
14	14:00h	260-L	"Literatura e Artes" Roberto Correa dos Santos e Elmer Barbosa — Dep. Letras.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
Instituto de Administração e Gerência

X CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CEADE

DEZ ANOS DE TRADIÇÃO

OBJETIVO: Acrescentar a formação do profissional de nível universitário um componente de conhecimentos de administração com a finalidade de aumentar a sua capacidade para tomadas de decisões, de desenvolver a visão globalista da empresa e de sistematizar seus conhecimentos sobre as modernas técnicas e atitudes essenciais à solução dos múltiplos problemas empresariais.

REQUISITOS: Curso superior completo, apresentação do "Currículo Vitae", experiência empresarial mínima de 2 (dois) anos e entrevista pessoal.

DURAÇÃO: 17/03 a 18/12. Férias de 21/07 a 31/07.

DISCIPLINAS: Teoria da Administração, Economia e Finanças, Administração de Marketing, Administração da Produção, Estatística, Elaboração e Análise de Projetos, Computadores e Atividades Complementares, incluindo "BUSINESS GAME".

HORÁRIO: de 2.^a a 5.^a feira de 18.30 hs. às 21.45 hs. (com intervalo entre 20.00 hs. e 20.15 hs.).

INSCRIÇÕES: 2.^a a 6.^a das 08.00 hs. às 20.00 hs. Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22.453 - Gávea. Tels.: 274-5849 a 274-6698. Credenciamento - C.F.M.C. 0855.

200 linguistas compareceram ao encontro na PUC

Realizou-se nos dias 25 e 26 de outubro, no auditório do Rio Data Centro, o IV Encontro Nacional de Linguística, congregando cerca de 200 Linguistas e estudiosos de língua portuguesa de vários pontos do país.

Os Encontros Nacionais de Linguística são promovidos anualmente pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, com os objetivos de estimular a pesquisa em Linguística e Língua Portuguesa, proporcionar aos especialistas a possibilidade de divulgação e debate de seus trabalhos e manter um permanente canal de comunicação e informação entre linguistas dos vários Estados do Brasil.

Participaram do IV Encontro, pesquisadores de várias universidades, tais como UnB, UFSC, UNICAMP, UFJF, UFRJ, PUC-Campinas e PUC/RJ. Foram apresentadas 18 comunicações, abrangendo as áreas de Semântica, Teoria do Discurso, Psicolinguística, Sociolinguística, Fonética, Fonologia, Sintaxe, Morfologia e Linguística Histórica.

Na abertura do Encontro, a Diretora do Departamento de Letras da PUC/RJ, Profa. Maria Cândida Bordenave, enfatizou a responsabilidade das Universidades e dos pesquisadores em relação à comunidade brasileira e anunciou a intenção do Departamento de Letras de desenvolver pesquisas sobre as estruturas linguísticas da fala popular.

• Música Renascentista

O Centro Acadêmico de Comunicação promove um concerto na 4ª feira, 14, do Trio Renascença Pró-Arte, no auditório do Rio Data Centro, ao meio-dia. O ingresso custará Cr\$ 40,00, tendo a Pró-Arte aberto mão da parte que lhe competia, em favor do Centro Acadêmico.

Representantes estudantis nos Órgãos Colegiados

O Vice Reitor Comunitário da PUC/RJ, Pe. José de Souza Mendes, distribuiu circular comunicando os resultados das eleições para a representação do Corpo Discente nos Órgãos Colegiados. São os seguintes:

CONSELHO UNIVERSITÁRIO			
Heloisa Beatriz S.Rocha	CTCH	Carlos Henrique C.Correa	CTC
John Mello Pinesen	CCS	William Gusman (S)	CTC
Aclyse de Mattos (S)	CCS		
CONSELHO ENSINO E PESQUISA			
Lia Carneiro Cunha A.Wyler	CTCH	Leonardo Cassiano Meireles (S)	CCS
Dulce Jannotti Nogueira	CCS	Felicia Zowenschein	CTC
CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO			
Jaime Pereira dos Reis	CCS		
CONSELHO DEPARTAMENTAL			
Ma.Tereza Carvalho C.Rocha	LET	Pedro Manso Cabral Fº	ELE
Eliane M.S.Fernandez	EDU/PG	Juarez da Silveira Figueiredo	ELE/PG
George Avelino Fº	HIS	Paulo de carvalho Soter.	CIV
Lafayette Coutinho Moreira	HIS(S)	Angela Villela Olinto	FIS
Denise Fraifeld	SOC	Luiz Alberto Cabral Patricio	QUI
Eduardo Vitor	ADM		
Ivo Ribeiro Siqueira	ADM(S)		
CONGREGAÇÃO DO CENTRO			
Antonio Carlos Almeida	TEO	Amadeu dos Santos Ferreira Valente	ADM
COMISSÃO GERAL DO DEPARTAMENTO			
CTCH:			
Nahyda Bevilaqua Penna Franca	EDU	Francisco Coelho dos Santos	PSI
Antonio Ferreira S.Sobrinho	EDU(S)	Fernando Ferreira P.Freitas	PSI/PG
Beatriz Jaguaribe Mattos	LET	Ethel Menezes R.S.Alvarenga	FIL
Medoro Oliveira Souza Neto	TEO		
CCS:			
Fabiana Éboli Correa dos Santos	SOC	Zenilda Pereira Guedes	ADM
Ma.Clara Vila Boardman	SOC	Henrique Coimbra	ADM(S)
Carlos Sandroni	SOC(S)	Bernadete Furtado Leite	SER
Fernando Luiz Marçal Monteiro	JUR	Alba Ma.Pinho Carvalho	SER(S)
Aida Ferreira	JUR(S)	Maria Barbosa Neta	SER/PG
		Ma.Cristina F.de Briczzo	SER/PG(S)
CTC:			
Lilia Ma.Quental Moura	CIV	Aloysio Alcantara Oliveira	INF/PG
José Roberto G.Vasconcelos	CIV/PG	Virgilio Augusto F.Almeida	INF/PG(S)
Paulo Affonso M.Moraes	CIV/PG(S)	João dos Santos Protazio	MAT
Gustavo Henrique N.Guedes	ELE	Francisco Duarte Moura Neto	MAT(S)
Carlos Eduardo Pedreira	ELE(S)	Miguel José Souza Reis	MEC
Luís Sergio Pestana Basilio	ELE/PG	David Zylbersztajn	MEC/PG
Davi Geiger	FIS	Angela Cristina Cardoso Souza	MEC/PG(S)
Rosane Rieiva Silva	FIS/PG	Antonio Cezar M.Laranjeira	MET
Alexandre Antonio Gili Nager	FIS/PG(S)	Ma.Fatima Silva Lopes	MET/PG
Reinaldo Calixto de Campos	QUI/PG		

Os estudantes eleitos estão de plena posse de seus direitos e obrigações.

Aguardem!

GRANDE SORTEIO DE NATAL

Uma promoção PUC-NOTÍCIAS, destinada exclusivamente aos alunos, professores e funcionários da PUC/RJ

Qual é a delas

Memórias do exílio

Josino Moraes Junior, 37 anos, retorna ao Brasil após 14 anos de exílio. Num retrospecto informal, ele conta — de maneira simples — suas andanças por esse mundo afora.

PT 1035.125

— Josino, conta como é que tudo começou?

Eu estudava Engenharia no Mackenzie em São Paulo e, quando faltavam dois meses para concluir o curso, veio 64. Eu era vice-presidente do DCE daquela escola e aí começaram minhas atribuições com a Polícia. Depois me envolvi com políticos e com pessoas ligadas à política. Naquela época a UNE estava a todo vapor. Surgiram as primeiras idéias em torno da luta armada numa oposição mais combativa. Isso tudo devido àquela sensação de impotência nossa ao regime que se instalava no país.

Nós estávamos habituados a um regime de democracia muito mais próximo do que se sente hoje neste país. Como agora, a música popular se desenvolvia a todo vapor, o cinema etc. Grande parte do movimento popular no Brasil surge nos primeiros anos da década de 60. Então houve uma revolta quando veio

o golpe e a gente via tanques simplesmente passando pelas ruas, sem poder fazer nada, mas tentando se articular.

Vimos cair um Governo, e foi um choque violento para quem estava com 22 anos e terminando uma carreira universitária, fazendo política na UNE.

— E como você foi exilado?

Nós tínhamos deixado uns rastros um tanto sensíveis à investigação policial. Então abandonei a Faculdade, mais ou menos em setembro, e passei à clandestinidade. Aí começaram as andanças, nomes e codinomes, ou melhor, nomes de guerra, uma vida clandestina mesmo. Fiquei nessa durante três anos, pouco antes de ter se iniciado propriamente a luta armada no Brasil, de 68. Foi um golpe dentro do golpe, no caso do AI-5, quando então eu comeci a duvidar dos nossos projetos políticos, da possibilidade de se ganhar aquela parada.

IMPOTENTE PELA SEGUNDA VEZ

Pensava em me retirar e sair realmente pouco antes que todo esse processo se desenrolasse. Fui para o Chile, passando primeiro pelo Uruguai, pelo Jaguarão. Era muito comum entre os militantes da época iram para lá, porque o centro ou um dos centros da resistência no Brasil estava localizado no Uruguai. Isso devido a existência do Brizola e de líderes e amigos nossos; era para nós um centro político.

— Havia um grande número de brasileiros com você no Chile?

A colônia brasileira no Chile no começo devia somar umas 70 pessoas, mas de 1969 a 1973 já estávamos em torno de 3 mil. De 64 a 68 a colônia de exilados brasileiros estava em Montevideo e a partir de então o centro passou a ser Santiago do Chile.

Mas como eu dizia, isso tudo foi até 73, quando Allende caiu. Foi horroroso, uma experiência terrível para nós, apesar do que já tínhamos passado. Foi um negócio brutal, generalizado. Do meu



Acho que de 64 a 70 você podia sonhar com uma revolução no Brasil, apesar de ser um sonho meio adolescente. Depois de tantos anos a gente aprendeu que as mudanças possíveis são de caráter profundo e muito grandes se comparadas com as da Europa que se processam, em escala bem menor.

No caso da abertura, ela não dependeu apenas de fatores externos, mas de internos também. Creio que as multinacionais que aqui se fixaram pediam também maior participação na elaboração da política econômica. Hoje já se ouve mais os empresários e as pessoas que querem participar da política.

Também as lutas populares pela democracia e por melhores salários tiveram seu papel. Tudo isso junto levou a atual situação de abertura.

COBRANÇA PREMATURA

Qual a reação do pessoal em relação a um exilado?

SER EXILADO É UMA HONRA

É muita sorte para um exilado acabar de chegar e já ganhar uma bolsa?

Lá a situação é muito diferente; ser um perseguido do Governo brasileiro na Suécia é uma honra. Num outro país você poderia ter dificuldades de trabalho, mas lá não. O Governo proporcionava uma porção de facilidades para os exilados brasileiros, desde proteção, direito a residência. Tínhamos um "status" equivalente ao do cidadão sueco, coisa que o imigrante comum não tinha, até mesmo empréstimos para estudar nos facultaram.

— É o negócio das bolsas, como foi?

Quando lá chegamos, ofereceram bolsas de estudo para os mais qualificados do conjunto que compunha a colônia da América Latina. Eramos um grupo formado de 80 a 100 pessoas e entre eles médicos e engenheiros. Receberam bolsas por terem alguma experiência para trabalhar em setores ligados à sua especialidade.

A bolsa que ganhei foi pra fazer pesquisa social, pra escrever sobre a pequena indústria do Chile, que eu conhecia. Fiz basicamente história econômica chilena e me dedicava à teoria econômica na Suécia. Cheguei a iniciar doutoramento, mas não pude concluir.

Eu tinha uma sala com uma boa biblioteca no Instituto de Pesquisas sobre América Latina. Passei a maior parte do meu tempo fechado lá, estudando e pesquisando. Cheguei a escrever alguns artigos sobre isso.

VOLTA AO ÚTERO MATERNO

— Como é que ficava o Brasil na sua cabeça durante esse tempo?

O Brasil pra nós era uma coisa constante, num lance assim: chegava uma revista brasileira a gente se reunia, lia e se punha a contar história. O Brasil era a expectativa, a mãe, o útero materno. Imagine você longe de tua mãe, do teu país.

— Não tinham vontade de voltar pra mostrar que as idéias a que se dedicaram e que levaram consigo eram verdadeiras e que valeu a pena ter lutado por elas?

No exílio a coisa se diluiu muito; a política já não era tão monolítica na cabeça da gente. Eu falo mais da minha experiência, mas a vontade geral era de voltar e participar da vida brasileira. Com o tempo, as coisas foram tomando outro rumo.

— O exílio prolongado trouxe alguma coisa de positivo?

A gente aprendeu muito. O distanciamento do Brasil nos ensinou a vê-lo de outra forma. Não só a distância contribuiu para que pensássemos assim, mas também a vivência com outros povos, com outras realidades nos permitiam, como elemento estranho, conhecer melhor a organização social e política de outro país. Tudo isso contribuiu para que a gente aprendesse muito.

— E o Brasil?

A gente vê o Brasil num terceiro mundo, em seu devido lugar, dentro de um contexto muito mais amplo. Quando a gente militava aqui, só via o que se passava aqui dentro. Quando você sai, toma distância, pode ver melhor.

PAI SOLTEIRO

Quando é que você voltou?

Foi em setembro de 78. Primeiro fiquei 7 meses em São Paulo e lá pouco vim para o norte do Paraná, porque meus pais moram numa fazenda a 100 quilômetros de Londrina. Eu gostaria que Juliana fosse criada junto deles.

— Quem é Juliana?

É minha filha de três anos. Sou pai solteiro de uma menina maravilhosa, a quem me dedico inteiramente.

— Como você vê a abertura política que o beneficiou?

apartamento podia ver a queda do Palácio de la Moneda, com aviões bombardeando aquele local.

Pela segunda vez a gente viu que estava impotente e presenciou um segundo golpe. Como estrangeiros a situação era bem pior.

— Você achava que Salvador Allende fazia uma boa política para seu país?

Sim, havia uma democracia enorme. Eu poucas vezes tive oportunidade de ver um governo tão democrático como o regime Chileno de 59 a 73. Cada um dizia o que queria, por vezes dava até a sensação de anarquia.

Você podia ver 4 ou 5 elementos de ultradireita se reunirem e publicar panfletos, pichar muros. Se falo em ultradireita é porque ela era bem inferior numericamente, mas muito eficiente.

UM GOLPE EMOCIONAL

A desarmagem crescia dia-a-dia; as pessoas se tornavam cada vez mais agressivas. Havia um clima de agressividade que era insuportável para toda a sociedade; havia muita insegurança e falta de alimentos, dinheiro. Os dirigentes se viram a ponto de tomar uma decisão, mas a forma como aquilo foi realmente violenta e acompanhada de certo ódio contido por muitos anos. O golpe não foi muito político, mas emocional e visceral. Foi de matar as pessoas com o coração e não tinha nada de uma política pensada.

— Você relatou a experiência do Chile, e então?

Houve todos esses fatos que narrei e então houve uma verdadeira diáspora dos exilados brasileiros, porque aí nos dividimos. Paris, Alemanha, México, Cuba, América Central, Panamá e países nórdicos, particularmente a Suécia. Fomos fundamentalmente para a Europa; poucos permaneceram na América.

— E na Europa, como foi?

Aí já vem a segunda etapa do exílio, à Suécia. Foi uma fase difícil para a maioria. Pra mim foi extremamente difícil, pois caí num país de língua diferente. Tenho um amigo paraguaio que dizia que os suecos "quando ablam parece que me hechan piedras", como se fosse uma agressão e não um convite.

— Por que vocês se sentiam agredidos pela maneira dos suecos falarem?

Talvez por ser uma coisa estranha demais; o espanhol, o francês ou o italiano pareciam dizer alguma coisa, mas os suecos eram duros demais na maneira de falar.

— O que você fazia na Suécia?

Deixe-me retroceder um pouco. No Chile eu trabalhei como engenheiro.

SEM SE ENVOLVER

— Sem documentos, na base da clandestinidade?

Não, no Chile eu trabalhava legalmente. Quando saí do Brasil e fui para lá, regularizei minha situação. Inclusive terminei o curso de engenharia; depois de idas e vindas com uma infinidade de papéis e burocracias concluí o curso na Católica de Santiago. Só que ao invés de estudar os dois meses que faltavam para concluir o curso, me formei em engenharia civil, após um ano de estudos.

Meu trabalho estava sempre próximo da política, mas eu ficava apenas observando, sem me envolver. No fim do Governo do Allende comeci a me interessar por economia e estudava muito sobre isso. Da política militante, da nossa argumentação de 64, da prática, a teoria passou a exercer um certo fascínio em mim.

— Mas ganhava seu sustento como engenheiro?

Sim, como engenheiro tinha um bom salário, era membro do Instituto de Engenharia de lá, tinha uma vida bem regularizada.

— E na Suécia?

Quando fui para a Suécia estava muito interessado em economia e ganhei uma bolsa para estudar essa área.

PT 1035.125



AT 1035.126

JOSINO MORAES JUNIOR

610

SINO MORAES JUNIOR



PT 7036.126

615



UMA HONDA 1

PTA JOSINO MORAES JUNIOR

6



Confidencial

64

INFORMAÇÃO nº 173/79 - ASI/FUEL

DATA: 12.11.79
ASSUNTO: DUARTE PACHECO PEREIRA e outros
ORIGEM: ASI/FUEL
REFERÊNCIA: -----
DIFUSÃO ANTERIOR: -----
ANEXOS: Cópia xerox de reportagem -
DIFUSÃO: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -



1.

Este Oi encaminha para análise cópia xerox de reportagem, relativa a um debate político ocorrido em Londrina entre o nominado e os seguintes elementos com registros neste Oi:

- JOÃO OTÁVIO MALHEIROS - jornalista; membro do Coop-Jornal do Paraná.
- CARLOS AUGUSTO DIAS - Ex-presidente do DCE/FUEL, ativo no ME.
- NILSON MONTEIRO MENEZES - jornalista, ex-presidente do DCE/FUEL, ativo no ME.

1.1

O referido debate foi publicado no Jornal Folha de Londrina, de 07/10/79, no Caderno 3, cuja editora é a jornalista Linda Bulik.

1.2

Duarte Pacheco Pereira é jornalista (jornal Movimento); Advogado; foi Vice-Presidente da UNE, na Diretoria da gestão 63/64; foi ainda chefe do Departamento de Pesquisa da Revista Realidade e Professor da Universidade Católica de São Paulo.

Mantém contatos com o DCE/LIVRE de Londrina.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1694
DATA: 16/11/79

Confidencial

R. Leje

1. Açoite de.

2. M. G. U. V. de

sol. 20.11.79

OB

Pasta: FVEL

Anotado

Em 22/11/79

Quys

debate/especial

Democracia sim, PP também

Jornalista, João Otávio Malheiros colaborou com várias publicações em Londrina e São Paulo e hoje faz parte do corpo de redatores da Cooperativa de Jornalistas do Paraná. Entre todos os ouvimos, foi o único que analisou mais detidamente a questão das organizações clandestinas dentro do quadro de transição partidária por que atravessa hoje o País. Em vez de cair nos extremos da defesa ou do ataque ao MDB, João Otávio prefere dar tempo ao tempo. Como bom jornalista, não se limitou apenas a falar no assunto. Ele escreveu:

O debate sobre a reformulação partidária está posto e se furta a ele é pior do que esconder o sol com uma peneira, é tentar esquecer que o sol existe. E como em todo o debate, muitas idéias são apresentadas como completas e finais bem como muitas posições são fechadas irredutivelmente. Mesmo assim, o debate vem evoluindo e já se definem pelo menos três posições. A primeira delas parte do próprio MDB que não aceita ser extinto por decisão pura e simples do governo. A segunda, defende a manutenção do MDB com todos os liberais e autênticos. Os adesistas, obviamente, seriam dados de presente a quem tiver estômago. A terceira posição pretende aglutinar os chamados setores populares e aliá-los à parcela mais combativa do MDB, um chamado Grupo Popular que já vem se distinguindo dos "autênticos".

Assim sendo, é óbvio que cada setor se empenhe em convencer a sociedade sobre a sua justiça. E muitas vezes o principal argumento levantado pelos manutençãoistas é de que a simples discussão da formação de novos partidos já é se fazer o "jogo da ditadura".

Talvez, a melhor definição do MDB tenha sido extraída da sabedoria popular: — é um saco de gatos. Afinal, enquanto partido o MDB já está dividido, e como. De um lado "os moderados" que detêm o controle da máquina partidária. De outro os "autênticos", com seu discurso radical e que na época de eleições conseguem car o tom da pregação eleitoral. E do lado do governo, estão os "adesistas" que de moléstia puramente carioca já estão em São Paulo, Bahia e têm pelo menos um representante em cada Estado brasileiro.

Fora do MDB também existem opositoristas. Por exemplo, as inúmeras organizações clandestinas, principalmente os dois Partidos Comunistas — o Brasileiro e o do Brasil — suportaram durante todos estes anos a vida nos subterrâneos e agora retornam. Seus líderes têm chegado do exterior defendendo a legalização de suas organizações. Além deles, os próprios petebistas têm se queixado da pouca margem de ação que o MDB oferece à organização do trabalhismo tupiniquim.

Com isso se caracteriza pelo menos um fato: existem posições tanto dentro quanto fora do MDB. Assim o quadro fica um pouco mais complexo. O MDB as posições de manutenção ou não do MDB, mas sim à sua avaliação quanto instrumento de oposição ao atual regime. É a partir daí que surgem as propostas. A mais polêmica delas é também a que menos tem condições de se concretizar no momento: a criação de um grande instrumento de organização popular através da aliança das lideranças sindicais mais combativas com um grupo de parlamentares autênticos do MDB.

Qualquer denominação que venha a receber, este Partido serve, pelo menos, para delimitar o campo de ação do MDB — a luta eleitoral parlamentar — e a necessidade de se abrir espaço para a real interferência das classes populares no processo decisório nacional.

O MDB, enquanto mero instrumento eleitoral, já está ultrapassado. No atual momento histórico, vencer eleições sem traduzir esta vitória pelo menos numa representação parlamentar, reduz-se a conseguir apenas uma condenação moral ao regime. Enquanto isso, o MDB não tem se interessado realmente em organizar suas bases, criar canais de participação popular dentro do partido e, principalmente, fora dele.

Um partido de organização popular teria este objetivo primordial. Estaríamos assim dividindo a oposição ou contribuindo para que a oposição participem, de forma organizada e com um programa definido, as classes populares? Seria este o momento de se criar este partido? Ou seria melhor esperar a realização da Constituinte e a conquista de um regime de amplas liberdades democráticas?

Parece óbvio que qualquer avanço neste sentido só poderá ser alcançado com uma avaliação desapaixonada da real correlação das forças interessadas na democracia e a partir de um trabalho cuidadoso de aliança com as forças mais consequentes. Só não podemos esquecer que os trabalhadores — e principalmente a classe operária — é a única força democrática de fato e até o fim.

Por fim, a aglutinação das forças democráticas em dois, três, quatro ou quinze partidos, não as obriga ao combate mútuo, uma acusando a outra de ser mais ou menos oposicionista. De acordo com as características antinacionais e antipopulares do atual regime, se encontram hoje na oposição desde industriais até o operário fabril. Parece visível que, se muitos interesses são conflitantes, outros são extremamente convergentes.

Por isso, não está de todo afastada a possibilidade de uma ampla frente de oposição multipartidária em que cada força marcharia separada mas golpearia conjuntamente o inimigo principal. De tudo isso, deve ficar apenas uma lição: é ainda muito cedo para qualquer oposicionista cobrir-se de certezas.

Duarte Pereira: PP amplo e combativo

O nome do jornalista Duarte Pacheco Pereira já é bastante conhecido em Londrina. Enquanto o Caderno 3 dedicava páginas em duas de suas edições, quase ao mesmo tempo o semanário Movimento, de São Paulo, publicava também duas páginas com ele. Pereira defende o Partido Popular e explica por quê:

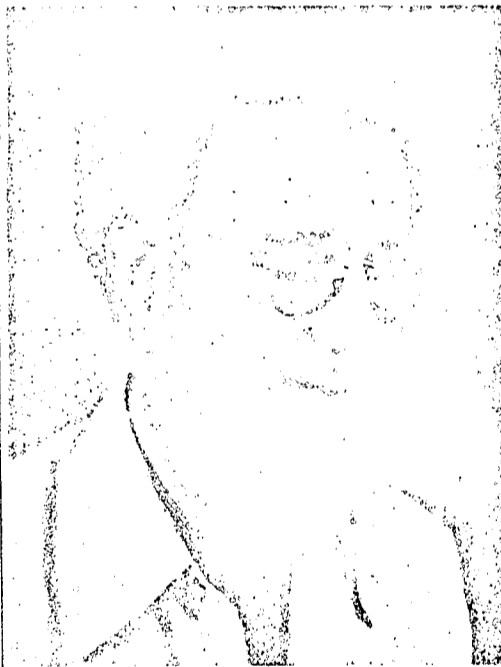
Seria um partido mais para esse momento, um partido que não se limitaria a trabalhadores (e por isso se entende operários, camponeses, etc.) mas que abrangeria inclusive intelectuais, estudantes, donas-de-casa. Seria um partido de composição popular, aberto inclusive a personalidades democráticas que queiram apoiar seu programa. Se dificilmente haverá adesões a ele de setores sociais conservadores propriamente ditos, pode ocorrer em relação a uma outra personalidade que, embora saída desses setores, tenha uma posição mais combativa e se aproxime mais. Seria um partido criado em torno de um programa demo-

crático-consequente, ou seja, que luta para o fim completo do regime militar e pela conquista de amplas liberdades democráticas, mantendo-se unido até o estabelecimento de um governo democrático de transição, que convocará uma Assembleia Constituinte livremente eleita e soberana. No bojo disso tudo é que vão se diferenciar as propostas de caráter mais a longo prazo, mais ideológicas.

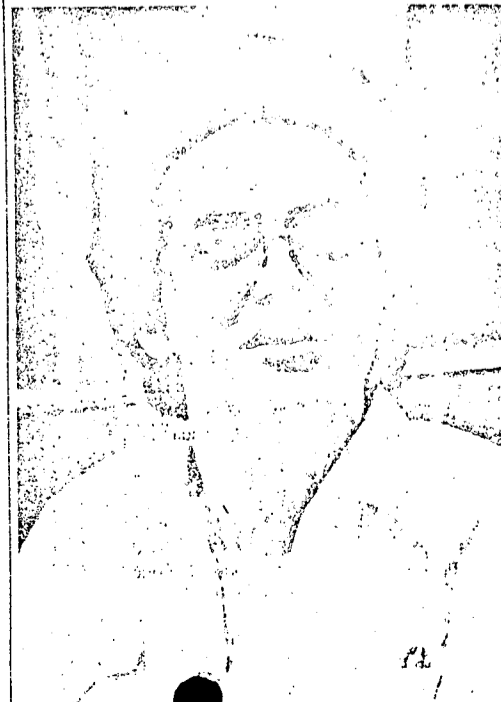
Uma outra idéia é que mesmo se formando um partido desses, ele não exclui a aliança em torno de questões concretas com outros partidos democráticos, que representem outros setores sociais. Às vezes há uma confusão entre frente de oposição e o MDB como se as coisas fossem sinônimas. Na minha opinião o MDB jamais representou essa frente de oposição porque, por uma lado, tinha dentro de si um negócio que não era oposição; e, por outro lado, haviam importantes setores de oposição sem representação no MDB. Neste contexto, uma frente não terá necessariamente de expressar-se num só partido. Pode-se expressar através da aliança entre vários partidos distintos. Quem não vê isso está com a cabeça enfiada na areia. A articulação do PTB é irreversível. No mínimo vão surgir dois partidos de oposição, legalmente constituídos — seriam: o MDB e o PTB. E vamos considerar o PTB, apesar de suas vacilações e contradições, um partido do regime? Não me parece que seja uma análise correta; seria uma análise sectária.

Então, ao que tudo indica, haverá uma certa política de aliança. Por que não fazer isso em escala mais ampla? Assim, a constituição das forças populares num partido à parte não exclui inclusive a manutenção de uma frente antiditatorial mais ampla e aliança com outros setores em torno de questões concretas. Por exemplo, a questão da anistia parcial. Se existissem vários setores de oposição no Parlamento, seria o momento de se estabelecer entendimentos para uma ação parlamentar conjunta, como se tentou fazer com um setor da própria Arena, aliás com êxito, porque alguns votaram na emenda Djalma Maranhão e que quase derrota o projeto do Governo. É possível em determinadas questões concretas se formar uma frente mais ampla. Agora, é importante criar um instrumento que tenha uma posição democrática mais consequente, que tenha um enraizamento popular, que seja um partido que permita ao povo se organizar politicamente. Que não seja só um instrumento de protesto popular, que seja um partido que permita ao povo se organizar politicamente, unificando suas lutas e dando um sentido comum aos vários movimentos reivindicatórios. Um partido de ação permanente que não vai funcionar só às vésperas de eleição, no caso de caça de votos.

Um partido desse tipo — que o MDB jamais foi, a não ser um ou outro diretório — é que o momento exige. Se não conseguirmos fazer isso, não há alternativa para o povo brasileiro. Se eles serão capazes de dar sustentação e consequência a esta frente. Sendo as divisões serão inevitáveis.



João Otávio: muito cedo para certezas



Carlos Augusto Dias também é pelo Partido Popular

Augusto Dias: Pelo Partido Popular

Pode-se dizer que o estudante Carlos Augusto Dias — ex-presidente do Diretório Central dos Estudantes da UEL, fechado pela reitoria no ano passado — é uma das opiniões de peso em Londrina na defesa da chamada Frente Popular. Em meio às eleições da UNE, realizadas no início da semana, ele teve apenas tempo de conceder uma rápida entrevista de 30 minutos. Naquele movimento todo, Carlos Augusto ficou sem dormir alguns dias. Visivelmente exausto e preocupado com os incontáveis problemas da eleição estudantil, mesmo assim ele concordou em dar este depoimento:

Antes de entrar propriamente na questão da Frente Popular, é preciso que façamos uma apreciação sucinta sobre o quadro brasileiro atual. Politicamente, éramos até pouco tempo atrás um regime extremamente fascista. Esta condição não mudou muito, mas seguramente se alterou.

Uma coisa, no entanto, sempre foi certa: a situação econômica do brasileiro não melhorou em nada e, até pelo contrário, piorou em função da direção imprimeira pela política econômica do Governo de 64. De um determinado tempo para cá, a classe média passou a ser duramente castigada, juntamente com o resto das massas trabalhadoras, pelas cada vez mais difíceis condições de vida.

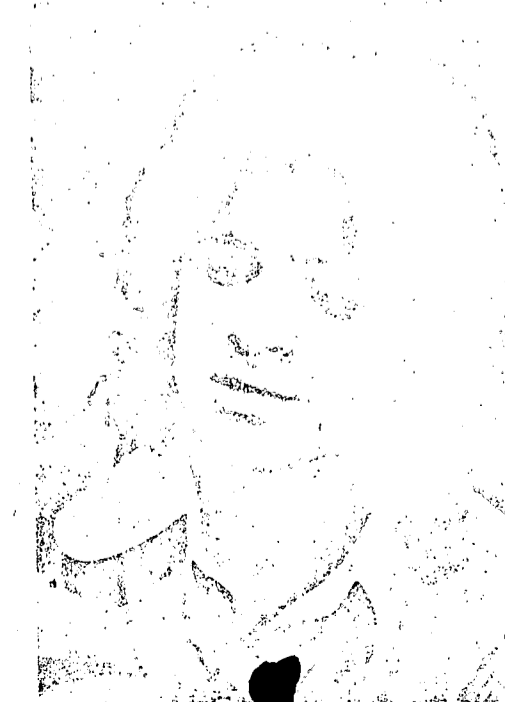
A reação imediata disso foi (e são) alguns importantes movimentos de descontentamento da sociedade atual. A reorganização do Movimento Estudantil foi um sintoma muito importante, sem especificar alguns outros setores da sociedade civil. Não é preciso dizer que, diante de tantas manifestações que começavam a pipocar aqui e ali, o Governo enfraquecia de maneira insuspeita. Não precisaria muito tempo para que o Governo começasse a fazer algumas concessões no plano político, mudando sua tática usual de repressão. Em outras palavras, procurava o Governo uma maneira de estabilizar-se politicamente, mas mantendo a essência de sua estrutura econômica que, afinal de contas, é o que realmente importa para ele. Somente a este processo multilateral uma evolução, que me parece evidente, da consciência política dos oposicionistas, que até então encontravam-se agrupadas num único bloco de atuação legal, que não era apenas o MDB, mas o OAB, Movimento Estudantil, Igreja e mais alguns outros setores dispersos.

O Governo, por outro lado, não estava dormindo e desencadeou a grande campanha populista de Figueiredo, apresentando como suporte pseudo-democrático a extinção do AI-5 (sustentado por Salvaguardas Constitucionais) pondo fim à censura (mas sempre depois apreendendo uma saída imediata de caráter autoritário para o caso de alguma parcela do próprio

MDB. Agora, vejamos o seguinte: ao mesmo tempo que o mecanicismo oficial conseguia este relativo sucesso, deu margem



Duarte Pacheco Pereira: Partido Popular amplo e combativo



Nilson Monteiro: sem "divisionismo irracional", porém inclinado a aceitar o PP

também a tomadas de posição efetivas por parte da população. Resultado: houve um fortalecimento substancial do Movimento Popular, que até então era fraco quanto as suas principais reivindicações — o Movimento pelo Custo de Vida, por exemplo, cresceu como nunca, e por aí afora, sem falar das grandiosas manifestações dos metalúrgicos de São Paulo, crescimento do movimento de base da Igreja, e a surpreendente greve dos bancários, até então coisa inédita, e outras manifestações públicas, muito expressivas, provocadas pela volta de Miguel Arraes, etc. Não que o Movimento Popular seja hoje uma fortaleza, mas seguramente ele adquiriu uma maior autonomia.

Diante de todos estes acontecimentos, o bipartidarismo criado pelo Governo em 64, começava a voltar-se contra ele. Hoje, o Planalto quer acabar com o MDB, o que não deixa de ser ruim para a oposição. Nesse nível, acho que devemos defendê-lo. Agora, acho que não devemos apenas discutir dentro das opções limitadas impostas pelo Governo. Devemos fortalecer neste momento a Frente Popular. E por uma razão muito simples: mesmo continuando em outra legenda, o MDB sucumbiu frente às exigências do Movimento Popular que está aí. Admito até que esta seja uma questão ideológica, mas o é não no plano das abstrações subjetivas e sim da ideologia do povo, a saber, melhores condições de vida, de trabalho, livre manifestação sindical, de expressão, etc. O povo não se satisfaz mais com o tipo de oposição feita pelo MDB. Isso quer dizer que já é chegado o momento de se avançar nas próprias propostas populares. Só a Frente Popular e um Partido Popular têm condições para atender a tais exigências objetivas.

Se o Partido Popular atualmente defendido por muitos setores das oposições não vier a ter o respaldo popular que o espera, poderá, pelo menos, ser uma frente forte em qualidade, o que não é o caso do MDB. E acho que isso tudo não estabelece divisão entre as oposições. Pelo contrário, é explicitar a posição de cada setor no sentido da construção de uma frente mais forte. Dentro desse contexto, podem muito bem haver discordâncias — o que seria muito natural, do contrário não teríamos frente. Ninguém pensa mais hoje em frentes homogêneas, simplesmente porque não se pode fazer frente com tendências iguais. A gente só faz frente com quem não concorda com a gente. Agora, quanto a se dizer que estaria havendo um rachão das oposições, não é verdade. Não é o momento para isso. Em suma, somos pelo Partido Popular porque achamos que sem o povo não se vai a lugar algum. Se o povo quer uma oposição mais consequente do que o MDB, ele deve ser atendido prontamente.

Nilson Monteiro: O povo abriu espaços

E conhecidos de Londrina, suas opiniões revelam preocupação objetiva sobre a realidade. Ele propõe que não haja "divisionismo irracional" entre as oposições só porque começam a ganhar contornos mais definidos a questão da Frente Popular. Monteiro é pelo avanço político das propostas populares e, portanto, potencialmente inclinado a aceitar a idéia de um Partido Popular. Ele escreveu:

A questão partidária não está fechada, está em debate. Quem tem medo do debate ou foge por quaisquer interesses ou alimenta — livrando-se dos compromissos — o divisionismo irracional, não deve se autodenominar democrata em nenhuma instância. É através dele e usando de toda a honestidade que a oposição avançará em suas posições e auxiliará o país a romper as garras da ditadura autoritária que aí está. Entendo que se, sob o pretexto de defender a união do MDB, a oposição se encolher, mirar, não discutir os possíveis rumos e caminhos, conciliar enfim, terá sido um eficiente meio de fortalecer o atual regime e manter afastada das decisões as camadas mais populares do país.

Acho que, prioritariamente, se deva denunciar — incisivamente — mais um ato de arbítrio do Governo em extinguir o MDB, mas não ficar de braços cruzados ou com os cérebros embotados a espera disso. Devemos é debater o que fazer e não simplesmente assistir aos atos do Governo. É hora, me parece, de se ter um programa político mais consequente, que seja defendido, honesta e francamente, pelos oposicionistas mais atuantes — estejam ou não no MDB — e pelos líderes nascidos da aspiração do povo em seus vários movimentos de manifestação — contra a carestia, a favor da anistia ampla, geral e irrestrita, por melhores salários, pela legalização de partidos, etc, etc. "Se não houver condições de se fundar um outro partido (as análises, nos debates abertos, é que possibilitarão este exame), devemos defender, no mínimo, posições mais consequentes, um programa mais adequado às necessidades da população, sem o bolor e o descompromisso de alguns discursos.

Entendo, também, que o Governo não alterou a sua essência, mas sei que as forças populares abriram brechas, forçaram um outro tipo de atitude e é preciso ocupar este espaço. Por que não ocupá-lo com um partido mais representativo das aspirações populares, mais limpo de adesistas e desonestos, e que seja realmente instrumento não só de manifestação, mas de ação popular? Acho que não devemos ter, agora, por exemplo, preocupações meramente eleitorais. Preocupações reveladas por Leonel Brizola, conciliador a prejudicial ao avanço das forças populares. E, apesar disso, levando a rebouque oposicionistas tidos e havidos como preocupados e honestos. Preocupações reveladas por alguns elementos do MDB, também conciliadores e emperadores do desenvolvimento político da população. É preciso, parece-me, condenar — também incisivamente — a conciliação. Apesar disso, não se pode condenar o MDB em bloco e sim suas fatias adesistas, conciliadoras, atrasadas, eleitorais, antidemocráticas. E ressaltar, diferenciar o que ela tem de melhor, mesmo que, hipoteticamente, permaneçam os atuais partidos.

É preciso que a oposição mais consequente saia da frente. É importante que os setores populares, que lutaram com ou sem o MDB (muitas vezes, diga-se de passagem, com o seu apoio; mas muitas vezes com sua traição — os exemplos são fartos nos dois casos), procurem unificar sua força, dentro de um partido ideologicamente definido, mas muito mais consequente que o MDB. Algo mudou. O que estamos esperando para debater, para discutir, para procurarmos melhores caminhos, que tenham em vista a necessidade de melhor participação popular em todas as decisões? O que esperamos — o Governo como sempre, sair na frente? Ou tomamos a iniciativa? Nada está fechado. Me interessa o debate, o esclarecimento, a postura de tendências (na teoria e na prática) tudo às claras, honestamente.



bb

INFORMAÇÃO nº 170/79 - ASI/FUEL



DATA: 06.11.79
 ASSUNTO: DOMINGOS PELEGRINI JUNIOR E OUTROS
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA: -----
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 ANEXOS: Cópia xerox de depoimento
 DIFUSÃO: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -

Confidencial

1.

0

nominado em companhia de:

PEDRO PAULO FELISMINO DA SILVA - ~~Jornalista~~, Estudante ativo no ME e CLPADH;

ALI ALDESI SAAB - ~~Agrônomo~~, presidente do CLPADH e Militante do PCB;

ARNALDO AGENOR BERTONI - ~~Economista~~, Professor, Ativo no ME ; CLPADH e Militante do PCBR.

redigiram um depoimento anexo ao presente Info, o qual versou sobre assuntos políticos, destacando-se:

- Frente Democrática;
- Reforma Partidária;
- Oposição.

1.1

O referido depoimento foi publicado no Jornal Folha de Londrina, Caderno 3, edição de 07.10.79.

1.2

Os nominados recentemente ingressaram no Diretório do MDB.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1686
 DATA: 09 / 11 / 79

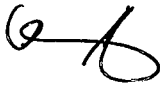
Confidencial

R. legã

1. Anote te.

2. MServe. de.

Idi, 13. 11. 79



Pasta / FUEL

Anotado

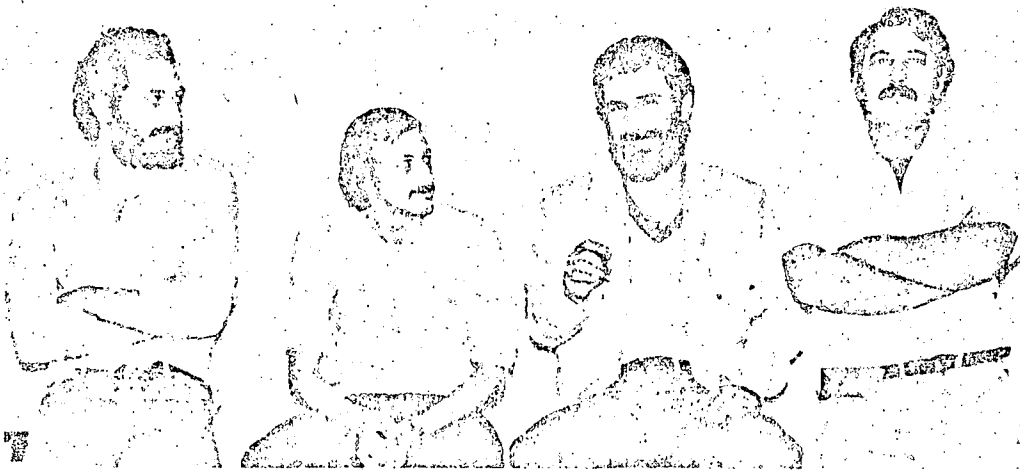
Em 23/11/79



199
PT 1085-125

Nas últimas semanas, a reformulação partidária proposta pelo Governo começou a ganhar contornos novos em Londrina. Não mais apreensiva com o destino do MDB, a esta altura já decidido, a maioria das pessoas, de uma maneira ou de outra ligada à atividade política da cidade, começou a ver na criação de um Partido Popular, proposto por setores da oposição, motivo de sérias divergências. E, de fato, se fizermos um levantamento, veremos que existe uma discrepância aguda no seio das oposições. Enquanto alguns defendem a manutenção da frente democrática do MDB, outros ponderam que a frente emedebista já está superada, sendo necessária a criação de uma outra frente mais avançada do ponto de vista político, econômico e social, sem tantos adesistas como os revelados ultimamente pelo Partido. Há, porém, no meio dessas duas posições quem considere ser esta uma questão aberta e, portanto, carecendo de mais tempo para se definir de maneira satisfatória.

O Caderno 3, procurando situar neste momento as diferentes posturas, questionou diversas pessoas representativas da oposição londrinense. Mais estreitamente rela-



cionados com o MDB, um grupo (composto pelo escritor Domingos Pellegrini Jr., o agrônomo Ali Saab, o professor Arnaldo Bertoni e o jornalista Pedro Paulo Felismino, todos filiados ao diretório do Partido em Londrina) foi o primeiro a manifestar-se a favor da frente democrática. Durante alguns dias, estas pessoas mantiveram discussões diárias e, ao final, elaboraram um depoimento analítico, onde defendem suas posições. Por outro lado, o Caderno 3 ouviu o ex-presidente do DCE da Universidade de Londrina, Carlos Augusto Dias, e alguns jornalistas com posturas mais ou menos autônomas sobre a questão. Um terceiro grupo, solicitado a participar do debate, não quis emitir seus pontos de vista, o que dificultou a realização de um levantamento mais completo das diferentes tendências em Londrina. Sabe-se apenas da existência de uma divisão de idéias quanto ao problema. As dimensões reais, no entanto, são ainda ignoradas.

Neste debate/especial que publicamos hoje fica implícito a importância do momento histórico atravessado pelas oposições frente a mais uma cartada do Governo com vistas a sua abertura institucional.

Frente democrática: Democracia primeiro, partidos depois

Depoimento redigido conjuntamente pelo escritor Domingos Pellegrini Jr., o jornalista Pedro Paulo Felismino, o agrônomo Ali Saab e o professor Arnaldo Bertoni, todos filiados ao MDB.

Um estrangeiro desavisado que desembarque no Brasil hoje, verá tanta gente falando em criar novos partidos, que pensará que estamos numa democracia. Essa euforescência é sintoma salutar, indicando que a sociedade quer democracia. No entanto, não são novos partidos que farão a democracia. Pelo contrário, a democracia é que permitirá novos partidos — e ainda estamos sem condições mínimas para uma efetiva democratização.

Quem é a oposição

O que existe é um sentimento oposicionista forte no país, como expressaram as eleições de 74 e 78. Esse sentimento é movido:

1) Fundamentalmente, porque cada vez mais gente percebe que o regime não atende às suas aspirações individuais. Trata-se, assim, de uma reação individualista, generalizada mas desorganizada.

2) Secundariamente, há as lutas organizadas de classes e camadas sociais. É quando o sentimento oposicionista se supera, e se torna realmente oposição, com propostas objetivas e metas a alcançar.

Não estamos dizendo que essas lutas são secundárias, mas que o seu resultado, a nível de organização social, ainda é baixo e limitado a alguns setores e regiões. Essas lutas organizadas — embora crescendo bastante — não são a causa fundamental do sentimento oposicionista que se abate sobre o avalancha sobre o governo, exigindo dele manobras raras para preservar o poder e continuar o regime.

Essa força oposicionista emana de uma "federação" de movimentos e descentramentos aparentemente sem hegemonia de nenhum setor, mas seguramente sem a hegemonia dos setores populares.

Essa "federação" compreende desde pequena parte da grande burguesia nacional (Severo Gomes), a maior parte da pequena burguesia industrial e comercial, e pequenos proprietários rurais, passando por setores intelectuais da esquerda e de hácia expressão político-social, bem como setores liberais e populares.

Os setores liberais têm desde assalariados e autônomos até proprietários, e sua expressão se dá através da OAB, de boa parte do MDB e da Igreja etc.

Os setores populares ainda são fracos politicamente, o que é explicável por 15 anos de repressão especialmente dirigida a eles. Além disso, há ainda o peso de uma tradição de manipulação das classes trabalhadoras, que não permitiu sua organização autêntica antes de 64. Convém não superestimar o estágio atual de força política dos setores populares autênticos e organizados, lembrando ainda que na maior parte das cidades médias do país nem há sindicatos ou movimentos autenticamente trabalhadores e de oposição.

Uma frente democrática

Esse quadro das oposições mostra que não há nenhum setor que possa, pela sua força política real, assumir a hegemonia da luta contra o regime. Pelo contrário, evidencia-se a necessidade de uma frente democrática em torno de metas comuns aos vários setores oposicionistas.

Engana-se quem pensa nessa frente como uma articulação de cúpula. A luta pela Anistia mostrou que nenhum setor é forte para carregar sozinho grandes bandeiras nacionais de oposição, e só a formação de uma frente em torno da Anistia conseguiu resultados (e, mesmo assim, relativos).

Numa frente, trata-se de desenvolver lutas em torno de pontos comuns e imediatamente necessários para todos, associando-se essas lutas com os interesses específicos de cada setor. Como disse Miguel Arraes, referindo-se às pessoas que estiverem nessa frente comprometidas com os interesses populares, trata-se de explicar ao povo o que a Constituinte, por exemplo, tem a ver com o feijão. Pode-se concluir:

a) Há necessidade de uma frente democrática que não desarticule os setores oposicionistas, todos ainda fracos para levar isoladamente as lutas nacionais pela democratização;

b) Há necessidade de se aprofundar o trabalho político de base, popular, vinculando as questões comuns da frente com as questões específicas dos setores populares.

Essa frente já foi esboçada na luta pela Anistia, que foi lançada pioneiramente pelo Movimento Feminino há cinco anos, agitada pelo Movimento Estudantil em 77, ampliada e aprofundada pelos Comitês Pela Anistia, divulgada intensamente até pela grande imprensa, apoiada pela Igreja, OAB, sindicatos e outras associações, e finalmente defendida no Congresso pelo MDB, todos adquirindo coesão e firmeza durante a luta.

Todos esses setores têm ainda que completar a luta pela anistia e desenvolver outras conjuntamente, para benefício de todos: fim da Lei Falcão, liberdade de organização, autonomia e liberdade sindical, luta contra a nova política salarial, eleições em 80 e outras lutas gerais que garantam a con-

vecação realmente livre e soberana de uma Assembléia Nacional Constituinte.

A "reforma partidária"

Um estrangeiro desavisado pode pensar que já estamos numa democracia, diante das generalizadas movimentações pré-partidárias. Mas, com poucos dias aqui, veria que:

a) o governo tenta, isto sim, limitar a liberdade de organização partidária que é do interesse de todos os oposicionistas realmente democráticos;

b) o que o regime teme é o crescimento eleitoral do MDB, e a continuidade de sua articulação com outras forças políticas, principalmente após a anistia, de modo a consolidar uma frente ampla de oposições.

O governo já declarou que só haverá reformulação partidária se houver um partido, no Congresso, com maioria para o governo. Assim, já se colocou no jogo como aquele juiz que entra em campo armado, para apitar em favor de um dos times: ou o time dele ganha ou dá um tiro na bola e acaba com o jogo.

Mesmo que a Arena se divida através do Partido Independente, o objetivo do governo é ampliar seu apoio político-parlamentar, ao mesmo tempo dividindo o MDB. Para continuar com maioria, o governo conta com sua poderosa máquina de cooptação e corrupção. Para liquidar o MDB, o governo conta com a indolência das oposições diante do golpe desse partido criado por uma ditadura, mas legitimado pelo povo nas urnas.

Um partido de atuação apenas parlamentar, ter adesistas, corruptos, frouxidão em muitas questões mesmo na área parlamentar etc. No entanto, esquecem que esse é o partido legalizado que foi possível — indiferente à sua sorte, será abrir um precedente ameaçador para todos os outros partidos a serem criados.

Muitos democratas afirmam solidariedade ao MDB, quando é necessário praticar intransigentemente essa luta contra mais uma manobra do governo. Não se trata de solidariedade, mas de mais uma luta comum a todos.

O MDB — até por seu programa de 12 anos — não é contra novos partidos. Através da Carta de Londrina, já saudou a todos os democratas que querem criar novos partidos. Quer, com eles, consolidar uma frente democrática até às vésperas de uma Assembléia Nacional Constituinte, precedida de uma livre organização partidária e social, e com acesso gratuito para todos os partidos aos meios de comunicação — quando, só então, será possível debater amplamente propostas partidárias, sem levar, logo de saída, uma grande desvantagem em relação às forças sociais retrógradas, que dominam os meios de comunicação e ainda mantêm todo um sistema repressivo ativado.

Unidade a todo custo?

O MDB não pode querer unidade das oposições a custo da autenticidade, do vigor e da autonomia delas. Mas também as oposições — e os novos partidos — não podem querer fazer seus caminhos à custa da imolação do MDB.

Muitos dizem que uma frente democrática já não tem sentido, pois seria uma unidade a todo custo, uma falsa unidade onde o vigor das oposições se amorteceria na heterogeneidade, enquanto os horizontes das novas propostas partidárias se reduziria no viciado jogo parlamentar.

Ocorre que o MDB não quer, nem poderia querer, uma frente democrática onde ele fosse hegemônico, de modo a tolher setores oposicionistas e propostas partidárias. Afinal, o próprio MDB é e continuará sendo heterogêneo! O MDB não quer uma unidade das oposições adormecida, muito menos sob suas asas, como uma galinha velha com seus pintinhos; não quer ser pai, tutor ou controlador dos movimentos que abrem o leque das oposições no país.

Entendemos que a frente democrática, esboçada na luta pela Anistia, ainda tem muitas tarefas, que só em forma de frente ampla poderão ser tocadas. Faltam condições — como expusemos no início — para tocar essas grandes tarefas isoladamente ou já reduzindo o leque das oposições. Não se trata de uma frente a todo custo, mas de evitar isolamento ou desarticulações prematuras que poderão custar muito a todos.

Algumas interrogações

Acreditamos que faltam condições para que nos demos ao luxo de desarticular uma frente que mal se formava. Mas "não é preciso condições quando se têm idéias e propostas" — esta é uma crença que se vê generalizar. No entanto, acreditar que idéias e propostas bastam para viabilizar eficazmente as grandes lutas gerais que se fazem necessárias, pode ser uma superestimação romântica da própria força e uma subestimação perigosa dos fatores conjunturais, nacionais e regionais. Levantemos algumas interrogações.

Há regiões e cidades onde novos partidos parecem ter bases e, portanto, viabilidade: o PT em São Paulo, o PTB

no Rio Grande do Sul. No entanto, como viabilizar nacionalmente esses partidos localizados regionalmente ou ainda confinados aos sindicatos? Certamente, não será através da ilegalidade, que tanto já custou em vidas de jovens valerosos e democratas sinceros, quando conduzida sem o apoio de amplas massas.

A "reformulação partidária", conduzida pelo governo, passa pelo Congresso. Só terão legalidade e condições de disputa eleitoral aqueles que conseguirem legenda, mesmo conforme as leis casuísticas do regime. Quantos e quais são os partidos de oposição viáveis legalmente? Quem tem senadores e deputados em número suficiente para abrir legendas?

Assegurado sua tranqüila maioria no Congresso, pode ser até que o governo facilite a criação de partidos de oposição, reduzindo o número de senadores e deputados necessários para isso. Não seria mais um motivo para os democratas desconfiarem das vantagens de se criar dessa maneira novos partidos?

Pode-se imaginar o contentamento do governo ao ver tantos democratas numa corrida desenfreada e, no aspecto eleitoral-parlamentar, suicida. Ao final, o governo oferecerá uma legenda a um dos pretendentes da oposição; ou deixará abrir novos partidos de oposição isolados; ou fará tudo isso e ainda dividirá a legenda do MDB, isolando autênticos de liberais e retirando de ambos, portanto, a força eleitoral — e, de resto, o caráter pluralitário das eleições.

Assim, estará aprofundada a divisão entre flagelados comuns. E — principalmente nas cidades médias, onde não há movimentos sindicais ou oposicionistas significativos — estará anulado o fosso entre os democratas e as massas.

Luta parlamentar ou não?

Mas há quem não se preocupe com legendas legalizadas e, portanto, com o aspecto eleitoral e parlamentar. Há quem acredite que as tentativas de organização social já substituem ou dispensam a luta parlamentar. Ou, ainda, acreditam que a atuação parlamentar só teria validade desde que rompidas as condições moldadas pelos atuais partidos e circunstâncias.

Pode-se imaginar o isolamento em que ficarão as oposições que não assegurarem condições de luta eleitoral e participação parlamentar. Quanto a aqueles que esperam romper o atual sistema parlamentar para só então atuar eleitoral e parlamentarmente, pode estar reservada uma surpresa: se virem as intenções do governo de dividir as oposições até no Congresso, a luta parlamentar perderá muito de sua eficácia, para todos os oposicionistas.

O PTB parece irreversível porque assim se julga e porque o governo com isso conta. O PT — iniciativa louvável da classe operária em direção à autonomia política — precisa mostrar que, politicamente, os operários já teriam um mínimo de mobilização que demonstraram ao máximo nas greves por motivos econômicos.

Além disso, todos têm o desafio de se viabilizarem nacionalmente e não apenas regionalmente, e isso — a julgar pelas recentes movimentações — não parece nada fácil nem rápido. As perspectivas parecem ser o isolamento ou então o crescimento indiscriminado, à custa de composições, e ao final do qual as novas propostas partidárias estariam irreconhecíveis, como hoje não se reconhece muitos parlamentares adesistas do MDB em confronto com o próprio programa do MDB.

A quem servir?

O MDB passou de partido criado pelo governo a partido que o governo quer extinguir ou dividir. A eloquência desse fato rechaça os argumentos de que a continuidade do MDB só iria retardar o avanço das oposições.

É preciso ainda lembrar que não foi só pelas tribunas parlamentares que o MDB passou a partido temido pelo regime. O esforço de muitos oposicionistas, engajando-se nas eleições e no partido e, também, denunciando o MDB com propostas de luta e possibilidades de penetração social orgânica, também contaram muito.

O MDB é, portanto, resultado dos esforços de emedebistas históricos e muitos oposicionistas. Jogá-lo pela janela, simplesmente, é menosprezar esses esforços e o saldo deles.

É preciso frisar, finalmente, que não se propõe a manutenção pura e simples do MDB ou sua revitalização nas regiões onde puder ser canal de lutas oposicionistas mais conseqüentes. Essa proposta só tem sentido se incorporada numa proposta maior, de frente democrática das oposições.

Do contrário, sem nos esforçarmos por uma frente democrática e sem compreender sua importância prioritária hoje, podemos estar colaborando para que as reformas do governo nos levem a uma conjuntura como a mexicana, onde há muitos partidos de oposição mas pouca oposição, e onde as injustiças sociais conseguem continuar.

As oposições têm passado a divergir no particular, esquecendo-se das prioritárias lutas gerais pela democratização efetiva. Ao mesmo tempo, põem-se a programar o inviável a curto prazo. Nada melhor para o regime. Nada pior para a democracia e, portanto, para os novos partidos.

Estar com o povo. Não na frente dele.

MARCELO HOLLANDA

Um impasse sério aflige a unidade das oposições no Brasil. Não é um impasse de origem popular. Se fosse, não estaríamos vivendo nesse mar de conjecturas de que todos os dias temos notícia nos jornais; viveríamos num oceano de fatos, concretos e objetivos. O impasse é puramente ideológico. Depois de 15 anos do atual regime, personalidades da inteligência vêm a público para declarar que o MDB já era. Eles querem uma nova frente baseada na ideia de um Partido Popular. O problema é que não chegou ainda o momento para se romper com o nosso passado recente. Pedindo uma frente popular, muitos querem ignorar os frutos dessa mesma vitória popular, estabelecendo com o MDB e o Parlamento uma distância pouco tática e enfraquecedora, pelo menos para os que ainda desejam desempenhar um papel de oposição neste país. No entanto, alguns vanguardistas de respeito não pensam assim e trataram de admitir (ou melhor, decumular) publicamente sua mágoa por terem sido obrigados a coexistir, nestes últimos anos, com a "oposição oficial", egressa do mesmo saco da Arena e, portanto, recheada de liberais traidores e indignos da causa populária. E como vêm na abertura oficial uma maneira de impor seu jogo estritamente ideológico e hegemônico. Mas muito pouco oportuno. Se em 74, a esquerda consciente punha severamente em dúvida a questão do voto nulo defendida por muitas de suas facções radicais, hoje parece ter perdido sensivelmente a noção de unidade. E, agora, ameaça fracionar ainda mais a frente que ela própria ajudou a criar em oposição ao regime.

E, infelizmente, em política é assim: ou se pensa com as lições do passado e com as perspectivas do futuro, ou não se pensa; se age de maneira compulsiva e imediatista, o que é pior. Pensar, por exemplo, que este é o momento ideal de se articular um Partido Popular, ignorando-se as experiências imemoráveis desse tipo de iniciativa, não é pensar, é raciocinar de maneira pobre. Não que as experiências do passado sejam intocáveis; trata-se apenas de não repetirmos erros já cometidos.

Em um país nascido sob a exploração estrangeira desde seu descobrimento, todo o avanço libertário do povo é medido palmo a palmo, é feito do sangue de sucessivas gerações. Natural é que ele gradativamente vá ocupando os espaços abertos por suas lutas. Muito certo não é que, por uma questão de participação nesse movimento, certa vanguarda use seu prestígio para desmantelar conquistas já alcançadas em determinado período de nossa História. Negar o MDB é fazer o jogo da classe dominante (que certamente está muito unida e coesa em seus propósitos exploradores). É negar publicamente um espaço conquistado anteriormente.

Muitos poderão dizer, nesse momento, que o MDB cumpriu tão somente um papel eleitoral em todos estes anos. Sim, esta não é uma ideia totalmente errada. Porém, não se pode negar: o MDB tem uma parcela razoável neste processo de abertura que o Governo se viu obrigado a ceder. Por tanto, vamos repetir, não se trata de negar as fórmulas do passado, mas acrescentar a elas um foro público muito justo. De conquista popular mesmo. Afinal, foi o povo ou não foi que votou maciçamente no MDB nestes últimos anos?

De qualquer maneira, não é a primeira vez na História do Brasil que se tenta criar frentes populares repentinas e depuradas. Mesmo quando a Constituição de 46 assegurava a livre iniciativa partidária, desde a direita até a esquerda, já se sabia que a economia do país não acomodava a dinâmica destes acontecimentos tão liberais do ponto de vista político. Atualmente, guardadas as devidas proporções, a História se repete. Temos sensações libertilizantes hoje; quem as garantirá amanhã? Esta mesma História mostra que, quando é preciso, o poder do capital se torna extremamente agressivo e insculpulo, matando pela raiz muitos fecundos movimentos populares. Como o Estado está com as armas, ele sempre vence e o povo sempre perde. Se Figueiredo promete hoje fazer deste país uma Democracia, nem que para isso tenha que "prender" e "arrebentar"; amanhã pode perfeitamente "arrebentar" e "prender" quem queira fazer Democracia. A Argentina já passou por esta experiência amarga; o Chile também. E nós, vamos cair nessa? Principalmente quando sabemos que o Brasil já esteve mais perto de uma Democracia do que agora? Cabe neste momento, portanto, dizer não aos acones vindos de cima. Para isso, é preciso primeiro: não negar, em hipótese alguma, as conquistas do passado, que afinal de contas são nossas próprias conquistas; e, segundo, manter uma unidade constante e atenta, discutindo, discordando quantas vezes forem necessárias, mas caminhando juntos. O importante, no final de tudo, é caminhar com o povo consciente e ativo. Não na frente dele.

PT 1085-125



INFORMAÇÃO nº 166/79 - ASI/FUEL

DATA: 30.10.79

ASSUNTO: MARCELO HOLANDA E PEDRO PAULO FELISMINO DA SILVA

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: ----

DIFUSÃO ANTERIOR: ----

ANEXOS: Cópia xerox de entrevista

DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

Confidencial

1.

Os nominados Jornalistas de Londrina e ativos no ME, Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, estiveram presentes ao desembarque de Luiz Carlos Prestes ocorrido no Rio de Janeiro no dia 20.10.79.

Por intermédio de José Salles do Comitê Central do PCB, os referidos Jornalistas conseguiram entrevistar Luiz Carlos Prestes, cuja reportagem foi publicada no Jornal Folha de Londrina, Caderno 3, edição de 28.10.79 (anexo ao presente info).

1.2

Em virtude da referida reportagem os jornalistas, receberam moção de elogios por parte do DCE/LIVRE de Londrina em reunião ocorrida no dia 27 do corrente.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLADO
 Nº 1660
 DATA: 05/11/79

R. loje

1. Acote-se.
2. Mqave-se

Idi, 5.11.78

Pasta/ ASI/^{2/6}FUEL

Anotado

Em 09-11-79

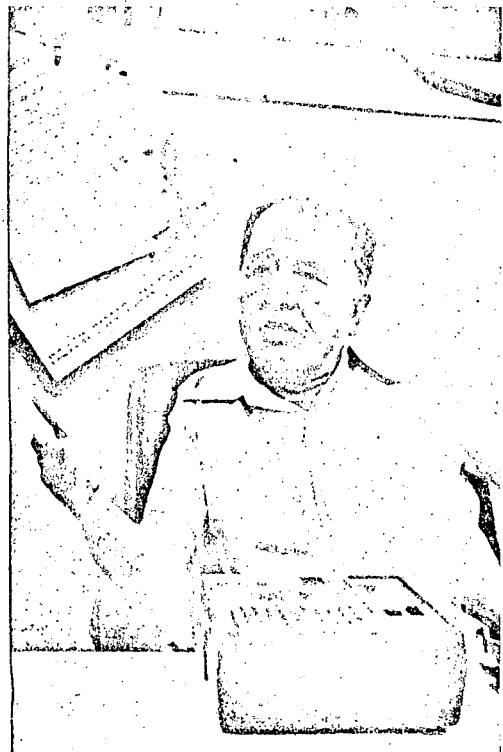
Quis

Meu pai foi aluno de Benjamin Constant e participou da proclamação da República. A pequena burguesia é que procurava o Exército. Eu só entrei nele porque não podia estudar numa Universidade. Quando fui para a Escola Militar não tinha nenhuma vocação militar, mas era a única forma que tinha para fazer um estudo superior. Tinha casa, comida, fardamento. Minha mãe era pobre, vivia com um soldo de viúva de um capitão do Exército, com muitos filhos, de maneira que só na Escola Militar é que se podia estudar. Em 22, os tenentes tomaram a vanguarda e iniciaram sua luta. A classe operária ainda estava organizando o seu Partido (também em 22 foi fundado o Partido Comunista) que logo em seguida, a cinco de julho, foi posto em clandestinidade no primeiro estado de sítio que os comunistas tiveram que enfrentar. E os tenentes se levantaram com bandeiras democráticas. É claro que todos nós fomos arrastados à luta política. A maioria dos oficiais — e eu, particularmente — era completamente apolítica. Fomos levados pela campanha eleitoral à sucessão presidencial da época. O Correio da Manhã publicou um "fac-símile" de uma pretensã carta de Artur Bernardes, atingindo os brios dos militares, carta esta que o próprio Bernardes desmentiria posteriormente. De qualquer maneira, o documento foi levado ao Clube Militar e discutido. Eu, que nunca havia freqüentado o Clube Militar, estava lá presente. Achava que era meu dever opinar naquela hora, principalmente porque eu discordava que se fizesse uma perúcia da carta.

O senhor Bernardes dizia, por seu lado, que a carta não era dele, de forma que o assunto estava liquidado praticamente. Na época, eu não confiava na unidade dos oficiais para enfrentar o problema como deveria ser enfrentado. Caso se passasse o recibo de que a carta era verdadeira e ficasse configurada a ofensa aos militares, necessário seria dar-se uma resposta. Mas esta resposta dependeria muito da unidade dos militares. De qualquer maneira, a partir daí, os militares partiram para fazer política, muito entusiasmados. É claro que haviam causas profundas para isso. E a mais profunda era a causa econômica. Era a crise do pós-guerra, que se acentuou justamente naquele período, em que os vencimentos não correspondiam às necessidades dos militares. Apareceu, naturalmente, como um aspecto político: como os insultos de Bernardes aos militares. E a reunião do Clube Oficial foi de grandes proporções, com a presença de mais de 800 pessoas. Somente 40, entre estes eu, é que votaram contra a perúcia da carta. A maioria já havia sido arrastada à política, contra a candidatura de Bernardes e a favor da candidatura do senhor Nilo Peçanha, que era o representante da Aliança Liberal formada no bojo dessa resistência liberal. E eu posso acrescentar a isso mais alguma coisa. No dia seguinte, ao chegar à Escola Militar, onde era instrutor, meus amigos apressaram-se a falar comigo, indignados que estavam por eu haver votado contra a perúcia. Um deles era o tenente Victor Cesar da Cunha Cruz, meu amigo particular já nessa época. Então eu disse: "Mas vocês não estão compreendendo a minha posição. Eu quis lavar as mãos e alertar a vocês que é necessária muita união para poder responder, à altura, a carta. Porque, na minha opinião, o documento é verdadeiro. E se vocês realmente tomarem uma posição, estejam certos, eu estarei ao lado de vocês". E, de fato, eu fui um dos primeiros convidados para a conspiração. Quando esta começou, em janeiro de 1922, eu era tenente e participei.

A Igreja Católica até 64 era nossa pior inimiga

"Já no processo de 35, eu escrevi uma carta ao Dr. Sobral Pinto — tive ocasião de lê-la no Superior Tribunal Militar — em que contestava sua opinião que colocava o Exército na mesma condição da Polícia. E eu disse não. Pelo menos naquela época não podia se confundir a oficialidade do Exército com a Polícia de Filinto Müller. Então, eu sempre



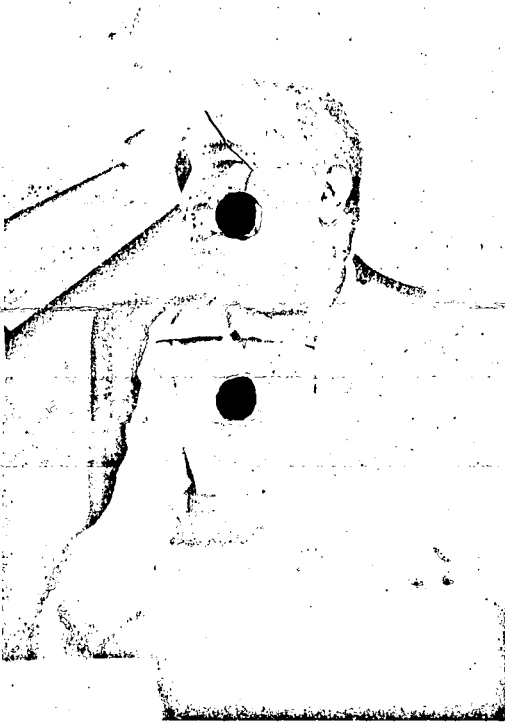
defendi a opinião de que o Exército brasileiro tem uma tradição democrática. E claro que depois de 35, a educação anticomunista se intensificou muito em suas fileiras e particularmente após a Segunda Guerra, graças a uma grande campanha movida pelos norte-americanos. Agora, eu não tenho dúvida nenhuma de que a maioria das Forças Armadas não tem nada a ver com esta minoria de torturadores e que sua maioria tem tendências democráticas e não concorda com este regime de tortura e assassinatos.

"Principalmente para um materialista como eu, considero que os fatores objetivos, os interesses econômicos predominam sobre qualquer fator subjetivo. A medida em que a crise se acentua e a miséria aumenta, a preponderância desse fator cresce. E as Forças Armadas, não tenham dúvida, também são atingidas por este fator, uma vez que congregam camadas médias e pobres.

"Até 64, a Igreja Católica era um de nossos piores inimigos. Houve um incidente em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, quando uma igreja preparou o meu enterro. Além disso, foi a Igreja que mobilizou massas para o golpe de 64, organizando passeatas pela tradição, família e propriedade, etc.

Depois da entrada dos militares, a resistência de nosso povo (desde a classe operária até à intelectualidade) prestou um grande serviço aos elementos presos, utilizando alguma liberdade de imprensa que ainda havia. Os estudantes também foram muito combativos. Então a Igreja entendeu que se separaria do povo, perderia qualquer apoio popular, se não apoiasse a opinião pública, se não tomasse uma posição contra a ditadura. A partir daí foram lançadas pastorais bastante progressistas. Compreende-se a Igreja em dois importantes acontecimentos: a mudança do próprio Vaticano e a resistência do povo brasileiro à ditadura. Não que a Igreja apoie os comunistas ou esteja de acordo com eles, mas que ela mantém posição contra a ditadura, disso não há dúvida. E ela participou de maneira muito ativa da luta pelas liberdades democráticas.

"Desde 1945, nós, comunistas, afirmamos que qualquer pessoa religiosa pode ser membro de nosso Partido. Para ser membro de nosso Partido não precisa ser ateu. O marxista — aquele que ado-



ta a filosofia marxista — é naturalmente o materialista. Mas isso não impede que possam ser membros do Partido, aceitem seu programa e participem de suas atividades, homens religiosos. Numerosos católicos são membros de nosso Partido. Outros religiosos também: espíritas, protestantes, etc. Isso tudo é questão de fé íntima, sentimento íntimo pessoal. E se existe alguma contradição entre ser religioso, ter uma religião e ser comunista é, como dizia Lênin, uma condição de foro íntimo de cada um.

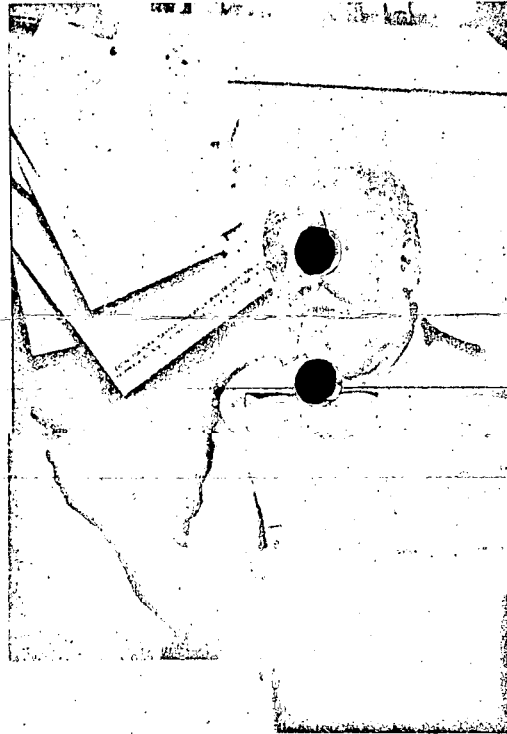
"Desconheço o fato de pregarmos uma Constituinte com Figueiredo. Esse mesmo lapso ocorreu no período de Getúlio, quando disseram e escreveram que nós apoiávamos a Constituinte com Getúlio. Não era verdade — quem apoiava isso era o pessoal do PTB. Nós éramos a favor de uma Assembleia Nacional Constituinte, mas não dizíamos que era com Getúlio. E eu vou lhes contar um fato. Depois de minha prisão, depois da anistia, conversei com o brigadeiro Eduardo Gomes, porque anteriormente o senhor Átila Soares, vereador nessa época, perguntou se poderia dirigir uma carta ao general Dutra a respeito da legalidade do Partido Comunista. Dutra respondeu dizendo que reconhecia a legalidade do Partido. Depois, o companheiro Silvío Meireles, que era muito amigo do brigadeiro Eduardo Gomes, disse que o PCB estava aberto a qualquer filiação. Minha opinião era de que o povo deveria decidir, através de eleições livres, quais seriam os seus representantes. Mas era posição do brigadeiro a de ser impossível uma eleição com Getúlio: necessário seria haver um golpe. Não concordamos com isso e a discussão parou por aí. Estou convencido de que, se a UDN, naquela época, tivesse se lançado a uma eleição, poderia vencer. De qualquer maneira, o golpe acabou ocorrendo, mas como o movimento de massas tinha uma força muito grande, os militares não puderam nem acabar com a legalidade do Partido Comunista nem impedir as eleições livres. Os golpistas, então, só vieram a vencer em 64. Havia uma frente chamada Nacionalista Democrática, cuja hegemonia estava nas mãos da burguesia. Seu principal dirigente era o senhor João

Goulart. A burguesia brasileira, diante da inflação e da luta dos trabalhadores por melhores salários, ficou alarmada. Seis meses antes do golpe decisivo, esta burguesia nacional que participava com os comunistas da Frente Nacionalista Democrática, mudou de posição e arrastou também a pequena burguesia. Nessa época, nós não nos preparamos para a luta armada porque não achávamos ser o momento. E, na verdade, a classe operária ficou isolada, nós ficamos isolados. Qualquer tentativa de resistência naquele momento — e isso eu compreendi na noite de 31 de março para 1.º de abril — seria inútil e a única solução seria recuar. O que os generais esperavam era que nós resistíssemos, para eles fazerem no Brasil o que os generais da Indonésia fizeram. E isso eles não conseguiram fazer. O Partido continuou organizado.

A tendência hoje é um avanço das lutas democráticas

"Na minha opinião, o que a classe operária deseja é chegar a um consenso, sem guerra civil ou luta armada. Agora, isso não quer dizer que o processo será pacífico, sem luta armada. Afirmar qualquer coisa agora é prematuro. A tendência agora, hoje, é para uma avanço das lutas democráticas. Mas esta tendência pode se modificar.

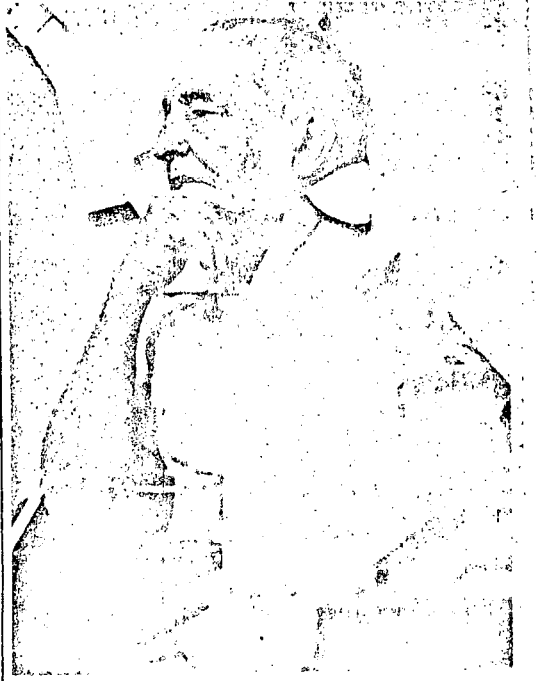
"Eu não renego o movimento de 35. Todo o movimento feito com honestidade, com princípios, é válido. O de 35 era um movimento anti-fascista e conseguiu barrar o avanço do fascismo no Brasil. O regime de Vargas não era fascista; digamos que era parafascista. Tinha grandes compromissos com o integralismo, sim, mas a partir do dia 10 de novembro, o do golpe, não quis saber mais do integralismo. Eles acabaram por desmoralizar-se tanto que passou a não interessar mais ao senhor Getúlio Vargas dar seu apoio a Plínio Salgado, a quem havia prometido um Ministério. E isso foi em consequência do movimento de 35. Porém isso não quer dizer que não tenha cometido erros. Mas mesmo naquela época nós já levantávamos a bandeira da desapropriação dos monopólios e reforma agrária. Isso dentro da Aliança Nacional Reformadora. Mas a fren-



ta, aos poucos, começou a se desagregar. De qualquer maneira, não renego a minha participação em 35, pois sei que era um movimento honesto que só visava frear o avanço do fascismo no País.

"Nós combatemos, do ponto de vista ideológico, a luta armada e a tentativa de elaborar a tática partindo de uma determinada forma de vida própria. Alguns companheiros, homens honestos, patriotas e que deram a sua vida, como Marighela, Lamarca, nós respeitamos. Mas, na verdade, achamos que estavam equivocados, porque naquele momento em que a classe operária não se sentia com forças, se sentia derrotada, não tinha condições para fazer uma greve, você quer exigir que ela empunhasse uma arma, é querer afastar-se dela. A classe operária fugia dos que fizessem isso. Por isso é que não podiam ter organização de massas. E a nossa opinião sempre foi, desde o golpe de 64, de que só um poderoso movimento de massas pode derrotar a ditadura, partindo da luta pelas reivindicações mais elementares. Então, trata-se de um longo, doloroso e difícil processo de acumulação de forças. É este processo que vem se dando nestes últimos 15 anos. Começaram a surgir resultados, a dar frutos, somente a partir das eleições de 74, que foi a primeira grande derrota política da ditadura. E isso significou o quê? Que a partir daí a ditadura começava a ficar cada dia mais isolada e que as massas estavam contra ela. Nos grandes centros industriais, os operários começaram a derrotar os representantes da ditadura. Então, este processo de acumulação de forças é necessário e digo mesmo indispensável. Mas isso não significa que não tenhamos cometido erros de direita. Nossa idéia de processo pacífico levou companheiros nossos à passividade, que é uma posição de direita.

"Sobre a divisão, acho que ela é sempre gradual por estar no bojo de um movimento pequeno burguês sempre em diferenciação. Então, surgem as opiniões mais divergentes dentro de uma mesma posição. E isso é inevitável, é quase uma fatalidade histórica, além de uma outra tendência: que é a de todos quererem comandar.



"Há um processo de crítica intenso na União Soviética. A maior parte das críticas feitas pelos jornais do Ocidente à URSS é tirada das páginas do próprio Pravda. Se fala muito, no Ocidente, que o regime manda a rudo os intelectuais para os hospitais psiquiátricos. Eu morei lá e posso assegurar que só vai para esses hospitais quem tem problemas psíquicos para resolver. Muitos deles, inclusive, quando vão para o Ocidente, terminam em clínicas psiquiátricas. E desaparecem também das páginas dos jornais. Vejam o caso do senhor Soljénitsin: veio do estrangeiro, a máquina publicitária o explorou quanto quis, agora ele desapareceu. E alguns deles foram realmente para hospitais psiquiátricos. Liberdade de pensamento, em suma, existe na União Soviética, mas aquele que fere a lei tem que ser punido. Não há nenhum Estado que não defenda e assegure a realização de seu programa. É como acontece nos países capitalistas, sendo que o socialista não empreende a perseguição aos seus antagonistas. Eles vão aos Tribunais como qualquer cidadão que transgride a Lei. E preciso que se diga: nós, comunistas, não somos maníacos pela subversão nem pela insurreição; nós queremos apenas esclarecer a classe operária, organizá-la para que ela lute e conquiste as suas reivindicações. Este é o nosso objetivo. É claro que em determinados momentos, quando a burguesia aplica a violência, a classe operária, tendo forças, também lutará. Mas, a rigor, o Partido Comunista luta é pela educação dos trabalhadores, pela elevação de sua consciência política, do seu nível ideológico, para que eduque-se, organize-se para fazer suas reivindicações. O operário europeu é assim. O francês, quando está doente, chama um médico, recebe a conta, põe a conta no correio e recebe a metade da despesa que ele teve. E isso se deve a quê? As grandes possibilidades do operário inspiradas no regime socialista. No regime socialista, o médico é gratuito, a farmácia também, o hospital também é o ensino, idem.

Olga Benário, a grande mártir, que Vargas entregou aos nazistas

"Minhas relações com minha filha, Anita Leocádia, são normais. Concordo com ela em alguns aspectos, discordo em outros, enfim, é um relacionamento natural entre duas pessoas que têm cabeça para pensar. De resto, é uma grande filha, herdeira das grandes qualidades da mãe dela, Olga Benário, uma grande revolucionária com quem vivi 400 dias. Uma grande mártir da revolução brasileira e alemã, tida como a de melhor comportamento no campo de concentração nazista. Era animadora, estimuladora das demais prisioneiras. Não tenho dúvidas de que Vargas foi quem a entregou aos nazistas. Se voltei a falar com Vargas depois disso é porque coloco a nação acima de qualquer sentimento pessoal. Se fosse colocar este problema a termo, sairia da cadeia para matá-lo e não era isso que interessava.

"Daqui para diante, é obrigação de nós anistia-dos, continuarmos lutando por uma Anistia Ampla Geral e Irrestrita. É necessário lutar pelas leis de exceção e revogação da Lei de Segurança Nacional. Enfim, é necessário acabar com a essência do fascismo que perdura — e esta é a Lei de Segurança Nacional. É necessário também que se revogue as Salvaguardas Constitucionais, porque elas garantem ao Governo decretar o estado de sítio, suspender os direitos constitucionais, sem consulta ao Parlamento. Revogar a lei de greve, assegurar a independência do movimento sindical, enfim, muitas reivindicações de caráter democrático. Organizar o povo, convencê-lo a se organizar e procurar novas formas de luta. E, principalmente, a unidade das oposições. Todos os que combatem a ditadura devem se unir ao MDB, mesmo porque o MDB hoje é a base de massas considerável. As eleições de 74 e as demais mostraram isso. Além do que, montar um diretório hoje não é fácil. O senhor Miguel Arraes me dizia em Paris como é difícil organizar diretórios lá no sertão. É necessário que o MDB traga solução para alguns problemas concretos dentro dos próprios Municípios. Saber resolver problemas de colégios, do pequeno lavrador como formas de mobilização de massas para uni-las e organizá-las. A organização é a unidade são as grandes armas para as massas poderem influir nos destinos da nação. E a discussão, é claro. Para que ela não se processe apenas ao nível das elites, como tem sido até hoje".

Não foi nada fácil falar com Luiz Carlos Prestes. Chegamos na sexta-feira da semana passada e até sábado à noite, quando ele desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio, ainda não sabíamos ao certo se conseguiríamos. No aeroporto, cerca de oito mil pessoas, compactamente alinhadas no saguão e no lado de fora da ala internacional, nos separava do objetivo final: falar com Prestes. A medida que o ruído da multidão se intensificava, o sistema de som exibiu uma seleção musical estrangeira e em altíssimo volume, procedimento nada usual para um aeroporto do gabarito do recém-construído Aeroporto Internacional do Rio. Esperamos duas horas. Quando finalmente Prestes apontou na entrada do saguão, um coro ensurdecedor tomou conta de tudo. Cantavam: "De norte a sul, de leste a oeste, o povo todo grita: Luiz Carlos Prestes". Imediatamente, o cerco policial se intensificou sem que nenhum incidente fosse registrado. A massa exibiu cartazes de todos os tipos. Quem não é encorpado, foi carregado pela multidão. Eu, que estava na metade do saguão quando Prestes chegou, fui arrastado quase às suas portas de saída. Meu colega de trabalho havia se perdido de mim (e vice-versa) e minha única preocupação era manter-me de pé, sobre as duas pernas. Exausto, com terríveis dores nas costas por ter ficado de pé horas seguidas, procurei me apoiar na parede do aeroporto. Já estava lá fora. Fechei os olhos por alguns segundos e quando os abri novamente, vi uma figura inesperada: a de um dos importantes membros do Comitê Central do PCB, José Salles, a quem eu conhecia por fotografias de jornais e revistas. Não tive dúvida: "Seu Salles, sou de um jornal do Paraná e gostaria de marcar uma entrevista com o senhor e, se possível, com o Prestes". Vestido com um terno azul muito claro, ele respondeu: "Tudo bem, vamos ver o que se pode fazer". Meu colega, antes disso, já havia falado com ele, mas muito rapidamente. Mais que depressa, percorri os bolsos, achei um talão de cheques muito amassado, no qual pedi que ele escrevesse seu telefone. Foi o que fez, apesar dos abraços constantes que levava dos amigos e de gente que sequer o conhecia pessoalmente. Não muito satisfeitos com o resultado de nossa ida ao Aeroporto, retornamos ao hotel, no centro da cidade, uns 30 minutos de carro do Aeroporto.

No dia seguinte, a primeira coisa que fizemos foi comprar os jornais do dia. Eles diziam, em síntese, que após a chegada de Prestes, ele recebeu a imprensa muito rapidamente no escritório do arquiteto

Oscar Niemeyer, mas que se recusou a dar entrevistas. Apenas fez uma ou duas referências sobre a sua chegada ao Aeroporto e nada mais. Nos entreolhamos, preocupados. Por onde começar? Por José Salles, naturalmente. No mesmo dia, pela tarde, estávamos no apartamento da mãe de José Salles, em Copacabana. Ali, ele nos concedeu uma entrevista de três horas, a ser publicada numa das próximas edições do Caderno 3. Pelas tantas, nos lembramos: "E o velhinho?" Perguntamos a Salles sobre a possibilidade de o entrevistarmos. Muito sorridente, ele pegou o telefone e ligou para o velho Gregório Bezerra, ex-deputado pela Constituinte de 46.

— "Como vai, Grega, tudo bem? Escuta, tem duas pessoas lá do norte do Paraná que querem falar com você e, se possível, fazer uma entrevista com o velho. Será que é possível? Ah, quer dizer que eles podem marcar uma com você? Tudo bem".

No dia seguinte, estávamos na casa de Bezerra e com ele gravamos três ou quatro horas de entrevista (a ser publicada também no Caderno 3). E o Prestes? Lembramo-nos de seu assessor pessoal, Salles já havia falado com ele e já era alguma coisa. Horas depois, já no final da tarde, estávamos com ele. O tal assessor conversava animadamente com o chefe da segurança de Prestes, um crioulo de 1,80m e 150 quilos.

— Será que o velho gostou?

— Sim, sem dúvida, respondeu o assessor de Prestes.

O segurança concordou e acrescentou:

— Ainda bem que Deus é socialista.

Ficamos então sabendo que o Pasquim também iria entrevistar Prestes com exclusividade. Falamos com o Ziraldo, aquele cartunista famosíssimo, e ele concordou com a nossa presença no dia da entrevista. Seria na quarta-feira, às 15 horas. Marcamos nossas passagens de volta a Londrina para às 19 horas de quarta-feira. Era tudo ou nada.

— Aqui é o Pasquim?

— E, respondeu secamente a secretária Noelma entre uma garfada e outra de arroz com frango, na recepção do semanário.

— Nós viemos entrevistar o Prestes.

Pra que? Noelma parou o garfo no ar:

— A entrevista é só para o pessoal do Pasquim.

De nada adiantou dizer que o Ziraldo já havia concordado. "O Prestes é nosso e acabou" — gritava ela com um garfo numa mão e o prato na outra.

Foi para dentro. Os três mãos vazias, voltou e nos olhou com ódio. Até esse momento, não havíamos reparado na figura de Luizão, um outro monumento humano de 150 quilos que, naquele dia, estava de "leão de chácara", como a própria Noelma fez questão de frisar.

— Olha, é bom vocês se arrancarem. Aqui na minha sala vocês não ficam. E Luizão, acho bom você tomar conta da porta.

E não deu outra. Saímos e esperamos por mais duas ou três horas a chegada de Prestes. Logo Ziraldo chegou.

— Vocês são de Londrina? Tudo bem. Esperem um pouquinho aí e depois entrem.

Daí Prestes chegou. Desceu o morro do "Canta Galo" num Opala e vinha acompanhado por alguns amigos. Calmo, vestindo camisa esporte e sorridente nos cumprimentou, indo direto para a Redação. E nós atrás. E conseguimos, uma vez que seria realmente muito desagradável um incidente na frente do Velho.

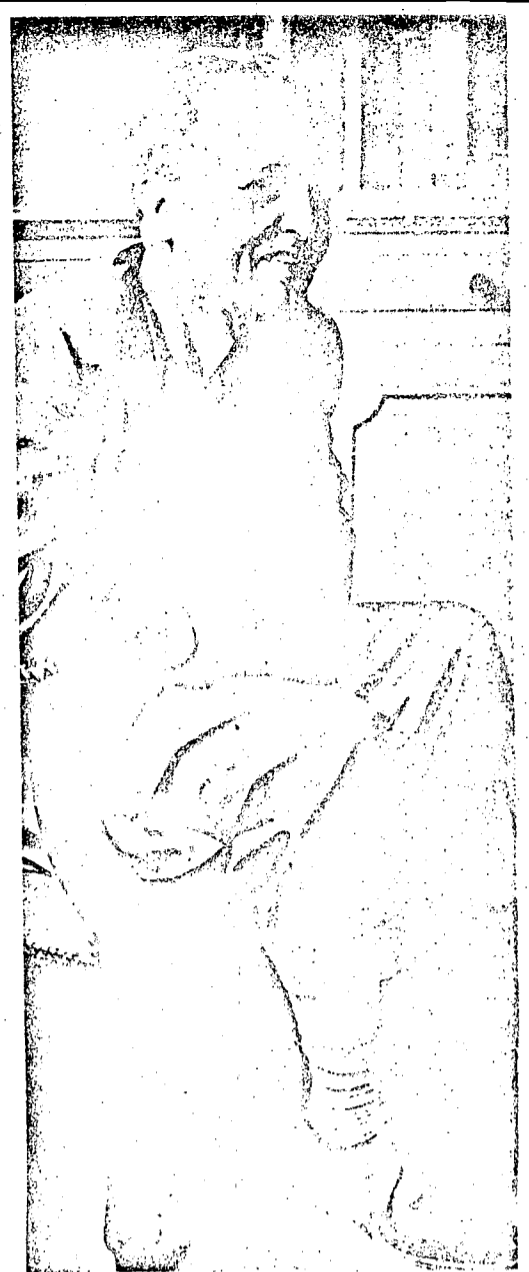
E foi Prestes daqui, Prestes dali, cumprimentos, tapinhas nas costas, apresentações etc, até que, no segundo andar, paramos numa sala cheia de fotografos, repórteres e, pasmem, o dono: Jaguar, o mais feroz defensor da entrevista exclusiva.

Até então ninguém havia reparado em nós, as atenções todas estavam voltadas para Prestes. Sutilmente nos colocamos num canto aguardando o início da entrevista, e foi assim:

Primeiro um bate-papo informal com os presentes, para se conhecerem e quebrarem o gelo. Só depois é que começou mesmo. Daí, nos aproximamos e zás! (surpresa e espanto geral): subitamente apareceu um gravador intruso e estranho na frente de Prestes. Ninguém entendeu aquilo. Espionagem? Sabotagem? Era a grande indagação.

O Jaguar, o dono, então, não estava entendendo: "Mas a entrevista não é exclusiva?" E passou os olhos pela sala para encontrar os suspeitos, até achar a gente. Bateu no ombro e perguntou: "Aquele gravador é de vocês?" Respondemos afirmativamente. "E quem deu a autorização?" "Oras, combinamos com o Ziraldo; é só falar com ele". Jaguar mudou de cor. Chamou Ziraldo para fora da sala. Conversaram. Voltou sem entender bem. No final, um acordo de cavalheiros, feito pelo Ziraldo: "Nós publicamos a entrevista e vocês as declarações". E aí está, com exclusividade.

MARCELO HOLLANDA

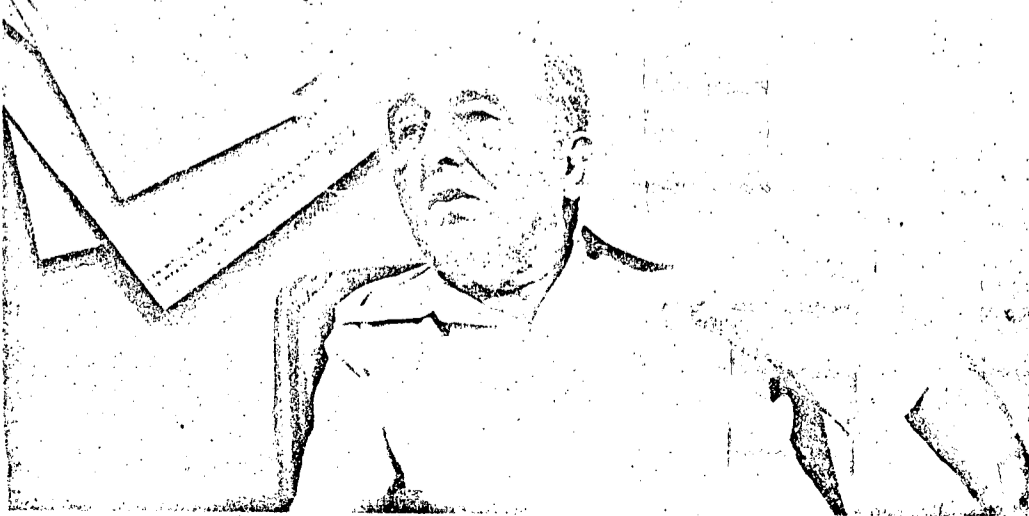


Com a palavra, Luiz Carlos Prestes

JORNAL: F. DE LONDRINA

DATA: 28/10/79

(Recém-chegado ao Brasil, o secretário geral do PCB dá seu depoimento à Folha de Londrina e ao semanário O Pasquim.)



"Muito pouca coisa mudou no Brasil nestes 15 anos. Basta dizer que a Lei de Segurança Nacional — uma espécie de código contra os comunistas — continua de pé. Os aparelhos de repressão, que cometeram tantos crimes, talvez até à revelia, de boa parte das Forças Armadas, ainda não foram destruídos. Mas quando falo da doutrina de Segurança Nacional, é porque acho que ela exprime a essência do regime fascista. Foi imposta ao nosso povo pelo imperialismo americano, doutrina que não vigora nos Estados Unidos, porque neste país o Partido Comunista é perfeitamente legal e que a cada dia ganha maior influência de massa, ou seja, é um Partido que cresce. Na América Latina, a Lei de Segurança Nacional foi imposta para deter os avanços das massas. Ela é a essência de nosso fascismo e que continua intocada. Além do mais, os governadores ainda são escolhidos indiretamente, há senadores biônicos, o "Pacote de Abril" está em vigor, a Lei Falcão também, a greve continua sendo um crime, etc. E isto quer dizer que as restrições continuam ainda muito grandes e nós temos que alertar para isso.

"Minha volta, por exemplo, se deve ao fato do Governo querer aparecer como uma Democracia. Esta é uma orientação que os Estados Unidos estão adotando para toda a América Latina. Vejam agora mesmo o golpe militar na República de El Salvador. Foi orientado pelos Estados Unidos, foram militares ligados aos grandes monopólios e ao imperialismo norte-americano que empreenderam o golpe, preventivo, diante de um general-ditador que estava muito impopular e isolado. Aqui mesmo no Brasil, tive oportunidade de ler no Diário de Portugal, editado pelo companheiro Miguel Urbano Rodrigues, que viveu muitos anos no Brasil, um discurso do senhor Ulisses Guimarães, em que ele protestava contra a intervenção nos assuntos internos do País. Fazia ele referência a uma advertência dos americanos ao Brasil de que não admitiriam um segundo Irã na América Latina. Quer dizer, eles temem é uma explosão popular e para evitar isso é necessário mudar a fachada, pelo menos alterar a face desses regimes. Se possível, apoiado sobre o programa de um Partido Social Reformista. Então, esta é a tática usada dentro dos países de ditaduras militares, já isoladas, que não resistiram nada, perdurando durante anos seguidos, gravando ainda mais os problemas existentes. Aumentou o latifúndio, aumentou o minifúndio. Recentemente, eu conver-

sava em Moscou com o companheiro Alberto Passos Guimarães, especialista em questão agrária, e ele me falava justamente sobre este tema, abordando em seu último livro "A Crise Agrária". Falava também das grandes extensões de terras que estão sendo vendidas às multinacionais do automobilismo, sem falar no projeto Jari, com três milhões e meio de hectares, quase 35 mil quilômetros quadrados. Quer dizer, a dependência brasileira ao capital estrangeiro aumentou. Nossa dívida aumentou e hoje nos encontramos na posição do jogador que precisa tomar emprestado para pagar um empréstimo. Aumentou a miséria do povo. Basta examinar o que era o salário real antes de 64 e o que é hoje. O salário-mínimo atual, para compensar um pouco o trabalhador, deveria ser de no mínimo 6 mil cruzeiros. E, além disso, se levassem em conta o aumento da produtividade, o salário-mínimo deveria ser de 10 mil cruzeiros. Então, há um verdadeiro abismo entre uma minoria rica e uma grande maioria pobre.

"O imperialismo sempre atuou desta forma. Vocês sabem que a América Latina é o continente dos golpes. E os regimes militares nunca resolveram coisa alguma. No final de alguns anos estão tão desmoralizados, isolados, que é necessário o próprio imperialismo intervir para pô-los abaixo. Um exemplo disso foi a própria luta contra o tirano Machado, em Cuba, antes de 1930. Ele dominou durante 10 anos e não resolveu problema algum. O imperialismo, então, enviou o senhor Somerson Wells, uma das personalidades do Departamento de Estado, para preparar o golpe contra Machado. E realmente preparou um golpe bem sucedido, surgindo daí o sargento Batista, que acabou como ditador de Cuba. Depois tentaram negociar com Fidel Castro, mas quebraram a cara.

*O Exército brasileiro
sempre teve uma
tradição democrática*

"O Exército Brasileiro sempre teve uma tradição democrática. Desde a proclamação da República.

Continua na página seguinte



71

INFORMAÇÃO nº 165/79 - ASI/FUEL

DATA: 29.10.79
 ASSUNTO: REUNIÃO GERAL DO DCE/LIVRE DE LONDRINA
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA: ----
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 ANEXOS: Cópia xerox de panfletos
 DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR



1.

A Comissão Prô-DCE/LIVRE de Londrina, convocou uma reunião geral para o dia 27 do corrente.

1.1

O evento ocorreu na sede do DCE/LIVRE, tendo sido iniciada por volta das 16:00 horas, entretanto apesar da intensa divulgação, constituiu-se em um grande fracasso, tendo comparecido apenas um grupo de 20 estudantes.

1.2

Estava prevista a vinda de líderes estudantis de Marília, Bauru/SP; Florianópolis/SC; Maringá, Bandeirantes e Paranavai/PR., os quais não compareceram e nem informaram o motivo de suas ausências.

1.3

Os principais assuntos tratados foram:

- CAMPANHA PELO CONGELAMENTO DAS TAXAS DE ANUIDADES;
- MELHORIA DO NÍVEL DE ENSINO;
- ESPORTE E CULTURA;
- PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NOS ÓRGÃOS COLEGIADOS;
- REFORMULAÇÃO DOS CURRÍCULOS;
- COMÍCIO E PASSEATA ECOLÓGICA;
- ANISTIA.

1.4

O estudante Gilberto Berguio Martins, fez a abertura da reunião, ocasião em que demonstrou estar cansado e desiludido com o ME a nível local, pois neste período dedicou-se somente ao ME, tendo inclusive sido reprovado em várias matérias por notas e faltas.

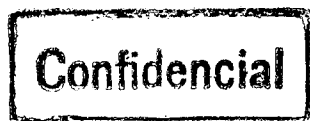
Afirmou que falta uma maior conscientização por parte dos estudantes de Londrina, fato grave principalmente em face de surgimento de novas tendências estudantis, dissidentes do Grupo Poeira e outras de centro direita.

1.5

Com relação ao problema do congelamento das taxas

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROCOLO
 N.º 1659
 DATA: 05/11/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo desta documentação (Art. 1º, Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)



PT 1035-126

"segue"

Confidencial

de anuidades, Maria Alice Pavan, fez uma sugestão no sentido de ser deflagrado um boicote contra o pagamento de mensalidades, caso as taxas não sejam congeladas.

1.6

Sobre a anistia, falaram da situação de Flávia Shiling, ainda presa no Uruguai e a volta do exilado, estudante Londrinense Beluce Belucce.

1.7

Com referência ao Comício e passeata ecológico prevista para o dia 30 do corrente, foi informado que a campanha de divulgação do evento prossegue, aguardando-se um grande prestígio por parte da comunidade.

1.8

Sobre a participação dos estudantes nas representações de órgãos colegiados da Universidade, existiu duas correntes de opiniões, a 1ª defende a participação reivindicando o aumento do número de representantes. A outra não aceita a participação da representação estudantil, pois o DCE sendo livre, não será reconhecido pela Universidade.

1.9

Foi aprovada uma moção de elogio aos Jornalistas Marcelo Holanda e Pedro Paulo Felismino da Silva (DCE/LIVRE e COOP-JORNAL) pela entrevista conseguida com Luiz Carlos Prestes, a qual foi publicada no Jornal Folha de Londrina, edição do dia 29.10.79.

2

Foram identificados na aludida reunião os seguintes estudantes:

- Carlos Augusto Dias;
- Marco Antonio Fabiani;
- Maria José Volpini;
- Maristela Geralda Galvão;
- Nilzete Liberato;
- Antonio Claudio Leme;
- Raquel Dias de Araujo;
- Antonio Luz;
- Marcia Teshima;
- Sandra Aparecida Juliani;
- Carmem Célia Tazinato;
- Hamilton Koi Suzuki;
- Henrique Balalai;
- Fábio Caldas de Mesquita;
- Jair Salvador;
- Maria Alice Pavan.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

**Confidencial**

"segue"

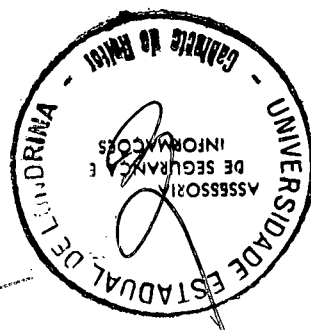
Confidencial

2.1

Em virtude do fracasso da reunião a comissão do DCE/LIVRE resolveu realizar duas assembléias no Campus da FUEL, sendo a primeira para o dia 30 e a segunda no dia 31 do corrente, nas referidas assembléias serão discutidos dois importantes assuntos:

- 1)- Campanha pelo congelamento das anuidades e boicote contra o pagamento das mensalidades;
- 2)- Eleições para o DCE/LIVRE da FUEL.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

Pois é pessoal, o final do semestre começa a colocar para todos os estudantes da FUEL uma encruzilhada concreta-objetiva: diversos problemas (que decorrem do fim do ano) para serem resolvidos e a ausência de uma entidade central que encabece o encaminhamento se não vejamos:

1) as anuidades vão subir mais uma vez em cota a ser estabelecida pela administração da FUEL e que com certeza girarã no mínimo de 50%.

2) o MEC já preparou o seu pacote, o "Portelão" (que entre outras coisas vai passar a parcela de responsabilidade com a educação para empresas privadas - leia-se "Multinacionais - as quais terão, segundo sua cota de investimento, o direito de decidir sobre os

currículos, sobre a vida da universidade e sobre a pesquisa).

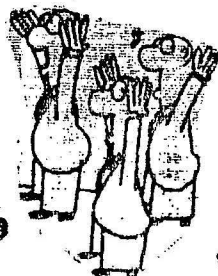
3) os currículos de todos os cursos da FUEL serão mudados para o ano que vem. Ou seja, temos alguns problemas concretos que necessitam de medidias imediatas para serem resolvidas e não temos nossa entidade central para coordenar e levantar estas lutas.

Então, os CAs e núcleos pró organização de cursos, grupos de estudos, num total de 15 cursos, estão propondo a discusão mais objetiva em cima de encaminhamentos para estas lutas e da criação do DCE Livre, para de maneira autônoma coordenar tais encaminhamentos

73b
Para que isto seja feito todos os estudantes da FUEL estão convidados a participar de uma reunião geral na sede da Comissão Pró-DCE Livre (rua Piauí com Hugo Cabral) no sábado, às 15 horas



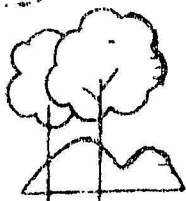
VEN AÍ: UM NOVO
ELEMENTO!



COM PAREÇA!!!

7/1 1 12 TODOS À REUNIÃO GERAL

SÁBADO - 15 HORAS - SEDE DO DCE
PIAUI ESQ. HUGO CABRAL

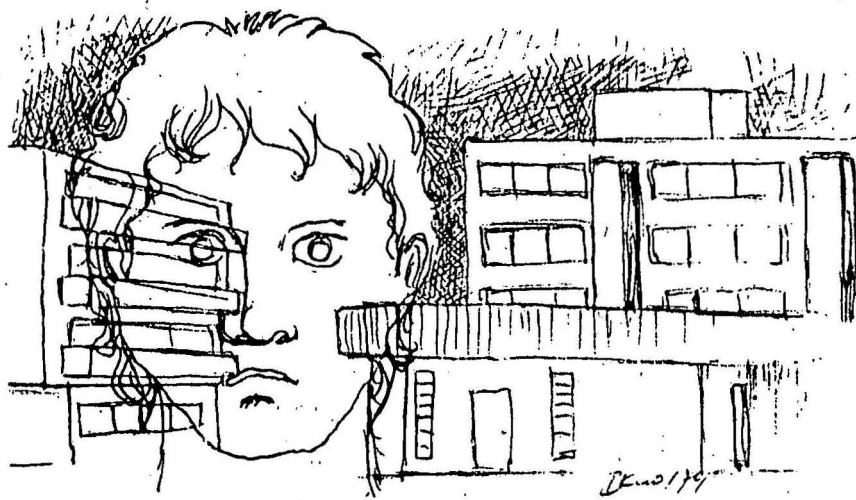


Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

730

A UNIVERSIDADE SERÁ

SÓ ISSO QUE SE VÊ?



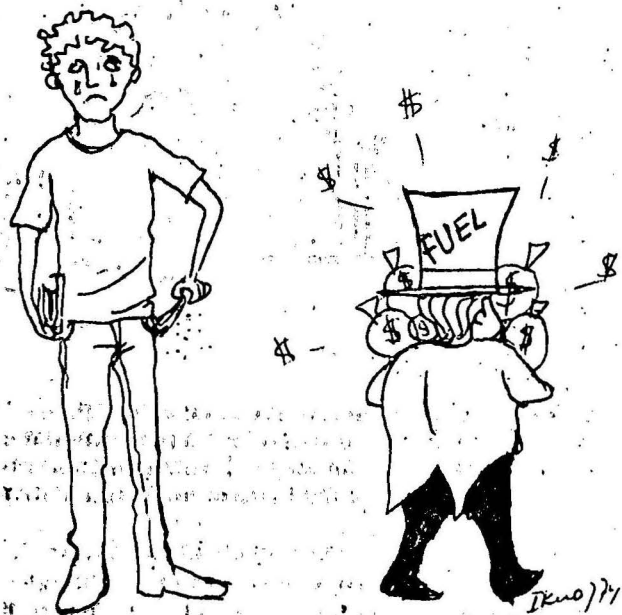
Você já reparou que no mesmo ônibus que vamos para a Universidade viajam pessoas diferentes, que não levam nenhum material de baixo do braço e nem descem no Campus? Levam marmitas ou filhos amarelos nos braços e vão até o Novo Bandeirantes, um bairro pobre de Londrina.

Quantos bairros pobres como esse existem no Brasil? Quantos dos 110 milhões de brasileiros vivem como esses nossos companheiros de viagem? E a Universidade em que estudamos, os cursos que frequentamos, deveriam estar voltados para entender os interesses dessa gente?

PT 1035.125

Somos 8 mil alunos, a população de uma pequena cidade, mas não temos se quer um time de futebol para torcer. Será que nós mesmo somos bons amigos? Por que então não se vê nenhuma turma, nenhum grupo de amigos no campus e na cidade? Por que hoje é tão difícil pegar uma carona? Por que não temos nenhum grupo de música na Universidade? É culpa da gente ou do sistema de créditos que se para todo mundo a cada semestre?

Paga-se por tudo na FUEL: para estudar, para desistir do curso, para provar que está estudando. E a cada fim de ano, tome 38% de aumento na cabeça. No meio disso tudo, tome burocracia! Isso só na universidade, sem contar com o ônibus, alimentação (que tal um restaurante universitário no campus?), material escolar (que tal uma cooperativa de livros?). Do jeito que as coisas estão, ou só rico estuda ou algum pobre mais teimoso faz das tripas o coração... Há um velho conceito sempre repetido nos discursos de formatura, de que a universidade está aí para servir a comunidade. Se isso é verdade, não deveria ser aberta e gratuita para todos?



7306

Por falar em servir a comunidade, como anda a Universidade em relação às pesquisas? O último jornal Perobal traz uma longa lista das que estão sendo realizadas pela UEL, algumas com até títulos em Inglês. Só faltou uma pesquisa: Como tapar o sol com a peneira; porque logo ali na baixada, debaixo do nariz da Universidade o Igapó urra, estrebucha e morre. Mas a UEL empina o nariz e continua indiferente. Por que a Universidade se omite? Falta capacidade aos seus cientistas ou ela não tem nada a ver com isso? Ou a pureza da ciência irá se poluir com tamanha fedentina?

Com os nossos mestres, as coisas não andam lá muito boas. Muitos são os professores que a anos baseiam suas aulas em velhas e enebadas fichas.

Brizola voltou, Figueiredo diz que prende e arrebenta, o Delfim vai encher a panela de não-sei-quem, as greves por todo lado, o Lula quer fundar o partido do trabalhador, acordos atômicos secretos são firmados, no quiéto Amazônia indo pro brejo. E nós estudantes temos alguma coisa a ver com isso? Ou estudantes só foi feito para estudar?



Será que se tirar o nome de Londrina e Paraná do endereço da UEL, sobrar alguma coisa nela que caracterizará como Universidade vinculada às necessidades da cidade ou do estado? Não demora muito, ou se sabe inglês ou não se aprende nada na Universidade. Não há autores nacionais ou não há interesse em estudá-los? Pois não se vê outra coisa nos nossos cursos senão uma literatura estrangeira. Há alguma preocupação em adaptar experiência dos países desenvolvidos para uma realidade nossa? Os 400 anos de experiência de nosso povo não valeram nada e não merecem ser aprofundadas na Universidade?

A UNE vai resolver alguma coisa? Vale a pena a gente se organizar? Por que só alguns cursos possuem algum nível de organização? E será que precisamos de uma entidade que represente todos os estudantes na FUEL? E como ficam os diretórios fechados? Devemos nos importar com eles? Por que não se organizar a partir de cada turma? É importante escolher um representante de classe? Como ficam nossas representações nos órgãos da Universidade?



A esta altura do campeonato você deve estar perguntando: Quem é esse pessoal que pergunta tanto e não responde nada? "

Pois é, somos representantes de 10 cursos da UEL que nos juntamos aos representantes do PRÓ-DCE Livre. E não estamos a fim de responder nada sozinhos. E por isso propomos a idéia de um congresso para conversarmos sobre todas as dúvidas. Quem sabe encontraremos respostas para muitas delas . . .

E como não temos nada decidido ainda, esperamos sua sugestão para melhorar a idéia deste congresso.

Temos reunião sempre aos sábados, às 16 horas, no cruzamento das ruas Piauí e Hugo Cabral.

Participe dela também!



INFORMAÇÃO nº 161/79 - ASI/FUEL

*ANOTAR
 Cuidado com o sigilo*



DATA: 26.10.79
 ASSUNTO: FRANKLIN FURTADO DA COSTA
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA: -----
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 ANEXOS: -----
 DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

Confidencial

1.

O nominado ex-presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade Estadual de Direito de Jacarezinho/PR., atualmente presidente da Associação de Defesa da Ecologia do Norte Pioneiro- ADENOP, esteve no dia 22 do corrente na sede do DCE/LIVRE de Londrina.

1.1

Na ocasião o nominado contatou com vários líderes estudantis, aproveitando sua visita para instruir as lideranças do DCE com vistas a realização da passeata e ato público em defesa da ecologia, prevista para o dia 30 em Londrina.

1.2

Franklin Furtado, explicou para os estudantes que é necessário motivar a comunidade, através de convites por meio das Radios e de serviços de alto-falantes e também através da colocação de faixas nos principais cruzamentos e logradouros públicos da cidade. Afirmou ainda que é necessário aproveitar os políticos mais atuantes do MDB, os quais deveriam ser convidados para proferirem pronunciamentos contra o regime, principalmente em relação a extinção dos Partidos Políticos.

1.3

Participaram do encontro com o nominado os seguintes estudantes e líderes do DCE:

- Carlos Augusto Dias;
- Luiz Eduardo Cheida;
- Mécio de Macedo de Galvão;
- Edilamar Andrade Ribas;
- Nilson Monteiro Menezes;
- Oscar Shoji Taniquiti;
- Bety Elmer;
- Sergio Hiroshi Ykuta;
- Celso Vieira Suchi;

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1631
 DATA: 29/10/79

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Reg. Interno de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

R. Lage :

1. Huote-se.

2. M. S. Ue. se.

Jde' 30.10.79

~~12~~ 6

pasda ASI/FUCH.

anotado: 06/11/79

refer

Confidencial

75

- Ana Ayres Bordim.

2.

DADOS DE QUALIFICAÇÃO



NOME: FRANKLIN FURTADO DA COSTA

FILIAÇÃO: João Furtado dos Santos
Aurora da Costa Santos

DATA E LOCAL DE NASC.: 14.05.46 - Santo Antonio da Platina-Pr.

C. IDENTIDADE: RG nº 556.730-PR

ESTADO CIVIL: Solteiro

PROFISSÃO: Agricultor e Estudante do Curso de Direito (Faculdade Estadual de Direito de Jacarezinho-PR)

RESIDÊNCIA: Santo Antonio da Platina/PR - C.POSTAL 123

PRINCIPAIS ATIVIDADES: Atuante no ME; Ex-presidente do Diretório Acadêmico; Responsável pela distribuição de panfletos subversivos no interior da Faculdade.

Consta de uma relação nominal onde é fichado como pertencente ao Comitê Estadual do PC (DOPS/PR).

Mantem contatos com Marco Antonio Castanheira, Presidente da APPEMMA, José Lagana, Vereador pelo MDB de Cornélio Procópio e Ali Aldersi Saab, Presidente do Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos.

Participou ativamente de um comício pela Associação de Defesa da Ecologia do Norte Pioneiro, realizado em Jacarezinho, na Praça Rui Barbosa no dia 19.10.79, na ocasião criticou e denunciou as multinacionais e seu envolvimento com personalidades governamentais, destacando-se principalmente a BRASKRAFT.

CONOTAÇÃO POLÍTICA: Esquerdista, ligado a elementos subversivos.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Expediente de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial



Confidencial

76

INFORMAÇÃO nº 158/79 - ASI/FUEL



DATA: 08.10.79

ASSUNTO: ELEIÇÕES PARA A DIRETORIA DA UNE

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: -----

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

ANEXOS: Cópia xerox de propaganda e recortes de jornal-----

DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

1.

As eleições para a Diretoria da UNE, foram realizadas em Londrina na data prevista, não ocorrendo nenhum tipo de incidente.

1.1

Entretanto ^{as eleições} ocorreram apenas na FUEL e Cesulon, não tendo sido efetivadas na Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná e na Faculdade de Musica Mãe de Deus.

1.2

Na FUEL estavam aptos a votar perto de 8.000 estudantes e no Cesulon aproximadamente 600 universitários.

1.3

As eleições no Paraná, foram coordenadas, pela Comissão do DCE/LIVRE de Londrina, a qual recebeu autorização da Diretoria Provisória da UNE. Inicialmente estava prevista para 19 cidades, entretanto ocorreram em apenas 15, ficando de fora as cidades de Fóz de Iguaçu, Mandaguari, Cascavel e União da Vitória, nessas 04 cidades deixaram de votar aproximadamente 2.000 mil universitários.

1.4

Na região do Norte do Paraná, o DCE/LIVRE de Londrina, promoveu a propaganda da Chapa Mutirão a qual tinha em sua diretoria o estudante da FUEL, Gilberto Berguio Martins, contou ainda a chapa Mutirão com o apoio das seguintes Entidades e Políticos do MDB:

COMITÊ LONDRINENSE PELA ANISTIA E DIREITOS HUMANOS;

COOPERATIVA DE JORNALISTAS DO PARANÁ;

NÚCLEO DOS ENGENHEIROS AGRÔNOMOS DE LONDRINA;

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE PROTEÇÃO E MELHORIA DO MEIO AMBIENTE (APPEMMA);

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES LICENCIADOS DO PARANÁ (APLP);

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DO HU;

GREMIO ESTUDANTIL DO COLÉGIO MARISTA.

Confidencial

"segue"

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROT 00010
N.º 1554
DATA: 12/10/79

O destinatário é responsável pela manutenção
do sigilo desta informação.
Ass.:

R. loge

1. fuente de

2. Noque de

Sol, 17.10.75

9-10

Pasta / FUEL

Amotado

Em 21-11-79

Quif

Confidencial

POLÍTICOS DO MDB:

ALVARO FERNANDES DIAS, ~~Deputado~~ Federal MDB/PR;
 HÉLIO MOACYR DE SOUZA DUQUE, ~~Deputado~~ Federal MDB/PR;
 OSWALDO EVANGELISTA DE MACEDO, ~~Deputado~~ Estadual MDB/PR;
 NELSON FIORI LUIZ MALAGUIDO (Fiori Luiz) " " "
 JOSÉ TAVARES DA SILVA NETO, " " "
 EDILSON LEAL DE OLIVEIRA, ~~Ex-Presidente~~ do Diretório Municipal MDB/PR
 DÉLIO NUNES CESAR, ~~Presidente~~ do Diretório Municipal do MDB/LONDRINA

APOIO DO CLERO PROGRESSISTA:

TEÓFILO BACHA FILHO, ~~Irmão~~ Marista
 AURÉLIO LANGA PERES, ~~Padre~~ da Igreja Sagrados Corações
 JESUS URIU, Padre da Igreja Sagrados Corações

1.5

Foi constatado também o apoio de elementos esquerdistas e de subversivos:

ODAIR CIRINE, ~~Advogado~~ atuante no ME e Comitê Londrinense pela Anistia;

FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA, ~~Professor~~ da FUEL, simpatizante do Grupo Poeira;

MÁRCIO JOSÉ DE ALMEIDA, ~~Médico~~ Sanitarista, ex-presidente do DCE/FUEL;

NILÓ DEQUECH, ~~Presidente~~ da Associação Comercial de Londrina, ex-presidente do DCE/FUEL;

NILSON MONTEIRO MENEZES, ~~Jornalista~~, ex-presidente do DCE/FUEL;

DOMINGOS PELEGRINI JUNIOR, ~~Ex-Presidente~~ do Comitê Londrinense pela Anistia;

BRUNO PIANCASTELLI FILHO, ~~Médico~~ Sanitarista, aluno do Curso de Ciências Sociais da FUEL;

ALI ALDERSI SAAB, ~~Presidente~~ do Comitê Londrinense pela Anistia, Militante do PCB;

GENECY DE SOUZA GUIMARÃES, ~~Ex-Presidente~~ do Sindicato dos Metalúrgicos de Londrina, militante do PCB;

ARNALDO AGENOR BERTONE, ~~Terrorista~~ do PCBR;

APOLÓ MÁRIO DE SOUZA THEODORO, ~~Esquerdista~~, atuante no ME e APLP.

1.6

A apuração dos votos foi iniciada por volta das 23:30 do dia 04, tendo sido realizada no salão Paroquial da Igreja Sagrados Corações, cedida pelo padre Aurélio Langa Peres e contou com a participação de vários elementos da comunidade, esquerdistas e simpatizantes do ME, que atuaram na mesa apuradora:

Confidencial

"segue"

PT 1035-126

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. 79.097/77 - Tratamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

TEÓFILO BACHA FILHO - Religioso ✓
 AURÉLIO LANGA PERES, Religioso ✓
 JESUS URIU, Religioso ✓
 ÍTALO CIANCA, diácono da Igreja Sagrados Corações ✓
 ODAIR CIRINI, Advogado ✓
 BRUNO PIANCASTELLI FILHO, Médico ✓
 NEY INÁCIO, Teatrólogo e Estudante da FUEL ✓

A contagem dos votos terminou por volta das 2:30 horas da manhã do dia 05, apresentando o seguinte resultado:
 FUEL. 21 urnas - inscritos 8.000 - votaram 3886 alunos
 CESULON 02 urnas - inscritos 600 - votaram 370 alunos
 TOTAL - FUEL e CESULON: 4.256 - votantes

Mutirão: 3.287
 Unidade: 502
 Maioria: 182
 Liberdade e Luta: 57
 Novação: 45
 Votos em Branco: 114 votos
 Nulos: 66

1.7

A apuração dos votos na cidade de Curitiba não esteve vinculada a Comissão do DCE/FUEL de Londrina, aproximadamente votaram 8.604 estudantes de um total de 21.000 universitários aptos a exercerem o direito do voto o resultado na capital foi o seguinte:

Chapa Unidade: 3.166 votos
 Chapa Mutirão: 2037 "
 Chapa Maioria: 1.104 "
 Chapa Liberdade e Luta: 930 votos
 Chapa Novação: 483 votos
 Votos Nulos e Brancos: 470 votos

1.8

Em Maringá estava previsto o comparecimento de 3.800 estudantes, tendo votado cerca de 2.108 universitários apresentando o seguinte resultado:

Mutirão: 1.507
 Liberdade e Luta: 270
 Maioria: 111
 Novação: 99
 Unidade: 88
 Votos Brancos e Nulos: 38

1.9

Em Arapongas estavam inscritos 400 universitários

O conteúdo é reservado pela Comissão do DCE/FUEL de Curitiba (Art. 12 Dec. nº 79/79) - Departamento de Salvaguarda de Assuntos Religiosos

Confidencial



PT 1035-126
 sitários

80

tendo votado apenas 275, apresentando o seguinte resultado:

- Unidade: 84 votos
- Mutirão: 80 "
- Liberdade e Luta: 58 votos
- Maioria: 36 votos
- Novação: 03 votos
- Votos brancos e nulos 14 votos

Confidencial

1.10

Em Apucarana estavam inscritos 900 estudantes, tendo apenas 20% exercido o voto, votando cerca de 185 universitários, com o seguinte resultado:

- Mutirão: 149
- Maioria: 16
- Liberdade e Luta: 11
- Unidade: 05
- Novação: 02
- Voto Nulo: 01

1.11

Na cidade de Rolândia estavam inscritos 450 estudantes tendo votado 185, apresentando o seguinte resultado:

- Mutirão: 142
- Liberdade e Luta: 15
- Maioria: 13
- Unidade; 10
- Novação 03
- Branco e Nulos 02

1.12

Na cidade de Bandeirantes, estavam inscritos cerca de 550 universitários, pertencentes ao Centro Acadêmico Carlota Meneghel da Faculdade de Agronomia, onde o Grupo Poeira do DCE de Londrina tem penetração.

Nessa cidade votaram 249 universitários, com o seguinte resultado:

- Mutirão: 159
- Unidade: 53
- Maioria: 18
- Liberdade e Luta: 13
- Novação: 03
- Nulos e Brancos: 03

1.13

PONTA GROSSA

Inscritos: Votaram: 897



Confidencial

"segue"

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo. Decl. nº 19 (At. Sec. nº 79 (1987) / Registro de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

81

Mutirão: 553
Unidade: 169
Maioria: 89
Liberdade e Luta: 42
Novação: 11
Branços e nulos: 33

1.14
CAMPO MOURÃO

Inscritos: Votaram: 392

Confidencial

Mutirão: 148
Maioria: 130
Unidade: 49
Liberdade e Luta: 16
Novação: 04
Branços e Nulos: 16

1.15
PALMAS

Inscritos 400 votaram 136

Mutirão: 122

O destinatário é responsável pela manutenção
do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº
79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de
Assuntos Sigilosos).



Confidencial

82

Confidencial

2.

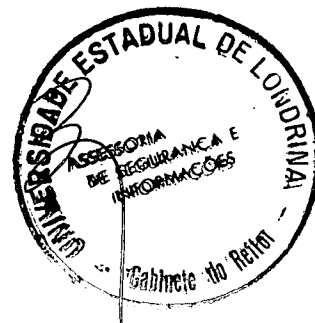
A Comissão Pró-DCE livre recebeu carta do Núcleo de Universitários do Brasil Estudando nos Estados Unidos, em Washington, que diz: "Para chegar a este momento, em que se completa a reconstrução da nossa entidade nacional, os estudantes do Brasil derramaram muito sangue. Forjaram-se inúmeros heróis e mártires que enfrentaram com bravura e dignidade a morte, a tortura, a prisão e o exílio. É com respeito e orgulho que recordamos a postura de abnegados dirigentes estudantis como Alexandre Vanucci Leme, José Luiz Guedes, Jean-Marc van der Weid e Aldo Arantes". A diretoria eleita da UNE "deve defender não os interesses de uma suposta "maioria" silenciosa, mas sim uma vasta maioria silenciada que é o povo de nosso País. Assim, o nosso voto simbólico e o voto real dos estudantes brasileiro na chapa Mutirão será um grande e efetivo passo dado na luta pela derrocada do regime ditatorial, por uma ordem democrática sem restrições, rumo à conquista da verdadeira e genuína independência da nossa pátria e pela mais profunda transformação dos alicerces da nossa sociedade".

2.1

Destacaram-se na promoção da chapa Mutirão, os seguintes estudantes ligados ao Grupo Poeira. "DCE//LIVRE":

ANTONIO CLAUDIO LEME;
 GILBERTO BERGUIO MARTINS;
 FÁBIO CALDAS DE MESQUITA;
 MARISTELA GERALDA GALVÃO;
 EDILAMAR ANDRADE RIBAS;
 SIDONIO DE MATOS;
 VOLNEY EDSON DOS SANTOS;
 JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA ARRUDA (CARLÃO);
 LUIZ EDUARDO CHEIDA;
 NILZETE LIBERATO;
 RAQUEL DIAS DE ARAUJO;
 RUBENS DE MATOS;
 SIDNEY DOS SANTOS;
 BETY ELMER;
 RANDOLFO DECKER;
 MÉRCIO MACEDO DE GALVÃO;
 MARIA JOSÉ VOLTINI SANTA MARIA;
 ALAN KENJI MINOWA;
 JOÃO SOITIRO OIKAWA;
 JOSÉ FERNANDO AMARAL STRÁTICO;
 JAIR SALVADOR;
 SANDRA BIZAK;
 ROBERTO MENOLI;

O destinatário deve ser informado da classificação (Art. Dec. nº 11.120/66 - Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

PT 1036.125

"segue"

Confidencial

MARIA ALICE PAVAN;
 JOSÉ ANTONIO TADEU FELISMINO;
 PEDRO PAULO FELISMINO DA SILVA;
 MARCO ANTONIO FABIANI;
 CARLOS AUGUSTO DIAS;
 HAMILTON CABRAL;
 REINALDO DE SOUZA FILHO;
 NEY INÁCIO;
 MÁRIO LUIZ MILANI;
 ADEMIR GOMES DE ASSUNÇÃO;
 ROSELY CALIL;
 SILVIA FRANCISCON;
 VERA LUCIA CARMONA;
 ELIZABETH CAMPANER;
 MAURO AKIO TANOKA;
 SIDIOMAR PIRES;
 OSCAR SHOGI TANIGUKI;
 DENISE SISTI PERES;



Diretório Acadêmico Três de Agosto (Cesu

lon) Londrina:

CARLOS YOSHIO IUKUTY;
 JOANA DOS SANTOS;
 TANIA REGINA;
 DENISE MENESES;
 CLÓVIS GONÇALVES LEME;
 EDELWAIS KELLER.

2.2

Constatou-se a presença de vários estudantes de outros Estados e Municípios do Paraná, atuando em favor da chapa Mutirão, na região de Londrina, ocasião em que foram identificados os seguintes:

GLADSON CASTRO, Estudante de Teologia - São Paulo;
 HARRISON DE LIMA, U.F. da Bahia - Delegado Oficial da Chapa Mutirão;
 DIMO SEIJI KANDA, U.F. Paraná;
 JOSÉ JORGE GUEDES, Estudante de Arquitetura do Rio de Janeiro;
 JAIR ALVES BATISTA, Estudante da Universidade Estadual de Maringá;
 HILDA MATOS, Estudante Curitiba;
 CÉLIA REGINA DE SOUSA, Ex-Líder do Grupo Poeira, atualmente em Belo

Horizonte

Confidencial

2.3

Segue anexo ao presente Info cópia xerox de propaganda das 05 chapas que concorreram as eleições para a diretoria da UNE (anexo 01,02,03,04 e 05)

O destinatário é responsável pela conservação do documento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos.

PT 1036-125

Dir. Geral
 V.P.R. SUDESTE
 V.P.R. SUL
 Tesoureiro
 Sec. Humanas
 Sec. Exatas
 Sec. Bioquímicas
 Dir. Cultural
 Dir. Esportes
 Dir. Imprensa

- GEIR FRED EBLIN JUNIOR (UFPA)
- LUIZ ANTONIO ALENCAR MARINHO FALCÃO (Eco/UFPE)
- PEDRO LAURENTINO REIS PEREIRA (Eng. Agro/UFPE)
- FREDO EBLIN JUNIOR (C. Soc/UFRS)
- JOSÉ SALES PIMENTA (Eng/UFJF-MG)
- CÂNDIDO ELPÍDIO DE SOUZA VACAREZZA (Med/UFBA)
- GEIR FRED EBLIN JUNIOR (UFPA)
- LUIZ ANTONIO ALENCAR MARINHO FALCÃO (Eco/UFPE)
- PEDRO LAURENTINO REIS PEREIRA (Eng. Agro/UFPE)
- FREDO EBLIN JUNIOR (C. Soc/UFRS)
- JOSÉ SALES PIMENTA (Eng/UFJF-MG)
- ALDO MEDEIROS (UFPR)
- LÉDIO ROSA DE ANDRADE (UFPR)
- MARCOS VICTOR PEREIRA DE CARVALHO (UFPI)
- IVALDINO XAVIER DA SILVA (UFMS)
- TÂNIA NASCIMENTO DE MORAIS (UFMA)
- CLAUDIONOR CORREA DE ARAÚJO (CES/AL)

"MUTIPÃO"

Pres.
 Vice-Pres.
 Sec. Geral
 V.P.R. NORTE
 V.P.R. NORDESTE
 V.P.R. CENTRO-OESTE
 V.P.R. SUDESTE
 V.P.R. SUL
 Tesoureiro
 Sec. Humanas
 Sec. Exatas
 Sec. Bioquímicas
 Dir. Cultural
 Dir. Esportes
 Dir. Imprensa

- RUI CÉSAR COSTA E SILVA (Com/UFBA)
- MARCELO PORTES BARBIERE (Adm/FGV/SP)
- JOSÉ ALDO REBELO FIGUEIREDO (Dir/UFAL)
- SÉRGIO ANTONIO MARTINS CARNEIRO (Med/UFPA)
- LUIZ ANTONIO ALENCAR MARINHO FALCÃO (Eco/UFPE)
- IVANECK PEREZ ALVES (Bio/UNB)
- JUAREZ AMORIM - JUCA - (Med/UFMG)
- ALON FEVERWERCKER (Med/USP)
- WLADIR GOMES DE OLIVEIRA (C. Soc/UFRN)
- MARIA FRANCISCA ALVES DE SOUZA - KIKI - (ZBA/UFRJ)
- GILBERTO BERGUIU MARTIN (Med/FUEL)
- PEDRO LAURENTINO REIS PEREIRA (Eng. Agro/UFPE)
- FREDO EBLIN JUNIOR (C. Soc/UFRS)
- JOSÉ SALES PIMENTA (Eng/UFJF-MG)
- CÂNDIDO ELPÍDIO DE SOUZA VACAREZZA (Med/UFBA)

"UNIDADE"

Pres.
 Vice-Pres.
 Sec. Geral

- PAULO ROBERTO MASSOCA (SÃO CARLOS/USP)
- JOSÉ HUMBERTO FERNANDES RODRIGUES - ZÉ BETO - (PUC/AC)
- ARNALDO BUCCIOLI FILHO (SOROCABA/PUC/SP)

V.P.R. SUL
 V.P.R. SUL
 Tesoureiro
 Sec. Humanas
 Sec. Exatas
 Sec. Bioquímicas
 Dir. Cultural
 Dir. Esportes
 Dir. Imprensa

- EDUARDO AUGUSTO D. LIRA (UNB)
- ERNESTO NEGRIS NETO (UFES)
- EDUARDO MENDES BRUNO - ZÉBU- (UFPA)
- LUIZ FERNANDO SCHMIDT (UFPE)
- GERALDO PEREIRA BARBOSA (UFSC)

"NOVAÇÃO"

Pres.
 Vice-Pres.
 Sec. Geral
 V.P.R. NORTE
 V.P.R. NORDESTE
 V.P.R. CENTRO-OESTE
 V.P.R. SUDESTE
 V.P.R. SUL
 Tesoureiro
 Sec. Humanas
 Sec. Exatas
 Sec. Bioquímicas
 Dir. Cultural
 Dir. Esportes
 Dir. Imprensa

- EDUARDO DE MOTA E ALBUQUERQUE -DUDA- (UFMG)
- JOSÉ AUGUSTO DIAS PIRES -GUTO- (C.Soc/UFRJ)
- FERNANDO OTAVIO DE FREITAS PELLEGRINO (USP)
- SIDNEY CARLOS DOURADO DE CARVALHO-SIDOCA- (UFPA)
- JARBAS BARBOSA DA SILVA JUNIOR (Med/UFPE)
- ALCIONE LIRA DE MESQUITA (Med/UNB)
- JOSÉ AFONSO CABRAL -ZÉ AFONSO- (Med/UFMG)
- LUIZ CARLOS PRATES -MANCHA- (SÃO CARLOS/SP)
- IVAN BUSTAMANTE (His/UGF/RJ)
- MASLOWA ISLANOWA CAVALCANTI FREITAS (C.Soc/UFBA)
- MARCOS BERNARDINO (Geo/USP)
- SABINO M. GIRARDI (Med/UFJF/MG)
- RENATO WILSON FEIJÓ (Eco/UCMG)
- PAULO ANTONIO COELHO BARROS -MANECO- (PUC/RS)
- LUIZ ALBERTO RODRIGUES -BETO- URGs

"LIBERDADE E LUTA"

Pres.
 Vice-Pres.
 Sec. Geral
 V.P.R. NORTE
 V.P.R. NORDESTE
 V.P.R. CENTRO-OESTE
 V.P.R. SUDESTE
 V.P.R. SUL
 Tesoureiro
 Sec. Humanas
 Sec. Exatas
 Sec. Bioquímicas
 Dir. Cultural
 Dir. Esportes
 Dir. Imprensa

- JOSIMAR MOREIRA DE MELO FILHO (Arq/USP)
- CÉSAR ÁLVAREZ (Eco/URGS)
- JACKSON TAVARES (Med/UFMG)
- ANTONIO MANOEL RODRIGUES (Básico/UFAC)
- EDUARDO JOSÉ FAGUNDES BARRETO (Eco/UFBA)
- PAULO HENRIQUE VEIGA (Arq/UC-GO)
- SÉRGIO MASCARENHAS (Soc/PUC-RJ)
- RICARDO LIMA (Arq/UNISINOS/SÃO LEOPOLDO/RS)
- ALBERTO NOBRE MENDES (Eco/UNB)
- ÂNGELO CARLOS VANHONI (Fil/UC-PR)
- TEOTONIO (UF/OURO PRETO/MG)
- MARIA JOSÉ NEVES (Far/R.PRETO/SP)
- FLÁVIO LUIZ ARANTES (Eng/UFES)
- LUIZ ANTONIO PEDREIRA JR. (C.Soc/PUC/SP)
- MARCO ANTONIO TABET (Arq/USP).

ANEXO Nº 01



PROPAGANDA DA CHAPA MUTIRÃO

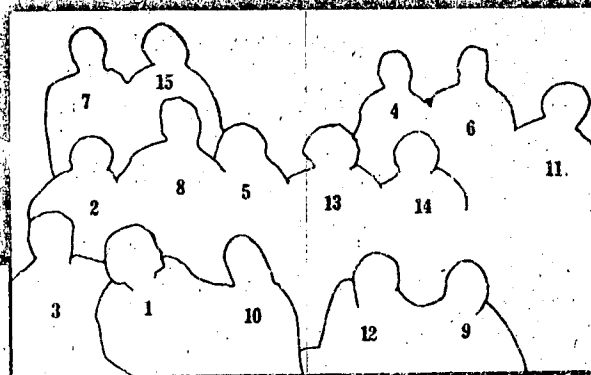
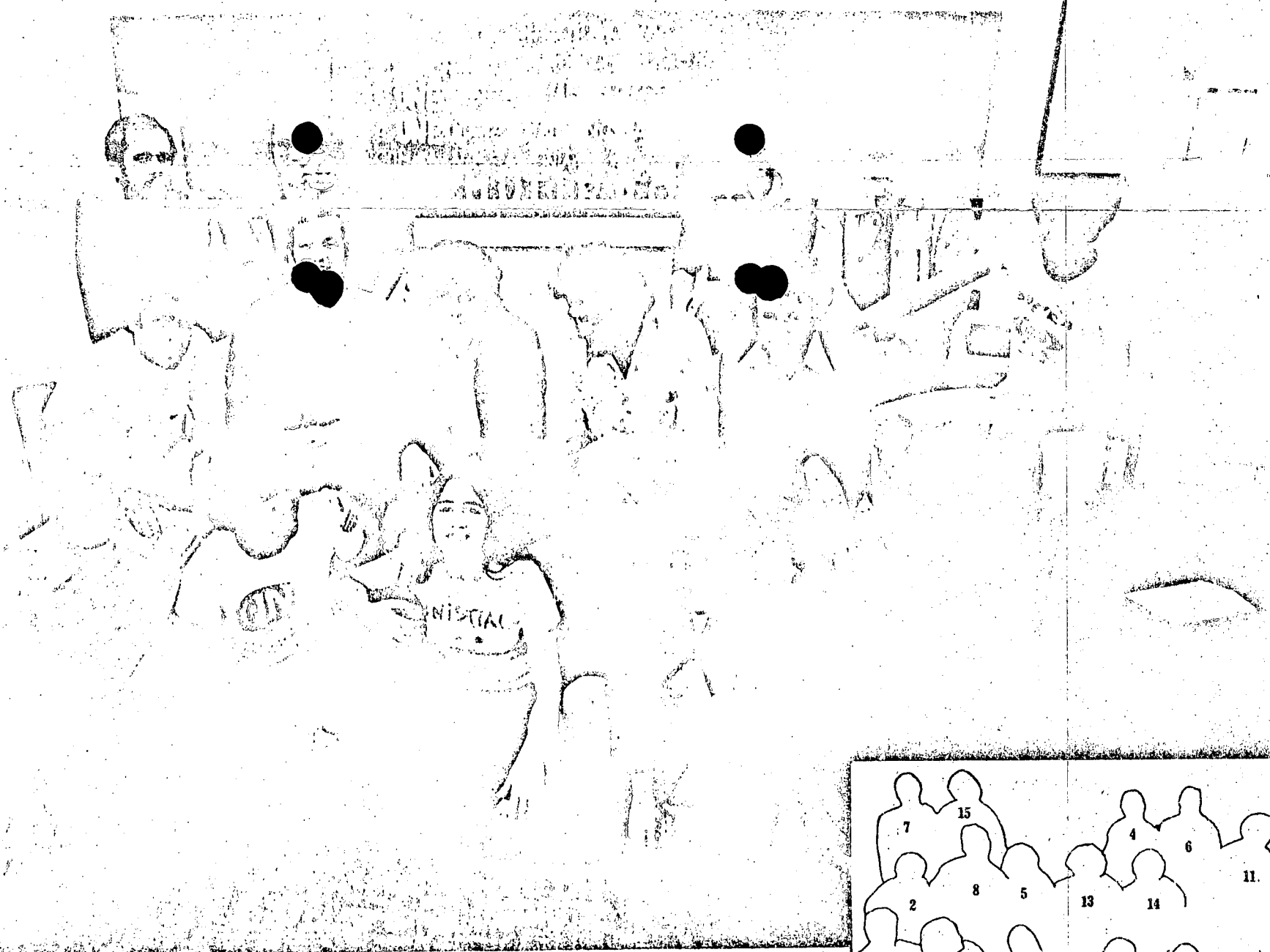
Confidencial

384
DIAS
DE OUTUBRO

VOTE

MUTIRÃO

dos estudantes pela reconstrução da UNE



- ★ por melhores condições de ensino
- ★ pelo ensino público e gratuito
- ★ por uma nova universidade
- ★ união dos estudantes com o povo,
na luta pelas liberdades democráticas

- 1- PRESIDENTE: Rui César - Comunicações UFBA - Bahia
- 2- VICE-PRES: Marcelo Barbieri - Administração FGV - S. Paulo
- 3- SECRETARIO GERAL: Aldo Rebelo - Direito UFAL - Alagoas
- 4- VICE-NORTE: Sergio Carneiro - Medicina UFPA - Pará
- 5- VICE-NORDESTE: Luis Falcão (LULA) - Economia UFPE - Pernambuco
- 6- VICE-CENTRO-OESTE: Ivaneck Perez - Biologia UNB - Brasília
- 7- VICE-SUDESTE: Jaurek Amorim (JUCA) - Medicina UFMG - Minas
- 8- VICE-SUL: Alon Feuerwerker - Medicina USP - S. Paulo
- 9- TESOUREIRO: Vladimir de Oliveira - Ciências Sociais UFRN - Rio de Grande do Norte
- 10- HUMANAS: M. Francisca de Souza (KIRA) - Belas Artes UFRJ - Rio
- 11- BIOMÉDICAS: Gilberto Martin - Medicina - UE Londrina - Paraná
- 12- EXATAS: Pedro Reis Pereira - Eng. Agrônoma UFRR - Pernambuco
- 13- IMPRENSA: Candido Vaccarezza - Medicina UFBA - Bahia
- 14- CULTURA: Fredo Ebling - Ciências Sociais UFRGS - Rio Grande do Sul
- 15- ESPORTES: José Pimenta - Engenharia UFJF - Minas

Um MUTIRÃO para reconstruir a UNE



Lutamos por uma nova Universidade

* Não são apenas os estudantes de PSICOLOGIA, GEOGRAFIA E TECNOLOGIA que unificados em todo o país, brigam para mudar seus currículos, por uma formação profissional voltada para as necessidades dos estudantes e da comunidade;

* Não são só os alunos da Católica de Goiás e das escolas públicas de São Paulo que se uniram aos professores e funcionários para lutar contra medidas arbitrárias dentro da Universidade;

* Não foi só na Bahia e em Brasília que centenas de estudantes foram jubilados, gerando protestos;

* Não é só no Estado do Rio de Janeiro, na Paraíba e em Minas que as bibliotecas não têm os livros necessários, os restaurantes universitários são caros e de péssima qualidade e faltam moradias estudantis;

* Não é só no Ceará em Pernambuco e no Paraná que milhares de estudantes estão desde já enfiados pelo CREDITO EDUCATIVO. Nem é só no Pará, em São Paulo, Rio Grande do Sul que a grande maioria dos estudantes tem que pagar caro para estudar em escolas particulares que só pensam em lucrar em cima do estudante.

* De Norte a Sul do país sentimos estes problemas. Todos os universitários hoje se unificam no sentido de que o ensino superior não oferece as condições que desejariamos para nossa formação.

Os estudantes brasileiros sempre lutaram para que a Universidade não fosse o que ela é hoje: distante da comunidade e empresarial. Já no início da década de 60, a UNE, defendendo os interesses estu-

dantis, realizava dois Seminários Nacionais sobre a Universidade. Em 1962, no Seminário de Curitiba, gestão de Aldo Arantes, a UNE chegou à proposta de uma NOVA UNIVERSIDADE. Em síntese a proposta era:

1. Fazer com que a Universidade dê ao estudante uma visão geral da sociedade, não apenas de sua profissão.

2. Democratizar o ensino, erradicando as discriminações, especialmente as de ordem econômico-social.

3. Melhorar o nível dos formandos, tanto numa perspectiva social como para sua prática no mercado de trabalho.

4. Tornar a Universidade um Centro Popular de Cultura.

5. Democratizar as decisões sobre os rumos do nosso ensino.

O golpe militar de 64 cortou a luta estudantil, reprimiu nossas entidades, principalmente a UNE, tentou proibir nossa livre organização e manifestação. Acreditamos, contudo, que estes objetivos permanecerão. E que, ao mesmo tempo em que a UNE deve encaminhar nossas reivindicações de currículos, verbas e liberdades democráticas, deve também organizar o debate e a discussão de uma PROPOSTA DE UMA NOVA UNIVERSIDADE, DEMOCRÁTICA E VOLTADA AS NECESSIDADES DOS ESTUDANTES E DO POVO BRASILEIRO.

Assim, achamos que a nossa UNE deve organizar, para o primeiro semestre de 1980, um SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE A UNIVERSIDADE, com preparação anterior em todas as universidades, professores e os mais diversos setores da comunidade.

Currículos: é hora de mudar

Os currículos que temos hoje não oferecem matérias que permitam prática profissional. E estão totalmente desvinculadas do que deveríamos estudar para atender às necessidades de nosso povo. O MEC agora quer implantar novos currículos mínimos que mantêm essas características no essencial.

A UNE deve organizar os estudantes para:

- barrar as implantações dos currículos mínimos do MEC
- reivindicar a participação de

estudantes e professores na elaboração dos currículos

- reivindicar currículos voltados para os interesses da maioria da população

- estruturar as SECRETARIAS POR AREA PROFISSIONAL (como já existem as de Psicologia, Engenharia, Medicina) que devem encaminhar essas questões

- lutar pela produção de CIÊNCIA E TECNOLOGIA NACIONAL, a serviço das necessidades populares

Mais verbas!

Em 1966, o índice de verbas para a educação era de 12,5%. Em 78, foi de 4,0%. A proposta de Portela para 79 é de 2,5%. Assim não dá! Não é à toa que ao reivindicarmos mais livros na biblioteca, moradia estudantil, restaurantes universitários baratos, menos alunos por classe, a resposta é sempre a mesma: NÃO TEM VERBA.

Nós, através da UNE, devemos atacar o problema principal e

- lutar pelo AUMENTO DO ÍNDICE DE VERBAS PARA A EDUCAÇÃO,
- junto com professores e funcionários, que também sentem esse problema.

Democratizar a universidade

A estrutura da Universidade brasileira é extremamente autoritária: não permite que alunos, professores e funcionários participem das decisões. Além de conter em seus regimentos medidas que visam impedir a livre organização da comunidade universitária.

A UNE e a cultura popular

- A UNE deve apoiar e divulgar todas as manifestações e empreendimentos culturais realizados no meio estudantil. Uma boa maneira de se realizar isto é através de festivais ou eventos nacionais de arte. Um bom início será a realização de um grande MOSTRA UNIVERSITÁRIA NACIONAL DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.
- A UNE deve apoiar a formação e atuação de grupos de

a comunidade universitária brasileira (estudantes, professores e funcionários) para lutar- mos unidos:

- contra o JUBILAMENTO
- por ELEIÇÕES LIVRES E DIRETAS pra todos os cargos eletivos
- contra as medidas autoritárias dos regimentos internos

- poesia, teatro, cinema, música, etc., rompendo com as camisas de força impostas pelas limitações econômicas e pela censura.

- O intercâmbio cultural entre estudantes de diversas regiões do país pode ser facilitado pela criação de uma REDE NACIONAL DE ALOJAMENTOS ESTUDANTIS, que facilite as viagens dos estudantes.

VIVA A UNE! 79-ANO DA UNE

... são inscrições que têm ocupado muros, paredes, manchetes de jornais e revistas, plásticos de carro e as diversas publicações de nossos Centros Acadêmicos, Diretórios Centrais, entidades estaduais. Desde o início do ano, a sociedade brasileira — especialmente a oposição popular e democrática — acompanha os debates e mobilizações que nós, estudantes, temos realizado para reconstruir nossa entidade representativa, destruída no início dos anos 70.

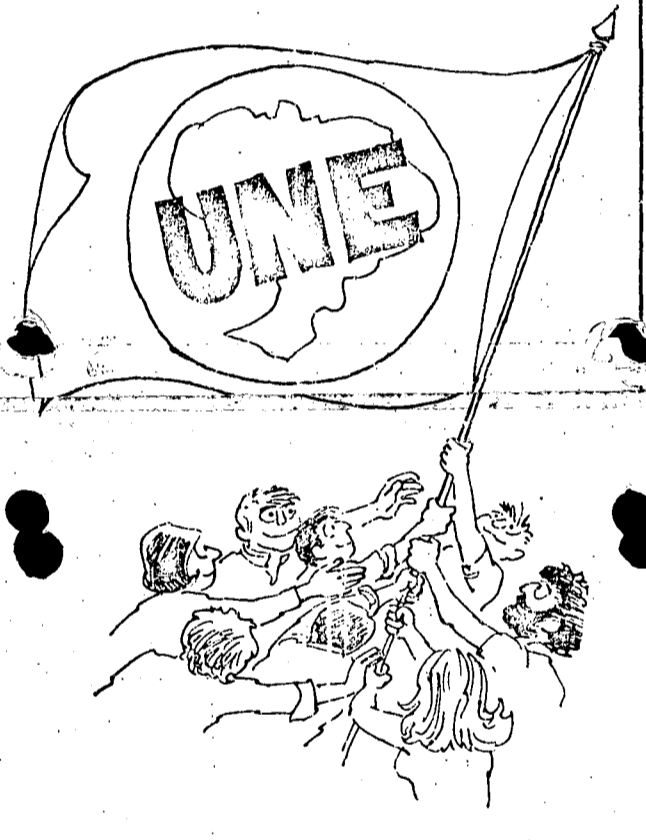
O passo mais importante que demos até agora, foi sem dúvida, o 31º Congresso da UNE, em Salvador. Estudantes de todos os cantos do país estiveram presentes, compondo um plenário de cerca de 3500 delegados eleitos em suas escolas, além de milhares de observadores. Apesar das dificuldades encontradas, que refletem o momento inicial, ainda de reconstrução, foi um dos Congressos mais representativos da história de nossa União Nacional.

Cumprindo a decisão do Congresso, partimos todos para um segundo grande passo: eleger nas urnas a primeira diretoria da reconstrução.

A chapa MUTIRÃO surgiu da unificação de idéias e propostas de estudantes de várias escolas, vindos de praticamente todos os estados do país.

Apresentamos aqui nesta carta-programa, as idéias mais importantes da nossa proposta que, acreditamos, contribuirá para todos aprofundarmos e ampliarmos a UNIÃO DOS ESTUDANTES, com voz ativa diante de seus problemas dentro da Universidade, diante do que hoje nos apresenta a situação do país e diante de nossa entidade — para que a UNE seja de fato FORTE, REPRESENTATIVA E DEMOCRÁTICA.

VAMOS TODOS VOTAR NAS ELEIÇÕES!
VAMOS FORTALECER A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES!



Unidade popular contra a ditadura

«Estudante é pra estudar, trabalhar pra pra trabalhador e lutar pra governar...»

Esta frase já tem 15 anos de idade. Já faz 15 anos que tentam impedir-nos de participar das decisões do país. Achamos que é mais que hora de mudar, de uma vez por todas, esta situação. Não podemos admitir que continuem nos impondo a atual estrutura de ensino, as verbas irrisórias para a educação e a saúde, enquanto vultosas quantias, vindas do nosso bolso através dos impostos, são destinadas às Forças Armadas, cuja principal função tem sido a de reprimir as manifestações do povo.

O povo brasileiro não aceita a alta do custo de vida, os baixos salários, a devastação da natureza, a entrega de nossas riquezas às grandes empresas, nacionais e estrangeiras. Não dá mais pra engolar pacotes com "democracias" pela metade, anistia restrita, conciliação com uma mão e um porrete na outra para que faz oposição de verdade.

Alguma coisa está mudando. Hoje, o povo não está mais calado. Operários, estudantes, camponeses, bancários, professores, médicos, jornalistas, motoristas e muitos mais estão na luta. Buscam conquistar MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA e LIBERDADE através das greves, dos atos públicos, das passeatas e demais formas de manifestação e luta.

De outro lado, os donos do poder percebem a insatisfação geral e começam a imprimir algumas mudanças. O general Figueiredo, o mesmo que até pouco tempo atrás comandava a repressão na chefia do SNI, agora veste a fantasia de "democrata". Trocou de óculos, anda de táxi e vai à feira. Colocou os mesmos ministros em lugares diferentes e manobra para tentar segurar o avanço do movimento operário, popular e de-

mocrático. O governo recua, faz concessões, vai levando à frente o seu projeto de "abertura", lenta, gradual e segura para o regime, e claro. Com isto, os ditadores tentam enganar o povo e puxar para o lado deles os setores menos firmes da oposição. E esta a tão falada «conciliação nacional», que o regime diz promover.

Contudo, apesar de todas as concessões que foi obrigada a fazer, a ditadura continua sendo ditadura. A repressão está aí, com a violência generalizada em cima dos trabalhadores, chegando mesmo a matar um operário em Minas Gerais. Isto porque, nos planos do regime, não está incluída, de forma nenhuma, a possibilidade do povo participar, sem restrições, da vida política do país, defendendo livremente seus interesses.

Unidade sim, contra a ditadura

Nós, estudantes, fomos um dos primeiros setores a romper as barreiras e começar a participar, unidos em todo o país, contra as prisões arbitrárias, as torturas e pela ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA, já em 1977.

Por todo o caminho, estivemos ao lado dos demais setores populares, na luta por uma vida livre e justa. Hoje, mais do que nunca, devemos através da nossa UNE firmar um claro não à conciliação com os opressores, e permanecer juntos na luta contra a ditadura, por uma alternativa democrática e de acordo com os anseios populares. É esta UNIÃO POPULAR, que construímos no dia-a-dia de nossas lutas, e principal fator a impulsionar a luta de todos os setores antiditatoriais, pelo completo FIM DO REGIME MILITAR, por uma ASSEMBLEIA CONSTITUINTE LIVREMENTE ELEITA, DEMOCRÁTICA E SOBERANA, convocada por um governo que garanta as mais amplas LIBERDADES DEMOCRÁTICAS.

Anistia: a luta continua

Fômites de... nas ruas.

responsabilização criminal... e carrascos do

movimento em repúdio ao projeto de anistia parcial, ajudando a desmascarar a meia anistia da ditadura. Devemos continuar firmes nesta luta, participando, com toda força, dos COMITÊS BRASILEIROS PELA ANISTIA, reivindicando:

- ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA
- esclarecimento dos casos de mortes e desaparecimentos, entre eles o de Honestino Guimarães, último presidente da UNE
- convocação de uma CPI dos Direitos Humanos

- desmantelamento de todos os órgãos de repressão (DOPS, DOI-CODI, SNI), que continuam de pé, podendo a qualquer momento voltar a cometer as mesmas atrocidades contra os opositores.

- fim das salvaguardas do regime, da Lei de (im) Segurança Nacional e demais leis arbitrárias

- E, em especial, junto com a comunidade universitária, pela REINTEGRAÇÃO DOS PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E ESTUDANTES PUNIDOS POR MOTIVOS POLÍTICOS

Quem fez a crise que pague!

Durante muitos anos, o regime patrocinou a exploração do povo brasileiro, em nome do crescimento econômico. Hoje, o país tem uma dívida externa de 50 bilhões de dólares, inflação de 60% ao ano e vive uma crise energética profunda, fruto do modelo econômico dependente.

Se, para os salários dizem faltar dinheiro e as reivindicações dos trabalhadores são taxadas de «absurdas», para pagar os prejuízos da Volkswagen e da Mercedes com as greves o governo dá de mão beijada a quantia de 6,7 milhões de cruzeiros.

Os estudantes, enquanto parte do povo, tem o dever da participar ativamente das lutas populares contra todo esse sufoco.

Até agora a exploração do povo brasileiro, em nome do crescimento econômico. Hoje, o país tem uma dívida externa de 50 bilhões de dólares, inflação de 60% ao ano e vive uma crise energética profunda, fruto do modelo econômico dependente.

Se, para os salários dizem faltar dinheiro e as reivindicações dos trabalhadores são taxadas de «absurdas», para pagar os prejuízos da Volkswagen e da Mercedes com as greves o governo dá de mão beijada a quantia de 6,7 milhões de cruzeiros.

Os estudantes, enquanto parte do povo, tem o dever da participar ativamente das lutas populares contra todo esse sufoco.

- defesa das populações indígenas
- contra o Acordo Nuclear e os contratos de risco para exploração do petróleo brasileiro.
- A Amazônia é Nossa!

E os Novos Partidos?

E uma pergunta que surge toda vez que abrimos os jornais. O governo diz que vai acabar com o bipartidarismo, líderes sindicais articulam um Partido dos Trabalhadores, parlamentares autênticos propõem uma alternativa mais avançada que o MDB, mas, assim como os sindicalistas, não aceitam que ele seja extinto arbitrariamente pelo regime. Através da UNE, devemos ser, antes de mais nada, contra qualquer medida arbitrária, tomada de cima para baixo. Queremos sempre que as mudanças partam do povo, com liberdade para que todas as correntes políticas possam se organizar livremente. A nossa UNE deve lutar:

- contra a extinção arbitrária do MDB
- pela ampla LIBERDADE PARTIDÁRIA

Este é um objetivo que faz parte de nossa luta pela conquista das liberdades democráticas.

Mas, para levarmos esta tarefa adiante, é preciso contarmos com um instrumento político capaz de unificar e impulsionar nossas lutas, que seja a expressão da unidade popular contra a ditadura e por melhores condições de vida. Por isso, acreditamos que se torna cada vez mais necessária a CONSTRUÇÃO DE UM PARTIDO EFETIVAMENTE COMPROMETIDO COM OS INTERESSES POPULARES, que esteja no dia-a-dia de suas lutas, não apenas no Parlamento, mas nos bairros, nas fábricas, nas escolas, nas ruas, nos campos.

Achamos também que a UNE NÃO DEVE SE FILIAR NEM PROPOR A FILIAÇÃO DOS ESTUDANTES A NENHUM PARTIDO. O papel de nossa entidade é propiciar o DEBATE ENTRE OS ESTUDANTES E SUA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NA QUESTÃO DA REARTICULAÇÃO PARTIDÁRIA.

UNE, verbo unir

Para garantirmos a democracia no funcionamento da UNE, ela deve estar em estreito contato com os estudantes, refletindo a realidade de nosso movimento em todo o Brasil. É fundamental estimular as reuniões regionais, os conselhos estaduais de entidades, estabelecer permanente contato com os Centros e Diretórios Acadêmicos. Dessa maneira vemos o desempenho da UNE contribuindo para a reconstrução e o fortalecimento das entidades estudantis e a construção das Unões Estaduais de Estudantes em todos os Estados.

Os encontros por área profissional (típo ECEM, de Medicina, ENECOM, de Comunicações, e assim por diante) são fundamentais no sentido de avançar nosso nível de organização e debate, assim como para a unificação de nossas lutas, deliberar e colocar em prática as diretrizes aprovadas nas demais instâncias de decisão da entidade. O funcionamento efetivo da diretoria garantirá o dia-a-dia de nossa entidade maior.

UNE e o esporte

O enfoque dado ao esporte em nosso país está invertido. Em vez de ser um direito de todo o povo, esporte é encarado como domínio de umas poucas estrelas que o realizam para um público espectador. O esporte não deve ser um negócio lucrativo. Ele deve ser encarado como um direito de todos ao lazer, à saúde física e um incentivo ao espírito de companheirismo e consciência coletiva.

- A UNE deve se comprometer com a luta pela melhoria dos ginásios, campos e material esportivo em geral, bem como promover campeonatos e jogos nas escolas, junto às associações atléticas.

As lutas. A UNE, através dos diretores das áreas de Exatas, Humanas e Biomédicas, deve buscar uma grande vinculação com as secretarias executivas por setor de ensino.

A UNE deverá pautar seu funcionamento pelas instâncias aprovadas no 31º Congresso, em Salvador: o Congresso da UNE, sua instância máxima de deliberação; o Conselho Nacional de Entidades de Base (Coneb); e Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg); e a Diretoria.

A diretoria da UNE tem um papel fundamental a cumprir, no sentido de coordenar as diversas atividades, criar condições para a unificação de nossas lutas, deliberar e colocar em prática as diretrizes aprovadas nas demais instâncias de decisão da entidade. O funcionamento efetivo da diretoria garantirá o dia-a-dia de nossa entidade maior.

UNE jornal

Para a consolidação da UNE, é essencial o funcionamento da secretaria de imprensa. A UNE já teve seu jornal nacional, que se chamava «Movimento». Hoje, sentimos novamente a necessidade de um jornal dos estudantes brasileiros, que seja a sua voz em todos os seus momentos.

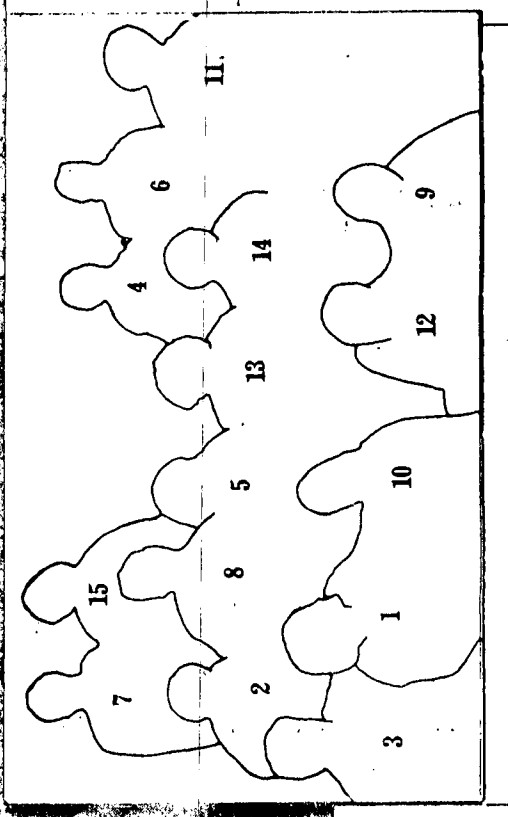
A secretaria de imprensa da UNE deverá organizar, além do jornal, um boletim de notícias, para que possamos divulgar, ao conjunto dos estudantes e à população, o dia-a-dia de nosso movimento.

- per um JORNAL DE TODOS OS ESTUDANTES BRASILEIROS

9c

O MEU BRACO NO TÁ
 OS BRACOS
 A LINDA VOLTA
 A LINDA VOLTA
 COM A NOSSA
MC

O BRACO NO TÁ
 OS BRACOS
 A LINDA VOLTA
 A LINDA VOLTA
 COM A NOSSA
MC



psino

D E N Ú N C I A

GOVERNO SE ARTICULA

Na última quinta-feira tomamos conhecimento, através de visita para levar informações da UNE às cidades de Arapongas e Apucarana, que existem pessoas ligadas ao DCE da Universidade Católica do Paraná, mais especificamente Aldo Medeiros e mais pessoas ligadas a Faculdade Tuiti de Curitiba que se fizeram passar como elementos representantes da UNE no Estado do Paraná.

Essas pessoas são ligadas à chapa Maioria, que concorre à UNE e que tem pacto com a atual ditadura militar. Aproveitando-se dos pequenos centros que ainda não estão informados sobre a organização da UNE, no caso Apucarana e Arapongas, e realizar as escondidas no último dia 15 na cidade de Curitiba, numa chácara distante da cidade, reunião para articular uma pseudo União Estadual de Estudantes do Paraná.

Na pauta dessa reunião, que contou com a presença do londrinense Rui Carneiro - estudante de Direito e ligado à Reitoria da FUEL, constou de análises do movimento estudantil em nosso estado e da caracterização de cada chapa concorrente UNE. Além disso foi elaborada uma divisão de pessoas no estado para concorrer a chapa Movimento que concorrerá "às eleições" da UEE em nosso Estado. Só que a discussão está restrita à participação de apenas 10 diretórios do Estado, o que não representa nem 30% do total existente no Estado. Só Londrina - que não ficou sabendo de nada - possui 6 Centros Acadêmicos. O pior de tudo é que essas articulações estão sendo feitas às escondidas, sem nem sequer os demais diretórios acadêmicos do Estado tomarem conhecimento.

ESTÃO QUERENDO FAZER UMA FRAUDE !

E tem mais, o plano é diabólico. Segundo um participante da "reuniãozinha na chácara" uma das principais questões discutidas foi a "subversão" que atualmente tem contra dos DCEs do Estado, principalmente Londrina.

Tentando confundir totalmente os presidentes de Diret. Acad. do interior - que ainda estão sem informação sobre os componentes da chapa Maioria (nacionalmente conhecidos pela tentativa de boicotar o Congresso de Reconstrução da UNE em Salvador), esses elementos estão marcando uma outra reunião para 14 e 15/10 em Curitiba onde ultimarão os detalhes da chapa. Usando o nome da UNE esses elementos estão solicitando que os diretórios do interior desavidos façam pedidos de cédulas para a eleição da UNE dias 3 e 4 quando esse pedido não pode ser feito por eles.

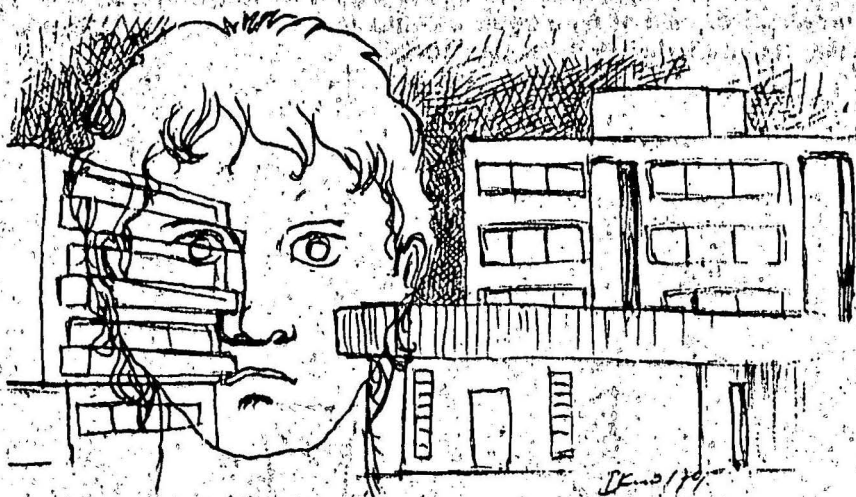
Isso não existe ! A única responsável pela distribuição das cédulas em todo o país é a Comissão Organizadora das Eleições da UNE e isso só será realizado por ela e mais ninguém no Estado do Paraná.

Eles preparam uma grande fraude ! Precisamos estar atentos e vigilantes, porque essa é mais uma manobra que a ditadura disfarçada tenta fazer. É por isso que hoje fazemos essa denúncia, e ao mesmo tempo um apelo para os estudantes universitários do interior do Estado estarem precavidos contra essa tentativa de fraude para as eleições da UNE:

Qualquer pessoa que os procurar em nome da UEE do Paraná deve ser rechaçada. Entrem em contato com a Comissão Pró-DCE Livre de Londrina.

Rua Piauí esq. com Hugo Cabani, 727.

A UNIVERSIDADE SERÁ SÓ ISSO QUE SE VÊ?

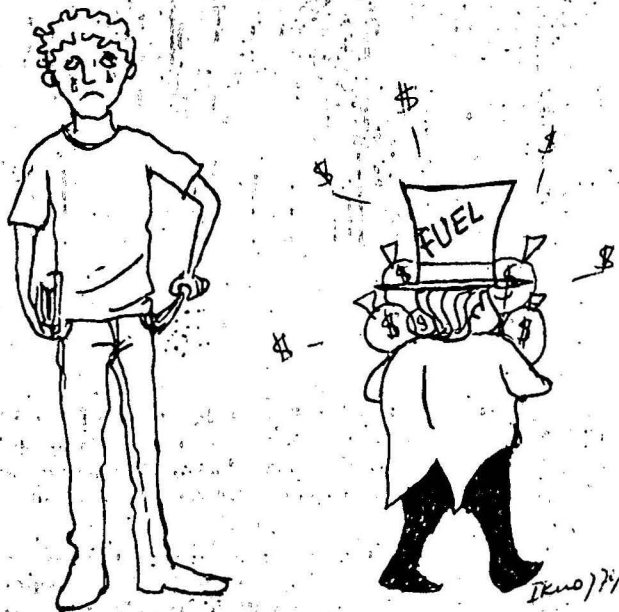


Você já reparou que no mesmo ônibus que vamos para a Universidade viajam pessoas diferentes, que não levam nenhum material debaixo do braço e nem descem no Campus? Levam marmitas ou filhos amarelos nos braços e vão até o Novo Bandeirantes, um bairro pobre de Londrina.

Quantos bairros pobres como esse existem no Brasil? Quantos dos 110 milhões de brasileiros vivem como esses nossos companheiros de viagem? E a Universidade em que estudamos, os cursos que frequentamos, deveriam estar voltados para entender os interesses dessa gente?

Somos 8 mil alunos, a população de uma pequena cidade, mas não temos se quer um time de futebol para torcer. Será que nós mesmo somos bons amigos? Por que então não se vê nenhuma turma, nenhum grupo de amigos no campus e na cidade? Por que hoje é tão difícil pegar uma carona? Por que não temos nenhum grupo de música na Universidade? É culpa da gente ou do sistema de créditos que se para todo mundo, a cada semestre?

Paga-se por tudo na FUEL: para estudar, para desistir do curso, para provar que está estudando. E a cada fim de ano, tome 38% de aumento na cabeça. No meio disso tudo, tome burocracia! Isso só na universidade, sem contar com o ônibus, alimentação (que tal um restaurante universitário no campus?), material escolar (que tal uma cooperativa de livros?). Do jeito que as coisas estão, ou só rico estuda ou algum pobre mais teimoso faz das tripas o coração... Há um velho conceito sempre repetido nos discursos de formatura, de que a universidade está aí para servir a comunidade. Se isso é verdade, não deveria ser aberta e gratuita para todos?

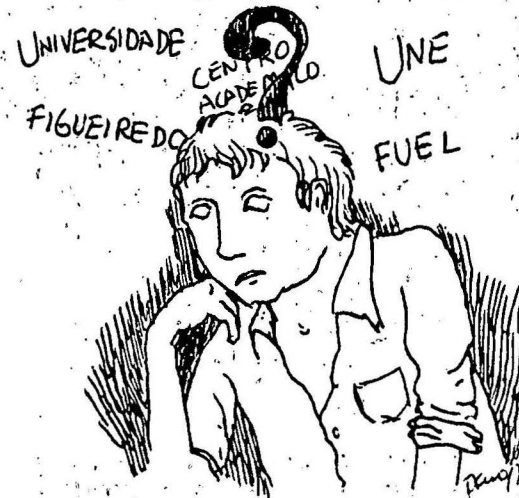


930

Por falar em servir a comunidade, como anda a Universidade em relação às pesquisas? O último jornal Perobal traz uma longa lista das que estão sendo realizadas pela UEL, algumas com até títulos em Inglês. Só faltou uma pesquisa: Como tapar o sol com a peneira; porque logo ali na baixada, debaixo do nariz da Universidade o Igapó urra, estrebucha e morre. Mas a UEL empina o nariz e continua indiferente. Por que a Universidade se omite? Falta capacidade aos seus cientistas ou ela não tem nada a ver com isso? Ou a pureza da ciência irá se poluir com tamanha fedentina?

Com os nossos mestres, as coisas não andam lá muito boas. Muitos são os professores que a anos baseiam suas aulas em velhas e enebadas fichas.

Brizola voltou, Figueiredo diz que prنده e arrebeta, o Delfim vai encher a panela de não-sei-quem, as greves por todo lado, o Lula quer fundar o partido do trabalhador, acordos atômicos secretos são firmados, no quieto Amazônia indo pro brejo. E nós estudantes temos alguma coisa a ver com isso? Ou estudantes só foi feito para estudar?



Será que se tirar o nome de Londrina e Paraná do endereço da UEL, sobrar alguma coisa nela que caracterizará como Universidade vinculada às necessidades da cidade ou do estado? Não demora muito, ou se sabe inglês ou não se aprende nada na Universidade. Não há autores nacionais ou não há interesse em estudá-los? Pois não se vê outra coisa nos nossos cursos senão uma literatura estrangeira. Há alguma preocupação em adaptar experiência dos países desenvolvidos para uma realidade nossa? Os 400 anos de experiência de nosso povo não valeram nada e não merecem ser aprofundadas na Universidade?

A UNE vai resolver alguma coisa? Vale a pena a gente se organizar? Por que só alguns cursos possuem algum nível de organização? E será que precisamos de uma entidade que represente todos os estudantes na FUEL? E como ficam os diretórios fechados? Devemos nos importar com eles? Por que não se organizar a partir de cada turma? É importante escolher um representante de classe? Como ficam nossas representações nos órgãos da Universidade?



A esta altura do campeonato você deve estar perguntando: Quem é esse pessoal que pergunta tanto e não responde nada? "

Pois é, somos representantes de 10 cursos da UEL que nos juntamos aos representantes do PRÓ-DCE Livre. E não estamos a fim de responder nada sozinhos. E por isso propomos a idéia de um congresso para conversarmos sobre todas as dúvidas. Quem sabe encontraremos respostas para muitas delas.

E como não temos nada decidido ainda, esperamos sua sugestão para melhorar a idéia deste congresso.

Temos reunião sempre aos sábados, às 16 horas, no cruzamento das ruas Piauí e Hugo Cabral.

Participe dela também!

60

PT 1036.126

Começa a divulgação da UNE em Londrina

As paredes do campus da Universidade Estadual de Londrina ficaram repletas de cartazes conclamando os estudantes a participarem das eleições para a escolha da diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE) nos próximos dias 3 e 4. Também no caminho que leva à UEL, pela avenida Faria Lima, se observavam inscrições e "slogans" pintados nos muros dos terrenos baldios, alusivos às primeiras eleições diretas da UNE desde que foi fundada, em 1937.

A entidade, que possui um passado de grande atividade estudantil e de apoio às reivindicações populares (a UNE foi uma das principais responsáveis pela criação da Petrobrás), foi fechada em 1964 pelos órgãos de segurança. No entanto, até 1968 funcionou na clandestinidade, conduzindo manifestações e realizando vários congressos estudantis; até que a repressão do Governo terminou por extingui-la, prendendo e exilando as mais destacadas lideranças estudantis da época.

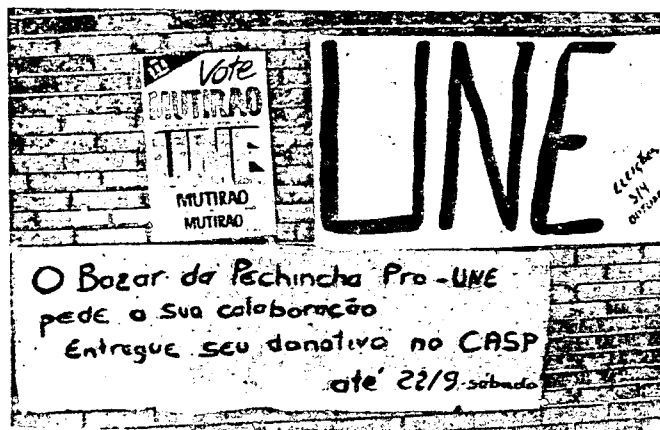
ELEIÇÕES DIRETAS

Recriada em maio deste ano por mais de cinco mil delegados estudantis — representando universitários de todos os Estados brasileiros — a entidade encontra-se agora numa fase de consolidação. Por decisão dos delegados estudantis, resolveu-se que as eleições para a escolha da primeira diretoria desse novo período da UNE, seriam realizadas diretamente nas escolas, para que todos os estudantes pudessem se manifestar.

Cinco concorrentes disputam as eleições: **Unidade, Mutirão, Liberdade e Luta, Maioria e Novação**. A **Mutirão** já formou seu comitê londrinense de apoio, cujos membros afirmam que a chapa propõe, entre outras coisas, a reconstrução propriamente dita da UNE, a necessidade de uma Universidade alternativa e a importância de colocar-se junto aos democratas do País que desejam um regime de liberdades reais.

De acordo ainda com os membros, a receptividade em torno da chapa "tem sido excelente". Nas passagens em salas de aula está havendo debates em torno dos problemas comuns e o clima espontâneo de discussão mostra que os estudantes estão interessados em participar. "A grande maioria está compreendendo a necessidade de colocarmos de pé a nossa entidade, para que ela organize nossas lutas".

Explicaram que "de nada adiantará uma UNE distante das salas de aula" e alheia aos problemas específicos de cada escola: "O que queremos é justamente uma descentralização das atividades da UNE para que ela esteja presente em cada sala de aula, sabendo dos problemas reais; e também para que, em cima disso, estabeleça suas lutas. Todos juntos seremos mais fortes".



Nas paredes da Universidade, a campanha para as eleições da UNE

"ESTUDANTE NÃO É SÓ PARA ESTUDAR"

O principal motivo para a aceitação da chapa, segundo eles, está no próprio programa "amplo e combativo": "Queremos uma Universidade livre dos regimentos repressivos e com a participação de todos nas suas decisões; gratuita e acessível a todos. Queremos debater soluções alternativas para ela com todo mundo." Sobre as propostas políticas da chapa, os membros do comitê explicam que partem da premissa de que "estudante não existe só para estudar".

"Como um segmento importante da sociedade — continuam — ele não pode ficar indiferente aos grandes fatos nacionais que estão nas páginas dos jornais todo dia. É preciso ajudarmos a conquistar um regime de amplas liberdades democráticas e não continuarmos com esse regime de liberdade controlada. Por isso, estamos nos colocando ao lado de todos os que pretendem esse objetivo".

DEBATE PÚBLICO

O comitê de apoio à **Mutirão**, por outro lado, fará realizar na próxima quinta-feira, em Londrina, um debate público sobre a UNE do qual participarão integrantes das cinco chapas que concorrerem à entidade. O comitê avisa aos estudantes em geral e os interessados em colaborar financeiramente com a chapa, através de doações, que poderão depositar qualquer quantia na conta 0209584/48, das agências do Banco Bamerindus em Londrina. A conta foi aberta com esse fim.

Chapa Mutirão debate sua plataforma com estudantes

O estudante Gilberto Martim, de 21 anos — membro da chapa Mutirão que concorre à diretoria da UNE — União Nacional dos Estudantes — cujas eleições serão realizadas nos próximos dias 3 e 4 em todo o País — concedeu entrevista coletiva na tarde de ontem quando falou das articulações desenvolvidas não só em Londrina, como também em outras cidades do Estado, sobre a questão, frisando que o programa da chapa já vem sendo discutido nas salas de aula, além de já terem sido formados comitês em diversas localidades como forma de se debater as linhas de ação da Mutirão com o maior número possível de estudantes.

Martim disse, por outro lado, que algumas universidades "estão se empenhando no sentido de boicotar a movimentação em torno das eleições da UNE", lembrando, inclusive, que há boatos segundo os quais as aulas seriam suspensas naqueles dois dias de eleição. Anunciou, dessa forma, que haverá reuniões para se discutir o assunto e para se tirar medidas concretas, para que as eleições não sejam prejudicadas.

ORGANIZAÇÃO

O estudante — do 8o. período do Curso de Medicina da UEL — ressaltou a importância da realização das eleições, afirmando que "elas significarão que os estudantes reconstruíram sua entidade máxima e também que um importante segmento da sociedade está organizado a nível nacional". A Mutirão é encabeçada pelo acadêmico Rui César, de 23 anos, atual presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia (Martim concorre à Secretaria de Saúde da UNE) e sua plataforma de trabalho é baseada em 4 itens principais: "Melhores condições de ensino; ensino público e gratuito; uma nova universidade e união dos estudantes com o povo, na luta por liberdades democráticas". É favorável, também, entre outras coisas, a uma anistia ampla, geral e irrestrita e pela criação de um partido "efetivamente comprometido com os interesses populares", acreditando que o papel da UNE "é o de propiciar o debate entre os estudantes e sua participação efetiva na questão da rearticulação partidária".

Na opinião de Gilberto Martim, já está sendo criado na Universidade "um clima de eleições", acrescentando que as propostas de sua chapa já foram debatidas, somente aqui e em apenas um dia, por cerca de 2 mil estudantes. Dos aproximadamente 7.500 universitários existentes na UEL, "pelo menos 70 por cento irão às urnas, enquanto que dos cerca de 50 mil existentes em todo o Estado, pelo menos 45 por cento votarão", segundo seus cálculos.

Gilberto Martim lamentou o fato de as outras chapas que concorrem à UNE não estarem também mobilizadas junto aos estudantes londrinenses, o que, em sua opinião, propiciaria um debate muito mais amplo em torno da questão. Lembrou que a Mutirão vem tendo uma atuação em termos de Paraná através da visita a diversas universidades e da formação de comitês. A nível nacional, entende ele que, das cinco chapas concorrentes, apenas duas mostram-se suficientemente fortes para chegar à diretoria da UNE, no caso, a própria Mutirão e a chapa Unidade. Também a nível nacional as propostas da chapa da qual participa também estão sendo levadas para discussão nas salas de aulas, ao mesmo tempo em que, a exemplo do que ocorreu aqui, vem sendo formados comitês. "A discussão — frisou — atinge todo o País".

Por outro lado, informou, ele que a diretoria provisória da UNE autorizou a Comissão Pró-DEC livre da Universidade de Londrina a centralizar o processo de eleições, no Estado, tendo em vista o fato de que o DCE da Universidade Católica, de Curitiba, "passou a utilizar o nome da UNE para convocar uma reunião secreta para a criação da UEE — União Estadual dos Estudantes, do Paraná". De acordo com Martim, aquele DCE tem uma atuação "pelega" e, para a convocação da reunião — realizada em uma chácara da Capital — teve a preocupação de omitir as entidades que têm uma atuação mais conseqüente.

Lembrou Martim que alguns membros da chapa Maioria — que também concorrem à UNE — confirmaram, ainda ontem, a realização da reunião, uma vez que participaram. Ele acrescentou que a reunião "não tinha base nenhuma para discutir um assunto como a criação da UEE. Em casos como esse — acredita ele — o que uma única entidade pode fazer é lançar a discussão da maneira mais ampla possível. Uma única entidade pode, no máximo, tomar a iniciativa de lançar a discussão e não fazer aquilo que fizeram", frisou.

De acordo com o programa da Mutirão, distribuído pelo estudante, a chapa propõe também, entre outras coisas, "fazer com que a Universidade dê ao estudante uma visão geral da sociedade e não apenas de sua profissão; democratizar o ensino, erradicando as discriminações, especialmente as de ordem econômico-social; melhorar o nível dos formandos, tanto numa perspectiva social como para sua prática no mercado de trabalho; tornar a Universidade um Centro Popular de Cultura e democratizar as decisões sobre os rumos do nosso ensino", frisando ainda, a necessidade "de uma nova Universidade, democrática e voltada às necessidades dos estudantes e do povo brasileiro".

PT-1036-126

A chapa "MUTIRÃO" possui um estudante de Londrina, representando os interesses dos universitários do Norte do Paraná.

Estamos todos juntos, num verdadeiro "MUTIRÃO":

- 1 - POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO (Alguém pode garantir aí que sairá da Universidade como um ótimo profissional?)
- 2 - PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO (As mensalidades crescem como bola de neve. A maioria dos estudantes que fizeram o ginásio conosco ficaram de fora da Universidade porque ela é paga, é cara).
- 3 - POR UMA NOVA UNIVERSIDADE (Aprendemos um tipo de ensino, mas quando saímos para trabalhar caímos num mundo diferente que não foi ensinado na escola. Os professores ruins, os currículos piores, os livros que faltam mostram que a situação tá preta. Queremos uma Nova Universidade e precisamos reunir todo mundo para saber como ela será).
- 4 - UNIÃO DOS ESTUDANTES COM O POVO NA LUTA PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS (A democracia depende do povo. Só dele. Defendemos uma forte união com o povo para chegarmos à liberdade).

Eleições 3 e 4 de outubro de 1979
Vote "MUTIRÃO"

BOTA VOTO NÉLE



“Mutirão”

Considerada pelos próprios universitários como uma das mais representativas do movimento estudantil, foi lançada em São Paulo a chapa “Mutirão”, que disputará as eleições para a diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE). Seus integrantes já participaram — e alguns ainda participam — de diversas entidades livres, representativas em vários Estados. Sua articulação foi iniciada no Congresso de Salvador, quando da reconstrução da UNE, em maio deste ano, e conta com o apoio da única entidade criada a nível estadual: a UEE de São Paulo.

Os membros da chapa “Mutirão” consideram fundamental — como programa — a defesa de “três eixos centrais”. Primeiro, para justificar o nome da chapa, colocam a necessidade de um grande mutirão para “reconduzir a UNE junto a todos os estudantes e junto à sociedade brasileira”. O outro ponto diz respeito às discussões que a chapa — se vencedora — pretende levar até às bases estudantis, com o intuito de diminuir o espaço existente com as suas lideranças e, juntos, iniciarem um plano mais audacioso que o de definir um projeto de reformulação da universidade. Por fim, como atuação política, a chapa defende a composição dos estudantes com o povo, “pelo fim da ditadura militar”.

No que diz respeito ao ensino, a chapa “Mutirão” — segundo seus membros — defenderá em sua carta-programa “a conquista do ensino público e gratuito, e mais verbas para a educação”. Os membros da chapa consideram como principal responsável pela situação em que se encontra o ensino brasileiro “a política educacional que a ditadura militar implantou após 1964, que tem como objetivo transferir os custos da educação para os estudantes em geral”.

“Além disso — disseram — a universidade, ao invés de ser uma sede de criação cultural, científica e tecnológica, vem se tornando ultimamente apenas o lugar onde se produz mão-de-obra barata para as empresas nacionais e estrangeiras”.

Os membros da chapa entendem que a UNE deverá desencadear uma campanha, a nível nacional, para discutir os problemas do ensino — principalmente sobre o tema “Universidade Brasileira e Ensino Pago” — a fim de definir o encaminhamento da luta que deverá ser desencadeada. A chapa “Mutirão” propôs e defende a realização de seminários, em todos Estados, no mês de novembro, para iniciar as discussões sobre o assunto.

Um dos pontos — defendidos pelas diver-

sas tendências — considerado como dos mais polêmicos é o da atuação política. Sobre o assunto, a chapa “Mutirão” defende a união dos movimentos populares para “a luta, sem conciliação, contra a ditadura militar”. Entende que, para tanto, há necessidade de mobilizar todos os setores populares com o objetivo de unificar as lutas pelas liberdades democráticas: pela anistia ampla, geral e irrestrita; e pela convocação da Constituinte.

“Repudiamos — disseram os membros da chapa — o projeto de anistia, aprovado pelo Governo, como também o projeto de abertura do presidente Figueiredo e não concordamos com a extinção arbitrária do MDB”.

A chapa “Mutirão” defende a ampla liberdade partidária e acha importante a participação, num mesmo partido, de políticos engajados com os movimentos populares, como os autênticos do MDB, os sindicalistas autênticos, como “Lula”, e os políticos de vanguarda do PTB.

“O povo deve se organizar — disseram — para poder atuar na conjuntura nacional, com o propósito de conseguir a mudança radical do regime”.

ARNALDO

Por outro lado, os membros da chapa fizeram questão de salientar que a UNE “não deve se filiar a nenhum partido, como também não deve indicar, a qualquer estudante, partidos políticos”, mas concluíram que a participação nas discussões e a contribuição para a unificação dos movimentos populares, em torno de um partido, deverão ser feitas com todas as forças do movimento estudantil.

Após o lançamento da chapa, realizado em São Paulo, os estudantes que a compõem iniciaram o lançamento que eles chamam “a nível nacional” e, durante a semana, estiveram em Alagoas, Rio de Janeiro, Florianópolis e Curitiba.

Através dos versos de Fernando Brandt, os estudantes da chapa “Mutirão” pretendem levar o seu programa a todos os universitários brasileiros: “O que um braço não faz/mil braços há de fazer/a UNE volta mais forte/a UNE volta mais nova/com a nova união/com o nosso “Mutirão”.

A chapa “Mutirão” é presidida por Rui César Costa Silva, 22 anos, aluno do 4.º ano de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e atual presidente do DCE da UFBA; o vice-presidente nacional é Marcelo Barbieri, 23 anos, aluno da Administração da FGV e ex-diretor da UEE.

ANEXO Nº 02



PROPAGANDA DA CHAPA MAIORIA

Confidencial

"Maioria"

A chapa "Maioria" tem como candidato à presidência da UNE o aluno da Faculdade de Direito da USP, Marcos Martins Paulino, que atualmente exerce o cargo de presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto. Para Paulino, a decisão de lançar a chapa — de oposição às diversas tendências estudantis existentes — foi justamente a "necessidade de ocupar o espaço existente no movimento estudantil, gerado pelo afastamento das lideranças estudantis de vanguarda da sua base".

Segundo Paulino, o movimento estudantil sofreu uma grave crise de participação, em consequência da "atuação sectária e aparelhista — conforme disse — das tradicionais tendências estudantis".

"O grande mérito dessas tendências, ainda que radicais e vanguardistas — disse — foi o de renascer o movimento estudantil em 76 e 77; mas, não conseguiram fazer os estudantes participarem do movimento, pois a construção foi de cima para baixo, sem consulta às bases".

A chapa "Maioria" defende a unidade dos estudantes, com o objetivo de desenvolver uma série de lutas que — segundo Paulino — "independentemente de terem um cunho marxista ou governista, pois a força do movimento estudantil é de fato e não de direito. É preciso uma força de massa para pressionar".

O programa defendido pela chapa "Maioria" tem como eixo principal as lutas específicas dos estudantes por melhores condições de ensino. Sobre esse ponto, a chapa defende o ensino público e gratuito; a democratização do ensino; e a transformação do Crédito Educativo em subsídios para a educação. Segundo Paulino, a prioridade no programa para os assuntos inerentes ao ensino tem como objetivo fazer com que o estudante acredite que a "liderança estudantil está empenhada em solucionar o seu problema".

A chapa "Maioria" considera, também, como ponto principal de atuação da

UNE, a discussão de um projeto alternativo de reforma de ensino. Para tanto, segundo Paulino, a entidade deverá iniciar esse processo através de seminários volantes, com o objetivo de colher as sugestões junto à base estudantil.

A nível doutrinário e político, conforme explica Paulino, a chapa defende a conquista das liberdades democráticas, de expressão e partidária. No entanto, considera prematuro fazer um posicionamento em defesa de partidos populares.

"Precisamos é conquistar a democracia — disse Paulino — e nós, da chapa, defendemos a convocação de uma Constituinte, livre e democrática, precedida pela anistia ampla, geral e irrestrita".

Na questão da anistia, a chapa coloca como importante a volta dos professores cassados, sem quaisquer exigências burocráticas, como também se posiciona contra a triagem ideológica exercida nas universidades. Outros pontos defendidos pela chapa são os seguintes: defesa da soberania nacional; contra a exploração estrangeira; e pela reforma agrária.

Paulino disse reconhecer o caráter transitório das tendências radicais que dominam o movimento estudantil; por isso acha correto identificar a sua chapa como de oposição às tendências existentes.

"O nome da chapa — disse — foi escolhido em função do seu programa, que é da maioria dos estudantes, e seus candidatos, embora alguns tenham posições políticas doutrinárias semelhantes às tendências de esquerda, na prática divergem totalmente".

Os candidatos que formam a chapa "Maioria" representam — segundo Paulino — os estudantes de quase todos os Estados, e a campanha para as eleições da UNE vem sendo feita de maneira a levar o programa a todos os estudantes brasileiros, contando inclusive com comitê no Acre.





a **UNE** somos

TODOS

nós.

NOSSA FORÇA NOSSA VOZ



CAIU A MÁSCARA

Caíu a máscara, não há como esconder as coisas agora. Somente com a participação popular o País vai poder consertar tudo o que foi feito nestes anos de ausência do povo no poder.

A democracia é hoje reivindicada até por aqueles que, arbitrariamente, a suprimiram, durante todos esses anos de regime militar.

Foram anos de duro silêncio, conseguido à base de dura repressão, sustentado pela exploração do trabalhador, pelo engodo e posterior empobrecimento da classe média, pela venda da soberania nacional aos monopólios multinacionais, pelo afastamento sistemático do pequeno proprietário e do médio empresário nacional dos quadros da economia (tomados pelo grande monopólio), pelo verdadeiro atentado à cultura nacional, com a instalação de uma verdadeira "Santa Inquisição" que a tudo afetou no País. Enfim. Repressão, explo-

ração e censura, o tripé do regime militar.

Porém, o feitiço virou contra o feiticeiro, e o governo com a crise criada por ele mesmo, somada à crise econômica mundial e à corrupção monstruosa se dividiu, e foi obrigado a "abrir". E foi por essa racha que penetrou o nascente movimento popular, que reorganiza a oposição democrática e clama por democracia. Assim, devido à luta por liberdades democráticas, o governo não lança outro "pacote de abril", mas um "pacote de reformas", que reforma muito a forma, mas não modifica o conteúdo. Assim também com a anistia restrita e outras tantas ações divisionistas.

Assim, somos de opinião de que devem todos acreditar, unidos, na abertura do regime, pois, antes de mais nada, somos nós que estamos abrindo; a democratização é uma conquista nossa, e é por isso que acreditamos nela. Não vamos cair no radicalismo infantil de

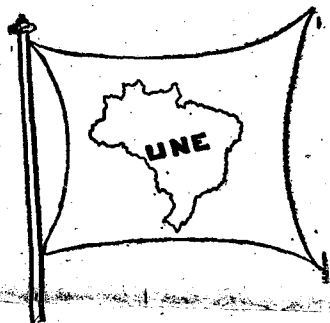
acreditar que não vai haver retrocesso, pois tudo que agora conseguimos foi feito com base na nossa união. É necessário mantermo-nos unidos para que consigamos a anistia ampla, geral e irrestrita, livre organização e participação, Constituinte Livre, Democrática e Soberana e a efetivação da Democracia no País, como expressão clara do poder de decisão da maioria pluralista.

É por isso que lutamos por Democracia como modo de efetivar legitimidade, por mudanças estruturais, sociais e econômicas, necessárias ao aperfeiçoamento contínuo da liberdade e da participação.

Nos posicionamos portanto contra aqueles que hoje lutam pela Democracia e pelo direito da maioria, para tentar suprimir depois, essa mesma democracia: em nosso nome, mas sem nossa participação; em nome da maioria, mas sem sua legítima procuração.



NOSSA VISÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL



Ninguém desconhece que, nos últimos 10 anos, sob a égide do AI-5 de triste memória, a inteligência e a cultura nacionais foram duramente atingidas pelo obscurantismo reinante nos meios oficiais. Impôs-se férrea e truculenta censura aos meios de comunicação; edições inteiras foram apreendidas, centenas de músicas e peças teatrais foram interditas.

A universidade brasileira terá sido, talvez a instituição mais penalizada pelo regime da força. Dezenas de professores muitos dos quais hoje no exterior, foram sumariamente aposentados por motivos políticos; agentes dos órgãos de informação infiltraram-se no ambiente aca-

Por uma UNE forte e combativa na defesa das liberdades democráticas e dos interesses estudantis.

dêmico com o objetivo de "censurar" os conceitos emitidos pelos professores; algumas escolas, por imposição do governo, chegaram às raias do obscurantismo mais vulgar ao exigirem atestados "ideológicos" dos candidatos a docentes, no melhor estilo dos regimes totalitários. Todos estes procedimentos escreveram lamentavelmente, uma página nos anais desta fase recente do processo político brasileiro.

A violência governamental sobre as universidades acarretou efeitos diversos. Um deles foi a intimidação da grande maioria dos estudantes, o sob suas cabeças instrumentos de coerção como o Decreto-Lei 477, impedidos de atuarem em organizações livres de ingerência governamental, considerável porção de acadêmicos abandonou-se ao silêncio cômodo e omissivo.

A UNE deve representar os estudantes e não as posições do grupo que defém a diretoria.

Assim é que, em contrapartida à visão dogmática de segurança nacional perfilhada pelos detentores do poder, aos poucos se foi cristalizando no ambiente universitário outro sistema de dogmas. A radicalização vinda de fora contrapõe-se a radicalização de dentro dos centros de produção e transmissão do saber.

O processo de radicalização política trouxe como consequência mais fu-

nesta o progressivo isolamento das cúpulas, cada vez mais distanciadas das bases. Acentuou-se, a olhos vistos, o vício da prática aparelhista ou "cupulista"; a representação deu lugar à auto-representação, e o movimento estudantil acabou por reduzir-se a um vanguardismo desgastante e decadente, a serviço da posição política de grupos minoritários.

Pela automática reintegração dos professores e funcionários punidos pelo arbítrio.

Diante desse quadro, o que resta às forças realmente democráticas? Dar força a essas vanguardas a pretexto de preservar a unidade do movimento estudantil? Ou combatê-las com vistas à renovação e legitimação representativa de nossa entidade máxima?

A segunda alternativa se nos afigura como a mais adequada, sobretudo tendo em conta que, no momento atual, as diversas correntes de opinião existentes no meio universitário tendem a recuperar a sua identidade própria e a se reestruturarem em função de posições definidas e coerentes.

Pela democracia dentro e fora do movimento estudantil.

A reconstrução da UNE não pode, por isso mesmo, processar-se ao sabor das conveniências e posicionamentos de facções que insistem em ignorar a pluralidade de perspectivas existentes no âmbito universitário. ©

movimento estudantil precisa traduzir os interesses do conjunto e não dos grupos radicais, como vem ocorrendo; muito menos pode servir de instrumento às lideranças para imporem seus próprios interesses.

Por outro lado, revoltados contra as medidas repressivas, outra porção de universitários, sem dúvida de maior sensibilidade às questões políticas e sociais, uniram-se contra o sistema de poder vigente. Embora de tendências político-ideológicas heterogêneas e mesmo antagônicas, estes estudantes mantiveram-se coesos num só bloco de resistência e luta. As atitudes de radicalização brotadas do seio desta frente de oposições, não foram menos arrebatadas, por certo, do que os desmandos perpetrados pelos agentes de segurança.

Pelo apartidarismo das entidades estudantis.

É preciso trazer a democracia para dentro do movimento estudantil, fazer da UNE o grande fórum de debates entre as várias linhas de pensamento que hoje se estruturam nos meios universitários, garantindo assim o aperfeiçoamento ininterrupto de sua representatividade. É chegada a hora de por fim aos dogmatismos, à intolerância e à radicalização. A liberdade jamais poderá conviver com um sistema absoluto de verdades.

Por uma MAIOR representatividade do movimento.

NOSSA VISÃO DA UNIVERSIDADE

Numa universidade realmente digna desse nome as mais diferentes correntes de pensamento devem ser estudadas e debatidas dentro do mais elevado espírito científico. O confronto de múltiplas perspectivas teóricas e metodológicas tem sido o mais importante fator de impulso do desenvolvimento científico, possibilitando graus de aproximação da verdade cada vez maiores.

A concepção de universidade adotada pelos teóricos do pensamento totalitário contrapõe-se frontalmente à largueza de espírito característica da universidade pluralista e democrática. Com sua visão exclusivista do mundo, os totalitários não

conseguem entender a universidade senão como agência formadora de quadros para o ativismo político. Nela devem ser produzidas as idéias-força que, valorizadas pelo "status" científico, facilitarão a unificação das consciências, objetivo básico do Estado totalitário.

O grande equívoco do sectarismo ideológico reside justamente na incapacidade de admitir sequer a possibilidade de posicionamentos intelectuais independentes de esquematizações rígidas de pensamento: ou se é completamente a favor de uma posição ou se é completamente contra. Não háxonado de pontos de vista, para o diálogo espaço para o estudo sereno e desapai-

criador, para o exame realmente crítico das situações. Não há lugar, acima de tudo para a tolerância, virtude fundamental das sociedades abertas.

Como fonte geradora do saber, a universidade é o último lugar onde deve prevalecer uma só forma de pensamento. Em todo mundo livre a universidade tem sido o grande baluarte na defesa da liberdade contra o sectarismo dos espíritos dogmáticos. Extinguir a liberdade acadêmica equivale a destruir a derradeira cidadela de resistência ao fanatismo totalitário; o sustentáculo enfim de todas as demais formas de liberdade, inclusive a liberdade política.

O regime democrático, tal como a universidade, deve estruturar-se a partir da aberta manifestação das correntes de opinião. O sentido da evolução do processo político depende, assim, do livre jogo dessas correntes, vale dizer, da sua capacidade para angariar adeptos através de procedimentos persuasórios (e não de atos de força) com vistas a influenciar os centros políticos de decisão. Uma posição ideológica que se pretenda irrefutável por presumir-se a única verdadeira levará fatalmente à exclusão das demais e, por conseguinte à destruição do regime democrático representativo.

Com o objetivo de congregar as várias correntes de pensamento democrático existentes no meio estudantil, nossa proposta é de um programa bem amplo e equilibrado, que leve em consideração as necessidades do estudante quer enquanto inserido no meio universitário, quer enquanto inserido no contexto mais amplo da sociedade. Entendemos que os estudantes precisam possuir, além de um projeto de reestruturação da sociedade como um todo, um projeto objetivo de reformulação da universidade e das condições de ensino. A luta em prol de transformação social, política e econômica, obrigação de todo cidadão consciente e responsável, não deve desviar-nos dos gravíssimos problemas de nossa vida acadêmica.

UMA REFORMA DO ENSINO CONSTRUÍDA DENTRO DA UNIVERSIDADE POR ESTUDANTES E PROFESSORES.

A reforma da universidade brasileira. Acreditamos ter chegado a hora de promover uma substancial reforma em nossa universidade. A última delas, de 1969, em grande parte fruto de pressões efetuadas pelo movimento estudantil, não escapou contudo ao oficialismo endêmico que afeta o Estado brasileiro: elaborada por comissões e grupos de trabalho reunidos em gabinetes fechados, não logrou traduzir os anseios fundamentais da comunidade universitária, tanto do seu corpo docente como principalmente do alumnado.

ENSINO PÚBLICO E GRATUITO EM TODOS OS NÍVEIS

Nesse sentido, uma das metas básicas do nosso programa de ação está

NOSSA PROPOSTA DE ATUAÇÃO NO AMBITO UNIVERSITÁRIO



em patrocinar, em nível nacional, amplo debate nas principais instituições de ensino superior do país, com o objetivo de colher sugestões e subsídios para a reestruturação da universidade brasileira. Pretendemos discutir não apenas o aspecto de reorganização administrativa ou relativos às condições gerais de ensino, mas sobretudo a razão de ser da universidade, suas metas fundamentais no contexto da realidade brasileira de hoje, em suma, a filosofia do ensino superior no Brasil. Deve estar a universidade centrada tão somente na formação da mão-de-obra necessária ao processo de modernização da sociedade brasileira, ou antes lhe incumbe, pelo exercício sistemático da crítica, orientar o próprio sentido desse processo? Que importa mais, formar o profissional ou aprimorar as qualidades do espírito? São questões que não podem ficar sem resposta.

A democratização da universidade. Além da realização desse amplo debate, propomo-nos a intensificar nossas lutas pela democratização da universidade brasileira que, não obstante a política massificadora posta em prática nos últimos anos, continua fortemente discriminatória. Expliquemos. Na perspectiva das metas sociais do Estado moderno, ocupa lugar privilegiado a democratização das necessidades, em grande parte pela extensão dos serviços educacionais a todos os segmentos sociais. Ora, em

ASSISTÊNCIA MÉDICA GRATUITA PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA, MORARIA ESTUDANTIL, RESTAURANTES COM PREÇOS SUBSIDIADOS.

geral apenas os estratos mais privilegiados da nossa sociedade vêm usufruindo das vantagens do ensino público e gratuito. Sem recursos econômicos para estudarem em boas escolas ou cursinhos preparatórios, e, impedidos precocemente ao mercado de trabalho, os estudantes menos afortunados quando muito conseguem frequentar — e pagar — cursos mantidos pela rede particular de ensino, que detém 37% das vagas existentes ao nível de 3.º grau. E isto após a jornada normal de trabalho, circunstância que dificulta o processo de assimilação intelectual. Bem poucos universitários possuem hoje condições materiais para frequentar cursos de tempo integral, exatamente os que propiciam as melhores condições de vida.

MELHORES CONDIÇÕES DO ESTÁGIO UNIVERSITÁRIO: DIREITOS TRABALHISTAS E FIXAÇÃO DE UM PISO SALARIAL MÍNIMO.

Por isso, é questão elementar de justiça social estender aos estudantes

PELA ADEQUAÇÃO CURRICULAR

mais carentes benefícios como moradia universitária, bolsa para despesas de manutenção pessoal, além de ensino gratuito. Recursos haverá, desde que a política educacional passe a ter o lugar que merece no conjunto das prioridades nacionais. Afinal, não faltam gigantescas verbas para projetos faraônicos de discutibilíssima prioridade, implementados sem o menor respeito à opinião pública. Aliás, a crônica indiferença das autoridades brasileiras pela educação é que deve deitar-se o estado lamentável das nossas universidades. Continua intenso o êxodo de professores em busca de ocupações mais rentáveis no mercado de trabalho. Percebendo salários pouco condizentes com a dignidade de seus misteres, é compreensível que dificilmente se sintam motivados a buscar o constante e necessário aperfeiçoamento profissional. Enquanto

O ESPORTE COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA.

isso, decai assustadoramente o nível de ensino e pesquisa nas escolas superiores do país.

A ampliação da participação estudantil na universidade. Outro aspecto importantíssimo do nosso programa diz respeito à necessidade de se ampliar significativamente a representação estudantil nos órgãos diretivos das universidades. Não estamos postulando o direito de nomear ou demitir professores, nem de elaborar planos de ensino. Reivindicamos, isto sim, o direito de sermos ouvidos e de influirmos de modo mais efetivo nas decisões que afetam a vida acadêmica. Afinal, a razão de ser da universidade não é outra senão o próprio estudante.



PELO FIM DO EXAME IDEOLÓGICO NA UNIVERSIDADE

Nossa proposta de atuação política

Todas as nossas propostas de atuação política podem ser sintetizadas numa única bandeira: revigorar a participação política da sociedade, de modo a conferir às decisões do poder a sua necessária legitimidade representativa.

Repudiamos a fórmula totalitária, que aspira ao consenso absoluto em matéria de representatividade, como se fora possível enfiar todas as opiniões e preferências numa vontade única. Apenas no contexto das formas abertas e pluralistas de organização política, onde o poder se mantém permeável à participação popular, é possível encontrar legitimidade representativa.

Deste princípio básico decorrem posições acerca de diversos temas doutrinários ou conjunturais, que passaremos a analisar.

Sobre a Constituinte. Apesar da abolição do antigo Ato Institucional n.º 5 e da adoção de outras medidas de liberalização política como a anistia, a estrutura jurídico-políti-

ca do país, sob o império do arbítrio, permanece até hoje intocada. A chamada "abertura" não se desenvolve sob a égide de formas institucionais estáveis e o exercício dos direitos políticos continua extremamente restrito. Acreditamos que não será através de "remendos" jurídicos que chegaremos à normalização da vida política brasileira, embora estes possam ter alguma validade como expediente de transição.

A construção da ordem democrática requer um acordo consensual em torno das instituições jurídicas e políticas fundamentais, uma espécie de pacto entre as forças politicamente atuantes. Não se trata de consenso quanto ao mérito das decisões do poder democrático, que sempre haverá de provocar decepções e controvérsias, mas sim quanto à institucionalização de organizações e procedimentos através dos quais serão essas decisões adotadas. Ora, o caminho universalmente consagrado para a obtenção desse con-

senso acerca das regras e objetivos básicos da vida política é a Assembleia Nacional Constituinte. Livre, soberana e democrática. Veja-se o recente exemplo espanhol.

Sobre o Estado de Direito. Democracia pressupõe Estado de Direito, isto é, a contenção do arbítrio pessoal da autoridade pública nos limites da ordem jurídica. A féda do Estado de Direito se nutre do pressuposto básico de que o governo de leis é preferível ao governo de homens. Não há Estado de Direito nas situações em que as leis, ao invés de limitarem o arbítrio do poder, ampliam-lhe o alcance em detrimento das liberdades públicas.

Ainda perduram no horizonte jurídico do país instrumentos jurídicos, descaracterizadores do Estado de Direito, como a Lei de Segurança Nacional. Alguns de seus artigos, como o 16 e o 34, configuram vagas e imprecisamente os delitos a que se referem, ensejando com isso

apreciações extremamente subjetivas dos aplicadores da lei, circunstância que entreabre espaços para a manifestação do arbítrio.

A vigência do Estado de Direito pressupõe a independência soberana do Poder Judiciário, ao qual, entre outras atribuições, compete controlar a constitucionalidade das leis e dos atos do Executivo.

Sobre as relações entre democracia e sistema econômico. A realização da justiça social depende não só do grau de intervenção do Estado no domínio econômico, mas também, do funcionamento efetivo da democracia política, situação em que o poder se encontra efetivamente em disputa no contexto político-partidário. Acreditamos que a dimensão política da democracia deve ser o caminho imprescindível para se chegar à sua dimensão econômica, desde que se queira preservar a democracia na sua

(Continua na pág. 4)

Estudante não é minoria, é maioria

inteireza. Afinal, foi através da participação política e das franquias democráticas que as classes trabalhadoras conseguiram ver atendidas suas reivindicações nos países industrializados.

Não excluímos a priori a possibilidade de que regimes totalitários ou autoritários inclinem-se para uma política de marcadas preocupações sociais. De qualquer modo, porém, a sociedade estará desarmada para exigir o cumprimento dos seus direitos econômico-sociais, uma vez que se mantêm fechados os instrumentos de participação, fiscalização e controle do poder, típico da democracia política. E convenhamos que ficar na dependência das boas intenções dos donos do poder não representa garantia

consistente de realização da justiça social.

A democracia política constitui, portanto, algo definitivamente valioso em si mesmo, conquista irretorquível da civilização, dentro de cujos parâmetros deve realizar-se, por meio da ação de partidos e organizações sindicais o passo à democracia econômica, onde não ocorra a exploração da força de trabalho. Trata-se, portanto de impedir pela ação destes grupos, a concentração da riqueza em detrimento da universalização do bem-estar social. Em consequência, onde as forças de trabalho tiverem limitada sua capacidade de atuar politicamente, serão reduzidas as possibilidades de materialização da democracia econômica.

A concentração excessiva do poder é, em síntese, o grande inimigo da democracia. Esta requer necessariamente, a pluralização do poder com um setor público forte, o bastante para enfrentar os abusos do poder econômico privado.

SOBRE O MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO

Os sindicatos brasileiros sempre padeceram da excessiva presença do Estado, entendidos como instituições oficiais. Durante os anos subsequentes ao golpe de 1964 as classes trabalhadoras viram-se impedidas de atuar politicamente, e, por isso, não puderam evitar que sobre elas recaísse a maior parte dos custos sociais da estratégia concentradora posta em prática pelos corifeus do desenvolvimentismo brasileiro. A atual movimentação grevista representa consequência lógica do autoritarismo reinante no País durante os últimos 15 anos. Aferrado a uma concepção elitista de desenvolvimento econômico, voltada prioritariamente para a realização de uma política de potência, o Governo tornou-se insensível às demandas sociais.

Urge pois redimensionar o pacto social atual pela ativa (e não passiva) incorporação dos trabalhadores no sistema de forças politicamente atuantes no Brasil. Para tanto, dois vícios quase históricos têm de ser evitados. O primeiro, de pretender resolver o problema das greves através de ameaças ou de inúteis decretos de ilegalidade, no velho estilo de nossa tradição jurisdicista; o segundo, de querer granjear a lealdade das classes assalariadas na base de favores paternalisticamente concedidos, procedimento típico da tradição patrimonialista do Estado brasileiro.

Não teremos estabilidade política enquanto as instituições forem incapazes de dar soluções adequadas aos conflitos sociais e, em consequência, as partes descontentes procurarem realizar seus objetivos fora dos limites constitucionais vigentes. Isto é, à revelia do sistema e em oposição a ele. Na medida em que certas forças so-

ciais com maior poder econômico lutarem em reconhecer o espaço político dos trabalhadores, acabarão por fomentar a desigualdade social.

SOBRE A CLASSE POLÍTICA BRASILEIRA

Contribui decisivamente para a hipertrofia do Poder Executivo no Brasil a presença de uma classe política não modernizada, que não consegue, também, por falta de qualificação técnica, estabelecer um controle adequado sobre o gigantismo estatal. Muito mais preocupados com a própria sobrevivência política, garantida quase sempre através de práticas clientelísticas, a maior parte da classe política brasileira tem renunciado a desempenhar funções de intermediação entre o setor técnico-burocrático do Estado e os anseios populares.

Se pretendemos que o País retome a sua tradição de democracia representativa, impõe-se a revitalização, a renovação e a modernização da classe política, de modo a que lhe sejam removidos não só os interesses oligárquicos remanescentes, mas seus vícios históricos de representação, como a demagogia, a subserviência, o oportunismo e o carreirismo.

CONCLUSÃO

A luta contra o avanço autoritário do Estado, empreendida por inúmeros setores da sociedade civil, vem impedindo o seu esfacelamento e a sua atrofia política. Em parte devido à crise econômica gerada por graves erros do regime, mas sobretudo pelo firme avanço das forças democráticas, viram-se os donos do poder forçados a descaracterizar gradativamente os mecanismos de arbítrio.

Fortemente aferrada ao reduzido espaço político aberto pelo poder, a sociedade civil tem avançado inabalável em suas demandas democratizantes. Tanto que os dois últimos anos se caracterizaram pela rearticulação de diversos setores sociais. O prosseguimento desta luta exige das forças democráticas o avanço firme e contínuo na busca da liberdade e da participação.

A MAIORIA quer:

- Anistia ampla geral e irrestrita
- Eleições livres e diretas em todos os níveis;
- Defesa da soberania nacional: contra a exploração dos recursos naturais por agentes estrangeiros - a Amazônia é nossa;
- Preservação do folclore e da cultura popular;
- Dar terra a quem nela trabalha;
- Defesa do índio e preservação dos seus valores culturais.
- Democracia pluralista como fim.

E por tudo isso: VOTE MAIORIA

COMPONENTES DA CHAPA MAIORIA

Presidência: — Marcos Martins Paulino — USP-SP

Vice-Nacional: — Ciro Ferreira Gomes — UFC-CE

Secretaria Geral: — Edgar Pinheiro — UGF-RJ

Tesouraria: — Pedro Vasconcelos — UFMA-MA

Vice-Sul: — João Vilanova Galhardo — FACAU-RS

Vice-Sudeste: — Jair Bispo Evangelista — UFJF-MG

Vice-Nordeste: — Gutemberg Natal B. Tinoco — UFRN-RN

Vice-Centro Oeste: — Petronio Braz — CEUB-DF

Vice-Norte: — Raul Chucair do Couto — FCAP-PA

Secretarias

Humanas: — Lédio Rosa de Andrade — UFSC-SC

Exatas: — Ivaldino Xavier da Silva — FUMS-MS

Biológicas: — Marcos Vitor Pereira de Carvalho — CCS-PI

Diretorias

Imprensa: — Aldo Medeiros — UCPR-PR

Esportes: — Claudionor Araujo — CESMAC-AL

*Cultural: — Tania Nascimento de Moraes — UFMA-MA

PT 1036-126

PT 1036-126

101

ANEXO Nº 03



PROPAGANDA DA CHAPA UNIDADE

Confidencial

PT 1035.125

"Unidade"

A chapa "Unidade", embora tenha sido lançada e seu programa divulgado há mais de três meses, foi a que enfrentou mais as dificuldades na sua composição final. Na reunião do Coneg, realizada no último fim de semana, enquanto as outras chapas já estavam inscritas, a chapa "Unidade" não tinha conseguido definir seu candidato a presidente, aliás, o ponto de discordância entre seus membros, Paulo Massoca, estudante de Engenharia da USP, foi quem lançou a chapa e, conseqüentemente, a sua candidatura à presidência. No entanto, o estudante da PUC do Rio, José Alberto, lançou a sua candidatura pela Unidade 2. As tendências que defendem o programa da chapa realizaram, então, uma das maiores "negociações" conhecidas pelo movimento estudantil e, na composição final confirmou-se o nome de Massoca a presidente e de José Alberto a vice-presidente nacional.

Um dos comitês de apoio à chapa "Unidade" funciona no Centro Acadêmico de Ciências Sociais da PUC/SP. Durante toda a semana, Paulo Massoca e os demais candidatos não foram encontrados. Por esta razão, não foi possível levantar os nomes de todos os membros da chapa, como também os coordenadores do Comitê não tinham a lista final para apresentar à imprensa.

Segundo um membro do Comitê de apoio à chapa "Unidade", o programa a ser defendido tem como eixo central a luta dos estudantes dentro da universidade, pelos seus próprios interesses, nas questões relacionadas ao ensino público, e gratuito; por melhores condições de ensino; e por mais verbas para a educação. A chapa defende também a unidade dos setores populares na luta contra a ditadura militar e, para tanto, considera primordial a transformação do MDB num partido popular.

Segundo a chapa "Unidade", ao contrário de outras tendências, iniciar um processo para a discussão de um projeto alternativo de universidade "é fazer frente à luta dos estudantes por melhores condições de ensino".

A tarefa de principal interesse é levar os membros do Comitê de Apoio à chapa "Unidade" a discutir, com a unidade dos estudantes, professores e funcionários das universidades e a toda a sociedade brasileira, através de amplos debates."

"Propomos — disse um membro do Comitê — uma participação maior na vida universitária, com a unidade dos estudantes, professores e funcionários para que possamos questionar tudo que ocorre no ensino e assim conseguir enxergar melhor para onde deve caminhar a universidade."

A chapa unidade considera que a realização de um projeto alternativo de universidade deverá passar por toda a situação social e política que vive o País, onde — segundo afirmaram membros do Comitê — as bandeiras democráticas unificam os estudantes e o conjunto de interesses de vários setores sociais contra a ditadura".

A chapa considera que a luta pelas liberdades democráticas só será possível com a unidade dos setores populares e entende ser o MDB o partido que poderá conduzir as lutas desses setores. Ao defender esse ponto de vista, a chapa critica a reformulação partidária, como "uma tentativa da ditadura militar de dividir a oposição brasileira", e se coloca radicalmente contra a extinção do MDB.

Segundo membros do Comitê de Apoio à chapa "Unidade", a forma mais correta de expulsar os "adesistas" do MDB é o próprio direcionamento das lutas populares e democráticas, nas quais eles não estarão engajados. Ainda segundo os mesmos estudantes — que formam o Comitê de Apoio — o Partido dos Trabalhadores, que vem sendo proposto pelo líder sindical Luis Inácio da Silva, "Lula", não deve ser considerado, no momento, porque o partido que deve ser colocado para os trabalhadores é um partido de ideologia" — disseram.

Todos os candidatos da chapa "Unidade" — segundo os membros do Comitê — são filiados ao MDB e desenvolvem um trabalho de filiação ao partido.

Universitário prega unidade

"Precisamos construir a UNE juntos, precisamos construir a unidade de todas as forças de oposição brasileiras, interessadas na democracia" — assim o estudante Luis Paulo Lucas, presidente do Centro Acadêmico de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, resume o principal objetivo da chapa Unidade, que disputa a eleição para a diretoria da União Nacional dos Estudantes.

Em Londrina, Luis Paulo está entrando em contato com os estudantes, e já verificou que a Comissão Pró DCE-Livre apóia outra chapa. Mas "o importante na eleição é travar um debate mais amplo possível com o maior número de estudantes, para que assim, apesar de eventuais divergências, possa se construir a Unidade por objetivos que são comuns a todos: uma Universidade adequada às necessidades da nação brasileira, e uma ordem política que garanta a todas as correntes de pensamento, e a todos os segmentos sociais, a livre organização e a defesa de suas propostas para o futuro".

"Democracia nasce de debate amplo — diz o estudante — e por isso gostaríamos de conversar com todos na reunião convocada pela Comissão Pró DCE-Livre, que irá debater, com as cinco chapas que disputam a diretoria da UNE, seus programas e idéias". A reunião será na Igreja Sagrados Corações, às 20 horas de amanhã.

POR QUE UNIDADE?

Para Luis Paulo, nunca foi tão importante a unidade: "No momento em que a oposição democrática conquistou a anistia — que ainda não é a que queremos — e espaços políticos para sua atuação, ameaçando cada vez o monopólio de poder, o regime contra-ataca prometendo espantelhos de liberdade e pseudodemocracia, com base ainda em leis casuísticas como a reformulação partidária de cima para baixo, uma nova CLT sem consulta aos trabalhadores, etc. Quem tem pouca memória, poderá pensar que já estamos numa democracia, e que cada tendência pode agora disputar o poder. No entanto — continua — temos hoje que nos unir, justamente para que no futuro o poder possa ser disputado democraticamente. O regime não colocou o poder em jogo com suas medidas recentes de abertura. No campo institucional, dentro

da legalidade do regime, dividir o MDB, por exemplo, é perder oportunidade de chegar o regime através de suas próprias eleições, que, até a existência de uma Assembléia Constituinte, continuarão tendo um caráter plebiscitário".

Uma das principais diferenças entre a chapa Unidade e as outras quatro que disputam a UNE, é justamente a questão de manter ainda uma frente democrática, incluindo o MDB. Luis Paulo acredita que "quem pensa de outro maneira, decerto está sinceramente interessado na democracia, mas poderá favorecer o regime. Afinal, não nos interessa fazer "condenações morais" ao regime, mas atuar num movimento capaz de substituí-lo."

NA UNIVERSIDADE

Para o representante da Unidade, as questões nacionais são muito importantes. "mas a democracia precisa ser construída também dentro da Universidade. Hoje o Brasil tem um milhão e 300 mil universitários. Setenta por cento estão em escolas particulares. O ensino superior há muito deixou de ser um investimento da nação e do povo, para ser um investimento de cada um que deseja valorizar seu trabalho através de um diploma.

"Assim — continua — enquanto hoje não há problema de vagas na Universidade, há no mercado de trabalho problemas de aviltamento do salário e empregos pouco gratificantes profissionalmente. A aliança dos estudantes só pode ser com o povo, que precisa dos serviços dos futuros profissionais qualificados, por sua vez necessitados de bons empregos. A Universidade

preciso se voltar para os problemas da maioria da população, pois é na solução desses problemas que o universitário, depois de formado, encontrará sua razão de existir. Num regime democrático, onde o

povo exige seus direitos, não poderá nunca faltar incentivo à formação profissional e à frente de trabalho especializado capaz de contribuir para as soluções dos problemas do povo e da nação."

ps
e
in-
An-
eres
nho
sul-
de

...no Brasil, em Salvador, em 1964, quando se realizou o primeiro congresso democrático e representativo da UNE. Mandamos imprimir e aprovarmos uma carta de princípios que unificou todos os estudantes do Brasil em torno dos princípios democráticos e populares. De todos os estados e distritos, milhares de estudantes e professores instituídos em não reconhecer a legalidade da ditadura imposta. No exemplo dos D.A.s, C.A.s e D.C.E.s obrigaremos os que nos impuseram a Lei de Segurança Nacional a reconhecerem a UNE.

Não estivemos sós. Ao nosso lado esteve — e sempre estará — o povo brasileiro. Lá estiveram seus principais líderes. E em todo o Brasil o povo nos apoiou. Essa vitória, este direito democrático não nos foi dado de graça. Foi arrancado a duras penas às mãos da ditadura. Arrancado como o povo conquista todos os dias os seus direitos pisoteados.

Pois o povo já não está calado. Sua voz ecoa em cada casa, em cada rua. São os operários, os professores, os bancários e demais setores democráticos e populares que entram em greve e promovem grandes manifestações por melhores salários, pela anistia ampla, geral e irrestrita e por um futuro melhor.

O povo está nas ruas em luta por melhores dias. Nas fábricas, nas escolas, nos bairros, em toda parte cresce o clamor popular contra a miséria a que se viram obrigados milhões e milhões de brasileiros. E o grito mais vivo e mais profundo é um só: UNIDADE.

UNIDADE daqueles que não acreditam nas promessas da ditadura, que não conseguem enganar a mais ninguém; daqueles que estão no M.D.B. para fazê-lo gritar presente onde quer que o povo esteja lutando pela justiça social e pela liberdade; daqueles que lutam para libertar o povo brasileiro do jugo da miséria e do desespero. UNIDADE dos setores democráticos e populares contra a violência e as arbitrariedades do governo. Estudantes e todo o povo unidos numa frente antiditatorial que reúna os setores democráticos e populares e dê fim ao regime militar fascista. Estudantes unidos na UNE. UNIDADE NA UNE.

UNIDADE. Essa é a nossa proposta: unificar as lutas que travamos dia a dia nos nossos D.A.s, C.A.s e D.C.s, incorporando desta forma todas as experiências, tudo que existe de movimento vivo dos estudantes de cada estado, de cada escola.

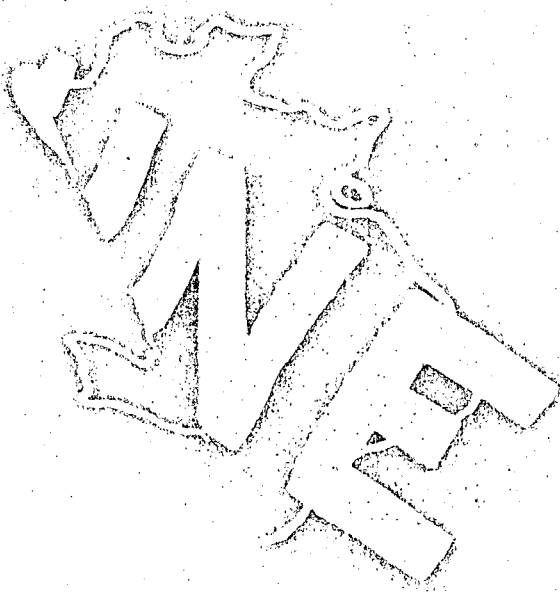
UNIDADE no encaminhamento das campanhas discutidas e aprovadas no Congresso em Salvador. Para barrar a implantação do ensino pago nas universidades públicas e para exigirmos mais verbas para a educação: pela reintegração dos professores cassados, e pela anistia ampla, geral e irrestrita; para impedir a entrega de nossas riquezas às grandes empresas nacionais e estrangeiras. UNIDADE pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, através de um governo que garanta as mais amplas liberdades democráticas.

E desta forma que a UNE está sendo reconstruída. Através da filiação de nossas entidades à entidade máxima, contribuindo materialmente para que a UNE seja um poderoso instrumento na defesa de nossos interesses. Para que efetivamente a UNE sejamos nós, nossa força e nossa voz.

Chegou a hora de dar mais um importante passo na reconstrução dessa UNIDADE. As eleições para a diretoria definitiva da UNE se aproxima. Conclamamos todos os colegas a participarem do processo eleitoral, debatendo nossos problemas cotidianos em cada escola, em cada sala de aula.

Nem um minuto a perder.
Todos a eleições diretas em 3 e 4 de outubro.

A UNE é unidade



LIBERDADE E LUTA SE APRESENTA

Fragmentos de texto manuscrito ou impresso, parcialmente legíveis, no canto superior esquerdo.

O TRABALHO — Liberdade e Luta, que hoje concorre às eleições da UNE, tem sido bastante criticada pela imprensa. Muitos jornais têm chamado vocês de radicais, inconsequentes, sectários, e até de "infiltrados" nas greves de trabalhadores. Mesmo o Lula tem afirmado isso. Porque?

JOSIMAR — Não é difícil entender porque a grande imprensa nos ataca tanto. Os grandes jornais são propriedade de empresas capitalistas, que tudo fazem para defender os interesses da classe dominante, para defender seus próprios privilégios. De nossa parte, temos sempre lutado no movimento estudantil pelas reivindicações dos estudantes, que vão frontalmente contra os interesses dos poderosos e de seus porta-vozes. Quando combatemos, de forma intransigente, a ditadura militar, quando nos colocamos ao lado do povo oprimido, isto certamente causa inquietude e furor na burguesia — e nisso se incluem os donos de jornais. Quanto ao Lula, de fato ele se recusa a discutir nossas posições, pelo menos nas entrevistas em que é perguntado a respeito. Em geral, ele se limita a repetir os clichês usados pela grande imprensa. Agora, porque ele tem feito coro aos jornais dos patrões, acho que é uma boa pergunta a fazer a ele...

OT — O resultado das eleições da UEE-São Paulo, em que vocês tiveram o quarto lugar, expressa a força real que Liberdade e Luta tem no movimento estudantil paulista?

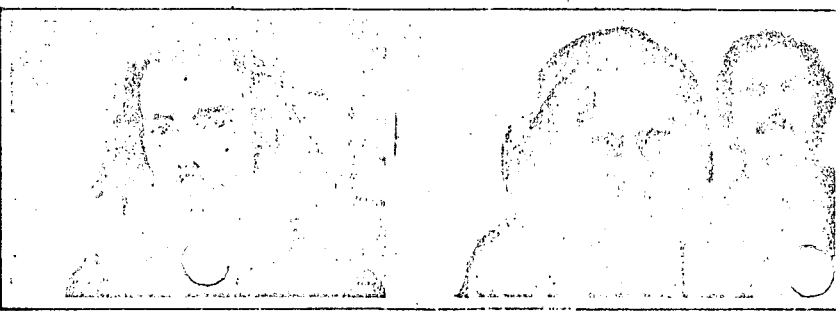
TABET — Não. Analisando os resultados das eleições, nós constatamos que cometemos um erro na orientação da campanha, quando centramos toda a nossa intervenção num número limitado de cidades e escolas isoladas (principalmente aquelas onde já tínhamos algum trabalho). O que vimos foi que nestes locais nossa votação foi excelente, e que nas cidades onde aparecemos agora o mesmo aconteceu. A conclusão é que existe grande receptividade às nossas propostas; por isso, para a UNE, nossa campanha será mais abrangente, e procuraremos ocupar todo o espaço que ainda está aberto, no Estado, para Liberdade e Luta.

OT — Que papel jogou Liberdade e Luta no processo de reconstrução da UNE?

JOSIMAR — Nós estivemos presentes, e com grande destaque, nas lutas que nos últimos anos levaram o movimento estudantil à reconstrução da UNE. Desde os Encontros Nacionais, que iniciaram a organização dos estudantes num nível mais amplo, até as primeiras grandes passeatas, em 77, que abriram um novo momento na luta estudantil. Aliás, algumas dessas passeatas em São Paulo foram decididas em Assembleias em que defendíamos esta proposta contra todas as grandes tendências do Movimento Estudantil. Uma situação semelhante ocorreu no IV Encontro Nacional, onde defendemos a aprovação, contra estas tendências, de uma proposta que foi uma das maiores vitórias do Movimento Estudantil: a realização do Congresso de Reconstrução da UNE no início deste ano.

OT — Nas eleições da UNE, várias chapas são compostas por coligações de duas ou mais tendências. Liberdade e Luta vai sair sozinha. Por que?

TABET — Antes da abertura do processo eleitoral nós discutimos com outras tendências sobre a possibilidade de haver composições. Mas estas discussões não trouxe-



Josimar Mello (candidato a presidente) e Marco Antonio Tabet (candidato a secretário), ambos da chapa Liberdade e Luta.

ram frutos, face às divergências que foram constatadas entre as várias propostas. Não havia concordância quanto à forma de levar as lutas, quanto à visão de independência do Movimento Estudantil, quanto à luta contra a ditadura e mesmo em relação à própria visão da entidade.

OT — Vamos por aí. Na luta contra a ditadura, qual é a divergência?

TABET — O problema aqui é de saber como encaminhar a luta contra a ditadura hoje, qual a questão central a ser levantada. As várias chapas se perdem na enumeração de dezenas de reivindicações democráticas — com as quais nós evidentemente concordamos — sem, no entanto, apontar para os estudantes qual o alvo preciso a ser atacado para de fato atingir em cheio o regime. Aliás, aqui entra outra das divergências que eu aponte acima; nós achamos que os estudantes estão cansados de ouvir todo mundo fazendo profissão de fé nos mais nobres ideais, mas sem nunca propor a organização de suas lutas. Por isso, quando levantamos a luta pelas liberdades democráticas, contra a ditadura, colo-

ramos a necessidade da UNE assumir prioritariamente o combate pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, que significa não só libertar os presos políticos mas também desbaratar o aparato repressivo e punir os responsáveis pelas prisões, torturas e mortes. Para que a luta-palmeira, será necessária que a UNE lance alvos concretos para realizar a mobilização em prol deles. É o que nós já temos feito, por exemplo com a Campanha pela Libertação dos Presos Políticos de Itamaracá, com o apoio à greve de fome realizada nos presídios, com a luta pela libertação dos sindicalistas presos durante as greves de Minas e Porto Alegre.

OT — E na questão da reformulação partidária que e ta sendo planejada pelo regime, como Liberdade e Luta se coloca?

JOSIMAR — O regime só pensa numa reforma partidária porque os trabalhadores e a juventude têm simplesmente ignorado a Arena e o MDB para levar suas lutas por melhores salários e melhores condições de vida. Somos contra esta reforma porque ela visa, antes

de mais nada, tentar impedir que os trabalhadores e a juventude construam organizações políticas independentes da burguesia ou fortaleçam as que já existem. Quer dizer: através desta reforma partidária, o regime tenta criar MDBs e Arenas adaptados a estes momentos de profunda ebulição nas lutas populares, pura e simplesmente. Pelo contrário, nós defendemos a imediata liberdade de organização partidária, para todos os partidos e organizações da classe operária.

Nossa resposta à reformulação partidária do Figueiredo é uma só: exigimos liberdade partidária total, sem restrições. Não achamos que seja o caso de se criar novos MDBs, novos "partidos de frente entre várias tendências" que se limitam a ocupar o pequeno espaço permitido pelo regime.

Achamos que é necessário ir além, arrancar da ditadura a liberdade de organização para que todas as correntes possam se articular e aparecer publicamente.

Por outro lado, discordamos radicalmente das chapas que, ao se comprometerem com a articulação deste ou daquele partido, comprometem a independência da UNE. Pois a UNE representa os estudantes independentemente da filiação ideológica de cada um e neste sentido, nem a entidade, nem sua diretoria (enquanto tal) podem estar vinculadas às articulações partidárias em curso. Não somos contra a filiação de diretores da UNE a qualquer partido; mas no momento que uma chapa procura se eleger defendendo a construção do PT, do Partido Popular, ou o reforço do MDB, está abrindo o caminho para em seguida "representar" a UNE nestes partidos, falando supostamente em nome dos estudantes.

OT — Para terminar, coloque a posição de vocês quanto à independência do movimento estudantil. Esta independência está sendo ameaçada?

J. — A UNE foi reconstruída a partir do movimento independente dos estudantes, num movimento que passou por fora, e contra, todas as instituições da ditadura militar. A UNE nasceu livre; mas em vários pontos do país os estudantes ainda não conseguiram romper todos os vínculos com o MEC e com as burocracias das escolas. Estes vínculos, a ditadura tentará manter a todo custo. Por isso é fundamental que a UNE esteja presente nestes locais impulsionando a luta pelo desatrelamento de DAS e DCEs que ainda não são livres. Igualmente, deve lutar para que os estudantes abandonem a participação no Órgãos Colegiados, pois estes organismos foram criados para executar, dentro das escolas, a política de ensino da ditadura, que é totalmente contrária aos nossos interesses; e não cabe aos estudantes participar da implantação de uma política que está voltada contra nós. Por isso discordamos de todas as outras chapas, que defendem a participação nestes órgãos (inclusive nas escolas onde os estudantes os abandonaram). Mais absurda ainda é a proposta da chapa Unidade: que a UNE participe, como membro efetivo, do Conselho Federal de Educação e do MEC. Isto significa integrar a UNE ao aparelho de Estado da ditadura, torná-la co-responsável pela política elaborada pelo regime, destruir a UNE enquanto entidade livre e independente.

As tendências e suas posições

Embora até o fechamento desta edição não houvessem sido distribuídas as plataformas das várias chapas, as posições centrais de todas elas foram apresentadas em vários debates; delas, retiramos as visões expostas aqui.

A UNE E OS PARTIDOS POLITICOS — Liberdade e Luta defende a autonomia da UNE frente a quaisquer partidos, e condena as chapas que fazem campanha defendendo as articulações existentes. Defende a liberdade partidária e a legalidade para as organizações operárias. Unidade prega a organização das massas dentro do MDB, "tirando deles os adesistas", e recuperando o partido criado pela ditadura. Mutirão propõe que a diretoria da UNE apóie a articulação do Partido Popular, algo como um MDB mais progressista. Nova-ção prefere o PT, que é articulado por "trabalhadores" como o Joaquim Andrade, agente da ditadura, interventor em sindicatos a partir de 64, dedo-duro respeitado pela polícia e pelos patrões. Maioria acha cedo para se pensar em novos partidos, operários ou não.

A UNE E A UNIVERSIDADE — Todas as chapas colocam uma série de reivindicações, e apenas duas dão destaque para uma questão que consideram central:

para Liberdade e Luta, trata-se de organizar o combate, em torno de uma campanha contra o pagamento de taxas nas escolas públicas, e contra o aumento de anuidades nas escolas particulares, a ser preparado a partir de outubro em todo o País; para Mutirão, trata-se de organizar o debate, com um Seminário Nacional que elabore um "projeto alternativo" de Universidade.

A UNE E A INDEPENDENCIA DO ME — Com excesso de maioria, todas as chapas afirmam concordar com a independência absoluta do Movimento Estudantil. Mas somente Liberdade e Luta coloca como tarefa da UNE a luta contra a participação nos órgãos colegiados. Todas as demais são unânimes em defender esta participação, recheando a proposta com projetos de "democratização" e "ampliação" destes organismos. Unidade vai até o fim com este raciocínio e propõe a participação dos estudantes não só nas filiais do MEC em cada escola, mas também diretamente na matriz; para esta chapa, a UNE deve estar no Conselho Federal de Educação elaborando, junto com o MEC, a política educacional do governo.

DCE-USP: seis chapas para as eleições

As eleições para o DCE-Livre da USP serão realizadas esta semana, dias 18 e 19 e seis chapas concorrerão para a diretoria da entidade, o primeiro DCE-Livre reconstruído após 1968. As seis chapas são as seguintes: Liberdade e Luta, atual diretoria, Sacode e Poeira, Novação, Todo Mundo no DCE, Manifestação e Política Independente.

Para Walter Venturini, da ECA, e José Luís Cerqueira Cesar (o Mixirica), da Poli, ambos candidatos pela chapa Liberdade e Luta, existe pelo menos um ponto comum a todas as chapas com exceção de LL: a perspectiva de "democratização" que traçam para a Universidade, da qual LL não compartilha:

"todas as outras chapas ou falam em participação nos atuais órgãos colegiados, ou apontam para sua democratização, como se com isso eles mudassem de caráter."

Walter define a plataforma de Liberdade e Luta para as eleições:

quando lutam por suas reivindicações. Os órgãos colegiados estão aí para garantir a aplicação da política da ditadura, e assim nada temos a fazer lá dentro. Para nossos combates necessitamos de nossa entidade independente, e não de favoreces da burocracia."

José Luis completa:

"Liberdade e Luta está concorrendo à reeleição porque, em um ano de gestão, sempre combatu pelos interesses dos estudantes e nunca compactuou com a ditadura e sua política. Tivemos falhas em nossa gestão, mas nossa linha de atuação foi sempre no sentido de fortalecer a entidade independente. Em muitas ocasiões ficamos sozinhos nesta luta, por que as demais tendências abandonaram o trabalho na entidade, realizando encaminhamentos paralelos, que só podem enfraquecer o DCE. Para essas eleições, reafirmamos a luta por melhores condições de ensino, contra o ensino pago, anistia ampla, geral e irrestrita. Propomos iniciar uma luta visando trazer de volta os professores e alunos punidos pela ditadura. E essas lutas apontam para um único inimigo: a ditadura. Desse combate não abrimos mão e é nesse sentido que vamos fortalecer o DCE-Livre, procurando ampliar nossa tendência, para que ela seja uma base para sustentação da entidade e para os combates dos estudantes.

SP: estudantes se organizam na luta contra o ensino pago

Nos dias 15 e 16 passados, foi realizado em Piracicaba (SP), o I Encontro Estadual de escolas pagas, com a presença de 150 estudantes e muitas entidades estudantis.

O principal objetivo deste encontro era o de discutir o encaminhamento da luta de todos os estudantes de São Paulo contra o mais recente ataque ao ensino público e gratuito: a cobrança de sobretaxas sobre anuidades que alcançam em algumas escolas 60%.

O encontro supriu seu objetivo. Foram aprovadas propostas que armarão os estudantes para enfrentar mais este ataque da ditadura. O encontro deliberou sobre a necessidade de realizar ainda este ano (a data deverá ser marcada pela diretoria da UEE no período entre 15 de outubro e 15 de novembro) um Congresso da UEE que possa organizar

os estudantes para o combate à sobretaxa e os aumentos das anuidades, que a ditadura e os capitalistas do ensino tentarão impor aos estudantes no começo do ano.

Ao mesmo tempo, foi aprovado pelo Encontro a necessidade da UEE e seu Congresso organizarem um boicote estadual à cobrança de sobretaxas, por ser esta a única arma eficaz de que dispõem os estudantes para barrar a cobrança destas sobretaxas.

A aprovação destas propostas, apresentadas por Liberdade e Luta, e a própria realização deste encontro foram uma vitória dos estudantes de São Paulo. Espera-se, agora, que a realização do Congresso e de todas outras propostas aprovadas seja encaminhada por todos os estudantes e tendências que atuam dentro da União Estadual dos Estudantes (UEE).

107

ANEXO Nº 04



PROPAGANDA DA CHAPA LIBERDADE E LUTA

Confidencial

PT 1035-125

"Liberdade e Luta"

Josimar Moreira Fako, estudante da FAP-USP, é o candidato à presidência da UNE sob a chapa "Liberdade e Luta". Embora esse seja o nome da chapa, o programa da "Liberdade e Luta" não se resume a isso. O programa é mais amplo e abrange a luta contra a ditadura militar e a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita. A "Liberdade e Luta" é considerada pouco representativa nos demais Estados, a "Libelu" começa a perder o destaque que conquistou no movimento estudantil de São Paulo. Atualmente controla o DCE da USP, mas poderá perdê-lo nas eleições que serão realizadas a partir de amanhã.

A inscrição da chapa "Liberdade e Luta" para concorrer às eleições da UNE -- é considerada pelos estudantes de outras tendências como uma demonstração de que "ainda existimos". Por suas posições, consideradas por alguns como avançadas e por outros como "maluquices", a "Libelu", desde a reorganização do movimento estudantil -- 76 e 77 -- conseguiu assumir um papel de "estrelismo" junto aos estudantes. No entanto, nas últimas eleições da UEE, realizadas há menos de um mês, o teste não foi dos melhores para a "Liberdade e Luta", pois das cinco chapas inscritas obteve um modesto quarto lugar. E o que se espera dela, também, nas eleições da UNE, afirmam estudantes de outras tendências.

O interesse demonstrado pelos adeptos à tendência "Liberdade e Luta" chega a ser tanto que, anteontem, na USP, nenhum estudante ligado ao DCE daquela universidade sabia informar quais eram os membros da chapa. -- além de Josimar, que é o candidato à presidente. O mais correto seria afirmar que, até o final da noite de anteontem, a chapa "Liberdade e Luta" não tinha escolhido os nomes dos candidatos que disputarão as eleições da UNE.

Segundo sua investigação anterior, durante toda a campanha o candidato é presidente do DCE, pelo "Liberdade e Luta" ou "Libelu". O programa da "Liberdade e Luta" não se resume a isso. O programa é mais amplo e abrange a luta contra a ditadura militar e a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita. A "Liberdade e Luta" é considerada pouco representativa nos demais Estados, a "Libelu" começa a perder o destaque que conquistou no movimento estudantil de São Paulo. Atualmente controla o DCE da USP, mas poderá perdê-lo nas eleições que serão realizadas a partir de amanhã.

O programa da "Libelu" se define em torno de um único eixo, que é a luta contra a ditadura militar, que deverá proporcionar o conjunto de lutas específicas que serão colocadas tanto para os trabalhadores como para os estudantes de todo País.

Como "combate central", a "Libelu" defende dois pontos: primeiro, a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, através das lutas pela punição dos torturadores e pela destruição do aparelho repressivo. Segundo a "Libelu", na universidade essa luta se materializa pela readmissão dos professores e estudantes cassados. Como segundo ponto de "combate", a "Libelu" defende o ensino público e gratuito, com a campanha pelo congelamento das anuidades e o boicote às taxas e sobretaxas nas universidades federais e aumento de anuidades nas escolas particulares.

Segundo a "Libelu", "na luta contra a ditadura militar e no incentivo à organização independente dos trabalhadores é que deve se colocar a UNE, enquanto organismo de unificação de lutas dos estudantes". Portanto, seus membros consideram que a UNE não deve definir se é melhor construir o PP, PT, o MDB, "ou seja lá o que for" -- conforme afirmam. Segundo eles, isso não define os combates que os estudantes estão levando de imediato, mas sim coloca barreiras no sentido da organização e união dos estudantes dentro de sua entidade máxima.

ANEXO Nº 05

Confidencial

PROPAGANDA DA CHAPA NOVAÇÃO



"Novação"

A chapa "Novação" nasceu da união de um conjunto de tendências e grupos independentes do movimento estudantil após o Congresso que reconstruiu a UNE, realizado em Salvador. Embora alguns jornais — de imprensa alternativa — que afirmam o programa de trabalho em caráter provisório, a criação do grupo como sendo "a participação dos socialistas nos eleições da UNE", os membros da coordenação da campanha salientam que a caracterização correta é de uma "corrente-socialista".

O programa da chapa tem como eixo principal o apoio à organização independente dos trabalhadores e dos estudantes e a disposição de combater a ditadura sob uma direção socialista, empenhada na constituição de um governo dos trabalhadores. Quanto ao ensino, a chapa defende o ensino público e gratuito estendido a todos e em todos os níveis; e mais verbas para a educação. Consideram importante ainda uma luta específica sobre o mercado de trabalho, já que — segundo os coordenadores — "os cursos que fazemos têm o sentido claro de servir às necessidades das empresas, e a situação do mercado de trabalho é uma contradição muito grande, pois quando saímos das universidades somos obrigados a fazer estágios mal remunerados".

A chapa "Novação" também considera importante a necessidade de uma reformulação da universidade. Para tanto, entende que o projeto deverá ser discutido entre estudantes, professores e funcionários.

Quanto à atuação política, a chapa "Novação" coloca como fim o desmantelamento da ditadura militar que, segundo os estudantes da coordenação — "vem procurando reagir contra o ascenso do movimento operário popular, através de dois projetos que buscam confundir o mo-

vemento, o da direita que beneficia indiretamente os torturadores; e a "rearticulação partidária".

Sobre a direita, a chapa entende que o programa do governo é uma conquista do movimento popular e da resistência. Entretanto, não se pode esquecer que os setores repressivos da direita mantêm o caráter de uma ditadura repressiva.

A chapa "Novação" é contra a extinção arbitrária do MDB, mas não vê o partido como uma frente política. No seu programa, defende o Partido dos Trabalhadores, a partir da própria classe operária, e considera o PT de "Luiz" como uma iniciativa válida. Para a chapa, o PT deverá ser uma frente política de caráter classista, com um programa voltado para os trabalhadores.

"Não acreditamos em setores da burguesia nacional aliados contra a quebra da ditadura — disseram os membros da Coordenação — mas sim no povo, no trabalhador, por isso, entendemos que não há condições de conciliar os interesses entre a burguesia e os trabalhadores".

Segundo a chapa "Novação", só um governo de trabalhadores poderá por fim à opressão e à miséria, e os estudantes têm a tarefa de lutar concretamente e trabalhar junto a todos os setores explorados e oprimidos, pela construção do Governo dos Trabalhadores.

Sobre a UNE, a chapa "Novação" acha que a entidade deve ser democrática, pois não é propriedade de nenhuma tendência política. Seu espaço deve ser ocupado por todos os estudantes.

O candidato a presidente da UNE, pela chapa "Novação", é o estudante Eduardo Albuquerque, "Duda", atual diretor do DCE da Universidade Federal de Minas Gerais. O candidato a secretário geral é o ex-diretor da UEE de São Paulo, Fernando Peregrino.



As cinco chapas foram inscritas há uma semana, em reunião em São Paulo.

119

NOVEMBRO

POR UMA UNIDADE DE COMBATE:



• Ensino
Público e
Gratuito

• Estágios e
Empregos
para Todos

• Democratizar
a Universidade

...Contra a Opressão e Exploração,
Solidariedade aos Trabalhadores.

**CARTA DE PRINCÍPIOS
DO CONGRESSO DE SALVADOR**

EMBARQUEMOS NO TEMPO... ESTUDANTES DÃO EXEMPLO: A LUTA UNE

E não aprendemos Hoje.

Aprendemos durante a ditadura de Vargas, quando foi preciso estar unidos pela nossa organização democrática e independente do Estado. Em 37, a UNE fundada era atrelada ao Ministério da Educação — enquanto os sindicatos foram atrelados ao Ministério do Trabalho. Mas os estudantes e os trabalhadores não desistiram de romper o cerco.

Ainda sob a ditadura de Vargas lançamos a campanha de alfabetização; pela entrada do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo e pela nacionalização dos nossos recursos minerais.

Sempre com os trabalhadores e o povo, terminada a guerra, ingressamos na luta pela derrubada da ditadura Varguista e nas campanhas pela Anistia.

Mas não paramos por aí.

A independência da UNE era uma conquista concreta, quando, em 64, fomos ao combate pela Reforma Universitária e pelas reformas de base. Mas veio o golpe militar de abril onde, para calar os trabalhadores e estudantes, a UNE foi jogada na ilegalidade e os sindicatos passaram ao comando dos interventores.

O que fizemos?

Resistimos, Rechaçamos a Lei Suplicy que

criou entidades fantochas, visando atrelar de novo o que na prática já era independente: nossa organização nacional. Lutamos ainda contra o acordo MEC-USAID, por mais verbas e contra a intervenção americana no Vietnã. Em 67, no XXVIIIº Congresso, fica a deliberação da necessidade da integração dos estudantes nas lutas dos trabalhadores.

A ditadura não podia aguentar.

Em 68, no Congresso de Ibiúna, representantes de estudantes de todo o Brasil são presos. Começa o período mais negro do regime dos patrões. Nossos líderes são presos, torturados e muitos assassinados.

Nossas organizações de base são desmanteladas. Entretanto, não abandonamos nossa luta.

1979 — MAIO — SALVADOR/BAHIA

Um marco importantê: 150.000 trabalhadores estão em greve no ABC:

Em Salvador, nos dias 30 e 31 de maio, reconstruindo a UNE, os estudantes percebem a importância desse momento e na carta de princípios da UNE, expressam claramente a necessidade de junto a esses trabalhadores, lutarmos contra a exploração e opressão.

UNIVERSIDADE: O SONHO ACABOU

Muita coisa mudou de 1968 até 1979.

A começar pela nossa situação enquanto estudantes brasileiros. Hoje, somos muito mais; há cerca de uma década éramos 200mil e agora já chegamos a 1.400mil.

Pudera. O que houve no país, em especial durante o channado "milagre econômico", foi o fortalecimento das grandes empresas, dos grandes negócios na economia do país. Não há armazéns e quitandas que possam concorrer com supermercados. Refuzidas drasticamente as chances de sobrevivência dos "pequenos negócios", a grande maioria dos filhos dos setores médios tem tido uma única alternativa: procurar uma formação universitária.

Espalhados por centenas de faculdades, pelas mais diversas regiões do país estão os universitários com pelo menos um objetivo comum: arrajar um local onde trabalhar depois de formados. Mesmo aquelas profissões - antes privilegiadas - como engenheiros, médicos ou advogados sofrem profundas restrições no mercado de trabalho. Aqueles que conseguem um emprego esbarram nos baixos salários e em condições de trabalho cada vez mais controladas pelos patrões.

COMO ANDA A UNIVERSIDADE?

Mas não só por aí a política da ditadura mostra seu fracasso. Pois se é pura verdade que o aumento do número de vagas não foi acompanhado da criação de empregos, ainda se levou adiante a política de redução dos gastos públicos com a educação do povo brasileiro (de 11% em 64, passamos a "merecer" uns 4,1% do orçamento anual em 79).

Diante da grande procura de vagas, da redução das verbas para a educação, o ensino superior passou a ser um excelente negócio

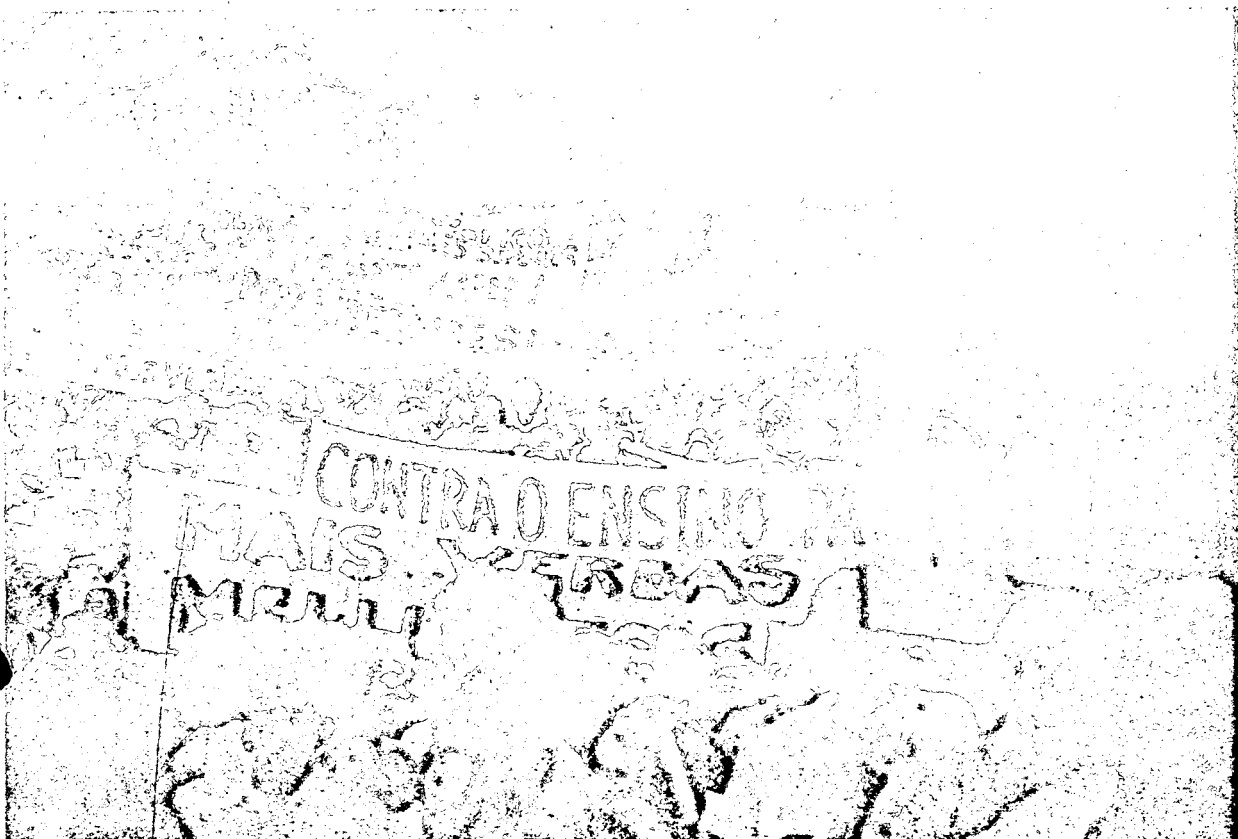
... mas para os donos das escolas. Arrocharam-se as escolas públicas, proliferaram as escolas particulares.

Veio então a Reforma Universitária de 68 para ajustar esta política deliberada de incentivar a privatização do ensino. Aumentou a elitização do ingresso na Universidade, selecionando os candidatos pela sua capacidade de pagar um bom curso secundário e as exorbitantes anuidades das escolas superiores. Nos gabinetes do MEC e do CFE se constróem cursos que produzirão meros técnicos a serviço dos patrões e dos interesses empresariais. Assim, se a maioria da população vê-se completamente impossibilitada de ingressar na Universidade, desta também não recebe nenhuma contribuição significativa para a resolução dos seus gritantes problemas.

Como sequer o ruído das lutas chegasse aos ouvidos daqueles que há muito vêm gerindo uma política educacional — visivelmente contrária aos interesses da maioria da população brasileira e da comunidade universitária — vem a ditadura com a sua proposta para a Universidade:

TRANSFORMAR AS ESCOLAS PUBLICAS EM AUTARQUIAS ESPECIAIS.

Na verdade, por trás da demagogia do ministro Portela, o governo se prepara para dar continuidade à aplicação da sua Reforma Universitária: aumentando a desobrigação do Estado com o ensino, na medida em que transforma as escolas públicas em instituições de direito privado, pois agora passarão a ser financiadas ou por empresas interessadas em seus cursos ou pelos próprios estudantes; integrando os currículos aos interesses empresariais, subordinando ainda mais nossa formação às necessidades do lucro; mantendo o excessivo autoritarismo nas escolas na medida em que incorporou os decretos repressivos (477, 228...) nos regimentos internos



Mas se a resposta da ditadura à crise, às nossas reivindicações, é tapar os ouvidos e tecer o trem adiante, a reconstrução da UNE já nos deixa em situação bem melhor para enfrentá-la. Acreditamos que a UNE tem um papel fundamental para somar a força dos estudantes brasileiros, dirigindo-nos a uma saída da crise da formação universitária.

E assim, diante da deliberada política de restrição de gastos públicos com a educação, diante da transformação das Universidades em verdadeiros super-mercados de informação, propomos as lutas:

- CONTRA A TRANSFORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS EM AUTARQUIAS ESPECIAIS
- CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DO ENSINO
- PELO IMEDIATO CONGELAMENTO DAS ANUIDADES E COMPLEMENTAÇÃO DO ORÇAMENTO DAS ESCOLAS COM VERBAS PÚBLICAS
- PELO FIM DAS TAXAS ESCOLARES
- PELO FIM DO CREDITO EDUCATIVO E NÃO PAGAMENTO DAS DIVIDAS
- POR BOLSAS DE ESTUDO NÃO REEMBOLSAVEIS AOS ESTUDANTES CARENTES
- PELA RECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE PARA A EDUCAÇÃO SEGUNDO AS NECESSIDADES DA MAIORIA DA POPULAÇÃO
- PELA FEDERALIZAÇÃO DAS ESCOLAS PARTICULARES
- PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO PARA TODOS, EM TODOS OS NÍVEIS

Diante da crescente degradação das condições materiais de ensino pesquisa e assistência, somos:

- POR RESIDÊNCIA E RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO GRATUITO
- PELO CONGELAMENTO DOS PREÇOS DOS RESTAURANTES UNIVERSITÁRIOS
- POR CRECHES GRATUITAS PARA OS FILHOS DE ESTUDANTES, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS
- POR PASSES ESCOLARES
- POR ESTÁGIOS REMUNERADOS
- POR MONITORIAS EM TODAS AS DISCIPLINAS
- POR MAIS E MELHORES BIBLIOTECAS E LABORATÓRIOS
- POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO

Diante da crescente submissão dos cursos e currículos aos interesses empresariais, defendemos:

- CURRÍCULOS E PROGRAMAS DE PESQUISAS VOLTADOS AS NECESSIDADES DA MAIORIA DA POPULAÇÃO
- PELA ABERTURA DOS PROGRAMAS DE PESQUISA A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES.
- PELO FIM DA PRESENÇA OBRIGATORIA AS AULAS
- POR METODOS DEMOCRÁTICOS DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO

Diante do fantasma do desemprego, que hoje é um dos mais graves problemas levantados pela crise do ensino superior, a UNE deve atuar junto às Associações profissionais e sindicais pela:

- GARANTIA DE ESTÁGIOS E EMPREGOS PARA TODOS
- PELA REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO SEM REDUÇÃO DOS SALÁRIOS
- FIXAÇÃO DE UM PISO SALARIAL CONDIZENTE COM AS NECESSIDADES DE CADA TRABALHADOR
- FIM DA DISCRIMINAÇÃO SALARIAL E EMPREGATÍCIA SOBRE AS MULHERES

Para nós, trata-se de participar, enquanto estudantes, do processo de transformação da sociedade, junto com os trabalhadores e buscar, na Universidade, lutar pelo seu controle democrático direcionando-a para o atendimento dos interesses da maioria da população que é quem a sustenta em última instância. Em resumo: lutar hoje pela melhoria das condições de ensino, assumindo que a crise universitária só será superada com

a transformação geral da sociedade; Lutar pelo controle da Universidade pela comunidade universitária organizada democraticamente. Entendemos que assim ela poderá servir aos trabalhadores e responder às necessidades e problemas cotidianos dos estudantes.

Construindo a democracia dentro da Universidade através das Assembleias Universitárias, às quais devem se subordinar às comissões paritárias, os estudantes ampliarão as garantias para suas sucessivas conquistas na melhoria das condições de ensino melhores currículos, o controle na distribuição das verbas. A UNE deve unificar os estudantes na luta:

- PELO FIM DO ATESTADO IDEOLÓGICO
- PELA READMISSÃO IMEDIATA E SEM RESTRIÇÕES DE TODOS OS PROFESSORES, ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS PUNIDOS PELOS ATOS E LEIS DE EXCESSÃO
- PELA DISSOLUÇÃO DAS AGÊNCIAS DE SEGURANÇA NO INTERIOR DAS ESCOLAS
- PELO FIM DOS REGIMENTOS INTERNOS REPRESENTATIVOS
- PELA DEMOCRATIZAÇÃO DOS ÓRGÃOS COLEGIADOS
- POR ELEIÇÕES DIRETAS PARA TODOS OS CARGOS DE DIREÇÃO
- PELA CRIAÇÃO DE ASSEMBLEIAS POR CURSOS E GERAIS DA UNIVERSIDADE COMO INSTÂNCIAS SUPREMAS DE DECISÃO
- PELO CONTROLE DA UNIVERSIDADE POR COMISSÕES PARITÁRIAS LIVREMENTE ELEITAS E SUBORDINADAS AS DECISÕES DAS ASSEMBLEIAS
- POR UMA UNIVERSIDADE A SERVIÇO DOS TRABALHADORES DA CIDADE E DO CAMPO

se não de lutas populares, mas para se unificar, um maior vigor no enfrentamento com a ditadura militar.

Assim, nos propomos a apoiar decididamente o movimento pelo Partido dos Trabalhadores. Isto não significa que a UNE seja uma agência deste movimento. Como uma entidade de massa, apartidária, muitas tendências políticas atuarão em seu interior.

Mas nós, apoiando a construção do PT, incentivamos a participação dos estudantes nesta importante iniciativa dos trabalhadores.

- todo apoio a construção do partido dos trabalhadores.

Além de apoiarmos decididamente as lutas dos trabalhadores, entendemos que o conjunto destas lutas só adquire um sentido coerente se desde hoje apontarem para a construção de um tempo-novo, onde a miséria e a repressão não sejam mais que cicatrizes na História. Um tempo onde sejam satisfeitas todas as necessidades da população trabalhadora, onde sejam resolvidos todos os problemas de alimentação, educação, transporte, saúde, habitação.

Um tempo onde quem decida os rumos do país não sejam os donos de bancos, os proprietários das terras, os empresários. Mas sim aqueles que com seu suor têm até hoje enriquecido uns poucos. Um tempo onde os destinos da produção, da economia, estejam nas mãos dos que hoje forjam o aço e lavram a terra: que organizados desde seus locais de trabalho, moradia, estudo construam seu governo próprio. Esse tempo é o da democracia real, do *socialismo*. Assim, junto à exigência do fim da ditadura militar, devemos bater-nos:

Como o XXXIº Congresso da UNE reconheceu, nós sabemos que a situação de miséria e opressão a que estão submetidos milhões de brasileiros não é particularidade de nosso país. O mundo inteiro não tem pátria. Os grandes avanços tecnológicos de nada têm adiantado: a vida humana continua sendo consumida para que a minoria mantenha seus privilégios. A destruição dos recursos naturais nos ameaça de uma hecatombe ecológica. Por isto lutamos:

— PELA APLICAÇÃO DAS CONQUISTAS TECNOLÓGICAS EM FAVOR DA MAIORIA DA HUMANIDADE

— PELA UTILIZAÇÃO RACIONAL, SOB CONTROLE POPULAR, DOS RECURSOS NATURAIS DE TODA A TERRA

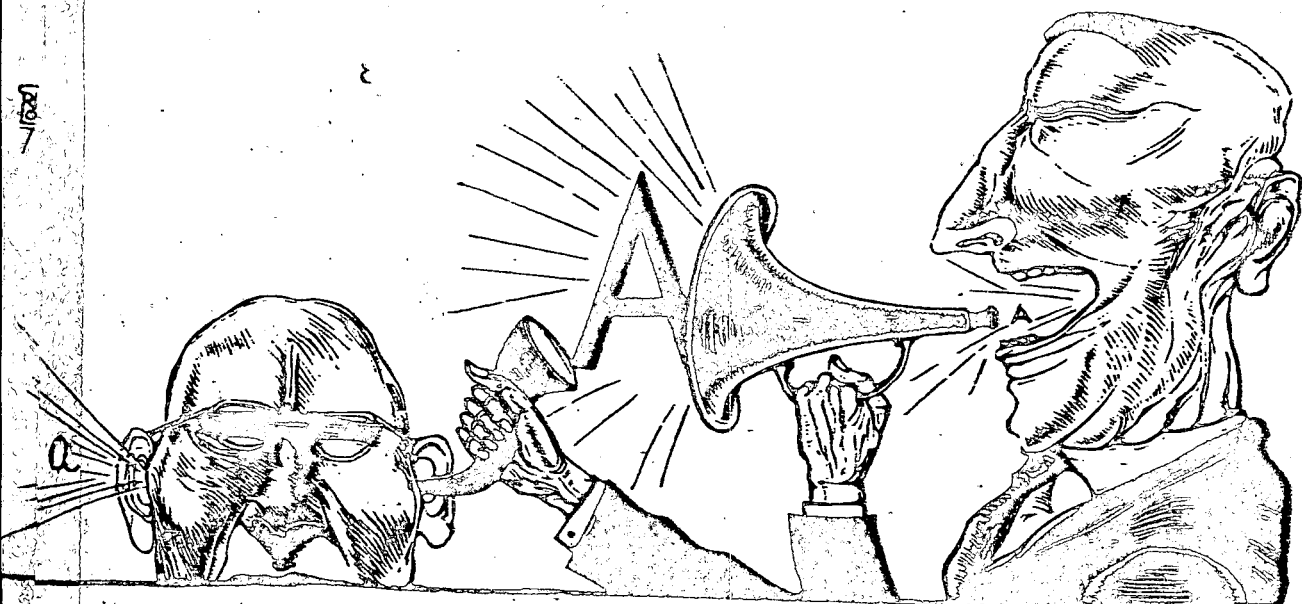
Diante da luta que há muito trava a minoria exploradora e a maioria explorada e oprimida em todo o mundo, somos:

— PELA SOLIDARIEDADE AO POVOS DA AMÉRICA LATINA NA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO

— PELO REATAMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS DO BRASIL COM CUBA, ALBÂNIA E DEMAIS PAÍSES NÃO CAPITALISTAS

— PELO ROMPIMENTO DE RELAÇÕES COM OS PAÍSES DITATORIAIS E RACISTAS (ÁFRICA DO SUL, RODÉSIA, CHILE, etc...)

— SOLIDÁRIOS A LUTA DOS TRABALHADORES E ESTUDANTES DE TODO O MUNDO



hll

PT 1036-126

CULTURA, LUTAS E ORGANIZAÇÃO

A Universidade Federal de Minas Gerais tem se preocupado e responde, no âmbito da cultura e do trabalho artístico. Entretanto, a sua política cultural e os órgãos responsáveis não criaram condições para a realização de projetos de cultura e arte.

A UNE deve dar seu total apoio e estimular os grupos de mulheres, que nas escolas começam a se organizar na defesa de suas reivindicações específicas e na luta contra o preconceito que as mulheres capitalistas e machistas impõem às mulheres:

— CONTRA O PROJETO DE EMANCIPAÇÃO DO INDÍGENA; PELA PRESERVAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA!

— APOIO AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES!

— INCENTIVO À ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS DE MULHERES NAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES!

Diante dos conflitos do cotidiano, vão nascendo, em diversas escolas, formas de relacionamento entre turmas, que questionam

A UNE deve dar seu total apoio e estimular os grupos de mulheres, que nas escolas começam a se organizar na defesa de suas reivindicações específicas e na luta contra o preconceito que as mulheres capitalistas e machistas impõem às mulheres:

— CONTRA O PROJETO DE EMANCIPAÇÃO DO INDÍGENA; PELA PRESERVAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA!

A UNE deve dar seu total apoio e estimular os grupos de mulheres, que nas escolas começam a se organizar na defesa de suas reivindicações específicas e na luta contra o preconceito que as mulheres capitalistas e machistas impõem às mulheres:

— APOIO AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES!

— INCENTIVO À ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS DE MULHERES NAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES!

Diante dos conflitos do cotidiano, vão nascendo, em diversas escolas, formas de relacionamento entre turmas, que questionam

A DEMOCRACIA NA UNE E SUA ESTRUTURAÇÃO

O esvaziamento das entidades é um dos maiores problemas do mov. estudantil hoje. Práticas que não permitem a participação da maioria nas discussões e deliberação, acabam em muitos casos por reduzir as entidades à suas próprias diretorias. Não compactuamos com isso.

A democracia necessária é aquela exercida todo o tempo pelo conjunto dos estudantes. É aquela que permite a expressão livre de todas as correntes de opinião, que fortalece os organismos representativos de trabalho e decisão do movimento.

Assim, reconhecemos no estatuto retirado no XXXIº Congresso, as bases de uma UNE democraticamente organizada: 1º — Congresso de delegados; 2º Conselho Nacional de Entidades de Base; 3º — Conselho Nacional de Entidades Gerais; 4º — Diretoria. Defendemos, também, a independência política da UNE frente ao Estado e a todos os organismos a ele submetidos. Assim somos:

PELA PRÁTICA DA DEMOCRACIA DIRETA NO INTERIOR DA UNE!

Os departamentos da UNE — Imprensa, Esportes e Lazer, Cultura — as Secretarias por área, estrutura permanente da UNE, devem incentivar a participação direta dos estudantes e entidades no interior da UNE, por estados, regiões, escolas.

DEPARTAMENTO DE FINANÇAS: A UNE não existe somente nas grandes lutas. Sua estrutura inclusive financeira deve permitir que a entidade se faça presente a cada instante na vida dos estudantes. Cada estudante deve se preocupar em construir financeiramente sua entidade. Devemos organizar grandes campanhas financeiras para a UNE, com shows, venda de cartazes, plásticos, livros, etc. Enfim, uma entidade forte e independente também se constrói no compromisso financeiro que os estudantes com ela mantêm. A organização do Departamento de Finanças da UNE passa, também, por recuperarmos todos os bens que nos foram roubados pela Ditadura Militar.

É PRECISO CONSTRUIR FINANCEIRAMENTE A UNE!

DEPARTAMENTO DE ESPORTE E LAZER

Seus objetivos são: ampliar e conquistar áreas de lazer e esportes, tanto em cada escola como nacionalmente; realizar atividades esportivas que unam cada vez mais os estudantes brasileiros: acampamentos nacionais, Olimpíadas Universitárias, luta por áreas de esportes e por centros de vivência nos campus universitários.

DEPARTAMENTO CULTURAL:

Se os CPCs da UNE contribuíram ao incentivar e aglutinar a produção cultural universitária, tendo inclusive uma certa expressão social, modificações se fazem necessárias ao resgatá-la hoje. Precisamos de uma nova ação cultural. Ação que não envolva apenas o incentivo à produção artística, mas desenvolva uma visão cultural transformadora. Desta forma, além das promoções, do fortalecimento dos grupos artísticos universitários, a realização de debates, que busquem — ao lado dos

setores artísticos não universitários — firmar uma perspectiva crítica por onde desenvolver a cultura e as artes entre nós, acompanhando nossa preocupação com a transformação social, é fundamental.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA

O debate e comunicação entre os estudantes é fundamental. Uma entidade nacional exige que se construam instrumentos de centralização política das lutas e campanhas nacionalmente. As tarefas centrais deste departamento, a nosso ver, seriam a elaboração do Jornal, Boletim e revista da UNE. Estes não devem ser simplesmente instrumentos de sua diretoria, e sim veículos que expressem as preocupações e inquietações dos estudantes, instrumentos vivos e combativos, onde as diversas opiniões se manifestem, coordenados pela diretoria.

SECRETARIAS POR ÁREAS

É através das secretarias por áreas que um número maior de estudantes poderá discutir e propor modificações significativas em nosso ensino. Estas deverão incentivar e coordenar os encontros por área, formando sub-secretarias da UNE por cursos.

Os Encontros por área assumiram um papel muito importante na reorganização do movimento estudantil, na reconstrução das entidades. Propiciaram trocas de experiências e foram um dos poucos paços de unificação nacional dos estudantes em anos anteriores. E agora com a UNE reconstruída, a que servem estes encontros?

São fundamentais para a organização das lutas particulares dos estudantes enquanto setor, para o avanço da discussão dos currículos, de seu conteúdo.

Os cursos de medicina e enfermagem, por exemplo, praticamente não discutem as doenças do povo brasileiro; a medicina preventiva, os acidentes de trabalho, os danos da poluição, a situação sanitária, passam fora da formação universitária.

Nos cursos de Engenharia e Arquitetura, saneamento e habitação popular, planejamento urbano, nem se pensa em discutir nos currículos.

Nos cursos de Humanas, os currículos não tem nada a ver com a realidade, pois passam uma visão unilateral e, principalmente, mantêm uma orientação teoricista, sem nenhuma vinculação prática com os movimentos dos oprimidos.

Precisar qual orientação deverá nortear a estruturação de cada curso, concretizar para cada área as modificações necessárias, serão as grandes contribuições que os encontros por área poderão dar ao processo de construção de um projeto alternativo à atual situação universitária.

Por outro lado, os encontros por área são polos importantes para o estreitamento das nossas relações com as Associações Profissionais e entidades de classe na discussão da situação do mercado de trabalho.

Dessa forma, defendemos a realização dos encontros nacionais por cursos, organizados pela sub-secretarias da UNE, em comissões executivas formadas pelas entidades de base.

116

PLANO DE AÇÃO: UMA UNE DE COMBATE DOS ESTUDANTES

NOVAÇÃO propõe que a UNE seja uma entidade de combate dos estudantes, organize as suas lutas tendo claro as prioridades e as capacidades do nosso movimento.

Que a primeira gestão da UNE reconstruída encaminhe 7 campanhas principais:

NA UNIVERSIDADE

1) Campanha contra o ensino pago, contra o projeto de autarquia especial, por mais verbas públicas para a educação.

Todo início de ano acontece a mesma coisa: as unidades são aumentadas, o preço da alimentação sobe, novas taxas aparecem, as universidades assinam novos convênios com empresas e as verbas... caem.

Para o início de 80, NOVAÇÃO propõe que em todo o país lutemos: pelo congelamento das unidades nas escolas particulares, pelo congelamento dos preços dos bandejões, pelo fim das taxas e sobretaxas, contra a transformação das universidades em autarquias especiais. Uma verdadeira campanha que unifique todos os estudantes brasileiros na luta por mais verbas públicas para a educação.

Para organizar essa luta, propomos:

— **UM PLEBISCITO NACIONAL SOBRE ENSINO PÚBLICO**, organizado ainda este semestre;

— **UM SIMPOSIO** (que deve reunir, no mínimo, o Conselho de Entidades de Base da UNE), no final do ano, para unificar o planejamento da campanha. Neste encontro, é fundamental a participação de outros setores interessados na luta pelo ensino público e gratuito (Associações Docentes, Associações de Barros, etc).

— que seja organizado, a partir de cada escola, um **COMISSÃO NACIONAL** sobre a situação do ensino nas universidades do país.

— que neste processo, se discuta a recomposição dos índices da educação segundo os interesses da maioria da população.

2) Campanha pela democratização da universidade

Hoje, os estatutos e os regimentos internos das universidades estão em discussão. Dentro em pouco, o MEC «baixará normas» que «regulamente» o assunto. A UNE, ao lado das Associações Docentes e de Servidores deve organizar discussões de toda a Comunidade Universitária sobre o tema, formulando uma proposta-base de estatuto e de regimento interno a ser encaminhada em todas as universidades.

3) Congresso Universitário

A partir destas duas Campanhas, NOVAÇÃO propõe que se organize, no final do primeiro semestre de 1980, um **Congresso Universitário**, que partindo do balanço delas, avance na formulação de um projeto de universidade que se vincule à transformação da sociedade.

Além de todo o acúmulo de experiências do movimento estudantil, os professores muito poderão contribuir, já que também eles hoje discutem em seus Encontros Nacionais propostas alternativas de Universidade. Devemos ainda convocar todos os intelectuais que têm estudado o tema educação, e,

também os representantes dos trabalhadores (sindicatos, oposições sindicais, etc) para prestarem depoimentos sobre a sua visão de uma formação profissional que lhes sirva.

NA SOCIEDADE

1) Campanha pela Anistia ampla, geral e irrestrita

A UNE deve estar ao lado dos CBAs no encaminhamento de todas as suas propostas.

A UNE deve trazer para dentro da universidade as lutas pela Anistia. Daí a importância da conquista da reintegração imediata e sem restrições de todos professores, funcionários, estudantes «punidos» pelo regime. Da luta pela expulsão dos quadros da universidade de todos os envolvidos com torturas, pelo fim dos atestados ideológicos.

Até o final do semestre, a UNE deverá publicar um «Livro Negro», que seja um balanço dos efeitos da repressão sobre a vida universitária.

Com a situação insustentável das condições salariais, os trabalhadores de todo país lutam por seus direitos (em greves). E a resposta do regime apesar da meia anistia é a prisão de sindicalistas e trabalhadores. A UNE deve encaminhar uma campanha pela libertação imediata de todos os sindicalistas e trabalhadores presos nas greves, chamando os estudantes a comparecerem nas manifestações, convocadas pelos sindicatos e CBAs.

2) Campanha em defesa da Amazônia e do meio ambiente

A luta em defesa da Amazônia se organiza e avança em todo o país. A UNE deve se colocar ao lado destes movimentos, pela defesa do meio ambiente contra a devastação capitalista da Amazônia, pela preservação dos recursos naturais.

3) Campanha de apoio às lutas dos trabalhadores

Repudia mo's toda e qualquer repressão governamental ou patronal sobre movimentos reivindicatórios. Para apoiar concretamente essas lutas, a UNE deve se comprometer com a organização de fundos de greve.

Cabe à UNE: estimular e incentivar a discussão do Partido dos Trabalhadores nas universidades, organizando os estudantes para contribuir inclusive na discussão de seu programa, desenvolvendo, especialmente, propostas para a universidade e o ensino neste programa.

4) Campanha de consolidação da UNE

Nesta campanha, a, deveremos completar o processo, já iniciado pela diretoria provisória da UNE, de filiação das entidades de base à nossa entidade máxima. É a UNE deve se filiar a União Internacional de Estudantes, participando de seus congressos. Além disso, já é tempo de exigir de volta todos os bens que a ditadura roubou dos estudantes nestes anos. O patrimônio da UNE, sua sede, seus documentos, devem ser devolvidos aos estudantes brasileiros.

E a UNE deve exigir o livre acesso aos meios de comunicação, possuindo horários nas rádios e televisões.

Salvador, 30 e 31 de maio/79 XXXI.º CONGRESSO DA UNE

E SURGE A NOVAÇÃO PARA A UNE

No XXXI.º Congresso cerca de 3 mil delegados estudantes contribuíram para a UNE: Carta de Princípios, estatutos, nova diretoria provisória e um programa tratando dos problemas atualmente mais sentidos por todos nós. Agora, diante destas bases firmadas, voltamos nossos olhos para a necessidade de continuar avançando em sua implementação.

Na Carta de Princípios, nosso maior referencial político, contrário às propostas que visavam não colocar claramente nosso repúdio a toda forma de opressão e exploração, venceu a proposta da solidariedade irrestrita à luta dos trabalhadores do mundo inteiro. Demonstra nos nossa disposição em tornarmo-nos uma força social em luta ao lado dos explorados.

Batemo-nos pela proposta, que, majoritária, reconheceu este Congresso como de reconstrução da UNE, retirando sua diretoria provisória, constituída por Entidades Centrais. A maioria optou por uma entidade democraticamente estruturada, onde todos podem influir em seus rumos, somando assim a força de todos os estudantes brasileiros.

Nossa corrente aparece pela primeira vez no Congresso de Salvador. Foi a partir, fundamentalmente, destas posições que constatamos a existência de uma maior identificação política entre diversos estudantes e tendências que se aglutinavam na perspectiva de garantir estas vitórias.

A necessidade de levar adiante as deliberações do Congresso coloca-nos a exigência de

uma Novação: única para o movimento estudantil brasileiro, através da Carta de Princípios, que nos dá a perspectiva dos trabalhadores. Única forma de, sendo consequentes na conquista de nossas exigências, faremos avançar firmemente o nosso movimento.

Desta maneira é que devemos nos aglutinar e ampliar discussões. Conquistar uma unidade. Que unidade? Não aquela que esconde divergências e barganha princípios. Não pretendemos apresentar unidades camufladas e falsas. Nesta corrente, felizmente, nem todos pensam a mesma coisa todo o tempo. Diferenças existem: não temos, por exemplo, a mesma visão sobre a questão da Assembléia Constituinte. Isto importa, mas não é o suficiente para ferir nossa unidade no fundamental. O fundamental é nossa unidade em torno daquilo que hoje caracteriza a unidade dos estudantes brasileiros:

- * AÇÃO INDEPENDENTE, SUBORDINADA UNICAMENTE A TODOS OS ESTUDANTES,
- * ENSINO PÚBLICO E GRATUITO ESTENDIDO A TODOS E EM TODOS OS NÍVEIS,
- * A LUTA CONTRA TODA A FORMA DE OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO, E A SOLIDARIEDADE IRRESTRITA AOS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO.

VIVA O XXXI.º CONGRESSO DA UNE!

CHAPA NOVAÇÃO

- PRESIDENTE:** Eduardo Albuquerque (DUDA)-Diretor do DCE-UFMG
- VICE-PRESIDENTE:** José Augusto (GUTO)—UFRJ — Ciências Sociais
- SECRETÁRIO GERAL:** Fernando Peregrino—Ex-DIRETOR UEE/SP
- VICE-PRESIDENTE/NORTE:** Sydney Dourado (SIDOCA) — UFPA
- VICE-PRESIDENTE/NORDESTE:** Jarbas Jr.—Pres. D. A. Saúde—UFPE
- VICE-PRESIDENTE/CENTRO-OESTE:** Alcione — UNB — Medicina
- VICE-PRESIDENTE/SUDESTE:** Zé Afonso — UFMG — Medicina
- VICE-PRESIDENTE/SUL:** Luiz Carlos (MANCHA)—Ex. Pres. UMESC
- DIRETOR DE FINANÇAS:** Ivan — GAMA FILHO/RJ — História
- SECRETARIA DE C. EX/ATAS:** Marcos Bernardino — USP — Geologia
- SECRETARIA DE HUMANAS:** Maslowa — UFBA — Ciências Sociais
- SECRETARIA DE BIOMÉDICAS:** Sabinho — UFJF/MG — Medicina
- DIRETOR DE IMPRENSA:** Luiz Alberto (BETO)—Diretor DCE-URGS
- DIRETOR DE ESPORTE E LAZER:** Maneco—PUC/RGS — Jornalismo
- DIRETOR DE CULTURA:** Renato — Economia — Ex. Pres. DCE-PUC/MG

Apoiam a Chapa NOVAÇÃO na UNE:

TRAVESSIA-PE; COMBATE-PA; CENTELHA/PARTICIPAÇÃO-MG; PONTO DE PARTIDA/ORGANIZANDO—RJ; NOVO RUMO/RESISTÊNCIA-SP; PONTEIO/NOVO RUMO — RGS e mais companheiros de:

PARÁ, BRASÍLIA, PARAÍBA, ALAGOAS, ST. CATARINA e PARANÁ.

— TODOS ÀS URNAS; 3/4 OUTUBRO A UNE É A NOSSA VOZ



ENCAMINHAMENTO nº 158/79 - ASI/FUEL

DATA: 11.12.79

ASSUNTO: 4º ENCONTRO ESTADUAL DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DO PARANÁ.
 ORIGEM: ASI/FUEL----

REFERÊNCIA: Infe nº 099/79 - ASI/FUEL de 29.11.79

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

ANEXOS: Cópia xerox de recorte de jornal----

DIFUSÃO: ACT/SMI - DSI/SSP/PR -

1.

Este OI encaminha para análise, cópia xerox de notícia vinculada a realização do 4º ENCONTRO ESTADUAL DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DO PARANÁ, a qual foi inserida no Jornal Folha de Londrina, edição de 09.12.79, página 31.

1.1

O artigo em referência trás uma síntese dos pronunciamentos que foram debatidos no encontro acima referido, segue anexo reportagem inserida no Jornal Estado do Paraná de 09.12.79.

O desinstituído é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12, Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1867
 DATA: 13/12/79

R. Lopez

1. Greeting.

2. McGuire 12.

Sdr. 13.12.79

GA

PASTA FUEL.

Problemas preocupam a Igreja

APUCARANA (Da Sucursal de Londrina) - Pela primeira vez no interior do Estado, a Comissão Paranaense de Justiça e Paz reuniu-se recentemente em Apucarana para discutir assuntos da maior importância.

"O Papel do Leigo" segundo Puebla. "Realidade Sócio-Econômica Brasileira e Paranaense", "A Igreja e as Alternativas ao Modelo Econômico" e "O Direito e a Justiça Social: Perspectivas de Justiça e Paz" foram alguns dos temas abordados logo após a abertura do encontro, que ficou a cargo do presidente da Comissão Regional, Wagner Rocha D'Angelis.

Explicando que o objetivo da Comissão Estadual de Justiça e Paz ao promover esta reunião em Apucarana é justamente o de interiorizar os trabalhos, Wagner D'Angelis esclareceu ainda as premissas e a atuação deste organismo da Igreja.

Segundo ele, a Comissão de Justiça e Paz pode atuar ocasionalmente e por solicitação, como o fez no caso de Itaipu e na Greve dos Trabalhadores na Construção Civil em Curitiba, além de efetuar trabalhos constantes de pesquisa e levantamento de problemas sociais.

Após estas explicações, foi a vez do Bispo de Londrina, D. Luiz Colussi, dar continuidade aos trabalhos prestando esclarecimentos e respeito das razões que levaram a Igreja a se preocupar com problemas de natureza social.

"A preocupação - disse ele - sempre existiu, com oscilações de época para época. O Concílio Vaticano II deixou claro que a Igreja tem uma visão de mundo a propor aos homens, entregue por Cristo.

E, a visão de mundo, segundo o Evangelho, é a de um lugar habitado por homens e feito por eles. É ignorância pedir que a Igreja se limite à Sacrestia, pois o próprio Cristo entregou à ela a tarefa de ser solidária a todos os homens".

SOMOS CRISTÃOS

Abordando o tema "O Papel da Igreja segundo Puebla", o professor Oleg Zetola, integrante da Comissão Estadual de Justiça e Paz, explicou que a missão cristã não pertence apenas ao Clero, mas a todos os cristãos.

"Dessa maneira - argumentou Zetola - é preciso que fiquem bem claros nossos objetivos. Durante a greve dos Trabalhadores na Construção Civil de Curitiba fomos acusados de estar defendendo os trabalhadores ao lado de prováveis subversivos e comunistas. Na realidade estávamos caminhando paralelamente e não de mãos dadas, por isto num determinado ponto do percurso sempre nos dividimos: minha missão é evangelizadora, não político-ideológica. Nos preocupamos com a ilegalidade da fome e nosso objetivo é salvificar, já que não ansiamos ao poder".

Concluindo a exposição de Zetola, D. Jaime Luiz Coelho - Bispo de Maringá - ressaltou a opção da Igreja pelos pobres, sem que no entanto isto implique numa condenação aos ricos.

"Assim - disse ele - não se condena a condição mas a situação de riqueza".

A seguir o professor Lafaiete Santos Neves traçou um quadro da Economia Brasileira, baseado em dados de 1960 a 1976, fornecidos pelo IBGE.

Segundo ele, é desonestidade dizer que os salários são a principal causa da inflação, pois antes de mais nada é preciso intervir no sistema financeiro para resolver os problemas da economia brasileira.

"E para isto - disse ele - é preciso mexer na estrutura oligopolica das multinacionais. O Modelo Econômico Brasileiro produz bens de consumo de preço elevado e é feito para atender 20 por cento da população, por isto é preciso forçar a industrialização Reversiva e

desestimular as multinacionais na Indústria e Agricultura.

O álcool, por exemplo, só minimizará os nossos problemas a longo prazo pois teremos que modificar toda nossa tecnologia para adaptá-lo. Não adianta implantar em nosso país modelos de países desenvolvidos e a solução, como já explicou Severo Gomes, é fortalecer o mercado interno mas, por outro lado, as multinacionais não querem mexer no perfil econômico do país e o que está acontecendo é justamente o que Roberto Simonsen previu em 1946 ou seja: a partir do momento em que as corporações entrarem no Brasil, elas começarão a adquirir força política".

Após um rápido debate que se sucedeu a estes esclarecimentos o Bispo de Apucarana - D. Romeu Alberti - comentou as Alternativas ao Modelo Econômico Brasileiro contidas no último documento publicado pela CNBB.

Este documento, segundo d. Romeu Alberti, nasceu de uma necessidade da Presidência da Comissão Episcopal da Pastoral da CNBB em participar de toda a vida brasileira e intenciona despertar a consciência do povo brasileiro para que perceba suas exigências sociais mais graves.

BÓIA-FRIA

Finalizando a reunião, uma palestra proferida pelo advogado Walmor Giavarina tratou de assuntos intimamente ligados à realidade sócio econômica brasileira e paranaense: o bóia-fria.

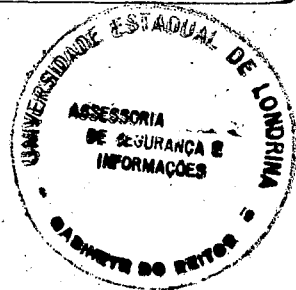
Salientando que, por que a refeição minguada é a ausência de trabalho por semanas, a Jo. Walmor Giavarina enumerou uma série de problemas que atingem este contingente de trabalhadores.

"A velhice - disse ele - leva estes homens e mulheres a mendicância, enquanto os casais que trabalham durante o dia todo são obrigados a abandonar os filhos à delinquência e a prostituição.

Há um prognóstico sombrio com relação a este problema, mas também há pistas que podem nos levar a solução. Uma delas é a proposta de sindicalização com direito à Previdência.

E preciso mover a ação governamental em favor do homem do campo, pois se em 1870 para cada 10 milhões de brasileiros existiam 3 milhões de escravos, hoje há 6 milhões atrelados a um outro tipo de escravidão: homens de barriga vazia, esqueléticos e sem teto, porém, com uma ilusão de liberdade".

Ressaltando o trabalho pioneiro que um órgão da Igreja, o Centro de Promoção Humana São Benedito, pretende desenvolver em Apucarana, Walmor Giavarina explicou que há uma proposta deste Centro em adquirir, através de financiamento da COAPAR, cerca de 7 alqueires de terra onde serão construídas 30 moradias para abrigar famílias de trabalhadores do campo. A medida em que estas famílias estruturarem-se economicamente cederão lugar a outras, que por sua vez irão produzir e recuperar sua esperança no trabalho.

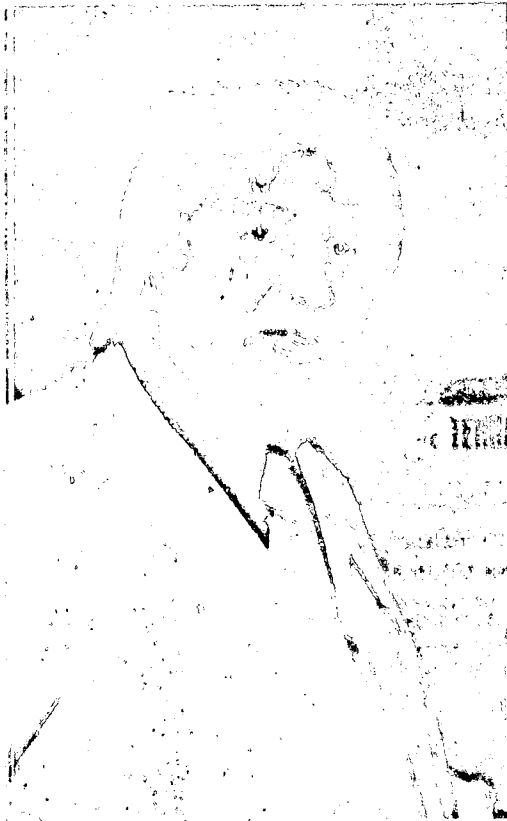


JORNAL: EST. DO PARANÁ

DATA : 09/12/60



“Dos seis milhões de bóias-frias do Brasil, um milhão está no Paraná. Eles vivem em tal condição subumana que não têm direito a ficar doente, pois trabalham 12 horas por dia, sendo que recebem, por família, mil e quinhentos cruzeiros por mês”. As informações foram prestadas pelo advogado Valmor Giavarina, ao falar sobre “O Direito da Justiça Social”, durante o IV Encontro Estadual da Comissão de Justiça e Paz, realizado em Apucarana e do qual participaram, entre outros, os advogados Eduardo Rocha Virmond, Wagner D’Angelis e Newton Stadler de Souza. Valmor Giavarina utilizou-se de dados estatísticos para mostrar como se alimenta o bóia-fria. Pela manhã, 25 por cento deste um milhão de pessoas toma somente café com pão, sendo que 60 por cento apenas café. No almoço, 61 por cento se alimenta de arroz e feijão, 6 por cento somente de arroz e 20 por cento consegue somar verduras ao “cardápio”. No jantar, a situação é quase a mesma, sendo que apenas 8 por cento pode tomar sopa, “mesmo que seja de pedra”, segundo Giavarina. “Os problemas maiores desta categoria social são a ausência de trabalho, as doenças, e a velhice, que leva à mendicância. Os filhos destas pessoas entram-se no abandono, partindo para a delinquência ou a prostituição”. Para Valmor Giavarina, “a situação do bóia-fria é de escravidão com ilusão de liberdade”. Para ele, o projeto pioneiro de padre Valter Pegover, de criar vilas rurais para acomodar o bóia-fria, para que possa produzir alimentação para seu próprio consumo, com direito a sindicalização e previdência, seria a solução mais viável para a situação.



Monsenhor Arnaldo participou do encontro de justiça e paz.

Encontro da justiça e paz em Apucarana

Na última semana foi realizado em Apucarana, o quarto Encontro de Justiça e Paz, que contou com a presença de 50 participantes, vindos de quase todas as 14 dioceses do Paraná.

O encontro foi coordenado e promovido pela Comissão Pontifícia de Justiça e Paz, com sede em Curitiba. Estiveram presentes, quatro bispos da região, D. Romeu Alberti, de Apucarana, D. Domingos Wisniewski, de Cornélio Procopio e Assessor da Comissão de Justiça e Paz; D. Jaime Luiz Coelho, bispo de Maringá e D. Luiz Colussi, bispo auxiliar de Londrina e secretário da Regional Sul Dois do Paraná.

A abertura do quarto encontro estadual de Justiça e Paz, aconteceu às 9 horas da manhã de sábado, (dia 1.º), com a presença, além dos quatro bispos, diversas autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário, da região.

O bispo de Apucarana, D. Romeu Alberti abriu o encontro dando boas vindas a todos os participantes. D. Domingos Wisniewski, disse qual era o sentido do encontro e por fim o presidente da Comissão de Justiça e Paz, Wagner Rocha D'Angelis, apresentou o roteiro que seria cumprido durante todo o dia.

AS PALESTRAS

A primeira palestra foi apresentada pelo bispo auxiliar de Londrina, D. Luiz Colussi, que falou sobre "A Igreja no Paraná e a Comissão de Justiça e Paz".

"O papel do leigo segundo Puebla", foi a segunda palestra

que foi apresentada pelo professor Olien Zéola, de Curitiba, e que também é membro da Comissão de Justiça e Paz.

A terceira palestra, foi sobre o tema, "Realidade sócio-econômica brasileira e paranaense", foi apresentada pelo professor Lafalete Santos Neves, sociólogo, economista e membro da Comissão de Justiça e Paz.

A quarta palestra, com apresentação de D. Romeu Alberti, foi sobre o tema "As alternativas ao modelo econômico". Esta palestra foi no último documento da CNBB, "Subsídios para uma política social".

A última palestra do encontro, foi apresentada por três palestristas, sob o tema "O direito e a justiça social: perspectivas de justiça e paz". Primeiramente o presidente da Comissão de Justiça e Paz, Wagner D'Angelis, falou sobre a "Justiça Geral", em seguida, o professor Newton Stadler de Souza, falou sobre "A justiça e os problemas penitenciários". E, finalmente, o advogado Walmor Giavarina falou sobre "Justiça e boa-fé". Todos esses temas foram bastante debatidos em plenários, pelos participantes do encontro.

CONCLUSÕES

O vigário geral de Apucarana, monsenhor Arnaldo Beltrami, informou, após o encerramento do quarto encontro estadual de Justiça e Paz, que até o final deste mês de dezembro, deverá ser divulgada "A Carta de Apucarana". Será uma espécie de relatório, onde vão constar certas conclusões desse encontro.

JORNAL: Est. de Maracaná
DATA: 09/10/79





Confidencial

122

INFORMAÇÃO nº 148/79

AVORTE



DATA: 03.10.79
ASSUNTO: ALVARO FERNANDES DIAS
ORIGEM: ASI/FUEL
REFERÊNCIA:
DIFUSÃO ANTERIOR:
ANEXOS:
DIFUSÃO: ACT/SNI- DSI/SSP/PR

1

O nominado Deputado Federal pelo MDB/PR - ex-líder estudantil na área de Londrina, continua mantendo cerrado contatos com o DCE/Livre de Londrina, inclusive apoiando-o financeiramente, bem com as edições do Jornal Poeira.

1.2

No dia 29 de outubro passado, o nominado compareceu a Sede do DCE/Livre, onde participou de uma reunião estudantil.

1.3

Na referida reunião o deputado Alvaro Dias falou sobre a "Politica Salarial do Governo", ocasião em que afirmou que mesma tem provocado inúmeros problemas sociais como as greves que estão ocorrendo, pois o trabalhador brasileiro está sendo sufocado pela inflação e pelos baixos salarios.

1.4

Com relação ao projeto Governamental sobre a Nova Politica Salarial, disse que o MDB é contra, porque não vai resolver nenhum problema, pois não atinge o capital e o lucro do patrão, mas apenas tira de quem ganha mais, para dar a quem nada ganha.

1.5

Ao final da reunião os estudantes solicitaram ao deputado para que o mesmo juntamente com outras parlamentares do M.D.B, doassem uma maquina OFF-SET para o DCE, pois eles, estão encontrando dificuldades para editar o Jornal Poeira, inclusive não conseguem adquirir uma impressora devido a ação dos órgãos de repressão:

1.6

Estiveram presentes na reunião os seguintes estudantes:

Confidencial

CONT.

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1528
DATA: 08/10/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento. (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

12 legi

1. Buote. se

2. M. Seurk. se

Idi, 17.10.78

06

Pasta ASITUER

Anotado: 08/11/78

reue

Confidencial

CONT. DO INFO Nº 258/79 - ASI/FUEL

123

- Carlos Augusto Dias
- José Antonio Vieira
- Cristina Aparecida Figueiredo
- Nelson Ikuo Minowa
- José Antonio Teodoro
- Mércio de Macedo Galvão
- Gilmar Cacione
- Oscar Shoji Taniguti
- Rosangela Bergamasco
- Marcia Akiko Tizuko

ANOTAR



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec nº 79 099/77 - Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Internos).

Confidencial



Confidencial

124

ENCAMINHAMENTO nº 154/79 - ASI/FUEL

DATA: 30.11.79

ASSUNTO: CEZAR AUGUSTO CAPNEIRO BENFVIDES

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: ----

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

ANEXOS: Cópia xerox de recorte de jornal -

DIFUSÃO: ACT/SNI - DSI/SPP/PR -



1.

Este OI encaminha para análise, cópia xerox de um artigo do nominado, publicado no Jornal Folha de Londrina edição de 08.11.79, no qual faz críticas ao Governo e desenvolve apologia sobre o teatro de vanguarda que se encontra em evolução na cidade de Londrina.

1.1

O nominado é aluno do Curso de Ciências Sociais do Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON) onde participa de atividades no movimento estudantil, através do Diretório Acadêmico Três de Agosto - DATA.

Exclusão de acesso público para divulgação do sigilo e-SI (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1854
 DATA: 11/12/79

R. lozi

1. Aroto - se.
2. Aroto - se.

Solo, 10.12.79

U. B.

Pasta / FUEL

Amatado

Em 14.12.79

Quys

DATA : 8/11/78

Teatro: descoberta das percepções artísticas

CESAR BENEVIDES

O teatro brasileiro tem sido, ao nosso ver, nos últimos 15 anos, grande fortificação resguardadora das aspirações populares. Perseguido e esmagado por um regime político ilegal, ao invés de se fragmentar em partes estanques, multiplicou-se num bloco compacto, ressurgindo de uma obscuridade horripilante como chama incondicional de avivamento da consciência nacional, fato que atesta sociologicamente, sob o ponto de vista da prática, a afirmação de Vargas: "O perigo reforça o cosido das laços sociais".

Havia múltiplas maneiras para a condução pacífica do nosso povo. O Czarismo da aristocracia militar, instruído seguramente pelo Pontbongo, optara pelo exercício ostensivo da violência física e moral.



Felizmente, o nosso povo não se entregou ao poder absoluto; resistiu estoicamente. Alí, vale ressaltar, ao longo de nosso processo histórico, vários são os casos de resistência à tirania. Citemos, ilustrativamente, dois fatos quase desconhecidos: as revoluções de 1817 e 1824.

Esse passado próximo que deixou centenas de feridas abertas destruiu milhares de lares e retardou a nossa marcha de independência, não deve cair no esquecimento, pois alertar as gerações futuras é dever ao qual nenhum brasileiro se deve furtar.

Até a técnica criada pelo homem, tem essa capacidade de saber resistir às pressões (veja-se na engenharia o estudo da resistência dos materiais).

Nesta perspectiva que se nos abre agora, o teatro assume uma postura das mais importantes diante do nocivo obstáculo que ainda é a máquina de força bruta, onde se sustenta a "ditadura" relativa. Para o seu sbrido funcionamento impõe que se subtraia do povo a capacidade de pensar.

Agora, quando voltamos a refletir, facultando ao teatro traçar seu próprio destino, sem privações, com a força de sua espontaneidade, é-nos agradável tecer alguns comentários sobre o Festival de Londrina.

Promoções culturais do gênero vão se tornando tradicionais entre nós, sendo um empenho magnífico que nos alegro por ter dois papéis vitais na busca da liberdade: despertador do senso comunitário e revolador de talentos incógnitos.

A fidelidade constante dessas manifestações, marco de nossa resistência, reflete a efervescência cultural em nosso meio, além de revelar uma grandeza moral visível: o desprezo do caráter competitivo criando, dessa forma, excelente clima de confiança e amizade entre os participantes, repudiando a hegemonia de grupos mais poderosos que se destacam mais pela ostentação econômica do que pelo talento de seus artistas.

Esso experiência levada a termo entre nós só poderá trazer como resultado uma atuação mais consciente de cada artista. Na verdade, para que um povo conheça o limite de sua ação, deve ter como base a consciência de cada indivíduo determinante do uso da liberdade que conduz naturalmente à reflexão pelo qual livremente colocamos em exame nossos atos, confrontando-os com um parâmetro coletivo, estabelecido por todos.

A presença de vultos da história do teatro reconhecidos nacional e internacionalmente muito nos sensibilizou: Paschoal Carlos Magno, Fernando Peixoto, Gianfrancesco Guarnieri. Entretanto, a pedra de toque da semana (de 26 a 3) estava nos grupos participantes, que revelaram um imenso potencial artístico.

A abertura se deu com "O Interrogatório" de Peter Weiss que apresentado pelo jovem e excelente Grupo Teatral Positivo, sob a direção do José Antonio Teodoro, repetiu a façanha da vez anterior — apresentação das dias 26 e 27 de setembro — sobre o qual já nos posicionamos neste conceituado jornal.

Hoje vamos nos ater em comentar alguma coisa sobre "O auto da Compadecida", do genial Ariano Suassuna, levado ao palco pelo sbrido e maduro "Teatro Estudantil de Paranaval", já com 10 anos de existência.

Conhecíamos o roteiro, o autor, mas a peça nos tocou bem fundo. Grande peça. Grande Ariano, menino de Catolê de Rocha, autor de "O santo e a porca", hoje uma das maiores vitalidades do teatro brasileiro. Ouvi, há tempos no Recife, quem a chamasse de "Gil Vicente Brasileiro". Por outro lado, por parte de certos dogmáticos, escutei o seguinte comentário: — "A peça é desrespeitosa". E aqui esclareçamos: quem assim pensa, não deve procurar o teatro.

Ariano é um homem de fé. Não só vive a Igreja, mas a conhece em profundidade. É um homem autêntico, fiel a si mesmo e à sociedade, pecando sempre por excesso e nunca por omissão. O que fez foi retratar artisticamente uma realidade, enfocando, como todo grande artista, o que não é visível, pois a percepção artística consiste em descobrir o que comumente não se percebe, ainda que esteja diante dos olhos.

A parte do julgamento é alguma coisa fora do comum. Uma pureza evangélica comovendo transformando a comédia num drama. E tal passagem repentinamente provoca um paradoxo: o folclórico regional diante da universalidade do ideal cristão.

A entrada do Cristo não o oníscio de que os homens são iguais na contemplação de suas virtudes, mas a fragilidade de suas limitações. O João Grilo é a secundária sorte, onde a natureza impõe uma vida sub-humana mas desperta uma originalidade singular no homem do região.

É tudo tão simples, que resolve para o complexo, numa marcante fusão orgânica para a qual o homem é rotinado — vivo da terra. Enfim, uma inesperada combinação de elementos dispersos que ninguém até então tivera a idéia de apresentar.

O Festival teve, portanto, a função de trilhar aglutinador dos grupos amadores, visando a sistematizar as relações entre teatros, a fim de que se estabeleça um diálogo permanente que não seja apenas teórico.

Essa maneira de caminhar do nosso teatro, é magnífica por se voltar ao vital. E deve continuar marcando o ideal dos seus dirigentes, pois somente dessa forma, com festivais capazes de lavar o teatro ao povo, suscitando o aparecimento de uma forte consciência teatral, poderemos atingir metas de civilização.

(Esta é uma seção aberta às mais diferentes tendências do pensamento e a colaborações em diversas áreas do saber. Nem sempre as opiniões, aqui emitidas, correspondem às da equipe editorial.)

MOBRAL: ideologia da submissão

ALVARO DIAS

O Brasil exibe, hoje, ao lado de uma inflação galopante e de uma dívida externa elevadíssima, outras estatísticas estarrecedoras: 25 milhões de menores abandonados, que, em sua esmagadora maioria, não frequentam escolas e — mais grave ainda — definham tristemente nos bolsões e guetos de miséria e degradação que proliferam nas cidades de médio e grande porte.

Todas as medidas oficiais, visando ao reengajamento e à promoção social dessa formidável multidão de semipárias, malograram completamente, porque, a rigor, não passaram de meros paliativos, de alcance limitadíssimo e efeito puramente epidérmico.

A vista desse quadro pouco alentador, cujas raízes estão mergulhadas no baixíssimo poder aquisitivo de extensas camadas da população economicamente ativa, seria inevitável que, ao cabo de alguns anos, aumentassem significativamente os contingentes de crianças sem escolarização e de adultos analfabetos.

Dados irresponsáveis, porque recolhidos de órgãos governamentais (no caso, a Fundação IBGE), demonstram, por exemplo, que entre 1973 e 1976 aumentou consideravelmente o percentual de crianças sem instrução em todo o País, mesmo em regiões onde os indicadores sócio-econômicos são menos contudentes.

No Rio de Janeiro, em 1973, havia menos de 41% de crianças, na faixa etária dos 5 aos 9 anos, à margem do processo de educação. Em 1976, esse índice evoluiu para nada menos de 52,9%. Isso quer dizer que, apesar da escandalosa publicidade oficial que manipula dados estatísticos a seu talante, a taxa relativa de crianças sem escolarização experimentou um aumento de quase 30%.

Em São Paulo, em idêntico período e no mesmo grupo etário, o índice de crianças sem instrução saltou de 49,1% (1973) para algo como 54,1%, com um acréscimo ligeiramente inferior a 10%. Nos Estados sulinos — Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — os coeficientes de crianças à margem da educação fundamental cresceram de 49,6% em 1973, para 58,5% em 1976, o que significa um aumento da ordem de 20% no curto espaço de quatro anos.

Não há, pois, como dissimular o rotundo fracasso da Reforma do Ensino (Lei 5.692), cujos objetivos — consoante a própria propaganda governamental — teriam como fulcro a transição da escola em centro irradiador de uma educação participante e moderna.

Ora, diante do doloroso fato de que, hoje, mais de sete milhões de crianças em idade escolar estão fora do processo educacional e de que, a cada ano, crescem — de forma alarmante — as taxas de evasão e repetência, seria impossível ao governo deter, ao menos com base na terapêutica convencional, a marcha ascendente do analfabetismo no País.

Paradoxalmente, o regime exibe, sem o menor pudor, estatísticas duvidosas a respeito da erradicação dessa triste e lamentável nódoa.

Assim, de acordo com a discutível publicidade oficial, o Brasil seria o "único país do mundo em que o número de analfabetos adultos decresceu em números relativos e absolutos, graças à eficiente ação do Mobral" (Estado de São Paulo, edição de 18/3/79). Segundo estimativas presidenciais do órgão, existiriam, atualmente, apenas 8,4 milhões de adultos literalmente analfabetos. Esse número, no início da década, era de 18 milhões (ou seja, 34% da população adulta total).

Todavia, estimativas não passam de meras previsões, ressentindo-se, pois, de conteúdo científico. Desse modo, os números exibidos pelo Mobral soam falsos e dão margem a insuspeitas dúvidas. Importa verificar se os dados são confiáveis e se os mecanismos criados

De plano, a chamada "promoção automática", que independentemente do aprendizado ou não do aluno constitui regra nos cursos do Mobral, não elimina o analfabetismo e muito menos reintegra o homem brasileiro ao processo sócio-cultural.

Ademais, assinar precariamente o nome e ler uma das escassas palavras — sem, entretanto, compreender a realidade e interpretar, por exemplo, as causas da miséria generalizada que atinge grande parte da população — jamais representará glória ou sucesso para qualquer sistema de alfabetização.

— Como medir, então, o êxito ou o fracasso do Mobral? As fantasias aritméticas podem empolgar pessoas afeitas ao aplauso fácil e refratárias à crítica construtiva. Todavia, nunca enganarão ao próprio analfabeto, cooptado e admitido por política econômico-social que o discrimina e o transforma num simples marginal.

De resto, com recursos cada vez menores para agilizar e democratizar o ensino fundamental, o Ministério de Educação e Cultura falece de instrumentos para coartar o crescente número de pessoas adultas sem nenhuma forma de instrução.

O resultado é melancólico: de cada 100 crianças que ingressam na primeira série do ciclo básico (1o. grau), menos de 10 concluem o curso. Ademais, o País gasta, hoje, menos de 3,5% do Produto Nacional Bruto com educação.

Ainda mais: o Orçamento da União para o próximo ano, que Simonsen deixou pronto antes de ser exonerado da Secretaria do Planejamento, prevê somente 2,5% para o MEC, ou seja, algo como 21,8 bilhões de cruzeiros. Esse coeficiente, resultado da visão pessimista do sr. Simonsen, foi afinal elevado e o MEC deverá contar, no próximo ano com recursos reais da ordem de 43,6 bilhões de cruzeiros ao invés de apenas 21,8 conforme desejava o ex-ministro. Ainda é pouco. É inaceitável que o Brasil, cujo sistema educacional apresenta distorções culturais e profundamente comprometedoras, destine tão poucas escassas para o ensino de todos os níveis. Afinal, os Ministérios Militares, que apesar de rigorosamente necessários, não contribuem para o processo produtivo ou educacional, têm sido contemplado com cerca de 30% do volume orçamentário.

Curiosamente, em 1965, portanto menos de um ano após o golpe que derrubou o governo constitucional de João Goulart, os recursos destinados à educação correspondiam a 12,5% do Orçamento da União. Por que hoje foram reduzidos de forma tão draconiana? O processo educacional dessa forma, se vê diante de uma contradição profunda e irracional: enquanto essas distorções forçam o ensino a diminuir suas possibilidades para as crianças de 2 a 6 anos, a Nação empreende esforços exaustivos em sentido oposto, buscando ensinar a duras penas, e com retorno cada vez mais discutível, aqueles que já ultrapassaram os anos mais produtivos da vida. Eis aí o que se pode chamar de dialética distorcida.

A solução do Mobral, válida em tese como programa de duração limitada, passou a representar, a longo prazo, um elemento altamente complicador da evolução harmônica do processo educacional e que, no mínimo, dificulta a erradicação do analfabetismo futuro, em razão do desvio de atenções e recursos financeiros que deveriam ser concentrados prioritariamente na consecução da escolaridade plena, na faixa própria de idade (dos 2 aos 14 anos).

De resto, foi no exato momento em que o sistema econômico necessitou de mão-de-obra semi-alfabetizada, submissa, servil e barata, de modo a viabilizar o modelo e que o problema da "mobralização" adquiriu maior importância.

Assinar apenas o nome (na carteira de trabalho e nos

oferecidos, jamais pensar em greve ou em movimentos reivindicatórios, não discutir ordens e produzir sempre mais (para engordar os lucros do patrão) — eis a síntese verdadeira dos objetivos do Mobral.

Na verdade, a intenção foi promover a "integração" do trabalhador analfabeto no processo produtivo. Nunca, porém, integrá-lo social e culturalmente à sociedade, contribuindo para melhorar seu nível de vida.

Sob essa ótica, o interesse maior do Mobral, longe de empregar-se na efetiva erradicação do analfabetismo, foi, sem dúvida, recrutar e treinar quadros para o mercado de trabalho, especialmente para o setor industrial.

em lugar nenhum do mundo esses objetivos correspondem à alfabetização. De resto, se os trabalhadores "recrutados e treinados" pelo Mobral recebessem salários compatíveis com suas necessidades vitais e capazes de contribuir para a melhoria da qualidade física de suas vidas, certamente o governo e seus áulicos poderiam vangloriar-se. Mas nem isso ocorreu e tampouco ocorre. Que o digam os cinco milhões de "mobralizados", que receberam seus "diplomas" até fins de 1975, e os outros milhões que ainda frequentam — embora com grande irregularidade — os cursos de alfabetização de adultos espalhados por quase todos os municípios brasileiros.

Segundo o professor Moacir Gadotti, doutor em Ciência da Educação pela Universidade de Genebra, "há um outro ponto importante da discussão sobre o Mobral que não pode ser omitido: seu indistigável traço de pedagogia colonizadora" (O Estado de São Paulo, edição de 18 de março de 1979).

Para o ilustre educador, "todo o trabalho de alfabetização já vem programado. A análise crítica da própria situação do analfabeto, de onde deveriam brotar as palavras geradoras (sugeridas por ele mesmo), é sistematicamente abolida do programa. O paternalismo dessa pedagogia é evidente em toda a metodologia. Ora, para que o analfabeto possa aprender sua educação além do que lhe é doado pelo Mobral, seria preciso um conhecimento concreto das contradições e da realidade em que ele vive, sem o que dificilmente conseguirá superá-las" (O Estado de São Paulo, edição de 18/3/79).

Nesse mecanismo de submissão cultural, os alfabetizadores do Mobral são meros executores de um programa global, que não leva em conta as diferenças e peculiaridades regionais, banalizando a complexidade da situação diferenciada do analfabeto.

Em outras palavras, a filosofia do órgão consiste em criar no analfabeto a falsa consciência de que ele é um incapaz, reforçando o silêncio no qual o futuro "mobralizado" se acha mergulhado. Esse processo, na verdade, incumbe-se de veicular, de forma velada e sutil, a ideologia da submissão ou da colonização, submetendo o analfabeto a valores culturais, éticos e sociais que interessam apenas à elite dominante.

Por tudo isso, as estimativas (que não têm — insisto — valor científico) que o regime divulga todos os anos sob o abrigo de fanfarras e de clarins triunfalistas soam falsas e remetem o País ao reino da fantasia matemática.

Fica explícito, desse modo, que o Mobral — criado e desenvolvido em uma época de autoritarismo político e obscurantismo cultural, de repressão policial e de cerceamento da liberdade de expressão — guiou-se por intenções unicamente totalitárias, constituindo-se, em essência, numa condenável lavagem cerebral. Daí porque o método pode representar tudo, menos alfabetização.

De fato, conforme denuncia o professor Moacir Gadotti, o Mobral, em seu todo, é um programa de massificação social. Basta atentar para o fato de que a sua metodologia parte de um universo vocabular abstrato, sem considerar

as disparidades sócio-econômicas e as diferenças culturais de cada região do País.

Pesquisa conduzida pela Universidade Federal do Paraná, por exemplo, demonstrou que o livro didático não-adequado à região onde é utilizado, conduz ao baixo rendimento escolar. Nesse caso, a padronização responde, em boa parte, pelo elevado índice de repetência (Estado do Paraná, edição de 14/4/79).

Ademais, não parece lícito ao Mobral decidir com infalibilidade o papel e as necessidades básicas do homem brasileiro. O autoritarismo cultural do órgão chega ao extremo de julgar-se o único árbitro dessas necessidades. Por tudo isso, o Mobral representa, hoje, o modelo sem defeitos de uma dominação cultural e econômica que humilha e degrada o próprio alfabetizado ou "mobralizado".

Afora essas observações, que, por certo, não se nutrem de fantasias numéricas, parece importante confrontar "estimativas" do Mobral com os dados estatísticos da Fundação IBGE. O País tem, hoje cerca de 60 milhões de brasileiros com idade acima de 18 anos. Desses, perto de 46 milhões são eleitores, o que faz presumir que a taxa de alfabetização desse contingente seja da ordem de 75% (ou que o número de analfabetos corresponda a 15 milhões de pessoas).

Ora, o governo fala que o índice de analfabetos (adultos) equivale a 12,3% do total, ou seja, 8,4 milhões de brasileiros. Considerando, porém, que o contingente eleitoral constituído em boa parte de pessoas que só sabem assinar o nome, é de 46 milhões de brasileiros, chega-se à conclusão de que as "estimativas" do Mobral são inteiramente falsas ou, na melhor das hipóteses, equivocadas e distorcidas. Os 15 milhões (25% de 60 milhões de adultos com mais de 18 anos) que não possuem título de eleitor representam, conforme a mais elementar aritmética, quase o dobro do número oficial de analfabetos. Mais ainda: como a idade limite para o analfabeto é de 14 anos, esse número obviamente cresce na medida em que esse contingente for incorporado ao total.

Outro absurdo "mobralense": de acordo com as "estimativas" do órgão, o índice de analfabetos em Alagoas seria de 12,3%, enquanto na Paraíba e Pernambuco estaria ao redor de 17%. Os dados da II PNAD (2a. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) atribuem para o Nordeste, como um todo, a média de 44,2%.

É preciso dizer mais?

127



ENCAMINHAMENTO nº 151/79 - ASI/FUFL

DATA: 27.11.79
ASSUNTO: ÁLVARO FERNANDES DIAS
ORIGEM: ASI/FUEL
REFERÊNCIA: -----
DIFUSÃO ANTERIOR: -----
ANEXOS: Cópia xerox de artigo -
DIFUSÃO: DSI/MFC - DSI/SSP/PR -

Confidencial

1.

Este OI encaminha, para análise cópia xerox de um artigo de Autoria do Deputado Federal pelo MDB/PR. Álvaro Fernandes Dias, referente a atuação do MOBREAL.

1.1

O referido artigo foi publicado no Jornal 'Folha de Londrina, edição de 14.10.79.

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 1º, Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilados).

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
Nº 1777
DATA: 03/12/79

12. copia

1. Acote se.
2. MS ai de. se.

John 7.12.78

BT

Pasta FUEL

Angelo: 17-12-78

Angelo

Pela primeira vez desde que foi fundada, a Comissão de Justiça e Paz do Paraná se reúne fora de Curitiba. Cito dias atrás (sábado) seus integrantes estavam quase todos em Apucarana, para um dia inteiro de trabalhos no Seminário Diocesano, para onde convergiram cerca de 40 pessoas oriundas de vários pontos do Estado. Falando sobre o papel da Igreja, o bispo auxiliar de Londrina e secretário da Regional Sul-2 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Luiz Colussi, falou sobre as razões pelas quais a Igreja vem se preocupando, desde o Concílio Vaticano II, com os problemas sociais. "É ignorância — disse — pensar que

devemos ficar restritos à sacristia enquanto existe um mundo cheio de problemas à nossa volta. Com laia, devemos sempre cultivar a Humanidade para que ela não fique mais na preguiça. Basta de preguiça pois infelizmente as gerações futuras seguirão os nossos passos e devemos deixar coisas úteis para elas. D. Luiz fez questão de deixar claro que a preocupação da Igreja com os problemas sociais sempre existiu, embora sempre tenha apresentado oscilações de época para época. Mostrou, entretanto, que a partir do Concílio Vaticano II, esta vocação de luta a favor dos oprimidos foi "violentamente redescoberta".

Greves, multinacionais e "bóias-frias": Comissão de Justiça e Paz está atenta

O Seminário Diocesano de Apucarana é um lugar muito simples. Reservado para abrigar um programa de debates bastante longo e diversificado, como foi o da 4a. Reunião da Comissão Paranaense de Justiça e Paz, suas instalações caíram como uma luva para as intenções organizativas dos anfitriões.

Pela manhã, cafezinho com biscoitos foram servidos aos presentes; um gostoso almoço à base de arroz, feijão, farofa, salada de legumes e frango ensopado, refrigerantes e a tradicional caipirinha de entrada fizeram da tarde uma continuação agradável. Mas com temas indigestos: foram discutidas a realidade sócio-econômica brasileira e a problemática dos "bóias-frias". Além disso, foram apresentados argumentos para justificar a presença ativa da Igreja e de um organismo como a Justiça e Paz no dia-a-dia brasileiro.

Pela manhã, "O Papel do Leigo Segundo Puebla", abordado pelo professor Olan Zétola, de Curitiba, havia deixado claro a enorme diferença existente entre a missão evangélica da Igreja e a formação ideológica dos homens. Recordando as palavras de D. Luiz Colussi, proferidas anteriormente, de que os objetivos da Igreja nada tem a ver com esquemas políticos Zétola fez referência aos tristes episódios da recente greve da construção civil de Curitiba, quando a Comissão foi chamada de "subversiva" por muitos patrões. E neste particular, de fato, ele foi mais explícito do que Colussi. "Rachouço que houve infiltração de grupos estranhos", disse, apresentando-se a consertar: "A Comissão de Justiça e Paz pode até caminhar no mesmo sentido,

a certa altura, com o que pretendem estes grupos, mas o ponto é que divergimos fundamentalmente. Seus objetivos são políticos; os nossos evangélicos". Diferença sempre ter sido a Comissão compreendida pelas autoridades, apesar de não muito pelos patrões — que não compareceram a nenhuma das audiências trabalhistas no caso da construção civil — Zétola é da opinião que se deve continuar lutando contra a "flagelidade da fome". E lembrou que durante uma das audiências trabalhistas, na frente do general Adalberto Massa, um dos operários chegou a chorar, dizendo que não tinha comida para dar aos filhos e, por isso, estava em greve. Depois, foi um recorte de um jornal católico, que dizia:

"Compreende-se perfeitamente que os poderosos da terra estejam a desejar a Igreja 'mansa e pacífica', que repita palavras acucaradas, que medite resignadamente as cinco chagas do Senhor, que abençoe os famintos de justiça, console os esmorecidos e que deixe em paz os ricos".

AVALIAÇÃO FRIA

A Comissão de Justiça e Paz do Paraná, pelo que foi dito no último sábado, fez sempre por manter uma postura séria e fria. Seu presidente, o advogado Wagner Rocha D'Angelis, de Curitiba, comentou que "ela chega mesmo a ser burocrática, tal a frieza racional com que trata os casos de injustiça social. Constatou que, quando a Comissão foi chamada pelos trabalhadores da construção civil para intermediar a greve, discutiu-se durante horas a melhor posição a ser tomada, para que o movimento fosse conduzido de forma pacífica. Mesmo assim, chegou a haver casos de agressão de operá-

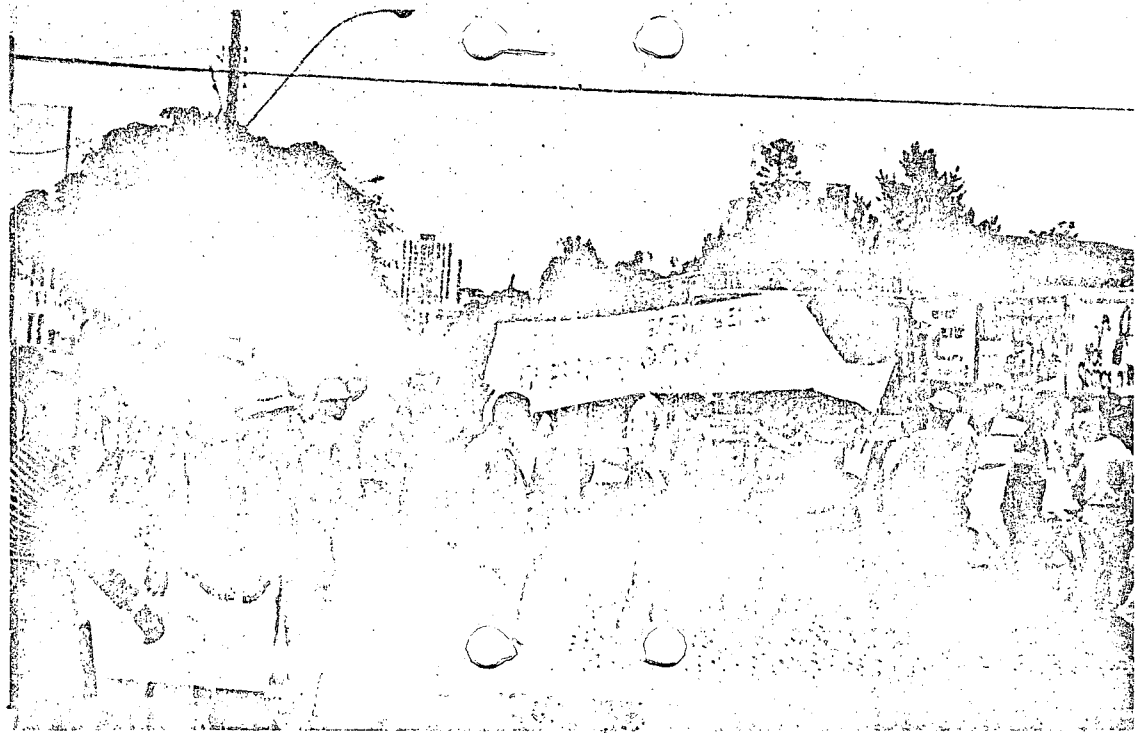
rios, o que, segundo D'Angelis, foi muito difícil de prevenir, "uma vez que as determinações de cima nem sempre são obedecidas pelos escalões inferiores da Polícia".

Explicou que a Comissão atua basicamente de duas maneiras: uma permanente e outra ocasional. De maneira permanente, realiza levantamentos sobre a realidade sócio-econômica, prestando assessoramento aos demais organismos da Igreja; maneira ocasional, atende problemas mais esporádicos, como questões de litígio de terra e greves. Mas nunca se envolve espontaneamente. "O pedido para que intermediemos uma greve, por exemplo, sempre foi feito pelos trabalhadores. Fora disso, nos limitamos a denunciar certas injustiças que volta e meia acontecem. Damos assistência jurídica e funcionamos como organismo difusor dos reclames dos mais pobres", lembrou D'Angelis.

Saindo do aspecto institucional, a tarde foi reservada para a discussão dos problemas brasileiros. "A Realidade Sócio-Econômica", tema abordado pelo professor Lafaiete Santos Neves, de Curitiba, mostrou serem grandes os nossos impasses e escassas as saídas, a menos que o Governo tenha "boa vontade" para achá-las. Opções, segundo o professor Lafaiete, não faltam: em primeiro lugar, o Brasil deve desestimular a atuação das multinacionais na indústria e na agricultura; frear o processo de mecanização e começar a pensar numa melhor forma de distribuição da renda, sobretudo no campo, através de uma bem planejada reforma agrária. Disse que o INCRA, por ser um instrumento de "colonização", já traí os

objetivos reais de uma verdadeira reforma agrária, pois excluiu o homem do campo, de seu "habitat". Falou sobre os chamados "cartões" multinacionais, descrevendo suas diferentes táticas no sentido de exterminar a iniciativa nacional. "Durante um período de três meses, estas multinacionais entraram num acordo e uma delas passa a vender um determinado produto a um preço muito mais barato, quebrando financeiramente uma concorrente nacional". Segundo Lafaiete, isso aconteceu em muitos ramos da produção, mas em especial na indústria farmacêutica, onde o "boicote" por parte das multi aos laboratórios nacionais foi muito mais intenso. E citou um trecho de um livro do economista Roberto Simonsen, publicado em 1946, onde ele previa que o crescimento das empresas estrangeiras no Brasil atingiriam um tal ponto de expansão, que passariam a dominar o país também politicamente, interferindo diretamente em suas questões internas.

Basicamente, a exposição de Lafaiete seguiu a temática dos últimos estudos realizados pela CNBB, com a finalidade de subsidiar uma nova política social, uma vez que reconhece "a gravidade da atual situação social brasileira". Segundo este documento, distribuído na IV Reunião da Comissão de Justiça e Paz, "foi uma política que estimulou a concentração social de renda", acrescentando alguns dados estatísticos "inquestionáveis". Eles mostram que em 1960, 50 por cento — ou seja, a metade da população mais pobre — ainda participava de 17,7 por cento da renda nacional, enquanto que aos 30 por cento restantes cabiam 27,92 por cento da mesma renda, ficando para os 20 por cento mais ricos 54,35



Por intermediar a greve da construção civil, em Curitiba, a Comissão estadual foi tachada de subversiva por muitos patrões



"Os bóias-frias, que representam 50 por cento dos trabalhadores rurais do Paraná, só comem carne quando mordem a língua" (Valmor Giavarina)

por cento. Em 1970, a concentração de renda aumentava nas mãos dos mais favorecidos: os 20 por cento mais ricos detinham 63,34 por cento, deixando 22,85 para os 30 por cento seguintes e sobrando apenas 14,91 por cento para os 50 por cento mais pobres. Em 1976, a situação se agrava: os 20 por cento mais ricos já concentravam 67 por cento da renda, ficando apenas 11,8 por cento para a metade mais pobre". Segundo o mesmo estudo, portanto, uma grande parcela da população não tem emprego, refletindo esta situação no enorme contingente "flutuante" existente no País. O leque de remunerações, segundo o mesmo estudo, atinge no Brasil uma dispersão tal, que se constitui numa "afrota aos pobres". E pergunta: "Qual seria a reação do povo se se publicassem as cifras do que ganham os altos e médios escalões da administração pública e privada, da grande indústria, dos grandes latifundiários, do alto comércio e das altas finanças? Quantas dessas rendas, mesmo descontados os impostos, não correspondem a 100, 200, 300 e mais salários-mínimos?"

A QUESTÃO "BÓIA-FRIA"

Dentro dessa linha, não poderia faltar nos debates do encontro a questão dos 6 milhões de "bóias-frias" brasileiros, dos quais 1/6 encontram-se no Paraná, o que significa 1 milhão deles em todo o Esta-

do. Sobre este tema, o advogado e ex-prefeito de Apucarana, Valmor Giavarina, forneceu dados interessantes. Segundo ele, com a colonização vieram pessoas de todos os cantos do Brasil para o Paraná, passando aqui a adquirir pedaços de terra a baixos preços. De empregados rurais em outros Estados, passaram a condição de patrões, iniciando o plantio desordenado de culturas

— como o café, que em pouco que perdurou durante anos. Estes cafezais davam empregos até 20 anos atrás, quando praticamente não existia a figura "bóia-fria". A falta de incentivo ao pequeno produtor, bem com as geadas que açoitararam violentamente as plantações, fizeram com que muitos destas colonos vendessem a sua propriedade, retornando a condição de empregados rurais de algum fazendeiro rico e cheio de confiança no seu próprio dinheiro.

Com a diversificação das culturas — lembrou Giavarina — o café foi cedendo terreno a outros tipos de cultura, como foi o caso da soja. Antigamente, eram necessários, por dia, 157 homens para colher mil pés de café. Hoje, a mesma plantação de soja requer apenas uma solitária colheitadeira e um operador. O saldo dessa evolução foi evidente: o desemprego tornou-se generalizado. Como se não bastasse, diz Giavarina, vieram as pastagens, substituindo homens por bois, instituindo definitivamente a figura do "bóia-fria". A construção das hidrelétricas de Itaipu, Foz de Areia e Salto Santiago conforme Giavarina, contribuíram neste processo de empobrecimento do homem do campo, desalojando — através das desapropriações — perto de 60 mil pessoas. "A paga pelas propriedades dessa gente — disse — foi irrisória". Hoje, lembrou o advogado, dados já revelam a existência de 100 mil "bóias-frias" brasileiros no Paraná. "E não é para menos — comentou — uma vez que os "bóias-frias" representam 50 por cento dos trabalhadores rurais do Estado".

Baseado numa recente pesquisa do padre Walter Pegorer, de Apucarana, Giavarina, aos membros da Comissão de Justiça e Paz um perfil do que come o "bóia-fria" de diversas regiões do Estado. Na região de Apucarana, pela manhã, 59,84 por cento toma somente café e 25,92 café com pão. No almoço, 61,44 por cento come arroz e feijão, enquanto 5,99 por cento come só arroz. Quase 20 por cento têm a mesa mais farta: além de arroz e feijão, adicionam algumas verduras. "Carne — ressaltou Giavarina — pobre só come quando morde a língua". Numa região mais carente, o Norte Pioneiro, a pesquisa revelou que 50 por cento pelo menos não come nada no jantar e 40 por cento se alimenta apenas de uma merenda. (Dados: Fetaep).

Mas o maior problema, para Giavarina, ainda não é este.



D. Colussi: "É ignorância pensar que devemos ficar restritos à sacristia, quando há um mundo cheio de problemas à nossa volta"

anos seguidos, que contribui para o agravamento dessa situação; a inexistência de creches para os filhos de trabalhadores rurais e locais adequados para a moradia dos velhos. "No enten-

to — comentou o advogado — fazemos das crianças maiores, abandonadas e das meninas presa fácil da prostituição. Dos velhos, fazemos mendigos e dos trabalhadores homens sem ter-

ra". E concluiu: "Em 1870, para 10 mil brasileiros haviam 3 milhões de escravos. Eram considerados animais de raça e por isso tinham que cuidar da saúde e da alimentação. Havia

o teto da senzala e o tacho de comida. Hoje, temos 6 milhões de pessoas escravizadas no país, marginalizadas e sem nada além de uma ilusão: a da liberdade".

147

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DO CONEAD (CONSELHO NACIONAL DE ENTIDADES DE ADMINISTRAÇÃO)

Realizado nos dias 8 e 9 de dezembro de 1979, em Vitória - E.S. a 1ª reunião do CONEAD, com a participação das seguintes entidades:

- D.A. FACE - UESB
- Comissão Pró - C.A. de Administração - UFES
- D.A. Livre Administração - UFPE
- C.A. Leão XIII - PUC - SP
- D.A. Haly da Silva - Vila Velha - E.S.
- D.A. de Administração da UFBA
- Representação da Fac. de Adm. de Cachoeiro de Itapemirim - E.S.

Devido à presença de poucas entidades participantes, a 1ª reunião do CONEAD teve caráter de organização da SECRETARIA DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO. Desta reunião ficou marcada a próxima do CONEAD, em Belo Horizonte, MG, no D.A. FACE - UFMG (R. Tamoios, 591, centro, fone: 201-6910) nos dias 9 e 10 de Fevereiro de 1980. Também decidiu-se que a sede provisória da SECRETARIA será no Espírito Santo, onde as entidades poderão obter quaisquer informes acerca da mesma (a sede provisória será no DCE - UFES, Av. Fernando Ferrarri, s/n, Campus Universitário, Golabeiras, CEP 29000 - Vitória - E.S.).

A reunião pautou-se em dois tópicos principais, Avaliação do VI ENEAD e a organização da SECRETARIA e do CONEAD: Sobre a avaliação, foram constatadas as seguintes falhas: Falta de discussão nas escolas Temário muito extenso e falta de reunião dos relatores, no que prejudicou em muito os encaminhamentos da plenária final. A seguir, passamos a discutir a parte organizativa, e como já citamos foi tirada uma sede provisória, e marcada a próxima reunião do CONEAD.

Dentre as propostas que surgiram para o encaminhamento e estruturação tanto da SECRETARIA como dos trabalhos a serem levados por ela as principais foram:

1 - Cada entidade presente nesta reunião se encarregou de estudar, pesquisar e aprofundar determinados temas não impedindo de maneira alguma, que todas as entidades interessadas levem materiais conseguidos, ao próximo CONEAD, ou enviarem a outras entidades para uma discussão conjunta, dessa forma:

ESCRITÓRIO MODELO - UFPE

SINO PAGO E AUTARQUIAS - FACE - UFMG e PUC - SP

Mercado DE TRABALHO - UFES

FUNÇÃO SOCIAL DO ADMINISTRADOR - UFBA

CURRÍCULO - Responsabilidade mínima de todas as entidades

2 - Quanto à questão dos fundos da SECRETARIA, imediatamente cada entidade deve mandar CR\$ 500,00 para ROBSON JOSÉ CÔGO - R. VENEZUELA, 88 Jardim América - Cariacica - CEP 29140 - fone: 226-4231 - Vitória, E.S para que possamos iniciar rapidamente nossas atividades. Este fundo foi proposto com o objetivo de custear as despesas da SECRETARIA, tais como papéis, estêncil, correios, etc. Aprofundaremos esse ponto na próxima reunião do CONEAD.

3 - Também ficou a confecção de um ENCARTE assinado pela SECRETARIA que será lançado junto ao jornal da UNE no princípio do ano que vem

(cont.)

(Cont.)

nas escolas de Administração. Este tópico será melhor discutido na próxima reunião do CONEAD, onde as entidades que comparecerem deverão levar matérias, que se relacionem com o ensino de Administração no País; ficou sob responsabilidade de todas as escolas que participarem da próxima reunião do CONEAD a feitura de uma proposta de um editorial, e com a FACE - UFMG uma matéria relacionada com o último encontro (VI ENEAD). Obs. as matérias deverão ser levadas datilografadas em espaço 2 com 72 toques por linha, com cópias 4 - Por fim, decidiu-se a pauta da próxima reunião: 1) Informes, 2) Fundos da SECRETARIA 3) ENCARTE junto ao jornal da UNE 4) Definição de quorum mínimo de deliberação 5) Estruturação e formas de encaminhar as lutas.

Foram aprovadas duas moções de repúdio. A primeira sobre a prisão dos companheiros de Santa Catarina e São Paulo e a 2ª, contra a implantação de USINAS NUCLEARES no Esp. Santo e contra a implantação do Projeto SUAPE em Pernambuco.

Pedimos mais uma vez o comparecimento de todas as entidades na próxima reunião do CONEAD em Belo Horizonte, 9 e 10 de fevereiro de 1980

Saudações Universitárias



INFORME nº -107/79 - ASI/FUEL

DATA: 11.12.79
 ASSUNTO: VALDEMIR BELINATI
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: A.1
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 DIFUSÃO ATUAL: DSI/MFC - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: -----
 ANEXO: Cópia xerox de correspondência

ANOTAR

Confidencial

1.

O nominado ex-estudante da FUFL, médico e atualmente Deputado Federal pelo MDB/PR, vem mantendo intenso contatos com membros do DCE/LIVRE de Londrina, inclusive tem contribuído financeiramente para a edição do Jornal Estudantil Poeira.

1.1

Quando o nominado vem a Londrina, costuma visitar a sede do DCE/LIVRE, ocasião em que participa de debates com os estudantes.

Segue anexo ao presente informe, cópia xerox de correspondência do nominado a qual foi enviada para o DCE/LIVRE de Londrina.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1876
 DATA: 18/12/79

Confidencial

R. Uze

1. Aicote - se.

2. Mguve. se.

Idr, 18.12.79

UA

Pasta Fuel

Anotado: 27.12.79

Uze

BELINATI: O POVO QUER A REFORMA DO GOVERNO E NÃO A PARTIDÁRIABIOMBO DA REFORMA PARTIDÁRIA NASCEU TRANSPARENTE

"Se o governo acreditava que o projeto diversionista da reforma partidária poderia funcionar como um biombo, para distrair a opinião pública e a classe política, encobrindo os gravíssimos problemas de ordem econômica e social por que passamos, enganou-se totalmente, porque o biombo da reforma partidária nasceu transparente, e, portanto, insuficiente para impedir que o povo se manifeste contrariamente à política do grupo que controla o poder de forma astuta e sagaz", declarou ontem em Brasília o Deputado Federal Waldmir Belinati.

"O povo brasileiro - continua Belinati - tem razão de protestar contra a política que lhe torna miserável, que afasta a comida do seu alcance, que distancia os salários da realidade. Sentimos que o povo está mesmo preocupado com sua própria subsistência, farto de golpes e manobras casuísticas. O povo não quer saber de reformas partidárias, pois sabe que na realidade, quem precisa de reformas é o governo. Este sim, precisa ser reformado e substituído por homens que tenham compromissos claros e precisos para com a força de trabalho brasileira, e não para com as pressões do capital alienígena."

*Os últimos acontecimentos e tensões sociais - afirma o Deputado - registrados em todo o País serão minimizados apenas por aqueles que não querem enxergar a realidade do País, que exige o empenho do governo e dos políticos na realização de profundas mudanças sociais."

"O que é mais importante para o País no momento?? Questiona Belinati: Consumirmos o tempo escasso para grandes análises e decisões, na discussão estéril e vazia em torno de novos partidos - artificiais, c



CÂMARA DOS DEPUTADOS

150

mo o bipartidarismo, e criados de cima para baixo, com uma meia dúzia de caciques arrogando-se no direito de comandá-los -, ou concentrarmos nossos esforços num amplo debate nacional em torno dos problemas e crises que estão levando os trabalhadores e a grande classe média brasileira a arcar com as conseqüências da ineficiência administrativa do governo?

"É preciso - afirma o Deputado oposicionista - que os plenipotenciários homens do governo vejam e sintam que já vivemos num verdadeiro caos econômico e social, e que suas origens não podem ser imputadas a ninguém estranho ao grupo, pois é fruto dos desmandos praticados nos últimos anos, associados aos conhecidos lances dos "Lutffalás e Attallas" do governo."

"Não há mais o governo deposto do Sr. João Goulart para receber todos os impropérios e todas as culpas das dificuldades econômico-sociais do País, porque tantos anos se passaram de sua queda que nem os mais audaciosos se remontam àquela quadra para justificar os erros atuais". "O que há agora - afirma Belinati - é a dura realidade de uma Nação conduzida pelo arbítrio e pela prepotência, como se não passasse de uma propriedade particular, onde a família dominante tudo faz ou desfaz, sem consultas e sem escrúpulos".

"Se o povo tivesse sido consultado, através de um plebiscito, sobre os rumos políticos e administrativos que o governo deveria tomar, temos certeza de que sua conduta seria diferente hoje. O mundo político-administrativo não estaria dominado pela inoportuna, falsa e diversionista reforma partidária. Mas, apesar da crise energética, da inflação, da alta do custo de vida, da marginalização da classe média e dos trabalhadores, apesar de tudo, podemos estar às vésperas de um verdadeiro milagre brasileiro, o que seria o País conseguir superar todas as dificuldades e desmandos, sem um grave conflito social. E é o que esperamos e pelo que fazemos nossas preces", concluiu Belinati.

PT 1035-126



CÂMARA DOS DEPUTADOS

A SUA EXCELÊNCIA O SENHOR
PRESIDENTE DIRETÓRIO CENTRAL ESTUDANTE
Fundação Universidade Estadual
Campus Universitário - Av. Antonina, 17
86.100 LONDRINA, PR.



INFORME nº 106/79 - ASI/FUEL

DATA: 05.12.79

ASSUNTO: HELONEIDA STUDART ou HELONEIDA SOARES ORBAN

ORIGEM: ASI/FUEL

AVALIAÇÃO: A.1

DIFUSÃO ANTERIOR: ---

DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: - Infe nº 097/79 - e 098/79 - ASI/FUEL

ANEXO: -----

Confidencial

1.

Em complemento aos Infe de referência, este OI informa que a nominada não compareceu ao evento programado pela Frente Democrática da Mulher Londrinense, para o dia 01.12.79, em Londrina, tendo sido substituída por Noemia Toscano, Socióloga e Escritora do Rio de Janeiro.

1.1

DADOS DE QUALIFICAÇÃO:

NOME: HELONEIDA SOARES ORBAN nome parlamentar HELONEIDA STUDART

FILIAÇÃO: Vicente Soares e Edite Studart Soares

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO: 09.04.25 - Ceará

PROFISSÃO: Educadora Social

IDENTIDADE: 1.131.373 - IFP - RIO DE JANEIRO

1.2

REGISTRO DE ANTECEDENTES:

- Em 1.965, foi eleita Presidente dos Sindicatos dos Empregados em Entidades Culturais de Assistência Social e reeleita em 17.01.68;
- Em dezembro de 1.967, tomou parte no lançamento da campanha 'contra o arrocho salarial, realizada no Sindicato dos Textéis;
- Em MAR/68, a epigrafada, como membro do Comitê Estadual do PCB na GB, reuniu-se na residência EMO DUARTE com outros membros do PCB e de AP para discutirem a formação de uma Frente Unica de Luta que atuaria de forma moderada nas ações de protesto pela morte do estudante EDSON LUIZ LIMA SOUTO;
- Em ABR/68, como membro da Comissão Sindical do CE do PCB na GB, tomou parte no movimento anti-arrocho salarial;
- A epigrafada é autora do livro "deus não paga em Dolar";
- Em MAR/69, prestou depoimento no DOPS/GB contestando toda e qualquer vinculação sua com elementos ou entidades de discórdem do regime vigente no país;
- De 1.969 a 1.971, foi citada em vários IFM instaurados para

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1851
 DATA: 19.12.79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

PT 1035.126

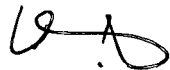
"segue"

R. José Pasta/FUEL

1. Anote-se, inclusive as
pate cedentes.


2. Melhor. Al.

Set 11.12.79



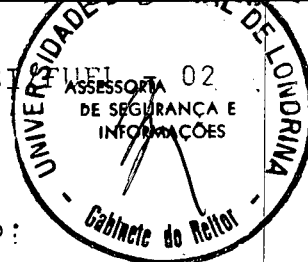
Anotado

Em 14.12.79



Confidencial

Continuação do Infe nº 106/79 - ASI



- apurar atividades subversivas na área do Rio de Janeiro:
- Em 1.970, foi eleita para a Comissão de Imprensa do Conselho Nacional de Mulher do Brasil;
 - Em ABR/75, proferiu conferência na ABI sob o tema "A mulher na Imprensa; Ontem, Hoje";
 - Em MAI/75, participou da Semana Cultural do DCE/UFF;
 - Em JUN/77, foi signatária do Manifesto dos Professores do Rio de Janeiro em apoio aos Professores de São Paulo;
 - Em SET/78, candidatou-se a Deputado Estadual do RJ pelo MDB, com apoio do CE do PCB do Rio de Janeiro;
 - Em SET/78, compareceu a uma plenária do DA Tiradentes da PUC/RJ onde houve propagação de ideologia subversiva e distribuição de panfletos;
 - Em OUT/78, participou da passeata realizada no RIO DE JANEIRO, liderada pelo Senador Nelson Carneiro e organizada pelo PCB;
 - Em OUT/78, teve sua plataforma política publicada no Jornal "EM TEMPO" e com o apoio da "Frente Popular Eleitoral", "Convergência Socialista" e PCB;
 - Em 1.978, foi eleita Deputado Estadual pelo MDB/RJ com o apoio dos ativistas do Movimento Estudantil, como ficou determinado no IV ENE;
 - Em JAN/79, participou do Ciclo de Debates na ABI/RJ, sob o patrocínio do Conselho de Entidades Estudantis do Grande Rio. Na ocasião teceu severas críticas ao Governo e Regime Vigente;
 - Em MAR/79, foi signatária do panfleto distribuído na Cinelândia / RJ, no qual são reivindicados uma eleição livre e direta em todos os níveis; ampla liberdade de organização; anistia ampla geral e irrestrita; e, amplas liberdades democráticas;
 - Em ABR/79 compareceu a um plenário na UFRJ, Praia Vermelha, onde hipotecou seu apoio a reconstrução da UFE/RJ, dizendo ser fator fundamental para a reconstrução da UNE;
 - Em FEV/79, foi citada em reunião de militantes do MR-8, com o propósito de que aquela Organização, através de seus militantes obtivesse dados para auxiliar a nominada nos trabalhos desenvolvidos na Comissão de Meio Ambiente na ALERJ;
 - Em AGO/79, participou de reuniões sediciosas realizadas por estudantes universitários na PUC/RJ que tem o objetivo da criação do movimento PPLI (Por uma Pátria Livre e Independente);
 - No decorrer do ano de 1.979, a epigrafada tem participado efetivamente de todos os movimentos reivindicatórios e de contestação ao Governo;
 - Em NOV/79, foi convidada pela Frente Democrática da Mulher Londrinense, para participar de uma debate, sobre o tema "Mulher, Feijão

"segue"

O destinatário é responsável pela manutenção
do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº
79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de
Assuntos Sigilosos)

Confidencial

PT 1036.125

Confidencial

154

Continuação do Infe nº 106/79 - ASI/FUEL - 03

e Democracia a ser realizado no dia 01.12.79 em Londrina/PR.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 1º Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

PT 1035-125



155

INFORME nº 104/79 - ASI/FUEL

DATA: 03.12.79
 ASSUNTO: GRUPO TEATRAL MOVIMENTO
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: --
 ANEXO: Cópia xerox de recorte de jornal --

Confidencial

1.

0 Grupo Teatral Movimento foi criado por Apolo Mário de Souza Theodoro, considerado em Londrina como maior incentivador do Teatro Popular de Vanguarda.

1.1

0 Grupo Movimento, surgiu no início do 2º semestre do ano em curso, sendo que suas atividades se desenvolvem no Centro Social Urbano da Vila Portuguesa (bairro operário, conhecido centro de oposição).

1.2

Sua origem remonta a partir de um Curso de Teatro Popular, que foi ministrado naquele centro pelo teatrólogo acima referido.

1.3

Participam do Grupo Movimento, mais ou menos 15 jovens, estudantes secundaristas, sendo que a maioria participa do movimento jovem cristão, dirigido em Londrina por alguns Padres Progressistas.

1.4

A primeira peça montada e encenada foi "A farsa do juiz", uma sátira à justiça, a qual teve seu texto adaptado pela necessidade de colocar a linguagem em termos mais populares, pois o grupo trabalha com o público da periferia.

1.5

Foram identificados no Grupo Movimento os seguintes elementos:

- Apolo Mário de Souza Theodoro - teatrólogo;
- Maria Aparecida Lima, estudante secundarista;
- Valdyr Belchior de Oliveira " " " "
- Amarildo Pereira " " " "
- Alaor Magre " " " "

1.6

Com referência a Alaor Magre, o mesmo é veterano em teatro popular, pois participou juntamente com Apolo Mário de

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1856
 DATA: 11/12/79

O presente documento encontra-se arquivado (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

PT 1036.125

R. Loje

1. Avote - se.

2. Noque - se.

sch; 11.12.78

Pasta/FUEL

106

Amotado em

20-12-79

Quip

Confidencial

Continuação do Infe nº 104/79 - ASI/FUFL --- 02 156

Souza Theodoro do grupo "Teatro da Gente", Alaor Magre é ainda auxiliar de saúde do Centro Social Urbano da Vila Portuguesa, elemento vinculado ao Médico Sanitarista Márcio José de Almeida.

2.

DADOS DE QUALIFICAÇÃO:

NOME: APOLO MÁRIO DE SOUZA THEODORO

FILIACÃO: Mário Garcia Theodoro e Severina de Souza Theodoro

DATA E LOCAL DE NASC.: 21.05.45 - Vila de Lage - Rio de Janeiro

C. IDENTIDADE: Nº 840.246-PR

PROFISSÃO: Professor e Teatrólogo

ESTADO CIVIL: Casado

ENDERECO: Rua Sergipe - Edif. Tóquio - Apto 603 - Centro - Ldn/PR

PRINCIPAIS ATIVIDADES: Ativo no ME, Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, Militante na Associação dos Prof. Licenciados do Paraná : dirigentes de Grupo Teatral de Vanguarda.

CONOTAÇÃO POLÍTICA: Esquerdista

O Conselho de Segurança e Informações do Estado de Londrina (C.S.I.) nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

PT 1036-125



128

INFORMAÇÃO nº 149/79

DATA: 27.09.79

ASSUNTO: Cômicio em pró da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita

ORIGEM: Londrina P/R.

REFERÊNCIA: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: P.B. 035/79-S/I DSI/SSP/PR

DIFUSÃO ANTERIOR: =====

ANEXOS: Cópia xerox de Fotografias

DIFUSÃO: S/I /DSI/SSP/PR

Confidencial

1

Em atendimento ao PB. de referência este OI, informa que foi realizado no dia 28 de julho de 1.979, no Jardim Leonor na cidade de Londrina, um Cômicio em pró da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, promovido pelo Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos e Diretoria Municipal do MDB, com apoio do DCE/Livre de Londrina, Cop-Jornal do Paraná, APPEMMA e Associação de Bairros de Londrina.

1.1

Na ocasião constatou-se a presença de mais ou menos 100 pessoas ao evento, entre as quais, foram identificadas as seguintes:

- José Tavares da Silva Neto - Deputado Estadual do NDB/Paraná
- João Olivir Gabardo - Deputado Federal MDB/Paraná
- Domingos Pelegrini Junior - EX-Presidente do CLP.ADH
- José Richa - Senador - MDB/Paraná
- Doracy Machado (Vulgol cecy) - Membro do Diretório Municipal MDB / Londrina.
- Wilson Moreira - Ex- Candidato a Prefeito de Londrina pelo MDB.
- Genecy de Sousa Guimarães - ex- vereador pelo MDB - LD. e ex-presidente do sindicato dos metalúrgico de Londrina (Militante atuante no PCB)
- Ali Aldersi Saab - Presidente do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos. (militante do P.CB)

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. n.º 79 059/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1490
DATA: 03/10/79

Confidencial

CONT.

R. Lopez

1. Acosta Jr.
2. Arquivé Jr.

Sub 19.10.79

[Signature]

Pasta/FUEL

Amstado

Em 07.11.79

[Signature]



Confidencial

- Arnaldo Agenor Bertone - Terrorista do PC. BR). Atuante no ME Grupo Poeira.
- Elenice Pimentel Pellegrini - Membro do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos
- Joel dos Santos Guimarães - Vice-Presidente do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos
- Benedita Marques de Araujo - Secretaria do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos
- Mércio de Macedo Galvão - DCE/Livre - Grupo Poeira.
- Hélio Moacyr Sousa Duque - Deputado Federal do MDB/Paraná
- Apolo Mario Theodoro de Sousa - Teatrologo, membro do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos.

2

Durante o transcorrer do evento, várias personalidades fizeram uso da palavra, destacando-se entre eles:

- Genecy de Sousa Guimarães
- José Tavares da Silva Neto
- Hélio Moacyr de Sousa Duque

2.1

Principais tópicos do pronunciamento de GENECY DE SOUSA GUIMARÃES - Boa Noite aos Amigos do Jardim Leonor e todos os bairros circunvizinhos. É uma satisfação que eu tenho de estar aqui, vos falando aos senhores, depois de longos anos de sofrimento. Certa vez, alguém, perguntava, Genecy, você acredita que há justiça no Brasil? Eu disse a esse sujeito, como posso acreditar numa justiça que nega o direito de responder um suposto crime, em liberdade, e solta um nazista que matou milhões de cidadãos no campo de concentração. De maneira nenhuma eu poderia acreditar numa justiça como essa. Então, depois da anistia, que nós lutamos unidos para fazer voltar neste país a verdadeira democracia, até a justiça desse país ser purificada. Por isso, eu como cidadão que fui brutalmente torturado nos cárceres da ditadura.

PT 1036-126

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo e da segurança da informação.



Confidencial

- 0 3 -

CONT. DO INFO Nº 149/79- ASI/FUEL

130

não posso acreditar em nenhum desses homens que estão no poder. Nem de Figueredo, nem ninguém, essa turma toda. Como que eu vou acreditar em um governo de República que era o Chefe do SNI, que permitia que nos torturassem nos matassem nos cárceres da ditadura. De maneira nenhuma. Então meus amigos, os senhores devem se conscientizar de uma coisa, o Brasil está se encailhando nas mãos dessa gente, fechado os posto aos domingos e querem fechar aos sábados, está encolhendo, nós importamos tudo para o Brasil, cebola, alho, arroz, Feijão, está sendo tudo importado do exterior depois que essa gente fez para o Brasil . Em 1.964 eles acharam os nossos armazéns superlotados de mercadorias, de café, enfim, tudo. Eles desgraçaram com a vida desse país . Então eu faria um apelo aos moradores do Jardim Leonor, (?) o medo, uniremos tudo (?) , vamos fazer com que esse governo dê a anistia, porque a anistia , porque anistia meus amigos, não é um favor que ele está fazendo para aqueles que eles mantiveram no cárcere e mantém ainda. E aqueles que eles mataram ? Como é que eles poderão anistiar ? Certa vez arrastaram um rapaz lá no Galeão, com corrente na traseira de um Jeep até ele perder toda pele do corpo. (?) ,Então, eles não vão conseguir de maneira nenhuma anistiar, um metalúrgico que foi morto e muitos outros aí . Então vamos exigir , porque anistia é no meu entender, o nosso modesto entender, nada mais é do que uma maneira pela qual os torturadores, os assassinos do povo desviam da sua própria culpa, não é favor nenhum. (?) esses crimes bárbaros que eles cometeram com o povo, com o povo do Brasil. Eu gostaria de falar muito aos senhores mas não tenho tempo (?) , mas eu espero que os senhores compreendam isso, a anistia é uma necessidade presente, nós precisamos unir como um só homem para tirar o país dessa miséria em que vive. Nossos filhos não tem garantia de nada, tudo neste país é pago, os filhos dos trabalhadores jamais poderão frequentar uma Universidade, tudo é adverso ao homem que trabalha (?) . Gostaria , também, de fazer um apelo para que todos trabalhadores fossem ao seu sindicato e expusessem seus problemas.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento a 12 Dec. nº 79.099/77 (Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

PT 1035-125

Confidencial

131

CONT. DO INFO Nº 149/79



Porque meus amigos , os pelegos dos sindicatos são muitos bem pagos , sito como exemplo o pelego do sindicatos comerciarios de Londrina que hoje ganha 17.000,00 para deservir a classe dos comerciarios precisamos acabar com isso.

2.2.



José Tavares : Bem gente, do Jardim Leonor , S. Thiago e Santa Rita, é um prazer muito grande estar ' aqui com voces novamente, depois das eleições 15 de novembro no ano passado, inicialmente eu queria agradecer vocês pela ' confiança, pelo voto, pela consideração que vocês tiveram conosco naquelas eleições e eu não tive condições, como nenhum ' candidato, nenhum político tem de agradecer todo mundo pessoalmente e eu aproveito a oportunidade para agradecer o público. Mas nós, políticos da oposição, nós estamos hoje, aqui no jardim Leonor, exatamente para trazer a vocês a nossa mensagem, o nosso testemunho . Nós estamos vivendo, atravessando um momento historico na vida do país. Histórico porque é um momento de transição política a país nenhum do mundo viva sem a política. Eu vejo aqui companheiros, amigos, conhecidos de longa data, homens de cabelos brancos que se preocupam como nós com os destinos do país e é nós com os destinos do país e é nos, nós seres humanos, nós chefes de famílias, nós, homens , mulheres e crianças, nós temos uma missão a cumprir nesta terra, nós temos um dever, nós temos a responsabilidade de lutar, de defender, de defender sobretudo a soberania da nossa pátria. De defender o futuro de nossa gente, dos nossos filhos. E é por isso que é importante este momento em que nós estamos vivendo. Minha gente , este país, do jeito que as coisas andam; se continuar assim eu não sei o que será nossos filhos e dos nossos netos. É verdade; é verdade, e nós temos que nos conscientizarmos disso. É a nós, povo, que compete lutar e defender a soberania e os interesses do Brasil. Não é os estrangeiros que (?) dominando o país . Eu digo isto a vocês porque

te e eu aproveito a oportunidade para agradecer o público. Mas nós, políticos da oposição, nós estamos hoje, aqui no jardim Leonor, exatamente para trazer a vocês a nossa mensagem, o nosso testemunho . Nós estamos vivendo, atravessando um momento historico na vida do país. Histórico porque é um momento de transição política a país nenhum do mundo viva sem a política. Eu vejo aqui companheiros, amigos, conhecidos de longa data, homens de cabelos brancos que se preocupam como nós com os destinos do país e é nós com os destinos do país e é nos, nós seres humanos, nós chefes de famílias, nós, homens , mulheres e crianças, nós temos uma missão a cumprir nesta terra, nós temos um dever, nós temos a responsabilidade de lutar, de defender, de defender sobretudo a soberania da nossa pátria. De defender o futuro de nossa gente, dos nossos filhos. E é por isso que é importante este momento em que nós estamos vivendo. Minha gente , este país, do jeito que as coisas andam; se continuar assim eu não sei o que será nossos filhos e dos nossos netos. É verdade; é verdade, e nós temos que nos conscientizarmos disso. É a nós, povo, que compete lutar e defender a soberania e os interesses do Brasil. Não é os estrangeiros que (?) dominando o país . Eu digo isto a vocês porque

O cesinstituto é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 - Lei de Salvaguarda de Arquivos) 11/11/79

Confidencial

CONT.

PT 1035. 126

Confidencial

132



Cont. do info Nº 149/79- ASI/FUEL

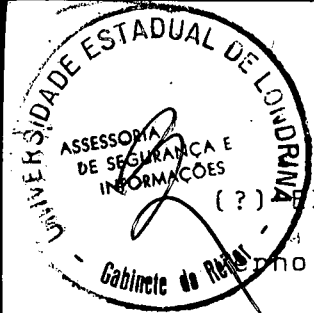
estou a cinco meses na Assembléia, eu nunca fui Deputado, eu estou começando e estou aprendendo , aprendendo com vocês . Mas na medida em que en (?) na Assembléia do Paraná, tomei conhecimento de coisas que me tem preocupado seriamente. porque sou brasileiro, porque amo esta terra e nós não podemos mais, pacivamente, aceitar ou admitir o que me ocorreu. E é por isso minha gente que nós estamos aqui hoje, num sábado, numa noite mais ou menos fria, conversando com vocês, vocês que chegaram do trabalho, que por certo gostariam de estar em casa descansando. Mas o que está ocorrendo, o Governo agora, ele que já fez de tudo para acabar com o povo brasileiro ele agora quer acabar com o único partido que defende os trabalhadores do Brasil que é o MDB. Porque o MDB é um partido que pede justiça social para o seu povo. Ele quer acabar com o MDB porque é o partido que pede educação de graça para o seu povo, ele quer acabar com o MDB porque é um partido que pede liberdade para o seu povo, quer acabar com o partido que (?) e protesta contra o arrocho salarial, que pede um salário mais digno , um salário que de realmente para o chefe de família sustentar-se e a sua família. Ela quer acabar com o MDB porque é um partido que denuncia as violências. Em síntese, ele quer acabar com o MDB porque é a voz do povo. E agora ? Agora o governo acuado pela voz da oposição encaminha ao Congresso , não por que ele quis mas porque o povo exigiu , um anti-projeto de Lei concedendo a anistia a muita gente . Mas a nistia é um instituto de dreito político, se não é anistia total não é anistia . E ele, nossa sua campanha de (?) de demagogia, de engodo, que nada mais tem feito este governo da Revolução a não ser enganar o povo e eu fui enganado muito tempo por ele. (?) e acordei em tempo . Ela continua em sua campanha de engodo, de enganação, de mentira ao povo brasileiro. E eu fui eleito para representar e defender vocês e na medida em que eu tomei conhecimento disso eu não posso admitir e pensar que vocês continuem enganados.

O resmaté...
do sigilo... (Art. Dec. n° 79.059/77...
Assuntos Sigilados)

PT 1036.125

Confidencial

CONT:



Confidencial

133

(?) Ele diz que vai dar a anistia, vai dar como se ele fosse um go-
verno bonzinho, não se dependesse dele não dariam, de jeito nenhum'
Ele está dando isso contra a sua vontade, tanto é que ela vem '
com uma anistia pela metade como se fosse (?) E anistia é esque-
cimento como já dissamos aqui. Anistia é um ato político de um go-
verno que se preze e que esquece as arbitrariedades e injustiças '
que ele cometeu. E esse governo é tão indigno, tão mentiroso, que '
ele vem mais uma vez , mais uma vez, tomando medidas pela metade, '
quer anistiar o João mas não quer anistiar o José. Isto não é '
anistia. E é exatamente pensando nisso, no que esse projeto do go-
verno entra agora em discussão no Congresso Nacional, é que nós '
políticos estamos aqui para trazer ao conhecimento de vocês o que '
está ocorrendo hoje no país . E aí que eu disse e repito, que nós '
temos grande responsabilidade diante disto e o povo também tem, '
porque na medida em que vocês , no dia 15 de novembro passado, '
saíram de casa, bem cedinho, foram com pensamento voltado a um '
candidato, vocês foram na esperança de depositar uma confiança em '
alguém e que esse alguém falasse e fosse digno e honesto com '
vocês . Então minha gente, o momento é de transição , o momento é '
histórico e decisivo e nós só vamos vencer esta parada na medida '
em que nós, povo, porque o povo é forte, o povo unido não tem exérci-
to, não tem canhões , não tem metralhadoras, o povo unido é forte, '
e nós temos de nos convencer disso. O senhor, trabalhador, tem que '
se conscientizar do seu direito, conscientisar do seu papel, o senhor '
é tão forte quanto forte é aquele João Figueiredo que aparece nas '
revistas, nas manchetes, nos jornais, praticando halterofilismo, en-
ganando o , povo, mentido para o povo, dizendo que é um homem '
popular. Esses programas de televisão, trabalhadores de Londrina, em '
que vocês vêem "planta que o João garante " aquele quadro da Salomé, '
tudo isso é preparado do pelo Governo para fazer com que o Fi-
gueiredo seja popular, para fazer com que o Figueiredo seja o ho-
mem do povo, para ela continuar no poder , para que esse regime se '
perpetue no poder. Saibam disso, isso tudo é fruto de uma campanha de '
popularização do governo,

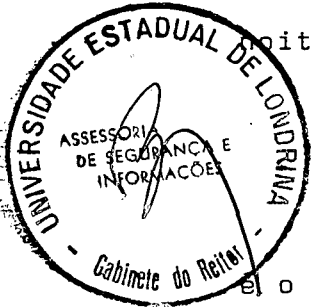
O resumo é responsável pela manutenção
do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº
79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de
Assuntos Sigilosos)

Confidencial

Confidencial

CONT. DO INFO Nº 149/79- ASI/FUEL

porque o governo não aguenta mais a pressão do povo. Foi um prazer muito grande, trabalhadores de Londrina, voltar o revê-los, conversar com vocês em praça pública, estamos na Assembléia inteiramente às ordens. Muito obrigado, felicidades a vocês e uma boa



2.3



Hélio Duque : Jardim Leonor , a anistia

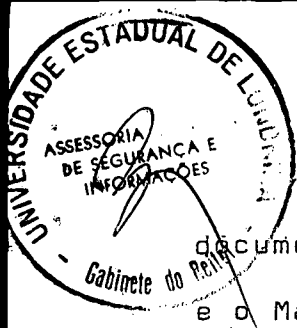
o único caminho de pacificação deste país. A quinze anos neste país plantaram o ódio e sedimentaram o divisionismo. A quinze anos neste país deu-se um golpe de Estado para negar as conquistas dos trabalhadores. A quinze anos neste, país um grupo de golpistas com o respaldo de alguns militares assumiram o comando do Brasil para entregar às multinacionais, para entregar ao capital estrangeiro, para negar ao brasileiro o direito de ter uma vida digna . E aqueles que resistiram, aqueles que ficaram solidários ao povo , esses foram cassados, esses foram torturados, muitos foram mortos, tantos estão desaparecidos, mas a resistência continua e essa resistência dia a dia ao longo dos quinze anos só tem se multiplicar. É por isso que nós numa noite de sábado , jardim Leonor, aqui estamos para dizer que é pela pacificação desse país, pelo direito do trabalhador ter na sua mesa pão para si e para sua família é preciso que se bata pé, uma anistia ampla, geral e irrestrita em que (?) brasileiros, a voz daqueles brasileiros que ao longo dos quinze anos resistiram a ditadura, resistiram ao arbítrio e sempre disseram, e sempre pregaram o Brasil é dos Brasileiros. O Brasil não é de Golbery do Couto e Silva, um empregado de uma empresa multinacional de nome (DOW CHEMICAL), o Brasil não é do Major Heitor Ferreira de Aquino, Secretário particular do Presidente Figueiredo, como secretário particular foi do Presidente Geisel e que é empregado de uma multinacional que se chama Jari. E fiquem contentes Jardim Leonor porque isso que estou dizendo aqui já denunciei com documentos que chegaram às minhas mãos encaminhados por setores do próprio Estado Maior do nosso Exército e eu denunciei documentos e possuo as cópias dessas

Cópia de documento encaminhado para o Conselho de Segurança Nacional (Art. 12, Dec. nº 79.624, de 7/11/73 - Conselho de Segurança de Assuntos Espaciais).

Confidencial

CONT.

PT 1036.125



Confidencial

- 08 -

CONT. DO INFO Nº 149: /79- ASI/FUEL

135

documentos envolvendo corrupção do General Golbery do Couto e Silva e o Major Heitor Ferreira de Aquino, os dois grandes sustentadores da política de Figueiredo assim como foi do Presidente Geisel. É por isso que o Brasil precisa de anistia e ao lado da anistia eleições diretas em todos os níveis, quando o povo possa de fato eleger os seus representantes. E não ter como temos hoje representantes do anti-trabalhismo, representantes que estão no poder para negar o direito do trabalhador. E eu aproveito, Jardim Leonor, para fazer uma denúncia aqui, na próxima quinta-feira estarei fazendo lá na Câmara. Você quer ver? Precisa-se também, anistiar a fome que o povo brasileiro, sobretudo o trabalhador e você sabe muito bem disso, Jardim Leonor, está a viver, você hoje quando compra um kilo de café você paga cento e vinte cruzeiros. Cento e vinte cruzeiros. Cento e vinte cruzeiros é 5% do salário mínimo. Até o direitos de beber café tiraram do trabalhador. Mas enquanto isto eu pergunto, se tiver alguém aí da Polícia Federal eu pergunto, e porque vocês não proibem o contrabando que está crescendo neste Estado do Paraná. Na última quarta feira fiz, com alguns correspondentes da imprensa nacional, uma visita a alguns municípios onde funciona o roteiro do contrabando de café neste Estado, e olhe bem trabalhador do jardim Leonor, vocês sabe bem por que por um kilo de café você paga cento e vinte cruzeiros, que equivale a 5% do seu salário? Porque o contrabando está solto. Este ano, somente este ano, neste Estado do Paraná tiraram mais de quinhentas mil sacas de café. E todo mundo sabe, a Receita Federal sabe, sabe a Polícia Federal quais são os contrabandistas desta cidade, desta região. Mas o que fazem? nada fazem, porque eles só são fortes e valentes contra o trabalhador. Punam-me, processem - me, se o que acabei de denunciar aqui, pela primeira vez, mas que estarei na quinta feira denunciando em Brasília diante da tribuna da Câmara. Então a anistia passa pela necessidade de se apagar neste país, de-se apagar esse ódio, este crime de divisionismo da (?), este crime nega o direito do trabalhador de ter o pão na sua mesa.

O conteúdo é preservado pela manutenção do sigilo em virtude do Art. 12 Dec. nº 79.099/77 (Decreto de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

PT 1035-126

Confidencial

CONT.

Confidencial

- 09 -

CONT. DO INFO Nº 149/79- ASI/FUEL

136

Mas enquanto isto eles dizem, o Estado é autoritário, nós temos polícia para isso e para aquilo, tem polícia para proteger a corrupção, tem polícia... É por isso jardim Leonor que nós estamos aqui e voltamos pela primeira vez após 15 de novembro, para dizer que estamos procurando, nesta luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, assumir aquele compromisso que a nove meses exatamente, neste mesmo lugar, assumi com você Jardim Leonor, de ser uma vez a resistência contra o arbítrio, contra a ditadura, pelo direito do povo brasileiro de terem dignidade, pelo direito de termos um amanhã de certeza e sem fome para o nosso filho. Muito obrigado.

Observação : Os pronunciamentos aqui registrados, foram obtidos por meio de degravação , sendo cópia fiel dos mesmos. Segue anexo ao presente info cópia xerox de fotografias , que foram obtidas logo no início da realização do evento.

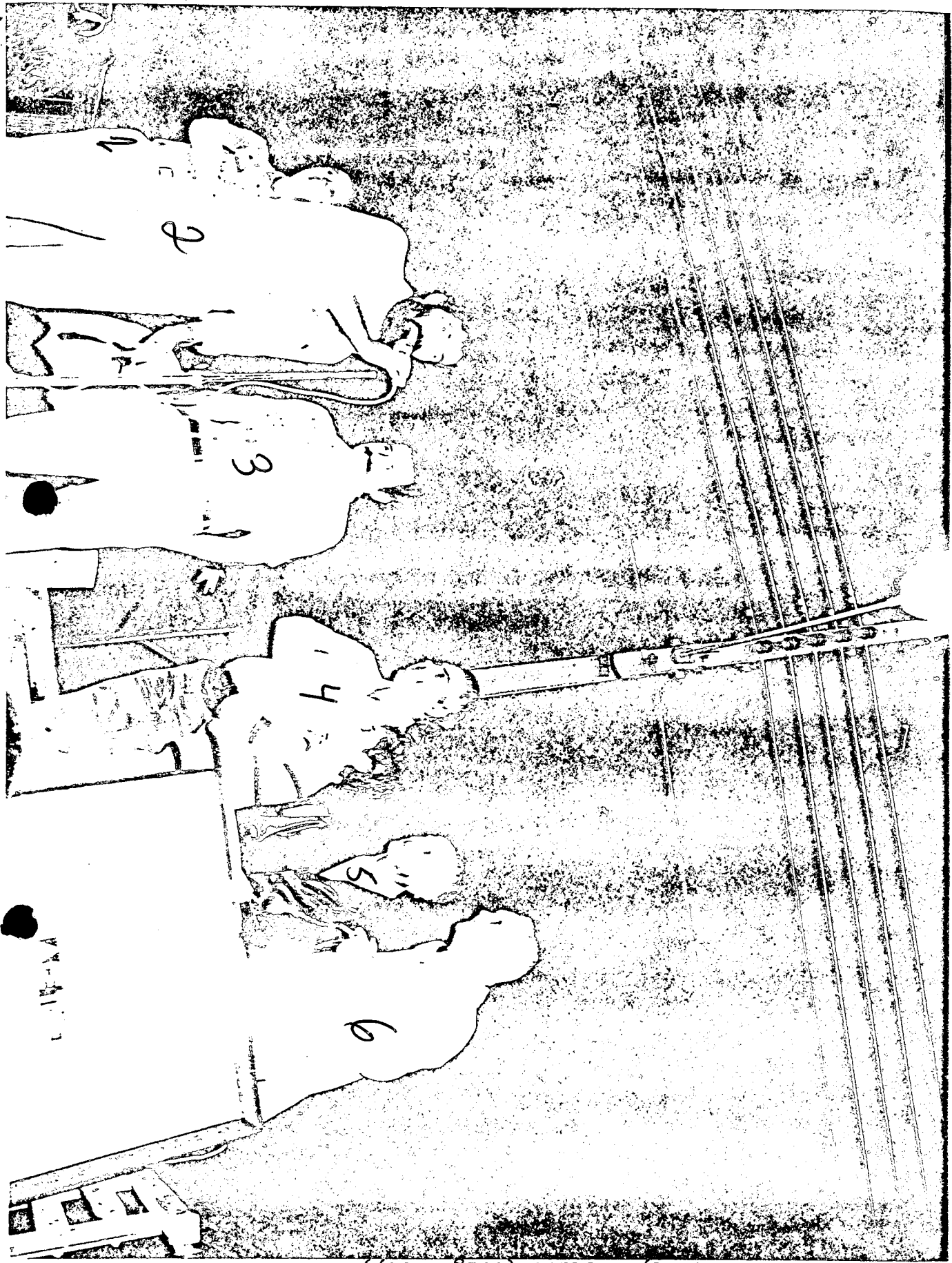
O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec nº 79.095/79 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos de Segurança).



PT 1036.126

Confidencial

COMICIO DO COMITE LONDRINENSE PELA ANISTIA E DIREITOS HUMANOS JARDIM-LEONOR-28/07/79



6-Doracy Machado (vulgo Cecy)

5-Wilson Moreira

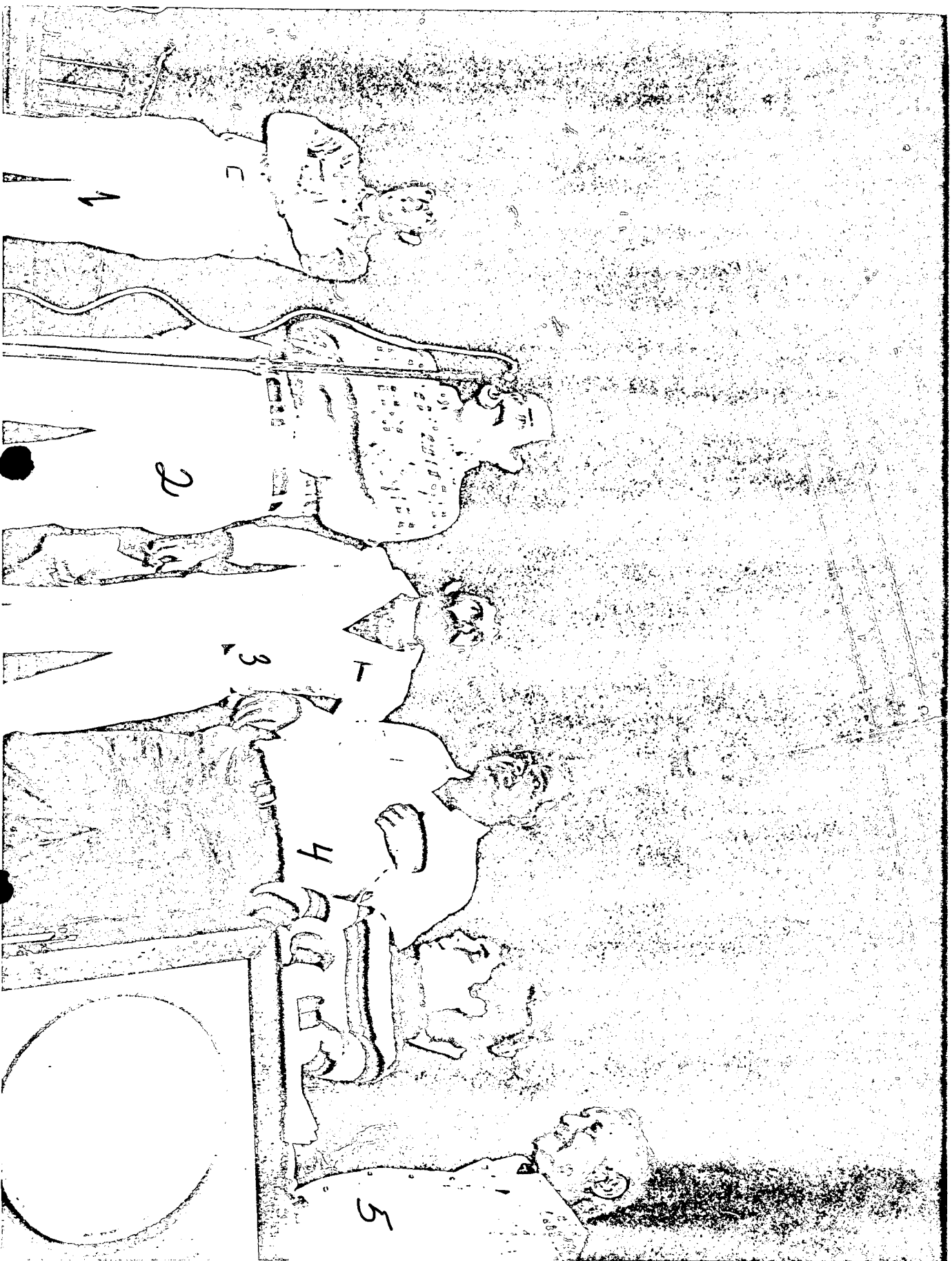
4-José Richa

3-José Tavares da Silva Neto

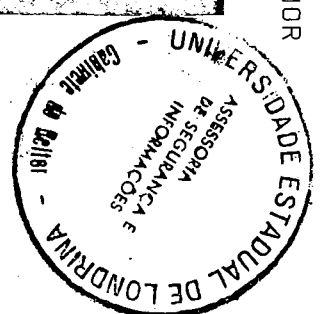
2-Domingos Pellegrini Junior

1-João Olivir Gabardo

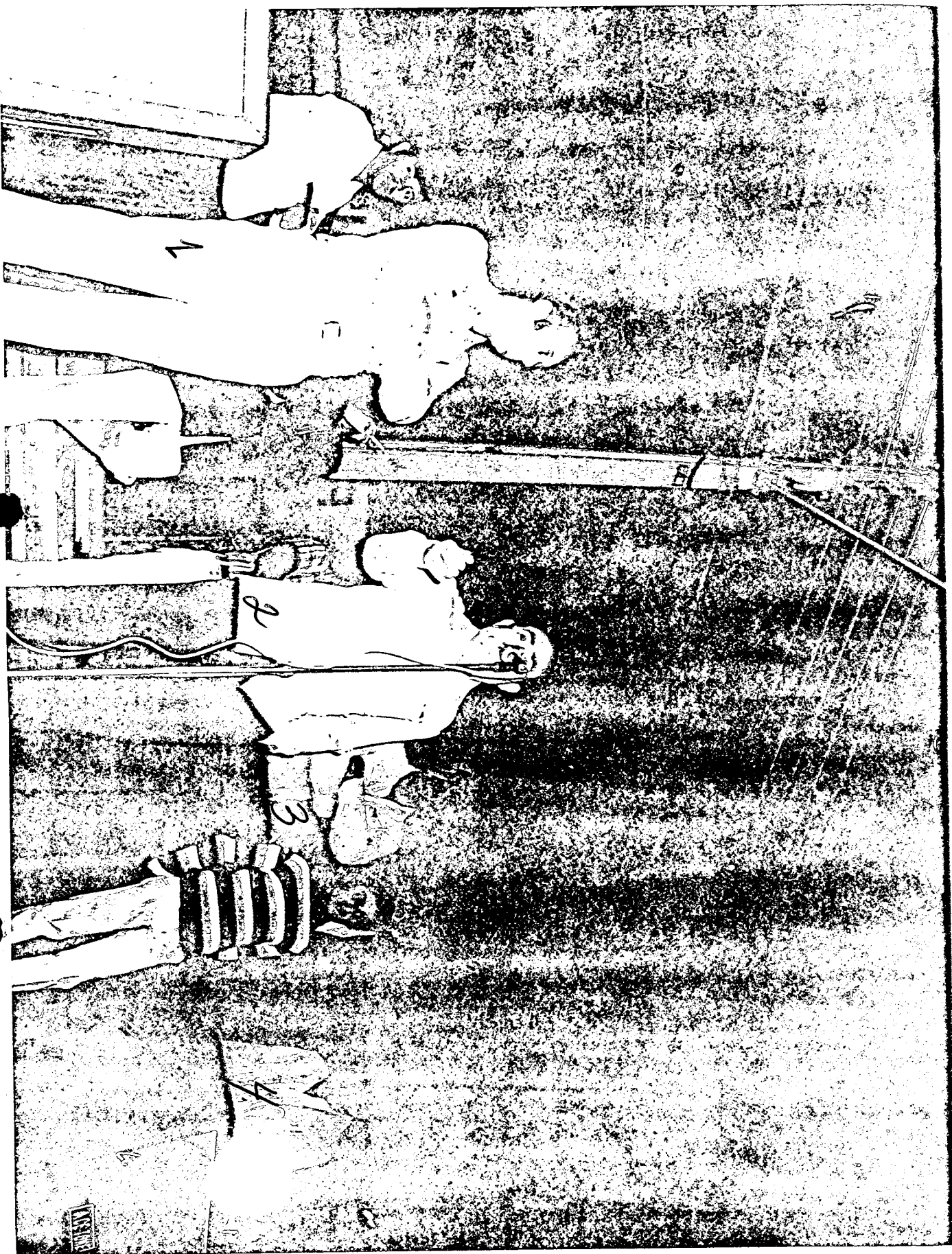




1-João Olivir Gabardo
2-José Tavares da Silva Neto
3-Domingos Pellegrini Junior
4-José Richa
5-Doracy Machado (vulgo Cecy)



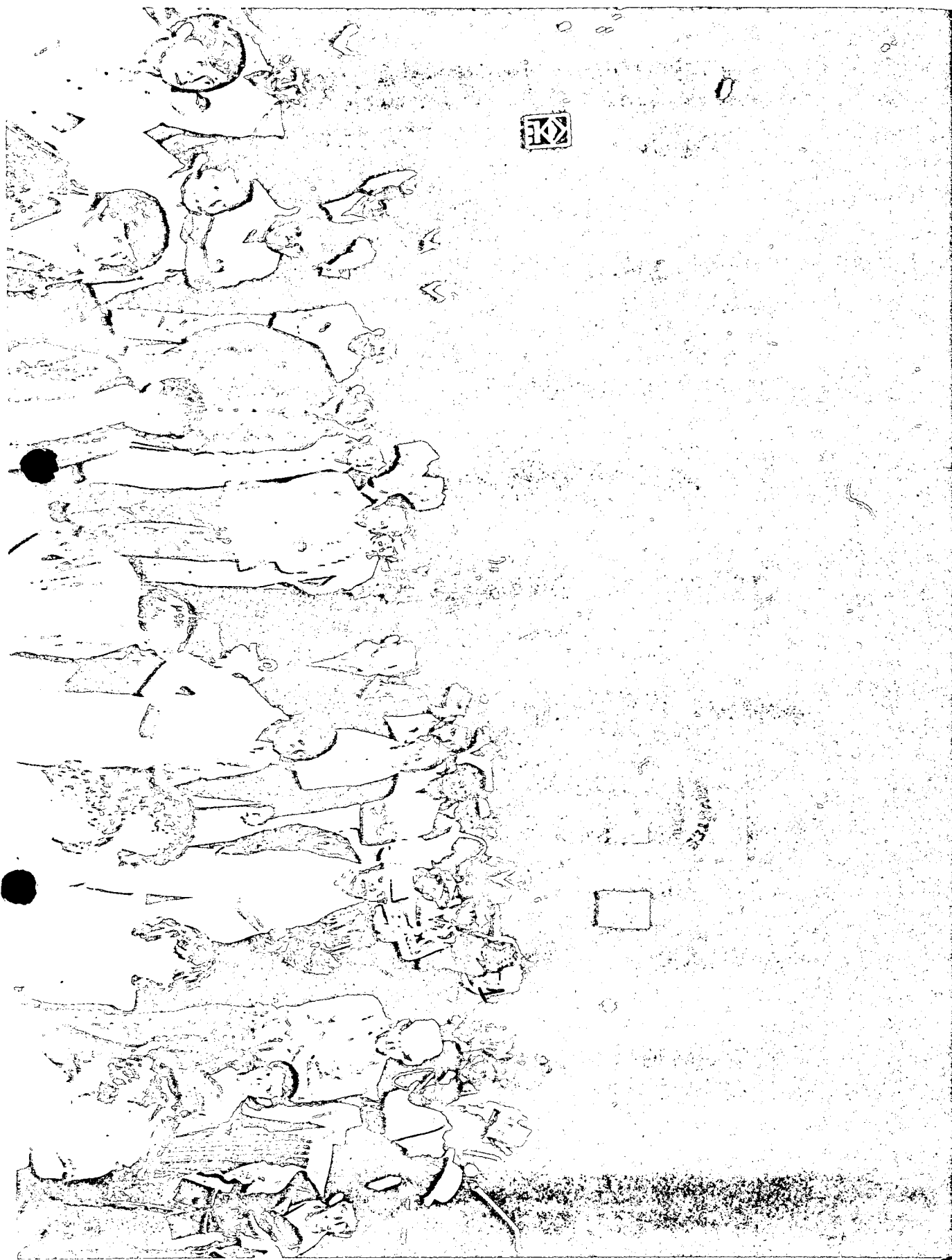
COMICIO DO COMITÊ LONDRINENSE PELA ANISTIA E DIREITOS HUMANOS - JARDIM LEONOR - 28/07/79



1- João Olivir Gabardo
3- José Richa

2- Genecy de Souza Guimarães
4- Doracy Machado (vuigo) Cecey



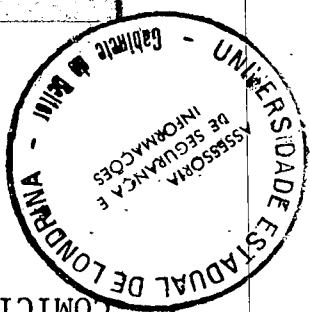


1-Arnaldo Agenor Bertone

JARDIM-LEONOR-28/07/79

COMICIO DO COMITE LONDRINENSE PELA ANISTIA E DIREITOS HUMANOS

PT 1036.126

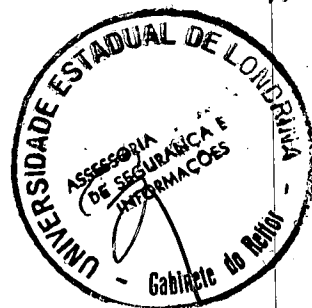




Confidencial

ENCAMINHAMENTO nº 139/79 - ASI/FUEL

DATA: 30.10.79
 ASSUNTO: GILBERTO BERGUIO MARTINS
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA: -----
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 ANEXOS: Cópia xerox de recorte de jornal-----
 DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR



1.

Este OI encaminha para análise, cópia xerox de entrevista de Gilberto Berguio Martins, líder do Grupo Poeira, diretor da Secretaria de Saúde da UNE.

1.1

A referida entrevista foi publicada no Jornal Folha de Londrina, edição de 25.10.79.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.049/73 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1658
 DATA: 05/11/79

R. legé

1. Aceite. se.
2. Mueve se.

5.11.78

66

Pasta / FUEL

Anotado

Em 09.11.79

Quys
L.C.



CONFIDENCIAL

142

INFORMAÇÃO nº 124/79

DATA: 16.08.79
 ASSUNTO: JOEL DOS SANTOS GUIMARÃES
 ORIGEM: ASI/FUEL
 REFERÊNCIA:*****
 DIFUSÃO ANTERIOR:
 ANEXOS: *****
 DIFUSÃO: DSI/MEC- DSI/SSP/PR



1

O nominado estudante da Fundação Universidade Estadual de Londrina, Vice Presidente do Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos e membro atuante na Cop. Jornal do Paraná, presidiu no dia 12 do corrente, uma reunião estudantil, realizada na Sede provisória do DCE Livre de Londrina localizada na Rua Hugo Cabral número 727.

1.1

Durante a reunião, o nominado pronunciou uma palestra, tendo como Tema: Os Últimos 15 Anos da Política Brasileira.

1.2

Principais Tópicos da Palestra

Disse que o Brasil nos últimos 15 anos, transformou-se em terra de ninguém, usurpada pelo capital estrangeiro. Foi necessário o uso da violência para calar a boca do povo Brasileiro, mas as forças democráticas representadas por várias entidades somadas com a massa popular sempre combateram os golpistas. A invasão das multinacionais foram favorecidas pela política econômica imposta pelo sistema.

A revolta da classe trabalhadora é grande e tem condições de transformar o Brasil, em uma segunda Nicarágua, pois o povo não aguenta mais a Exploração e a Corrupção que mora no planalto e se chama Golbery de Couto e Silva.

"CONT".

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79 099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

PT 1036-125

R. Leje

1. Auster
2. Maguire.

SDA, 27.8.79

QA

PASDA ASI/FUEL

anobdo: 25/10/79

afemid

Confidencial

143

2

Em seguida fez uso da palavra o estudante da Fundação Universidade Estadual de Londrina Antonio Claudio Leme, líder do Grupo Poeira e membro da Comissão Pró DCE Livre de Londrina.

2.1

Principais Tópicos de Sua Conferência

Iniciou sua palestra, fazendo a seguinte pergunta para o público presente "Vocês Sabiam que a Coisa pode Estourar a Qualquer Momento, de uma hora para outra" ? . Pois todas as Entidades Casadas e Extintas estão se reorganizando para voltar a atividade, recentemente alguns membros da UNE, participaram do 7º Congresso Nacional do Partido Comunista do Brasil (PC DO BRASIL) o evento foi realizado no período de 8 a 20 de julho de 1.979 no Brasil, entretanto o local não foi divulgado por razões de Segurança e somente os convidados sabiam de sua localização.

Com referencia a situação politica do pais, disse que o regime está no fim, pois o sistema politico, as arbitrariedades, a panelinha dos generais se encontram em crise, não suportando as investidas das entidades que lutam contra o arbítrio e os atos de exceções, abrindo brechas (espaços) significativos. Inclusive existe descontentamento nas Forças Armadas, e a crise já chegou nos quartéis, muitos militares não concordam mais com a politica economica Brasileira.

3

Estiveram presentes a reunião acima referida

os seguintes elementos:

Carlos Augusto Dias //
 Marco Antonio Fabiani //
 Luiz Eduardo Cheida //
 Maristela Geralda Galvão //
 José Fernando Amaral //
 Cicero Romão de Araujo //
 Luiz Carlos Merlini //
 João Soitiro Oikawa //



Confidencial

O signatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12, Par. 7º, 099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

144

Confidencial



- Cesar T. Kohatsu
- Raquel Dias de Araujo
- Marcia Oliveira Gonçalves
- Nilzete Liberato
- Maria Cristina da Silva
- Henrique Nunes Balalai
- Mercio de Macedo Galvão
- Roberto Menoli
- Antonio dos Santos Texeira
- Liliam Kanayama
- Raquel Campiollo
- Sandra Bizak
- Bety Elmer
- Eliane Ely Lapa
- Cristina Aparecida Figueiredo
- Maria José Volpini Santa Maria
- José Antonio Vieira de Paula

O desmatário é... pelo pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

3.1.

Ao final da reunião foram distribuídos os jornais "movimento" e Lampião".

O jornal Movimento número 212, teve seu encarte destacado, sendo muito aplaudido e despertando curiosidade, em virtude de conter um dossiê intitulado "UM MAR DE LAMA".

Confidencial



Confidencial

145

INFORME nº 115/79 - ASI/FUEL

DATA: 21.12.79

ASSUNTO: INSCRIÇÕES EM SALA DE AULA

ORIGEM: ASI/FUEL

AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: -----

ANEXO: -----



1.

Este OI tomou conhecimento que em salas de aulas do Centro de Letras e Ciências Humanas da FUEL, estão aparecendo inscrições no quadro negro, contendo o seguintes texto:

LOSMA

"PROLETARIOS DO MUNDO

UNI - VOS"

F. JULIAO

1.1

Até a presente data não foi identificado o autor ou autores da referida inscrição.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 44
 DATA: 07/01/80

R. Gage

1. Create:

2. Acquire.

Jan 8.1.80

GA

PASTA FUEL.



Confidencial

ENCAMINHAMENTO nº 162/79 - ASI/FUEL

146

DATA: 20.12.79
 ASSUNTO: RELATÓRIO DA 1ª. REUNIÃO DO CONEAD (CONSELHO NACIONAL DE
 ORIGEM: Asi/Fuel--- ENTIDADES DE ADMINISTRAÇÃO)-----
 REFERÊNCIA: -----
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 ANEXOS: Cópia xerox de relatório-
 DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

1.

Este OI encaminha para análise, cópia xerox do relatório da 1ª. Reunião do CONEAD, realizado nos dias 08 e 09 de dezembro do corrente ano em Vitória/ES.

1.1

A próxima reunião do CONEAD está prevista para Belo Horizonte, nos dias 09 e 10 de fevereiro de 1.980.



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12, par. nº 79.097 - 7 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTÓCOLO
 N.º 46
 DATA: 07/01/80

Confidencial

R. Legi

1. Giente.

2. McGuire. ee

Jan. 8. 1. 80

[Signature]

PASTA FUEL.

A divertida "Farsa do Juiz"

A peça "A Farsa do Juiz" ou "As Peripécias de João Braz" de Alejandro Casona, foi encenada pelo Grupo Movimento, domingo último, no Centro Social Urbano da Vila Portuguesa. "Movimento" existe há quase dois meses e surgiu de um curso de teatro ministrado por Apolo Mário de Souza Teodoro no CSU, do qual participaram quase 40 jovens. Em um mês eles escolheram o texto e montaram a peça.

"A Farsa do Juiz" é uma sátira à justiça. A peça se desenvolve num clima cômico e o enredo é bastante interessante: (a época é medieval). São personagens: um juiz; seu secretário de audiências; João Braz, o hospedeiro do lugar; um caçador; um alfaiate; e duas peregrinas.

MOVIDO PELA GULA

O juiz é o retrato da corrupção e sofre de gula, tanto que diz:

Todo o segredo do meu bom senso está no estômago. Um homem bem alimentado é sempre um homem bom. Um homem bem bebido é sempre um homem sábio. No dia em que ocorreu a Salomão a idéia de partir uma criança ao meio, estava inspirado por uma luminosa digestão.

As cenas iniciais mostram o Juiz e seu secretário — sua sombra e seu capacho — saboreando um "luto jantar" com assados e vinhos nobres. E toda a conversa é em torno da culinária surpreendente de João Braz, o hospedeiro. E o secretário, que julgava seu superior o mais incorruptível de todos os seres, espanta-se ao saber que o assado — costeletas com molho de ameixas que saboreiam é fruto de um roubo. Com isso, acabou se transformando em cúmplice do juiz por uma hora de gula.

A resposta que o magistrado tem, para seu subordinado, é essa:

"Gula é o meu fraco. Ponha-me diante de um sorriso de moça ou uma lágrima de viúva e me verá impavido. Ponha-me aos pés de todo o ouro do mundo e não me verá dobrar a vara da justiça. Mas não me ponha costeletas de veado com molho de ameixas que eu não resisto".

QUATRO CRIMES DE UMA VEZ

João Braz, o hospedeiro, roubou um veado que lhe havia sido confiado por um caçador profissional. Roubou a pedida do Juiz. Quando o caçador voltou para buscar o assado, o cozinheiro alegou-lhe que o animal fugira do forno. É claro que o caçador não acreditou e saiu em seu encalço. Na fuga, João Braz cometeu quatro crimes de uma só vez e pedindo socorro ao co-autor do roubo — o juiz — ele conta:

Foi tudo culpa do meu azar. Fugindo do caçador, quebrou as costelas de duas peregrinas; fugindo das peregrinas, derrubei a mulher do alfaiate que estava grávida; fugindo do alfaiate aconteceu a desgraça mais sangrenta, a do burro.

— Que desgraça e que burro são esses? (pergunta o juiz).

— O burro do lenhador. Era a minha única salvação para escapar mas o maldito animal empacou. Tentei puxá-lo pelo rabo e nada! Tanto puxei que acabei ficando de quatro com o rabo do bicho nas mãos. E aí estão os quatro, como quatro fúrias pedindo minha cabeça aos gritos. Defenda-me com sua sabedoria, Excelência!

A JUSTIÇA EM "AÇÃO"

Com uma tranquilidade carregada de ironia e cinismo o Juiz ordena ao secretário que deixe entrar os queixosos. Enquanto a balança da justiça vai funcionar, mas bem à moda do Juiz, ou seja, de acordo com seu apetite. Ele vai tentar salvar seu estômago, porque também é culpado nessa estória toda. Antes de dar a sentença final ao seu cozinheiro ouve ambas as partes.

Começam as alegações. O caçador narra o episódio do roubo, duvidando que um animal abatido em caça

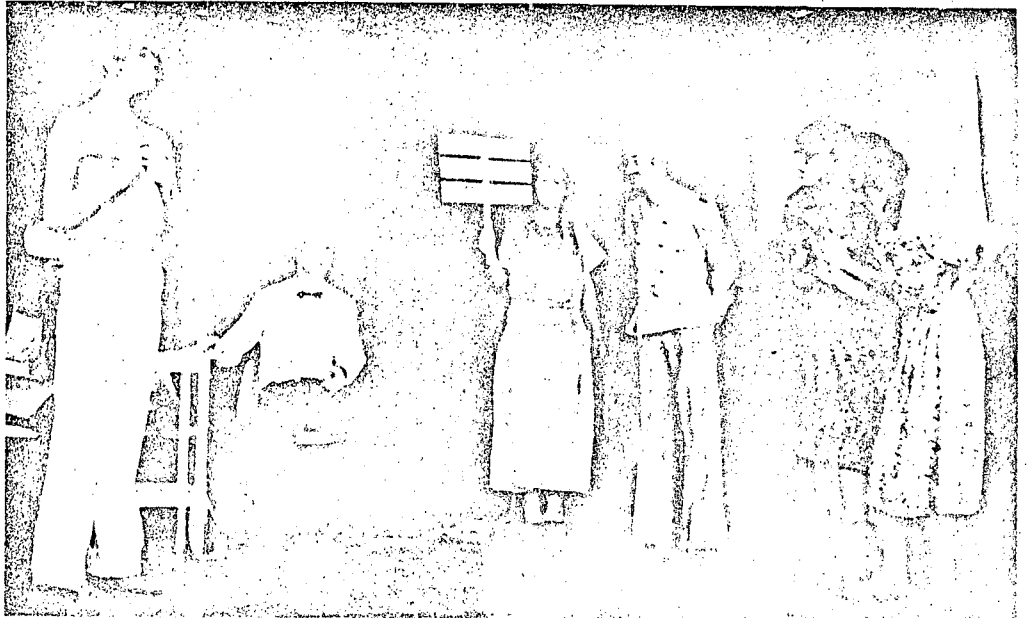
puddesse fugir de um forno. O juiz argumenta: "Nada é impossível perante a vontade de Deus, meu filho. Morta estava a filha de Jairo quando lhe foi dito: "Dormindo estás, desperta!" O secretário emenda: "São Mateus, capítulo 9, versículo 25".

Por seu turno o caçador acaba se irritando com tanta enrolação e continua acusando o cozinheiro. No final é este o resumo de seu depoimento lido pelo secretário de audiência:

"Primeiro: o depoente confessa ser caçador profissional, num desrespeito evidente ao quinto mandamento, que diz: "Não matarás". Segundo: declara abertamente que não se importa com os santos evangelhos e nem com as bodas de Caná. Terceiro: manifesta claramente dúvidas quanto ao dogma da ressurreição. Quarto..."

— Basta — diz o juiz — já é o suficiente. Lamento muito, meu filho. Poderia te perdoar por difamação, sem provas nem testemunhas, de um honrado cidadão. Poderia mesmo te perdoar por ter entrado armado no templo da justiça. Mas esta heresia em flagrante! Nada posso fazer senão submetê-lo à Santa Inquisição!

Depois dessa o caçador cai de joelhos e acaba pedindo perdão por tudo que disse de João Braz, assumindo a culpa de tudo. Além disso é obrigado a pagar duzentos cruzeiros pelas custas do processo e recebe como encargo, levar ao Juiz o primeiro faisão e o primeiro veado que conseguir caçar.



Para Maria Aparecida Lima, 17 anos de idade, o fato de fazer teatro é quase uma novidade. E da peça ela (que faz o papel da justiça alienada) diz: "É um alerta, uma forma de sacudir o povo que anda muito calado".

UMA REALIDADE POPULAR

Valdir Belchior de Oliveira está no grupo desde o início. Faz o papel de secretário do Juiz: "O teatro é uma boa experiência e o papel que faço se adequa ao meu gênero. Quanto ao secretário, ele é um subordinado, um puxa-saco, não tem personalidade. O texto é bastante comunicativo e mostra como é a justiça, ou seja, de uma maneira farsesca coloca como é a justiça na realidade".

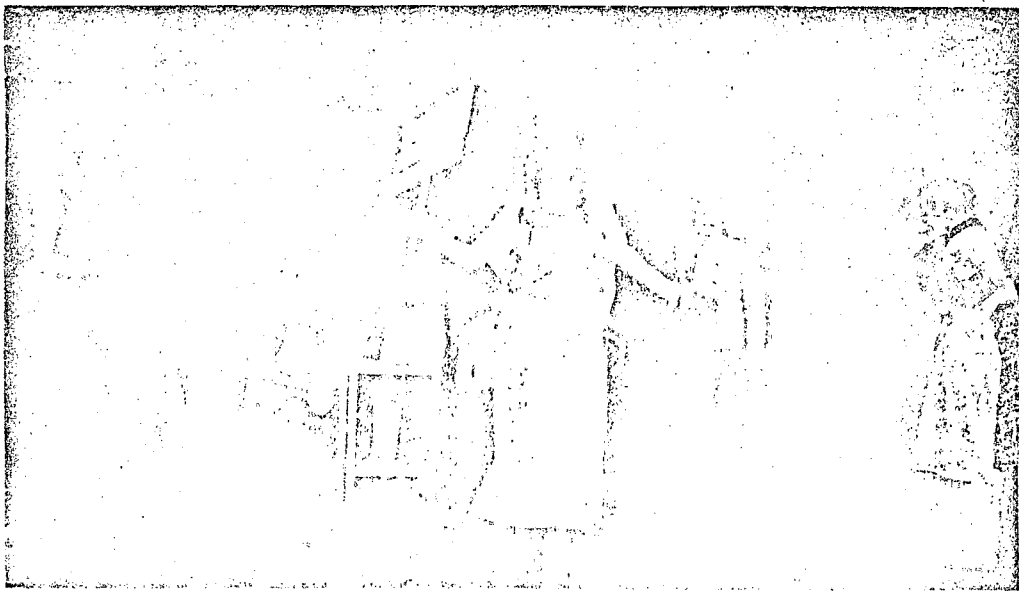
Alaor Magre é veterano em teatro popular. Durante quatro anos participou do Grupo Gente — e é um dos mais experientes do Grupo Movimento que atua no CSU. Durante a semana Alaor trabalha de auxiliar de saúde naquele centro e aos domingos dedica-se ao teatro. Seu personagem é João Braz, o coautor de tantos estragos.

"A princípio — diz Alaor — pensava-se em fazer teatro religioso, pois a maioria do pessoal participa do movimento jovem cristão. Depois de lermos algumas peças como "A escada do sucesso" de Domingos Pelegrini Júnior, e outras, decidimos montar "A Farsa do Juiz", uma peça medieval de 1469, adaptada pelo Grupo Opinião de São Paulo.

TROPEÇOS DO COTIDIANO

"Oportunamente, o grupo interferiu no texto, pelo fato de existir a necessidade de se colocar a linguagem em termos mais populares. Como o objetivo do grupo é trabalhar com o público da periferia, nada melhor do que usar o linguajar do dia-a-dia, para se aproximar mais das pessoas, da realidade. Esta montagem não é definitiva e está sujeita a alterações. Nós contamos muito com o apoio do Apolo sempre que aparecem dúvidas na montagem".

Amarildo Pereira é um dos primeiros integrantes do Grupo Movimento: "Gosto de fazer teatro e é mais gostoso ainda poder levá-lo ao povo que não tem condições de pagar para assistir um teatro "de alta classe". A peça mostra o dia-a-dia e as injustiças que esse pessoal sofre. Quanto ao meu personagem — faz o juiz — já estou acostumado com ele mesmo antes de fazer a peça, ou seja, ele é o retrato fiel da injustiça com a qual todo brasileiro tropeça no cotidiano".



AS "SÁBIAS" INTERPRETAÇÕES

O alfaiate interpreta prontamente, harmonizado com a decisão do juiz e protesta contra a sentença. O magistrado, por sua vez, usando ainda de sua "esplêndida sapiência" não aceita o protesto e pergunta:

— "Se esse infame arruinou sua colheita não é justo que te devolva outra colheita?"

— Isso é uma injustiça! — grita o alfaiate.

— Insulto à autoridade; 200 cruzeiros de multa por causa disso. (O secretário anota tudo velozmente)

— O preço não interessa. Entrego tudo que tenho para ver esse bandido na forca! (o alfaiate revolvido)

— Tentativa de suborno! 400 cruzeiros por isso! sentença o Juiz.

(Desesperado, o alfaiate busca apoio na plateia)

— Estão vendo isso, cidadãos? Podemos permitir uma farsa dessa natureza?

— Incitação à rebelião! 800 cruzeiros — continua sentenciando o magistrado.

— Apelarei à suprema majestade! Se necessário irei a Roma falar com o Papa!

— Colaboração com potência estrangeira? Cr\$ 1.600,00. Alguma coisa mais a alegar?

Diante de tanta injustiça o alfaiate acaba renunciando humildemente à restituição proposta a João Braz de "recompensar a colheita".

— Concluídas as partes (continua o Juiz fazendo as contas de quanto o alfaiate lhe deve). Três mil cruzeiros redondos. Cobre-se, pague-se e reembolse-se. Que fale o quarto!

Já sabendo da moral da estória o lenhador vai saindo de mansinho com o rabo do burro nas mãos. Viu tanta injustiça que sai jurando que seu animal nasceu sem rabo e sem rabo morrerá. Quanto a acusar João Braz jura também que nada tem contra o cozinheiro.

MANDARE E ORDENAR

Triunfante, a justiça entra em campo, amarrada por uma corda — mostrando o quanto é controlada pelo Juiz e o secretário. É por isso que eles cantam:

"Somos, somos os julgadores deste lugar
Nossas mãos fazem justiça
E isso é o que interessa.
Mandar e ordenar
É com a gente mesmo
Mandar, mandar, mandar
E o filet cortar.
Para todos os assuntos, somos, somos, conselheiros
Somos nós os cavalheiros, que a ordem protegemos.

Com tato e com razão, mul respectosamente com seguimos.

E quando não com o bastão"

UM NOVO GRUPO AMADOR

O grupo Movimento é composto de pelo menos 12 elementos. Geralmente eles se reúnem aos domingos, na parte da tarde, uma vez que todos trabalham durante a semana. Ao contrário de muitos grupos de teatro amador, o Movimento pode dispor de um local de ensaio bem equipado. Um bom palco, "spot-lights", mesa de iluminação, instalados especialmente num dos barracões do Centro Social Urbano — a sala cultural. É ali que, durante um mês, dispo do dos domingos, eles montaram a peça "A Farsa do Juiz" já encenada há dois anos pelo Grupo Gente, que era coordenado por Apolo Teodoro, o mesmo que iniciou o Grupo Movimento.



Alaor (João Braz, o hospedeiro) já tem experiência em teatro popular e está bastante engajado ao trabalho do novo grupo

"OLHO POR OLHO..."

Para as peregrinas que tiveram as costelas quebradas o magistrado sugere "com toda a sabedoria": "João Braz, a lei há de ser rigorosa para você: olho por olho, costela por costela. (E ordena ao secretário que acorde os guardas para levá-las à igreja). Chegando lá, você, cozinheiro, ajoelhe-se e reze o terço. Vocês, peregrinas, subam ao coro, fechem bem os olhos e atirem-se sem medo em cima dele".

— Mas são sete metros de altura, senhor! — falam assustadas com a sentença. E sabendo que nessa vão se sair pior do que estão, resolvem retirar a queixa. Mais uma vez João Braz sai inocente...

DEPOIS DOS FATOS, A "SENTENÇA"

Entra em cena o alfaiate, que teve perdão o trabalho de sete anos. Sua mulher engravidou depois de muitos sacrifícios. Naquela manhã o casal se dirigiu à igreja para agradecer o milagre. Eis que, de repente, surge João Braz feito um furacão, atirando-se contra a mulher do alfaiate, que acabou sofrendo um aborto.

João Braz pede perdão, mas o alfaiate retruca: "Nada se acerta com perdões. Hoje de manhã eu era um homem feliz e agora sou o mais desgraçado de todos. Hoje de manhã minha mulher estava redondinha como uma maçã, e agora está murcha como um saco de farinha vazio. Justiça senhor Juiz, justiça!"

Quando o Juiz se volta para João Braz, simulando a repreensão, tudo indica que dessa vez ele não poderá escapar da condenação e o que se ouve é a mais absurda das sentenças:

"João Braz, leve a mulher desse alfaiate para a sua casa e não descanse, até devolvê-la cheia e re-



Confidencial

INFORME nº 103/79 - ASI/FUEL

158

DATA: 03.12.79
 ASSUNTO: MOVIMENTO DE UNIÃO DOS PROFESSORES DO PARANÁ - MUPP
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: -----
 DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: -----
 ANEXO: ----- Cópia xerox de recorte de jornal-

1.

O Movimento de União dos Professores do Paraná, entidade de cunho esquerdista, criado em Londrina, durante a greve dos professores secundários eclodida em 1.978, está sendo rearticulado novamente, por elementos radicais, associados da Associação dos Professores Licenciados do Paraná.

1.1

O referido grupo perdeu recentemente as eleições para a diretoria da APLP.

1.2

Os principais líderes do MUPP são:

- Edezina de Lima Oliveira;
- Elza Pereira Correia;
- Jair Salvador;
- Vanoly ACosta Fernandes;
- Benedita Marques Araujo;
- Elenice Pimentel Pelegrini;
- Irene Vicentine Theodoro.

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
 N.º
 DATA:

1.3

Segue anexo ao presente informe, cópia xerox de uma carta de autoria da Professora Benedita Marques de Araujo, incentivando a rearticulação do MUPP.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.324/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1857
 DATA: 11/12/79

Confidencial

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
 ASSESSORIA DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES
 Gabinete do Reitor

R. legi

1. Suote. se.

2. Noque. se

Mi, 17.12.79

Posta IFUEL 

Anotado

Em 21-12-79



Reconstruir o MUPP

1978 —Marco de glória para o magistério paranaense! Depois de dez anos de conformismo e subserviência, erguem a cabeça e fazem ouvir sua voz os 20 mil professores que deflagraram a greve e paralisaram as aulas em 88 cidades do Paraná.

E solidários e combativos aguentamos, durante mais de 40 dias, toda espécie de repressão, atentados e até mesmo ameaças dirigidas à classe pelo então governador Jaime Cant, que disse trado pela televisão: "Vou punir os professores!" —como se fossemos nós os transgressores da ordem e os ladrões dos cofres públicos que se locupletam por aí.

E criamos o MUPP —Movimento de União dos Professores do Paraná—que levantou bandeiras até hoje não conquistadas (como a que exigia um piso salarial digno para a professora primária), mas que procurava acima de tudo criar um espaço próprio —NOSSO ESPAÇO! Das associações de classes pelegas, queríamos distância, tínhamos repugnância, asco!

Sabíamos que 100% de aumento para a classe só seria possível se o Governo deixasse de comprar aviões de luxo e passasse a investir na Educação. Este aumento só seria viável quando o Governo deixasse de gastar o dinheiro público em bombas de gás lacrimogênio (aí! quantas delas jogadas sobre trabalhadores indefesos, bancários; aí! quantas delas jogadas sobre as indefesas professoras de Minas Gerais) e que repassasse este dinheiro por melhores condições de Ensino, por uma Educação voltada para o interesse dos próprios brasileiros e não vinculada aos interesses alienígenas.

E aqui fica uma angustiante indagação: Nós, que fizemos a greve; nós, humildes professores do Paraná que ousamos encarar de frente os donos do poder, não poderemos nós reconstruir o MUPP?

BENEDITA MARQUES ARAUJO
Rua Moreira Cabral, 247
Jardim Londrilar



Confidencial

INFORME nº 100/79 - ASI/FUEL

DATA: 29.11.79
 ASSUNTO: CONCENTRAÇÃO PÚBLICA CONTRA O ENSINO PAGO - MARINGÁ/PP
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: DSI/MFC - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: ----
 ANEXO: Cópia xerox de recorte de jornal -



160

1.

A Comissão Estudantil pró- congelamento das Taxas de Anuidades da Universidade Estadual de Maringá, com o apoio do DCE/LIVRE de Londrina, do representante da UNE no Paraná estudante Gilberto Berguio Martins, e políticos do MDB da aquela cidade, realizaram no dia 27 do corrente mês, uma concentração pública de protesto e uma passeata contra o aumento das taxas de anuidades.

1.1

O evento foi realizado na Praça Raposo Tavares, tendo sido iniciado por volta das 18 horas e prolongando-se até as 21:00 horas.

Contou com a participação de mais ou menos 400 pessoas entre estudantes e populares.

1.2

O principal objetivo da manifestação é de se conseguir o congelamento das anuidades, protestar contra o ensino pago e contra o sistema de seleção para ingresso na Universidade.

1.3

Durante o ato público foi constatada a presença de vários políticos do MDB local, sendo que alguns fizeram uso da palavra, na ocasião destacou-se Egídio Asmann, ex-arenista o qual defendeu o resurgimento do PTE.

1.4

Pelos estudantes falaram ainda Carlos Gregório da Rocha, estudante da UFM, representante da UNE em Maringá e Gilberto Berguio Martins, representante da UNE ao Paraná.

Durante os pronunciamentos fizeram-se ouvir críticas e protestos contra o Sistema Educacional Brasileiro, extinção dos Partidos Políticos, Política Salarial do Governo e apoio aos Movimentos Grevistas pela obtenção de melhoria salarial e também solidariedade aos operários da Construção Civil de Curitiba que se encontram em greve e que foram vítimas da repressão policial.

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTÓTIPO
 N.º 1815
 DATA: 04/12/79

O destinatário é responsável pela manutenção de sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

"segue"

2 kope

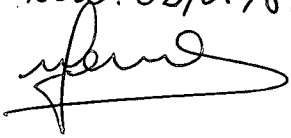
1. Aceite de
2. Mantequilla

Jdn. 7.12.79

96

Pasta Fuel

Autobus: 02/01/80



161

1.5

Após a concentração pública os estudantes iniciaram uma passeata pelo Centro da cidade, percorrendo diversas ruas e finalmente dirigiram-se para o campus da UEM.

Durante o trajeto cantavam em coro a música de Geraldo Vandré "Para não dizer que não falei de flores", cuja cópia da letra foi distribuída entre os presentes pelos representantes do DCE/LIVRE de Londrina.

1.6

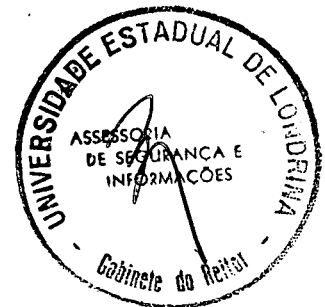
Durante o transcorrer do evento foram identificados por elementos deste OI, os seguintes estudantes:

a)- Universidade Estadual de Maringá

- Carlos Gregório da Rocha;
- Nelson Rodrigues;
- Humberto Crispim de Araujo;
- José Miguel Grilo.

b)- Universidade Estadual de Londrina

- Gilberto Berguio Martins;
- Antonio Luz;
- Oscar Soji Taniguti;
- Maristela Geralda Galvão;
- Abdol Hakin Assef;
- Maria Alice Pavan;
- Fábio Caldas de Mesquita;
- Raquel Dias de Araujo.



A delegação de Londrina, deslocou-se para Maringá utilizando-se dos seguintes veículos:

- Corcel LII, placa LE 9727;
- Corcel Belina branca, sem placa, dirigida por Maristela Geralda Galvão.

1.7

Constatou-se ainda a presença de representantes de Bandeirantes, Paranavaí, Ponta Grossa e Curitiba.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

PT 1036-126

JORNAL: J. DE LONDRINA

DATA : 29/11/79

162

Estudantes fazem concentração pública contra o ensino pago

MARINGÁ (Da sucursal) — "O Brasil do futuro será de todos", "Abaixo a ditadura", "Queremos o ensino gratuito". Faixas contendo frases como estas, panfletos e pichação de muros com dizeres semelhantes, e que até geraram protestos de parte dos comerciantes locais, marcaram o dia e a noite de terça-feira no centro de Maringá, onde os estudantes da Universidade local realizaram das 18 às 21 horas uma manifestação pública.

O ato, realizado na Praça Raposo Tavares, contou com a presença de aproximadamente 500 alunos da UEM. No palanque improvisado pelo líder do movimento, Carlos Rocha, não faltou a presença de políticos locais, alguns dos quais chegando a ser acusados, no final, de "verdadeiros oportunistas".

O objetivo da manifestação é o congelamento das anuidades — uma campanha iniciada há mais de um mês em Maringá e que já atingiu outras cidades paranaenses. Os estudantes temem a elevação nas anuidades em mais 35 por cento, e a campanha — segundo seus idealizadores — tem o objetivo que vai muito além do simples congelamento: "Nosso protesto é mesmo contra o ensino pago; queremos uma Universidade democrática, que possa permitir uma atuação mais efetiva dos alunos, e que não vete, através de sistemas de seleção injustos e anuidades absurdas, o ingresso dos filhos dos operários".

OS DISCURSOS

Apesar do tom inflamado dos discursos, não houve qualquer ameaça de repressão policial, embora se cons-

tatasse à disfarçada presença de alguns agentes da 9a. Subdivisão Policial. Mais de 10 oradores se fizeram ouvir, entre eles políticos da oposição e até um ex-arenista, que fez profissão de fé no PTB. Este político era Egídio Asmann, ex-vereador, candidato a prefeito e vice por duas vezes, pelo partido do Governo, e que se confessa agora um dos fiéis seguidores de Leonel Brizola.

A presença dos políticos no palanque foi aplaudida por grande parte dos universitários presentes, mas outros acharam inconveniente esta participação, "porque pode servir de pretexto para que a Reitoria classifique a manifestação de um movimento eleitoral".

EM PASSEATA

Terminada a concentração na Praça Raposo Tavares, os estudantes seguiram em passeata até o campus, onde continuaram até tarde da noite o protesto contra as anuidades. Eles deixaram o centro da cidade cantando em coro a música. "Para não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré. Isto, não sem antes manifestarem solidariedade aos grevistas de todo o Brasil, sobretudo aos operários que enfrentam a violência policial em Curitiba.

A campanha pelo congelamento não vai parar. Carlos Rocha garante que, mesmo nas férias, os estudantes continuarão distribuindo panfletos na cidade e levando sua mensagem às classes pobres da periferia, "que são as mais afetadas pela elitização cada vez mais crescente do ensino brasileiro".



163

INFORME nº 097/79 - ASI/FUEL

DATA: 27.11.79

ASSUNTO: HELONEIDA STUDART

ORIGEM: ASI/FUEL

AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: ----

DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: ----

ANEXO: Cópia xerox de cartaz -



Confidencial

1.

A nominada Deputada Estadual pelo MDB do Rio de Janeiro, foi convidada pelo Diretório Municipal do MDB de Londrina e pela Frente Democrática da Mulher Londrinense, para participar de um debate sobre "Mulher, Feijão e Democracia", no dia 01.12.79 às 20:00 horas, no Auditória da Associação Comercial.

1.1

O evento conta com o apoio do DCE/LIVRE DE LONDRINA, Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos e Coop-Jornal do Paraná.

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.000 de 1979) e pelo cumprimento das Salvaguardas de Assuntos de Segurança.

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1778
 DATA: 03/12/79

R. Lopez

1. Frente. de.

2. MSUVE. de.

Idi 7.12.78

GA

Prsta Fuel

Anotado: 14-12-78

referred

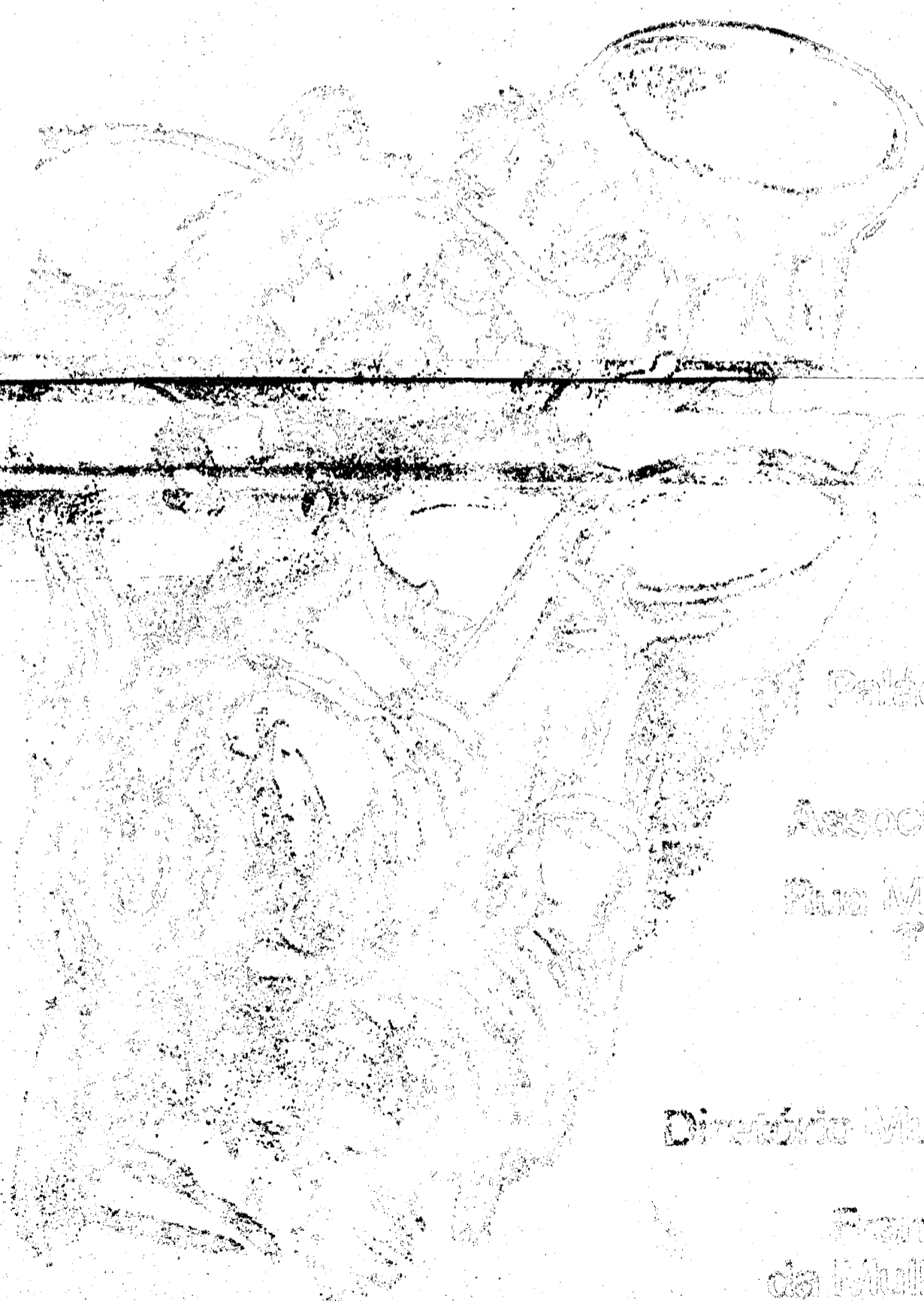
PT
1086.125

MULHER,

FEIJÃO

E DEMOCRACIA

Debate com
Heleneida Studart
(Deputada pelo
Rio de Janeiro)



Dia: 11/11/78
Sábado 20h

Local:
Palácio do Comércio

Auditório da
Associação Comercial

Rua Minas Gerais, 207
1º andar - Lapa

Promoção:
Diretório Municipal do MDCB

Fronte Democrática
da Mulher Londrinense



Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1779
DATA: 03/12/79

INFORME nº 096/79 - ASI/FUEL

DATA: 26.11.79

ASSUNTO: REUNIÃO ESTUDANTIL NA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DE

ORIGEM: ASI/FUEL

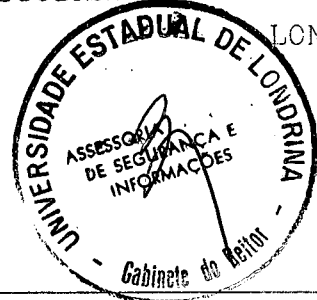
AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MFC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: -----

ANEXO: -----



165

1.

No dia 24 do corrente mês, foi realizada uma reunião estudantil na Casa do Estudante Universitário de Londrina-CEU/FUEL.

A mesma foi dirigida pelos estudantes Marco Antonio Fabiani, Antonio Claudio Leme, Maria Alice Pavan e Carlos Augusto Dias.

1.1

Inicialmente falou o estudante Marco Antonio Fabiani, abordando a fase crítica que atravessa a classe estudantil e trabalhadora, tendo em vista o alto índice da inflação, a qual irá jogar o povo nas ruas que para matar a fome, terá que saquear e roubar e a culpa de tudo isso cabe aos Generais que Governam este país.

Disse que em 1.964 a inflação fêz com que o povo apoiá-se a Revolução e que agora a mesma inflação irá provocar outra luta armada, só que dessa vêz será iniciativa do próprio povo.

1.2

Em seguida falou a estudante Maria Alice Pavan a qual abordou a extinção do MDB, enfatizando que a criação de outros partidos irá aumentar ainda mais a força da oposição, pois os novos partidos em sua maioria serão contra o Governo.

Disse que o povo tem que lutar contra a ditadura para conseguir uma democracia plena, pois o ditador não vai fazer uma democracia neste país.

Citou como exemplo a recente entrevista do Presidente Figueiredo na Venezuela, ocasião em que posicionou-se contra as eleições diretas para a Presidência da República.

1.3

O estudante Antonio Claudio Leme, iniciou seu pronunciamento citando trechos de uma música de Geraldo Vandré disse que apesar do imenso território brasileiro, a fome no campo é uma grande realidade, criticou o Governo, culpando-o pelas investidas das grandes multi-nacionais na Economia Brasileira, usando

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

R. Lopez

1. Acote se.
2. M. Guere se.

101' 7. 12. 79

Q. b

PASDA FUGZ

Amopalo: 01-12-79

reuna

Confidencial

palavras de baixo calão, referiu-se ao Ministro Delfim Neto, Golbery de Couto e Silva e Paulo Maluf, como pessoas culpadas pela situação política e econômica em que se encontra o país.

Sobre o Presidente Figueiredo disse que o mesmo não enxerga a situação do povo brasileiro e que a ditadura militar disfarçada de república já não engana o povo, o qual já está cansado de tanto diálogo, restando somente a revolta.

1.4

Encerrando a reunião falou o estudante Carlos Augusto Dias, o qual informou que no próximo ano (início de janeiro) deverá ser realizado um Simpósio ds UNE na cidade do Rio de Janeiro.

A UNE irá designar uma Comissão para representá-la em um Congresso Internacional de estudantes na Thecoeslovaquia em 1.980.

A reunião foi encerrada com todos os presentes cantando a música do Geraldo Vandré "Para não dizer que não falei de flores".

2.

Estiveram presentes na referida reunião os seguintes estudantes:

- Mércio de Macedo Galvão;
- Antonio Luz;
- Roberto Menolli;
- Danilo Defelippo;
- Raquel Dias de Araujo;
- Cícero Romão de Araujo;
- José Adalberto Maschio;
- Maristela Geralda Galvão;
- Milton Koy Susuki;
- Oscar Sorgi Taniguti;
- Luiz Eduardo Cheida;
- Abdol Hakim Assef.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial



1167

INFORME nº 094/79 - ASI/FUEL

DATA: 19.11.79

ASSUNTO: III COENED (Comissão Executiva Nacional de Entidades de Di-

ORIGEM: ASI/FUEL (reito)

AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: -----

ANEXO: -----

Confidencial

1.

Foi realizado nos dias 10 e 11 de novembro do corrente ano na PUC do Rio de Janeiro o III COENED.

1.1

No referido encontro foram debatidos os seguintes pontos:

- Escritório Modelo;
- Cartaz Nacional;
- Anistia;
- Exame de Pesquisa entre os alunos de Direito;
- Reforma Curricular e Programas;
- Reavaliação da Atuação da Comissão Executiva Nacional;
- Preparação para o II ENED, a ser realizado em 1.980.

1.2

Londrina foi representada pelo estudante Mércio de Macedo Galvão, do Centro Acadêmico Livre do Centro de Estudos Sociais Aplicados da FUEL.

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.090/73 - Lei de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 Nº 1762
 DATA: 26/11/79

R. Lopez

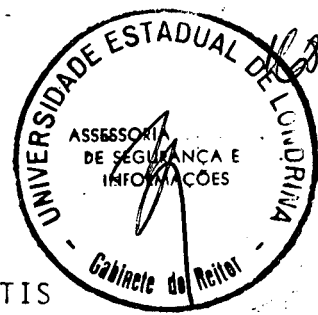
1. Huote. se.
2. M. Gueve. se.

sej 20. 11. 78

of

Pasda - Fuel
Anobdo: 10/12/78

mpend



INFORME nº 091/79 - ASI/FUEL

DATA: 06.11.79
 ASSUNTO: REUNIÃO DE REPRESENTANTES ESTUDANTIS
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: ----
 ANEXO: ----

Confidencial

1.

Por orientação da Comissão Prô-DCE/LIVRE de Londrina, foi realizada no dia 30 de outubro passado, uma reunião com estudantes representantes de classe, de diversos cursos da FUEL.

1.1

O evento ocorreu na Casa do Estudante Universitário e contou com vários representantes de classes.

1.2

Foram discutidos os seguintes assuntos:

- Campanha pelo Congelamento das taxas de matrículas e anuidades;
- Eleições para o DCE/LIVRE.

1.3

Durante a reunião Maria Alice Pavan e Marco Antonio Fabiani, líderes do DCE/LIVRE, destacaram a importância dos representantes de classe, pois eles constituem o principal elo de ligação entre o DCE e os estudantes, sendo através deles que as palavras de ordem ^{do}ME chegam até os estudantes, furando muitas vezes o bloqueio imposto pela repressão.

1.4

Com relação a campanha de congelamento, ficou decidido que os representantes de classes devem dedicar-se ao trabalho de conscientização junto aos estudantes e também da necessidade de apoio para a chapa poeira que irá concorrer para o Diretório do DCE/LIVRE, sendo tal eleição voluntária isto é não obrigatória é preciso que todos estudantes votem para dar força ao DCE.

2.

Compareceram a referida reunião os seguintes representantes de classes:

CURSO DE ENGENHARIA CIVIL

- Rideo Yendo;
- Suely Massae Nishi;

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1684
 DATA: 09/11/79

FICHAZ

PT 1035-126

Confidencial

"segue"

R. Lezi

1. Acote-se.
2. MSU...-se

Idr 18.11.75

U/b

Pasta FUEL

Anotado

Em 29.11.79

Quys
L.

Confidencial

CURSO DE LETRAS ANGLO PORTUGUESA

- Eli Oliveira Ramos

CURSO DE BIOMÉDICA

- Luiz Cesar Teixeira;

- Nilson Carvalho Silva.

CURSO DE ENFERMAGEM

- Amélia Yuriko Nakamura;

CURSO DE ODONTOLOGIA

- Claudio Akira Yoshida.

CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

- Maria Alice Pavan

CURSO DE AGRONOMIA

- Sergio Hiroshi Ikuta

CURSO DE MEDICINA

- Marco Antonio Fabiani.

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

- Raquel Dias de Araujo;

- Nilson Ikuo Minowa.

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

- Tania de Barros Pinto;

- Wilma Guimarães.

CURSO DE DIREITO

- Mérico de Macedo Galvão;

- Antonio Luz.

CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

- Inez Frederico.

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

- Jordan Luiz Keller;

- Marcos Vinícius da Silva.

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

- Hideko Sato;

- Maria Angela Ferraz Pacheco.

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

- Roberto Pereira Rangel;

- Oscar Hiroyuki Saito.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

FICHA



Confidencial

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E MATERIAL ELÉTRICO NO ESTADO DO PARANÁ

COMPANHEIRO:

TERMINADA NOSSA CAMPANHA SALARIAL, ACHAMOS NECESSÁRIO INFORMAR A TODOS MAIS UMA VEZ, COMO CADA UM DEVERÁ VERIFICAR QUANTO SERÁ SEU AUMENTO.

NESTA CIRCULAR MOSTRAREMOS O CÁLCULO APENAS PARA A PRIMEIRA FAIXA, POIS PARA AS DEMAIS FAIXAS AINDA FALTAM ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE O CÁLCULO, QUE SOLUCIONAREMOS EM BREVE.

CÁLCULO:

SE HOJE VOCÊ GANHA DE 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS, ISTO É DE CR\$ 2.932,00 A CR\$ 8.796,00 (OU SEJA CR\$ 12,21 A CR\$ 35,65 POR HORA) SEU AUMENTO SERÁ DE 70%, SOBRE QUANTO VOCÊ GANHAVA EM DEZEMBRO DE 1.978.

ENTRETANTO, NINGUÉM QUE JÁ ESTEJA EMPREGADO HOJE PODERÁ GANHAR MENOS DE CR\$ 4.200,00 QUE É O PISO SALARIAL QUE NOSSA CATEGORIA CONSEGUIU.

PARA OS QUE FOREM EMPREGADOS A PARTIR DO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 1.979 O PISO SERÁ DE CR\$ 3.900,00.

COMO CONSEGUIR PAGAMENTO DA INSALUBRIDADE:

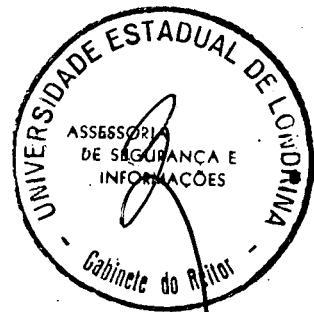
A NOSSA CAMPANHA SALARIAL JÁ FOI UMA GRANDE VITÓRIA. MAS A DEFESA DOS NOSSOS DIREITOS AINDA ESTÁ APENAS COMEÇANDO.

POR ISSO, O SINDICATO CONVOCA TODOS A COMPARECEREM NO DIA 08.12.79 ÀS 16:00 HORAS, NA SUA SEDE NA RUA LAMENHA LINS Nº 981, PARA RECEBER INSTRUÇÕES DE COMO REQUERER DAS FIRMAS O PAGAMENTO DA TAXA DE INSALUBRIDADE. SE VOCÊ TRABALHA EM CONDIÇÕES INSALUBRES, NÃO DEIXE DE COMPARECER E TRAZER SEUS COMPANHEIROS.

CURITIBA, 23 DE NOVEMBRO DE 1.979.

João P. do Silva
Presidente.

PT 1036-125



171

INFORME nº 90/79 - ASI/FUEL

DATA: 05.11.79
 ASSUNTO: MARIA ALICE PAVAN E OUTROS
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ---
 DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC . - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: ----
 ANEXO: ----

Confidencial

1.

A nominada em companhia de Marco Antonio Fabiani, Pedro Paulo Felismino da Silva, Luiz Eduardo de Oliveira Costa e Antonio Claudio Leme, participaram e dirigiram uma reunião estudantil realizada na sede da Cooperativa dos Jornalistas do Paraná (Cop-Jornal) no dia 03 de novembro do corrente ano.

1.1

Na referido reunião foram debatidos os seguintes assuntos:

- Política Nacional;
- Política Estudantil;
- Congelamento das Taxas de anuidades.

1.2

Dando início a reunião, falou a estudante Maria Alice Pavan, a qual disse que o Grupo Poeira deve realizar uma ampla campanha contra o aumento das taxas de anuidades, prevendo um boicote no pagamento das mensalidades e possivelmente a eclosão de uma greve no início do ano letivo do ano que vem.

1.3

Em seguida falou o estudante Marco Antonio Fabiani o qual apoiou as palavras de Maria Alice Pavan, informou ainda que está na hora do DCE/LIVRE dar uma resposta para a Reitoria, referindo-se ao Reitor disse que o mesmo é um pelego do Governo.

1.4

Pedro Paulo Felismino da Silva, abordou a extinção dos atuais partidos políticos, dizendo que o fim do MDB é uma jogada da ditadura para esvaziar a oposição.

Disse também que se houver eleições diretas em 1.982 para Governador de Estado, o Governo Federal vai perder a parada, pois o trabalhador não votará no Governo, disse que a política salarial afasta o povo do Governo.

Confidencial

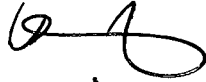
O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1685
 DATA: 09/11/79

R. lege

1. Anotai.
2. Mqueva.

sd 1, 14.11.79



Pasta ASI/FUEL

Kustado: 2011/19



Referiu-se aos militares, dizendo que os mesmos s̄o con-
quistaram o poder pela força, citou como exemplo o recente golpe
militar na Bolívia, se tal estado de coisas continuar é possível
que o Brasil irá se tornar uma segunda Nicarágua.

Sobre Luiz Inácio da Silva (Lula) afirmou que o mesmo
é um líder que precisa ser multiplicado para liderar o povo em es-
cala nacional.

1.5

Luiz Eduardo de Oliveira Costa, falou que o Presidente
Figueiredo está transformando o Brasil em uma enorme cocheira e
faz 15 anos que os corruptos estão fazendo o jogo do passa-passa,
quando sai um General entra outro em seu lugar.

1.6

Ao final falou o estudante Antonio Claudio Leme, o qual
discorreu sobre a UNE, tendo informado que é pensamento da atual
diretoria, lançar um partido político, liderado pelos estudantes,
este partido iria ter o apoio de mais de um milhão de universitá-
rios, distribuído nas principais regiões do país.

Este assunto deverá ser discutido na próxima reunião
preparatória do 2º CONEG, previsto para o dia 09 do corrente em
São Paulo.

2.

Estiveram presentes e foram identificados os seguintes
estudantes:

- Julio M. Vidigal;
- José Antonio Tadeu Felismino;
- Celso Koiti Mayoka;
- Nilson Monteiro Menezes;
- Mario Luiz Milani;
- Neide dos Santos Salvador;
- Viviane Rodrigues dos Santos;
- Hélio da Silva;
- Mécio Macedo de Galvão;
- Roberto Menolli;
- Maristela Geralda Galvão;
- José Fernando Amaral Strático;
- Rosa Maria Machado;
- Maroko Kazuya;
- Maria Helena Dolara;
- Carlos Yoshio;
- Cezar Benevides.



O destinatário é responsável pela manutenção
do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº
79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de
Assuntos Sigilosos).



173

Confidencial

INFORME nº 095/79 - ASI/FUEL

DATA: 21.11.79

ASSUNTO: ASSEMBLÉIA GERAL DE ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE ESTADUAL

ORIGEM: Asi/Fuel DE PONTA GROSSA.

AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: ----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: Infe nº 093/79 - ASI/FUEL

ANEXO: -----

1.

Em complemento ao infe de referência, este OI in forma que está previsto para o dia 25 do corrente mês, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, a realização de uma Assembleia Geral de Estudantes, que irá debater a campanha pró-congelamento das anuidades.

1.1

O evento está sendo coordenado pelo DCE da Universidade Estadual de Maringá e DCE/LIVRE de Londrina.

1.2

Está previsto uma demonstração de força do movimento, com passeata, faixas e cartazes e também a entrega de um memorial (abaixo-assinado) dirigido ao Governador do Estado, que naquela oportunidade estará na cidade de Ponta Grossa.

1.3

Deverão estar presentes delegações estudantis das seguintes cidades:

- Londrina;
- Maringá;
- Ponta Grossa;
- Paranavaí;
- Apucarana;
- Mandaguari;
- Cascavel;
- Araçongas;
- Campo Mourão;
- Jacarezinho.



Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1763
 DATA: 26/11/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

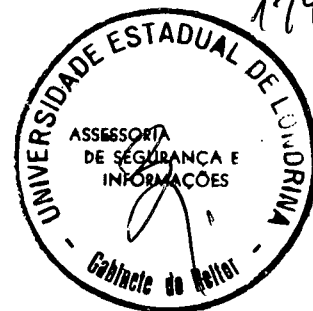
2 loye

1. Gente
2. MScive. se.

sch: 28.11.78

GA

PASTA FUEL



INFORME nº 086/79 - ASI/FUEL

DATA: 29.10.79
 ASSUNTO: ALI ALDERSI SAAB e OUTROS
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: -----
 ANEXO: -----

Confidencial

1.
 Ali Aldersi Saab, Joel dos Santos Guimarães, Elza Pereira Correia, Benedita Rose Ferreira e Ana Rita da Costa, todos integrantes do Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, compareceram a uma solenidade realizada no dia 25 do corrente em São Paulo, na sede do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em homenagem ao aniversário da morte de Wladimir Herzog.

1.1

Na ocasião ocorreu a entrega do "Prêmio Wladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos".

O júri foi presidido por Helena Greco, presidente do Movimento Femino pela Anistia de Minas Gerais e constituído por José Paulo Sepulveda Pertence, vice-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil; Clarice Herzog, viúva de Wladimir Herzog; José Gregori, membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo; Perseu Abramo, jornalista e membro da Comissão Executiva Nacional dos Movimentos de Anistia e Pedro de Oliveira, da diretoria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1655
 DATA: 05/11/79

Confidencial

R. legi

1. Acosta Jr.

2. M. Guzman Jr.

SDR, 5.11.78

OB

PASTA ASI/FUEL

Anulado: 13-10-79

reforma

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Pesquisa sobre estupro. As relações vítima-acusado. A miséria gerando crimes: propaganda e a mulher objeto de consumo: O espancamento dentro do casal. Um cotidiano de agressões. O adultério e os Códigos Penais. Tudo num debate rigoroso com o criminalista carioca Nilo Batista.

Comissão Violência contra a Mulher, numa entrevista com o vice-presidente do Instituto de Ciências Penais do Rio de Janeiro.

A Comissão Violência contra a Mulher, formada a partir do 1.º Encontro Nacional de Mulheres, organizado pelo Centro da Mulher Brasileira, no Rio, integrou-se ao Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, quando da sua criação em abril. É atualmente formada por mulheres: Cláudia, Dorine, Fátima, Lígia, Lula, Maria Alice, Maria Eliana e Stella.

Em uma comissão grupo se preocupa com todas as formas da violência contra as mulheres, no momento trabalhamos com as questões do espancamento no casal, estupro e agressões sexuais. A tentativa inicial de obter dados junto a hospitais e delegacias foi infrutífera. As mulheres vítimas de tais agressões não denunciam a verdadeira natureza destas. Nas delegacias só obtivemos dados relativos a estupro seguidos de assassinatos. Resolvemos então coletar dados a partir dos jornais diários do RJ, a fim de ter uma primeira idéia da incidência destas fatos (ver box 1). Por outro lado, nos interessamos pela forma como o Código Penal Brasileiro trata os crimes contra a mulher. A leitura deste código nos despertou muitas questões e o desejo de conhecer a posição dos juristas a respeito. Entrevistamos, então, Nilo Batista, conhecido criminalista carioca, vice-presidente do Instituto de Ciências Penais do Rio de Janeiro. Eis os trechos mais significativos da entrevista.

O que interessa é que as agressões sexuais sejam reconhecidas como crimes contra a mulher.

alguém a um ato libidinoso que não seja a conjunção carnal (coito anal, por exemplo). A pena é de 2 a 8 anos.

Coito e coito anal.
Por que isto, qual a diferença qualitativa entre o coito e o coito anal, por exemplo, quando praticados sob violência? Por que o coito é punido com uma pena maior do que o atentado ao pudor?
Não acho que isto faça mal nenhum. E que esses crimes tem toda uma tradição de séculos de tratamento jurídico. Vê-se nisso vestígios de uma posição dos juristas antigos. Por exemplo, Francesco Carrara, jurista italiano do século XIX, comentando o adultério estabeleceu uma vinculação: se o casamento de fora do casamento prática adultério com uma mulher, ele está interferindo na linha sucessória porque pode estar colocando ali uma pessoa que vai herdar bens, etc.

Imagine se a gente vai a uma delegacia relatar que um cara nos passou a mão na bunda no ônibus!
Por que as mulheres não denunciam?
Porque se elas denunciarem... enfim, todo mundo ai comentar no edifício, elas vão ficar olhadas porque aquela ali foi estupro, veja você...
Vergonha de ser vítima
Quer dizer, a vítima tem vergonha de ter sido vítima. Aliás, um aspecto interessante: eu tenho as cifras por dia da semana. Eu esperava um aumento no fim de semana e pelo contrário, há uma ascensão de se-

agressões de mesmo nível à dignidade da mulher, ao corpo da mulher. Mesmo que fosse para diminuir a pena do estupro, equipará-la a do atentado do pudor. Não nos interessa a pena, também não acreditamos que as penas, por mais violentas que seja, possam resolver o problema da criminalidade. O que nos interessa é que as agressões sexuais sejam reconhecidas como crimes contra a mulher. Outra pergunta: quando se diz atentado ao pudor, estão aí incluídas agressões de rua tipo piadas desagradáveis, passada de mão, coisas que acontecem no ônibus, nos trens da Central?
Não sabíamos que se chama isto de paquera porque não há nisso nenhuma intenção de paquera. São agressões. Um homem que quer paquerar uma mulher não usa esses métodos de jeito nenhum.

Paquera não é passar a mão.
Discordamos radicalmente. É porque você nunca foi vítima de uma coisa dessas. Realmente nunca e creio que nunca foi autor.



Ligia e Lula, da Comissão Violência contra a Mulher, do Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, debatem com o criminalista Nilo Batista.



Descontraído, Batista fala sobre os Códigos Penais

Ah, bom, ainda bem. (Risos)
Está certo, esses episódios de passar a mão, de palavras desagradáveis, podem ser tratados a nível de convenção. Mas há um limite um pouco restrito. Há uns 15 anos atrás, uma mulher dirigindo automóvel provocava um grande rebu, porque estava numa atividade que na época não era considerada feminina. Então, eu suponho que os interessados imaginavam que aquela era uma mulher acessível, libertina. Não sei, eu não entendo dessas coisas.

O direito penal não solucionou nada. Nunca solucionou coisa nenhuma.
CV: Para quem é mulher, para quem é vítima, este limite não é difícil de determinar. Nós perguntamos: você considera que é hoje uma atividade feminina algumas de nós irmãs jantar juntas, num restaurante? Caminhar na rua, pegar um ônibus, são atividades femininas. Sim, acho que sim.

O que sai nos jornais
Notícias publicadas em jornais diários do Rio, de 1.º de junho a 31 de agosto
Estupros e atentados ao pudor: 26 casos
Tentativas de estupro: 6
Assassinatos da mulher pelo marido, companheiro, namorado: 31
Tentativas de assassinato (idem): 12
Espancamento (idem): 25
Assassinato de mulher por outro agente: 20 casos.

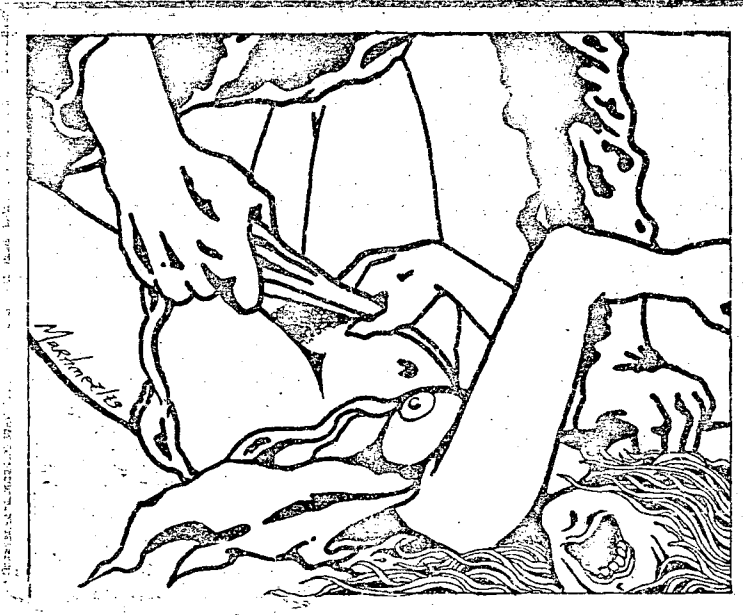
Antes de iniciarmos a entrevista você falou em "vitimologia".
"Vitimologia" é uma série de hipóteses em torno das relações particulares vítima-acusado com relação a certos delitos. Nos crimes sexuais, com muita frequência, você encontra situações de vitimologia. O sujeito que tem o hábito de deixar uma pasta dentro do carro, visível, se pode dizer que é um temperamento vitimológico; uma mulher que passeia sozinha no Aterro do Flamengo, às 11 horas da noite, está fazendo uma certa vitimologia do estupro, ou seja, ainda que não saiba, ela está procurando uma situação de confronto com a violência porque existe uma informação corrente de que provavelmente ela a encontrará.

Quase sempre o estuprador tem relações muito próximas com a vítima. É alguém que goza de sua confiança.
É o artigo 266, inciso 2: "A pena é aumentada de quarta parte: II - se o agente é ascendente, pai adotivo, padrasto, irmão, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou por qualquer outro título ter autoridade sobre ela." Neste caso, além da violência ocorre uma circunstância agravante que reside nesta relação de autoridade do agente com relação à vítima. De qualquer forma, é necessário que ocorra violência porque o estupro é fundamentalmente uma ofensa à liberdade sexual com emprego de violência. Há outras formas de ataque à liberdade sexual que não são estupro; mas no estupro tem que ocorrer violência ou a grave ameaça (como no caso do cara que lhe aponta um revólver).

A miséria está por trás do crime comum. No caso do estupro também. O menino do morro vê uma propaganda de "ao sucesso com hollywood" e só tem um jeito dele obter aquela mulher...
E o artigo 266, inciso 2: "A pena é aumentada de quarta parte: II - se o agente é ascendente, pai adotivo, padrasto, irmão, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou por qualquer outro título ter autoridade sobre ela." Neste caso, além da violência ocorre uma circunstância agravante que reside nesta relação de autoridade do agente com relação à vítima. De qualquer forma, é necessário que ocorra violência porque o estupro é fundamentalmente uma ofensa à liberdade sexual com emprego de violência. Há outras formas de ataque à liberdade sexual que não são estupro; mas no estupro tem que ocorrer violência ou a grave ameaça (como no caso do cara que lhe aponta um revólver).

Mulher, objeto de consumo
Quando você diz isto já está claro que nessa situação a mulher é um objeto, em paralelo com o "hollywood sucesso".
Sim, mas ela entra nos olhos e na pele do menino como objeto porque ela é jogada pelos meios de comunicação de massa como objeto.
Pois é. E o problema de usar o corpo da mulher como um objeto de consumo. Outra questão: existem muitos casos de estupro dentro da família, em particular tendo o pai como agente? E quem geralmente denuncia?
Sim, casos existem muitos, principalmente no interior. Mas eu gostaria de esclarecer que no código pe-

Quem é o agressor
Estatísticas de estupro: Estados Unidos, 1972-73.
Conhecido da vítima: 37%
Novo: 12%
Conhecido de vista: 10%
Amigo: 30%
Ex-amante: 3%
Pai: 2%
Desconhecido: 33%



Antes do Código Penal só previa adultério para o marido se ele tivesse concubina, teuda e manteuda. No caso da mulher, bastava ela trepar com outro. Mesmo hoje, ele só é aplicado contra as mulheres.
E aí é que está o problema. O que permite que os homens estupra e a mulher que é forçada a ter esta estória, o direito da mulher à sexualidade não é reconhecido, ela é um objeto tanto para o pai (que considera a virgindade da filha como um bem próprio) quanto para o estuprador. Mas aqui é bom lembrar que não podemos aplicar mecanicamente para o Brasil as análises europeias e americanas para o estupro. Achamos que a miséria tem uma parte da responsabilidade na incidência dos crimes de estupro, como também de outros crimes.

Comparando com a luta dos trabalhadores: um dia o capitalismo acaba. Mas enquanto isso não se faz nada para melhorar os salários?
motor que relata em dar início à ação penal, sempre que haja possibilidade de reconciliação, e esses casos são arquivados. Eu não vejo nenhum mal nisso. Pelo contrário, vejo um progresso sobre a visão tradicional de obrigatoriedade de ação penal. Se o promotor instaurasse o processo criminal, o que adiantaria para a relação daquele casal? Resolveria o problema que determinou aquela agressão? Um marido seria condenado e levado a surtir porque é réu primário como bons antecedentes. Mas ficaria estigmatizado com a pena criminal, não tiraria atestado de bons antecedentes por um certo período.

Mulher, objeto de consumo
Quando você diz isto já está claro que nessa situação a mulher é um objeto, em paralelo com o "hollywood sucesso".
Sim, mas ela entra nos olhos e na pele do menino como objeto porque ela é jogada pelos meios de comunicação de massa como objeto.
Pois é. E o problema de usar o corpo da mulher como um objeto de consumo. Outra questão: existem muitos casos de estupro dentro da família, em particular tendo o pai como agente? E quem geralmente denuncia?
Sim, casos existem muitos, principalmente no interior. Mas eu gostaria de esclarecer que no código pe-

Quem é o agressor
Estatísticas de estupro: Estados Unidos, 1972-73.
Conhecido da vítima: 37%
Novo: 12%
Conhecido de vista: 10%
Amigo: 30%
Ex-amante: 3%
Pai: 2%
Desconhecido: 33%

tratar um detetive, que vai seguir sua mulher durante um mês. Ele "grameia" o telefone de sua casa e lhe entrega as fitas. Você fica sabendo tudo que sua mulher fala. Até que um dia, o detetive que está seguindo sua mulher a vê encontrar-se com o namorado. Então, entra o advogado com a certidão de casamento e um requerimento para o despejo do denunciado. "Neste momento, minha mulher está praticando adultério em tal lugar e venho requerer de V.S. providências legais, ou seja, a prisão em flagrante". A polícia pega uma turma, vai ao local e aí entra o fator sorte para que você tenha uma prova boa, cabal, de que ela está praticando adultério. E assim a prática do adultério.

Espancamento dentro do casal
Outro assunto que gostaríamos de abordar é o espancamento dentro do casal. Que proteção a lei dá à mulher nestes casos? Chegou até nós um caso destes e foi um problema sério: o marido batia na moça há 10 anos e ultimamente havia batido várias vezes com extrema violência, embora ela estivesse com o sexto filho! Além do mais, ele fazia ameaças de uma delegacia para ver que proteção ela poderia ter: absolutamente nada.
Do ponto de vista legal, se o marido pratica lesão corporal contra a mulher, é crime e a autoridade policial tem que instaurar inquérito e o promotor deve oferecer denúncia. Porém, normalmente, o delegado relata em instaurar inquérito e quando o faz, é o pro-

Comparando com a luta dos trabalhadores: um dia o capitalismo acaba. Mas enquanto isso não se faz nada para melhorar os salários?
motor que relata em dar início à ação penal, sempre que haja possibilidade de reconciliação, e esses casos são arquivados. Eu não vejo nenhum mal nisso. Pelo contrário, vejo um progresso sobre a visão tradicional de obrigatoriedade de ação penal. Se o promotor instaurasse o processo criminal, o que adiantaria para a relação daquele casal? Resolveria o problema que determinou aquela agressão? Um marido seria condenado e levado a surtir porque é réu primário como bons antecedentes. Mas ficaria estigmatizado com a pena criminal, não tiraria atestado de bons antecedentes por um certo período.

Antes do Código Penal só previa adultério para o marido se ele tivesse concubina, teuda e manteuda. No caso da mulher, bastava ela trepar com outro. Mesmo hoje, ele só é aplicado contra as mulheres.
Veja, nós recortamos durante 3 meses nos jornais do Rio as notícias que envolvem algum tipo de violência contra a mulher. Obtivemos um arquivo. Em particular, verificamos que a história de todos os casos de assassinato, tentativa de assassinato ou agressão extremamente violenta da mulher pelo marido é sistematicamente a mesma: o casal se entendia mal há muito tempo, o marido já havia batido na mulher várias vezes, algumas vezes ela havia dado queixa na polícia. Estes casos são precedidos por uma situação em que os conflitos aparecem na forma de espancamento da mulher. Perguntamos: o que fazer diante disto?

Mulher, objeto de consumo
Quando você diz isto já está claro que nessa situação a mulher é um objeto, em paralelo com o "hollywood sucesso".
Sim, mas ela entra nos olhos e na pele do menino como objeto porque ela é jogada pelos meios de comunicação de massa como objeto.
Pois é. E o problema de usar o corpo da mulher como um objeto de consumo. Outra questão: existem muitos casos de estupro dentro da família, em particular tendo o pai como agente? E quem geralmente denuncia?
Sim, casos existem muitos, principalmente no interior. Mas eu gostaria de esclarecer que no código pe-

Quem é o agressor
Estatísticas de estupro: Estados Unidos, 1972-73.
Conhecido da vítima: 37%
Novo: 12%
Conhecido de vista: 10%
Amigo: 30%
Ex-amante: 3%
Pai: 2%
Desconhecido: 33%

Quem é o agressor
Estatísticas de estupro: Estados Unidos, 1972-73.
Conhecido da vítima: 37%
Novo: 12%
Conhecido de vista: 10%
Amigo: 30%
Ex-amante: 3%
Pai: 2%
Desconhecido: 33%



Confidencial

176

INFORME nº 093/79 - ASI/FUEL

DATA: 19. 11.79
 ASSUNTO: ATUAÇÃO DO GRUPO POEIRA NO ME DA UEM - Maringá/Pr.
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B.2
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: DSI/MFC . DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: ----
 ANEXO: ----



1.

O DCE/LIVRE de Londrina, em cumprimento as diretrizes traçadas pela atual Diretoria da UNE, vem atuando ativamente no Movimento Estudantil na região norte do Paraná, destacando-se principalmente as cidades de Maringá e Bandeirantes, regiões onde o ME encontrava-se menos atuante.

1.1

No dia 17 do corrente mês uma delegação do DCE/LIVRE de Londrina constituída por:

- Roberto Menoli;
- Randolfo Decker;
- Nilzete Liberato;
- Mércio de Macedo Galvão;
- Raquel Dias de Araujo;
- Fábio Caldas de Mesquita.

Divisão de Segurança e Informações
 Serviço de Informações
PROTOCOLO
 Nº 1761
 DATA: 26/11/79

deslocou -se para a cidade de Maringá e na Universidade Estadual, realizaram uma reunião estudantil, a nível regional a qual contou com a participação de estudantes das seguintes cidades:

- Maringá ;
- Ponta Grossa;
- Paranavaí.

1.2

Na reunião foi tratado a campanha do congelamento das anuidades a nível nacional obedecendo resolução tomada na 3a. Reunião do Conselho de Entidades Gerais da UNE, recentemente realizada no Rio de Janeiro.

Após os debates ficou decidido que o movimento será desenvolvido em todo o Estado, através de reuniões estudantis locais, distribuição de Carta Aberta à comunidade (modelo anexo ao presente inf), elaboração de Abaixo-Assinado e Boletins Informativos (modelo anexo) sendo importante também obter o apoio de todas as entidades livres que lutam contra o sistema.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 - Acórdão de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

"segue"

R. Uzi

1. Suote. se.

2. MS. ve. se.

Idi. 29.11.38

of

Pasta Tuen

Anobdo: 12-12-79

refere

Confidencial

1.3

Ficou previsto a realização de uma Assembléia Geral de Estudantes na cidade de Curitiba, para avaliar a campanha pelo congelamento.

1.4

Estiveram presentes a reunião acima referida os seguintes alunos da UEM:

- Carlos Gregório da Rocha; ~~_____~~
- Nelson Rodrigues; ~~_____~~
- Humberto Crispim de Araujo; ~~_____~~
- José Miguel Grilo. ~~_____~~

1.5

Da cidade de Paranavaí estiveram présentes representantes do Diretório Acadêmico Tristão de Ataíde.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 - Lei nº 10.241/51 - Lei de Salvaguarda de Assuntos Nucleares)



Confidencial

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO

No intuito de esclarecer a opinião pública em geral, vimos, por intermédio deste documento, expor alguns pontos que podem contribuir para o melhor entendimento de nossa luta pelo ensino público e gratuito para todos, através da federalização da UEM.

Mais um aumento das anuidades escolares se anuncia.

Com isso, teremos:

- maior taxa de matrícula;
- maior taxa mensal de estudos;
- e maiores taxas para todo e qualquer documento que o aluno possa solicitar à Universidade.

A conseqüência direta desses aumentos será uma despesa maior para cada um de nós. Levando, inclusive, muitos jovens a não ingressarem na Universidade dada a falta de recursos financeiros, e levando muitos outros a serem obrigados a interromper seus estudos por não poderem arcar com as novas despesas.

Um outro ponto é que esses aumentos acabam caindo, em muitos casos, sobre toda a família, pois sabemos de companheiros que são capazes de estudar com o sacrifício dos pais, mães, irmãos e até mesmo amigos.

Achamos, em nossa condição de estudantes e dentro do que atualmente a Universidade nos oferece, que as verbas destinadas à educação são poucas e mal aplicadas pelas nossas Universidades. E, inclusive, pela nossa.

Como ilustração:

- Enquanto a verba destinada à Educação em 1969 atingia 12% do orçamento da União, para 1980 está prevista uma de apenas 2,5%.

O que decorre desta medida é que a Universidade transfere este ônus para o estudante que, por sua vez, e na grande maioria dos casos, depende dos familiares, contribuindo, dessa forma, para um maior agravamento dos problemas sociais.

Considerando o exposto e no propósito de se buscar soluções para o problema com que nos defrontamos, foi realizada uma assembléia, no dia 22/10/79, na UEM. Quando, por aclamação e indicação dos estudantes presentes, foi escolhida uma comissão que irá ao Governo do Estado reivindicar solução para esses problemas.

Senhores, angustiado e tolhido que está o estudante com as elevadas taxas escolares e o baixo nível de ensino, está colocando-se no seu direito de reivindicar o CONGELAMENTO das anuidades.

Esperamos que todos compreendam os objetivos que dirigem a luta, e que o povo, em geral, seja solidário com o nosso movimento reivindicatório.

Saudações Universitárias.
A COMISSÃO PRÓ-CONGELAMENTO.

BOLETIM INFORMATIVO

A convite do Sr. Reitor da Universidade Estadual de Maringá, Neumar Adélio de Godoy, realizou-se na última sexta-feira, dia 26 de outubro de 1979, às 16:30 horas, na Sala da Reitoria, encontro da Comissão Pró-Congelamento com o Sr. Secretário de Educação e Cultura do Estado do Paraná, Edson Machado de Souza, sendo o assunto abordado: **O Congelamento das Anuidades.**

Traduzimos neste Boletim, a síntese do diálogo mantido junto ao Secretário de Educação e Cultura.

Quando perguntado sobre o próximo aumento das Anuidades e mostrado a inviabilidade do mesmo, e, quanto a possibilidade de Mais Verbas para a Universidade, e ainda sobre o desvirtuamento do compromisso social da Universidade para com a Comunidade, assim se expressou:

"É tudo uma questão de Justiça Social; Aqueles que tem condições de chegar ao Ensino Superior e tem condições de pagar devem pagar e quem não tem, lança mão de recursos de Bolsas de Estudos, Crédito Educativo e Programas existentes para assistência de acadêmicos carentes".

E a seguir tecendo comentários sobre a Universidade, disse:

"A Universidade é uma instituição seletiva, e não podemos ter universidade para todos, e também não vejo porque o estudante não deva pagar o ensino. Frisou ainda que o aluno só participa com 20% do orçamento da U.E.M."

Quando indagado sobre o porque se, a colaboração do estudante é tão ínfima e inócua na U.E.M., não nos dão o Congelamento, frizou:

"É uma questão de Justiça Social; Se os senhores tem condições de pagar vão pagar e os que não tem condições, a U.E.M. encontrará caminhos para isentá-los do pagamento, e este caminho é o Crédito Educativo".

Outra pergunta foi sobre a oficialização do ensino pago:

"Porque não; Porque vocês não lutam para que os estudantes das Universidades Federais também paguem como vocês pagam???"

E a questão da viabilidade da construção da Casa dos Estudantes para o próximo ano???

"Nós podemos estudar com o Sr. Reitor formas, não o Congelamento, mas formas de isenção parcial ou total de anuidades dos estudantes carentes de recursos; Realizei uma pesquisa na "CEU" de Curitiba, e se me dessem poderes botava metade dos moradores para a rua, porque existem pessoas que possuem renda mais que suficiente para uma moradia em hotéis".

Se o aluno contribui com apenas 20% do orçamento da U.E.M., os recursos que seriam destinados pelo Estado para o Congelamento seriam bem menores que os investimentos que teriam de fazer a médio prazo??

"Vamos colocar a coisa em termos de "Princípios" e não em termos de volume de dinheiro. Princípio é o Princípio do ensino pago que deve ser preservado no Estado, porque é o único Estado que mantém esse Princípio e que todo estudante do Ensino Superior é um privilegiado, e portanto deve pagar por uma questão de Justiça Social, e não me convenço que o congelamento é a solução".

Esta teoria é de que o rico tem que pagar para o pobre estudar???

"Realmente acho muito coerente".

Quando perguntado o porque da criação de novos cursos, como foi solicitado pelos Vereadores???

(Passou a palavra para o Professor Neumar).

"Acabou o tempo de se criar cursos porque a Câmara de Vereadores pediu".

O Estado tem condições de assumir o déficit do Congelamento das Anuidades perante a U.E.M.???

"Talvez até tivesse, mas lembre-se: Se congela este ano, começa pelo seguinte, se eu congelo as anuidades ou autorizo o Reitor, crio um problema".

(Insistindo na pergunta)

"Eu posso responder categoricamente, mas eu acho que dinheiro é um problema que a gente arranja, mas por questão de Princípios o Estado não abre mão do ensino pago, pois a universidade nasceu com a anuidade".

E sobre a péssima situação do estudante???

"A gente pode dar um jeito na anuidade deste, em vez de ter um aumento de 50%, terá um aumento de 2% na anuidade do próximo ano, mas é inviável o congelamento em 8%, pois teríamos que congelar em 81".

"Palavras do Secretário"

Julgue...

Comissão Pró-Congelamento

"VAMOS FAZER DESTA UNIVERSIDADE UMA VERDADEIRA UNIVERSIDADE"

"ABAIXO O ENSINO PAGO"



INFORME nº 083/79 - ASI/FUEL

DATA: 29/10/79

ASSUNTO: ATUAÇÃO DO GRUPO ESTUDANTIL "POEIRA" NO ME DE MARINGÁ/PR

ORIGEM: ASI/FUEL

AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: Info nº 164 /79 - ASI/FUEL

ANEXO: -----

Confidencial

490

1.

Os estudantes da FUEL, Maria Alice Pavan, Carlos Augusto Dias, Fábio Caldas de Mesquita, Nilzete Liberato, Marco Antonio Fabiani, Maristela Geralda Galvão, integrantes do Grupo Poeira, liderado por Gilberto Berguio Martins, Diretor da Secretaria de Saúde da UNE, compareceram e tomaram parte ativa em uma Assembléia Estudantil, realizada no dia 22 do corrente mês, no Campus da Universidade Estadual de Maringá.

1.1

O evento foi promovido pelo Diretório Acadêmico Setorial do Centro de Estudos Sócio-Econômico da UEM.

1.2

Na ocasião foram debatidos assuntos relativos a campanha pelo congelamento das taxas de anuidades para o ano de 1.980.

Foi abordado também o problema da campanha contra o ensino pago e melhoria do nível de ensino.

1.3

Com relação ao congelamento das taxas de anuidades, ficou decidido que a campanha será desenvolvida nas três Universidades Estaduais, sendo que Maringá sairá na frente, tendo em vista que o Conselho de Administração já aprovou o percentual de 35% de majoração nas taxas do próximo ano.

1.4

Na referida reunião foi constituída uma Comissão de Alunos, que irá para Curitiba, afim de solicitar a interferência do Governador Ney Braga, no sentido de se obter uma promessa de congelamento das anuidades.

2.

Este OI, vem constatando a partir do 2º semestre do ano em curso, a interferência do Grupo Poeira de Londrina, no ME de Maringá, tendo sido confirmada a atuação na reorganização dos Diretórios Estudantis da UEM, participação nas eleições da UNE e no incidente ocorrido no dia 19.10.79 (vide info 164 /79 ASI/FUEL).

Confidencial

Destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 Nº 1656
 DATA: 05/11/79

R. legi

1. Arote. te.
2. Mquive. te.

sdv, 5.11.79

PA

Pasta Asi/FUEL
anobdo: 09/11/79
nfame



Confidencial

186

INFORME nº 082/79 - ASI/FUEL

DATA: 25.10.79

ASSUNTO: POSSE DA DIRETORIA DA UNE

ORIGEM: ASI/FUEL

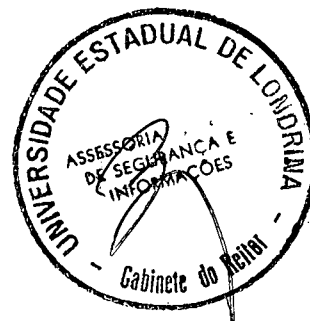
AVALIAÇÃO: B.2

DIFUSÃO ANTERIOR: ----

DIFUSÃO ATUAL: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -

REFERENCIA: Relatório de Agente

ANEXO: Cópia xerox de panfletos -



1.

No dia 09 do corrente, foi realizada em São Paulo, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina' da USP, a primeira reunião da Diretoria eleita da UNE.

A referida reunião prosseguiu até o período da tarde do dia 10, tendo sido abordado vários assuntos:

- Avaliação da Campanha Eleitoral;
- Avaliação do Movimento Estudantil nos Estados;
- Planejamento e Normas de Trabalho Interna;
- Debate e Posicionamento sobre o Projeto Portela;
- Reformulação Partidária;
- Elaboração do Estatuto da UNE e sua legalização;
- Anistia e os Presos Políticos.

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º J.628
 DATA: 29/10/79

1.1

Com referência a Campanha Eleitoral foi observado que o Movimento Estudantil encontra-se muito fraco em alguns Estados Brasileiros, inclusive em alguns praticamente não existe.

Discutiu-se também a necessidade urgente da criação ou reorganização das Uniões Estaduais de Estudantes, as quais deverão atuar em obediência as diretrizes gerais da UNE. Os futuros DCEs e Centro Acadêmicos deverão ser livres sem nenhuma vinculação com as administrações universitárias.

Nos Estados e cidades onde a chapa mutirão recebeu menos votos, deve ser feita uma avaliação e montado um esquema de planejamento, visando modificar o comportamento do eleitorado em favor do Grupo Mutirão, pois as próximas eleições da UNE deverão ocorrer por vias indiretas.

1.3

Com referência as normas internas de trabalho da UNE, discutiu-se primeiro o local da sede da entidade, sendo decidido que a mesma ficará em São Paulo, esta decisão entretanto é provisória, pois depende de uma ratificação do Conselho de Entidades Gerais da UNE.

A maior preocupação concentrou-se no problema da arrecadação de fundos para manter a entidade em funcionamento.

O destino do material em manutenção do 2510 de 12 Dec. nº 79.099/77 Assessoria de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos.


Confidencial

PT 1036.125

R. legi

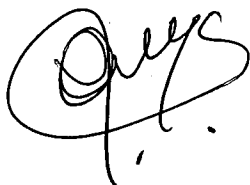
1. Acote - 12.
2. Mgueve 12.

sd 1, 30.10.79.

Pasta/FUEL 

Amotado

Em 05-11-79



Confidencial

ASSOCIAÇÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES
SECRETARIA DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES
182

sendo decidido a implantação de uma Campanha para arrecadação a nível nacional, a qual deverá mobilizar os setores estudantis e populares.

As Secretarias Pró-Una, deverão ser mantidas, pois sua eficiência ficou comprovada durante a fase da reorganização da Entidade.

1.4

Sobre o Projeto Portela, a UNE irá boicotá-lo, pois a base da plataforma eleitoral da chapa mutirão, foi contra o ensino pago e o Projeto Portela preve a transformação das Universidades Federais em Fundações e Autarquias, o que irá permitir a cobrança de anuidades em Universidades Federais, que hoje ainda cobram de seus alunos apenas taxas simbólicas.

Com relação ao propalado diálogo do Ministro Portela, o mesmo não merece crédito pois está apenas fazendo o jogo do sistema dominante.

1.5

Sobre a reformulação partidária, os dirigentes da UNE são radicalmente contra, pois o único objetivo é dividir a unidade da oposição e fortalecer o Partido do Governo.

1.6

O Estatuto provisório da UNE deverá ser melhorado e transformado em definitivo na próxima reunião do Conselho de Entidades Gerais da UNE, que deverá ocorrer em Janeiro de 1.980.

A UNE será uma entidade legal entretanto, não terá nenhum vínculo oficial com o MEC, ou qualquer Órgão do Governo, funcionando como órgão máximo de representação civil dos estudantes brasileiros.

1.7

Com referência a campanha de uma Anistia Ampla e Irrestrita, a mesma continuará até que o último preso político seja libertado e todo órgão de repressão e informação seja desmantelado.

Com o desaparecimento dos DOI-CODI-DOPS-CENIMAR e suas congêneres, bem como a extinção das Assessorias de Segurança implantadas nas Universidades Federais.

1.8

Ao final foram debatidos assuntos referentes ao Comportamento do MDB ante a reformulação partidária, a reforma da Política salarial, a qual foi condenada pelo diretoria da UNE, pois não implica em redistribuição de renda, pois não atinge o capital e sim os assalariados.

Aventou-se a necessidade de maior entrosamento com as lideranças sindicais, pois o exemplo da reorganização da UNE pode ser

Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo desta informação (Art. 12, Dec. nº 79.099/77) e pelo uso adequado de Assinhas Sigiladas.

Confidencial

estendida para os trabalhadores que necessitam de uma Central Sindical.

2.

A UNE tentará ainda este ano implantar uma campanha à nível nacional contra o ensino pago, a qual terá 02 fases:

1a. FASE - elaboração de uma Plebiscito nas Universidades e Faculdades sobre o ensino pago. (deverá ser realizado na 2a. quinzena do mês de novembro).

2a. FASE - Para o início do ano letivo de 1.980, será deflagrado um boicote contra taxas de matrículas e anuidades, em princípio o referido boicote irá atingir as Universidades Particulares e as Fundações Estaduais e Municipais.

2.1

Participaram da reunião acima referida alguns membros da Diretoria Provisória da UNE e membros da Chapa Mutirão (Diretoria leita).

3.

A cerimônia da posse da nova diretoria, ocorreu no largo de São Francisco, tendo sido iniciada por volta das 18:00 horas do dia 11 do corrente e contou com a participação de mais ou menos 2.000 pessoas entre populares e estudantes.

O ato de posse foi presidida pela UEE de São Paulo e contou com a participação da diretoria provisória da Une, bem como de vários ex-presidentes da Entidade como:

- Roger Ferreira;
- Aldo Arantes;
- Vinícius Caldeira Brandt;
- José Serra;
- Altino Rodrigues Dantas Junior;
- Newton Santos;
- José Luiz Moreira Guedes;
- Jean Marc Vander Veid.



3.1

Foi constatada a presença de vários ex-presos políticos, militantes de organizações subversivas, ex-exilados e parlamentares da oposição, representantes de movimentos de anistia e sindicatos.

3.2

Fizeram uso da palavra o presidente da UNE Rui Cesar Costa e Silva o qual defendeu o compromisso da chapa mutirão, de lutar por uma "Universidade voltada para o interesse do povo" e barrar o projeto Portela, o qual não interessa à comunidade universitária.

Fizeram uso da palavra as seguintes pessoas:

- Jean Marc Vander Veid;
- Gregório Bezerra;

do sigilo deste documento de Salvaguarda de 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos

189

Luiz Eduardo Greenhalg;
 Perseu Abramo;
 Manoel da Conceição;
 Diógenes Arruda Câmara;
 Edival Nunes da Silva;
 Chicério Giovanni;
 José Gessuino Neto

Confidencial

3.3

Antes da transmissão e posse da nova diretoria foi encenada uma peça teatral de curta duração, simbolizando os últimos 17 anos do Movimento Estudantil, em seguida foi feito o hasteamento simbólico da bandeira da UNE.

Durante o canto do hino da Une, poucas pessoas participaram (não conheciam a letra) apenas os velhos militantes da UNE é que cantaram.

4.

A delegação de Londrina, presente ao evento esteve constituída pelos seguintes elementos do Grupo Poeira:

Maria Alice Pavan;
 Marco Antonio Fabiani;
 Luiz Eduardo Cheida;
 Gilberto Berguio Martins;
 Fábio Caldas de Mesquita;
 Henrique Balalai; *Toviaz*
 Rosalina de Jesus - Grupo Meta;
 Erica dos Santos "
 Ana Rita da Costa - Socióloga formada pela UEL
 Marcelo Eiji Oikawa;
 Maristela Geralda Galvão;
 Maria José Volpini;
 Nilson Monteiro de Menezes;
 Maria Aparecida - Grupo Meta;
 José Fernando Amaral Strático;
 Raquel Dias de Araújo;
 Nilzete Liberato;
 Randolfo Decker;
 Cesar Augusto Carneiro;
 Michelle Guimarães Freitas;
 Joaquim Borges Pinto.



Confidencial

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

PT 1035-125

EM TEMPO

Semanário Nacional • Ano II • N.º 85 • 11 a 17 de outubro de 1979 • Cr\$ 20,00

Mobilização nacional contra a política salarial do governo

Trabalhadores respondem

à farsa dos reajustes

Milhares de trabalhadores sairão às ruas em protesto contra o projeto dos reajustes semestrais do governo. Manifestações já estão anunciadas: dia 12 em São Bernardo no Paço Municipal, dia 19 no centro de São Paulo na Praça da Sé. Em outros pontos do país articula-se novas manifestações. E dia 24 uma caravana para Brasília para pressionar a votação do projeto que será dia 26.

Pág. 3

Um cotidiano de violências contra a mulher

beliscadas, porradas, curras e estupros

Págs. 8 e 9



Exclusivo

Censura

Os depoimentos de Rogério Nunes, Flávio Cavalcanti e outros na CPI da censura

Págs. 11 e 12

A vitória dos inventores no Nordeste

Pág. 5

1968/71:

A trajetória do POC

Contribuição à história da esquerda brasileira

Pág. 13

CHINA

A experiência do poder popular

comunistas, socialistas, Mao Tsé Tung e a experiência do POC na luta por reformas estruturais

Págs. 14 e 15

FIGUEIREDO QUER PARTIDO QUE DIGA O QUE O POVO QUER

tancredo com figueiredo, mas de olho nos restos do mdb

Ex-ministro da Justiça de Getúlio Vargas, primeiro-ministro no governo parlamentarista de João Goulart, e atual senador e articulador, com o beneplácito do Planalto, do chamado Partido Independente, o emedebista moderado Tancredo Neves, lançou-se nos últimos dias numa jogada secreta, que causaria espanto se não fosse praticada por quem já faz parte do folclore político nacional e já serviu, durante os seus 40 anos de vida pública (já está na casa dos 70 de idade), a todos os donos do poder. A jogada secreta, revelada por Hélio Fernandes em sua coluna "Em primeira mão", na Tribuna da Imprensa do último dia 8, foi nada mais nada menos a realização de um encontro a portas fechadas com o

general João Figueiredo, agenciado — não por Maluf — pelo brigadeiro Delio Jardim de Mattos.

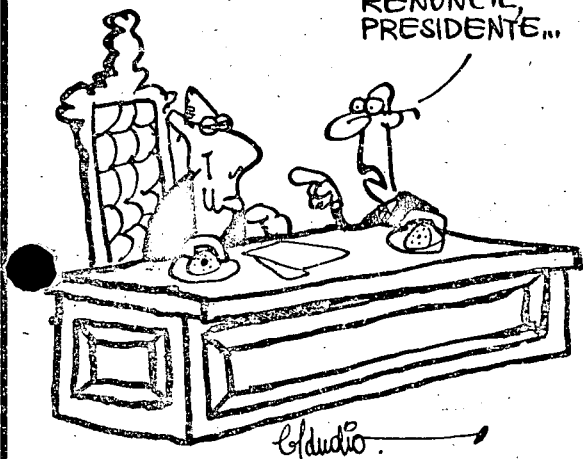
Esse encontro, segundo Hélio Fernandes, foi que permitiu o sinal verde para o lançamento do PI, ou "Partido da Corrupção", que contará com a presença do insuspeito (no caso, só a certeza) Chagas Freitas. E dá o fio para que se entenda melhor o significado das articulações do velho Neves na reia final da coma emedebista, provocada pelo veneno mortal da reforma partidária do próprio Figueiredo. Tancredo Neves apossou-se em distinguir publicamente o "seu MDB" do "MDB de Miguel Arraes", logo no ato do tardio ingresso do ex-governador de Pernam-

buco no partido em extinção, buscando imediatamente uma composição com o "não-alinhado" Franco Montoro, tudo isso para garantir uma fatia palpável do espólio emedebista, por meio do chapão que será eleito na última convenção da agremiação, a ser realizada no próximo mês.

Essa fatia palpável do espólio, com o apoio do regime, é que será usada por Tancredo Neves como cacife para jogar na constituição do seu PI. Por estranho que pareça, há ainda quem interprete esse futuro partido como de "centro", quicá com funções "estabilizadoras". A velha raposa mineira deve estar rindo como uma hiena.

(Carlos Tibúrcio)

QUER QUE O SR. RENUNCIE, PRESIDENTE...



o ptb chegou a são paulo?

O ex-governador gaúcho Leonel Brizola ainda não teve coragem de visitar São Paulo desde que voltou ao exílio. Isso porque a absoluta falta de apoio por parte de figuras expressivas ao seu PTB poderia lhe colocar numa situação desgastante.

o PTB "fazem o jogo do sr. Golbery do Couto e Silva". Mudando novamente com rapidez, João Cunha dizia na semana passada que o PTB poderá ser "o grande instrumento partidário do povo brasileiro".

dos Trabalhadores, Marcílio não explicou como unir a idéia do PT, um partido sem patrões, com o PTB. Afinal é o próprio Brizola quem define o PTB como uma composição que "abrangerá desde as massas marginalizadas do campo e das cidades até os trabalhadores sindicalizados, as classes médias e o pequeno e médio empresariado". Mais que isso, compôr com Brizola, que nesta última semana fez uma rápida viagem ao México a convite do PRI (Partido Revolucionário Independente — que outra coisa não é senão o partido de "democracia relativa" mexicana), não parece em nada próximo do PT, um partido que deverá se colocar frontalmente na luta contra a ditadura brasileira. E contra as outras também.

(Sergio Allii)

Mas Brizola está tranquilo. Acontece que ele já arrumou seus anfitriões paulistas: o deputado federal e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Benedito Marcílio, e o deputado autêntico João Cunha. Cunha é famoso pelas denúncias de corrupção que fez na Câmara e por sua rapidez. No ano passado, perguntado a respeito da Frente Nacional de Redemocratização, afirmou enfaticamente que nela não entrava. Três dias depois estava na Frente. Recentemente ele, através de discursos, disse que Brizola e

Já Benedito Marcílio, que no ano passado participou do lançamento da proposta do PT, no Congresso dos Metalúrgicos de Lins, e praticamente mais nada fez além disso, foi mais longe. Conseguiu garantir que a primeira visita de Brizola a São Paulo seja marcada com uma recepção na sede do Sindicato que preside. Conseguiu encontrar até um ponto comum com Brizola. Segundo ele, a necessidade "não de uma social-democracia, mas de uma democracia social".

Apesar de se declarar ainda comprometido com a proposta de um Partido

deops inocenta lutfalla

As vezes fica complicado saber quem é o mocinho e o handido de cena econômica brasileira. Há algum tempo atrás era o BNDE que acusava os principais acionistas da Teclagem Lutfalla, dentre os quais destaca-se a primeira dama do Estado de S. Paulo Dna. Sylvia Maluf, de malversações de empréstimos públicos e sonegação fiscal. Para quem não lembra, a Lutfalla foi acusada de sumir com cerca de 600 milhões de cruzeiros emprestados pelos cofres públicos para regularizar a situação da empresa. Após examinar o caso, o Deops (por meio de sua Delegacia Especializada em Crimes Contra a

Fazenda) inocentou os proprietários da Lutfalla e acusa o BNDE de ser o principal responsável pelas inúmeras irregularidades constatadas no "Caso Lutfalla". Segundo o relatório do Deops, que foi manchete da Folha da Tarde, o BNDE teria condicionado a concessão dos empréstimos públicos à participação de funcionários seus na diretoria da Lutfalla. E como as malversações foram cometidas durante a gestão da nova diretoria, compostas também pelos representantes do BNDE, este torna-se o principal responsável pela falcatrua.

O relatório do Deops esmera-se em inocentar os fundadores da Lutfalla que, durante os seus esforços para aumentar as exportações brasileiras de produtos têxteis, teriam sido colhidos pela crise do petróleo que os obrigou a pedir o fatídico empréstimo do BNDE e a aceitar os funcionários responsáveis pelas irregularidades. Coincidentemente o diretor do Deops é subordinado ao Secretário de Segurança, que é subordinado ao Governador do Estado que é espasmo de Dna. Sylvia Maluf. Desse jeito não podia dar outra.

(Guido Mantega)

jair ferreira discute o pt

Jair Ferreira Sá, o "Dorival", líder histórico da Ação Popular (AP), que voltou recentemente à legalidade após 15 anos de completa clandestinidade, abordou de modo enfático a questão do PT (Partido dos Trabalhadores) numa entrevista concedida ao jornal Campanheiro, edição de 10 a 23 deste mês.

Depois de classificar o PCB (Partido Comunista Brasileiro) de "reformista", de criticar o PC do B pelo seu "populismo revolucionário", mas deixando claro que o considera uma "organização revolucionária", e de fazer distinção entre o que chama de "Partido Revolucionário da Classe Operária" e o atual "movimento partidário dos Trabalhadores", Jair discorreu mais longamente sobre o PT: "O surgimento do movimento pró-PT nos relembra uma verdade óbvia mas esquecida: os trabalhadores consideram que ainda não têm seu partido e por isso mesmo estão querendo construí-lo. Mesmo o Partido dos Trabalhadores não sendo o embrião do Partido Estratégico Revolucionário da Classe Operária, nem sua base principal de constituição, traz, sem dúvida alguma uma contribuição muito impor-

ante, destacada e decisiva, à construção desse partido". O líder histórico da AP vai mais longe: "A formulação clássica de construção do Partido Revolucionário da Classe Operária uma organização clandestina que cresce e absorve setores avançados da classe — tem que sofrer desenvolvimentos criadores em relação à sua construção em nosso país."

Referindo-se à origem do movimento Jair disse que a "forte dose corporativista que marcou o PT, embora ainda esteja presente hoje, está sendo superada, o que só virá a fortalecer esse movimento". Numa definição mais geral, ele explicou: "Acho que a proposta de um partido político de interesse dos trabalhadores, hoje, tem como rumo básico buscar expressar uma frente política das massas oprimidas e exploradas que alcança também a pequena-burguesia democrática, e que no combate ao regime militar, construa uma alternativa de governo que melhor garanta seus interesses." Segundo Jair, "O movimento pró-PT representa hoje um veio fundamental para a construção desse partido."

partidão: é hora de apertar os cintos?

O Partido Comunista, ao que tudo indica, joga alto e, em dois veios principais. De um lado, em unidade com os pelegos "modernizáveis", pasmame, do tipo Joaquim Andrade dos Metalúrgicos de São Paulo, busca construir sua hegemonia no movimento operário reivindicativo. Contrariamente aos sindicalistas autênticos, da corrente do Lula, querem uma inter-sindical já. Sob seu controle, é claro. Nesta linha o que vale é a ação, as declarações bombásticas, pelo contrário são inconvenientes.

De outro lado, cumpre mostrar-se "compreensivo" diante das dificuldades que o regime enfrenta para a "transição democrática". Mas não somente compreensivo. Disposto mesmo a ajudar. Este o sentido inequívoco das posições de José Salles, mem-

bro do Comitê Central à imprensa na semana passada: "não queremos perturbar nenhum", falou categórico, dando a entender que o partido apoiaria uma Constituinte com Figueiredo. Desde que legalizado o PC, é claro.

Assim tudo corre pelos trilhos já sabidos. O que espanta é a rapidez e desenvoltura com que o partidão está se adaptando à nova situação. Neste contexto, refresca-se a lembrança daqueles tempos de queda do Estado Novo quando, o PC saído à luz da legalidade e se impondo como o grande interlocutor das massas frente à burguesia — só que por um curto período — através de seu grande líder. Presentes, conclamava as massas a "é hora de apertar os cintos" (Flávio Andrade)

quanto vale o mdb?

Há tempos atrás o líder do MDB na Câmara, deputado Freitas Nobre, susurrava em algumas conversas informais com a oposição de esquerda: "não se precipitem, temos que ficar com o MDB poisaremos os moderados para fora, e com esta máquina herdada teremos um grande trunfo nas mãos".

Hoje, às vésperas do fim do MDB não se tem falado do espólio material do partido. Material sim, pois é o que importa. Como partido eleitoreiro que foi, cada um leva seus votos e o que fica mesmo é o aparelho.

Na semana passada a revista Isto É fez uma estimativa do espólio do MDB e não concluiu muita coisa. É verdade que os dados não são completos — a pesquisa não foi nacional e muita informação, presume-se, foi escondida.

Mas o que apurou, em termos de alguns prédios herdados por sua vez do antigo PTB ou do PSD, não vai muito além da faixa dos 5 milhões de cruzeiros em valor patrimonial. Ou seja, aparentemente, entre outros cálculos, o líder não tinha razão neste também. (Flávio Andrade)

ELA É BRASILEIRA. ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES URUGUAIOS DESDE 1972.

O GOVERNO BRASILEIRO E CADA UM DE NOS É RESPONSÁVEL.

LIBERDADE PARA FLAVIA



Este anúncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia

A resposta ao arrocho da ditadura

Está aberta a campanha de mobilização nacional contra o projeto de reajustes salariais do governo. Até dia 26 quando se dará a votação no Congresso, vários atos de protesto em todo o país.

Os "descalabros" do feiticeiro Delfim

Incorrigível, Delfim Neto volta agora a atribuir a alta da inflação aos trabalhadores e já começa a fazer suas "mágicas milagrosas" retirando do cálculo dos índices os preços que mais incomodam.

Por Guido Mântega

Nestes últimos 20 meses mais de 1.500 trabalhadores foram presos; nestes últimos cinco meses, 8 sindicatos sofreram intervenção; nestes 5 meses, 5 trabalhadores perderam a vida embaixo das patas da repressão. Existe no país uma tentativa de abertura para a elite e a burguesia, porque para os trabalhadores está reservada a porrada e as caceladas da polícia militar". Esta, dizia Lula, no último domingo na Bahia, a nova política operária da ditadura.

Na semana anterior, com seu habitual sorriso cínico, o ministro do Trabalho Murilo Macedo, em depoimento na comissão mista do Congresso que examina o projeto de política salarial do governo argumentava: "Não podemos continuar assistindo ao trabalhador esvaindo-se em lutas desumanas". Mas logo adiante ele se traía, revelando seu humanismo de salão, ao afirmar que a harmonia entre o capital e o trabalho, nos países subdesenvolvidos "é, até certo ponto uma incógnita".

Dois dias depois, uma assembleia no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo dava início à série de mobilizações que os trabalhadores pretendem realizar a nível nacional pressionando o Congresso a rechaçar o projeto governo e a votar no substitutivo preparado em conjunto com o MDB.

Lula desafiava Macedo: "Durante 15 anos o governo roubou, os banqueiros roubavam e agora o ministro do Trabalho vem com cara cínica dizer que está preocupado com os trabalhadores".

A campanha, que se pretende massiva e em escala nacional, contará com vários atos de protesto que começam nesta sexta-feira, dia 12 do Paço Municipal de São Bernardo. Dia 19 haverá uma grande manifestação na praça da Sé em São Paulo, e a partir do dia 24 começarão a chegar caravanas em Brasília que, em vigília permanente desde o Sindicato dos Jornalistas prepararam a ida às galerias do Congresso pressionar diretamente a votação que se dará no dia 26. Os sindicalistas estão pretendendo organizar uma campanha semelhante aquela que se desenvolveu no caso da anistia.

Em prosseguimento das articulações da campanha, dirigentes sindicais voltaram a se reunir no último sábado em São Paulo e na terça em Belo Horizonte. Para a capital mineira, lá presentes 30 sindicatos de 8 estados da federação, resolveram marcar para o dia 20 próximo o ato público da campanha em Minas.

E o mesmo se sucede em outros pontos do país. A luta contra o projeto do governo está no cerne mesmo dos problemas que o movimento sindical vem vivendo nestes novos tempos.

Além disto, todos são unânimes em ver que a alta do custo de vida, agora explodindo como nunca, vem dar uma urgência dramática à definição de uma estratégia e coordenação mais global às lutas da classe.

Pois diante da ofensiva da ditadura e dos patrões, tentando ao mesmo tempo, desmobilizar e reprimir, somente uma política clara de frente única dos trabalhadores poderá romper o cerco.

Nestes poucos meses à frente da pasta do planejamento o Prof. Delfim Neto tem-se destacado mais do que propriamente pela atuação econômica. Pelo menos é o que indica o agravamento de praticamente todos os problemas que ele deveria amenizar, a começar pela inflação (na casa dos 70% anuais) passando pelo déficit comercial (em torno dos 2.5 bilhões de dólares) e de conta corrente (em cerca de 9 bilhões

de dólares) e desembocando na dívida externa, estimada, para o ano, em mais de 53 bilhões de dólares.

Semanas atrás ele denunciava o grande culpado da inflação e da dívida externa: o déficit das empresas públicas, que teriam gasto mais do que faturaram, cobrindo a diferença com empréstimos externos. Só que o didático ministro esqueceu de explicar porque essas empresas se endividaram, e no bolso de quem foi parar o dinheiro de seu déficit. Na verdade,

não é segredo para ninguém que as subsidiárias da Siderbrás, Petrobrás e outras empresas ditas públicas fornecem matérias primas baratas para as empresas privadas, que dessa forma têm menos custos e, portanto, maiores lucros. Além disso, o déficit público brasileiro é devido também à ampla generosidade estatal, que não tem medido esforços (principalmente nestes últimos 15 anos) em distribuir subsídios, isenções fiscais, créditos com juros abaixo da inflação e outros privilégios, aos capitais que atuam no país.

Logo o déficit público, isto é o déficit de toda a população, assim como a dívida externa (também compartilhada por toda a Nação), devem ser procurados nos bolsos dos empresários ou nas suas contas cifradas dos bancos suíços.

$$2 + 2 = 5$$

A última descoberta do prof. Delfim é a de que os reajustes salariais seriam os principais responsáveis pela violenta inflação que vem tomando conta da economia brasileira. Segundo o ministro, reajustes salariais de ordem de 70% esariam causando uma inflação anual de cerca de 65%.

Porém, o prof. Delfim Neto cometeu alguns erros de matemática e de interpretação, a começar pela avaliação dos reajustes salariais que apenas excepcionalmente superaram a marca dos 60%, sendo que a maioria dos assalariados não teve mais do que 30%. Em segundo lugar, para que o

reajuste fosse o principal responsável da inflação, seria preciso que ele constituísse o maior componente dos custos das mercadorias. Acontece que os salários representam apenas 20% (em média) dos custos gerais das empresas, o que significa que um reajuste salarial (superestimado) de 70% se refletiria num acréscimo de 14% (70% sobre 20%) nos custos gerais.

Na verdade, o ministro está camuflando a responsabilidade dos empresários, que continuam elevando os preços bem acima dos aumentos dos custos, sustentando na marra a sua lucratividade diante dos problemas da economia brasileira. E, nessa brincadeira, quem continua pagando o pato são os assalariados que, apesar da mobilização conseguida neste ano, têm suas conquistas salariais mensalmente corroídas pelos crescentes índices inflacionários.

Imaginemos, por exemplo, um trabalhador que tivesse auferido, no 1º de maio deste ano um reajuste salarial de 70%. Inicialmente, esse aumento recompos a deterioração do poder aquisitivo do ano passado (em torno de uns 44%) e ainda sobrou um acréscimo de poder aquisitivo de uns 25%, que foi devidamente corroído pela inflação de maio a setembro, também em torno de uns 25%. Logo, daqui para a frente, o trabalhador vai comer menos do que em maio deste ano e até o fim do ano as coisas prometem piorar, especialmente se o governo continuar afirmando que os culpados da inflação são os trabalhadores e aplicar a política salarial adequada a essa tese.



Metalúrgicos do ABC voltarão às mobilizações

Um aborto de escala móvel

Semelhante à anistia restrita, o projeto de reajustes oficial é um verdadeiro aborto da escala móvel de salários. A qual, posta nos seus devidos termos é a resposta dos trabalhadores à ofensiva patronal.

Por Andreas Maia

O projeto governamental que altera a legislação salarial tem um claro objetivo de desmobilização dos sindicatos combativos e os movimentos de oposição sindical, o que já vem sendo fartamente comentado na imprensa. O que interessa no entanto é que a ditadura, da mesma forma a burguesia, passaram para a ofensiva, após um período em que a defensiva foi a principal característica perante as greves e reivindicações operárias. A ditadura procura combinar uma dura repressão policial-militar às greves com um sistema de negociações aparentemente com o fim de desmobilizar os movimentos de massas. Do ponto de vista dos interesses do capital e da burguesia, é necessário passar à ofensiva sobre o movimento operário, aumentar a taxa de exploração da classe trabalhadora como pré-condição para uma nova arrancada da máquina capitalista de acumulação e exploração. Como a correlação de forças criada pela conjuntura política de "aberturas" da ditadura dificulta um esmagamento generalizado do movimento operário e popular e como a burguesia encontra-se perante uma classe trabalhadora que se mobiliza e começa a confiar em suas próprias forças, trata-se a todo custo de impor pequenas derrotas e enfraquecer as mobilizações reivindicatórias desmoralizando-as. Resumindo, estes são os motivos, a grosso modo, a política operária da burguesia, que, de resto, para ter sucesso na situação política atual precisará ainda do dispositivo de colaboração de classes do reformismo.

Uma opção se impõe para o sindicalismo operário combativo e que procura encontrar uma autonomia de classe.

Só a ofensiva não basta. Se é verdade que nos encontramos perante um movimento operário que, após quinze anos de ditadura, procura por meio de lutas e combates parciais recuperar o poder de compra dos salários e obter um alargamento do espaço político, é verdade também que este ciclo começa a entrar num impasse. Uma "reciclagem" dos objetivos fáceis a alcançar deve ser discutida, inclusive como passo prévio a uma discussão global da estratégia do movimento operário, o que em certa medida já vem sendo feito em torno da pro-

pósta do Partido dos Trabalhadores e do seu caráter anti-capitalista. É neste sentido que citamos a campanha dos metalúrgicos de São Paulo e o repúdio dos sindicalistas à nova lei de salários como acontecimentos que podem permitir uma clarificação dos trabalhadores de vanguarda, nas fábricas, bairros e sindicatos capaz de permitir o emprego de reivindicações e métodos de luta à altura da ofensiva patronal.

Tem-se falado muito ultimamente da "escala móvel" de salários, e também das horas de trabalho, particularmente em torno da elaboração de um programa classista para o PT. Em certa medida a nova lei de reajuste dos salários é um aborto de "escala móvel" tal qual a anistia restrita. O substitutivo apresentado pelos sindicalistas ao projeto de lei governamental é essencialmente positivo. Um rechaço à política do arrocho salarial de ponta a ponta, rebatendo todos os pontos do projeto da ditadura. No entanto como estratégia global para o movimento operário, como diretriz para o avanço das lutas dos trabalhadores, o substitutivo é insuficiente. Assim, ao lado do apoio irrestrito à campanha dos sindicalistas devemos contudo, desde já, levantar algumas questões.

Quando os metalúrgicos da Grande S. Paulo entram em campanha por 83% de reajuste salarial (a contragosto das direções sindicais atreladas) procuram recuperar o salário corroído pela inflação. No entanto, o aumento generalizado de preços e a carestia de vida há muito que entrarão numa espiral sem controle, o que aproxima a inflação brasileira da chamada inflação galopante. Nestas condições só se pode lutar efetivamente contra a exploração capitalista por meio de uma "escala móvel" que assegure ao salário, a condição, necessária capaz de seguir o movimento dos preços. Os contratos de trabalho devem assegurar o aumento automático dos salários em função da elevação dos preços dos artigos de consumo, por ex. a cada aumento de 5% do custo de vida os salários serão reajustados automaticamente. A campanha dos metalúrgicos paulistas pode permitir a introdução generalizada deste tema, na medida em que todas

as iniciativas de luta passam às mãos da oposição sindical, das comissões de salário nas fábricas e das organizações inter-fábricas.

O que é escala móvel

Paralelamente ao tema da escala móvel de salários, a nova lei proposta pelo governo teve que levantar o tema acerca dos índices de aumento do custo de vida e de produtividade. A burguesia se armou de um trufo importante pois sabe que as estatísticas são falsas. Deliberadamente os padrões falsificam os balanços das empresas, as declarações fiscais, falsificam portanto a realidade econômica. Estas falsificações não são gratuitas. Objetivam metas precisas. Quer seja com o fim de fugirem do controle fiscal, quer seja com o objetivo de rechaçar aumentos de salários, os padrões foram muito bem escorados por um sistema político de repressão e de restrição das liberdades democráticas. Dessa forma, toda vez que se abre um debate com os patrões e o governo sobre aumentos de salários, sobre apreciação da produtividade ou sobre as consequências econômicas de uma reivindicação sindical, os trabalhadores devem contestar: não aceitamos discutir com os olhos vendados, abram os livros de contas das empresas e os cálculos do governo.

A abolição do segredo comercial e a abertura dos livros de contabilidade das empresas será fundamentalmente de um setor. A democracia tem que chegar às fábricas e locais de trabalho. E o controle operário sobre a produção ou a empresa certamente virá a ser um passo decisivo no aprofundamento das liberdades democráticas do ponto de vista dos interesses da classe trabalhadora. O valor desta reivindicação, enquanto reivindicação transitória entre as lutas econômicas e democráticas e a luta anti-capitalista geral, será cada vez maior.

Os sindicalistas autênticos já abriram a porta para que se venha a apresentar publicamente esta questão. No momento, a pouca clareza de um lado e as limitações do MDB de outro, impediram que se avançasse mais.

PT 1036-126

opinião

Manoel da Conceição

Um partido comprometido com os interesses populares

A reformulação partidária atual se coloca dentro de um quadro político bastante limitado. Ao mesmo tempo em que se fala de democracia e há massa na rua fazendo greve etc, há os limites que o regime impôs. Há uma anistia ainda restrita; não há liberdade sindical — as intervenções estão aí patentes. E há também o estado de emergência pronto para entrar em ação a qualquer momento. O que há portanto é um espaço bastante limitado para nós, mas o bastante para a burguesia tentar moldar uma espécie de democracia controlada, de fachada.

nós devemos atuar dentro deste espaço, do ponto de vista popular, do ponto de vista dos trabalhadores, por mínimo que ele seja. E aí eu vejo a importância das forças realmente democráticas — e não apenas de fachada — comprometidas com as grandes massas populares em especial com os trabalhadores. buscarem uma forma de partido que deverá ser popular por buscar uma forma de democracia profunda. Um partido para ocupar o espaço que se abre tanto a nível das massas como do parlamento. Pois ocupar este espaço é importantíssimo, uma vez que Figueiredo continua aí como um ditador qualquer que o antecedeu, simplesmente com mudanças de fachada.

A composição social deste partido é importante. Patrão é patrão e eles têm lá seus partidos. Assim não há razões para a presença de patrões num partido que se pretende da grande massa do povo, em especial dos trabalhadores.

No entanto isto não implica — e aqui é que está a questão — que se algum patrão resolve abandonar sua atitude de patrão e explorador, e apoiar a luta dos trabalhadores como ela é, então não há nenhum impedimento a que ele ingresse no partido. Desde que ele rompa na teoria e na prática com este tipo de exploração que está aí. Pois aí, ele deixar de ser patrão.

Manoel da Conceição, líder camponês no Maranhão, exilado recém-chegado ao Brasil. (Mais Mané na pág. 10)



PT fará primeira reunião nacional

Carlos Tibúrcio

Agora, é deslanchar e abrir as portas do PT. A expressão de entusiasmo saiu logo após o término da reunião da Comissão de Organização do Movimento pró-Partido dos Trabalhadores, encarregada de preparar a primeira reunião nacional da articulação, que será realizada neste sábado, dia 13, "em algum lugar de São Bernardo do Campo que não seja um sindicato".

Paulo Skromow, presidente do Sindicato dos Couros de São Paulo, que falou à imprensa em nome da Comissão, fez questão de frisar que a reunião não será realizada num sindicato para dar ênfase ao fato de que o movimento pró-PT não é apenas de sindicalistas, mas de todos os trabalhadores brasileiros. O local, ainda a ser definido, poderá ser o Anfiteatro Cacilda Becker, em São Bernardo Campo.

Além de Paulo Skromow, compõem a comissão o Lula (que não participou da reunião, realizada na manhã do último dia 10 em São Caetano do Sul, porque se encontrava reunido, em seu sindicato, com Márcio Moreira Alves, Chico de Oliveira, José Alvaro Moisés e Paulo Singer, aparentemente tratando da elaboração de um curso sobre sindicalismo, economia e política para os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema); Jacob Bittar, dos petroleiros de Campinas; José Ibrahim, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco; José Ciconi, dos metalúrgicos de Santo André; João Lins, dos metalúrgicos de São Caetano; e outros que também

não compareceram, como Olívio Dutra, presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, ainda afastado do cargo por decisão do Ministério do Trabalho.

O objetivo da primeira reunião nacional do Movimento Pró-PT já está bem definido: preparar uma ampla reunião nacional com todos os militantes do movimento, a fim de estruturar de uma vez a nucleação do partido. A composição da reunião do dia 13, portanto, não será ampla: participarão exclusivamente os representantes dos núcleos até então constituídos e alguns convidados que foram listados pela Comissão de Organização. A imprensa não terá acesso aos debates, estando marcada para as 18 hs de sábado, após o encontro, uma coletiva.

Skromow deixou claro que, a partir do próximo sábado, começará um processo intensivo de nucleação do movimento, em todos os Estados, procedendo-se a inscrição legal dos militantes e desencadeando-se um a campanha de recolhimento de assinaturas em prol do PT. "Isso, diz Paulo, independentemente da reforma partidária do regime: nós não abrimos mão da luta pela legalização do partido e temos certeza que esse processo não passará por critérios cupulistas, articulados por cima".

Referindo-se à matéria publicada pelo "Jornal da República" de quarta-feira, que diz que o PCB está contra Lula e o PT, os articuladores do

movimento pró-PT comentaram que "é absurda a confusão que está sendo feita entre a CUT e o PT". "Somos contra — disseram eles — a articulação de uma Central Única dos Trabalhadores a partir da atual estrutura sindical. Somos a favor de uma CUT que surja livremente, construída com absoluta participação dos trabalhadores e plenamente representativa". Abordando a relação PT-CUT, disseram: "O PT vem como uma alavanca para abrir esse caminho. A CUT nascerá da unidade real dos trabalhadores e não de unidade forjada nas cúpulas. Nós defendemos a unidade na ação, na luta".

E os parlamentares que já apoiam o PT? Paulo responde de modo evasivo: "Fechado, tem o Edson Khair (deputado federal MDB-RJ), os outros estão discutindo, manifestando simpatia, há seguramente uma aproximação, mas não tenho uma lista de nomes a revelar".

De todo modo, arremata Ibrahim, "o processo de cobrança de definições já começou: primeiro no último dia 30, no Rio, e, agora, na Bahia, em Feira de Santana, com a presença de Lula".

Os debates — ou a cobrança — foram tão impolgantes na Bahia que o PT já será lançado em Salvador, provavelmente no dia 20, novamente com a presença do Lula. Para preparar o lançamento, o Núcleo Pró-PT do Estado está convocando todos os interessados para uma reunião no próximo dia 12, sexta-feira, às 20 hs, na sede do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social).

Governo achincha os partidos

A reforma partidária que está saindo estes dias do forno da ditadura é um verdadeiro achincha do pluripartidarismo. Mas, paradoxalmente, tudo indica que ela estimulará o desenvolvimento de propostas mal quistas pelos emedebistas, como é o caso do Partido dos Trabalhadores.

Por Flávio Andrade

Como foi noticiado, as linhas gerais do golpe estão armadas: 1) Extinção da Arena e do MDB (como? ainda não se disse; 2) Como previsto na reforma constitucional do ano passado haverá a distinção entre organização e funcionamento de partidos; 3) As coligações partidárias serão novamente permitidas nas eleições majoritárias; 4) As sublegendas serão mantidas apenas a nível de eleições municipais; 5) Será obrigatória a denominação partido para as agremiações; 6) Tudo isto, visando assegurar ao governo seu partido.

Os «Pré-partidos»

O lance cômico foi o dos chamados "pré-partidos", ou partidos em organização, mas não em funcionamento. Ulisses Guimarães, presidente do MDB, com sua habitual ironia, respondeu: nada mais natural: numa pré-democracia há que haver pré-partidos.

Trata-se da possibilidade de registro, mediante aprovação de critérios qualitativos já previstos na reforma constitucional, de associações políticas — ainda não partidos — que poderão concorrer às eleições, independentemente de terem de antemão os 10% de parlamentares como subscritos de seu ato de fundação. Caso elas obtenham pelo menos 5% da votação nacional, distribuída em pelo menos 9 estados da federação com um mínimo de 3% em cada um deles, estas associações poderão gozar da atividade parlamentar: ou seja, poderão ser partidos em funcionamento, na nomenclatura do regime. Caso contrário, haverá a punição: os votos da agremiação candidata ao posto de partido serão considerados nulos e os parlamentares individualmente eleitos serão "cassados" automaticamente.

Mas se o ato do regime é execrável, o do MDB não é nada elogiável. Até agora o partido não apresentou um substitutivo que pudesse encarnar esta luta pela ampla e total liberdade partidária. De um lado, a oposição se consome com as dificuldades para articulação do chapão para a convenção nacional do partido. De outro, ainda não tomou posição oficial diante da reorganização partidária, positivamente: ou seja não formulou uma alternativa. E os projetos até agora apresentados por deputados individualmente — há alguns — estão longe de se demarcarem claramente com o projeto governista.

O MDB não mostrou alternativa

Cabe então à oposição mais consequente, alto e bom som, desafiar o regime e, porque não, o próprio MDB, levantando de modo o mais inequívoco e intransigente a bandeira da plena liberdade de organização.

No entanto, o regime conseguindo impor seu projeto, ironicamente, algumas válvulas se abrem para as posições mais consequentes.

No caso do Partido dos Trabalhadores, por exemplo, os repugnantes pré-partidos abrem uma porta até agora explorada hipoteticamente por poucos. Diante da dificuldade em obter-se 10% de senadores e deputados federais para a proposta o que, de fato, vinha torpedeando-a, pré-partido pode ser um caminho. O PT se registraria imediatamente como partido em organização; coincidentemente o que ele é de fato: um Movimento pelo PT.

No entanto, uma vez vencidas estas barreiras, o PT se defrontará com a perspectiva de 2 anos pela frente — até 82 — dentro da fase de organização.

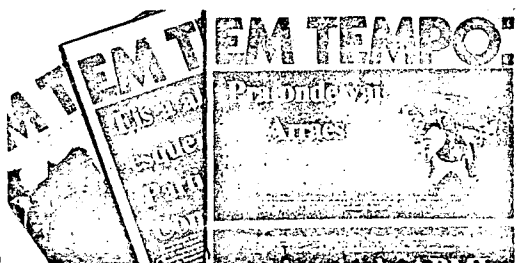
Será o período para a propaganda, atuação e enraizamento do partido nas massas, através de um trabalho predominantemente extra-parlamentar, que é, aliás, sua vocação e opção natural. Predominantemente, porque a reforma ainda não esclareceu se um partido em organização, antes de passar pelo primeiro teste eleitoral poderá já contar com a presença de alguns parlamentares eleitos em pleitos anteriores — falando em nome do partido ou individualmente ou se estes terão que se alojar no interior de alguma legenda que de antemão conte com os 10% mínimos exigidos para o funcionamento imediato de partidos.

Mas seguindo esta trajetória, o PT deverá então, para se viabilizar, obter em 1982, nas primeiras eleições gerais, uma votação nacional de 5%; ou seja cerca de 2 milhões de votos. Além daquela de 3% no mínimo em pelo menos 9 estados da federação.

O destino do PT

Assim, para desgosto do MDB, a reforma do regime, se confirmadas estas primeiras pistas, viabilizará o PT legitimando institucionalmente sua missão organizadora, extra-parlamentar, da classe trabalhadora. E mais, a ameaça de perda de mandato para os parlamentares cujo partido não obtinha o mínimo da votação referida, não deixa de ter um subproduto, afastando do PT todos aqueles falsamente priorizados da oposição extra-parlamentar que, temerosos deste destino ingrato, bandearão para legendas mais seguras.

Assim, estes caminhos tortuosos e algo paradoxais da reforma do regime não deixam de ser irônicos e indigestos para a frente das oposições" do MDB.



Semanalmente:

- * A denúncia da ditadura e da exploração
* A melhor cobertura operário-sindical do país
* O debate dos grandes temas do socialismo
* A história da esquerda brasileira

Assine EM TEMPO

Um jornal de esquerda ao lado dos trabalhadores

Name, Profession, Address, City, State, CEP

Estou enviando o cheque nº do Banco
No valor de Cr\$ 800,00 (US\$ 120,00) referente a uma assinatura anual.
Em nome da Editora Aparte SA, Rua Mateus Grou, 57 - Pinheiros - São Paulo
SP CEP 05415 - Telefones: 280-4759 - 853-6680

Annual - Cr\$ 800,00
Annual - US\$ 120,00
Desejo receber gratuitamente os números anteriores da série sobre a esquerda brasileira.

Pernambuco

Patrões ficaram chupando cana

A vitória dos trabalhadores dos canaviais de Pernambuco, na primeira grande greve rural após 1964. A organização, a adesão maciça, e a unidade dos explorados — volantes, permanentes e camponeses, — nessa greve que a imprensa do sul maravilha praticamente escondeu.

Depois de quase uma semana de greve, envolvendo 20 mil trabalhadores, e há algumas horas da extensão da paralisação a cerca de 100 mil trabalhadores, os patrões acabaram cedendo, na segunda-feira, às pressões e firmando uma convenção coletiva com 23 sindicatos de trabalhadores rurais da Zona da Mata de Pernambuco. Essa convenção, uma das primeiras no campo, entre outras coisas prevê um aumento salarial de 52%, a aplicação da lei que determina a distribuição de 2 ha. de terra a cada trabalhador e uma tabela que estabelece equivalências entre os diferentes serviços da produção da cana de açúcar e as formas de remuneração.

Em relação ao mês e outubro de 1978, o aumento obtido significa um acréscimo de pouco mais de 100%, o que por si só já se constitui numa significativa conquista. Mas é sobretudo na garantia do cumprimento da "Lei do Sítio" (Decreto nº 57.020) e na Tabela que estão as grandes vitórias dos trabalhadores da área canavieira. A terra, a reivindicação eterna dos camponeses, sempre exigida pelos trabalhadores que veem nela a única forma para se defender contra as oscilações salariais. Se têm acesso ao sítio, podem não só plantar, como também criar animais e garantir melhor alimentação para os filhos. Por outro lado, a Tabela é a grande arma dos trabalhadores contra as manipulações dos patrões no sentido de baixar os seus salários. Uma vez definido que cada serviço, dependendo das condições em que seja executado e da extensão da tarefa, tem o seu "preço": não existem mais condições para que os patrões aumentem a intensidade do trabalho e realizem seus projetos de acumulação através de uma diferenciação da extensão das tarefas entre os trabalhadores permanentes (moradores) e os volantes (clandestinos).

Porque a zona da Mata

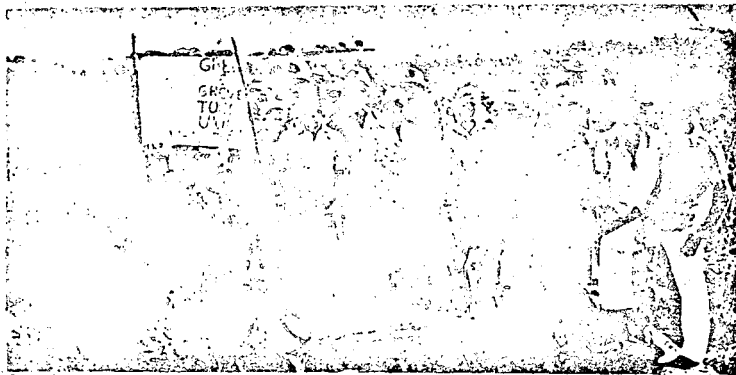
Não é de estranhar que a Zona da Mata de Pernambuco seja o palco da primeira grande mobilização de camponeses depois de 15 anos de ditadura. Foi lá também que se verificou a mobilização mais expressiva no período de 55 a 64. Os Sindicatos constituídos naquela época conseguiram sobreviver à repressão e mesmo sem condições de realizar uma efetiva pressão de massas, lograram assegurar alguma continuidade às lutas, sobretudo a nível legal. É exatamente essa continuidade que nos permite entender como foi possível realizar agora uma greve de 20 mil trabalhadores, com piquetes de até 150 trabalhadores, sem fura-greves, com a participação dos "clandestinos" e ainda ameaçar os patrões com a possibilidade de uma greve generalizada de mais de 100 mil camponeses.

Desde o final de 1978, alguns Sindicatos mais combativos da Zona da Mata de Pernambuco vinham se preparando para desencadear um movimento reivindicatório que melhorasse as condições de vida dos trabalhadores das plantações de cana-de-açúcar. Essa iniciativa se vinculava aos debates sobre política salarial e liberdade sindical abertos nos encontros preparatórios do III Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais que foi realizado em maio último em Brasília e no qual o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais assumiu uma posição mais ofensiva em relação aos problemas da classe. A sucessão de greves vitoriosas no sul do país se constituiu em forte estímulo tanto para as lideranças sindicais quanto para o conjunto de trabalhadores de Pernambuco.

Nos últimos três meses intensificaram-se os trabalhos de mobilização dos trabalhadores para a deflagração do movimento reivindicatório tendo na vanguarda alguns sindicatos com um trabalho de base melhor estruturado, 23 sindicatos começaram a realizar assembleias para a discussão das reivindicações a serem encaminhadas aos patrões e para a organização da massa em termos de sustentação do movimento. Esse trabalho culminou com a realização nos últimos domingos 23 e 30 de setembro das assembleias para aprovação das reivindicações dos trabalhadores e votação do recurso à greve em caso de não atendimento.

A greve legal

As lideranças do movimento acreditavam que poderiam realizar uma greve legal, apesar de todos os entraves impostos pela lei 4330 e decidiram correr o risco. A resposta da massa foi impressionante. Em quase todas as assembleias realizadas no dia 30, foi alcançado o quórum de 2/3, quando apenas se necessitava de 1/3, uma vez que já era a 2ª convocação. O comparecimento foi maciço, calculando-se que embora o número de votantes tenha sido cerca de 18 mil (só os associados do Sindicato podem votar), quase 40 mil trabalhadores tinham participado das assembleias nas quais se aprovou as reivindicações por aclamação. As sedes dos sindicatos eram insuficientes para abri-



Canavieiros aguardam de braços cruzados

gar a massa que compareceu às assembleias. As ruas foram tomadas pelos trabalhadores que com grande euforia se acotovelavam para votar logo no "sim" da cédula verde - símbolo da lavoura - e inutilizar a cédula amarela do "ouro" dos patrões. Convencidos de que "antes passar fome parado do que passar fome trabalhando", os trabalhadores estavam dispostos a paralisar imediatamente os serviços sem mesmo aguardar o prazo de cinco dias estabelecido pela legislação para a resposta dos patrões.

Quando os patrões comunicaram que não tinham condições de atender às reivindicações, os dois primeiros sindicatos que haviam realizado suas assembleias no dia 23 (São Lourenço da Mata e Paudalho) determinaram paralisação dos serviços. Estava criado o impasse. Ou os patrões cediam ou dentro de uma semana aos 20 mil dos dois municípios se somariam 100 mil. Tarefa difícil para o Sr. Alexandre Kruse que acabava de substituir, na Delegacia Regional do Trabalho, Romildo Leite (conhecido no Recife como ligado à extrema-direita). Para ajudá-lo o Ministro Murilo Macedo enviou seu Secretário de Relações do Trabalho Sr. Alencar Rossi. Tudo indica que o governo tinha interesse em resolver rapidamente o problema pela via da negociação, já que a legalidade do movimento tornava difícil a solução policial adotada contra os bancários e os metalúrgicos do Rio e de Belo Horizonte. Num momento em que toda estratégia para a solução da crise energética está voltada para a produção de álcool da cana-de-açúcar, qualquer movimento de maiores proporções envolvendo os trabalhadores do setor poderia ter consequências imprevisíveis. Isso talvez explique porque a imprensa escolheu não noticiar o movimento.

Suspensão só com a vitória

Apesar das pressões dos patrões e da Delegacia no sentido de que as negociações fossem conduzidas com a suspensão da greve, a disposição dos trabalhadores e das lideranças era no sentido de só suspender o movimento com a vitória. E assim se deu, verificando-se mais uma vez uma grande mobilização dos trabalhadores para assegurar a paralisação em todos os engenhos, mediante a organização dos piquetes e de comandos, os quais diariamente se reuniam com as lideranças para o balanço da greve e para a discussão do andamento das negociações. Desta forma se assegurava não só o sucesso do movimento como o acompanhamento pelo conjunto dos trabalhadores de todos os passos que estavam sendo dados.

Dois fatos foram extremamente importantes para o sucesso da greve. Em primeiro lugar a adesão e intensa participação dos trabalhadores "clandestinos" e em segundo lugar a solidariedade dos camponeses do agreste e Sertão. Tornou-se lugar comum entre os intelectuais a afirmação de que os trabalhadores volantes constituem uma "categoria" à parte, com interesses específicos e até mesmo "contraditórios" com outras, como os assalariados permanentes e os camponeses. Os acontecimentos em Pernambuco demonstraram não apenas que os interesses dos volantes não são tão específicos assim, bem como que, desde que a liderança sindical se empenhe em lutar por suas reivindicações, os volantes se dispõem a formar a linha de frente do movimento. Assim tanto nas assembleias foi maciço o comparecimento dos "clandestinos", como no desenrolar da greve em São Lourenço e Paudalho tiveram eles um papel fundamental, formando piquetes nas ruas em que residem para impedir a saída dos caminhões que transportariam trabalhadores para os engenhos.

Em relação aos camponeses, a greve da Zona da Mata também demonstrou a insuficiência de al-

gumas análises que tendem a considerar "a priori" que os interesses de pequenos produtores e de assalariados são divergentes e que portanto não há possibilidade de formação de uma única frente de luta. O que se assistiu em Pernambuco foram não apenas manifestações de solidariedade da maioria dos sindicatos do Agreste e Sertão, que representam os pequenos produtores, através de uma nota de apoio total aos grevistas, como manifestações mais concretas como a realização de assembleias no Agreste para discutir com os camponeses que costumam trabalhar na região da cana na época da moagem a respeito da necessidade de ninguém furar a greve dos trabalhadores da Zona da Mata, e organizar até mesmo piquetes para impedir a descida de caminhões carregando trabalhadores. Houve ainda a disposição de colaborar com o fundo de greve, mediante o envio de alimentos aos grevistas.

Desmentindo os intelectuais

Em comparação com as greves urbanas a greve da Zona da Mata de Pernambuco chama a atenção também porque pela primeira vez uma Federação (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco) assumiu a coordenação da luta e contou com o apoio integral do órgão de cúpula do

movimento sindical de trabalhadores rurais, a Contag, tanto na fase de mobilização dos trabalhadores quanto a fase de negociação. O presidente da Contag, José Francisco da Silva, esteve em Pernambuco durante todo o desenrolar do movimento.

Impulso às lutas populares

A vitória da greve certamente dará um grande impulso às lutas populares em Pernambuco. Pode-se esperar para breve uma renovação sindical naqueles municípios cujos dirigentes se recusaram a entrar no movimento certamente por medo de represálias da Delegacia do Trabalho. Tudo leva a crer que serão pressionados pelos trabalhadores, que de forma alguma se conformarão em terem seus salários mantidos aos níveis atuais, sem direito ao sítio, obrigados a realizarem as tarefas que os patrões bem entendem e sem acesso a muitas outras conquistas consagradas na Convenção Coletiva. Ou aqueles dirigentes cedem às pressões ou na primeira oportunidade serão substituídos por outros líderes que correspondam de melhor forma aos anseios dos trabalhadores. Por outro lado, tudo indica também que a luta de agora por diante será no sentido de cumprimento da Convenção Coletiva, o que sugere a possibilidade de um estado de permanente mobilização na Zona da Mata de Pernambuco.

"Agitadores X patrões"

Segundo a versão dos fatos expressa por Romildo Leite, a greve seria obra de "agitadores" estranhos à classe. Alguns setores de esquerda que não acompanharam a evolução interna do movimento sindical dos trabalhadores rurais nos anos do descenso das lutas sociais, só conseguiram interpretar o movimento como resultado de manipulação dos patrões interessados em forçar o aumento do preço da cana. Essa concepção policial dos acontecimentos, que só vê a história sendo determinada de cima por agentes privilegiados da cena política oficial e nunca a sua construção pelas lutas das massas populares, episodicamente volta à tona, como tem ocorrido recentemente com a interpretação de várias greves. Que os patrões queiram obter do Estado alguma vantagem a partir das reivindicações dos trabalhadores tem sido o "normal" entre nós. Agora, que setores da esquerda queiram reduzir a organização e vitória dos trabalhadores à manipulação dos patrões é uma tendência a ser combatida.

Rio: aumentam as tensões no campo.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro (FETAG-RJ) levantou, detalhadamente, os conflitos que atingem cinco mil famílias de lavradores pela posse da terra no Estado, constatando graves situações de tensão social. Segundo o estudo, os conflitos sociais mais graves, que nos anos 60 atingiam áreas da Baixada Fluminense (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Magé, Itaboraí, etc) continuam a se agravar, tendo se estendido para todas as demais regiões.

Isso se deveria principalmente à valorização das terras em decorrência de obras de infra-estrutura, como a construção de estradas. Ao invés de beneficiarem os trabalhadores rurais, acabaram por acelerar o processo de expulsão de suas terras. Com isso, quem tem ganho, como denuncia o documento, têm sido os grandes proprietários, através da especulação imobiliária, além de uma minoria de privilegiados urbanos que disputam áreas de lazer e recreio. Um número incontável de ações judiciais foi também registrado pelo levantamento: como o seu ajustamento, as violências, arbitrariedades e uso da força bruta aumentaram. O assaltante de trabalhadores, praticado por grileiros e "proprietários" se tornou coisa comum.

Ao mesmo tempo, ocorreu uma reviravolta completa na política agrícola do governo, sempre contrária ao interesse dos trabalhadores rurais. Por exemplo, o que ocorreu no município de Cachoeiras de Macacu: ali, no início dos anos 60 em função do sem número de conflitos, houve diversas desapropriações para efeito de Reforma Agrária. Uma das áreas desapropriadas, a Fazenda São José da Boa Morte, foi desvaldeada pelo "Inera", titular do domínio, para ser disputada pelos pretensos proprietários, na Justiça.

Além disso, as áreas destinadas a reservas florestais tem frequentemente sido localizadas em regiões densamente habitadas e cultivadas, como é o caso do Parque Nacional da Bocaina, em Paraty, onde a delimitação inicial compreendia 134 mil hectares, atingindo centenas de famílias. O Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais reivindicou, então, uma nova demarcação para o Parque; embora as reservas florestais tenham sido reduzidas para 100 mil hectares, abrangendo, ainda as lavouras, acabou liberando vastas áreas, disputadas por grandes grupos nacionais e internacionais, como as fazendas Laranjeiras e Paraty.

O estudo da FETAG-RJ mostra também aspectos significativos do êxodo rural no Estado: segundo dados no Censo Demográfico do IBGE, a população rural, que representava 63 por cento a população total do Estado do Rio de Janeiro, representa apenas 27 por cento em 1970. Outros dados mais recentes, do IBGE (1976) indicam que essa situação se aprofundou, com apenas 10 por cento da população vivendo em zonas rurais.

Estudos feitos pelo INCRA, em 1972 mostram, por outra parte, a acentuada concentração da terra: 60% dos imóveis são minifúndios, ocupando 13% das terras. Enquanto isso, 35% dos proprietários controlam 77% das terras.

Para resolver essa situação, a FETAG-RJ já adiantou algumas reivindicações: desapropriação das áreas atingidas, titulação das que estão em mãos do poder público e o assentamento definitivo das famílias de trabalhadores rurais. Mesmo cheio de insuficiências, já existe um instrumento legal para que o governo tome essas providências: trata-se da aplicação do Estatuto do Terra (lei 4504/64), aprovado e até hoje inaplicado pelas autoridades.

(Roberto Rodrigues)

PT 1036-126

Os trabalhadores voltam, com raiva.

Os trabalhadores voltam ao trabalho, em Betim, quando não havia mais condições de continuar com a greve. Sem vitória mas, com muita raiva contra os patrões, que além da repressão não hesitaram em apelar para o "lock-out".

Por João Baptista dos Mares Guia

O realismo político e o heroísmo coletivo marcaram o fim da greve dos metalúrgicos de Betim, decidido na sexta-feira, 5 de outubro, que um dia antes rejeitaram a proposta do presidente do sindicato, Nadir Pinheiro em voltar ao trabalho. O pelego, segundo os próprios trabalhadores, não tinha moral para dirigir-se à categoria, depois de ter feito um acordo às escondidas com os patrões, no dia 26 de setembro. (Ver Em Tempo nº 84). Naquele dia, após o almoço, a Krupp parou; na madrugada seguinte, aos 38 minutos, a Fiat aderiu à greve e já no fim da madrugada seus operários travavam a batalha que transformou a luta em guerra.

Mais tarde, na sexta-feira, dia 28, pararam os dois mil operários da FMB.

O último episódio dessa guerra da polícia e patrões contra os operários foi jogado na quinta-feira, 3 de outubro, à tarde, quando, após a assembleia do Campo do Sete foi formado um piquete. Foi decidido que deveria parar os ônibus que vinham de BH. Contagem e outras cidades, a partir das 13:30 hs. "A gente sabia que a repressão seria violenta, disse um membro da Comissão de Greve, pois havia um esquadrão montado pela PM ao longo da rodovia. Ele começou com 600 operários, engrossando a medida que os ônibus iam parando, congestionando a estrada. Cinco soldados que acompanhavam o cerco feito pela PM, caíram em cima de mim, pelas costas e me esmurrraram o fígado, o estômago, a cabeça, batendo com a ponta do cassetete na barriga, até que desmaiei. Me jogaram no camburão com mais três companheiros".

Quinze operários foram conduzidos presos à Polícia Federal, para fichamento, o piquete foi dissolvido, com mil operários em fuga. Mesmo assim, à tarde, na FIAT, apenas 20 por cento dos operários trabalhavam, enquanto a Krupp e a FMB permaneciam paradas.

Para os trabalhadores, o piquete tinha sido necessário, como uma afirmação da "bravura da classe, negócio que vai ficar por muito tempo na história da classe operária", como disse um piqueteiro.

As cabeças erguidas
Na manhã seguinte, sexta, a greve terminava: os Cr\$ 4 mil além do índice, piso salarial de Cr\$ 8 mil, jornada de 40 horas, gratificação de férias de 240 horas reinvidicadas, nada foi atendido. Os patrões concederam apenas 64 por cento de reajuste e piso salarial a partir de janeiro de 1980. Também a eleição de delegados sindicais e readmissão dos trabalhadores dispensados durante a greve do ano passado foram rejeitadas.



Betim: o ânimo de parar, presente em todas as assembleias.

A greve foi uma derrota? Economicamente sim, embora não possa ser medida apenas sob esse aspecto. Ela teve quase tudo contra si: a diretoria do sindicato, a falta de dinheiro (muitos operários sequer tinham condições de ir de ônibus até Betim, local das assembleias), a falta de local para as assembleias, realizadas em descampados, numa grota e depois num campo de várzea, sempre distantes das casas dos trabalhadores, que chegam a morar até 150 km de distância de Betim; a falta de comunicação dos operários, agravada pela ação da imprensa, sempre a favor dos patrões; finalmente, a selvagem repressão, enfrentada por uma classe carente de experiência sindical e de luta de massas (90 por cento dos operários de Betim têm entre 18 e 25 anos de idade).

Afirmção da dignidade
"O operário de Betim, afirmava um trabalhador, "é conscientizado até certo ponto: sabe qual é sua situação, quem são seus opressores, o papel da polícia, do TRT e da grande imprensa". Mas prossegue: "entretanto, ele não tem consciência do papel político que a revolta precisa ter. O operário de Betim, como o brasileiro, luta por causa do estômago, da casa, do remédio, operário que gosta de viver e que não tem condições de pensar na vida, e que procura um modo de sobreviver. Uma vez é a alienação; outra vez é a raiva; e outra é um sentimento quase infantil de dignidade, de liberdade, que se manifesta assim: não importa se eu for despedido, eu não preciso desse emprego".
O que aconteceu em Betim é um fenômeno de revolta, fruto do trabalho de base, de conscientização.

Prova disso é que no desenrolar da luta, um quarto dos grevistas (3.500 operários em 15 mil) estiveram em todos os momentos dispostos a lutar. Em termos de porcentagem é uma das mais elevadas do Brasil, levando-se em conta, como lembrou um trabalhador, "que a maioria ficou em casa, porque não tinha dinheiro para a condução".

O lock-out da FMB
A disposição de luta ficou mais do que patente. "Nessa greve, reconheceu o mesmo trabalhador, tudo o que aconteceu foi necessário e, de certa forma, inevitável. O pessoal está percebendo a necessidade de se mobilizar, organizar, de se encontrar para conversar, discutir, planejar as lutas. O operário volta à fábrica, mas o sentimento de raiva não vai ser tirado. É muito mais fácil organizar agora, o pessoal está descobrindo o sindicato. Para uma grande parcela, sindicato é um organismo de luta, não é o sindicato do pelego Nadir".
As listas negras já estão prontas. Há pelo menos oito nomes marcadíssimos e provavelmente uma centena de operários vistos em piquetes, falando nas assembleias ou frequentando o sindicato, perderão seus empregos. Mesmo assim, as cabeças estão erguidas, inclusive em fábricas onde as manobras dos patrões foram mais eficientes, como a FMB.
Na sexta, 28 de setembro, o pagamento da FMB saiu à tarde. Os operários da fábrica e da comissão estavam preparados para a greve, que começaria às 22 horas. Mas antes disso às 15:30 hs., em função do ânimo dos trabalhadores, a greve na FMB já era total. Diz um operário:

"Por volta das 13:45 hs, chegou o pessoal do revezamento, que pega às 14:30hs. Num dado momento foi feito um piquete na porta do vestiário, não se sabe por quem e com isso o pessoal retornou para fora da empresa. A partir desse momento as chefias foram orientadas pelo diretor da empresa, Roberto Barbosa, para que a fábrica fosse completamente evacuada".

Outro trabalhador completa: "O pessoal da ferramentaria estava no trabalho e foi obrigado pela empresa a largar a produção. Os fornos já tinham sido esvaziados e já havia sido feita a limpeza das máquinas. O que houve foi um "lock-out" dos patrões".

Na verdade, a FMB, fez muito mais para retirar a iniciativa dos operários:

1) Antes da greve, ela forçou as horas extras, obtendo recordes de produção e formando estoques enormes, que a capacitavam a suportar uma greve por muito tempo. Isso pode ser comprovado pelo depoimento dos próprios trabalhadores: "num domingo em se compensava um feriado, uma das linhas bateu todos os recordes de produção, trabalhando com apenas 50 por cento do pessoal. Além disso, a ferramentaria já tinha cumprido suas tarefas de produção, previstas até novembro".

2) Foi também a FMB que organizou a tática de negociação de setembro, longas, cansativas, onde os operários sofriam toda a espécie de pressão psicológica e tentativas de corrupção. As negociações também serviram para retirar os operários da Comissão de dentro da fábrica fazendo-os cair no jogo dos índices. O pacote de propostas para o acordo saiu da FMB, que liderou a ofensiva patronal, chegando mesmo a sugerir sigilo para os assuntos discutidos, impondo também a condição de não participação nas discussões de operários já demitidos. Uma das mais intransigentes e radicais nas negociações, a direção da FMB contemplou tranquilamente a ação da polícia contra os trabalhadores.

Assim age a FMB, empresa que chegou a aceitar, inclusive, a formação de uma comissão de fábrica, em abril. Mas a máscara cai quando as lutas acontecem. No próximo ano, entretanto, talvez seja mais difícil o espaço para essas manobras: certamente eles encontrarão uma classe mais organizada, mais experiente, que já nas próximas eleições pretende ocupar para si o sindicato, ao mesmo tempo em descobre a importância da organização na fábrica e da unidade. Sem dúvida, esses foram os saldos positivos da mobilização, que se contrapõem a derrota ao nível econômico.

Metalúrgicos de SP

Contra-proposta patronal esquenta a campanha

Os patrões apresentaram contra-proposta que não agradao nem o pelego Joaquim. A Oposição Sindical acredita que deverá receber um rechaço da categoria que se prepara para nova assembleia, no dia 14.

Houve, enfim, uma novidade nas negociações salariais entre metalúrgicos de São Paulo. Osase e Guarulhos e os patrões do Grupo 14 da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). No terceiro encontro entre as partes, realizado a portas fechadas na nova sede da entidade patronal na manhã do último dia 9, os patrões apresentaram uma contra-proposta às reivindicações de 83% de aumento sobre os salários de novembro e de piso salarial de Cr\$ 7.200,00 aprovadas, nas assembleias-gerais dos metalúrgicos.

A contra-proposta, apesar de surgir como um dado novo na campanha salarial, foi unanimemente considerada "uma decepção" pelos representantes metalúrgicos — e isso não só pelos componentes das Oposições Sindicais, mas até por Joaquim Andrade, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que se notabilizou nacional e internacionalmente por sua prática pelega. Joaquim, falando à imprensa após as quase quatro horas de reunião com os patrões, elogia a qualificar a contra-proposta patronal de "radical" e a afirmar que "a possibilidade de greve não está afastada, mas pode até ser considerada próxima em função da atual resposta patronal".

Os patrões, que aparentemente estão "ganhando tempo" e tratando com "pouco caso" as negociações (único empresário de peso presente aos encontros de Villares), simplesmente recusaram todos os itens que tratam do fortalecimento

da prática sindical (como o que reivindica imunidade para os delegados sindicais e comissões de fábrica) e apresentaram índices escalonados abaixo da crítica: 56% para quem ganha de um a três salários mínimos; 51% para quem ganha de três a sete; 47% para os que recebem de sete a doze; o índice oficial para todos os salários superiores a doze salários mínimos. Quanto ao piso salarial, a contra-proposta dos patrões fica pela metade do reivindicado pelos metalúrgicos.

Tudo indica que os patrões estão à espera da aprovação pelo Congresso, da nova política salarial do governo, evitando assim caminhar para qualquer acordo. Do lado operário, é evidente que o clima de mobilização ainda não é geral, diferenciando-se de aquele vivido na campanha do ano passado, quando praticamente os metalúrgicos emendaram uma experiência grevista com o início do período oficial de reivindicação e os salários. Por isso mesmo, as declarações de Joaquim Andrade, falando em greve mais ou menos imediata, levantam suspeitas junto aos séiores de Oposição Sindical.

Preparar a greve

Essa suspeita é confirmada por Franco Farinazzo, integrante da OS para quem "a própria atitude de Joaquim, de declarar uma provável greve para o dia 22, sem consultar a assembleia nem o comando geral, visa desmobilizar a categoria". Esse trabalho, segundo ele, é com-

pletado por elementos da própria diretoria do sindicato, "que têm ido às portas das fábricas, desanimando o pessoal". Para ele, a contra-proposta patronal já era esperada, não corresponde ao reivindicado e dificilmente será aceita pela categoria. "Os patrões estão pagando para ver: acham que a categoria está despreparada e contam com a desmoralização da diretoria do Sindicato, que não tem autoridade diante dos trabalhadores".

Assembleia

A própria contra-proposta, o representante da Oposição Sindical segundo deverá dar um novo ânimo à campanha. "Temos que aumentar nossa força, reduzir o ritmo de trabalho e não fazer horas extras visando a preparação da greve. Temos que denunciar que os patrões querem manter intensa a exploração, mostrar à categoria que a única forma de conseguir um aumento maior é sair para a greve. A nossa ação vai nesse sentido, agora".

O término imediato do grau de disposição dos trabalhadores deverá ser a próxima assembleia, marcada para domingo, 14, no cine Piratininga. O número de participantes e a reação dos metalúrgicos à contra-proposta indicarão a qual a temperatura a que chegou a campanha, fornecendo um bom indicador que deverá orientar a Oposição Sindical.

Nem mesmo a forte repressão aos grupos de mobilização nas fábricas, como ocorreu na Philips, no Setor leste no dia 4, quando foram presos quatro trabalhadores que distribuíam convocações aos operários da empresa, (no dia seguinte, dois dos quatro, que trabalhavam em outra empresa do mesmo setor, a Motores Brasil, foram demitidos) e as demissões dos elementos mais combativos, como ocorreu com 16 operários da Lorenzetti, deverão desanimar a OS.

O trabalho intensivo, que combina reuniões com grupos de operários à noite, com panfletagem na madrugada, os encontros inter-fábricas e as atividades dos comitês regionais de luta deverão continuar. Essa é a única garantia que os trabalhadores mais combativos têm para enfrentar os planos do governo — com sua nova política salarial — e as eventuais jogadas dos pelegos, sempre dispostos a entregar a categoria aos patrões.

- Endereços dos comandos:
- SUB-SEDE PENHA (LESTE) — Rua Cel Leiz Americano, 128. (Perlo do Antigo Viaduto Arzedo)
 - SUB-SEDE LAPA — 11 Rua Trajano, 215 (Diretório MDR) — Rua Trajano, 201 — sub-sede haneirão
 - SUB-SEDE MÓOCA — Ainda não tem
 - SUB-SEDE IPIRANGA — R. TAROA, 384 (em todo do museu)

piquetão



Jornalistas de São Paulo: Aberta a campanha salarial

Na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo havia um clima de expectativa e de um certo temor até o momento em que começou a Assembleia Geral da abertura da segunda fase da Campanha Salarial deste ano, na noite do último dia 3. Expectativa e temor justificados, na medida em que se previa um comprometimento mínimo da categoria à primeira assembleia, levando-se em conta a derrota da greve de maio e a posterior retaliação patronal, punindo e demitindo mais de 300 profissionais de São Paulo. A abertura da segunda fase da campanha, contudo, não foi desalentadora. Pelo contrário: enquanto a primeira assembleia da campanha de meio do ano não contou com mais de 80 jornalistas, a do dia 3 foi realizada com o auditorio "Vladimir Herzog" com as cadeiras ocupadas por pelo menos 160 companheiros.

A primeira parte dos debates voltou-se para a questão que mais preocupa atualmente o conjunto dos trabalhadores brasileiros no que se relaciona com suas lutas econômicas: o projeto de nova política salarial do governo. Jornalistas especializados procuraram, de modo didático, abordar sob todos os aspectos o projeto do Executivo, revelando as suas contradições e os seus objetivos mais gerais, ao tempo em que expunham as propostas alternativas para a política salarial, elaboradas por lideranças sindicais e apresentadas ao Congresso como substitutivo do MDB.

Na linha das pressões extra-parlamentares, a categoria foi convidada a engrossar a manifestação de todos os trabalhadores contra a política salarial do governo, que será realizada no próximo dia 19, na Praça da Sé, em São Paulo.

O índice a ser reivindicado pelos jornalistas e o novo piso salarial, por decisão da Assembleia Geral, deverão ser fixados somente após discussões em todas as redações. O debate nas bases foi então imediatamente iniciado. Para auxiliar a mobilização das redações a Assembleia elegeu uma "Comissão de Visitas", que já começou a funcionar. Foi decidido, ainda, que cada redação deverá indicar um representante para se integrar na "Comissão do Salário", podendo coincidir a indicação num representante do CRRR (Conselho Consultivo de Representantes de Redação) outro colega de trabalho.

Visando ampliar a luta, a Assembleia aprovou também a realização de um encontro de jornalistas, gráficos, radialistas, trabalhadores em empresas de jornais e revistas e do setor de administração dessas empresas, a fim de debater os problemas comuns e criar condições para a unificação das iniciativas. Em princípio, o encontro deverá se realizar no próximo dia 14.

A partir dos resultados das discussões nas redações, a próxima Assembleia Geral, marcada para o dia 17, definirá novos passos para a Campanha. (CT).

mestres da PUC/RS que dividiram a integração de sua convenção com a do resto da categoria. Além disso, eles aprovaram a criação no próximo dia 20, de sua Associação de Docentes, enfrentando as pressões da direção da universidade, a segunda do Estado e, certamente uma das mais repressivas. Decidiram, também integrarem às Comissões Representativas do Sindicato, encarregadas de encaminhar a mobilização e preparação.

Metalúrgicos BA Boicote está funcionando

Até o fechamento do Piquetão, na terça à noite, parecia que a campanha de boicote às eleições sindicais promovida pela Oposição Sindical de Salvador, está com a maior força. Menos de 50 por cento dos 2.200 trabalhadores necessários para que seja obtido o "quorum" legal havia sido alcançado (de uma categoria com 20 mil trabalhadores, apenas 6 mil são filiados ao sindicato, dos quais apenas 3.200 estão em condições de votar). Para se ter uma idéia de como a categoria está repudiando a manobra do pelego Manoel dos Santos, que quis sair com chapa única, convocando as eleições através do Diário Oficial, basta ver o que aconteceu em duas urnas. Na do Sindicato, onde deveriam votar 232 trabalhadores, apenas 12 compareceram; na empresa Hughes-Tool, dos 150 inscritos apenas 9 votaram, apesar de haver aparecido mais 38 votos fantasma.

A OS está protestando contra as irregularidades existentes na votação, já que as urnas vem sendo acompanhadas só pelo pessoal da diretoria, que tem impedido de fiscalizar (o próprio Delegado Regional do Trabalho reconheceu que qualquer trabalhador pode exercer essa fiscalização. Agora, caso o "boicote" seja bem sucedido, o pessoal vai ter ainda mais trabalho: pela lei, deverão ser convocadas mais duas chamadas. Caso a situação persista, haverá então a nomeação de uma Junta Governativa, encarregada de convocar novas eleições em 90 dias.

Têxteis SP Aprovado índice de 83%

Os tecelões de São Paulo decidiram seguir o mesmo caminho dos metalúrgicos da capital. Osasco e Guarulhos: ao invés dos 50 por cento reivindicados pela chamada Unidade Sindical, eles decidiram exigir 83 por cento de reajuste aos patrões, mantendo um piso salarial de Cr\$ 6.104,00 (os do metal querem Cr\$ 7.200,00). Ao mesmo tempo, tornaram uma comissão de salários para discutir com os patrões.

Mas o que mais polarizou as atenções dos 250 trabalhadores presentes foram as discussões sobre um proposta da diretoria, o desconto em folha de Cr\$ 150,00 de cada tecelão, como contribuição para a conclusão das obras da colônia de férias. O desconto dividiu a assembleia, pois muita gente achava que

já estavam pagando pela colana há muito tempo, exigindo prestações de contas da diretoria, alegando que a construção estava se arrastando demais.

Montes Claros Pressões contra sindicato

O Comitê Brasileiro pela Anistia, núcleo de Montes Claros, MG, está denunciando as pressões que os trabalhadores vem sofrendo para impedir que eles organizem um sindicato ecletico (formado por integrantes de várias categorias) na cidade, e que deveria representar 12 mil associados. Dois funcionários da fábrica Peugeot foram demitidos quando passavam uma lista de adesão, entre os colegas da empresa. Numa fábrica de cimento, os diretores recolheram um abaixo assinado, no mesmo sentido, que contava com 500 firmas.

Vigilantes BH Olho na Associação

Os vigilantes de Belo Horizonte estão cabreiros com sua Associação que está fazendo de tudo para por água fria na fervera, tentando impedir que eles assumam atitudes mais consequentes em defesa do cumprimento do acordo que pôs fim à greve que fizeram, já que as empresas se negam a pagar o piso salarial de Cr\$ 5 mil. Eles denunciam que a Associação convoca assembleias quase às escondidas, fazendo com que o comparecimento seja reduzido, além de desmobilizar a categoria, alegando não ser possível não fazer nada antes que a Justiça do Trabalho tome alguma decisão que os patrões obtiveram no TST "efeito suspensivo" para a aplicação do piso.

Além disso, os diretores da associação tomaram as dores dos patrões, negando-se a divulgar os termos dos contratos entre as empresas de segurança e seus clientes afirmando, com os patrões, que isso "feriria o sigilo comercial". Chegaram ao ponto de dizer que as empresas não poderiam pagar o piso, quando todo mundo sabe que o mínimo que elas recebem por vigilante é Cr\$ 20.000,00.

Eletricitários SP Assembleia fraca

Começou bem chocha a campanha dos eletricitários de São Paulo. Pouco mais de 50 trabalhadores atenderam à convocação do Antônio Magri, mais conhecido como "Bokassa dos eletricitários" que impediu a entrada dos demitidos após a última campanha salarial (coisa que até o Joaquim já deixou de fazer). Além disso, ele escolheu a dedo (bem ao seu gosto) uma comissão de 12 trabalhadores encarregados de elaborar (junto com a diretoria da Light, vejam só) a pauta de reivindicações.

Na mesma ocasião, o pelegão boboca tentou justificar as demissões dos trabalhadores, afirmando que o "pessoal se

expos muito", bem como sua omissão: segundo o Magri, ele não poderia fazer nada. "para não prejudicar a imagem do sindicato" (perante quem? perante os patrões e o governo, evidentemente).

Bancários SP demissões continuam

Os banqueiros de São Paulo estão demitindo na maior moita os funcionários que participaram da greve. Para evitar repercussões, estão pagando tudo o que devem (evidentemente que não estão pagando a diferença entre o salário de fome que os bancários recebem e o que deveriam receber para sobreviver), ao invés de despedi-los por justa causa (afinal, os super-lucros que o setor financeiro obtém dão e sobra para esse luxo).

Assim, pouca gente tem procurado o sindicato, impossibilitando sua diretoria de encaminhar uma campanha mais articulada contra as demissões. Por isso, mesmo que tenham recebido os seus direitos, todos bancários demitidos estão sendo convocados a comparecer ao Sindicato.

Comerciários Acordo de 70%

A pelejada do sindicato dos comerciários de Porto Alegre está tirando, até, fez de tudo para convocar assembleias fora de horário, para impedir que a categoria comparecesse, impediu trabalhadores de participar das reuniões, não deixou que a imprensa alternativa cobrisse as assembleias (inclusive chegou a ponto de tentar impedir até repórteres de órgãos de grande imprensa, como a RBS fizessem o seu trabalho), encheu de polícia na portaria, enfim fez o diabo. Mas não conseguiu passar sua proposta de reajuste de 50 por cento, tentada na primeira das três assembleias: na terceira e última, a categoria acabou aprovando, depois de muita manobra a proposta do Tribunal Regional do Trabalho, de 70 por cento de reajuste, descontados os 20 por cento de antecipação dados pelos patrões no início do ano.

Jornaleiros BH Querem aumentar comissão

E não são apenas os jornalistas que estão a fim de aumentar o tuteo do fim de mês: os das bancas também estão na mesma linha. Pelo menos em BH, onde, no dia 4 de outubro, 300 deles realizaram uma assembleia, quando decidiram assessorar os redistribuidores para aumentar sua comissão, de 20% para 30%. Os jornalistas, que tiveram que enfrentar o boicote do próprio presidente do Sindicato, (afirmava que o movimento era ilegal) estão afirmando que com a margem atual não dá para viver, pois o rendimento médio de uma banca mal chega a Cr\$ 7.000,00. Para começo de conversa, eles decidiram limitar suas despesas, numa das distribuidoras locais, até que ela peça arrego e conceda os 30 por cento.

Rio de Janeiro 600 demissões

Mais de 600 trabalhadores já foram demitidos como represália à greve que paralisou 250 mil metalúrgicos no Rio de Janeiro em setembro. Desse total, cerca de 270 foram demitidos só no

estaleiro Caneco, 17 deles na semana passada. Entre os 17, há muitos operários que tiveram papel de destaque durante a paralisação: dois deles foram demitidos logo após uma reunião realizada na empresa, assistida - vejam bem - por um coronel e um tenente, funcionários da Caneco. Além disso, o estaleiro evitou a todo o custo que os operários se reunissem (mandou derrubar o local onde eles fizeram a reunião), obrigando-os a continuar as discussões na rua.

Segundo o correspondente do PIQUETÃO no Caneco, outra coisa brava é a comida servida, até roxa de galinha bichada foi encontrada na comida (vai ver a galinha foi recolhida em alguma encruzilhada). No dia 11, o pessoal já pensa em parar como protesto. E tem mais, no dia 15 está marcada assembleia na fábrica, quando vai se discutir a possibilidade de paralisação em protesto contra as demissões e o desconto dos dias parados, além de prevenir contra o aumento do "rango": apesar de ruim, poderiam ser preso ser aumentado em 200 por cento.

Professores Assembleia na PUC/RS

Mais um passo na luta dos professores gaúchos: no sábado, 6, foi a vez dos

As greves da semana

SETOR	LOCAL	Nº DE GREVISTAS	REIVINDICAÇÕES PRINCIPAIS	DURAÇÃO	RESULTADOS
METALÚRGICOS	BETIM — MG	15 mil operários	80% de reajuste; piso de 8.000,00 e destituição da Diretoria do Sindicato	De 26/9 a 4/10	64% de reajuste e piso salarial de 4.000,00 a partir de janeiro/80
METALÚRGICOS	FORTALEZA — CE	20 mil operários	80% de reajuste salarial	De 1/10 a ...	—
TRABALHADORES CANAVIEIROS	PERNAMBUCO	20 mil trabalhadores	100% de reajuste salarial	De 1/10 a 8/10	52% de reajuste; tabelamento das tarefas de trabalho no campo e cessão de 0,5 a 2 hectares de terra para subsistência.

UNE: Unidade Popular na cabeça

Por Flávio Andrade

Os saldos finais da reconstrução da UNE, para além da vitória geral do movimento estudantil, pesam de longe para o lado da "Unidade Popular" proposta pela chapa Mutirão. 140.000 votos: vencedora em 16 estados da federação, detentora da preferência de quase 40% do eleitorado e com uma diferença de cerca de 40.000 votos da segunda colocada, Unidade, a aliança entre 8 estudantes da tendência Caminhando, 5 da Refazendo e 2 da Corrente, consumada na Mutirão, reúne agora condições eleitorais ideais para a construção de sua hegemonia no movimento.

A grande derrota à direita

A derrota mais importante, como já era previsto, coube à direita, organizada na chapa Maioria, que ficou na lanterninha dos resultados. Apesar de contar com as simpatias oficiais e, apesar da corrupção — no Rio Grande do Sul, por exemplo, foram impugnados 3.500 votos fantasmas que a Maioria fajoutou numa escola onde sequer houve eleições — a chapa logrou ter apenas 6% do eleitorado. O que, mesmo somando aos votos dos reformistas — a Unidade — não chegaria a abalar classificação da primeira colocada.

O fiasco da "unidade"

Do ponto de vista geral a derrota mais importante para o movimento coube à Maioria, no entanto, do ponto de vista das forças realmente em disputa, a grande derrotada foi Unidade. Sobretudo para sua ala esquerda, os defensores de uma frente popular que, como é sabido, dentro da linha de lançar sua liderança, o paulista Paulo Massoca, para a presidência da entidade, sacrificou no altar dos conchavos com a outra tendência, a Reforma, as maiorias nas chapas para o DCE da USP bem como de outras

entidades a que naturalmente teria direito. E agora, nada.

Ao que tudo indica, Unidade foi vitoriosa em 6 estados: Rio de Janeiro, Paraíba, Goiás, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e Santa Catarina — a implantação das tendências componentes a nível nacional era bem pequena para que seu invejável fôlego eleitoral pudesse redundar em melhores votações. Além do que, as notícias e sucessivas práticas conchavistas que vilhiam marcando sua atuação desde o congresso de Salvador, queimaram-na bastante junto ao eleitorado. E, mesmo no Rio de Janeiro, seu bastião tradicional, apesar da corrupção patente — chegando inclusive a haver intervenção da diretoria provisória da UNE — sua vitória não foi tão estrondosa como se propagandeava.

No entanto, como era esperado, os reformistas conseguiram a direção da UEE carioca — as eleições foram simultâneas — mantendo assim sua posição hegemônica no Rio de Janeiro.

Novação: crise de crescimento?

Já Novação, teve um resultado contraditório, ainda que facilmente explicável. Sua vitória foi conseguir firmar-se como expressão nacional — cerca de 60.000 votos, o 3º lugar — a partir de tendências estudantis de cunho principalmente regional, e que há pouco tempo começaram um trabalho conjunto. Para tanto, muito contribuiu o apelo de seu programa, claramente demarcado das demais chapas e sintonizado com o momento de ascenso dos trabalhadores na cena nacional.

No entanto as eleições atuais foram marcadas muito mais decisivamente pela implantação tradicional e pelo fôlego e eficácia operativos na campanha, do que pelas discussões políticas travadas mais a fundo, como foi o caso do congresso de Salvador. E como composição nova entre tendências regionalistas, Novação teve que dedicar um esforço especial,

para a campanha nacional. O que, terminou redundando num descaído relativo em áreas onde naturalmente estava favorita. E o caso das votações nos estados do Rio Grande do Sul e Minas. Candidata natural à primeira colocação, Novação não conseguiu senão o segundo, perdendo por estreita margem para Mutirão. Em Minas, mais grave ainda, estando em disputa simultânea também a UEE, a derrota significou também a entidade estadual, ainda que por uma margem ainda menor de votos — cerca de 300.

Mas não somente desdobramento do esforço para a eleição nacional explica esta derrota. Ficou patente o pouco fôlego eleitoral, mesmo em termos absolutos, principalmente em Minas e no Sul. Detentora dos tradicionais DCEs federais das capitais destes estados, e também bem implantada em termos de núcleos mais organizados no interior, a Novação, em especial suas tendências Centelha e Peleia, devem retirar deste pleito experiências valiosas para futuras eleições. Partindo ambas com uma boa diferença de votos nas respectivas capitais, foram contudo reviradas pelas votações do interior. Em Minas, por exemplo, houve casos flagrantes de cidades sequer propagandadas na campanha e fiscalizadas na votação, onde a diferença a favor de Mutirão foi estrondosa.

De certa forma, a falta de experiência em pleitos para a UNE — Mutirão e Unidade têm inegavelmente um legado neste sentido — pode ser arrolada como uma explicação. O que, no entanto é muito menos uma justificativa e muito mais um caminho autocrítico.

Mas o resultado global é inegavelmente positivo. O que se apostava — menos a vitória para a direção da UNE e mais a consolidação de uma alternativa estudantil nacional claramente ao lado dos traba-

lhadores está plenamente consolidado. E pelos números obtidos, se bem recuperadas as falhas constatadas, as perspectivas para novos pleitos é promissora.

Libelo: o esperado

Finalmente, Liberdade e Luta foi o esperado. Ganhou da direita e inesperadamente conseguiu fazer o "no Acre, onde a votação foi baixíssima em virtude da repressão via decreto do general Figueiredo e a tendência capitaneou a reação à medida arbitrária.

Mutirão: pra onde irá a UNE?

Agora, é festejar a posse da nova diretoria, e esperar e cobrar da gestão Mutirão o desenvolvimento e esclarecimento de suas definições "populares". A gestão será difícil. Pois além de grandes indefinições políticas, à Mutirão, em especial, caberá o peso maior do encargo de reconstrução prática da UNE. E sua ausência da direção dos DCEs das principais capitais — São Paulo, Minas, Rio e Rio Grande do Sul — lhe diminuirá parte do poder para iniciativas marcadamente próprias e bem escoradas em bases estrategicamente situadas. Ademais, as diferenças no interior da frente que compõe a chapa não estão claras no seu desenvolvimento convergente ou não, o que também pode vir a ser um sério obstáculo no desenrolar da gestão.

A hegemonia, por exemplo, da tendência Caminhando no interior da chapa não passa despercebida. E sua atuação tradicional, deliberadamente nos marcos do populismo, ainda que hoje algo relativada pela crise interna que a tendência vem vivendo — e que ficou patente no caso de São Paulo onde para o DCE da USP abortiu um racha, a chapa Conção — só, pode semear desconfiâncias. E, é claro, de outro lado, incitar uma posição vigilante por parte das tendências que se propõem como alternativa.

Opinião

Alberto Duarte Anistia e Socialismo: a grande questão

Nos esperamos que no II Congresso da Anistia, a ser realizado agora no início de novembro, haja um salto qualitativo na questão da anistia. A luta agora continua sendo para libertar presos, pela volta dos exilados não atingidos pela anistia do governo, mas nós pretendemos dar um salto de qualidade, ligando a anistia à luta dos trabalhadores, apoiando a construção de seu partido, de suas organizações livres e a luta que, vai ser discutida agora no próximo Congresso é Anistia e Socialismo. No primeiro Congresso a gente definiu como prioridade a popularização da luta pela anistia. Já foi um salto bastante grande em relação ao que a gente estava batalhando, pois antes a luta estava restrita aos setores de classe média e pequena burguesia.

Partimos então para um trabalho junto à classe trabalhadora e hoje concretamente estamos fazendo isto. Aqui em Belo Horizonte, nas recentes greves, nós fizemos um grande trabalho, estivemos lá nos sindicatos, para prestar solidariedade aos grevistas, estivemos nos hospitais junto com os trabalhadores que tinham sido feridos, todos machucados devido à repressão violenta que se abateu sobre eles. Nossa solidariedade também se manifestou em idas diárias ao DOPS, tentando libertar os trabalhadores presos, levando alimentos, levantando dinheiro.

Para nós, está cada dia mais claro que a Anistia Ampla, Geral e Irrestrita só vai ser conquistada quando os trabalhadores assumirem completamente esta luta, que já assumem parcialmente, demonstrando o projeto do governo não serviu de nada. Afinal, quantos trabalhadores não foram presos em Belo Horizonte e no país inteiro nas recentes greves?

Alberto Duarte
é Presidente
do CBA
de Belo Horizonte



ANISTIA

Volta Mané da Conceição

Por Marcelo Beraba e Sônia Goldfeder

Julho de 1968, Pindaremirim, interior do Maranhão. A polícia invade uma reunião de camponeses e fere o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, Manoel da Conceição. Preso, o líder camponês é jogado numa cela coberta de sal e mijo e abandonado. No sexto dia, a ferida de bala em um dos pés evolui para uma gangrena. Manoel da Conceição é obrigado a amputar a perna direita.

Outubro de 1979, Rio. Depois de três anos e meio de exílio na Suíça, volta ao Brasil Manoel da Conceição. Acompanhado de outros exilados políticos, ele desembarcou nesta segunda-feira no Aeroporto Internacional do Galeão exigindo justiça e denunciando os limites da anistia:

... O Governo tem de ser responsabilizado pelas mortes e crimes que cometeu — afirmou.

Para os que aguardavam, ele revelou que processará todos os responsáveis por suas prisões e pelas torturas e danos que sofreu — "até os chefões". E um dos que serão processados por Manoel da Conceição é nada mais nada menos que o atual presidente da Arcna, senador José Sarney, latifundiário e governador do Maranhão quando ocorreu o massacre de Pindaremirim, em julho de 1968. Também



Povo recebe Manoel

será processado o então prefeito do município, José Antonio Hite, que ordenou a invasão da reunião, a repressão e a prisão de Manoel da Conceição.

Além da prisão em Pindaremirim, Manoel da Conceição foi preso outras vezes e sempre torturado. Durante oito meses, nos anos mais negros da repressão política, ele foi dado como morto. Em março de 76 deixou o Brasil graças a uma campanha internacional de solidariedade que lhe arrancou dos cárceres da ditadura e o levou para Suíça.

Depois de 12 anos de perseguições políticas e três anos e meio de exílio, depois de ser acusado de tudo inclusive de terrorista, bandido, assassino, criminoso comum, Manoel da Conceição

volta ao Brasil absolvido em todos os processos.

Quanto à situação do país, ele afirma que, embora a anistia "tenha sido arrancada pela pressão popular", o Sistema ainda tem as rédeas do poder e pode fechar de novo, "se achar que deve".

...É preciso trabalharmos direito para não deixar que eles criem condições políticas. Devemos investir no trabalho de base, organizar o povo e os trabalhadores. E devemos ocupar os espaços que a luta de classe nos abre.

Ele conclui: — Eu voltei sabendo que ainda posso ser preso e morto.

São Paulo:

"Tudo isto aí por causa daquele baixinho?" disse um soldado da

PM, espantado com as centenas de pessoas que gritavam "o povo unido jamais será vencido", na recepção no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo ao líder camponês Manoel da Conceição, exilado há três anos e meio na Suíça. Acompanhava-o Chichero Giovanni, da Liga dos Direitos Humanos suíça. Ainda no aeroporto, num clima de intensa euforia, foi feita uma pequena passeata, seguida de um comício improvisado, aonde "Mané" fez questão de frisar que volta ao Brasil não para ficar de braços cruzados", e que "não volta pela bondade do regime mas pelo fato que o povo brasileiro, principalmente os trabalhadores continuam cada vez mais unidos na defesa de seus direitos e de seus sindicatos". Coordenou a recepção José Ibrahim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em 68, e membro da coordenação do movimento pela criação do PT. Falou em seguida José Cicotti, do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Num determinado momento conseguiu se aproximar de Manoel da Conceição seu filho de 15 anos: os dois não se viam há 8 anos e abraçaram-se emocionados. Falaram ainda um representante da chapa recém-eleita da UNE, o representante da Posição Sindical Metalúrgica de São Paulo Hélio Bombardi e o representante do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Djalma Bom.

Vem aí o II Congresso da Anistia

Reunida no último fim de semana em São Paulo, a Comissão Executiva do Comitê Brasileiro pela Anistia, lançou um balanço na luta, resolveu reafirmar os eixos da campanha pela anistia ampla, geral e irrestrita, traçados anteriormente, e convocar o 11º Congresso Nacional.

Este será em Salvador, "nos dias 15, 16, 17 e 18 de novembro e para o qual desde já convidamos para a participação todos os setores e personalidades democráticas, especialmente as camadas populares, empenhados, todos, em conquistar a Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e em construir em nosso país, a liberdade, a democracia e a justiça social" concluiu a convocatória que já está sendo enviada a todo o país.

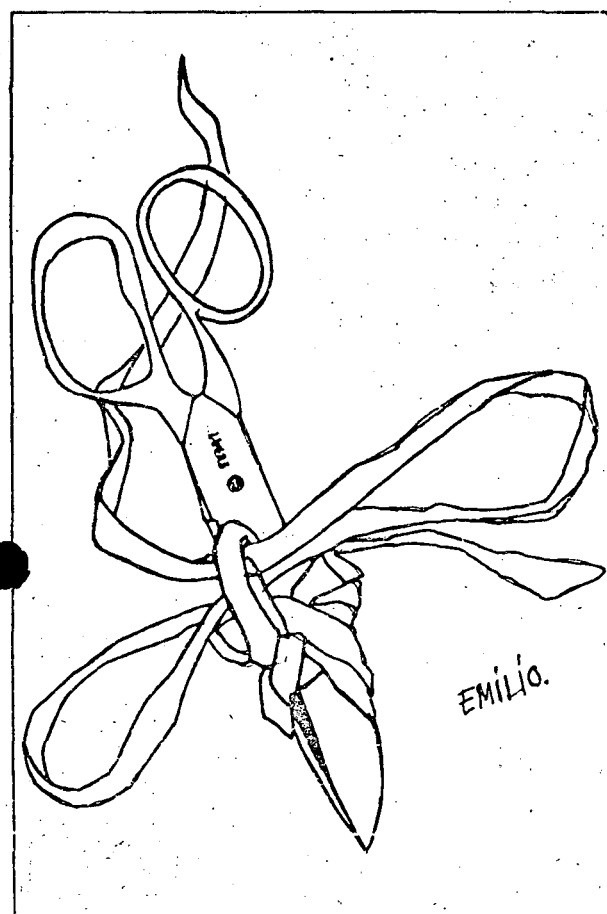
Polícia reprime CBA

Desde o último dia 8 a Polícia Federal de Juiz de Fora está intimando da comparecer para depoimento na sua delegacia local praticamente todos os membros do CBA da cidade. O Presidente do CBA Geraldo Magela Guedes, a Tesoureira Miriam Delgado e mais cinco membros da entidade, entre eles o Presidente do DCE da Universidade Federal — José Alberto Pavan. Todos eles haviam sido presos na véspera da votação do projeto de anistia restrita no Congresso Nacional, quando pichavam a cidade pela "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita".

Até agora não está claro se a Polícia Federal abrirá processo ou não contra os companheiros. Mas o fato em si da prisão e depoimento já atestam bem os limites da anistia de Figueiredo.

PT 1035.126

O que há de errado com a censura?



É necessária uma redefinição dos debates em torno da Censura. Durante muito tempo as oposições brasileiras uniram-se na luta contra esta Censura, deste regime. A censura-prévia, a imprensa, o massacre imposto ao teatro, ao cinema, a proibição eventual de uma novela de televisão, caracterizavam momentos mais dramáticos, no campo da cultura, do desrespeito aos direitos mais elementares da coletividade. Com a "abertura", a questão não saiu de cena; mas verdade seja dita, abrandou-se — o que pode dar a muitos uma ilusão de liberdade: enquanto o pau sobre as costas descansam. Mas a questão da Censura não se esgota dentro dos limites estreitos do regime; ela é muito mais vasta, já existia antes dele, e envolve aspectos muito complexos e delicados: a censura etária; a relação entre erotismo e publicidade; publicidade e saúde; a representação da violência, e outros certamente de não menor importância. A questão "censura", temos certeza, é controversa mesmo dentro da intelectualidade e da esquerda, de um modo geral. Há os que são contra a censura política, mas a favor da censura contra a "pornografia"; há quem ache a censura etária desejável; ou que se censure a televisão, mas não o teatro ou a literatura.

No correr deste ano a Câmara de Deputados realizou um simpósio sobre o tema, em Brasília. Vários depoentes ali compareceram: intelectuais, compositores, cineastas, ministros, diretores ou presidentes de entidades governamentais ligadas à cultura, jornalistas. Destacamos, para começar o nosso debate sobre a Censura, em primeiro lugar, o depoimento de Rogério Nunes, ex-chefe da Divisão de Censura de Diversões Públicas no governo Geisel. Deste depoimento, apresentamos a parte referente à televisão que, segundo o depoente, trouxe novos problemas para a Censura. Esta parte é importante porque nela Rogério Nunes defende a necessidade de se ampliar, de certa forma, o alcance da censura. Defende também a própria instituição; historia alguns dos critérios empregados pelo setor em relação à televisão; e expõe, com toda a clareza, a visão de mundo da mentalidade censória. Complementam este depoimento, feito no dia 22 de maio deste ano, sinopses dos depoimentos de Flávio Cavalcanti e do escritor Guilherme Figueiredo.

É claro que ao propormos este debate, não estamos neutros; é nossa convicção que a posição mais consequente no assunto é lutar pela erradicação de qualquer forma de Censura, nesta e em qualquer forma de sociedade presente ou futura. (FA)

O depoimento de Rogério Nunes

Com o tempo, (...) a televisão brasileira encontrou nas novelas apresentadas sob a forma de seriados a sua melhor maneira de comunicar-se e a sua mais alta expressão artística e técnica. Os melhores profissionais do teatro e do cinema através da linguagem televisiva conseguem dar o melhor da sua interpretação, atingindo à todas as camadas sociais, culturais de qualquer faixa de idade. Nós estamos nos fixando na televisão, porque como ressaltamos é o meio de comunicação que mais me preocupa. Entra nos lares sem pedir licença, não escolhe horário. Prevalece, sobretudo, para esse gênero de espetáculo o tema aberto sem número previsto de capítulos e sem enredo completo, permitindo modificações de acordo com os índices de audiência e os interesses comerciais da empresa. Permitam-me então explicar a mecânica, como se procede com relação à novela: como não há uma legislação estabelecendo, ficou regulado um acordo de cavalheiros, podemos assim dizer, entre a Censura e as televisões de se conseguir uma forma de fazer a censura prévia da novela. Quando a empresa pretende lançar uma novela nova leva à Censura uma sinopse, um resumo do que será o enredo daquela novela. São 10, 12 páginas, um relato sucinto dando uma idéia global da história, das tramas, do que vai acontecer.

naturalmente vêm rigorosamente dentro de exigências censórias. Mas a novela colocada no ar, começa o autor a ser influenciado pela assistência e a empresa começa a ter interesse em atrair o espectador, em ganhar IBOPE, agravam-se os problemas e a Censura fica impossibilitada de tirar a novela. Por quê? Se alterar a impropriedade, se coloca-la num horário mais tarde, significa praticamente proibição, porque o horário seguinte está comprometido com outros patrocinadores, com outro espetáculo, e a empresa não tem como colocar dois espetáculos no mesmo horário. E se proibir desaba o mundo sobre a Censura, todo o público se volta contra a Censura porque proibiu um espetáculo que já tinha liberado. Então, ficamos tolhidos de qualquer providência. Muita-la com 10 centavos significa alguma coisa? Nada. Suspender o espetáculo, promove-o, naturalmente. Ai está a grande

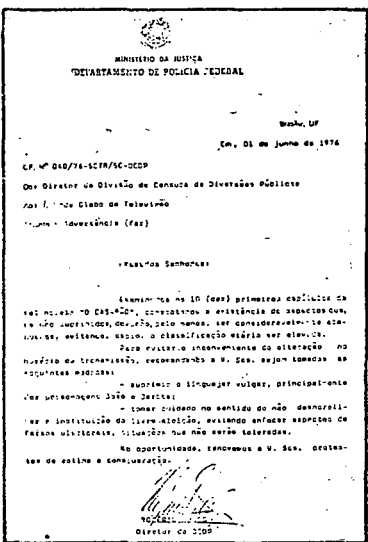
pode evitar isso. Se impõe rigor, ela está sendo contra a cultura, contra a criatividade artística, porque não permitiu que os espetáculos apresentassem certos aspectos da vida familiar e da sociedade, mas ninguém se lembra que a preocupação maior é com a criança. É dar espírito e informação quem está assistindo determinados cenas. Pelas apontadas razões é que se procura, através de recomendações, estabelecer critérios gerais mais rigorosos para apreciação das novelas destinadas à televisão, cuidando especialmente de aspectos não previstos na legisla-

ção em vigor, daqueles aspectos que nos referimos anteriormente, que estão no regulamento de 1946. Para evitar os inconvenientes que sempre surgem seria indispensável tornar obrigatória a apresentação antecipada do texto integral da novela, para que a Censura sobre ele se manifestasse, ficando a liberação condicionada ao exame da gravação. Enquanto a legislação não dispuser a respeito, impondo essa exigência, problemas como esse continuarão a surgir, preocupando as autoridades, pais e educadores. O Sr. Ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira, em Aula Inaugural no CEUB, em Brasília, no Curso de Comunicações, em 1975, disse, com propriedade, que certas camadas da população são sensíveis como chapas fotográficas, que se impressionam com muita facilidade, já que são incapazes de refletir, chegar a conclusões próprias quanto aquilo que ouvem ou vêem, principalmente crianças e pessoas de pouca cultura. Elas aceitam sem restrições o que lhes é apresentado.

O texto integral

Aí está a grande dificuldade, uma legislação obsoleta que hoje praticamente não vale para os meios de comunicação, que não cogitou da televisão. A preferência dos produtores e dos autores — aí é um problema que necessita ser apreciado — recai sempre sobre temas adultos. Pela abertura do canal pelo qual a televisão se comunica torna-se desaconselhável a uma audiência infanto-juvenil. O espetáculo entra nos lares em busca do menor, fascinando-o e trazendo para a Censura preocupação com o que está sendo mostrado. Não adianta à Censura estabelecer: "O espetáculo é impróprio para menores de 12 anos para o horário das 20 hs, ou que é impróprio para menores de 10 anos, para o horário das 19 horas, porque não há como fiscalizar, nem pode faz-lo no ambiente doméstico. E muitas vezes a própria dona-de-casa é quem manda o filho com idade menor assistir a televisão, porque normalmente às 7 horas da noite, que está estabelecido um horário de 10 anos, é a hora em que as crianças retornam das escolas, dos folgoados, e que vão abraçar a mãe que está cuidando do jantar. E, para se livrar da criança, deixa que assista televisão. Coloca-a diante do aparelho, num espetáculo que é impróprio para a sua idade, e a Censura não

Verificada essa sinopse, a Censura se pronuncia nos seguintes termos: "A sinopse examinada não apresenta aspectos contraindicados para o horário pretendido — porque ela deseja apresentar às 8 horas da noite — contudo, a liberação fica na dependência do exame das gravações. "Muito bem, a partir daí a empresa inicia a gravação e nos traz posteriormente os 10 primeiros capítulos gravados e já agora com o texto, as fitas, as marcações, toda a situação apresentada na novela. Esses 10 capítulos são examinados e, naturalmente, não tendo maior comprometimento para aquele horário, liberados somente os 10 primeiros capítulos. A partir de então a novela vai ao ar e a emissora passa a remeter para a Censura grupos de capítulos, 3, 4, às vezes um de cada vez até o final. O que acontece, senhores? É natural que a empresa queira conquistar o horário. Ela quer garantir aquele horário porque tem patrocinador e tem que preenchê-lo com algum espetáculo. Então, esses 10 capítulos



Uma lembrança dos tempos de Rogério Nunes na Censura

Um protocolo de cavalheiros

Como não há legislação, a Censura, em 1970, tentou um acordo com as emissoras. Foi assinado, então, um protocolo por todas as empresas. Pelo Diretor de Censura de todas as empresas, elas se obrigando, dentre outras coisas: "o respeito à dignidade do indivíduo, da entidade ou da organização em qualquer circunstância; o apaziguamento da vida nacional, inspirado na cooperação na preservação da tranquilidade do País; o cultivo das melhores tradições patrióticas pela exaltação dos heróis nacionais, o respeito à autoridade constituída". É um documento assinado, e não foi na minha época, foi anterior à minha presença lá. "O correto uso da linguagem portuguesa, evitando o máximo possível expressões grosseiras e gíria; o de condicionar a violência em todos os graus; o de não apresentar criminosos ou contraventores de maneira atraente

Continua na página 12

PT 1035.126

Continuação da página 11

neni tampouco o crime ou contravenção em seus detalhes de modo a não estimular a sua prática; o de não apresentar os vícios, jogos, alcoolismo, tóxicos, salvo quando destacados como fatores nocivos; a não exploração de temas sexuais que só serão abordados em circunstâncias especiais, com seriedade, respeito e dignidade com que devem ser encarados; o de não apresentar exemplos de mãe solteira, adultério, prostituição, sendo admitida a antevista do problema; o de não transmitir em suas comunicações destinadas ao público infantil mensagens negativas que possam contribuir em detrimento de sua formação moral ou que possam ser imitadas; o de contribuir decisivamente para a formação jovem de um espírito sadio e do cultivo do sentimento... Esse protocolo não foi respeitado, levando a direção geral do departamento a denunciá-lo e a torná-lo insubstituível. Porque não havendo uma legislação, esses acordos entre cavalheiros são infrutíferos pela necessidade que as empresas têm de conquistar mercado e apresentar espetáculos que possam atrair mais.

O certo e o errado

Agora, um outro aspecto que leva à preocupação maior um espetáculo de televisão. Vamos comparar os dois espetáculos que chegam ao público de televisão. Vamos comparar os dois espetáculos de televisão. Não é comum a uma pessoa assistir, durante um mês, a mais do que uma dezena de filmes ou meia dúzia de peças de teatro, se tanto. Já com as telenovelas o espectador entra em casa onde encontra a pessoa à vontade e assiste a três, ou quatro espetáculos de novelas por dia. Durante meses, 530 centenas de episódios que entram na mente da espécie. No cinema, o espectador está num ambiente silencioso, prevenido contra o ruído. Então, ele está menos susceptível ao recebimento das mensagens, enquanto que, em casa, ele está relaxado, à vontade, e as mensagens chegam sem nenhum anteparo. No cinema, ninguém comenta o espetáculo. E, em casa, a televisão é assistida normalmente por amiguinhas e familiares e, quando um aspecto, algumas das presenças crítica achando errado, a outra, mais avançada, esclarece que aquilo é assim, que já era. Então, o que uma espectadora poderia pensar que era errado, por influência da outra, pelos comentários, passa a admitir como certo. Então, o errado passa a ser certo. A confusão

entre o certo e o errado, pela repetição, que surge e ressurgem na mente do jovem, vai subconscientemente aceitando como normal. Se comenta com a irmã, com a coleguinha ou com a prima sobre certos aspectos, com as quais não discorda e tiver coragem de fazer restrição de ordem moral a determinado comportamento da personagem, receberá, por certo, as críticas ao seu ponto de vista, será chamada de boboca, cafonha, caipira, quadrada e outros qualificativos acrescidos à observação. Hoje em dia é assim mesmo. Qualquer jovem, para evitar esse tipo de crítica, por questão de amor próprio, acaba por aceitar como normal aquilo que antes sua razão apontava como errado. Daí o grande perigo que representam determinados assuntos tratados nas telenovelas e para os quais se deve concentrar a atenção. Por exemplo, a moça que se entrega sexualmente para dar prova de amor e ter um filho fora do casamento; a que foge de casa para agredir a autoridade paterna; as que buscam soluções erradas como o suicídio, o uso de drogas, ou a convivência em ambientes promíscuos para saírem da fossa. Tudo isso que, nos filmes ou teatros, para uma faixa etária mais elevada, onde a fiscalização pode ser exercida, onde a entrada com idade inferior àquela estabelecida não é permitida, tudo isso, até certo ponto, pode ser tolerado, deve ser excluído, no entanto, da televisão. Porque, além dos motivos enumerados, está sujeito à repetição diária, já que, durante dias e meses o quadro negativo se descerra diante da pessoa indelével, as cenas se repetem no vídeo e são martelando o espírito emocionalmente desarmado, com toda a atenção voltada para a trama. A recordação do fato, dia após dia, vai-se incorporando ao subconsciente do jovem. A constante repetição dos atos errados pode acabar por dominá-la e levar a assistente, mesmo por simples curiosidade, a tentar uma experiência com algo diferente que antes a sua análise crítica não lhe permitia fazer. Assim, por uma identificação emocional, o jovem pode sensibilizar-se com o errado e ser impedido a aceitá-lo como certo, ou sob outro aspecto, uma necessidade circunstancial que a situação semelhante passa a correr o risco de tomar caminho idêntico, embora errado, quando bem poderia recusar se não fosse influenciado pelo mau exemplo. É indispensável, portanto, que se limite os apelos negativos tais como a desagregação familiar, o erotismo, a violência, o grotesco, a tentação sexual, a dramaticidade excessiva, e só com um exame da obra integral na televisão haveria condições ideais de ser feita uma segura observação.

Guilherme Figueiredo

"Não é por causa do teatro que os governos caem". Guilherme Figueiredo é um dramaturgo da velha guarda, conhecido pelo seu texto A raposa e as uvas.

Um humanista que fala da tragédia e comédia grega; à Molière; que cita Napoleão; que se interessa pela comédia brasileira de Martins Pena; que é absolutamente contra a censura à escrita ("um bom livro não morre e um mau livro já nasce morto"); que acredita na fiscalização aos espetáculos — onde o papel do censor seria limitado à advertência ao público quanto à classe de público a que ele vai assistir; que acredita na censura à TV, para defender o telespectador das mentiras que invadem o seu lar, quer através de anúnciantes, quer através de produtores de espetáculos. Alguns trechos de seu depoimento:

"No caso do rádio e da TV deve haver um exame fácil... que envolva à responsabilidade do proprietário da emissora e do anunciante. E muito importante que o anunciante seja responsável pela lata de lixo que despeja em nossas casas, não só o dono da emissora ou o coitado do ator que tem de representar aquela porcaria porque precisa viver..."

"Uma determinada ação artística pode levar a um prejuízo do poder, a uma diminuição, à queda do poder, pelo ridículo, pela subversão, e então, é preciso coibir. O problema é que, ali, existe um erro filosófico do poder... E o erro de uma relação de causa e efeito que não existe. Não é por causa do teatro que os governos caem. Também não é por causa dos livros que os governos caem. Os governos caem e são retratados pelo teatro e pelo livro. Não é o livro que propriamente derruba o poder... É toda uma sociedade capaz de entender aquele livro que representa o seu retrato". (RA)



EM TEMPO 85 • 11 a 17 de outubro de 1979

Flávio Cavalcanti

"Como a prostituição, a censura é um mal necessário" — Flávio Cavalcanti dispensa apresentações: as palavras falam por si.

O depoimento de Flávio Cavalcanti tem um tom irônico, mal disfarçado nas frases bombásticas, nas citações que querem transparecer certa erudição, mas que logo se sente pelas palavras de almanaque.

"Começo por me sentir meio indiscreto ao falar publicamente sobre "a censura". Um cavalheiro nunca fala abertamente de uma dama com quem já teve um caso".

Em compasso de valsa, Flávio se coloca como vítima da censura, ao mesmo tempo que a justifica por sua utilidade.

"Censurar é também educar, orientar; é ensinar aos jovens o caminho do bem e retirar os velhos do caminho do mal".

Incurcionista, temerariamente, na infância da humanidade, fala sobre a censura nas tribos, passando facilmente daí Shakespeare e Cervantes, passando no relatório "Hitler". Por uma estranha miscelânea discursiva, ele tenta salvar a censura e acusa o censor: afinal, um censor é um homem e pode errar, o que não significa que a censura seja um erro! Como ficamos? Não ficamos. Flávio Cavalcanti estava fazendo um programa de TV na Câmara dos Deputados e não um depoimento sobre censura. Osson do ofício? Ou cacoeira da covardia? alguns trechos.

"Os funcionários da censura com quem eu tenho lidado nestes 23 anos de TV são pessoas bem educadas, geralmente intencionadas, quase sempre com a mais sincera convicção democrática".

"O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo censurou a chicotadas os leirantes que mantinham uma feira permanente de objetos religiosos no Templo de Salomão".

"Tanto a instituição da censura não é anti-democrática por natureza, que vários grupos profissionais em países super-civilizados, procuram implantar a auto-censura... Censuremos-nos a nós mesmos, dizem os americanos para não termos que ser censurados".

"Como comunicador de massa tenho que levar à divulgação, o pensamento da Arena e do MDB. Política, não! Política é outra coisa. Política, acho que realmente, deve ser uma troca de inteligências, e não de desaforos nem de brigas".

(Raquel de Andrade)

SALADA MISTA

Nietzsche

Signos e poderes em Nietzsche, de Leon Kossowitch. São Paulo, Ed. Ática, Coleção Ensaio.

Talvez ainda sob o impacto do severo anátema lucasiano contra Nietzsche naquele famigerado assalto à razão, é provável que até hoje, mesmo aqui no Brasil, boa parte da chamada intelectualidade de esquerda - que nunca, aliás, morreu de amores pelo autor de Zarathustra, nem mesmo depois da moda dos anos sessenta - ainda reaja, lá do fundo da alma, como o oficial da guerra civil espanhola reagia diante da palavra cultura e sinta inapetos de puxar o berro só de ouvir pronunciar o nome desse perigoso "irracionalista". Não estaria aí uma das razões do grande descaço, no Brasil, em relação a esta obra tão preciosa? Não, faltaram, na verdade, ferrenhos entusiastas de Nietzsche entre nós desde, pelo menos, Monteiro Lobato; mas de todo o entusiasmo nenhum fruto de real valor, com raríssimas exceções, brotou até agora em termos de comentários originais, contentando-se os intrépidos leitores do filósofo com a repetição de generalidades inócuas. O livro de Leon Kossowitch, Signos e Poderes em Nietzsche, vem precisamente preencher essa lacuna das mais deploráveis. Mas ainda, pela primeira vez é editado em língua portuguesa um comentarista atento à singularidade do texto nietzscheano e que se dedica a enfrentá-lo no detalhe de cada articulação.

A leitura tira partido plenamente dos mais importantes documentos da mais recente "erudição": Klossowski, Deleuze etc. E este não é, certamente, o menor dos seus méritos. Mas o engenhoso leitor, tal como nos adverte desde o início, não comete a grosseria de se aproximar deste discurso resplandecente munido das lentes deformadoras de um certo anatomismo acadêmico que muita influência exerceu durante bastante tempo sobre nossos historiadores da filosofia. Buscando determinar como se articulam alguns temas centrais, tais como "vontade de potência" e produção de signos, a partir de cuja conjugação outros tantos problemas nietzscheanos se iluminam, esta leitura controla, ao mesmo tempo, a moldura ou o cenário dentro do qual o discurso comentado exibirá sua dança circular e porá a nu sua "incompreensível virulência", como diz Leon. Daí o estilo cortante e lapidado do comentário. Como se tornar intérprete, neste caso, sem, de alguma forma assimilar a força do interpretado?

Não é o caso de se resumir aqui o rico e complexo conteúdo do comentário. Contentemo-nos em apontar suas grandes linhas. Um ponto de partida: a força. Um ponto de chegada: a arte. Entre o primeiro capítulo ("Da Força") e o VI e último ("Da Arte") o autor esquadriña

pacientemente o modo como se comunicam estes conceitos centrais com a questão dos signos e de sua produção, mostrando como se opera ao nível da caracterização da linguagem a grande subversão de velha metafísica. É o que vemos, em especial, nos dois capítulos centrais: III, "Os Signos" e IV, "O Nihilismo". Rompendo com a perspectiva da teoria do conhecimento, Nietzsche - diz o comentarista - "dá uma nova dimensão à linguagem", ou seja: "Não se trata mais de manter-se no plano da designação, que transformaria a linguagem na representação do objeto; ao contrário, confere-se-lhe um novo estatuto. O essencial nessa transformação é o abandono da representação pela significação. Com isso, a linguagem se desembaraça da ontologia (pg. 58). No capítulo II ("Senhores e Escravos") é levada em conta a crítica radical de Nietzsche a moral, e o estudo da "subversão" se completa, nos capítulos finais, pelo exame da complexa questão do Eterno Retorno e da tese secundária qual a Estética passa a ocupar o lugar da Ética. Caminho inverso ao do próprio Nietzsche, pois no final reencontramos os temas da Origem da Tragédia.

É verdade que nem tudo é absolutamente cristalino nesta obra controversa e o comentarista não esconde as dificuldades. Uma coisa porém é certa: o recurso a este martelo bem temperado, que desde o Crepúsculo dos Idolos faz vibrar seus acordes de maneira sadicamente iconoclasta, é de inestimável utilidade nesta nossa época de poluição cultural. Força de liberação e antidoto contra todo idealismo filosófico, este discurso continua mais vivo do que nunca. Um exemplo: "O pensamento consciente de um filósofo, na sua maior parte, é secretamente guiado por seus instintos e obrigatoriamente canalizado em vias definidas. Por trás de toda a lógica e da aparente soberania de seus procedimentos, encontram-se avaliações ou, para falar mais claramente, exigências fisiológicas que impõem a necessidade de conservar um modo de vida determinado" (texto citado à pag. 62). Não acreditaríamos estar lendo uma página de A Ideologia Alemã? O texto nietzscheano, como se confirma pela leitura de Signos e Poderes em Nietzsche, é um texto de extrema atualidade. (Quantos belos grafismos não dariam muitos de seus aforismos?). Para os que ainda aspiram, apesar de tudo, a transformações que não fique, aliás, confinadas ao terreno puramente filosófico, não será inadivável a leitura ou releitura de uma obra que certamente nos traz de volta à nossa "saúde meridional" e nos ajuda a recuperar o "vigor secreto da alma" (texto citado à pag. 118) e para este tipo de leitura-ativa que Leon nos convida.

(Luiz Roberto Salinas Fortes)



...e Chapeuzinho comeu o lobo

A peça infantil Um Lobo no Cartão, de Oscar Von Pihul é uma versão moderna do "Chapeuzinho Vermelho", onde não existe a briga do bem e do mal. Na final da história o lobo não é mau, ao contrário é o amigo da criança. Para o diretor do espetáculo, Mário Emilio Malachias, "o autor consegue quebrar a expectativa da criança, pois o menino está cansado de conhecer o Chapeuzinho Vermelho e o desenrolar da história leva a criança ao questionamento. É inesperado que a voz de uma surra no lobo, nada dá certo de acordo com a história tradicional".

Mário Emilio também fala a EM TEMPO das dificuldades do teatro no Brasil, em particular em Minas: "Um problema grave no teatro é o texto, um caso semelhante ao que ocorreu em Portugal, depois de uma censura muito forte, se abriu a gaveta e não tinha praticamente nada. Existe até grupo parado, à procura de peças boas para encenar. É um vazio da geração, depois de

68 anos surgiu nenhum dramaturgo, e ainda houve a perda do Paulo Pontes e do Vianinha. Isto é muito explicado pelo risco no teatro, que é muito grande. Existem 2 censuras no teatro: ao texto e à montagem. Foi o caso de Calabar, em 75 após ser montada com uma despesa de 400 mil cruzeiros, a peça não pôde ser encenada".

Um Lobo no Cartão tem duas apresentações por semana, uma produção de 50 a 60 mil cruzeiros, com 9 atores. Além disso tem o preço do teatro, e como são poucas as casas de espetáculo em Belo Horizonte, o aluguel é muito alto, e ainda tem os 10% de direito autoral. "É duro para o artista mineiro - acrescenta Mário Emilio - ver a construção do Shopping Center e nele não ter uma casa de apresentação. O Palácio das Artes ainda é fechado para os artistas mineiros. Um dos últimos atos do ex-governador Rondon foi a doação de 2 milhões de cruzeiros para a construção da Casa do Artista Amador, o dinheiro foi o Palácio das Artes e nunca mais se ouviu falar neie". (Supersal de Minas)



Uma tentativa chamada Partido Operário Comunista

Por Marco-Aurélio Garcia

A formação do P.O.C. (Partido Operário Comunista), em meados de 1968, é o resultado da fusão da Organização Revolucionária Marxista Política Operária, a Polop, e da "Dissidência Leninista" do PCB no Rio Grande do Sul. A convergência destas duas forças que aparecia aos olhos de seus militantes como um importante passo na constituição de uma organização revolucionária no Brasil, era, no entanto, a frustração de um projeto mais vasto e ambicioso de reagrupamento de amplos setores dissidentes do Partido com segmentos da esquerda revolucionária.

Poucos meses antes a Polop havia sofrido uma importante cisão que reduziu seus efetivos em cerca de 50%. Por ocasião do IV Congresso da Organização, em setembro de 1967, a direção se vê confrontada com opções que se desenvolvem em São Paulo, Minas Gerais e, em menor medida, no Rio de Janeiro. Com visões estratégicas distintas, estes grupos coincidem na necessidade de impulsionar a luta armada a curto prazo, inscrevendo-se no quadro das definições da Conferência de OLAS, realizada pouco antes em Havana.

As posições defendidas pela direção da P.O. são aprovadas pela escassa maioria de 16 a 14 delegados. A cisão se consuma pouco depois, dando nascimento em São Paulo ao grupo que formaria a Vanguarda Popular Revolucionária e, em Minas Gerais, ao Comando de Libertação Nacional, a COLINA. Mais tarde as duas organizações se fusiionariam, formando a VAR-Palmares.

Novos eixos

O IV Congresso da Polop era revelador dos novos eixos em torno aos quais passava a dar-se a discussão na esquerda brasileira. A ortodoxia leninista, expressa ao nível do enunciado de princípios gerais com a qual a direção da P.O. procurava enfrentar seuisma, manifestamente não atentava para a complexidade do debate, nem, evidentemente, para as modificações pelas quais passava o movimento revolucionário no país.

Em seu Balanço da P.O. (do qual publicamos vários trechos no número anterior de EM TEMPO), Raul Villa assim vê a situação:

"A declaração Política do IV Congresso já procura enfrentar as questões ao nível mais imediato como colocadas pelo foquismo e aponta para a necessidade de uma organização de combate da classe operária, nos termos do Que Fazer? Mas é bom ver que a crítica dos foquistas é apenas a crítica de suas aberrações e não ao núcleo de suas concepções."

Esta incapacidade de enfrentar corretamente e concretamente os problemas centrais da luta política e ideológica no Brasil naquele momento vai ser responsável pela reabertura da luta interna nos anos 69 e 70 levando a uma cisão no POC com o consequente ressurgimento da Polop, em meados de 70.

A dissidência do sul

A Dissidência Leninista, que com a P.O. formaria o Partido Operário Comunista, começa a ges-

tar-se em fins de 1965 e meados de 1966. Tendo, como as demais dissidências do Partido, uma importante base no movimento estudantil, este grupo vai ser muito influenciado pela dissidência da Guanabara, cujas teses e práticas vão ter uma grande incidência em seu desenvolvimento. Os contatos do grupo do Sul com os que mais tarde formariam a PCB (naquela época "Corrente") eram frequentes, ainda que em menor escala de que com a Dissidência da Guanabara e mesmo a de São Paulo, sem falar evidentemente da P.O. A razão destas relações diferenciadas se prende fundamentalmente a uma maior afinidade estratégica entre as dissidências e a Polop, tendo como base comum um programa socialista, enquanto que a posição da "corrente" era neste particular distinta. Isto não impediu, no entanto, que se estabelecesse uma aliança tácita entre os poucos membros da "corrente" no sul e a Dissidência, que havia conseguido abarcar inclusive setores sindicais do PCB. O resultado desta maior gravitação da Dissidência se expressa na maioria que esta obtém tanto na Conferência Municipal de Porto Alegre, como na do Rio Grande do Sul, ambas reuniões preparatórias ao VI Congresso. Mas a aliança se desfaz aí. O processo de atomização de todos os setores que se despreziam do PCB se aprofunda a partir de fins de 1967, fazendo com que cada um siga seu próprio caminho.

Da F.E.R. ao P.O.C.

Para a Dissidência Leninista o caminho imediato que se abre é a Frente de Esquerda Revolucionária, onde ela vai encontrar a Polop e Dissidência Secundarista do Rio de Janeiro. A FER, no entanto, concebida como projeto amplo e preparatório à formação de uma grande organização de esquerda não chega a ter viabilidade. A participação dos secundaristas do Rio se esgota rapidamente e a formação do POC se consuma pela união de um grupo que buscava o caminho das posições revolucionárias com outro que já tinha os primeiros passos desta opção. A formação do POC permite à Polop refazer seu ativo de militantes, gravemente afetado meses antes pelas cisões da Colina e da VPR, mas não



Trotsky

provoca nenhuma transformação política qualitativa, na nova organização.

O ascenso das massas

O ano de 1968, quando se forma o POC, seria decisivo para a definição do perfil da esquerda brasileira para todo este período. Se é certo que a emergência do movimento operário exemplificada pelas greves de Osasco e Contagem e pela manifestação do primeiro de maio em São Paulo, desmentia as teses foquistas sobre as dificuldades no encaminhamento das lutas de massas e, neste sentido, reforçava as teses que o POC defendia, não é menos certo que não foi esta organização que se revelou capaz de conduzir ou capitalizar as explosões operárias e populares. Muito pelo contrário, serão os grupos que já atuavam com uma perspectiva foquista que vão ter maior gravitação sobretudo sobre as lideranças operárias que se destacaram nos conflitos sociais daquele período. No primeiro de maio, a participação do POC é quase nula. Na primeira greve de Contagem igualmente e somente na segunda é que seus militantes vão conseguir secundar a Colina, a Corrente e a AP na preparação dos comitês de fábrica que impulsionarão a greve.

Nos acontecimentos de Osasco, ainda que buscando estar presente e editando um boletim diário durante o conflito, a presença efetiva do POC se faz sentir marginalmente, mais precisamente na paralisação de uma pequena fábrica.

A tentação militar

Não tendo dado passos concretos no caminho da luta armada a despeito de suas definições mais gerais — o POC não se viu de imediato exposto à repressão como as outras organizações já engajadas em enfrentamentos com os organismos repressivos.

Isto lhe permitiu suportar melhor o ano de 1969, quando muitas organizações estavam já presas à dinâmica ação-repressão, e de dispor, pelo menos, de uma certa tranquilidade que lhe permitisse construir um caminho alternativo.

Mas a exiguidade do projeto POC, apesar dos 700 a 800 militantes que teve em sete estados do País no período 68/69, somado a inconsistência de sua formulação táctica e, especialmente, a incapacidade que evidenciava de construir uma base operária, contribuiu para que um malestar se produzisse no interior de suas fileiras. Ao lado de um setor mais conservador, que não consegue opor aos desafios da realidade outra coisa que teses estratégicas, se constitui uma corrente que vê no "enfrentamento das tarefas militares" a solução para os impasses que começavam a manifestar-se.

Tendências e cisões

Mas as carências do POC em matéria operativa eram notórias, o que leva a organização, quando se decide dar passos nesta direção, a optar por uma associação com outras forças, como é o caso da VAR-Palmares em São Paulo ou com o grupo M 3 G (Marx-Mao-Marighela-Guevara) no Sul, ainda que esta última colaboração tenha sido efêmera. O POC integra a Frente Armada, mas esta forma prática de tentar resolver os problemas políticos só contribui para o aprofundamento da crise interna.

A partir de fins de 69 estas diferenças de enfoque se expressam na constituição de tendências, cuja existência é autorizada pela direção nacional num

dos raros gestos de democracia que a esquerda revolucionária brasileira se permitiu naquela período.

Contra as posições do grupo que advogava já um recuo em direção a um trabalho operário de base, forma-se uma tendência que insiste no papel da luta armada, e advoga uma linha sindical que se aproxima em muito das teses sobre a União Operária, naquele momento propugnada pela VAR-Palmares. Aliás, a aproximação do POC com esta organização, da mesma forma que com o PRT (ver EM TEMPO nº 84) é outro dos elementos essenciais da tendência que se forma em São Paulo e que terá no jornalista Luis Eduardo Merlino, o Nicolau (ver box) um de seus principais inspiradores.

Os efeitos da repressão

Mas a onda repressiva acaba por afetar também o POC e compromete a própria natureza do debate, agravando suas contradições. O fracasso do sequestro do consul norte-americano em Porto Alegre, organizado pela VAR-Palmares, acaba por comprometer a segurança de todas as organizações de esquerda. Ainda que o POC não estivesse envolvido na operação, a promiscuidade que a esquerda apresentava num centro menor, como a capital gaúcha acaba por desorganizar suas fileiras.

Mas o golpe maior estaria por vir. Em 1970 e 71 uma sucessão de quedas provoca o quase desaparecimento da organização. Antes disto, porém, a oposição entre as duas tendências é de tal forma exacerbada que conduz à separação de um grupo importante de militantes que vai reconstituir a POLOP, e que aplicará seus projetos de recuo em direção a uma prática estritamente junto ao movimento operário.

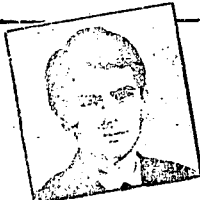
O grupo que fica no POC não consegue uma coesão suficiente para dar continuidade à organização. Uma parte de seus militantes elabora, em Paris, cinco teses que seriam apresentadas num próximo congresso da organização (que nunca será realizado), formando assim a tendência **Combate** do POC. Uma outra tendência se articula em torno de um rearmamento político do partido que em muitos aspectos é distinto das cinco teses apresentadas. O que caracteriza ambas as Tendências é que se reivindicam dos fundamentos do trotskismo e do programa da IV Internacional, tais como a concepção da revolução permanente, a estratégia das reivindicações transitórias e uma crítica à burocratização nas sociedades pós-capitalistas. Mas divergem entre si sobre muitos problemas estratégicos e táticos. A tendência POC-Combate privilegia uma combinação de um trabalho político na classe operária com o desencadeamento da luta armada, tentando repetir a experiência argentina do PRT-ERP. A outra tendência, partindo da constatação da conjuntura contra-revolucionária existente, preconiza um acúmulo de forças do partido na classe operária em torno de reivindicações transitórias e democráticas, rejeitando como "militarista" a tese da tendência Combate.

Mas os esforços de rearmamento da organização são frustrados pela derradeira ofensiva policial contra o POC. O debate entre tendências não chega a aprofundar-se, a maioria dos militantes não discute as cinco teses e os debates quase sempre são travados em torno da sobrevivência imediata da organização. Uma série de quedas em São Paulo termina conduzindo a repressão a todo o partido. A queda de uma reunião da seção regional gaúcha, que se realizava em Porto Alegre, acaba com a última tentativa de reação, liquidando a organização nacionalmente.

Luis Eurico e a dissidência leninista

Luis Eurico Telera Lisboa desaparecido desde 1973 e cujo corpo foi recentemente encontrado por sua companheira no cemitério de Perus, sob o nome de Nelson Bueno que ele usou na clandestinidade, integrou a Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, chegando a participar da constituição do POC.

Luis Eurico militou no PCB no setor estudantil e decidiu destacar-se para a cidade de Santa Maria onde começou a desenvolver uma forte atividade de oposição às teses do VI Congresso em discussão no ano de 1967. Sua atuação destacada neste processo de discussão fez dele delegado à conferência do PC, na qual ele sairia eleito membro do Comitê Regional



Expulso do PCB com todos aqueles que dariam nascimento a uma dissidência e, posteriormente, ao POC, ele não ficará muito tempo vinculado a esta organização. A forma particular pela qual sentiu os efeitos da ditadura, levou-o a um privilegiamento da ação armada o que abriu caminho para seu ingresso na ALN. Depois de passar um período na Argentina, Luis Eurico resolve retornar ao Brasil e retomar seus contatos com a ALN. Parte só para São Paulo e é nesta cidade que ele vai desaparecer. Depois do achado de seu corpo, a versão oficial que passou a circular, é a do seu suicídio num quarto de pensão no bairro Liberdade. Mas o menos que se pode dizer é que esta versão encobre mais questões do que esclarece.

Luiz Eduardo: uma tarefa interrompida

Luis Eduardo da Rocha Merlino, tinha 23 anos quando, no dia 15 de julho de 1971, foi preso por agentes do DO-CODI do II Exército na residência de uma tia.

Ele havia chegado uns poucos dias antes da França, aonde participara juntamente com outros companheiros seus do POC, na elaboração das Cinco Teses que serviriam de suporte para a tendência Combate que reivindicava fundamentalmente para a organização as posições da Quarta Internacional.

Merlino, ou Nicolau como era conhecido no POC era, o primeiro a chegar ao Brasil para recontatar o restante de uma de uma organização que atravessava um período difícil tanto pelo cerco repressivo como pela crise política



interna. Sua tarefa não chegaria a ser concluída. Poucos dias após sua prisão — os militares disseram para sua família que ele voltaria horas mais tarde, pois se tratava de "prestar alguns esclarecimentos" — Merlino sucumbiria a uma gangrena provocada pelos efeitos da tortura em suas pernas.

A família foi informada em um "ponto". Nos milagrosos anos de ditador Médici, as coisas ficaram por aí. Hoje, a família de Luis Eduardo reabre o dossiê de sua morte, encorajada pela sentença judicial dada no caso Vladimir Herzog. A memória de Merlino foi evocada pela imprensa trotskista do mundo inteiro e no X Congresso da Quarta Internacional seu nome figurou entre os mártires da revolução mundial.

Qual é a deles

UNE: "Começar de novo..."

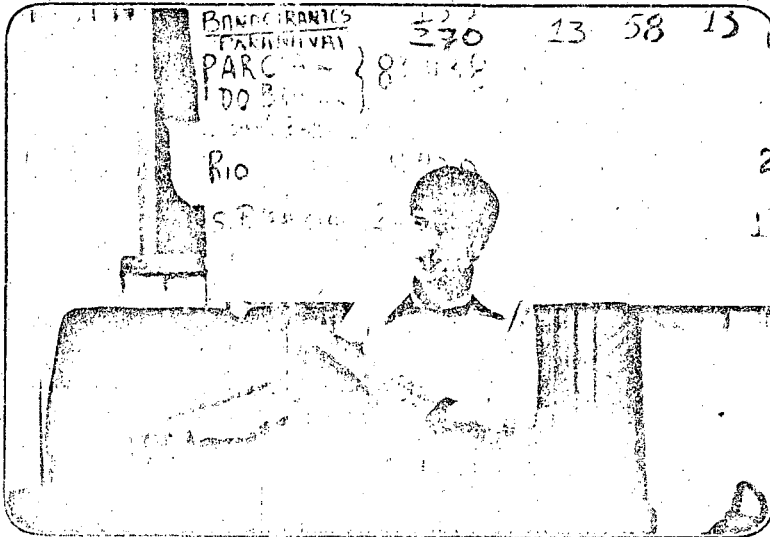
E a União Nacional dos Estudantes está de volta. Depois de mais de 10 anos de sua extinção, conseguiu se reorganizar, adquirir um papel importante e eleger sua nova diretoria.

Dia 11 deste mês, durante ato público realizado em São Paulo, tomou posse a chapa vitoriosa — Mutirão. Entre os membros da diretoria, ex-presidentes e ex-diretores da entidade, estava Gilberto Martin, um jovem quartanista de Medicina da Universidade de Londrina, que assumiu a Secretaria de Biomédicas da UNE.

Há quatro anos participando do movimento estudantil, seu crescimento dentro deste ambiente coincide a reconstrução da UNE.

É com esta experiência e como membro da diretoria que ele fala da entidade, da Mutirão e todo o processo das eleições.

Foi uma parada dura conversar com Gilberto após as eleições. Seu tempo tem sido ocupado por viagens e reuniões que já fazem parte da efetivação de algumas propostas levadas pela chapa durante a campanha. Ele é um rapaz tímido e simples, que com pouco de sua vida fora dos Diretórios e Centros Acadêmicos.



A CONJUNTURA POLÍTICA EM QUESTÃO

através do jornalzinho do CCS ou do "Poeira", foi começando a tomar parte das reuniões, a formar suas idéias a respeito e tomar sua participação cada vez mais efetiva.

"Com os trabalhos de saúde desenvolvidos pelo Diretório, pude entrar em contato com um tipo de realidade diferente daquela vista na escola. Foi travando consciência de que havia toda uma conjuntura, que eu como estudante, possuía características comuns a uma infinidade de jovens que constituíram um segmento bastante importante dentro da sociedade. Desta maneira, deveríamos tomar alguma coisa em benefício da maioria da população, não do ponto de vista paternalista, mas realizando um trabalho que pudesse ser levado junto ao povo. Minha atuação no Movimento Estudantil não veio como uma coisa passageira, e sim como uma participação política".

Foi a constante presença nos encontros e congressos de âmbito nacional, pelo contato e representatividade assim conseguida, além da disponibilidade, que o indicaram para fazer parte da chapa que disputaria a diretoria da UNE.

UM RAPAZ TÍMIDO

Ao contrário da maneira que comenta as questões estudantis, quando discute com calma, fluência e argumentação, durante todo tempo que fala sobre sua vida pessoal apresenta-se retraído e tímido. A atitude muda completamente.

"Aí você me coloca na parede. A questão pessoal é sempre mais difícil, mesmo porque uma das características que sempre tive foi a de ser muito fechado e tímido. Este fato inclusive comprometeu muito meu relacionamento com os outros pessoas, mas já é uma coisa que a participação no movimento estudantil, tem servido para mudar bastante".

Sendo assim, ele comenta um pouco o modo como tem conseguido conciliar suas atividades nesta área com o curso de Medicina, deixando para trás apenas duas disciplinas (o este período, será perdido por causa da dedicação quase que exclusiva exigida pelas eleições). Camba rapidamente sobre as amizades que ainda conserva fora do Movimento Estudantil, do futebol, da cervejinha, dos programas que faz sempre que lhe sobra um pouco de tempo, mas prefere voltar a conversar sobre a UNE. Daí se põe à vontade e relata com segurança e paciência todo o processo das eleições, desde a formação das chapas, até o que já estão fazendo na prática, depois de eleitos.

A ORGANIZAÇÃO PELO DEBATE

"Logo após o Congresso de reconstrução da UNE, realizado em maio, foi iniciada a discussão das propostas para formação das chapas. O palco principal dos debates foi o simpósio realizado no Rio de Janeiro, onde se reuniram todas as entidades que participavam da comissão pró UNE (o atual Coneg), DCEs, UEEs, parlamentares e pessoas da área da educação que durante dois ou três dias puderam se aprofundar nas discussões sobre a Universidade e a atual conjuntura política do país, enfocando as questões da anistia e reformulação partidária. A partir daí, as propostas começaram a se delinear e surgir as diferenciações. O pessoal que defendia idéias mais ou menos parecidas foi se agrupando e começando a definir os programas. A princípio três correntes se esboçaram: uma, que acabou definindo a Mutirão, outra que viria a constituir a Novação e uma outra que depois se dividiu em Maioria e Unidade.

"Estabelecido o programa e mais ou menos delimitada a chapa, começamos a nos preocupar com os nomes que iriam compô-la. As inscrições e os programas deveriam ser apresentados 20 dias antes das eleições, no Coneg (Conselho Nacional de Entidades Gerais) em São Paulo. Antes disto, nós da Mutirão programamos uma reunião em Belo Horizonte onde acabamos a redação do programa, fechamos alguns pontos da composição dos cargos e acabamos de estruturar a chapa.

UMA NOVA PROPOSTA DE UNIVERSIDADE

"As propostas foram delimitadas de acordo com a visão de cada grupo sobre os assuntos debatidos. A visão da Mutirão era mais ou menos a seguinte: Sobre a Universidade, achávamos que o movimento, como um todo, precisava encontrar respostas para questões que estão colocadas como lutas concretas. A questão do ensino público, do nível de ensino e uma série de outros problemas que são levantados a nível específico, como falta de materiais e aumento de anuidades.

"Mas as coisas não podem parar por aí, paralelamente às lutas específicas, deve-se iniciar um debate acerca da Universidade brasileira que passa por uma séria crise. Esta situação deve-se basicamente à reforma universitária implantada em 68 baseada num projeto importado e já falido nos EUA. Os reflexos desta política estabelecida na época da grande repressão, quando os estudantes estavam bem desmobilizados, podem ser sentidos agora, na prática e o próprio MEC reconhece isto. Tal o projeto "Porteirão" que só não entrou no Congresso devido a mobilização de professores e estudantes.

"Então, para poder reivindicar, é preciso que a gente discuta e estabeleça uma visão acerca da Universidade; é preciso definir a nossa proposta de Universidade, principalmente pra não cair no engodo de 68 e engolir um projeto que vai acabar de afundar ainda mais o ensino universitário.

antes de mais nada, assumimos a obrigação de convencer da melhor maneira possível, todo mundo a ir votar. Depois começávamos a falar da chapa basicamente sobre três eixos.

Primeiro falávamos de como víamos o processo de reconstrução da UNE, sobre nossas propostas. Em segundo lugar debatíamos a Universidade, dando um enfoque segundo a realidade de cada escola visitada, mantendo como importante a nível das lutas, a questão das verbas para educação e o debate para uma nova Universidade. Por último, colocávamos a questão da visão da sociedade. Antes porém, tentávamos deixar bem clara a importância da participação e da discussão dos estudantes a respeito deste assunto, mostrando-lhes a necessidade de nosso papel. Só depois disto colocávamos a nossa proposta sobre o tema.

COMO VAI SER A ATUAÇÃO

A UNE vai funcionar mais ou menos neste esquema: o presidente, vice-presidente, secretário geral e tesoureiro têm a função de centralizar e dar as coordenadas para o funcionamento da diretoria. Os vice-presidentes regionais ficam de cobrir sua região e os responsáveis pelas secretarias procuram articular e coordenar as questões que são levantadas pelos cursos de sua área.

A entidade tem uma função de organizar, coordenar e direcionar a luta. Sem ela, cada curso ficaria no seu canto levando suas lutas isoladas. Ela está calcada em toda uma estrutura mantendo grande vínculo com as UEEs DCEs e com os CAs. Estes últimos são as entidades mais próximas dos estudantes, sua função é estar ali, junto deles, levando mais as questões específicas do dia a dia da escola, abrindo perspectivas para problemas mais gerais.

Por uma questão de organização é preciso haver esta relação entre as entidades, para a gente inclusive se fortalecer. É mais fácil levar os problemas gerais aos estudantes através das pessoas que estão sempre em contato com eles."

RECONQUISTAR A ANTIGA SEDE

"No começo da semana do posse, da terça até quinta-feira, houve a primeira reunião da nova diretoria e já definimos alguns pontos.

Vamos estabelecer uma sede fixa, que será a princípio em São Paulo, porque de cara forma é o centro político, econômico do país e onde há o maior número de estudantes. Mas estamos levantando a possibilidade de realizar o próximo Coneg na antiga sede no Rio que tem para nós todo um valor histórico. A idéia é fazer uma campanha junto à opinião pública, levantando uma documentação que prove que a sede pertence aos estudantes, para poder reconquistá-la.

No primeiro semestre de 80 haverá um seminário para debater a questão da Universidade, para estabelecermos qual o nosso modelo. De imediato, vamos tentar responder este projeto do ministro Portela, procurar segurá-lo e depois, através de sua discussão, abriremos campo para um debate muito amplo em torno da Universidade que será incentivado pelas regionais e pelo jornal da UNE.

PARA ACABAR COM A DESCARACTERIZAÇÃO

"Tão logo começamos a desempenhar um papel importante, como entidade, iniciou-se um trabalho de desgosto da UNE, uma preocupação muito grande em descaracterizá-la principalmente por parte de determinados órgãos da imprensa. Por isto elaboramos uma carta-resposta às colocações e aos termos com que se referiram à nossa diretoria, explicando que:

Em primeiro lugar, não existe qualquer vinculação da UNE com interesses minoritários e ninguém tem condições de provar o contrário. Segundo, as propostas das chapas foram aprovadas a partir da discussão dos estudantes, vinculadas à realidade da escola. Pelo próprio processo democrático da entidade, da eleição pelo voto, uma proposta minoritária dificilmente seria eleita. E, finalmente, as acusações de estarmos ligados a grupos minoritários ou deturpados a legalização de tais e quais partidos, não vale como desgosto, visto que nosso pensamento é mais amplo. Achamos que qualquer idéia que a pessoa tenha, seja ela qual for, deve ser defendida livre e abertamente."

"Sobre a conjuntura política, não concordávamos, não aceitávamos e combatíamos claramente o projeto de anistia parcial proposto pelo governo. Achamos que esta era a forma mais correta de desobediência, contribuindo assim para a luta de anistia ampla, geral e irrestrita e de inclusive criar perspectivas para que o projeto fosse rejeitado e de inclusive criar perspectivas para que o projeto fosse abertamente combatido.

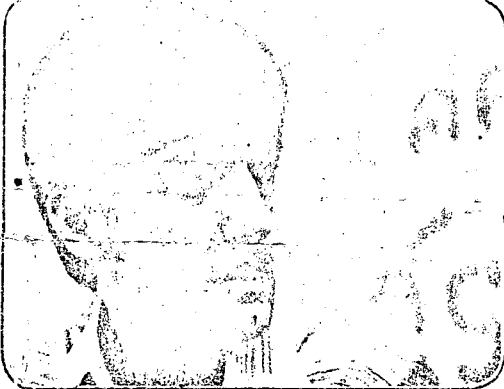
A respeito da reformulação partidária, ficou estabelecido que defendíamos a idéia de que mudanças devem ocorrer no povo, com liberdade para que todas as correntes políticas possam se organizar livremente. Foi mais ou menos isto que colocamos mais tarde no programa da chapa."

E COMEÇOU A CAMPANHA

"Mesmo antes de entregar as propostas, no Coneg de São Paulo, já havíamos discutido sobre como encaminhar a campanha eleitoral.

O primeiro problema que se colocava era a grana. Precisaríamos de um milhão de cruzeiros para cobrir o esquema de viagens e rolar e distribuir um milhão de cartas-programa. Então nos organizamos assim: dependendo do local de cada um dos 15 membros da equipe, havia uma quota a cobrir. O pessoal de Londrina, por exemplo, tinha que se virar e arrumar trinta mil cruzeiros para mandar pra São Paulo e mais vinte para os gastos locais.

Fizemos então um esquema, desde pedir dinheiro a políticos, livros, ritas e inclusive empréstimos com muita gente. Pelos gastos, fomos ficando com 22 mil cruzeiros dos empréstimos, já gastamos mais de 50 mil e o problema maior foi que durante o processo



eleitoral, capotamos um carro emprestado, com isto a dívida subiu para cerca de 60 a 70 mil cruzeiros. Tivemos que fazer um empréstimo no banco pra cobrir os gastos com o carro e agora vamos ter que pagar juros. E por isto que estamos organizando um churrasco, um bingo, shows e uma série de atividades."

DE CIDADE EM CIDADE

"Também montamos um cronograma de funcionamento. Em São Paulo havia um comitê nacional da chapa que centralizava todo o processo. Cada Estado procurou se organizar da mesma maneira.

O comitê de Londrina contava com umas 30 ou 40 pessoas trabalhando o tempo todo, fora muita gente que ajudava quando podia. Nosso trabalho consistiu basicamente em levar a campanha em todas as cidades em que se pudesse votar. Dividimos a turma e fomos de cidade em cidade procurando o pessoal das entidades locais, discutindo o programa e tentando formar um comitê de apoio que cuidaria da distribuição das cartas-programa, dos cartazes e de montar esquema com a imprensa. Normalmente passávamos duas vezes na mesma cidade, primeiro para estabelecer este contato inicial e depois pra passar nas salas de aula."

O MAIS IMPORTANTE É VOTAR

"Nas classes o que a gente discutia com os alunos era o seguinte:

Chile:

«O golpe não era inevitável»

Nelson Gutierrez, 2º secretário do MIR chileno, em entrevista exclusiva, toma a Nicarágua como exemplo e afirma que só a luta armada pode derrubar as ditaduras no continente.

Por Camilo Guerra

O Golpe do Chile foi uma das maiores derrotas da revolução na América Latina. Você a conhece como uma inevitabilidade histórica?

Temos que voltar à experiência da Unidade Popular no período 70/73. De nenhum modo consideramos seu fracasso resultado da inevitabilidade histórica. Nem sequer o consideramos como uma derrota da revolução. Efetivamente foi uma derrota do movimento popular, cuja causa fundamental deve ser buscada na direção daquele processo, que foi fundamentalmente a força do reformismo. O Partido Comunista e o Partido Socialista.

Esta não é uma reflexão feita apenas por nós, militantes do MIR chileno. É uma visão compartilhada pelo movimento operário mundial, inclusive por vários teóricos do PC da URSS e mesmo por alguns dirigentes dos principais partidos da Unidade Popular.

Porque veja bem: a Unidade Popular controlava o governo. O maior parte do movimento operário do Chile em outubro de 1972, ocasião do "lock-out" patronal, as possibilidades de desenvolvimento pacífico do processo revolucionário já tinham se esgotado, e era imprescindível passar para outra fase da luta. Era necessário mudar o programa inicial que a Unidade Popular havia colocado; desenvolver ao máximo o poder popular que já existia em toda parte, preparando a via armada para o desenvolvimento do processo revolucionário chileno.

Mas mesmo com a presença do PS e do PC chileno, não seria possível uma resistência armada ao golpe?

Quando, em 1972 se produz o "lock-out" patronal, inicia-se uma polarização política em grau extremo na sociedade. Ocorre então uma luta entre o setor revolucionário e o setor reformista da esquerda, um procurando aprofundar o poder popular em curso, o outro procurando paralisar e desmontar esta iniciativa, ao tentar conter o processo dentro dos canais institucionais. A partir de março, há um processo constante de concessões por parte da Unidade Popular à força burguesa em todos os planos.

Isto vai ser muito mais grave quando da primeira tentativa de golpe por parte da reação, e que foi a última oportunidade que teve o governo de Allende de passar à ofensiva, quando tinha todas as condições políticas para isto. Naquele momento, o movimento popular contava ainda com um grande apoio e mesmo dentro das forças armadas havia um trabalho de conscientização importante.

Mas, o governo da Unidade Popular iniciou um processo de integração das forças armadas ao governo, delegando a elas uma série de responsabilidades. Não puniu nenhum setor golpista e inclusive perseguiu soldados e marinheiros que se opuseram ao golpe. Foi esta política que abriu, em definitivo, o caminho para a ofensiva contra-revolucionária e o triunfo do golpe de Estado. O que se passa no Chile em setembro é a consumação de uma derrota política que ocorreu de fato quando do primeiro intento golpista.

As massas e o golpe

Como se desenvolveu o movimento popular no Chile após o Pinochetazo?

Pouco depois do golpe, há uma resposta quase espontânea das massas, pois estas encontravam-se sem direção e a nossa força política era muito pequena. Apesar da profundidade do golpe, a verdade é que o movimento de massas chileno nunca foi totalmente sufocado, conservando sempre um certo grau de iniciativa e organização. Após o golpe, as primeiras manifestações de massa no Chile se vincularam ao protesto pelo fuzilamento e assassinato de presos políticos, uma manifestação política típica de um período de contra-revolução. Mas, o importante é que a partir daí inicia-se um processo de reconstrução do movimento sindical, estudantil e camponês tanto no plano legal quanto ao plano clandestino. Começam a haver pequenas assembleias de fábrica, pequenas sementes de organizações estudantis, até chegar-se ao momento atual, no qual tanto o movimento sindical conquistou mais espaço, como se expandiram as formas clandestinas de organização. Durante todo este período o problema mais agudo que tivemos que



Uma mobilização do MIR

enfrentar foi o das divergências acerca da tática de como enfrentar a ditadura militar.

Você pode traçar para a gente um quadro atual da esquerda chilena?

Após o golpe, surgem duas linhas básicas na esquerda. Uma, fundamentalmente do Partido Comunista e demais partidos da Unidade Popular, caracteriza a ditadura militar como fascista, considera muito restrita a sua base de sustentação, reduzida ao capital financeiro, aos círculos mais reacionários do capital oligopólico nacional e internacional. Colocam então uma estratégia de aliança com setores da grande burguesia chilena. Isto fez com que a Unidade Popular, durante estes seis anos carecesse de iniciativa própria na luta contra Pinochet. Hoje, ela procura de fato derrubar Pinochet e colocar em seu lugar um governo formado por forças burguesas menos repressivas. Mas a UP é agora uma frente em crise. Cada partido faz o que acha melhor. Há uma pressão muito grande da Democracia Cristã e outras agremiações burguesas para que esta desagregação se acelere, tentando levar alguns setores de esquerda para posições social-democratas. E neste processo todo, acreditamos ser bastante difícil a situação da esquerda e julgamos imprescindível forjar uma fórmula que permita à esquerda chilena em seu conjunto unificar-se em torno a uma plataforma mínima de luta para a condução do movimento popular.

E o Movimento de Ação Popular Unificada?

O MAPU chileno sofreu um processo de crise interna bastante agudo, teve várias crises e até o ano de 77, não participava da Unidade Popular. Mas, a partir de 78, prevaleceu uma política mais direitista, de volta à UP, em detrimento de alianças mais à esquerda com o MIR, por exemplo. Apesar das relações cordiais que temos, o MAPU hoje alinha-se àquelas forças que não consideram essencial a luta armada para a derrubada da ditadura de Pinochet. Esta, é aliás, a principal divergência que temos não só com eles, mas com a maior parte da esquerda chilena, que são contrárias ao desenvolvimento da propaganda armada e ao desenvolvimento da luta armada no Chile.

A unidade da esquerda

Mas você falava da unidade da esquerda. E qual a plataforma de unidade possível?

Acreditamos que a unidade deve ser determinada pela necessidade da derrubada revolucionária da ditadura, para substituí-la por um governo democrático e popular que agrupe todas as forças que lutem consequentemente contra a ditadura. Este é na verdade um ponto de divergência entre

nós e a UP. Não concordamos em fazer uma frente orgânica com a Democracia Cristã mas apenas algumas lutas comuns com ela. Tais lutas comuns permitiriam por exemplo, conquistar as bases populares e da pequena burguesia democrata cristã que apresentam uma forte disposição unitária. Neste sentido o processo da Nicarágua é exemplar: o grau de contradição entre setores da burguesia nicaraguense e o somozismo, é muito maior do que o existente entre a Democracia Cristã, Frei e a ditadura militar chilena. A política desenvolvida pela Frente Sandinista, sobretudo depois de setembro de 78 permitiu que, lado a lado com a oposição democrática popular por ela capitaneada, se desenvolvesse um enfrentamento entre tais setores da burguesia e a ditadura. Mas, definitivamente, a Frente Sandinista teve a capacidade de manter a independência da luta operária e popular contra o somozismo, e a partir da insurreição ganhar a hegemonia no processo. E isto vai se refletir depois na formação do Movimento Povo Unido, que incluirá as forças burguesas mais consequentes.

Já no caso chileno, a política de aliança com a DC deixa nas mãos desta a condução e as iniciativas da luta, o que tem consequências nas formas de organizações e de luta, uma vez que se tem de dar garantias a ela, impedindo a organização autônoma e o enfrentamento militar, dado que a burguesia só admite a luta militar dentro das forças armadas, de convencimento do exército contra a ditadura. Outro grande ponto que achamos necessário a uma luta unitária contra a ditadura é o impulso às formas de luta independentes da classe operária e do campesinato, e a necessidade de que o movimento não só encaminhe uma linha de massas corretas, mas que também desenvolva uma política de acumulação de forças militares, baseada no relançamento das conspirações no interior das forças-armadas, entre os soldados, e alguns setores ainda pequenos do oficialato, que começam a se cansar da ditadura.

As formas de luta

Mas, em que momento da realidade chilena se coloca a luta armada: desde agora, ou mais tarde?

Eu creio que já desde o golpe está colocada a possibilidade de luta armada. Nos períodos de refluxo, a luta armada tende a assumir um papel importante. A derrubada da ditadura só pode se dar quando a luta aberta das massas se combinar com a formação de seu polo armado. Neste momento as condições para esse trabalho estão dadas, já podemos ver as formas embrionárias de organização popular nas associações de auto defesa que estão aparecendo nos bairros de Santiago e de Concepción, na luta contra a ingerência da polícia, contra o desalojamento nas habitações e na luta

dos Mapuche contra a política agrária de monopolização de terras empreendida pela ditadura. Em todas as manifestações de rua que ocorreram ultimamente, principalmente no 1º de Maio, a população organizou pequenos destacamentos de autodefesa, para proteger o desfile. Por outro lado, ao nível das vanguardas nós preconizamos ações armadas de propaganda, através de destacamentos de auto defesa dos partidos, por exemplo através do assalto a caminhões de comida e a distribuição de seu conteúdo nas poblaciones, a tomada de rádios para transmitir a nossa propaganda, ações nas portas de fábrica ou nos ônibus de operários.

A experiência da esquerda latino americana mostra-nos diversos intentos fracassados do tipo que você preconiza, nos quais a esquerda acaba se isolando, chegando ao aniquilamento físico. Você não acha que essa política pode levar a uma trágica repetição, sem um sólido apoio de massas?

Nós achamos que existiram ações armadas em que a esquerda foi derrotada, mas também tivemos experiências exitosas. E não podemos esquecer que as duas únicas vezes em que a luta popular democrática na-AL foi vitoriosa — na Nicarágua e em Cuba, a estratégia adotada foi a de luta armada. Assim, acreditamos que ao lado dos reveses sofridos, devemos também estudar o que aconteceu em Cuba e principalmente no caso exemplar da Nicarágua. Nós do MIR chileno estamos convencidos dessa estratégia. Ao contrário do que se poderia pensar, com a ação armada que começamos a desenvolver nos últimos deztoito meses, a nossa organização é a que vem sofrendo menos baixas. A repressão chegou a um ponto máximo, não pode ir mais longe do que já está. Assim, se nós tivéssemos adotado essa política há mais tempo perderíamos menos quadros. Com a política de propaganda militar nós conseguimos a reorganização de nosso partido a nível nacional e conquistamos um espaço político maior. Nosso principal problema no momento atual é passar a formas superiores de mobilização do movimento de massas e conseguir fazer da ação armada o canal por onde passe o protesto popular.

A conjuntura favorável

Como o MIR acha que vai se desenvolver o processo político daqui para frente em termos organizativos?

Nós achamos que o movimento revolucionário em todo o cone sul foi profundamente derrotado ao longo desta década, não só militarmente mas também ideologicamente. Todos pensavam que a luta pela democracia e pelo socialismo estavam muito distantes, ninguém imaginava que a Nicarágua fosse possível. Hoje a correlação de forças tanto a nível mundial quanto a nível de América Latina é bastante favorável, com o desenvolvimento de diversos movimentos de liberação e com o fortalecimento do campo socialista. Assim a conquista do poder pela classe operária é hoje muito mais possível do que há alguns anos atrás. Nós acreditamos que nunca se acumularam tantas contradições nos países do cone sul como hoje, a ponto de todos verem a possibilidade de uma aliança entre a classe operária e o campesinato e a pequena burguesia para constituir um bloco social para a construção de uma alternativa socialista.

No caso particular do Chile o capitalismo acumula uma série de pontos débéis que, como até a ditadura reconhece, vão desembocar numa séria crise no ano próximo. A retomada do movimento de massas em nosso país é bastante ampla nesse momento e tem tendência a se ampliar ainda mais no futuro. Acreditamos que a História da América Latina se acelerará bastante daqui para frente, articulando a luta pela democracia com a luta pelo socialismo. Por sua vez, a esquerda revolucionária latino-americana vem se desenvolvendo cada vez mais, num profundo processo de dessecularização, abrindo-se para frentes, para alianças que concretizem a unidade das forças populares, entender do seu caráter fundamental a partir das experiências cubana e nicaraguense.

Leia a experiência dos cordões industriais na pág. 16

PT 1036.126

A herança de Poulantzas

... "Não pretendo falar em nome de um marxismo autêntico... assumo a responsabilidade do que escrevo e falo em meu nome." (Nicos Poulantzas: *L'Etat, le pouvoir et le socialisme*, PUF, 1968).

Nicos Poulantzas, nascido em Atenas em 1936, vivendo em Paris desde 1960, autor de vários livros de análise do Estado, professor em Paris VIII (Vincennes) e na Ecole de Hautes Etudes, suicidou-se.

Toda a morte é uma violência que ultrapassa nossa racionalidade, mesmo quando é escolhida num ato de liberdade. Assim é a morte de Poulantzas.

Desde 1968, quando publicou *Poder Político e Classes Sociais no Estado Capitalista*, sua obra passou a ser referência obrigatória em todos os estudos sobre o Estado capitalista e a esfera do político.

Seus últimos escritos, enfatizando a natureza do Estado como resultado de uma correlação de forças sociais serviram de suporte teórico para as posições eurocomunistas. Crítico quanto às possibilidades de uma revolução segundo os modelos clássicos, Poulantzas revalorizava o papel do Parlamento e das instituições burguesas como espaço da luta de classes, sem que isso fizesse dele um apologista do liberalismo. Entre os "auspícios e a fécula da democracia liberal avançada" e o espectro de um socialismo não democrático, Poulantzas buscou em vão a fórmula do equilíbrio que permitisse "avancar tranquila e firmemente ao socialismo democrático". Terá talvez perdido a esperança equilibrista.

(Beth Lobo)

EUA:

O papa é um sucesso

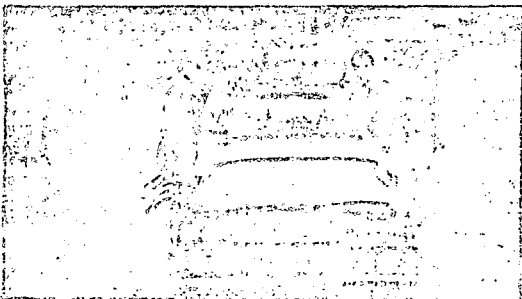
O turismo pontifício está alegrando cada vez mais os setores conservadores do mundo ocidental. Depois do México, Polônia e Irlanda, João Paulo II fez uma romaria de 6 dias pelos EUA onde foi recebido de forma típica, com faixas que o saudavam como o John Travolta da religião.

De Nova York a Washington milhares de pessoas se reuniram nos mais diferentes lugares, das praças públicas aos estúdios esportivos para ouvir os comícios do papa pela paz mundial, uma praxe do sumo-pontífice.

Sobre o racismo, a injustiça social e outros demônios americanos, João Paulo II apenas lamentou que os deserdados da sorte continuam a viver sem esperanças, o que arranca calorosos aplausos da multidão. Antes na Irlanda ele pediu de joelhos ao IRA que abandonasse a violência mas não exigiu à 1ª Ministra conservadora, Margaret Thatcher que retirasse os 13 mil soldados britânicos daquele país.

Nos EUA João Paulo assistiu impassível a manifestação de freiras feministas ávidas pela ordenação e de padres descontentes com o celibato. Mas deixou claro que não moverá um pilar da vetusta instituição eclesial para atender às reivindicações dos católicos progressistas. Enfim, um perfeito conservador, o que levou a grande imprensa americana a qualificar sua viagem aos EUA como "um sucesso absoluto".

(Wlma Amaro)



Em Boston, com os agentes de segurança.

Irã:

A dominação burocrática

A rebelião curda serviu de pretexto para o fechamento de jornais, a prisão de milhares de militantes de esquerda e o restabelecimento da censura. Agora, Khomeini invocando sua condição de chefe das Forças Armadas, vem ampliar em dois meses o prazo de serviço militar dos jovens que deverão defrontar-se com as guerrilhas curdas.

É sintomático que o carisma — um tipo de liderança difusa — já não sirva a Khomeini, e que este deva referir-se ao poder exatamente oposto, o controle da burocracia militar. Ou seja, a unidade em torno da figura carismática de Khomeini (e, em certa medida, em torno do aparelho religioso viciado) se desfaz e cada setor social apresenta agora reivindicações que vão muito além da imprecisão do discurso islâmico. Certamente, este discurso serviu de capa à normalização capitalista em curso, mas a maioria dos militantes dos comitês Khomeini não tinha nada a ganhar neste processo e é possível que tendam a se ver cada vez mais como operários, desempregados, camponeses pobres e médios. Assim, mais do que nunca a esquerda iraniana precisa de um programa unificador das várias camadas sociais — algo que Khomeini parece estar conseguindo no polo repressivo pela descoberta das virtudes da dominação burocrática.

(C. E. Matos)

China:

Rumo ao Leste-europeu?

Enquanto a atual direção do PC chinês amplia as críticas a Mao Tse Tung afirmando com todas as letras que a Revolução Cultural foi um período de anarquia próxima à da Guerra Civil e a grande responsável por todas as dificuldades que o país vem atravessando, muitas análises recentes chamadas do Nordeste da China assinalam com freqüentes de fome e miséria, inadmissíveis até então. As modificações econômicas na China estão apontando para reformas descentralizadas e para as empresas estatais o estabelecimento de critérios de rentabilidade econômica — justamente o que os países desenvolvidos alcançaram na U.E.S.S. afirmando o caráter capitalista do leste europeu.

(B. Grams)

Metalúrgicos Rio: O sindicato e a greve

Companheiros,

A matéria sobre a greve dos metalúrgicos do Rio publicada no nº 83 traz incorreções de vulto que não podem passar sem retificação:

1º) As divergências sobre o PT não causaram posições diferentes sobre a greve. O raciocínio de quem escreveu o artigo é simplista, superficial e mecânico. A greve foi decidida pelo conjunto da categoria. A posição das lideranças foi unânime no dia 11/9 em defesa da greve. No dia 16/9, domingo, houve divergências entre as lideranças sobre a continuidade ou não do movimento, tendo a assembleia decidida pela sua continuidade. Na 2ª feira não houve oradores favoráveis à continuação da greve e mais uma vez a unidade foi decisiva para manter as conquistas e impedir a intervenção ministerial.

Inferir, sem maiores fundamentos, a ideia das "duas vertentes no sindicalismo carioca" é mais uma vez, simplismo.

2º) A posição do companheiro Oswaldo Pimentel, presidente do Sindicato, não pode ser acusada de manobreira. Manteve e assumiu as decisões das assembleias. A diretoria em seu conjunto é reconhecidamente débil e alguns de seus integrantes não assumiram a greve.

É levianidade dizer que a diretoria "já traiu por seis vezes a categoria" sem dizer de forma clara que ocasiões foram essas.

3º) Diferentemente de São Paulo, aqui no Rio não existe uma oposição sindical metalúrgica. No decorrer da campanha surgiram alguns panfletos assinados por um "grupo de articula-

ção de oposição sindical" sem que um só orador, em todas as assembleias, tenha assumido suas posições. Diferente mente de São Paulo, no Rio, apesar de todas as limitações da diretoria, existem condições de trabalho e de atividade na vida sindical que não exigem, pelo menos por enquanto, a formação de uma oposição.

4º) O movimento foi suspenso na 2ª feira devido a um conjunto de fatores: a debilidade das organizações de base, comissões de área e de fábricas, nossa inexperiências, falta de estrutura, a debilidade da diretoria e a posição dos setores conciliadores e reformistas dentro do movimento sindical que tudo fizeram para sabotar a greve. Em Caxias, na 2ª feira foi desmobilizado todo o esquema de piquetes para furar a greve.

O artigo coloca todas as falhas em cima da diretoria sem colocar uma visão de conjunto e aprofundar a questão do boicote dos setores reformistas este sim um fato importantíssimo para servir de alerta para futuras movimentações.

Grupo de metalúrgicos do Rio

Sobre a democracia no ME

Caro Flávio Andrade,

Há alguns meses você tentou, na matéria "Um balanço do Congresso" (Em Tempo nº 67), fazer uma avaliação do XXXI Congresso da UNE, realizado na Bahia. E você, na citada matéria, tudo fez para mostrar os resultados do Congresso como uma vitória única e exclusiva de uma suposta e pretensa "corrente socialista", que veio posteriormente a formar a chapa "Novação", terceira colocada nas recentes eleições da UNE.

Para provar a vitória da dita

"corrente socialista" você não hesitou inclusive em se omitir completamente a respeito de uma das principais, senão a principal decisão do Congresso: as eleições diretas da primeira diretoria da UNE reconstruída. Isto porque a tal "corrente socialista" defendeu que a diretoria fosse eleita num outro Congresso, enquanto a proposta vitoriosa de eleições diretas era defendida pelos grupos hoje vitoriosos através da chapa "Mutirão".

Eis que, não sem surpresa, vejo no último número de "Em Tempo" uma matéria sua, onde você tenta questionar o acerto que foi a realização das eleições diretas. E infelizmente, você usa para isso o mesmo argumento do regime: a baixa participação (?). Que baixa participação se numa eleição livre, onde a participação foi voluntária, votaram quase 350 mil estudantes?

Na preparação do Congresso de Salvador participaram cerca de 70 mil estudantes. Se esse número foi cinco vezes maior hoje, não há como negar o significado que tiveram as eleições diretas e muito menos tentar minimizar a vitória contra a ditadura que elas representaram. Vitória dos estudantes e de todo o movimento popular.

Se a eleição em congresso possibilitaria maior profundidade nas discussões as eleições diretas garantiriam a mais ampla participação dos estudantes. As mais de mil faculdades que dela participaram estão aí para comprovar.

Sérgio Alli

Companheiro Alli,

Deixando de lado o fundo de nossas divergências sobre o movimento estudantil — que é a única razão que encontro para sua carta — cabe no entanto registrar aqui neste curto espaço: 1) Não afirmo que o congresso de Salvador foi vitória "única e exclusiva" da corrente socialista; 2) Julgo que a forma congresso é a mais democrática por reunir todas as vantagens do sufrágio universal e, muitas outras mais elevando a democracia para além da concepção liberal burguesa; 3) Apesar da derrota da ditadura agora com estas eleições, as próprias lideranças do ME estão já tendentes a avançar nesta questão para os próximos anos.

Flávio Andrade

Ciclo de cinema Sindicato dos Bancários de São Paulo

Próxima Apresentação: "Paisá", de Roberto Rossellini, 1946
Dias 13 e 14/10 (sábado e domingo) às 18 horas
Local: Rua Florêncio de Abreu, 270 - Centro - SP (Sede dos Metroviários) Ingresso: Cr\$ 20,00

Leia e assin

COMPANHEIRO

Uma imprensa que luta contra a ditadura e a exploração

Semestral Cr\$ 120,00

Anual Cr\$ 240,00

Anual para o exterior \$ 70

Cheque nominal para Editora Avante Ltda.
Rua Itapeva, 28 — Bela Vista.
CEP 01332 — São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

Cep: _____

Estado _____

Bairro: _____

Profissão: _____

Cidade: _____

EM TEMPO

Rua Marheus Greu, 57 - Pinheiros - São Paulo - CEP 05415 - Telefones: 4859/85.6660

CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO:

Eder Sader (presidente) Aluísio Marques, Antonio Heller, Antonio Jorge, Carlos Tiburcio, Flávio Aguiar, Flávio Andrade F. Pereira, João Batista dos Mares, Guita, José Luiz Nader, Marcelo Beraba, Marcelo Aurélio Garcia, Paulo Cavalcanti, Raul Pont, Robinson Ayres, Sérgio Alli, Tom Duarte, (suplentes): Lucy Ayalla, Maria Arany, Roberto Rodrigues, Souda Starling, Valmir Menezes).

DIRETORIA:

Flávio Andrade (presidente), Carlos Tiburcio, José Luiz Nader, Marcelo Aurélio Garcia, Robinson Ayres.

EDITOR-CHEFE:

Carlos Tiburcio.

SEU RETARDO DE REDAÇÃO:

Robinson Ayres.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Robinson Ayres.

REDAÇÃO:

F. Pereira, Antonina, Silveira, Flávio Andrade, Sérgio Alli, Elvira Oliveira, Maria Cândida, Rellon Fracalossi, Eder Sader, Marcelo Aurélio Garcia, Tom Duarte, Guido Mantega, Vilma Amaro, João Machado, Olga Maria, Elizabeth Lobo, Roberto Gram, Virginia Pinheiro, Eliezer Rezende de Oliveira, José Veiga, Flávio Aguiar.

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E SECRETARIA GRÁFICA:

Paulo Roberto M. Borges, Sérgio Panni, Ilustração: Sian, Martinez,

Cadinho, Claudio Natal, Beto Marizinho, Nilson e G.M.D.: Fotos: Jesus Carlos, Emílio Braunis Filho.

SUBCRIBAIS: Beto Horizonte: (R. Bernardo Guimarães, 1884 — Tel. 335-7733) Alberto Duarte, Ernesto Passos, Fernando Miranda, Fêlio Santos, Maurício Góndim, Paula Regis, Paulo Vilas, Ricardo Rabelo, Sérgio Asparuh, Jucarez Guimarães, Sandra Starling, João Batista, Maria Araújo, Amarildo, Porto Alegre: (Av. Osvaldo Aranha, 1407 — Loja 20) Ana Barros Pinto, Carlos Avilino, Gerson Schner, Sova, Adão Capa, Claudio Almeida, Flávio Siqueira, João Rodrigues Soares, Luiz Alberto Rodrigues, Lucy Ayalla, Raul Pont, Rio de Janeiro: (Praça de Botafogo, 316,

São Paulo: Beatriz Fomer, Paulo Cavalcanti, Roberto Rodrigues, Marcos Gomes, Valmir Menezes, Joaquim Soriano, Hugo José Cuminho, Lavina, Marcelo Beraba, Salvador: (Av. Joana Angélica, nº 8,

Caruaru: (Av. Salá, 44) Avelino Oliveira, João Honório, Antonio Jorge, Antonio Dias, Antonio Heller, Emiliano José, Dalton Góndim, Lina Maria.

EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S/A — Rua Bernardo Guimarães, 1884 —

Fourdeux, Belo Horizonte —

Telefone: 35-7774, Distribuidora Superbanca Ltda. R. Uboldino 4

do Amaral, 42 — R. Compagnoni 4

Impressão: Empresa Jornalística AFA Ltda — Av. Liberdade, 742 —

São Paulo — SP — Fone: 28-9010.

CLARE

Experiência de organização operária OS CORDÕES INDUSTRIAIS

Por Eder Sader

Não é demais insistir sobre as antigas tradições de luta e experiências de organização sindical e política do proletariado chileno. Foi a partir das minas de salitre do norte que se iniciou uma sólida resistência à exploração. Em 1907 o exército efetuou o já célebre massacre de mais de 3 mil operários em Iquique. Em 1909 os trabalhadores organizaram sua primeira central sindical. Um de seus fundadores, Luis Emilio Recabarren, será também fundador do Partido Operário Socialista em 1912 que, 10 anos depois, se transformará em Partido Comunista. Em 1933 funda-se um Partido Socialista com fortes bases proletárias. Diferentemente de outros países latino-americanos, essa organização sindical tem um crescimento continuado, as idéias socialistas se mantêm dominantes.

Mas esse proletariado formado numa experiência independente através de sindicatos classistas e partidos de esquerda, foi também formado por suas orientações economicistas e eleitoralistas. "Economicistas" na medida em que a prática sindical quase se resumia ao aproveitamento do poder de negociações dos operários das grandes unidades produtivas (principalmente das minas e das grandes empresas) para lutarem por elevações salariais. Em consequência, os trabalhadores das pequenas e médias empresas, sem falar do sub-proletariado, sem a negociação, viam suas condições de vida deteriorarem progressivamente. "Eleitoralistas" na medida em que a prática política quase se limitava em votar nos candidatos dos partidos de esquerda esperando o dia em que eles chegassem ao poder.

De todos os modos, esse movimento popular massivo deixou suas marcas no próprio aparelho de Estado chileno. Já nas eleições presidenciais de 1938 foi vitoriosa uma Frente Popular formada pelos partidos Radical, Comunista e Socialista. Alargaram-se as conquistas democráticas mas o fundamental foram as políticas em favor da industrialização. No fim a exploração continuou. O último governo de Frente Popular, constituído em 1946, terminou desatando uma repressão anti-comunista, pondo termo à colaboração em torno da industrialização capitalista.

Neste outubro faz 7 anos uma das experiências mais avançadas de luta operária em nosso continente. Quando em outubro de 1972 a burguesia chilena promoveu uma paralisação do país para derrubar o governo de Allende, a classe operária respondeu com a construção generalizada de cordões industriais e comandos comunais que representaram efetivamente o embrião de um novo poder. Suas características, cheias de ensinamentos para o movimento operário latino-americano devem ser buscadas no conhecimento das tradições do movimento operário e popular chileno e também da conjuntura das lutas de classe naquele período aberto pelo governo da Unidade Popular.



Em outubro desse mesmo ano a direita organiza uma "paralisação geral do país". Aproveitava-se da crise que ela mesma havia criado para sabotar a produção e da vacilação do governo para enfrentá-la. O governo havia resolvido elevar os preços, conter os salários e as nacionalizações para com isso tranquilizar os proprietários e estimular as inversões privadas. Acontece que a direita aproveitou para denunciar cinicamente a inflação e o "descalabro do socialismo".

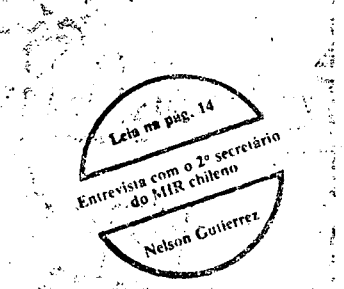
«É um governo de merda mas é meu»

No entanto, a reação popular não foi à que a direita esperava. Dizia um cartaz de concentração de massa nesse momento: "É um governo de merda mas é meu governo". Quando os patrões pararam seus negócios, os trabalhadores ocuparam centenas de novas indústrias, centenas de empresas, tomaram o controle dos transportes e abastecimento. No lugar de uma rede urbana capitalista que parava para derrubar um governo popular, perfilava-se uma nova trama de relações, de fraternidade entre os explorados. Naqueles dias de outubro, comitês de vigilância, grupos que tomavam caminhões e enfrentam a direita para efetuar a distribuição direta nos bairros pobres, anunciavam um socialismo que queria nascer. Cordões e Comandos se multiplicaram pelo país.

Essa extraordinária mobilização popular impediu o golpe da direita em outubro e mostrou a possibilidade de uma via alternativa de organização social. Mas os setores dominantes no governo da UP, para tentar evitar um enfrentamento, preferiram outro caminho: chegar a novo acordo com a DC, os patrões e os setores reacionários no anelão de Estado. No momento de estimular aqueles órgãos embrionários de poder popular, o governo fez o contrário. E permitiu até que oficiais contra-revolucionários, em nome de uma "legalidade" que eles rasgariam em seguida, fossem efetuados batidas nas empresas nacionalizadas para apreender armas e materiais subversivos.

Em setembro de 73 esses oficiais terão a vantagem de terem podido antes desarmar os principais focos de mobilização autônoma. Ainda assim, gastaram muita munição antes de entrar nas áreas dos cordões, onde começaram os fuzilamentos que se prolongariam por vários meses. Num outro canto da cidade, também Allende e seus companheiros cairiam igualmente pelas mãos dos oficiais que tinham lhe jurado lealdade.

Uma grande quantidade dos mortos em setembro de 73 e nos meses que seguiram foram aqueles homens e mulheres que haviam dado vida à extraordinária experiência dos cordões. A preservação do Chile capitalista tinha que passar por cima de seus cadáveres. Mas até hoje na memória dos trabalhadores desse país aqueles feitos estimulam uma resistência que haverá de varrer os pinochets, como fez com outros somnolentos da nossa história. E aquela experiência de controle da produção, de fraternidade entre trabalhadores da construção e moradores sem casa, fará certamente retornarem o caminho de uma sociedade sem exploração.



Um período pré-revolucionário

A vitória da Unidade Popular em 1970 já é fruto de um extraordinário ascenso do movimento de massas no país, progressivo desde o começo dos anos 60 e acelerado a partir de 67. De um lado o fortalecimento das organizações operárias, camponesas e populares. De outro, a onda de essa onda ameaçadora, a divisão nas forças dominantes entre um setor — a DC: Democracia cristã — que queria neutralizá-la realizando algumas reformas; e um outro (a direita tradicional) que queria enfrentá-la pela força. Já o governo de Eduardo Frei (DC) de 1964 a 1970 havia sido uma tentativa de conter a revolução através das reformas burguesas. Algumas concessões e muita demagogia e paternalismo. As concessões foram o bastante para irritar a velha oligarquia e o paternalismo não chegou a enganar o proletariado. Em 1970 ganha Salvador Allende, apoiado por uma coalizão popular que se propunha lutar pelo socialismo.

Essa vitória evidentemente colocou em pauta a questão do poder e da revolução proletária. A constituição do governo da UP acarretou de imediato uma melhoria nas condições de vida das massas, uma enorme ampliação das liberdades políticas e sindicais e, sobretudo, um grande sentimento de auto-confiança no povo. Mas se a questão do poder estava colocada, ainda não resolvida. A UP pretendia chegar lá através de uma progressiva democratização do aparelho de Estado. Mas a direita ainda dominava o parlamento, o judiciário, sem falar das forças armadas. Além disso, o poder econômico continuava nas mãos dos capitalistas. A contradição teria que ser resolvida no terreno das lutas de classe.

A questão do poder permaneceu encoberta por algum tempo. As massas esperavam que o caminho lhes fosse aberto "por cima", pelo companheiro presidente. Mas "por cima" o projeto de ocupação gradual do aparelho de Estado esbarrava com a feraz resistência dos políticos burgueses e da própria burocracia estatal reacionária. E até mesmo os projetos de ampliação da participação popular nos órgãos de decisão nas empresas e em organismos estatais locais enfrentaram a inercial resistência suntuosa aberta

boicote de uma burocracia classe de seus privilégios e aculada pelas classes dominantes. Só uma dedicada parcela de funcionários que eram também militantes de esquerda se esforçavam para mudar a situação. Mas a situação mudou de modo imprevisto. Foi em junho de 1972, quando começava a ficar evidente para setores significativos da classe os limites da "via parlamentar". A política redistributivista do governo se esgotava ante a sabotagem descarada da burguesia que não reinvestia seus lucros e se lançava ao mercado negro. Enquanto isso, no parlamento e no judiciário, a direita impedia medidas legais para as nacionalizações. Para alguns setores da classe surgiu a consciência de que eles é que deveriam tomar a iniciativa. As proposições do MIR e de uma esquerda do Partido Socialista no sentido da formação de Conselhos de Trabalhadores encontraram finalmente uma conjuntura favorável.

Operários e moradores

Os operários de 3 indústrias no "cordão cerrilhos" ("cordão" designava uma área urbana estruturada em torno de uma grande via de comunicação, sendo Cerrillos uma das mais importantes concentrações industriais), que lutavam para que elas fossem nacionalizadas começaram a enfrentar as vacilações do governo. Constituíram um "Comando Coordenador de Lutas" de Cerrillos a partir de direções sindicais (no Chile os sindicatos se formam por cada empresa), delegados enviados pelas bases, juntas de moradores, outros comitês de bairros, etc. No dia seguinte eles ocuparam as fábricas e a região. O governo cedeu e eret "as nacionalizações. Um grande entusiasmo tomou conta dos trabalhadores da comuna. Enquanto "em cima", deputados da DC bloqueavam as tentativas da UP, nas bases trabalhadores democratas-cristãos começavam a participar das formas diretas de decisão nas empresas e nos bairros.

Essas nacionalizações, obtidas pelas pressões diretas das massas dão lugar a novas formas de direção nas empresas, com controle operário sobre a produção e a distribuição. Ao lado dos sindicatos surgem organismos de controle ope-

rário e amplia-se a democratização na produção. Um caso extraordinário foi o da Perlat, uma das 3 indústrias que lutavam pela nacionalização, empresa de alimentos em conserva. Seus trabalhadores constituíram depois um modelo de democracia interna e, após exercerem o controle e a direção operária local, passaram a orientar a produção em função das necessidades de consumo popular, alterando a linha de produtos e efetuando a distribuição diretamente para organizações comunitárias. Seu dirigente, Santos Romeo, trabalhador mirista, morreu fuzilado nos dias que seguiram o golpe de setembro de 73.

O êxito do cordão Cerrillos e dos outros que se formaram em seguida no ano de 72 e primeiro semestre de 73 esteve ligado à articulação entre as organizações dos trabalhadores nas empresas e as organizações de bairro.

Desde os anos 60 já vinham se multiplicando formas de organização e mobilização dos moradores dos bairros populares, principalmente em torno da reivindicação de habitação. Esse fenômeno foi importante por forjar nos bairros uma unidade entre a classe operária mais organizada, que já tinha experiência sindical, e as frações operárias menos organizadas, menos qualificadas, mais instáveis no emprego, e também o subproletariado e vastas camadas da população pobre.

A Democracia Cristã tinha pretendido organizá-los de forma assistencialista para fazer contra-peso à esquerda dominante nos sindicatos. Mas também a esquerda se fez presente nesse nível. A extensão de movimentos de moradia em casa, ocupando coletivamente terrenos urbanos e organizando-se para defendê-los, foi um elemento decisivo nesse processo. A presença então de comitês de moradores, de organizações autônomas da população pobre, de comitês de mulheres, de juntas de abastecimento, de "brigadas de alfabetização", de "clínicas populares", etc. é que vai permitir uma ação ao nível de cada comuna.

Mais tarde os cordões industriais se cristalizaram como os comitês de coordenação de lutas no nível da produção (distinguido-se dos sindicatos por assumir em já a questão do poder na base), enquanto os "comandos comunais" se estruturam como forma de coordenação desses organismos da produção com outros organismos de moradores em cada comuna, forjando então uma sólida unidade popular pela base.

ONDE ESTARÁS

a Jana Barroso e
Helenira Resende

Em que leito de rio correrá teu sangue,
em que escuro mangue baterá teu peito,
em que caminho duro andarão teus passos,
de que palmo de terra cuidarão teus braços?

Em que solo de guerra estará teu posto,
em que colo de serra deitará teu rosto,
que longínqua selva guardará teu rastro,
que macia relva velará teu sono?

Onde nascerá tua nova amora,
onde espreitará teu olhar agora,
onde brilhará o teu novo dia,
onde sorrirá a tua alegria?

Na ponta de rua,
na tua trincheira,
na noite sem lua,
noite guerrilheira,
na pobre morada,
na longínqua selva,
no seco sertão

E com você
junto a você
sempre em você
vai meu coração

Cárcere do Corpo de Bombeiros
do Recife, 1974

Autor: Oswald Barroso (Poemas do
Cárcere e da Liberdade. Pág. 20)

RE-UNE-ÃO

Vem companheiro estudante
e toma assento no banco
da mais bela reunião.
Nela, nada a ti é estranho,
porque farás a matéria
da tua própria lição

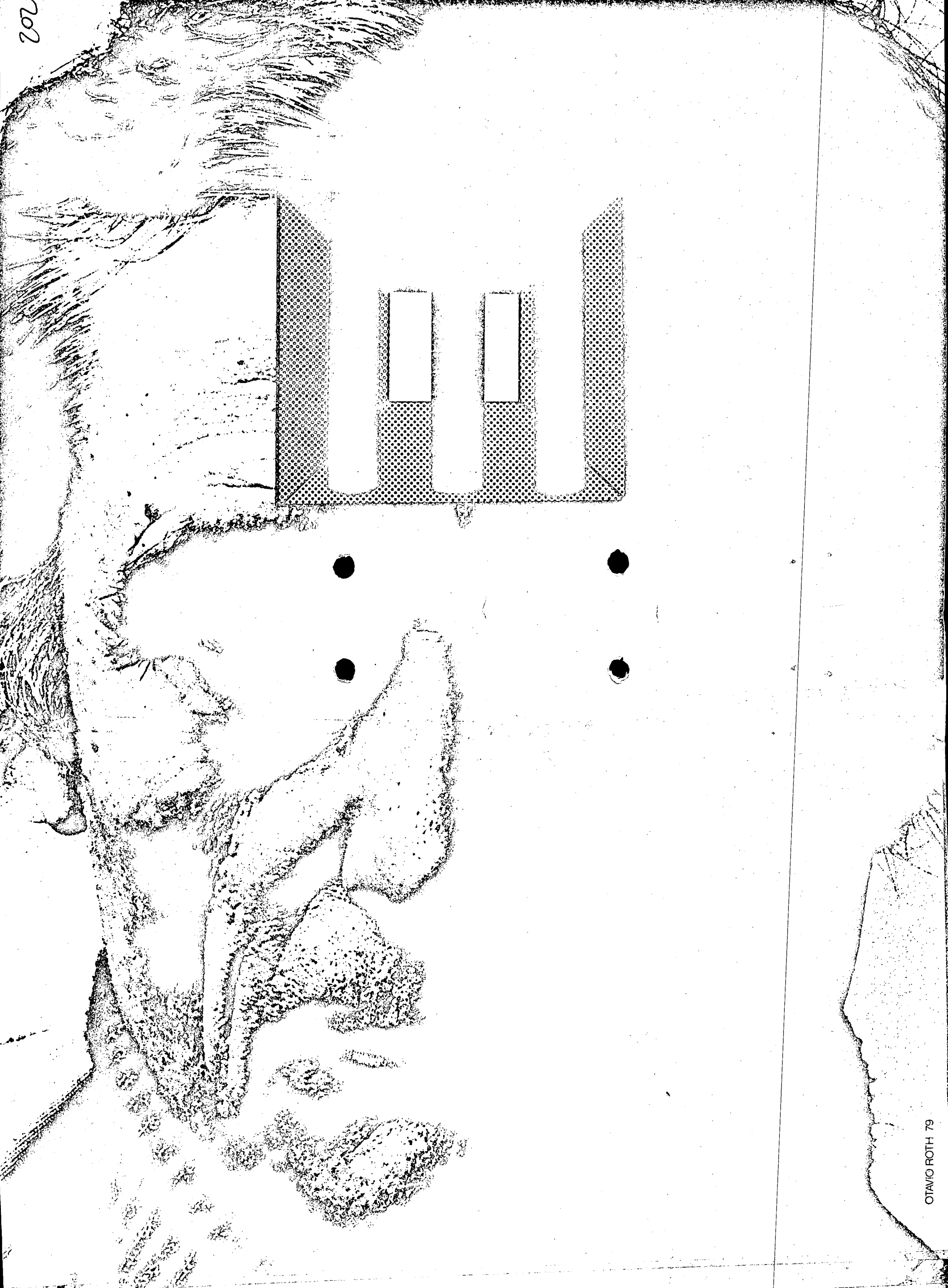
Não terás nenhum ditado,
tu serás sempre escutado
neste saber que se cria,
porque a UNE é uma escola
onde se aprende a ciência
da mais livre geometria

Vem companheiro estudante
toma em tuas mãos a bandeira
dessa nacional união.
Vem que ela é uma corrente
uma tocha que adiante
vai a cada geração.

Carregar essa bandeira
mantê-la sempre no alto
nunca foi fácil missão
mesmo quando ela era erguida
com som de hino e fanfarra
no centro da multidão.

Porém houve um negro tempo
em que ela era somente
um medo no coração.
Mas mesmo assim nos unia
num grande pacto secreto
ao povo dessa nação.

Autor : Oswald Barroso
Poemas do Cárcere e da Liberdade



OTAVIO ROTH: 79

A
 B
 C
 D
 E
 F
 G
 H
 I
 J
 K
 L
 M
 N
 O
 P
 Q
 R
 S
 T
 U
 V
 W
 X
 Y
 Z

NOTA DE REPÚDIO

Na tentativa de esvaziar o processo eleitoral para a União Nacional dos Estudantes, o general Figueiredo emitiu decreto, um dia antes das eleições, ameaçando punir todos os diretores das entidades estudantis empenhadas na reconstrução de nossa entidade máxima.

Se pensava o general atemorizar os estudantes com atos desta natureza, enganou-se completamente. O repúdio a este vil decreto foi demonstrado pelo conjunto dos estudantes ao comparecerem em peso às urnas elegendo a nova diretoria da União Nacional dos Estudantes e dando uma verdadeira lição de democracia à Ditadura Militar.

A diretoria eleita da UNE endossa firmemente esse repúdio e reafirma sua disposição de estar ao lado dos estudantes em caso de qualquer represália por parte do governo.

A UNE SOMOS NÓS!

A UNE É NOSSA VOZ!

ABAIXO A DITADURA!

DIRETORIA DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

FECHADO O RESTAURANTE DA USP

Nós alunos do Campus da EESC, novamente enfrentamos as consequências da política educacional do Governo.

O órgão assistencial da USP (COSEAS) que deveria arcar com os custos da alimentação dos estudantes, professores e funcionários não cumpre com isto, alegando sempre grandes gastos com a alimentação, optou no início do ano por contratar uma firma particular - a SELF-SERVICE, tendo isto provocado um aumento no preço das refeições, não só porque a firma visa o lucro como também pela desobrigação da COSEAS que não manteve sequer o controle da qualidade da comida.

NOSSO RESTAURANTE SE ENCONTRA FECHADO

Mais de quinhentos alunos que se alimentam no restaurante da USP diariamente estão sem ter onde fazer suas refeições.

Há muito tempo reclamamos e não foram tomadas as necessárias providências. A qualidade da comida continua péssima, são encontrados objetos e insetos diariamente nos alimentos.

Na semana passada houve o "estouro" do problema. Na terça-feira, dia 02, fomos atingidos por uma diarreia coletiva, provocada pelo fornecimento de alimentos estragados. Na quinta-feira, os funcionários, sem receber há três meses, deram prazo até o dia 12, ameaçando com greve, caso seus vencimentos não fossem saldados. Na sexta-feira, os responsáveis pela firma sumiram, fechando o restaurante. Provavelmente não houve quebra de contrato, uma vez que este era renovado a cada quinze dias em razão da falta de verba da USP.

E hoje, o efeito dessas poucas verbas não é sentido somente pelos órgãos da USP. Todas as Universidades estão sendo atingidas. Exemplos não faltam.

O nível de ensino é cada vez mais baixo. O salário dos professores e funcionários estão praticamente congelados, provocando um desinteresse pelo ensino e uma fuga da Universidade.

SOLUÇÃO DO GOVERNO PARA A EDUCAÇÃO

Ele enviou ao Congresso Nacional o "pacotão universitário", que implantará de vez o ensino pago em nosso país, transformando as Universidades em Autarquias especiais, isto é, elas serão sustentadas por grandes indústrias nacionais e multinacionais, submetendo a estas os salários dos professores e funcionários. Essa é a maneira encontrada para se "manter" a educação, sem gastar dinheiro.

E NÓS PERGUNTAMOS:

Onde está o dinheiro dos impostos pago pelo povo?

Dinheiro para grandes construções, que não visam o interesse do povo, como o acordo nuclear, grandes aeroportos, etc; dinheiro para Malufs e Atallas, existem. E para a educação?

Exigimos providências imediatas pela reabertura de nosso restaurante. Chega de pouco caso com a nossa educação.

Queremos verbas gastas para o bem dos brasileiros e não para encher o bolso de poucos.

Assembléia Geral dos Alunos do Campus de São Carlos - USP
09/10/79

BIOGRAFIA

HELENIRA RESENDE DE SOUZA NAZARETH, Vice-Presidente da UNE em 1969, nascida a 11 de janeiro de 1944, na cidade de Cerqueira Cesar, SP, filha de Adalberto de Assis Nazareth (Médico) e Euthalia Resende de Souza Nazareth.

Em julho de 1949 mudou-se para a cidade de Assis, onde passou a maior parte de sua vida.

No Grupo Escolar Dr. João Mendes Jr. fez o curso primário. O Ginásio e o Clássico cursou no Instituto de Educação de Assis.

"Helenira era brilhante. O tipo de aluna nota cem". (Depoimento de um professor).

"Nunca demonstrou ou manifestou gratuitamente sua posição política" (Depoimento de um de seus professores).

"Tinha uma grande preocupação com a sorte dos injustiçados, dos menos favorecidos. Dedicou-se a leituras marxistas e ao estudo das contradições entre classes sociais" (Depoimento de pessoa conhecida).

Sua liderança fez se notar quando da criação do Grêmio estudantil do Instituto de Educação de Assis, à frente do qual conseguiu o apoio de estudantes e ferroviários à candidatura de um político à Prefeitura da Cidade. Revelou-se grande oradora.

Como jogadora de basquete foi campeã em muitos torneios colegiais, tornando-se titular da Seleção da cidade e campeã em Jogos da Alta Sorocabana. Jogava como pivô.

No atletismo participou de provas em salto em altura.

Em fins de 1964 mudou-se para São Paulo, onde após ter cursado o "Cursinho do Crêmio", ingressou já em 1965, no curso de Letras da F.F.C.L. - USP.

Foi elemento de diretoria do Centro de Estudos de Letras e iniciou sua participação em reuniões do Grêmio e da UNE.

"Sobressaía-se com posições avançadas e com grande firmeza na defesa de suas propostas" (Depoimento pessoa conhecida).

Sua atuação se fez sentir com mais intensidade, em 1968, sendo presa no 30º Congresso da UNE, em Ibiuna.

Foi mantida incomunicável, no DOPS de São Paulo, por muitos dias, considerada líder na organização do Congresso. Transferida mais tarde para a Casa de Detenção do Carandirú, esteve presa durante dois meses.

Conseguindo habeas corpus pouco antes da edição do AI-5, passou a viver na clandestinidade.

No início de 1969 soubemos de sua eleição para a Diretoria da UNE.

Em 1972, soubemos que, em Assis, alguém dizia ter lido num jornal que Helenira havia sido morta em tiroteio, no Rio. Ao procurarmos esclarecimentos encontramos histórias desencontradas.

Tivemos receio de apelar para a polícia, pois, aparentemente ela ainda estava sendo procurada.

Acomodamo-nos nesta incerteza até 1978, quando começaram a ser publicados no Estado de São Paulo, artigos sobre o "Araguaia" onde identificamos algumas idéias de Helenira e ficamos atentos para a possibilidade dela ser um dos elementos da guerrilha. Nossa suspeita se confirma, quando no Congresso da Anistia (em Novembro de 1978) em São Paulo, tivemos oportunidade de conhecer José Genuino Neto.

Genuino afirma "Conheci Helenira, em 1968 no Congresso da UNE, em Ibiuna. Fomos da diretoria da UNE, juntos. Vivemos no Araguaia".

Em recente publicação de jornal, lemos :

....."O lugar onde estava vira uma poça de sangue" - contaram depois soldados do PIC (Pelotão de Investigações Criminais de Brasília)

..... E confirmam : A coragem da moça irritou a tropa. Helenira foi morta a baionetadas".

São Paulo, Outubro de 1979

Depoimento dos familiares.

MANIFESTO-CONCLAMAÇÃO À POPULAÇÃO DE SÃO PAULO

Conclamamos a todos, alunos, pais, entidades estudantis, sindicatos, associações profissionais, sociedades de bairros, clubes de mães, entidades eclesíásticas, e à população trabalhadora em geral, portanto, a todos aqueles que têm interesse direto em construir um processo educacional de acordo com as reais necessidades da população, a manifestarem estes seus interesses em conjunto com os professores.

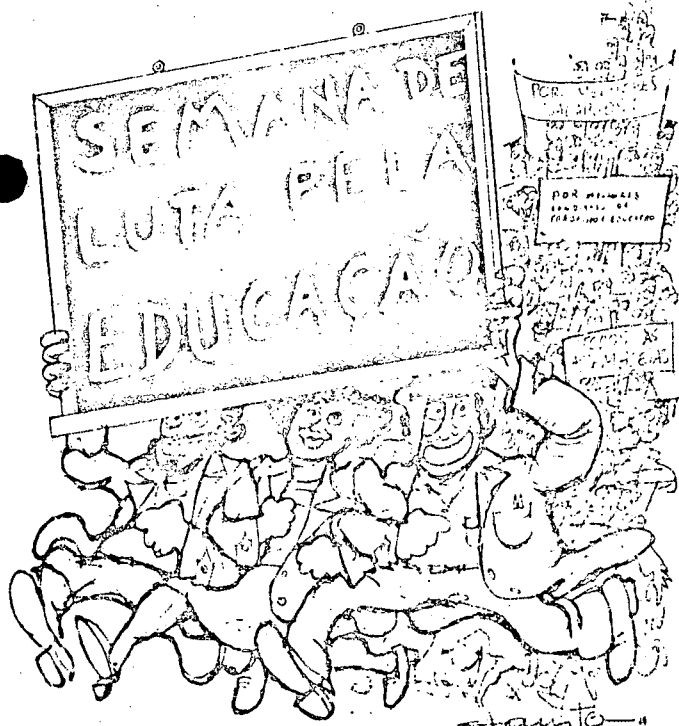
Não é de hoje, que estudantes, professores e demais profissionais de educação denunciam publicamente as condições em que se encontra o ensino em nossa terra:

1 — Escolas em péssimo estado de conservação, com paredes rachadas, quadros negros esburacados, lâmpadas queimadas, falta de laboratórios e bibliotecas, falta d'água, esgotos entupidos, enfim, péssimas condições materiais de ensino, onde não deixa de faltar até os elementares giz e apagador.

2 — Alunos carentes, sem recursos para aquisição de material escolar, como livros, cadernos, etc., com conhecidas deficiências alimentares, provocadas pelos baixos salários recebidos por seus pais, quando não, eles mesmos vindos de estafantes jornadas de trabalho, o que os torna sonolentos e pouco receptivos.

3 — Carência total nas escolas, de funcionários especializados como bibliotecários, laboratoristas, secretários, pedagogos, psicólogos, etc.

4 — Associações de Pais e Mestres (APMs), que não se voltam para a resolução destes problemas, nem para promover o comprometimento da escola



APEOESP

Associação dos Professores
do Ensino Oficial
do Estado de São Paulo

com os reais problemas da comunidade. Foram criadas com o objetivo de promover festas e quermesses, a fim de compor um fundo monetário para suprir as necessidades materiais das escolas, das quais o Estado aos poucos se desobriga, na perspectiva de implantação do ensino pago.

É neste quadro que se desenvolve o dia-a-dia do professor: um profissional que a exemplo dos outros citados, tem sido durante castigado com o aviltamento de seu salário e com a instabilidade no emprego. Os professores contratados em caráter temporário pelo Estado (quase cem mil), não sabem onde trabalharão no ano seguinte. Nem se o Estado os contratará novamente. Além disso, seu tempo de serviço não pode ser somado com o trabalhado em escolas particulares para efeito de aposentadoria, portanto, uma situação muito pior que a instabilidade gerada pelo FGTS para os demais trabalhadores.

Nós, professores, temos claro que estes fatos não são mera coincidência. São parte da mesma política de dominação a que se encontram submetidos os trabalhadores e que tem como vigas de sustentação o arrôcho salarial e a repressão.

É por este motivo, que quando os professores se lavantam para lutar contra tal situação, defrontam-se com a barreira da intransigência dos patrões e de seu governo. Estes não vacilam em fazer uso da legislação e aparatos repressivos aperfeiçoados pelo regime militar. Desta forma, são cassados os direitos de funcionamento do Centro Estadual de

professores -- CEP -- no Rio de Janeiro; tenta-se estrangular economicamente a nossa associação -- APEOESP --, alguns companheiros são intimados ao DEOPS em São Paulo; e em Minas Gerais, os professores são espancados em praça pública, como prévia do que aconteceria mais tarde com operários da construção civil e que resultaria no assassinato de dois operários.

É POR TUDO ISSO QUE NÃO QUEREMOS FESTAS DEMAGÓGICAS!

15 de outubro, dia do professor, não é dia de salgadinhos e refrigerantes. Não é dia de comemorações esportivas.

15 DE OUTUBRO É DIA DE LUTA

Neste dia nos manifestamos por:

- Ensino Público e Gratuito para Todos em Todos os Níveis.
- Mais Verbas para a Educação.
- Aumentos Salariais Acima do Aumento do Custo de Vida.
- Melhores Condições de Trabalho e Ensino
- Entidades Sindicais Livres e Democráticas.
- Liberdade de Organização e Manifestação aos Trabalhadores e Oprimidos.

TODOS À MARCHA PELA EDUCAÇÃO!

PRAÇA DA SÉ, 15 DE OUTUBRO, 18 HORAS



união estadual dos estudantes ²¹⁰

AVENIDA 9 DE JULHO, 2029 1º ANDAR
CEP 01312 SÃO PAULO SP

ESTUDANTES

Na próxima 2ª feira, dia 15 de outubro é o dia do professor. O que estaremos comemorando neste dia?

Nas escolas particulares: O aumento abusivo das anuidades e as sobretaxas.

Nas escolas públicas: A perspectiva próxima da redução de verbas e implantação acelerado do ensino pago.

Nossos currículos continuam não atendendo as nossas necessidades.

Nossos cursos cada vez mais são amontuado de informações sem uma sequência e um encadeamento programado.

As classes superlotadas, os prédios inadequados, as bibliotecas escassas e de má qualidade, continuam o quadro negro das condições materiais de nossas escolas.

Sabemos bem que a crise do ensino não é só uma verdade na Universidade Brasileira.

Em todos os níveis as péssimas condições de ensino se repetem.

E é por isso que neste dia 15 de outubro, não poderemos ter um dia de festa.

Precisamos unidos com professores, funcionários escolares e todos setores que sofrem hoje as péssimas condições de educação, manifestar nosso repúdio a essa situação e a seu responsável: A ditadura militar.

Nesse sentido a DIRETORIA DA U.E.E. convoca todos para caminhada pela educação que se realizará dia 15/10 com saída da Praça Ramos de Azevedo até a Praça da Sé.

Convocam esta caminhada as seguintes entidades: ANDE, APEOESP, APRO PUC, AS.POP.DE SAÚDE, DCE LIVRE-USP, APLL, MOV.CONTRA A CARESTIA, OPÇÃO SINDICAL DOS PROFESSORES.

DIRETORIA

UNIDADE POPULAR

Contra o adesismo, a conciliação e a vacilação

A Convenção do dia 14 de outubro próximo, para escolha da Direção Regional do MDB de São Paulo, realizar-se-á num momento decisivo para a vida política do país: duas forças em luta, apontando caminhos opostos.

De um lado, os trabalhadores e o povo em geral avançam em suas conquistas, cresce a disposição de luta e há sinais de crescimento do nível político e organizativo. O Movimento Popular e Democrático consegue importantes vitórias na luta pela anistia, na denúncia às medidas repressivas do regime, e, pouco a pouco, vai retomando sua iniciativa política. Diante do povo, estão se colocando novas exigências políticas.

De outro lado, o regime militar procura mudar de roupagem para aumentar seu apoio político, dividir e isolar as forças populares. Tenta solucionar a crise econômica mantendo o arrocho salarial, piorando, ainda mais, as condições de vida do povo. Fala em política de "conciliação nacional", quando, na verdade, pretende continuar defendendo os mesmos interesses que sempre defendeu.

Caminhamos para o avanço cada vez maior dos movimentos populares. Portanto, é questão chave a sua unidade e a elevação do seu nível político e organizativo. A unidade é a grande arma contra qualquer plano do regime ditatorial.

Nesta nova situação, é que devemos considerar o MDB. Não podemos fugir a essa realidade, pois tende a crescer, no seu seio, a luta política e a necessidade do debate democrático. Os que atuam no MDB, se se colocam intransigentemente contra a ditadura e ao lado dos movimentos populares, querem uma unidade que seja um eficiente instrumento de luta, e não um obstáculo a ela.

Pressionado por cima, pela necessidade de manter a maioria no Congresso, e por baixo pelos crescentes movimentos populares que começam a escapar ao seu controle, o governo tenta agora encontrar uma fórmula capaz de reorgani-

zar, de acordo com suas necessidades e conveniências, o quadro partidário institucional. O bipartidarismo já não mais lhe serve. A extinção arbitrária dos partidos, e a reformulação partidária, como vêm sendo arquitetadas pelo regime, merecem a condenação e a resistência de todos os verdadeiros democratas, quaisquer que sejam suas tendências políticas. Entre outras coisas, com a reformulação partidária o governo pretende se livrar do caráter pebicitário que vêm assumindo todas as eleições, e simular legitimidade através da alternância no poder de partidos especialmente criados para isto.

Mas, opor-se à reformulação partidária concebida pelo governo, não pode levar os democratas a se tornarem herdeiros espúrios do bipartidarismo. Este viola o programa partidário que defende a "Liberdade de organização partidária", não representa todas as correntes de pensamento político, existentes entre o povo, nem assegura a efetiva representação dos movimentos populares. Em contraposição às ameaças do regime, deve ser colocada a exigência popular de uma ampla liberdade de organização partidária, que pressupõe a garantia do efetivo exercício das liberdades democráticas e exige a unidade de todas as forças e setores populares.

Neste quadro, o adesismo, a conciliação e a vacilação diante do regime ditatorial, manifestação de elementos e grupos atuando, dentro do MDB, claramente identificados com os interesses do regime, de um lado, asseguram vitórias ao governo (como, em nosso Estado, a aprovação do prefeito biônico e do aumento do funcionalismo municipal contra a vontade dos funcionários, ou no Rio de Janeiro o "chaguismo") e, de outro lado, desmoralizam a oposição partidária e popular. Por isso, mereceram eles condenação formal, tanto na Convenção Regional Extraordinária de 1.º de julho, expressa na "Carta de São Paulo", quanto no documento dos parlamentares autênticos em Brasília.

Quem é Quem no MDB

É necessário diferenciar e aprofundar as idéias políticas para que sejam claramente entendidas e não se prestem à confusão. Essa diferenciação deve começar dentro do próprio MDB, e é ela que garantirá o agrupamento de forças realmente democráticas e capazes de garantir uma sólida unidade que, sem concessões leve avante a luta pela democracia. A falta de distinção entre os autênticos democratas e os adesistas, confunde os militantes, afasta as lideranças populares e provoca a descrença pelo partido junto à opinião pública. Dessa forma, quando se tolera e se garante a presença de inimigos do povo sob a legenda do partido prejudica-se a luta popular e democrática, não contribuindo para a unidade, ao contrário, contribuindo para a desagregação do MDB e seu afastamento do povo. A manutenção do MDB ao preço da composição com adesistas, apenas o transformará num instrumento dócil aos interesses do governo. Somente uma visão ingênua e equivocada pode acreditar que a oposição autêntica e os movimentos populares necessitam de unidade com os adesistas.

É preciso, portanto, que o partido, apesar de todas as limitações, sirva ao povo e não que este fique a serviço da máquina partidária. E isso deve se dar através de seu funcionamento democrático e combativo, tanto internamente quanto no efetivo apoio aos movimentos populares. Para que isso se concretize, é preciso que o MDB

tenha estrutura e funcionamento democráticos, permitindo o livre debate, assegurando representatividade das decisões e abertura suficiente para que as aspirações populares possam se exprimir e decidir dentro dele.

Para uma luta consequente contra o regime ditatorial e em favor dos movimentos populares, é necessária a unidade popular. Devemos atuar firmemente, procurando intervir no processo articulador, buscando a união de todos os setores do MDB comprometidos com as lutas do povo, com as forças populares e suas organizações, com vista à organização de uma ampla unidade popular contra o regime.

Nesse sentido, a partir do movimento de significativo número de delegados à Convenção, pertencentes a diversos diretórios da capital e do interior, além de parlamentares, procurou-se a unidade. Unidade com todos os companheiros combativos e democratas do MDB, para a formação de uma chapa à Convenção Regional que atendesse às exigências atuais da luta democrática. No entanto, a nosso ver por uma visão equivocada de alguns desses companheiros sobre a unidade que deve ser buscada, isso não se concretizou. Em vista disso, lançamos a Chapa UNIDADE POPULAR para sermos coerentes com nossas posições, mesmo não contando com alguns desses companheiros, com os quais — temos certeza — continuaremos unidos na luta democrática.

Programa

1. Luta contra a extinção arbitrária do MDB e aprofundamento, junto às bases partidárias, do debate de todas as questões políticas, inclusive a reformulação partidária.
2. Luta pela ampla liberdade de organização partidária.
3. Luta contra o adesismo, a conciliação e a vacilação diante do regime ditatorial.
4. Luta pelo decisivo compromisso partidário para com os movimentos populares (por reivindicações salariais, contra a carestia, por melhoramentos urbanos, etc), respeitando sua autonomia.
5. Dinamização e abertura de todos os organismos partidários, tais como IEPES, depto. trabalhista, Jornal do MDB, no âmbito estadual e municipal, para a participação representativa dos militantes e movimentos populares. Estender essa participação ao interior.
6. Apoio decisivo do Diretório Regional aos Diretórios Distritais e Municipais, em todas suas campanhas.
7. Luta pela ampla liberdade democrática de manifestação do pensamento, de reunião, e associação.
8. Luta pela liberdade e a autonomia sindical, com unidade a partir das bases, com comissões de empresa e delegados sindicais, até sua manifestação máxima, na Central Única dos Trabalhadores.
9. Luta por eleições livres e diretas; contra o adiamento das eleições municipais, a prorrogação dos mandatos e o voto distrital; contra a lei Falcão.
10. Denúncia decidida contra todos os atos do governo que levem à corrupção, à violação da Soberania Nacional, tais como a compra da Light, a ocupação da Amazônia por grupos internacionais, o Acordo Nuclear, etc.
11. Luta pela Anistia ampla, geral e irrestrita.
12. Luta pela Assembléia Nacional Constituinte, Livre, Democrática e Soberana.

213

Unidade Popular para membros do Diretório Regional

- | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 01. Aurelio Peres | 23. João Francisco |
| 02. Sergio Santos | 24. Antonio Oscar Fabiano de Campos |
| 03. Geraldo Siqueira Filho | 25. Paula Yone Stroh |
| 04. Irma Passoni | 26. Jeová Pereira Garcia |
| 05. Romeu Rossi | 27. Francisco Nunes da Silva Filho |
| 06. Mauro Bragato | 28. Regina Coutinho Kobata |
| 07. Darcy Passos | 29. Antonio Libanio de Araujo Neto |
| 08. Eliseu Gabriel de Fieri | 30. Adriana Maria Carbonell Gragnani |
| 09. Sebastião Pompeo | 31. Fernanda Azzi |
| 10. Antonio Funari Filho | 32. Oswaldo Rivero |
| 11. Sidnei Ibrahim Naous | 33. Nivaldo Plachevski |
| 12. Alfredo Sant'Anna Junior | 34. Antonio Marcos Donaton |
| 13. Benedito Cintra | 35. Antonio Irineu Pereira |
| 14. João Cunha | 36. Neli Marcia Ferreira Filgueira |
| 15. Angela Bento de Carvalho | 37. Paulo Rodrigues da Silva |
| 16. Manoel Andrade dos Santos | 38. Manoel Filgueira Barral |
| 17. Virgilio Tiezzi Junior | 39. Oswaldo Ramos |
| 18. Camilo Rodrigues dos Santos | 40. Marcelo José Chueiri |
| 19. Maria Andrada Saraiva de Alencar | 41. Araci Musolino Montineri |
| 20. José Ervino Gurzone | 42. Valdevino Raimundo da Silva |
| 21. Darcio Pereira Rocha | 43. Armenio Marques |
| 22. Armelindo Passoni | 44. Maria Salete Joaquim |
| | 45. Líder da Bancada na Assembleia |

Para Suplentes do Diretório Regional

- | | |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
| 01. Walter do Amaral | 08. Tereza Cristina de Souza Lajolo |
| 02. Luiz Carlos Borges | 09. Jaime E. de Andrade |
| 03. Alfio Rossi | 10. Kiyoshi Tomita |
| 04. Luiz Gabriel de Pieri | 11. Acácio Simões dos Santos |
| 05. Beatriz de Castro Bicudo Tibiriçá | 12. Ana Maria A. de Abreu G. Pinto |
| 06. Elza de Lourdes Ramello | 13. Nivaldo Santana Silva |
| 07. Luzia Monteiro Araujo | 14. Eduardo Gomes Alfarelos |
| | 15. Liliam Pereira Martins |

PARA DELEGADOS A CONVENÇÃO NACIONAL

- 01. Aurelio Peres
- 02. Sergio Santos
- 03. Geraldo Siqueira Filho
- 04. Irma Passoni
- 05. Romeu Rossi
- 06. Dary Passos
- 07. Mauro Bragato
- 08. Odilon G. Pinto Junior
- 09. José Carlos de Oliveira
- 10. Sidnei Ibrahim Naous
- 11. Benedito Cintra
- 12. José Marcoudes Costa
- 13. Jorge Tomaz de Lima
- 14. Luiz Gabriel de Pleri
- 15. Marcelo José Chuerl
- 16. Antonio Funari Filho
- 17. Wilson Alves Ferreira
- 18. Nivaldo Santana Silva
- 19. Eneás Rodrigues Soares
- 20. Domingos Martins
- 21. Alfredo Sant'Anna Junior
- 22. Walter do Amaral
- 23. Dalva Alexandrina Cesário
- 24. Engela Bento de Carvalho
- 25. Carmem P. Cintra do Prado
- 26. Elisabeth Barolli
- 27. Armelindo Passoul
- 28. Manoel Andrade dos Santos
- 29. João Francisco
- 30. Tereza Cristina de S. Lajolo
- 31. Luiz Lakatos
- 32. Neuza Rita Mellado
- 33. João Cunha
- 34. Jeová Pereira Garcia
- 35. Paulo Rodrigues da Silva
- 36. Darcio Pereira Rocha
- 37. José Eryno Gurzone
- 38. Francisco Nunes da Silva Filho
- 39. João Salomé Santana
- 40. Beatriz de Castro Bicudo Tibiriçá
- 41. Fernanda Azzl
- 42. Paula Yone Stroh
- 43. Adriana Maria Carbonell Gragnani
- 44. Neli Marcia Ferreira Filgueira
- 45. Maria Selma Gomes Trindade
- 46. José Neto Costa
- 47. Antonio Libanio de Araujo Neto
- 48. Kiyeshi Tomita
- 49. Luzia Monteiro Araujo
- 50. Ophelia Nascimento Alves
- 51. Maria da Franca
- 52. Maria Saete Joaquim
- 53. Maria Lucia Tobias
- 54. Manoel Filgueira Barral
- 55. Ailton Barros de Oliveira
- 56. Emerenciana Maria Cintra Silva
- 57. Elza de Lourdes Ramello
- 58. Jerson dos Santos Filho
- 59. Alcebiades Silva
- 60. Ivan Gonçalves Carvalho
- 61. Dalva Ribeiro da Silva Santos
- 62. Jaime E. de Andrade
- 63. José dos Santos
- 64. Paulo Coelho
- 65. Maria Andrade Saraiva de Alencar
- 66. Avelino Spinola de Oliveira
- 67. Joaquim dos Reis
- 68. Enoc Borges Ribeiro
- 69. Lucio Rogerio dos Santos
- 70. Maria Pereira da Silva
- 71. Nelson Alves
- 72. Zita Maria de Jesus
- 73. Francisco Pereira de Souza
- 74. Angelo José Renatini
- 75. Benedito Alves Filho
- 76. Sebastião do Amaral
- 77. Sonia Maria Vieira dos Santos
- 78. Araci Musolino Montineri

PARA SUPLENTE DE DELEGADOS A CONVENÇÃO NACIONAL

- 01. Eduardo Adolfo Terrazzan
- 02. Flavio Roberto de Toledo Silva
- 03. Valdevino Raimundo da Silva
- 04. Adelço de Almeida
- 05. Galdino Martins da Silva Galdino
- 06. Mario de Sena Domiciano
- 07. Dorival José Poli
- 08. Victor Manuel Tobias
- 09. Ana Maria Bertala Figueiredo
- 10. Geralda Alves
- 11. José da Conceição Galdino
- 12. João da Silva
- 13. José da Silva
- 14. Elvira Reis Poli
- 15. José Francisco dos Santos
- 16. Alencar Tobias
- 17. Maria Aparecida Varotto Cantero
- 18. Portugal Cintra
- 19. Raimundo Campelo Vieira
- 20. Isaltina T. do Nascimento Franca
- 21. Dirceu Bazalia
- 22. Osvaldo Ramos
- 23. Maria Aparecida Luiz
- 24. Edson Maximiano
- 25. Acacio Simões dos Santos
- 26. Valdir Rodrigues Cortez
- 27. Walter de Oliveira
- 28. Israel Saraiva de Alencar
- 29. Pedro Luiz Thomazziul
- 30. José Barros da Silva
- 31. Vicente Geremias dos Santos
- 32. Carlos Tavares
- 33. Getulio Cintra
- 34. Luiz Roberto dos Santos
- 35. José Dario
- 36. Francisco Barbosa Maciel
- 37. Gloria de Nazareth
- 38. Regina Coutinho Kobata
- 39. Sebastião Celso Basillo
- 40. Maria das Graças
- 41. José Enedino Martins
- 42. João Batista Damaro
- 43. Maria Eunice Campanha
- 44. Amélia Pereira Guimarães
- 45. José Diessette Filho
- 46. Joaquim dos Reis
- 47. Antonio Galdino Filho
- 48. Maria Lopes da Silva
- 49. Domingos Lopes
- 50. Roberto Lino de Almeida
- 51. Orlando Ludovico
- 52. Nello Paulou
- 53. Maria do Rosário Torra da Silva
- 54. Rosa Rodrigues Grella
- 55. Benedita Martins Tobias
- 56. Norival Liger
- 57. Vilma Barreto de Souza
- 58. Vicentina Antonia Gomes Carolino
- 59. Tulio Crespan
- 60. Raul Mauica
- 61. Yolanda Pinheiro Nascimento
- 62. Lucia Piva Gurzone
- 63. Francisca Tobias
- 64. Filinto Matos
- 65. José Leme de Macedo
- 66. Ribeiro Cintra
- 67. Braulino Guerra
- 68. José Clemente Alves
- 69. Djalma Flores
- 70. Jenny Maria Prado
- 71. Maria Carmosita Moreira dos Santos
- 72. Maria de Lourdes Dantas de Araujo
- 73. Luiza Dantas de Medeiros Vale
- 74. José Fernandes de Jesus
- 75. Maria Auxiliadora Barbosa
- 76. Tânia Regina Florio
- 77. Zilda Tonetto
- 78. Osmar Rodrigues Rocha

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO - ALUNOS DE PSICOLOGIA DAS F.M.U. 215
CONTRA A EXTINÇÃO DO CURSO NOTURNO DE PSICOLOGIA DAS F.M.U

A atitude arbitrária da Diretoria das FMU/FIAM, sem consulta prévia aos alunos, de extinguir o curso noturno de Psicologia (também sem razão para nós), vai contra os nossos interesses e aos da sociedade em geral, nos seguintes pontos: 1. Fechar um curso noturno significa privar o trabalhador de estudar. "Quem trabalha não estuda". 2. A arbitrária decisão (sem nos consultar previamente) não nos dá garantias de continuidade do curso, assim como de outros das FMU/FIAM. 3. Perda de parte do corpo docente na falta de perspectivas futuras, sendo que muitos não esperarão a demissão da escola para se retirarem, causando assim, essa retirada, uma faixa na qualidade do nosso ensino. 4. Desrespeito aos direitos do aluno, no sentido de continuidade do curso noturno, em casos de trancamento de matrícula e repetência.

As decisões tomadas em assembléia, por todos os alunos foram as de:

- NÃO PAGAMENTO DA MENSALIDADE DE OUTUBRO, ATÉ QUE SEJA REVOGADA A DECISÃO.

- PARALIZAÇÃO DE AULAS, COM ASSEMBLÉIAS PERMANENTES.

- ABAIXO ASSINADO A TODOS OS ALUNOS DAS FMU/FIAM.

- CONCENTRAÇÃO E PASSEATA NO CAMPUS DA RUA TAGUÁ, DIA 12.10.79

. TODO APOIO À NOSSA LUTA! ABAIXO A EXTINÇÃO DO CURSO NOTURNO DE PSICOLOGIA!

. POR UMA PSICOLOGIA VOLTADA AOS INTERESSES DA MAIORIA DA POPULAÇÃO!

. VIVA O DCE-Livre FMU/FIAM!

H I N O D A U. N. E.
(C. LYRA)

União Nacional dos Estudantes
sociedade Brasileira
nosso hino é nossa bandeira
De pé a jovem guarda
classes estudantil
junto a vanguarda
trabalhar pelo Brasil
é nossa esperança
de coragem é que traz
um canto de esperança
de um Brasil em paz!

A UNE, reUNE futuro e tradição
a UNE, a UNE, a UNE é união
a UNE, a UNE, a UNE somos nós
a UNE, é UNE, a UNE é nossa voz!

xxx. xxx

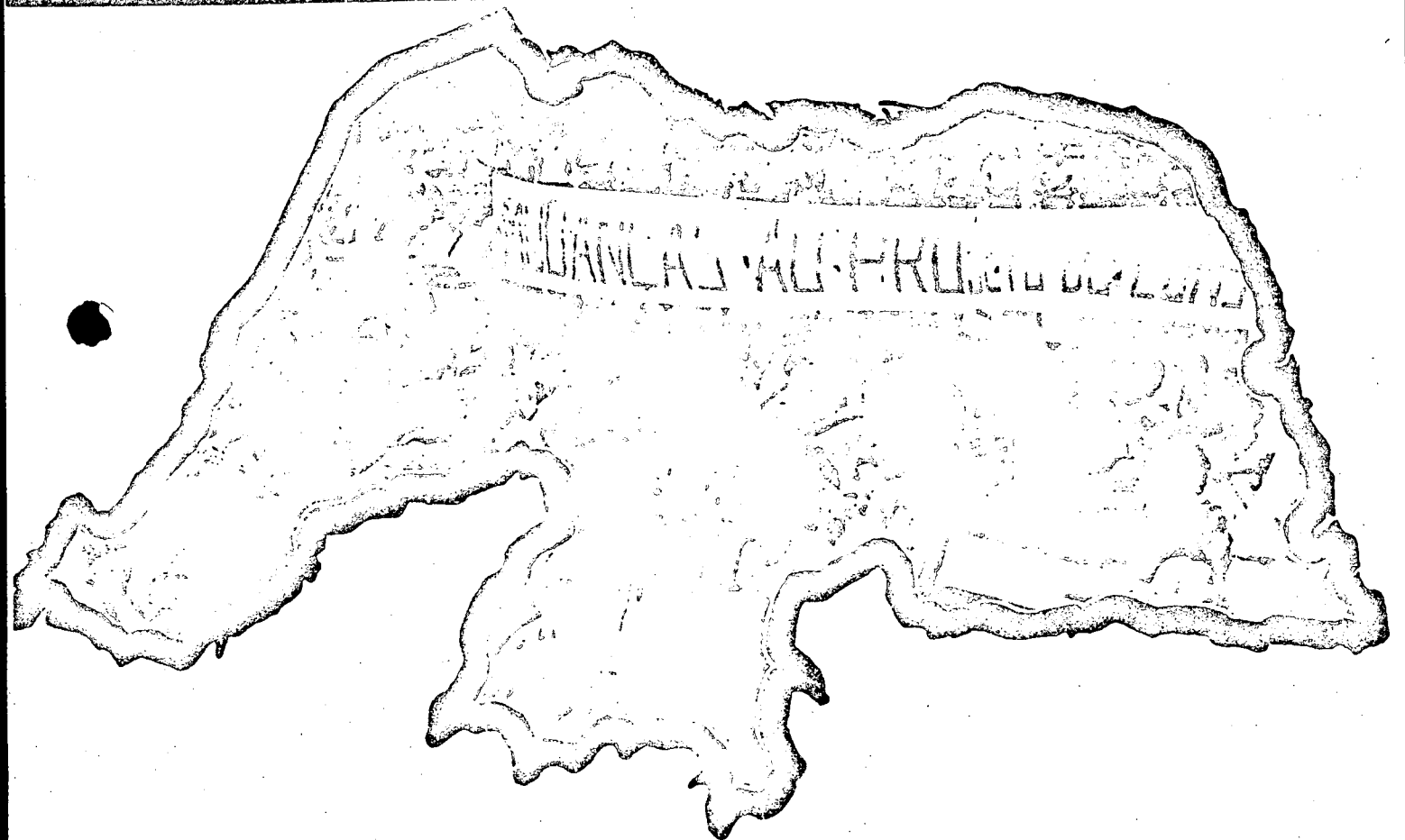
Por melhores condições de ensino
Pela universidade popular
Ensino público e gratuito

Idéias Programa Plataforma

PRESIDENTE — Moisés Domingos (C. Sociais)
VICE — Fernando Barbalho (Eng. Mecânica)
1º SEC — Rossana Sudário (Direito)
2º SEC — João Bosco Silva (Eng. Mecânica)
1º TESOUREIRO — Josfan Antunes (Medicina)
2º TESOUREIRO — Gilka Pimentel (Pedagogia)
DIRET. ESPORTIVO — Milton Bezerra (Ed. Física)
DIRET. CULTURAL — Paulo Nepomuceno (Física)
DIRET. DE ENSINO E PESQUISA — Ângela Ferreira
(Odontologia)
DIRET. DE IMPRENSA — Geraldo Guedes (Psicologia)
DIRET. SOCIAL — Fernando (Geologia) — "Mineiro"

VOTE EM

ARUEIRA



"A união é a nossa força"

ARUEIRA

Unidos seremos fortes como o cipó da aroeira

INTRODUÇÃO

A participação direta dos Estudantes na escolha de seus representantes junto ao DCE, evidencia a importância que tem o voto consciente pois o que está em jogo é o fortalecimento da nossa entidade e a defesa dos nossos interesses. Nossa campanha deve ser aberta e enriquecida com a discussão em todos os centros, de forma que seja propiciado o mais amplo debate em torno deste programa.

O MOMENTO POLÍTICO NACIONAL

É necessário um retrocesso ao nosso passado recente, a fim de compreendermos a situação atual do país. Em 1964 deu-se o golpe militar planejado pelas empresas estrangeiras que atuavam no Brasil, aliadas aos setores mais retrógrados da nossa sociedade, tendo como uma de suas causas a lei que limitava a remessa de lucros dessas empresas para seus países de origem, sancionada pelo então presidente João Goulart.

Essas forças que diziam defender a democracia, alardeavam por toda parte que estávamos à beira do abismo, com a corrupção dos poderes públicos, a inflação alarmante e a agravante crise econômica estimulada pelos manipuladores do capital estrangeiro e a Agência Central de Inteligência Americana (CIA).

Iniciaram-se, assim, negros tempos na história do Brasil com a destruição das instituições democráticas e o cerceamento da liberdade. Após quinze anos de regime autoritário a sociedade brasileira volta a passar por uma crise aguda que se caracteriza por uma série de contradições tanto no plano econômico quanto no político. No primeiro plano, surgem as contradições e conseqüências do "MILAGRE BRASILEIRO", culminância do modelo de desenvolvimento econômico aprofundado a partir de 1964, que ampliou abusivamente a dependência ao capital internacional, beneficiando os monopólios estrangeiros, locais e o latifúndio, em

detrimento dos setores pequeno e médio voltados para o mercado interno - o que provocou grande número de falências.

Esse modelo não estando voltado para a satisfação das necessidades do conjunto da sociedade brasileira e tendo como um dos seus sustentáculos o "arrocho salarial", levou à desvalorização dos salários que, durante todo o período do milagre, foram reduzidos em mais de um terço do seu valor real, aguçando as dificuldades de sobrevivência dos setores não atingidos pelo crescimento econômico.

QUAL A CAUSA DO CRESCIMENTO DOS MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO AO REGIME?

A oposição ao regime atual, por parte de todos esses setores, reflete a insatisfação gerada pelo modelo que não atendeu às reais necessidades do povo. Em contraposição a todo esse fluxo de arbitrio, começou a germinar um refluxo de ânsia por liberdades democráticas, poder pensar, discutir e decidir os rumos que devemos tomar. Daí as bandeiras erguidas pelos diversos segmentos da nossa sociedade:

LIBERDADES DEMOCRÁTICAS — liberdade sindical, direito amplo de greve, liberdade de expressão irrestrita, enfim, acesso a todos os canais de resolução do seu destino;

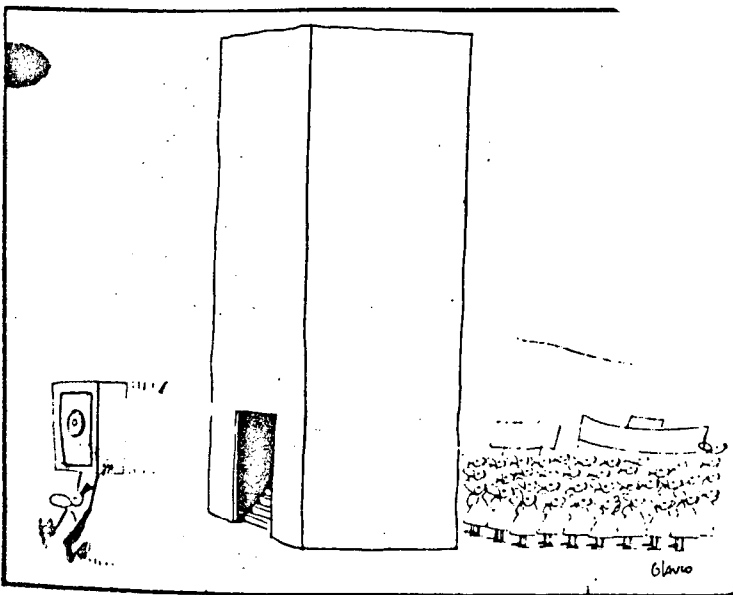
ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA — pois a anistia restrita dada pelo governo, embora tenha sido uma conquista dos setores democráticos, deve ser denunciada por anistiar também os torturadores, manter restrições aos anistiados (professores, funcionários públicos etc.), e deixar nos cárceres ainda, vários brasileiros;

REFORMULAÇÃO PARTIDÁRIA SEM IMPOSIÇÃO — posto que a tentativa de extinção arbitrária dos partidos é uma manobra para dividir as oposições e se perpetuar no poder. Por isto, exige-se que as oposições e o povo tenham o livre direito de decidir sobre esta questão.

A UNIVERSIDADE NO PROCESSO POLÍTICO NACIONAL

Além de sentir todo o reflexo de uma situação dependente economicamente e autoritária em sua forma de condução política, a categoria estudantil passou também por um processo contínuo e crescente de alijamento da vida e das decisões nacionais. Nós que iniciamos o movimento pela anistia, que bradamos contra uma possível aliança Brasil-Alemanha, que saímos às ruas em defesa do nosso petróleo e demos os primeiros gritos contra a ditadura do Estado Novo, vimos concretizar-se o veto a toda atuação da sociedade cujo espírito é democrático e participante.

A democracia fora finalmente amordaçada e acorrentada pelo arbitrio. Todas as entidades estudantis sofreram duras perseguições: a sede da UNE foi incendiada em 31 de março de 1964; os DCEs foram desativados juntamente com as UEEs, que sempre representaram os canais de participação mais representativos dos estudantes. Os Diretórios Acadêmicos que viviam o dia-a-dia estudantil e eram as vozes setoriais de cada universidade, foram definitivamente calados por eleições indiretas. Instauraram-se o 477 e 228, proibindo a participação das universidades na vida pública.



VOTE EM ARUEIRA

Unidos seremos fortes como o cipó da aroeira

da nação. Uma grande afronta aos estudantes, professores e funcionários que, acima de tudo, eram cidadãos e como tanto com todo o direito de se expressar, pensar e discutir de acordo com suas idéias. Estava patenteado o amordamento social e a castração mental de toda uma geração.

A política econômica, como não poderia deixar de ser, refletiu-se no ensino superior a partir dos acordos MEC-USAID (Minist. da Educação e Instituição Americana) ao tornar a educação dirigida para os interesses da economia, isto é, das empresas nacionais e estrangeiras em detrimento das necessidades gerais da sociedade brasileira. Entre outros exemplos, os currículos de Ciência Exatas e Tecnologia foram ajustados dando ênfase à tecnização do ensino, ao invés de estimular a pesquisa e o aprendizado voltados para a nossa realidade - razão pela qual hoje proliferam-se as discussões em torno da reformulação dos currículos.

Essa reforma não só atinge o ensino superior como estende-se ao curso secundário profissionalizante, que, se por um lado cria mais perspectivas de trabalho a uma parcela da nossa juventude, por outro, tem na sua essência o objetivo de formar mão-de-obra mais barata para as empresas nacionais e multinacionais, afastando o estudante de uma visão humanista da sociedade.

Não obstante todas essas medidas, o governo vem tentando lentamente transferir os encargos com o ensino superior para o bolso dos estudantes, através de taxas exces-

sivas, crédito educativo, e, agora mais claramente, o projeto de ensino pago (Projeto Portella). Não é à toa que os investimentos com educação vem sendo paulatinamente reduzidos: em 1964 eram 12,5%, atualmente 4%, com previsão de redução para 2,5%. Também é sintomática a redução de vagas nas escolas federais e a ampliação nas faculdades particulares, tudo com o intuito de autarquizar o ensino nacional.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DESTES FATOS PARA NÓS ESTUDANTES?

Precisamos entender o que se passa no país, pois como universitários somos também parte integrante da sociedade e sentimos a pressão da realidade aqui descrita, quando constatamos a dificuldade em estudar e trabalhar ao mesmo tempo, falta de dinheiro para aquisição de livros e material escolar, visto que o nosso salário está sendo absorvido pelas despesas mais elementares como alimentação, roupa, transporte etc. - quando sentimos os dilemas do mercado de trabalho e as dificuldades encontradas no exercício da profissão. No entanto, precisamos não só compreender mas pugnar pela modificação deste quadro dentro da universidade e dar nosso apoio aos movimentos de oposição que expressem os mais puros anseios de nossa sociedade.



PERSPECTIVAS



PLATAFORMA

Com a extinção dos famigerados decretos 477 e 228, urge a necessidade de fortalecer as identidades existentes e reconstruir aquelas que praticamente não puderam atuar, como é o caso do nosso Diretório Central. Precisamos concentrar esforços na reconstrução do DCE com o fito de transformá-lo em expressão local e nacional da nossa força e unidade. Da mesma forma, é imprescindível dar total apoio à reconstrução da UNE - União Nacional dos Estudantes.

Não podemos ter um DCE forte se não for representativo, se não tiver o respaldo de toda a estudantada. A união dos diretórios em torno da chapa "ARUEIRA", é a evidência de que não podemos prescindir de um perfeito introsamento entre o Diretório Central e os Diretórios Acadêmicos na consecução dos nossos objetivos. Prova disto foram as lutas contra o sistema de avaliação imposto pelo CONSEPE e a regulamentação da lei dos tiquetes.

Melhoria das Condições de Ensino

1 - A redução de verbas para a Educação compromete toda uma geração que, cada vez mais, necessita de escolas, professores, livros, etc. Sem educação não há desenvolvimento amplo.

MAIS VERBAS PARA A EDUCAÇÃO

2 - Na UFRN existem professores ensinando disciplinas fora de sua área bem como mais de uma disciplina, o que prejudica a qualidade do aprendizado pela sobrecarga do professor

PELO AUMENTO DO NÚMERO E QUALIDADE DOS PROFESSORES

3 - Alguns cursos têm salas de aula congestionadas pela desproporção entre o número de alunos e a capacidade física do espaço ocupado

PELA DISTRIBUIÇÃO NUMÉRICA DAS TURMAS A PARTIR DE CRITÉRIOS DIDÁTICOS.

4 - Na biblioteca faltam livros suficientes para atender aos interesses restritos dos cursos e os pedidos feitos são muito demorados graças à burocracia existente

POR MELHORES LIVROS DEDICADOS PRINCIPALMENTE ÀS NECESSIDADES ESPECÍFICAS DE CADA CURSO.

Unidos seremos fortes como o cipó da aroeira

PELA CRIAÇÃO DE LABORATÓRIOS BEM EQUIPADOS E EM NÚMERO SUFICIENTE PARA SUPRIR TODOS OS CURSOS

5 — Muitas disciplinas exigem uma maior quantidade de material didático complementar (apostilhas, xerox etc), cuja aquisição onera os nossos bolsos.

PELA DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE MATERIAL DIDÁTICO COMPLEMENTAR.

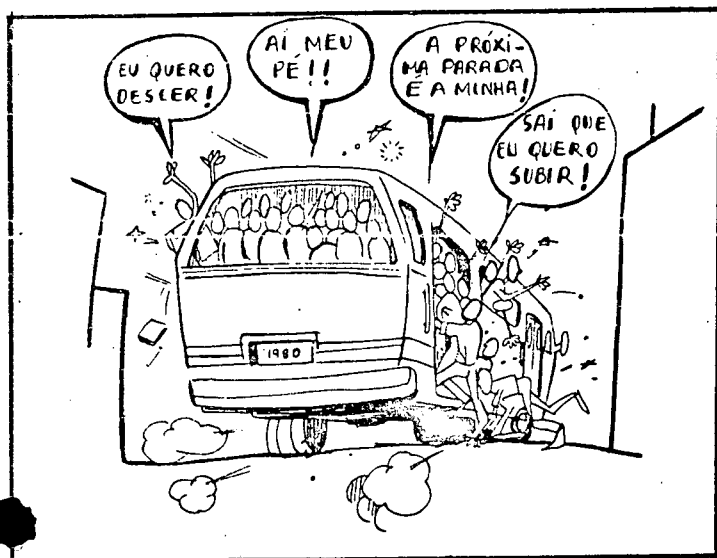
6 — Existe atualmente, um número abusivo de taxas para trancamento de disciplinas, histórico escolar etc.

EXTINÇÃO DE TODAS ESSAS TAXAS

7 — Aachamos que os currículos devem estar voltados ao atendimento das Exigências de cada região brasileira.

POR CURRÍCULOS QUE ATENDAM ÀS NECESSIDADES REGIONAIS CONTRA A ELABORAÇÃO DE CURRÍCULOS SEM A PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES

8 — Precisamos de uma participação mais ampla nas resoluções da



ASSISTÊNCIA UNIVERSITÁRIA

- AMPLIAÇÃO DAS BOLSAS DE TRABALHO, MELHOR REMUNERAÇÃO E ASSISTENCIA AOS BOLSISTAS
- CRECHS QUE REALMENTE ATENDAM ÀS NECESSIDADES DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS
- APERFEIÇOAMENTO DA ASSISTÊNCIA MÉDICO-ODONTOLÓGICA

4 — As limitações criadas à atuação da Comissão de Representantes de Residências na fiscalização do restaurante, só poderão ser sanadas com o controle administrativo nas mãos dos próprios residentes.

- PELO CONTROLE ADMINISTRATIVO DO RESTAURANTE PELA MELHORIA DA ALIMENTAÇÃO
- AMPLIAÇÃO DO NÚMERO DE VAGAS NAS RESIDÊNCIAS

- AMPLIAÇÃO DAS BOLSAS DE PESQUISA
- CONFECCÃO E EMISSÃO DE CARTEIRAS DE ESTUDANTE PELO PRÓPRIO DCE, A FIM DE AGILIZAR SUA DISTRIBUIÇÃO

CRIAÇÃO DE UM DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA AOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS somos contrários à discriminação dos mesmos pelos órgãos oficiais que os impedem de uma maior participação na vida universitária.

CULTURA E ESPORTE

Universidade no tangente aos nossos interesses. Lutamos não só pela equiparação do número de estudantes ao de professores nos Conselhos Superiores, como pela livre escolha desses representantes.

PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS SUPERIORES

9 — A Educação é uma responsabilidade do Estado e não deve ser assumida pela população que já vive sobrecarregada com os impostos, custo de vida elevado e sofre os efeitos da alta concentração de renda, enquanto muitas verbas são desviadas para empreendimentos distanciados das exigências do conjunto dos brasileiros, mordomias, salvar capitalista em apuros, como o caso de Atalla, e tantos outros.

CONTRA O ENSINO PAGO, PELO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO PARA TODOS APOIO À FEDERALIZAÇÃO DA URRN E FACULDADES PARTICULARES

10 — A entrada no mercado de trabalho coloca-nos em grande disputa com outros companheiros, dada a retração ou limite da oferta. Por esta razão em muitas universidades brasileiras já não se registram as reprovações obtidas durante o curso.

RETIRAR DO "CURRICULUM" ESSAS REPROVAÇÕES

Apoio integral a promoções e atividades culturais e esportivas, com realização de festivais, campeonatos, etc.

CRIAÇÃO DE UM JORNAL ESTADUAL

Apoiar e desenvolver as reivindicações dos Centros de Macau, Currais Novos e Caicó, evitando assim, disparidades de assistência e direitos entre a capital e o interior.

PELO FORTALECIMENTO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE)

BANDEIRAS POLÍTICAS

PELA RECONSTRUÇÃO DE NOSSA UEE (UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES)

PELA EXTINÇÃO DA ASI — Assessoria de Segurança Interna que vigia os passos de alunos, professores e funcionários cerceando sua livre atuação.

CAMPANHA DE ESCLARECIMENTO SOBRE OS MALEFÍCIOS DA VIA-COSTEIRA. CONTRA O PROJETO DO BAIXO-AÇU.

ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA COM O FIM DO APARELHO REPRESSIVO AMPLA LIBERDADE DE ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA CONTRA A EXTINÇÃO ARBITRÁRIA DO MDB SOLIDARIEDADE ÀS LUTAS POPULARES LOCAIS E NACIONAIS CONTRA A DESNACIONALIZAÇÃO E DEVASTAÇÃO DA AMAZÔNIA

POR UM DCE FORTE, ABERTO E COMBATIVO

ENTERRO DA LEI AFONSO ARINOS

17-10-79

ATENÇÃO:

D 107 17-10-79

Mais uma vez um ato de discriminação racial foi aprovado pelas autoridades de S. Paulo, com o Juiz arquivando o Processo que denunciava o racismo de que foi vítima a advogada negra, Dra. Nair Silveira, arbitrariedade esta amplamente divulgada pela imprensa paulista do dia 3/10/79. Esse arquivamento, mais uma vez, demonstra com que naturalidade as autoridades brasileiras recebem, aprovam e participam das violências sofridas pela comunidade negra em todo o Território Nacional.

Na realidade essa participação confirma que as "leis" existentes não resolvem em nada a discriminação racial, mesmo que na atual CONSTITUIÇÃO FEDERAL esteja proibida a sua prática em seu Artigo 153 e seus Parágrafos.

Como o negro é o elemento que mais foi discriminado no Brasil, as autoridades criaram a "Lei Afonso Arinos", só para tratar de casos de discriminação contra o povo negro. Mas, acontece que a punição aos racistas custa apenas R\$15,00 (quinze cruzeiros) em troca do sacrifício de nossa dignidade como pessoas responsáveis pela verdadeira construção do País.

Por isso não podemos mais calar diante dessas violências, visto que nos atiram no desemprego, no subemprego, no alto índice de mortalidade infantil e na marginalidade. Não podemos mais continuar aceitando uma "lei" que não atende os interesses da comunidade negra, que deseja dar um "Basta ao Racismo"

Neste sentido chamamos todas as pessoas interessadas na luta contra o racismo a participarem do ENTERRO SIMBÓLICO DA "LEI AFONSO ARINOS", no dia 17 de Outubro, na próxima Quarta-Feira, às 18,30 horas, em frente ao Theatro Municipal de São Paulo, na Praça Ramos de Azevedo.

CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL
PELA IGUALDADE RACIAL
CONTRA A INOPERÂNCIA DA "LEI AFONSO ARINOS"
PELA LIBERDADE DE ORGANIZAÇÃO, MANIFESTAÇÃO E DE EXPRESSÃO
CONTRA A REPRESSÃO POLICIAL

TODOS AO ENTERRO SIMBOLICO DA "LEI A.A." EM 17/10/79/ 18,30 -Praça Ramos

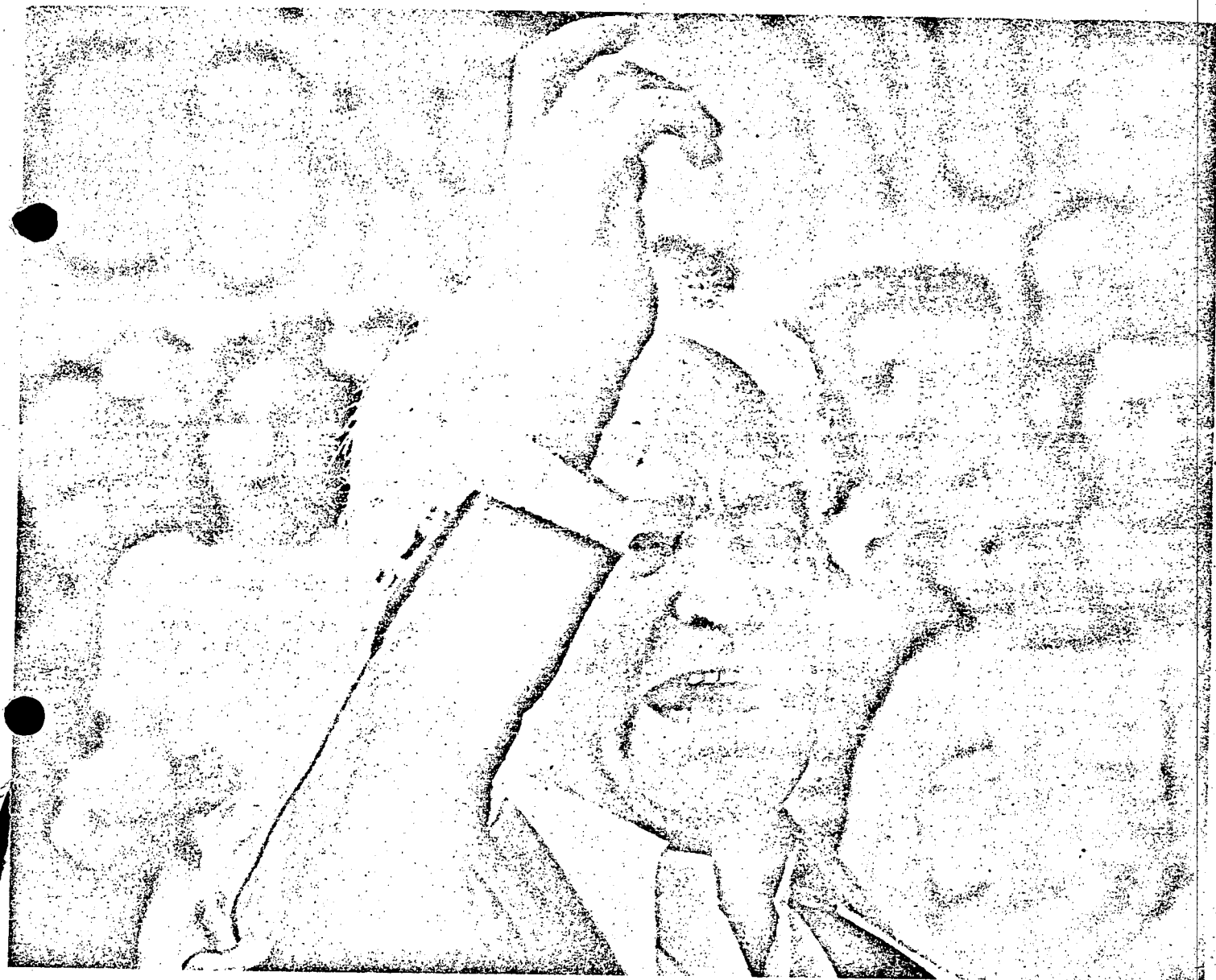
MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

PT 1036.126

M

ANO 1 - Nº 5 RIO 10/10/79 - Cr\$ 20

Enfim



AGENCIA O GLOBO

O CARDEAL E O COMUNISTA

PT 1035-125

Enfim 2

TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA

Conheci Dom Paulo através dessa maravilhosa figura que se chama Plínio Marcos. A convite de Plínio fomos, numa certa tarde, à casa de Dom Paulo. E, talvez, a melhor prova da impressão que esse digno homem me causou foi o título da entrevista que publiquei sobre ele:

— O padre nosso.

Hoje verifico que nunca estive enganado a respeito desse homem. Ele é um símbolo, melhor, um exemplo da coisa da qual mais precisamos neste momento, neste país: a tolerância, a compreensão, o caráter. Meu amigo Goebel, vejam, que é nosso diretor de arte, na hora em que propus a leitura da matéria, assim concluiu:

— Choro como um idiota.

Goebel errou: não é um idiota. E um ser humano. E, creio, cada ser humano há de se comover ao ler o diálogo que esses dois homens — e são dois cardeais, de diferentes religiões, todas duas respeitáveis — mantiveram num templo de Cristo.

Não há muito sobre o que falar. O que se segue, tratando da relação dos dois, das memórias do velho Gregório, mais que isto, de tudo que fomos, somos e seremos, passa a ser um depoimento histórico. Penso que o Brasil tenha uma boa chance, agora, de ser mais bonito, mais decente, mais familiar no exato sentido da

família — quero dizer: não precisamos nos matar. Pois, se comparavam pátria e família — bem, aí qualquer torturador será um Caim matando Abel. Ou, em caso contrário, a pátria será um lixo.

Esses dois homens nos dão uma lição de tolerância. E avanço o sinal, que a esquerda — a qual pertence — me esculhambe. Mais devo dizer que, seja por que for, Figueiredo também nos dá o sinal da tolerância.

Talvez seja uma lição para Arraes e Brizola, essa possibilidade, essa definição de tolerância.

TARSO DE CASTRO

O DIÁLOGO

D. Paulo — Como você está corado...

Gregório — Eu lhe trago um pouco de sorte, já na nossa terra...

D. Paulo — Já é daqu. Que papelão. Como está seu coração, a emoção?

Gregório — A emoção foi muito grande.

D. Paulo — Você viu como seu livro está sendo vendido por aí? Tá bem...

Gregório — Quero lhe agradecer esses pronunciamentos tão humanos, que inspiram tanta confiança, tanto humanismo, que contagia a todos nós.

D. Paulo — Essa é a minha vida. Vai pela sua também...

Gregório — E eu, na medida do possível, procurarei de alguma forma retribuir...

D. Paulo — Muita coragem a sua...

Gregório — A coragem é sua, neste momento mais duro...

D. Paulo — Foi muito bom você ter vindo.

Gregório — Eu me sinto satisfeítíssimo, Jamais esperei que esta apresentação tomaria esse gosto.

D. Paulo — Que o povo todo junto construa a nação, uma pátria amiga.

Gregório — Quero dar ainda a minha contribuição, apesar de velho.

D. Paulo — Ih, Ih. Você não está velho nada. Vai longe. Vai longe.

D. Paulo — Mas foi um prazer muito grande.

Gregório — Seu humanismo, sua coragem em favor dos oprimidos tem sido comovente.

A PALAVRA DO PASTOR

O artigo intitulado "Flores de Moscou", publicado no jornal "O Globo" em sua edição do dia 3 de outubro, ao procurar atingir a minha pessoa por ter recebido na Catedral da Sé o exilado e ex-deputado federal Gregório Bezerra, atinge, na verdade, a Igreja de São Paulo. Atacando a linha teológica e pastoral de nossa Igreja, o articulista não atinge a mim diretamente, mas a todo o povo de São Paulo que participa e vota as diretrizes pastorais. Nossas decisões são tomadas em conjunto com o povo, toda a pastoral é feita em comum. O arcebispo não faz senão orientar, confirmar, aceitar.

O bispo é o resultado do povo. O dia em que o povo mudar, o bispo também o fará. Insinuar, portanto, que a diretriz evangélica e pastoral da Igreja se alinha com uma doutrina totalitária é subestimar o povo que não quer o sacrifício do que é mais precioso no homem: a liberdade, o

que acontece tanto no marxismo como no capitalismo.

O povo busca outras soluções, programas positivos. O que fazemos todos juntos em São Paulo é aplicar o que a Igreja definiu em Puebla, como resultado das exigências do povo; do que os bispos captaram do povo: a evangelização através da realidade da pobreza do nosso continente que crê e é oprimido por um sistema de estruturas de dominação. Esse sistema leva a Igreja, como Povo de Deus, a um compromisso de libertação por causa da dignidade humana e do amor evangélico. Nesse compromisso de libertação está a opção pelos pobres.

D. PAULO EVARISTO ARNS

Em segundo lugar, recebi Gregório Bezerra, que para surpresa minha encontrava-se na Catedral, assim como recebo a todos que me procuram, independentemente de sua origem, religião ou ideologia. E o abracei, ao ver aquele ancião sofrido, com a esperança de ver dissipados quaisquer rancores. E não poderia agir de outro modo, como filho de São Francisco, como pastor de São Paulo e como cristão, cujo dever também é promover a reconciliação.

Em terceiro lugar, o jornal "O Globo" torna a expressar sua queixa contra a publicação no jornal da Arquidiocese — "O São Paulo" — de 11 de março de 1972 de um poster mostrando um Cristo perseguido. Acredito que em qualquer país do mundo, não causaria celeuma a reprodução desse poster com a imagem de um Cristo sofrendo e procurado pelas autoridades religiosas e governamentais por ter optado pelos pobres e oprimidos.

GREGÓRIO

Flores de Moscou

AS PORTAS da Igreja Católica devem estar permanentemente abertas a todos os homens. Aos que nunca deixaram de crer em Deus e de assistir ao Santo Sacrifício da Missa e, também, aos que ainda podem encontrar, a qualquer tempo, o caminho de Deus e da Salvação.

ASSIM o cidadão Gregório Bezerra, ex-deputado federal e membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, poderia ser visto portas adentro da Catedral da Sé, em São Paulo, sem que a ninguém ocorresse considerar profanada a Casa do Senhor. No máximo, haveria que estranhar inclusão tão rápida de um santuário católico no roteiro de um ex-exilado que até aqui passara a vida inteira no lado oposto das preocupações religiosas e espirituais do homem, preferindo a opção do ateísmo marxista.

MAS GREGÓRIO Bezerra não foi à Sé paulista para converter-se ou penitenciar-se dos seus pecados materialistas. Foi para ser recebido pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, a quem teceria um hino de louvor em virtude de suas conhecidas posições políticas e a quem entregaria um ramo de flores.

O CARDEAL Arcebispo de São Paulo há bastante tempo que vem seguindo, em sua Diocese e na liderança eclesial brasileira, sob a capa elástica do progressismo pós-conciliar, uma linha teológica, evangélica pastoral crescentemente desviada do magistério tradicional da Igreja de Pedro e dos mandamentos vaticanos. Desta vez, porém, exagerou na dose. Fez por merecer, sem nenhuma dúvida, os elogios e o ramo de flores do líder comunista anistiado.

NESSE MESMO momento, o Papa João Paulo sai em nova peregrinação pelo mundo levando mensagens, exortações e advertências que confirmam uma cristalina profissão de fé anti-marxista — assumida desde o seu primeiro pronunciamento como Sumo Pontífice, e recentemente reiterada durante a visita à Polónia — e alargam o fosso abismal entre a missão sobrenatural da Igreja e os métodos e objetivos das ideologias materialistas. "O ateísmo — sentença o Santo Padre — é contrário aos direitos fundamentais do homem, porque nega ao ser humano a possibilidade de buscar a Deus e impede essa busca na vida social, pública e cultural."

O GLOBO — 3/10/79

AOS PREGOEIROS da chamada teologia da libertação, tão cara a Dom Paulo, responde João Paulo II com uma das linhas mestras do seu Pontificado: "Não nos move nenhuma intenção de interferência política, ou de participação na gestão dos assuntos temporais. Nosso empenho, ao nos aproximarmos dos ardentes problemas dos homens e dos povos, será dirigido unicamente por motivações religiosas e morais".

REAGINDO ainda aos desvios catequéticos pós-conciliares, às tentativas de infiltração na Igreja de "ideologias extremistas bem conhecidas", o Papa voltou-se sobretudo contra a heresia de apresentar-se Jesus Cristo como "político, revolucionário ou como subversivo de Nazaré".

INFELIZMENTE para a tradição e o prestígio católicos do Brasil, talvez em nenhum lugar do mundo a politização da imagem e do martírio de Jesus tenha atingido o grau de ignomínia que foi alcançado numa publicação da Cúria Metropolitana de São Paulo, chefiada por Dom Paulo Evaristo Arns. Ali o jornal "O São Paulo" veiculou a 11 de março de 1972 matéria de página inteira, ilustrada, na qual Jesus Cristo aparecia na pele de um revolucionário terrorista foragido e procurado pela Polícia como um marginal qualquer. Fazendo-se porta-voz da traumatização e indignada consciência católica brasileira, O GLOBO na época materializou esse repúdio em editoriais que condenaram a injúria inominável e procuraram chamar a atenção do País para as deformações cometidas na atividade política e social do clero.

A RECEPÇÃO do ilustre dignitário do clero brasileiro a Gregório Bezerra, por levar ao extremo uma série insistente de atos de engajamento da Igreja no terreno estranho, e traiçoeiro, da radicalização política, reclama agora um brado de alerta semelhante.

NÃO PODEMOS admitir a abertura democrática como um manto herético que acoberte e justifique a aliança de parciais da Igreja, eventualmente dominadas por vocações ou interesses temporais, com doutrinadores e sapadores do movimento comunista. Pouco importa que os agentes da anti-Igreja tragam um buquê de flores e de palavras enganosas. Eles não pertencem ao rebanho.

O jornal "O Globo", em editorial de 03-10-79, fazia alusões à Igreja, ao S. Padre, à teologia da libertação, ao jornal "O São Paulo" e ao encontro do Cardeal D. Paulo Evaristo Arns com um exilado político, Gregório Bezerra, aliás barbaramente torturado pelo Movimento de 64, razão, pastoral mais do que suficiente para ser acolhido por qualquer homem, sobretudo por quem se considerava herdeiro das bem-aventuranças e do critério da misericórdia de Jesus Cristo, o único a decidir sobre esta e outra vida.

(Mt 25, 34-36).

Restabelecamos a verdade dos fatos. O encontro foi casual. G. Bezerra apareceu na sacristia, sem se fazer anunciar. D. Paulo perguntou-lhe: — Tens coragem de vir à Igreja? — Sim, respondeu ele, para agradecer tudo o que o Sr. fez em defesa dos injustiçados e oprimidos. Ao que D. Paulo respondeu: — Pedirei a Deus que nos proteja e nos mostre os caminhos para uma sociedade fraterna. G. Bezerra ausentou-se por uns instantes e depois voltou com um maço de flores secas. D. Paulo repetiu: — Vou rezar a Deus para que nossos campos floresçam pelo bem do nosso povo, e que possamos encontrar caminhos de paz e fraternidade para todos desta terra.

O SÃO PAULO — 5-11/10/79

Numa época em que o próprio Presidente diz estender a mão conciliadora, é incrível alguém querer que um anistiado venha a ser exilado dentro de seu próprio País. Na tradição da grande imprensa brasileira o editorial reflete, via de regra, o pensamento dos patrões. É escrito por eles, ou por algum humilhado profissional, forçado a fazer as vezes do patrão. Há um setor de nossa imprensa que, rastejando nas redes do poder, bajulador dos poderosos, que não suporta uma Igreja evangélica e coerente, quer dobrar a Igreja, pô-la a seu serviço, distorcer o sentimento do povo, justificar com editoriais engarofos a sua postura alienada e parasitária, porque exploradora de nosso povo, escrava das multinacionais. Falta autoridade a essa imprensa, reconhecida, enriquecida à custa de injeções de dólares e de servilismo a interesses que não são os do Brasil, para criticar a prática pastoral da Igreja, tal como a quer o Evangelho. Porque anacrônica e ignorante da Teologia da Igreja, é reacionária aos documentos pontifícios, do CELAM e da CNBB. Os leitores cristãos ou qualquer homem de boa vontade já não se assustam com essa imprensa que desce tão baixo, perdendo o direito de colocar-se entre os veículos competentes pela sua dignidade e independência.

A REDAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS		HORA DA TRANSMISSÃO	
ENDEREÇO	DESTINATÁRIO: ROBERTO MARINHO		INICIAIS DO OPERADOR
	O GLOBO - Rua Irineu Marinho 35		
	(Rua, avenidas, etc.) (Bairro)		
TEXTO E ASSINATURA	CIDADE: 20233 RIO ESTADO: RJ		
	(ou nome da estação móvel nos radiogramas) (ou nome da estação terrestre 20233)		
	Lamentamos profundamente editorial publicado 3 outubro		
	"Flores Moscou" acreditando sua vigilância não mais se repetir semelhante afronta dedicado exemplar Pastor Arquidiocese SPaulo com quem nos manifestamos inteiramente solidários pt		
Bispos Auxiliares SÃO PAULO			

BEZERRA

Beth Carvalho — Onde foi que você nasceu?

Gregório Bezerra — Nasci no município de Panelas de Miranda, no estado de Pernambuco em 1930; 13 de março de 1900.

Beth — Há quanto tempo você não vai lá?

Gregório — Desde que caí preso nunca mais fui lá. Antes de ser preso, fui passar o Natal com meus familiares, lá na roça. Depois não tive mais condições de voltar, porque veio o golpe militar.

Beth — Quem você tem de família ainda lá?

Gregório — Na roça, tenho muitos sobrinhos. Porque minhas duas irmãs, minhas cacarecas irmãs e meus cacarecos irmãos morreram. Um morreu com 96 anos, outro morreu com 86. O meu irmão mais velho morreu em Recife em 72. O único sou eu, não sei quando eu vou embora. Mas quero viver menos uns cinco anos, se tiver essa chance, me sentirei muito alegre.

Beth — Qual foi a barra mais pesada que você passou?

Gregório — A barra mais pesada foi as prisões. Tanto a de 1917 a 22, como a de 1935 a 1945. Já uma constituição elaborada e fora da cadeia, a maior expressão foi de Dutra. Dutra foi um governo terrorista, o general Eurico Gaspar Dutra. Posterior aquele livro de Paulo Cavalcanti. O "Eu conto Como o Caso Foi" dá uma ligeira noção do que foi o governo de Dutra. Aquele é o livro também que dá uma boa orientação à juventude. E um grande escritor, que escreve com muita facilidade.

Enfim — O que você achou de seu encontro com D. Paulo?

Gregório — Recebi as palavras dele de uma maneira corajosa. Ele disse que eu tinha coragem. Eu disse: "A coragem é sua, pelo seu pronunciamento a favor dos humildes, contra a tirania". E tudo isso nos causou uma profunda admiração e muito respeito e que constitui para nós um belo exemplo e uma modificação do nosso procedimento em relação a determinadas figuras da igreja.

Sergio Gomes — Esse encontro vai estar na imprensa. O que vai acontecer?

Gregório — O que vai acontecer é o seguinte: a imprensa reacionária vai censurá-lo e a democrática vai dizer que ele está certo. A política é a luta dos contrários e a massa é quem vai resolver, vai julgar. Como o povo está com ele, ele vai ter maioria. Mas que ele vai ser criticado por isso vai, não tenho dúvidas.

Sergio Gomes — E você vai poder ser criticado por alguém por ter se encontrado com ele?

Gregório — Talvez não. Só se for por um sectarismo muito forte. O encontro com D. Paulo para mim foi um banho de humanidade. e eu preciso disso. Fiquei encantado.

Beth — Como você se sente no seu primeiro dia, na sua terra após tantos anos...



Gregório — Estou contentíssimo. De noite dormi bastante. Dormi de ontem para hoje como não dormia há 16 anos. Esse negócio de tagarelar, de falar, é o meu ofício.

Beth — Deve estar tudo tão mudado agora, reencontrar as pessoas, mais velhas...

Gregório — O que mais mudou e é um saldo muito positivo, foi o

despertar de vocês, jovens. Tenho encontrado tanta gente jovem, que tinham três ou quatro anos quando saí do Brasil, e hoje encontro todos envolvidos nessas manifestações de solidariedade. Vocês, jovens, que eram meninos naquele período, avançaram muito. E isso que me causa uma profunda admiração e muito respeito. E uma coisa muito

boa para um revolucionário gozar dessa confiança mútua. Isso para mim vale mais que ouro.

Izalco — Como foram os dez anos que você passou em Moscou? Você se encontrava frequentemente com outros dirigentes comunistas brasileiros que estavam lá também?

Gregório — Eu me encontrava constantemente com Prestes, e outros camaradas, além de ter contato com todos os comunistas, de nosso país que lá viviam. Esse, aliás, era meu dever.

Izalco — Você tinha saudades de coisas bem brasileiras, a comida, por exemplo?

Gregório — Nunca deixei de ter saudades do Brasil.

Izalco — Uma feijoada... Tinha chance de comer?

Gregório — Tive, pois companheiros iam para lá e me levavam um feijãozinho preto, às vezes um "taco", como eu chamo e o matuto chama, um "taco" de carne seca...

Izalco — E aí chamava todo o pessoal...

Gregório — Aí chamava quantas pessoas que a possibilidade da porção desse para comer. E era um prazer grande para mim.

Izalco — Você tem ideia de quantos comícios fez em sua vida?

Gregório — Muitos, centenas. Nos países capitalistas, em todos eles, desde a Noruega, até a Itália e Portugal, e também em Moçambique e Angola, fiz comício. Fiz também muito comício, na Lumumba, no Komsomol, no Instituto do Partido, no Instituto Latino-americano. E sempre me convidavam para grupos de jovens. Eles gostavam muito que eu transmitisse as experiências da luta do povo brasileiro, principalmente do campesinato.

Izalco — Você viajava bastante pela União Soviética?

Gregório — Sim, bastante, ia para várias cidades, Kiev, Leningrado, essa, aliás, é a mais bela cidade do país.

Izalco — Mais bela em que sentido?

Gregório — Assim no sentido artístico. Leningrado foi praticamente construída por um rei bastante progressista. Ele era pedreiro, era mecânico, enfim era um trabalhador incrível, e conquistou uma simpatia muito grande, de forma que de todos os reis da antiga Rússia, ele era o mais bem-querido e o mais popular. E o berço de Lenin, uma cidade que todos os moscovitas, todo pessoal da União Soviética, têm um grande orgulho. E Moscou e Leningrado, Moscou porque é a capital, Leningrado porque é o berço de Lenin.

Izalco — E a questão dos dissidentes na União Soviética, como é que você vê o problema?

Gregório — Dissidente na União Soviética, dissidente propriamente, não, mas certas divergências sempre houve, porém dentro de um espírito unitário. Quando a coisa não sai bem, quem tem mais forças vence, né? A maioria é quem de-

Vivo porque sou teimoso. Não tenho vontade de morrer, não. Se eu morrer é na marra.

cide, o presidium é quem decide, quer dizer, o comitê central se reúne, e se a maioria decide, por exemplo, que eu saio, eu saio mesmo. É um poder estatutário. Eles não expulsam abertamente, assim não. Se o cara não está correspondendo, ou cometeu qualquer falha que fere a unidade do comitê central nos princípios políticos mais importantes, então esse cara é submetido a uma reunião, e o que a reunião, o plenário resolver, está decidido.

Izalco — E as acusações de internamentos de dissidentes em hospitais psiquiátricos, são verdadeiras?

Gregório — Isso é mais mentira, né? A Rússia sabe que o imperialismo procura destruir a União Soviética, como não importa. Todo o mundo capitalista procura destruir, se puder, o mundo socialista, porque eles não se conformaram com esse grande privilégio que perderam, e lutam para recuperar esse privilégio. Então qualquer coisinha que surge, eles fazem um cavalo de batalha, se a coisa é de um milímetro, eles aumentam para milhares de metros no sentido de minar a confiança no socialismo, de fazer todo o possível para liquidar essa potência que é a União Soviética, juntamente com os estados socialistas soviéticos. É realmente uma grande potência. Não é ainda um paraíso: ainda há certos defeitos.

Izalco — Um exemplo, Gregório...

Gregório — Por exemplo, a burocracia, que ainda não pôde ser corrigida convenientemente. Mas, diante de qualquer país socialista, e qualquer país capitalista, eu considero a União Soviética, como todos os seus defeitos, um verdadeiro paraíso. Olha uma coisa: lá não há aumento de custo de vida de coisa nenhuma; eu morei lá dez anos, e o preço do pão é um só, nunca mudou, o preço do leite e do queijo é um só, o preço do peixe e da carne nunca se modificaram. O preço da casa, também. Nos países capitalistas, em geral, os alugueis de casa levam mais da metade dos vencimentos do que o cidadão ganha, e às vezes até mais. Lá não, não se paga mais do que seis por cento do salário para alugar um apartamento. Se a casa é muito grande, tem três ou quatro quartos, cozinha, sala, etc, então paga-se mais um pouco. E na base de oito por cento mais ou menos, mas nunca ultrapassa oito por cento. Eu morava numa casa, e pagava no máximo seis por cento dos meus vencimentos. De gás, eu pagava apenas 15 copeques por mês. Entre gás, aluguel de casa, luz, telefone, televisão, rádio, ferro de engomar, tudo isso, eu pagava uma média de 12 rublos e 50 copeques. Às vezes chegava a 13 rublos, quando eu gastava um pouco mais de luz, que é um pouquinho mais cara. O telefone, eu achava relativamente barato. Muitos lá acham caro, mas eu achava barato porque só pagava 2 rublos por mês de telefone.

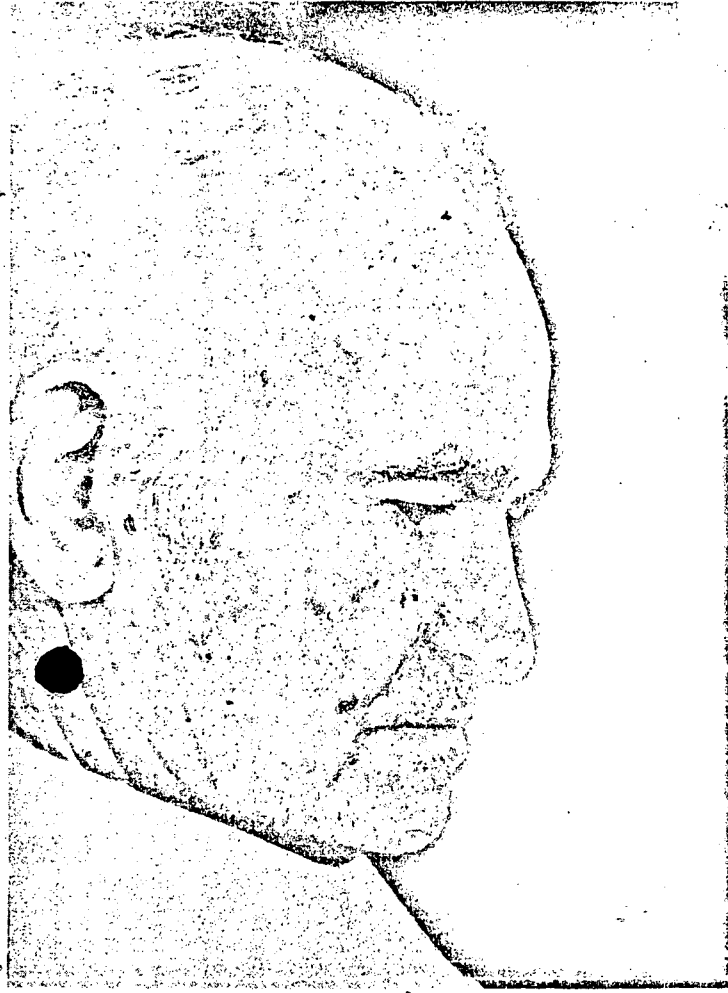
Izalco — Conta pra gente como foi sua infância, depois adolescência. O início da militância.

Gregório — O início da militância foi muito interessante. Era um revoltado na vida, um desorientado. Era militar, primeiro sargento. Meus pais eram camponeses pobres e analfabetos. Toda a minha família era analfabeta. Só fui me alfabetizar em 1925, no Exército. Não foi que o Exército tivesse

diretamente me alfabetizado: eu usava a folga que existia no Exército para me alfabetizar. Um ano depois vi que aprender a ler, escrever e contar não era um bicho de sete cabeças. Meti a cara. Contratei três professores para me ensinar aritmética e português. História, eu tinha boa memória, poderia ler, sem precisar pagar professor. Geografia também, não precisava. Essas matérias complicadas de álgebra, geometria e português, eu precisava. Em 45 dias, esses professores me tornaram apto para prestar o exame na escola de sargento de infantaria que eu precisava. Fui aprovado. Eu sabia que as matérias do curso da Escola de Infantaria estavam além

da minha capacidade. Eu era muito forte, tinha muita saúde e muita vontade de vencer. E em janeiro de 1926 era promovido a sargento-instrutor do Exército. Fui disputado como sargento-instrutor por aquelas corporações do Rio dado a minha capacidade de trabalho, à minha dedicação, às instruções, sobretudo no problema de funcionamento de armas automáticas. Tinha gosto por aquilo, por isso eu era disputado, não porque eles gostassem de mim, mas pela minha capacidade de trabalho. Quando foi em 1930, eu já estava em Pernambuco. Então, um jovem operário meteu "A Classe Operária" no meu bolso. Perguntou se conhecia o jornal do Partido. Eu perguntei: Que partido? Ele res-

pondeu que era o Partido Comunista do Brasil, naquele tempo era assim. Eu disse que não. Li e reli a "A Classe Operária" duas vezes. Gostei do linguajar, da maneira de expor os problemas em defesa dos operários, em defesa da massa sofrida. Logo em seguida caíram nas minhas mãos três livros: "A Mãe", de Máximo Gorki, a "História do Socialismo e das Lutas Sociais" e "Revolução" de Lenin. Depois que li e reli encontrei o caminho da vida que, há muitos anos, eu procurava. Inspirado nos êxitos da União Soviética, nas revoluções, no sacrifício e no esforço titânico para construir o Estado Socialista e baseado na situação de fome e de miséria do povo, principalmente a



marginalização da massa camponesa — minha origem era camponesa — então entrei nas fileiras do Partido para valer. Mas antes de entrar, eu perguntei: "Será que tenho condições de aceitar a disciplina do Partido?". Então refleti: "Se eu aceito a disciplina militar, todas as ordens que vêm de cima para baixo, sem discutir, sem o direito de opinar, então eu tenho condições de ingressar no Partido, de cumprir sua linha política, discutir os problemas do Partido, opinar. Se derrotado, cumprirei as resoluções da maioria. Se vencido, tanto melhor." Daí ingressei no Partido para valer, sem nenhuma vacilação.

Luis Carlos Cabral — A disciplina partidária era parecida com a disciplina militar?

Gregório — Não, apesar de ser muito sectário o Partido daquele período, a disciplina era muito mais humana, porque eu tinha o direito de ouvir e discutir. Era uma coisa minha também. Tinha o di-

reito de discordar daquilo que eu não estivesse de acordo.

Beth — Quando foi a primeira vez que você esteve preso?

Gregório — A primeira vez que fui preso eu tinha 17 anos. Houve a revolução de fevereiro de 1917 na União Soviética. Não foi a de outubro não, foi a de fevereiro, quando a realeza, o Império Russo foi mandado para as profundezas do inferno. Eu era pequeno, não entendia bem o problema politicamente, não sabia ler, nem escrever. Comprava os jornais, mas não tinha também ninguém que soubesse ler os jornais para mim. Então eu via aquilo e achava que os bocheviques tinham que ficar com o poder. Não entendia o problema político, a estratégia política que houve naquele período. Então houve passeatas de rua de solidariedade ao jovem regime bolchevique de uma sexta parte do mundo, que era a União Soviética, por pão, terra, paz e liberdade. Eu não tinha pão, não tinha terra e muito menos liberdade. Então era

operário, fazia parte do sindicato, que era favorável ao regime soviético. Então teve passeatas de rua, não somente em solidariedade, mas por melhor salário e pela jornada de trabalho de oito horas. A gente trabalhava 14, 15, 16 horas com salário de fome e de miséria.

Izalco — Onde você trabalhava?

Gregório — Nessa época, comecei a trabalhar na indústria da construção civil. Quando faltava serviço, eu ia trabalhar como arrumador de armazém, como carneiro, como estivador. Como estivador ganhava bem, mas eu não era associado, nem matriculado, quando parava o serviço extra, eu voltava a trabalhar na indústria de construção civil.

Izalco — Os sindicatos funcionavam bem naquela época?

Gregório — Funcionavam. Eram muito ativos e combativos. Os sindicatos eram praticamente dirigidos pelo anárquico sindicalismo, que prestou um valioso serviço à classe operária.

Beth — Como foi que você foi preso?

Gregório — Nessas confusões, nessas passeatas, a policia, a cavalaria invadia nossas passeatas, nossas sedes sindicais, entrava com cavalo e tudo. E sempre havia luta de rua. Você sabe, a reação da máquina repressora provoca a reação das grandes massas. Numa dessas confusões, eu fui preso também, condenado a sete anos de prisão, mas tirei cinco. Fui preso em 1917 e só saí em 1922. Era jovem como vocês. Ingressei no Exército, tirei caderneta para ser marítimo.

Izalco — Você, como preso político, ficava junto com os comuns?

Gregório — Naqueia época, não existia esse negócio de preso político.

Izalco — Como foram esses anos na prisão?

Gregório — Foram duríssimos, péssimos. Izalco — No seu livro, você conta histórias interessantes da prisão. E nessa época que vocês domesticavam as baratas?

Gregório — Não, isso foi em 1935. Nossas estafetas começaram a trabalhar nos anos de 37, 38, 39. Quando foi em 34, o Fascismo avançava em toda a parte, Mussolini na Itália, Hitler na Alemanha, e no Japão também. Vargas namorava o Fascismo, vestia a camisa preta, não sei se por demagogia do Hitler. Enfim, todo mundo dava apoio forte ao Integralismo, até a Igreja Católica. Do nosso lado, só tinha mesmo a classe operária e parte da juventude. Formamos comitês anti-guerreiros com a Juventude e o Socorro Vermelho. Esses comitês eram compostos praticamente pela juventude. A finalidade desses comitês, um era para conseguir fundos para a libertação dos que tinham sido presos, o outro era mais para fazer barricada ou grupos de choques contra investida do Integralismo. Havia choques de rua profundos. Em 1934, foi fundada, a Aliança Nacional Libertadora, que foi a mais ampla organização de massa existente no país. Ela polarizou todo aquele movimento de descontentamento do país e conseguiu atrair para si a maioria dos tenentes de 22 e 24 que não tinham um partido e com reivindicações sérias. O programa da Aliança Nacional Libertadora atendia a todas essas reivindicações. Perdemos muitos compa-

neiros. Houve muito sacrifício e heroísmo dos jovens soldados.

No Recife, muitos operários participaram da luta depois do pipocar das metralhadoras nas ruas. Eles estavam comprometidos com a revolução, mas não foram preparados antecipadamente, isto é, não foram avisados, nem foram concentrados nos diversos pontos de receber armamento. Naquele tempo havia muita arma guardada para ser distribuída aos jovens operários e tínhamos muitos operários. Infelizmente, esses jovens operários não foram preparados. E como em Recife, em outros setores, eu lembro que eu era instrutor de guerra. O Arraes também fez tiro de guerra nesse período. Todo o armamento do tiro de guerra era apenas 175 fuzis usados durante o ano letivo de instrução. Cada aluno tinha o direito de disparar oito tiros de experiência. Eu só dava três que pareciam 8 ou 9 e assim pude economizar para a Revolução. Dada a surpresa do movimento, pudemos expulsar toda a oficialidade do CPOR, do segundo andar do QG. E acabou.

Beth — Você faz alguma analogia entre aquele momento histórico com este que estamos vivendo?

Gregório — Há uma certa diferença. Naquele momento, Vargas estava fazendo sua autocrítica: estava decretando atos progressistas, democráticos, em defesa do povo, em defesa de uma democracia. Estava disposto a dar a Assembléia Constituinte. Então os gorilas, juntamente com a reação, sabendo que a Constituinte ia ser decretada, não veio a ser, mas seria se tivéssemos mais tempo, então deram o golpe em Vargas, colocaram Vargas na fazenda de São Borja mas não tiveram condições de impor uma ditadura militar, porque ele tinha o apoio da massa. Então tiveram que chamar o presidente do Supremo Tribunal, José Linhares, para empossá-lo na presidência da República, a fim de presidir o pleito eleitoral, que foi a conquista da Assembléia Nacional Constituinte. Infelizmente, dado o curto prazo de propaganda, não conseguimos ganhar e conscientizar politicamente a maioria do nosso povo. Deputados e senadores que foram eleitos foram banqueiros, grandes fazendeiros, grandes importadores e exportadores. Enfim, foi eleita a maioria absoluta de elementos ultra-reacionários. Nós apenas conseguimos eleger 16 deputados e Prestes para a senatária. Em Pernambuco elegemos quatro deputados federais. Eu, Agostinho Dias de Oliveira e Prestes eleito, senador da República, o mais votado em todo o país. Quer dizer, a nossa bancada era minúscula. Os demais partidos tinham maioria esmagadora. E nós não conseguimos elaborar uma constituição de acordo com nosso pensamento, com nosso programa. Avançamos aqui ou ali, mas em outros lugares não tivemos condições de avançar, porque na hora da votação a maioria esmagadora votava naqueles preceitos que não satisfiziam as aspirações da maioria do nosso povo. Mesmo assim, já foi uma constituição mais avançada em relação à Constituição de 34. A cassação dos mandatos em 47, logo depois da elaboração da constituição, em janeiro foram cassados todos os nossos mandatos. Fui seqüestrado na Cinelândia, jogado dentro de um cofre na

Apesar de todas as nossas falhas, o partido desfruta no seio do povo de um grande prestígio.

Ordem Política e Social, enviado no dia seguinte para João Pessoa, acusado de ter incendiado o 15º Regimento de Infantaria. Foram dois anos de luta, mas conseguimos desmascarar a reação, conseguindo mostrar que tinham sido realmente os incendiários da Infantaria. Isso quase dois anos depois de prisão.

Beth — Você pretende voltar para o campo?

Gregório — Onde for solicitado. Talvez não tenha mais aquela resistência que tive desde 1949 até 64. Mas irei fazer algumas visitas ao campo. Tanto no campo, quanto na fábrica ou qualquer concentração de trabalhador.

Cabral — Como vai sua saúde, depois dessa farra toda: torturas... etc.

Gregório — Minha saúde passou por vários recauchutamentos. Em Moscou fiz duas operações na coluna. Estou bom. Fiz operações no rosto. Estou bom. Fiz operação na próstata. Mas não estou bom. Melhorei muito; mas não estou bom. Aliás, é a terceira operação que faço e os médicos querem fazer outra, mas quando eu pedia fazer eles diziam: calma, calma. E, não quiseram mais mexer comigo. Eu gostaria de ser operado. Tive na iminência de ficar paralisado, ficar com pelo menos um lado do corpo sem movimento. Essa paralisia, não sei o que foi. O fato é que quando dei o primeiro passo cai e fiquei dormente. Chamaram o médico, o médico veio, me levou para o hospital, passei dois dias em tratamento muito rigoroso, não recuperei totalmente. Depois foi chamado um médico especialista em cérebro e acharam que eu devia ir para o hospital, no Instituto especialista em cérebro. Fui lá. Me submetiram a um tratamento muito rigoroso, tive várias aplicações eletrônicas, não sendo necessária a operação. Estou aqui completamente.

Izalco — E o coração?

Gregório — O coração ora quer disparar um pouco, depois ele volta ao trabalho normal.

Beth — Você já esteve perto da morte muitas vezes?

Gregório — Muitas vezes, por isso que eu digo, vivo porque sou teimoso. Não tenho vontade de morrer não. Se eu morrer é na marra. Por bem, não quero morrer, não.

ENFIM — Gregório, e aquelas histórias em que as procissões interrompiam comícios e os padres te xingavam?

Gregório — Foi em Alagoas. Fomos fazer o comício, tudo bonitinho, como estava funcionando legalmente. Tinha uma procissão com banda de música na frente, as filhas de Maria de lado rezando, os carolas também em suas posições e outro bando de gente atrás. Quando a procissão foi passando, eu concitei o povo do comício que tirasse o chapéu da cabeça e voltasse para a procissão. A procissão passou. Mas ficou mais da metade da procissão no comício. Depois de meia hora, já vinha a procissão voltando, com flores na mão gritando "Viva o Cristo Rei, Abaixo os Comunistas". No dia seguinte, a imprensa publicou: "Em vez da procissão tirar a massa dos comunistas, deu massa para a propaganda dos comunistas". O padre insatisfeito apagou a luz, não sei como, ele deve ter conversado lá com o cara responsável, apagou



todas as luzes. Então concitamos o povo a permanecer ali, porque com luz ou sem luz nós terminaríamos o nosso comício. Surgiu mais de 200 tochas de jornal acesas. O comício terminou numa verdadeira festa popular. E tivemos mais voto no dia das eleições nessa cidade do que todos os partidos reunidos. Nós só poderíamos brigar com a igreja assim.

Sérgio Gomes — É verdade que teve época que a igreja repicava os sinos quando ia ter comício?

Gregório — Que eu saiba aqui em São Paulo, a igreja nunca tocou sino, principalmente aqui na Capital. Mas em Recife, tantas vezes tocavam o sino, principalmente quando o Prestes ia fazer comício. Mas era muito bom, porque quanto mais o sino tocava, mais a massa ia. Eu vou lhe contar um fato interessante. No Rio Grande do Norte, nós estávamos recuperando o Partido que tinha sofrido um retrocesso muito sério depois das eleições de 45 e o Partido estava um pouco desacreditado. Chegamos lá e tomamos

contato com aqueles companheiros que se mantinham firmes e começamos a organizar comícios, visitar companheiros e amigos também que simpatizavam. O fato é que já tinha um bom comitê estadual organizado, principalmente na Capital. Depois, ingressamos para o interior até aquela zona de Salineira. Aquilo cresceu muito, mas estava numa dificuldade financeira terrível. Era época de carnaval. Fazer finança em época de carnaval é uma loucura, porque o povo faz economia durante todo o ano para gastar em três dias de carnaval. Resolvemos, então, alugar um salão muito grande, pegava de uma rua a outra. Reunimos o partido, amigos e simpatizantes para fazer um baile de Carnaval durante os três dias. Conseguimos os melhores músicos de Natal, portanto já tínhamos a melhor orquestra carnavalesca para a nossa festa. Criamos várias comissões para angariar fogos, carne, pão, manteiga, refrigerantes. E foi uma arrecadação monstruosa de objetos que nos deram. Galinha

assada, carneiro assado, peru assado, foi uma fartura imensa. Dividimos então o salão em duas partes, uma para bebida e comida, outra para a dança. E fizemos tudo para que o grito de carnaval fosse bem animado, o máximo de êxito. Nós tínhamos três comissões. Uma de recepção, outra de segurança e outra de dinheiro. O que se apurou na primeira noite, já dava para pagar todo o débito do Partido. A segunda noite foi outro estouro.

Izalco — E a Igreja, hoje Gregório?

Gregório — A Igreja teve um papel negativo em muitas ocasiões. Agora está fazendo essa bela auto-crítica de sua história. A reação nos deu esse belo apoio. Se soubémos trabalhar com ela sem ilusões — talvez um dia, tenhamos que realmente emendar os bigodes — mas até quando pudémos trabalhar com ela e ela conosco, o resultado será benéfico, não só para nós, mas para todo o povo. O fato é que até 64, a Igreja era um instrumento da burguesia, era um instrumento do capitalismo, um instrumento dos exploradores. E agora a Igreja está a serviço da verdade, da razão, em defesa dos direitos humanos, dos oprimidos, dos perseguidos. Em Recife tinha um jovem padre, assessor de D. Hélder junto à juventude comunista. Um dia, eu estava respondendo a dois processos — um de subversão no campo e outro o grande processo que estava envolvido Arraes — fui apresentado ao Padre Antonio Henrique. Ele disse para mim: "Gregório, quando vocês caem nas mãos das autoridades eu rezo para que Deus alivie seus sofrimentos. Tenho vontade de lutar, mas não tenho coragem. Não estou ainda preparado para isso". Dois meses depois, encontrei de novo o padre Antonio Henrique, ele falou: "Eu estou apavorado. Tem tantas criancinhas abandonadas pelas ruas, famintas, sem roupa, sem carinho de seus pais. O que fazemos para salvar essas crianças?" Fiquei emocionado. E respondi: "Padre, nós que estamos no caminho paralelo ao dos senhores, adiante nos encontraremos e vamos resolver os problemas das criancinhas". Dois meses depois, o padre foi preso quando sala de uma reunião com os estudantes. Foi seqüestrado, arrastado pelas ruas e assassinado. Dom Hélder foi avisado que ele e mais 33 pessoas seriam executadas da mesma forma que o padre Antonio Henrique. Aquilo me causou uma emoção muito séria. Um estudante, muito amigo de D. Hélder, recebeu um tiro nas costas, fraturou a coluna vertebral e ficou paralisado até hoje. Isso foi o resultado do terrorismo militar, fascista. Mas esses crimes estão longe de expressar os crimes que ocorreram nas câmaras de tortura.

ENFIM — A que o senhor atribui essa mudança da igreja?

Gregório — Foi a Igreja que a Marcha com Deus para a sua verdadeira missão, verdadeiro caminho como verdadeira representante e cedeu. Os fatores mais concretos dessa mudança foram as barbaridades, os crimes perversos que foram praticados contra os presos comuns durante mais de 15 anos de tirania militar do Brasil. A grande parcela da Igreja apoiou o golpe, a grande passeata realizada em São Paulo, em Belo Horizonte, a Marcha com Deus para a Família e isso contribuiu para

Ainda há certos defeitos,
por exemplo, a burocracia
que ainda não pode ser
corrigida corretamente.

O encontro com D. Paulo para mim foi um banho de humanidade e eu precisava disso.

fortalecer os golpistas militares que há muito tempo sonhavam em implantar uma ditadura militar aterrorizando o Brasil, para liquidar as liberdades democráticas e liquidar os direitos que os trabalhadores haviam conquistado durante longos anos de luta, abnegados, em defesa de um pedaço de pão para aliviar a fome que estrangulava o estômago de seus filhos e de seus familiares. A Igreja está hoje numa posição totalmente diferente daquela de 1964. A nossa grande admiração, o nosso grande respeito pela Igreja Católica, que realmente se coloca em defesa do povo e da classe operária.

Izalco — até onde?

Gregório — Até onde ela vai, eu não sei. Mas enquanto tomar essa posição positiva, humanística, em defesa das liberdades democráticas, em defesa de um país livre, independente de qualquer potência, nós estamos de acordo com a igreja e colaboramos com ela na medida do possível.

ENEM — Você acredita que a Igreja Mundial está na mesma posição da Igreja Brasileira?

Gregório — O Vaticano tem vários setores da Igreja. Tem setores progressistas e que prestam um serviço fabuloso à Itália e ao povo italiano e a todos os povos perseguidos, oprimidos e humilhados, como foi o nosso caso. Muitos católicos da Itália se colocaram contra os crimes, contra as torturas, seqüestros, desaparecimentos de patriotas da Santa Igreja. Essas solidariedade nacional e internacional muito contribuiu em determinados momentos para aparar, pelo menos momentaneamente, o braço assassino dos verdugos que estrangulava e matava nossos amigos, nossos patrícios nas celas de torturas. Muitos desses moços eram arrancados dos bancos escolares para as câmaras de tortura. Outros saíam das celas de tortura diretamente para uma cova rasa no cemitério ou ser jogado no oceano. De forma que a Igreja, saindo em defesa de todas essas coisas, nós não podemos ir contra a Igreja. Temos que admirar essa posição democrata, progressista da Igreja Católica em defesa dos direitos humanos. Na minha opinião, a Igreja fez a sua mais bela autocrítica de toda a sua história, deixando de ser um instrumento de seus opressores para ser realmente um defensor dos humildes, dos oprimidos. Enfim de toda essa grande massa sofredora do nosso país. Não sou católico. Sou um militante comunista. Mas o comunismo não é um bico fechado, não é um bicho papão. Eu reflito e tenho lógica. E minha lógica me leva a este terreno que eu estou lhe dizendo. Não lhe falo com boas palavras, por causa das minhas limitações, mas com a linguagem do camponês perseguido, filho de camponês analfabeto.

Izalco — Mudando agora de assunto, eu queria saber como você reagiu às revelações feitas por Kruchev sobre o período stalinista. Você ficou chocado?

Gregório — Fique chocado, muito chocado. Peguei o "Jornal do Brasil", não, era o "Correio da Manhã", que publicou no suplemento — eu estava naquele trajeto de Cambará até Londrina. Li e reli

atentamente, tive vontade até de brigar, fiquei tão desesperado, tão chocado, mas achei que aquilo mesmo era verdade.

Izalco — Você pensou em deixar o Partido por causa disso?

Gregório — Não, não pensei em deixar o partido. Pelo contrário, pensei em organizar melhor o partido numa base mais completa, e sem nenhum culto de personalidade, nem de Stalin, nem de Prestes nem de ninguém. Organizar um partido realmente baseado na luta e defesa dos trabalhadores.

Izalco — Mas, além do culto, e as denúncias de expurgos e de assassinatos?

Gregório — Eu achei aquelas denúncias muito fortes. Porque houve culpa, mas a culpa não foi só de Stalin. A culpa foi de todo o comitê central, e por isso eu não culpava somente Stalin, e a maior parte do comitê central não sofreu nenhuma penalidade. De forma que essa é a minha opinião a respeito do culto da personalidade. Isso dividiu também nosso partido.

Izalco — Foi quando surgiu a chamada corrente liquidacionista?

Gregório — Dirigida por Agildo Barata, e outros, e foi uma luta muito grande. Eu me coloquei pela unidade do partido...

Izalco — Ao lado de Prestes...

Gregório — Ao lado de Prestes, e fui interrogado por causa disso, e coloquei-me como um verdadeiro,

penso eu, comunista defendendo a unidade do partido.

Izalco — E como é que era dentro do partido, as discussões a respeito disso?

Gregório — Naquele tempo, as discussões dentro do partido não eram mais de princípio. Já eram, conforme o temperamento de cada um, depoimentos que não contribuíam para a unidade do partido. Contribuíam para que o partido ficasse ainda mais dividido. Aquilo me contrariava muito. Eu não tenho muita capacidade de polemizar. Também não quero brigar com nenhum companheiro, mesmo que esteja se afastando do partido. Se eu tenho alguma coragem, eu prefiro reservá-la para enfrentar um inimigo de classe, e não um amigo, ou companheiro que, se tem divergências com o partido aqui e ali, nem por isso deixa de ser um patriota, um democrata, um antifascista. Eu continuarei sempre lutando pela unidade do partido, sou contra todo e qualquer fracionamento do partido.

Izalco — Por causa dessas coisas que aconteceram, e denúncias que ainda são feitas hoje, sobre os dissidentes, por exemplo, você não acha que o partido terá mais dificuldades para recrutar militantes jovens — com o mesmo entusiasmo de Gregório Bezerra?

Gregório — Eu acho que vamos encontrar até muitos jovens, uma

geração impetuosa, honesta, muitos que souberam enfrentar com dignidade o terrorismo da ditadura militar. E eu creio que esses jovens, pelo menos na minha concepção, merecem todo apoio, toda ajuda, e se errarem aqui ou ali, o nosso desejo é ajudá-los...

Izalco — Mas você acha que esse tipo de jovem vai ingressar, hoje, nas fileiras do partido?

Gregório — Muitos já ingressaram, e outros irão ingressar, e ingressarão na medida em que o partido for legalizado. No momento até não importa muito porque o partido é ilegal. Eu prefiro lutar pela legalidade do partido, para fazer então um recrutamento. Mas até lá, vamos mobilizar todas as nossas forças no sentido de ampliar cada vez mais as forças de oposição à ditadura militar terrorista. Se nós conseguirmos isto, terei cumprido meu dever. Depois da legalidade do partido, se tivermos condições, teremos um partido maior, mais coeso, mais organizado e unido do que já tivemos até então. De qualquer forma, apesar de todas as nossas falhas, de todos os nossos defeitos, o Partido Comunista desfruta realmente, no seio do povo de um grande prestígio. Pena é, digo com toda sinceridade, que não estejamos ainda à altura dessa confiança. Isso eu digo com muita franqueza.

Izalco — Se o partido fosse legalizado hoje. Você calcula quantas pessoas teria?

Gregório — Eu sei que crescerá, como cresceu em 45. Apesar dos revezes, da dissolução que recebeu, dos crimes, dos camaradas que foram assassinados, se o Partido fosse legalizado, eu não tenho dúvida, que ele vai ser um Partido muito maior do que foi em 45, 46 e 47. E agora com muito mais razão, porque os militantes comunistas hoje, avançaram muito no terreno do marxismo-leninismo. São quadros muito mais capacitados do que aqueles jovens quadros que surgiram em 45. Temos muitas experiências. Não vamos cometer certos atos de sectarismo, como cometemos no passado e, acho que vamos dar um passo gigantesco para a frente. Alguém da reação já disse: "É melhor o Partido na legalidade, porque é mais fácil de ser reprimido". Vamos botar isso à prova. Então deem a legalidade do Partido. Por que negam? Mas essa legalidade do Partido não sai tão já, não. O despertar do povo ainda não é tão grande. E aceita por uma grande parte de democratas, mas não é por uma série de pessoas, que se dizem democratas.

Izalco — Alguns partidos comunistas da Europa abandonaram a idéia da luta do proletariado. O que você acha disso?

Gregório — Eu não aceito isso, do chamado euro-comunismo. Não aceito isso, porque considero uma traição à classe operária, ao marxismo-leninismo, que até hoje, ninguém teve capacidade para modificar e continua na ordem do dia. Esses partidos tentam enfraquecer o campo social, principalmente a União Soviética. Isso, para o capitalismo, é uma beleza. Você sabe que o capitalismo gasta rios de dinheiro para caluniar e difamar o regime socialista soviético, se prevalecendo desses contrabandos para enfraquecer? Eu não aceito. Esse é o meu ponto de vista. Tem companheiros meus que pensam diferente, mas acho que é uma



traição. Quero viver até à morte sem ferir a segurança da República Socialista e União Soviética, que tem alcançado êxitos fabulosos, no campo da ciência, da produção. A União Soviética e os demais países socialistas deveriam hoje estar numa posição muito privilegiada, entretanto gastam uma riqueza imensurável com o Vietnã, com o Camboja, com a África, Angola, Moçambique, com Cuba. É necessária essa ajuda a Cuba. É necessário consolidar o socialismo cubano. E Cuba, sem o apoio e ajuda da União Soviética, não conseguiria se livrar daquele imperialismo americano. Cuba é hoje um baluarte independente na América Latina, principalmente no Caribe. Serei fiel sempre à União Soviética.

Izalco — O que é viver tantos anos na clandestinidade? O que isso representa para o senhor?

Gregório — Eu caí na clandestinidade propriamente dita depois da cassação da bancada comunista. Cassaram os mandatos e fui metido na cadeia. Fui seqüestrado na Cinelândia por ordem do ministro da Guerra, o então General Carlos Augusto Pereira da Costa. Foi em 16 de janeiro de 1948, me meteram num confre de aço no Dops. De lá fui levado para o Santos Dumont. Subi num avião da FAB para a Paraíba, mas até aí não sabia o destino. Quando cheguei no aeroporto militar da Bahia, tinha uma noção da minha prisão, mas não sabia ainda para onde iam me levar. Iamos com muita sede e fome, fomos direto ao bar. Os policiais pediram laranjada. O rapaz do bar respondeu que não tinha laranjada e se virou para mim e perguntou o que eu queria. Eu disse que queria também uma laranjada, mas já que não tem, eu me contento com um refrigerante. O rapaz respondeu: "Para o senhor tem". E entrou para o interior do bar e trouxe um copo duplo de caldo de laranja. Eu tomei devagarinho. Os policiais estavam brigando com o moço do bar. "Vocês não disseram que não tinha laranjada". O rapaz disse: "E não tenho". E eles perguntaram: "Como tem para esse comunista". "Para ele tem. A laranjada é minha e eu ofereço para quem eu quero, de acordo com o meu pensamento", respondeu o rapaz. Os policiais ameaçaram o rapaz de prisão e ele disse que estava no seu estabelecimento: "Vocês mandam lá no avião". Não conhecia o rapaz e senti nisso uma solidariedade completa, bastante humana e corajosa. Seguimos para João Pessoa. Quando chegamos lá, tinha um espetáculo bélico como quem vai embarcar para uma batalha decisiva com um inimigo muito numeroso com carros blindados, militares, batedores. Fiquei espantado. Não entendia o que representava aquele aparato bélico. Me recolheram a um pequeno xadrez, com uma janelinha. Não sabia ainda o que se tratava. Nesse mesmo dia à tarde, o Coronel Armando Batista e o General Adriano Maza entraram dentro do meu cubículo, chocaram os calcanhares e disseram — "General Adriano Maza". Então eu me levantei da minha cama suja. E falei: "Deputado Gregório Bezerra". Ele perguntou: "O senhor sabia que seu mandato foi cassado". "Sabia. Mas o meu partido impetrou uma ordem de habeas corpus no Supremo Tribunal Federal e enquanto o Supremo



Tribunal não decidir, eu me considero deputado. O Coronel Armando Batista fez a mesma pergunta e eu dei a mesma resposta. Fizeram meia volta e saíram. E eu fiquei sob uma grande vigilância. Cinco dias depois, eu fui chamado para uma pequena sala, no pátio interno e existia cinco senhores, um deles era pai do Geraldo Vandré, eu não sabia, não conhecia. O general Adriano Maza, me perguntou: "Conhece esses senhores?" Eu respondi: "Não". Mas o senhor não conhece esses senhores", perguntou de novo. Eu disse: "Eu peço à Vossa Excelência que me respeite, como eu tenho respeitado o meu mandato de deputado pelo Partido Comunista, eleito pelo povo". Alguns oficiais protestaram. Eu senti que os cinco senhores presentes ficaram satisfeitos com a minha atitude, então compreendi que estava certo. Eu ainda não sabia a causa da prisão. Vinte e três dias depois, fui chamado para ser inquirido num vasto salão.

Izalco — Essa prisão também era muito ruim?

Gregório — Não era das piores. Tinha café pela manhã, uma moiranga com água, um almoço com a mesma comida dos soldados, que não era boa. De tarde, a mesma coisa. Achava a comida intragável, mas não reclamava. Isso perdurou até 23 dias depois, quando cheguei nesse vasto salão, repleto de oficiais.

O General Maza estava sentado numa mesa junto com Coronel Batista. Numa outra mesa menor um capitão datilografando. O general Maza gritou para mim, ajuntando a gola da túnica, ajuntou a gravata e disse — "Seu Bezerra, o senhor foi detido por ordem de sua excelência, o general Gil Castelo Branco de Almeida, comandante do Sétimo Regimento Militar, a pedido da Comissão de Inquérito que apurou a sua participação no plano do incêndio do Regimento de Infantaria em João Pessoa". Numa sindicância, meu nome tinha aparecido como organizador do plano. "Vossa Excelência me dá licença para responder". Ele respondeu: "Pois não". "Se Vossa Excelência como autoridade deveria ter começado seu inquérito pelas fileiras aqui do quartel e não pelas fileiras do Partido Comunista. Vossa Excelência não encontrará no decorrer desse inquérito nenhum comunista que, consciente ou inconscientemente, tenha participado desse crime. Nós, comunistas, jamais seremos sabotadores. A sabotagem e o terrorismo são arma do fascismo, não de nós, comunistas. O incêndio do quartel não contribui para a libertação do povo, para a queda do general Dutra...".

Izalco — O senhor não tinha medo de interpelar assim?

Gregório — Não, a vontade de viver tira o medo de morrer. E continuei dizendo que meu Partido

jamais praticaria qualquer crime contra qualquer repartição. Mas se um incêndio no quartel resolvesse o problema do povo, eu não viria do Rio de Janeiro para incendiar um quartel em João Pessoa, numa distância de mais de 200 quilômetros, iria incendiar diretamente o Catete.

Izalco — Nessa época também o Exército estava envolvido com esses casos de tortura?

Gregório — Não, não estava. Mas houve um fato desagradável Minha filha e minha esposa foram me visitar e o coronel não deixou entrar. Um oficial dirigiu um gracejo muito pesado à minha filha e minha filha cuspiu na cara do oficial. O Coronel Batista foi pedir para eu tomar providências e disse que da próxima vez ela se arrependeria.

Izalco — Como é que vai ser agora, será que do mesmo jeito, nem legal, nem ilegal...

Gregório — Eu ainda estou achando um pouco difícil, mas se for, eu aceitarei, e não tenho por que deixar de aceitar. Vim legalmente, e vou trabalhar legalmente. Eu nunca trabalhei ilegalmente, a não ser naquela fase, e não quero mais trabalhar na ilegalidade. Eu quero viver na legalidade e lutando pela legalidade do PARTIDO.

Izalco — Vocês vão dar prioridade para a luta pela anistia ampla ou pela Constituinte?

Gregório — Nós vamos continuar a luta pela anistia e vamos reconstruir a luta por uma Assembleia Constituinte. Uma não exclui a outra. Como também vamos lutar pela legalidade do Partido Comunista. Ai, eu não abro mão. Se me prenderam, me prendam, mas não prendam um militante comunista. Estou nisso há mais de 50 anos, por que agora eu vou abrir mão daquilo que eu considero certo e correto? Não é uma perfeição ainda. Temos cometido erros, mas sempre na intenção de melhor construir a causa do povo. Não somos impuros, nem infalíveis.

Vocês, jovens, que eram meninos naquele período avançaram muito. Isto me causa profundo respeito.

JOSUÉ GUIMARÃES

ULTIMA VESÃO DA BATALHA DE ITARARÉ

A rebelião militar argentina teve a sua Batalha de Itararé. Para quem ainda não sabe, Itararé foi a batalha que não houve. Ao Sul do Rio Grande passam-se coisas dignas de serem anotadas dia a dia para que as gerações futuras conheçam a verdade em toda a sua extensão. Um general de nome Benjamin Menendez mandou uma carta a outro general, Roberto Eduardo Viola que por sua vez queixou-se a outro general, de nome Jorge Videla. Em outras palavras: o comandante do III Exército deu um ultimato ao Comandante-em-Chefe do Exército que, por sua vez, foi buscar amparo no Presidente da República. Tentando ainda reduzir tudo a trocados: a ultradireita argentina queria que a extrema direita acabasse com essa conversa de Estado de Direito e de regime democrático.

Para quem não sabe quem é esse Menendez seria bom dizer que ele é tido nas Forças Armadas argen-

tinias como um autêntico herói, pois salientou-se no duro combate contra os que não querem a ditadura militar. Seus camaradas admiram muito a sua extraordinária valentia, quando no combate aos guerrilheiros urbanos, comunistas e terroristas. Daí a preocupação da ONU em saber quantos argentinos foram mortos e quantos se encontram desaparecidos desde que os militares se apoderaram do poder para tornar a Argentina um país feliz e próspero. E como não conseguiram, deitam toda a culpa sobre os que discordam deles. Juntando-se com o Uruguai, eis que formam a Aliança Tripartite. Não sei se as contas estão certas, mas se não estiverem e só botar um outro parceiro nessa aliança sa-crossanta.

Menendez rebelou-se, ameaçou com uma guerra civil e terminou do lado mais fraco. Resultado: desistiu dos canhões, tomou um avião e foi conversar com seu comandante, o mesmo que ele

queria ver na rua horas antes. Menendez e Viola conversaram, conversaram e entre mortos e feridos todos foram para as suas casas, assistir televisão. Menendez ficou solto, vão nomear outro comandante para o III Exército e não se fala mais nisso. Afinal, perguntam todos, que segredos trocaram os dois generais entre as quatro paredes do Comandante-em-Chefe do Exército? Muito simples, elementar, meu caro Watson.

Teria dito o General Viola:

— Mas camarada Menendez, que loucura essa de pedir a minha demissão? Mas nós queremos a mesma coisa e vens tu abrir o jogo aos quatro ventos? Claro, nenhum de nós quer entregar este país feliz e de inflação baixa para os anarquistas civis, comunistas, agitadores, impatriotas. Nós faremos uma Argentina rica, independente e forte, nem que tenhamos de dinamitar Buenos Aires inteira. Falamos a mesma língua, mas usamos argumentos diferentes, o que é um erro. Tu não queres democracia, nem eu, nem o Presidente. Mas não custa nada prometer, como o nosso colega Pinochet, um Estado de Direito para daqui a dez anos.

— Querido camarada Viola, eu errei. Perdoa-me, Yo quiero volver a mi casa.

Abraçaram-se com lágrimas nos olhos, dançaram um tango dos velhos tempos, talvez "La Cumparsita" e estava encerrada a última rebelião da extrema direita contra a ultra direita. Ou vice-versa. O pessoal do centro ficou, como sempre, sentado em cima do muro

e a turma da esquerda continuou recebendo porrada prá valer.

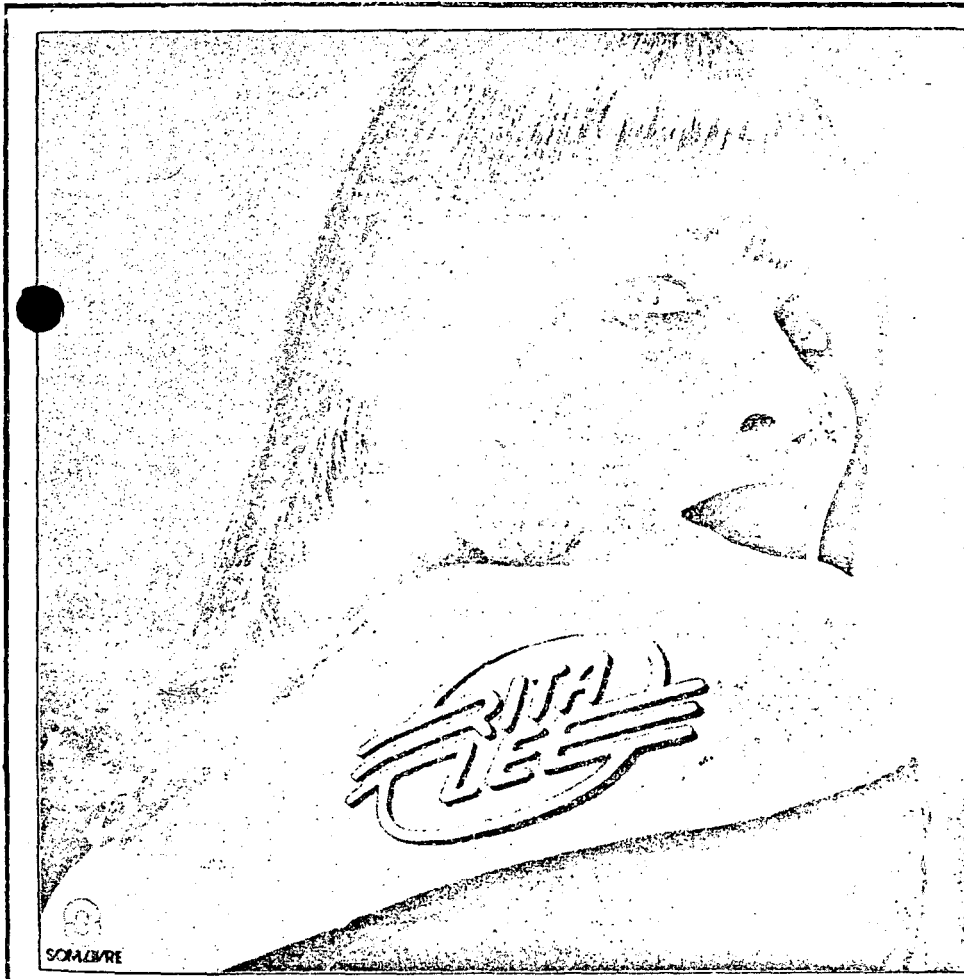
— Mas escuta aqui, Viola, posso então voltar a reassumir o III Exército?

— Calma. Por enquanto vais para casa, tira umas férias merecidas, quem sabe Bariloche, e depois a gente estuda outro comando adequado para o companheiro.

O fim do diálogo teria coincido com os sons de uma daquelas milongas de oito bandoneones. Mas já imaginaram todo esse romântico episódio se em lugar do General Menendez tivesse sido outro general (só para argumentar, é claro) que escrevesse uma carta para Viola e outra para Videla, exigindo o fim do arbitrio, das torturas e das mortes, reclamando por uma Argentina livre e soberana? Bem, mas aí vamos cair no terreno perigoso das suposições, se bem que o Ayatollá Khomeini já deu cabais provas de como se age com o inimigo. E agora Viola dá provas de como se deve agir com os velhos camaradas e companheiros de repressão.

Tudo azul, portanto, Menendez desiste de sua intenciona, dá explicações e volta para casa, depois de dispersar seus soldados. Trinta dias de férias. Tranquilidade quanto aos sagrados destinos da Nação alvi-cerulea. Certeza de que ninguém se apressará do poder que, diga-se de passagem, está em boas mãos.

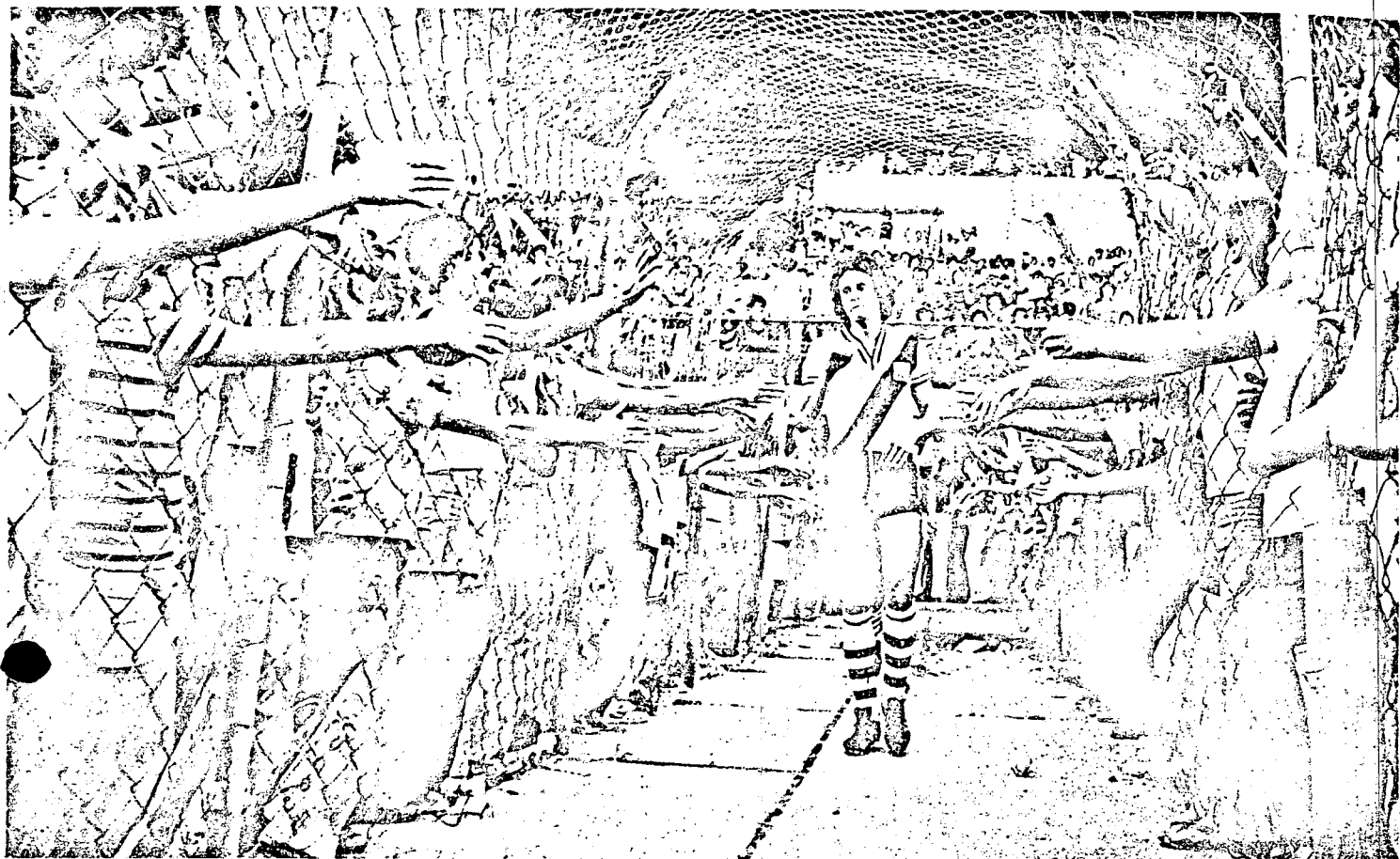
Se esta luta incruenta tivesse acontecido na Itália, não faltaria o filósofo para dizer: "sono tuto buona gente". Que a Justiça Divina se encarregue do resto.



**Nada
melhor que
deitar e
rolar com
o novo Lp**



Um lançamento **SONZIVRE**



AGENCIA JB

Este rapaz de 24 anos de idade, alto musculoso, de aparência simpática e extrovertida de riso claro, amplo e permanente é, ainda hoje, por incrível que pareça, o mesmo garoto triste de seus tempos de infância: não podia jogar bola, como todos os outros garotos, porque sofreu durante muito tempo de uma penosa e perigosa osteomielite no fêmur.

Os cuidados dos pais fizeram dele uma criança mimada. Ninguém imaginava que aquelas pernas frágeis e inseguras o levariam ao time principal do Vasco e seriam responsáveis pelo apelido que porou a seu nome: Roberto Dinamite. Foi numa partida contra o Atlético Mineiro, quando ele partiu com a bola dominada do meio de campo, driblou dois ou três na corrida, e bem antes de chegar à grande área chutou com tal violência e precisão que o goleiro do Atlético mal teve tempo para esboçar uma defesa. No dia seguinte, o título do "Jornal dos Esports", batizou o novo ídolo com o apelido tão ao gosto da torcida.

Mais ainda garotinho, conseguiu passar rapidamente dos campos de peladas da baixada fluminense para o gramado de São Januário, o mesmo campo fascinante e legendário dos tempos de Lele, Isaias, Tesourinha, Ademir, Chico, Heleno de Freitas, Maneca e tantos outros deuses do futebol. O garoto que chegava para fazer um teste no time de juvenis, então dirigido por Celio de Souza, viria um dia a ser comparado aos ídolos e craques do passado? Aos ídolos, sim; aos craques, jamais.

Mas naquela época, alguém ainda poderia apostar que sim. O jovem Roberto, ainda sem o dinamite, acabou se revelando num time bem

ROBERTO

UM ÍDOLO SEM A

EXPLOSÃO DO CRAQUE

treinado, formado por jogadores bons como Gaucho, Mazaropi, Fu-Manchu. Tornou-se campeão carioca. O técnico Paulo Amaral, que comandava o time principal, resolveu promover imediatamente o jovem atacante. Mas, naquele tempo como agora, os dirigentes queriam resultados imediatos. O Vasco fracassou, e Roberto deu um passo atrás: voltou aos juvenis.

Naquela época, dizia-se que se o Pelé fosse do Vasco, ele só seria revelado quando tivesse 26 anos de idade.

Roberto não me agrada como jogador, mas me intriga como ser humano. Acompanhei emocionado o drama familiar que ele sofreu, durante anos. A sua família não aceitou a família de Jurema, com quem Roberto acabou por se casar, apesar de toda a oposição paterna. Mais velha do que ele, desquitada e

mãe, Jurema ajudou muito a carreira de Roberto, chegando a conseguir dele uma disciplina profissional invejável. O drama de Roberto não ficou por aí. As tensões familiares atingiram a um ponto intolerável, e o garoto triste, atônito e solitário chegou a tentar o suicídio. Só não morreu porque Jurema e um amigo querido conseguiram localizar a tempo o médico Otávio Martins, que conseguiu recuperá-lo. Tudo isto, evidentemente, prejudicou demais a carreira de Roberto. Hoje, com os problemas familiares resolvidos (casou-se, tem um filho, ganha um bom ordenado, vive em relativo sossego).

Que é o ídolo tão grande que já passaram pelo Vasco, de Isaias a Maneca, isto não há dúvidas. A foto de Ronald Theobald, aí em cima da página, é de uma eloquência comovente. Mas, apesar de muitas

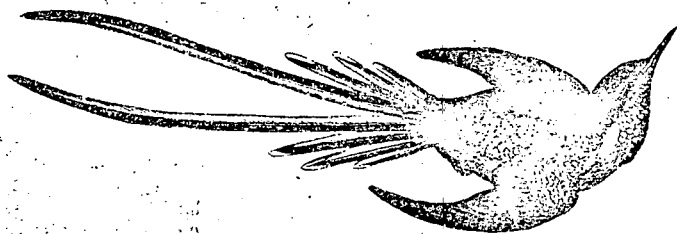
promessas e de varias certezas formuladas com alguma pressa, Roberto Dinamite é hoje (de certa forma sempre foi), um jogador que não teve condições de se aprimorar tecnicamente para adaptar-se a tudo aquilo que o futebol moderno exige de um jogador, especialmente de um grande jogador. A velha e respeitável figura do "rompedor de área", mais força bruta que drible sutil, acha-se arquivado, em nível de seleção, há quase vinte anos, pelo menos desde 66, quando os europeus, sob o comando do futebol inglês, buscavam táticas variadas e jogadores de repertório e atuação também variadas. Poderíamos recuar ainda mais no tempo, e recordarmos eternizados a seleção húngara de 54.

Roberto foi sempre um jogador parado. Em campo e no tempo. Ao contrário do que ocorreu com Zico, que aprendeu a ocupar vários lugares do campo (talvez inspirado no genial Keegan), e que viu seu futebol se enriquecer de maneira impressionante; ao contrário de um Sócrates, que já nasceu sabendo que um atacante não sobrevive se ficar, passivamente, à espera da bola — ao contrário desses dois craques (e poderia citar outros) Roberto continuou a praticar um tipo de jogo que não convém pelos menos a seleção, que exige de um jogador, por mais técnico que ele seja, mobilidade constante, combatividade crescente. Roberto Dinamite, apesar de alguns esforços elogiáveis, continuou o mesmo de sempre: um rapaz jovem que pratica um futebol velho. Em termos de clube é um jogador precioso. Na seleção, é indispensável. E esta talvez seja mais uma mágoa que ele tenha que esconder por trás de seu eterno e quase maquinal sorriso de felicidade.

CLAUDIO MELLO E SOUZA

GLAUBER ROCHA

RAZGA KORAÇÃO



onvivo com o kancer. Periodicamente faço xekap. Condenado, procuro novos Paravozs pra morrer felysz. Porque no Brazyl se nasce, se vive e se morre miseravelmente. Tom Jobym declarou uma vez que deseja viver e morrer nesta sacanagem. Kafhajestysmo y Kryme. Ultimo sopro poético de Oswald d'Andrade: VENCEU O SYSTEMA DE BA-BYLONIA E O GARÇOM DE COSTELETA. 1979. Ultimo Anuz da Decada do Terror. Eras Tema de filme: Francisco Santos, o melhor roteirista cinematografico do Brazyl (SANGUE QUENTE NA TARDE FRYA E AMULETO DE OGUM) sempre me procura com seus Temas, dando-me a preferencia, mas eu o considero superior a Orson Welles: "FILME VOCE SANTOS". Os produtores não confiam em Santos. E os diretores o seqüestram nos botecos, nos corredores da Embrafylme, no Beco da Fome. Uma das maiores provas da TOTAL DESINFORMAÇÃO do Kynudrygude é o desconhecimento que o burgues grupo hippie londrino tem da existência de SANTOS. Falamos de Zé Moiyka, Maryz, AP... uma descoberta Kytzche min... "tarde 66". Evidentemente Fernando Coni Campos que dirigiu "TARDE FRIA NO SANGUE QUENTE" não sacou SANTOS. Idem Nelson Pereyra dos Santos na versão jesutyka de "AMULETO DE OGUM": O TEMA, o ROTEYRO, o tal do SANTOS — ou seja, o Povo Santos Sou Eu! — é um OBJETO sobre o qual os intelectuais burgueses vertem suas Kameraz e Gravadores, procurando o OURO DO POVO, WOLKZGOLD ou, pra sermos Antropologykuz, o OURO DO RENO, o Anel dos Nybelungos, o segredo da força repousada no Ynkonzeyente do Gygante Forever Adormecydo. Forever, porque o LSD e o IBM são criações de Ymperylysmo Nortamerykano. Determinados por Hollywood, nossa morte cultural é comprazyda com Amor pela Dyreyta, aliás alva pela grana da bayxa qualidade vytal brazyleyra — mas o desesperante é que as chamadas ESQUERDAS preferem, antes de qualquer coisa, Coca Cola com Gary Cooper. Tancredo Neves, não poderia deixar de ser, mantem complexas ligações, sem duvida freudyanas, com o Clube de Amigos de Carmem Myranda. Ora o Clube é um Orgão Nacyonalysta, puro. Mas Carmem foi a mays excraxada das Prozytytutas Entreguyztas. Carmem traiu Getulyo. Cantou pro Pentagono o que sabia e o que o Osvaldo Aranha lhe confidenciou nas alcovas de Joaquym Rolla. Amante de Walt Disney. Carmem conqusytiu Nelson Rockefeller e lhe entregou o mapa do Oure. O segredo do Petroleo. O projeto Brazyl&CYA. Carmem, a tropykanalha, vestiu-se Boneka Tropykal. Transcendia, gozadamente, a miseria das flageladas nordestinas e das negras Kúzynheyras humilhadas na sevcia dos serviços latrynays aos Senhores Lympoz de Machado de Assyz. Nos romances de Machado os escravos entram e saem com naturalidade. Machado sempre se deu por felysz por ter escapado da sensala. Assaltou o saber. Como Georg Luckaz e José Guilherme Merquior que de Londres manifesta-se temeroso da Pzykanalazyze. O Zé, que eu considero uma das Grandes Kukaz Nacyonays. Não conheço seu

rabo) teoryza no JB que Lakan é um pensador grosseiro because vostras tylosofryas não são claras. O Zé pensa que Joaquym Nabuko é Genyo. Outro dya, sem grylos, expliquei para Vivi que o Joaquym era uma veneranda bezta. Graças a Nelson Rodrigues aprendi a não respeitar Mythuz. Uma vez, Nelson me contratou para dirigir a versão Kynyka de VESTIDO DE NOIVA. Recebi de seu filho Jofre e do Produtor Aluyzjo Leite Garcia um xequê de TRÊS MILHÕES, em 1965. Começamos o roteyro e pude frequentar a genyalydade de Nelson: — O Jorge Andrade é um vaselyna! O Aryano Suassuna é um sacrys tão! Veja você como o Marxysmo está errado. O Marxysmo prega a evolução historica e cultural. Isto, no caso do teatro, está errado. No passado tinhamos Sofocles, Eurypedes, Esquyio, William Shakespear, Moliere, Tchekov ou bestas erudytas como Bernard Shaw. Mesmo um pastor protestante como Brecht, um individuo que nunca transou seu homosexualysmo, um purytano frustrado com o estalinismo, mesmo esté masturbador conseguiu, pelo deirio nazysta da Razão germanujudayka, manter o STATUZ sacro do Grante Teatro! Mas, hoje, hoje, hoje, o que temos?? Dias Gomes!! Então há uma involução cultural e não uma revolução como preconiza Karl Marx, sobretudo se considerarmos, COMO O PRÓPRIO MARX, que a Kultura, Revolucionarya é um Produto da Consciência Burguesa. Exemplo disto é o próprio Marx, burgues germanujudayko que se cazou com a virgem Jenny, symbolo de moralismo provinciano. Ezpozando, Jenny, Marx estava certo de que não seria corneado. Eis o drama sexual do genio capytalysta. Marx comeu a criada, o filho nasceu e Engels assumiu a Peternydade pra não sujar o Nome do Chefe da Ynternacyonal. Pra Engels, o milionaryo brytanyko que o proletariou o selvagem Marx, o Sexo era Pekado...

Convenci Nelson Rodrigues a substituir VESTYDO DE NOYVA por SENHORA DOS AFOGADOS. Esta é a Peça que mudou minha vida. Na Bahia, no Teatro do Ynstytuto Normal, eu vi ENLOUQUECYDO, VESTYDO DE NOYVA, espetáculo dirigido por LEO JUSI. 1955 ou 56. Paulo Perdigão que me diga, porque foi quando se lançou o classico faroeste SHANE, de Jorge Esteves e Alan Ladd. Estava EGO tresloucado por Shane — OS BRUTOS TAMBÉM AMAM. Quando vi, na mesma semana, SENHORA DOS AFOGADOS, constatei que o Jorge Stevens era um VAZELYNA. Foi o bastante pra que nas semanas seguintes EGO começasse a exculhambar nos jornays bayanos os filmes yanks e sobretudo a ELYA KAZAN pelo seu SYNDYKATO DE LADRÕES NO QUAL O PROLETARYADO ERA VISTO COMO MATERYA CORROMPRIDA e não resultado social da mais valya. E por ai continuei na Cruzada anti Rolyudyana, por isto ter descido a lenha no Sr. MR. HARRY STONE, aqui sediado representante da MOTIONS PICTURES, organismo representativo dos Produtores Yanks, presidido pelo Sr. Mr. JACK VALENTY, amigo de Nixon, de Baby Rebozas, de Arthur Kissinger, de Jimmie Karter e de autoriddes e politicos brazilyanystas — quer dizer, Hollywood e o Pentagono controlam tudo, até o bistory de Pytanguy. Mas do Faluz Byzturyku do Pytanguy falaglauberey depois. Pytanguy, como Artyzta e Cyenteyzta sabe que é Justa minha incursão pzykanalytyka no seu bistory. Se aigum intelectual estiver com Cancer o melhor é confiar a péie ao Dr. Jacob. Este sim é um revolucionário. Salvou a vida de Gustavo Dahl. Um dia o Dr. Jacob me telefonou: "Sou o Dr. Jacob! Trabalho no Instituto Nacional do Câncer. Seu amigo Gustavo Dahl tirou um

carcinoma dum texticulo. Pode morrer mas acho que se salva". Darcy Ribeyro e Gustavo sobreviveram. De Gustavo, foi-se um Ovo que lhe ceifou o maldito e maravilhosa Kynema Brazyleyro. Do Grande Taxua Tupy tuxu y Pay Brazyl, Darcy Rybeyro, o Golpe de 1964 levou-me um Pulmão mas ainda hei de ver Pery Braz ser Koroado Latyymperator dos Tropykoz. Nelson e eu adaptamos febrilmente SENHORA DOS AFOGADOS, certos de que estavamos superando Machado de Assis e Michelangelo. O Nelson me zumbia babando: — Depois que vi DEUS E O DYABO NA TERRA DO SOL eu confessei ao Jofre que você deveria dirigir VESTYDO DE NOYVA porque eu vi que você era o unico diretor que poderia compreender minha genialidade Michelangesca. Você é nosso selvagem Antonioni. Você teve a Glorya de ser comparado a Richard Wagner. Foi o Governador Carlos Lacerda quem declarou durante as facciosas premiações da Comissão de Auxilio à Yndustrya Cinematografica (CAIC) ao Cinema Brazyleyro, em 1965: "GLAUBER ROCHA COMO RICHARD WAGNER É GENYAL E INSUPORTAVEL. POR ISTO DESCLASSIFICO DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL E CONCEDO O PRYMEYRO PREMIO DE VINTE MILHÕES A VIAGENS AO SEIO DE DUILIA DO ARGENTINO CARLOS HUGO CRHRISTENSEN". Um dia, terminado o roteiro, Nelson me falou: — Você não dirigirá este filme porque o Vianinha, o Guarnieri, o Beal não vão deixar. — Você está louce, Nelson. Eles são meus amigos. — Estão morrendo de inveja. Você não dirigirá este filme! Três dias depois, viajando de ônibus pra São Paulo onde dirigiria a gravação do disco OPINIÃO, de Nara Leão, leio na MANCHETE uma notinha me krytykava por ter aceito filmar uma peça de Nelson Rodrigues. Retornando, crescia a campanha carioca. Em bares da esquerda festyva, Glauber Rocha, o Heroy de Deus e o Dyabo, já se transformava no crapula que filmarya Nelson. Enquanto isto eu achava que o próprio NELSON deveria dirigir o filme. NELSON E UM GENYO. Como eu poderia tocar na Obra do Genyo? Leo Jusi, sim, tinha encenado o unico momento SAKRO DE NELSON naquela montagem bayana. VYVALDO DA KOSTA LYMA, que é pessoa mais CULTA E SOFYSTYKATA de Brazyl & World (quem não foi educado por Vyvaldo como eu e outros expoentes da minha geração esta lyteralmente por fora. Quer dizer: VYVALDO vive na Bahia, os jovens deveriam ir a Salvador ver o Mestre e Apr-en-der Ver, Ouvyr. Pensar e Agyr (i outras coisas...) — pois Vyvaldo, qual Mefystofeles conhecido naquela noite prymaveral, observou: — Nelson pensa que fez uma Tragedya Grega mas o Leo Jusy revelou que se trata dum Tango Argentyno. Ai está o espirito do Tango! Nelson é o Sub-Cu-Yn-Scyent da Ameryka Latryna! Nelson é o DYABO SANTO DO TERCEYRO MUNDO! Nelson, durante as locações ego resolveu lhe abandonar! Você fechou-me TERRA EM TRANSE, sintese transcendetal de VESTYDO DE NOIVA E SENHORA DOS

1 — Está muito em moda a pesquisa de opinião pública. O General Figueiredo encomendou uma que deu a ele um alto índice de popularidade. Claro que nessa pesquisa só devem ter sido ouvidos funcionários públicos, com seus chefetes do lado pra conferir o que o subalterno ia dizer. Já sobre o Maluf, o famoso Bionico das Arábias, teve uma pesquisa feita por conceituada agência, que escutou gente de outros setores que não o do funcionalismo público e piou na parada uma coisa que reflete bem a realidade. O povão lesado não crê na honestidade do Salim Maluf. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar, ou melhor dizendo, o que quero sugerir é que podia se fazer uma pesquisa pra conferir quem atualmente é considerado a máxima alegria do circo. Ia ser um páreo duro. Porém (e sempre tem um porém), eu creio que o Salim Maluf ganhava disparado. Claro que ia haver muito candidato na parada. Alguns a cavalo, outros a pé. Ia ter o Bionico que a toda hora vem a público para nos fazer rir dizendo que é a favor da eleição direta. Ia ter o Francelino. Ia ter senador e ministro que concorreriam nos fazendo com suas retumbantes declarações de que o Projeto Jari é a salvação do Amazonas. Mas, o certo é que todos esses nos fazem rir o riso amargo dos que, em quinze anos de ditadura, terror, obscurantismo e tal e coisa, gargalham pra não chorar do ridículo que é um país nessa condição.

Só mesmo o Bionico das Arábias, com sua ânsia de aparecer, sem nenhum senso de medida para

PLINIO MARCOS

notar o ridículo em que se expõe para ser notado, é que nos faz gargalhar. Ele, nesse papel, consegue até ofuscar o General Figueiredo, com suas frases que a imprensa que recebe o anúncio do Governo classifica de declarações sinceras. Eu, onde chego nessas minhas andanças pelo interior, escuto gente contar façanhas do Bionico das Arábias que são de entortar o patuá. A última do Salim que merece registro se deu já em Sorocaba.

O Salim, com medo de não ser notado, já que o General Figueiredo também estava em Sorocaba, se agarrou nele no melhor estilo veadeiro do interior (daqueles que levam lambe-lambe particular para as solenidades para ser fotografado toda vez que conseguir apertar a mão de um figurão). E o Bionico das Arábias estava nessa. O general ia para um lado, o Maluf agarrado nele e o fotógrafo registrando. O general ia pra outro lado, o Maluf junto e o seu fotógrafo registrando. Dizem que, se tirassem uma radiografia do saco do general, era capaz até de aparecer as impressões digitais do Maluf, de tanto que o Bionico das Arábias se esforçava pra ocupar o lugar do Laudo Natel no coração do General Figueiredo. E estavam nessa, quando de repente o General Figueiredo cochichou alguma coisa no ouvido de um cidadão local. O Maluf quis esticar a orelha pra

escutar, mas não deu. O cidadão sacudiu a cabeça e se afastou, seguido pelo general. O Maluf, então, desesperado, puxou sua mulher, seu fotógrafo e correu atrás do general. Ai, recebeu um breque da segurança. Claro, deu o estrilo:

— Sabe com quem está falando? Sou o Governador de São Paulo.

O Segurança claramente e sem se acanhar retrucou:

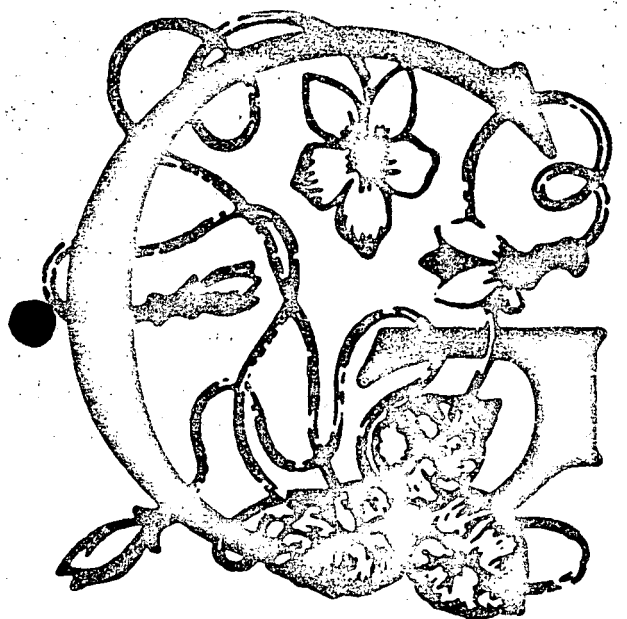
— Eu sei. Mas o general foi no mictório.

2 — O M.D.B. parece mais um bando do que partido político. Aqui em São Paulo, por exemplo, tem uma curriola que nunca foi oposição de coisa nenhuma. É um time dos mais encardidos. Gente que entrou para o M.D.B. única e exclusivamente por saber que o povão lesado votava nos candidatos dessa sigla para mostrar o descontentamento com o governo. Vai daí, e esses oportunistas acabaram até sendo eleitos. Agora, a toda hora essa patota dá vexame. Desmoralizada a classe política. Semeia a descrença entre os eleitores, que chegam até a achar inútil votar. Essa curriola acaba de lançar uma chapa para a direção do partido. E se segura na cadeira pra não cair, tu aí que só come de banda podre, tu que cata bagulho no chão da feira, tu que morre de frio no inverno e de desidratação no verão, tu que só berra da geral sem nunca influir no

resultado. Se segura e sente o aroma da perpétua. Sabe onde essa curriola escamosa fez o conchavo para a composição da chapa? Num jantar em Brasília, pago pelo Salim Maluf e com a presença do General Figueiredo. Dessa gente que formou a chapa das bases se espera tudo. Porém, causa estranheza que as pessoas honestas que estão no M.D.B. e que fazem oposição realmente não expulsem esses oportunistas. Para que o eleitor possa crer que o M.D.B. possa ser um instrumento aglutinador de todas as forças de oposição do país, não dá pra esse bando de mutreiros ficar na parada.

3 — Na Arena, só porque o Cláudio Lembo falou com o Brizola, foi feito um escarcéu. Claro que o Cláudio Lembo só foi se encontrar com o Brizola para ver mesmo se provocava sua expulsão do partido e com isso se redimia por ser um liberal, como ele diz ser, e ter servido o partido da ditadura por tanto tempo. Mas, é isso aí. A Arena é organizada. Não chegaram a expulsar o Lembo, mas o puniram. E ele apenas falou com o Brizola. Então, veja o que deve ser feito com os deputados do M.D.B. que falaram com o Maluf.

4 — O comunismo tem costas largas. Para justificar a violência da ditadura contra a UNE, já piou porta-voz na parada explicando que as chapas concorrentes estavam infiltradas de agentes dos partidos clandestinos. Só que ninguém engoliu essa cascata.



GIARDINO
Gastronomia Italiana

Rua Gomes Carneiro, 132 – Ipanema
Reservas: 287-1596

Educação Física

já não é mais

“Um — dois, um — dois”

É muito mais do que isso,
é ciência.

Estude, pesquise, conheça.

ARCUS
REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

LEIA

ASSINE

LUIZ CARLOS MACIEL

LOUKURA KRYADORA

A nova visão, na política brasileira, encarnada em seus artistas. Política existencial e artística: romper as regras do jogo, substituindo o padrão, a redundância, a reiteração inócua pela criação permanente, a invenção incessante, a surpresa fértil.

As velhas categorias do pensamento político finalmente afogadas, contaminação crescente pela nova visão. Guerrilha psíquica: liberdade, ou loucura. Lance imprevisível. A eficiente estratégia libertária para os anos oitenta, em caótica mas luminosa gestação.

O mais ativo de nossos novos guerrilheiros psíquicos é Glauber Rocha. Investigação no subterrâneo existencial de nossa experiência coletiva, desvelamento audacioso de suas áreas proibidas. É difícil avaliar as denúncias de Glauber pelos velhos critérios. Será Jean Rouch um agente da CIA, um espião? Não sei porque não tenho serviço secreto. Glauber diz que é. E se for?

O artista fala dos recessos profundos da intuição criadora. Se Rouch não for espião, será uma pena, sacrificado na fogueira de uma estratégia ambiciosa: o escândalo deliberado no Festival de Cinema de Brasília. Glauber detona suas granadas e pede a Eduardo Portella uma revolução cultural. A administração da cultura, no Brasil, está toda errada, sabemos, mas Glauber não se contenta em saber, cria logo a confusão, primeiro momento da alquimia revolucionária.

— Eu vim a Brasília — disse o cineasta — para fazer escândalo. Este festival desmoraliza toda a cultura brasileira. O júri é um júri policial que não entende nada de cinema. É uma vergonha. Este é um festival de prostituição. Os cineastas pegam dinheiro da Embrafilme para fazer pornochanchada. O festival é dirigido por um agente da CIA. E o senhor Ruy Pereira da Silva.

Enquanto isso acontecia, outro guerrilheiro da nova política, mi-

litada do partido alto, Jards Macalé, era recebido pelo General Golbery, a quem pediu a ratificação, pelo Brasil, de Carta dos Direitos Humanos, a pacificação da família brasileira, e atenção para um plano cultural, estruturado cabalisticamente em sete pontos. Na qualidade de cabo eleitoral de Clementina de Jesus e Moreira da Silva, seus candidatos à Presidência e Vice-Presidência da República Brasileira. Macau quer a anistia suficientemente ampla, geral e irrestrita para libertar os presos comuns. Esvaziar as cadeias, fazer justiça, pacificar a família brasileira.

Como Glauber, Macalé quer acabar com o colonialismo cultural no Brasil. Agitação com objetivos concretos, nítidos, mas em novo estilo. Golbery ouviu com atenção: os loucos devem ser ouvidos, e acreditados, pois uma nova maneira de ver amplia sempre a nossa compreensão da realidade.

Macau age. Trabalho criador em vários níveis. Política espontânea. Macau apronta.

235

Seu último lance é o lançamento de Banquete de Mendigos, um álbum duplo que registra o show de mesmo nome, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a 10 de dezembro de 1973, data do 25º aniversário da assinatura da Declaração dos Direitos Humanos. Foi um acontecimento memorável do qual seu realizador, Macau, tem justo orgulho. O desfile de artistas é impressionante: Paulinho da Viola, Jorge Mautner, Edu Lobo, Luiz Gonzaga Jr., Johnny Alf, Raul Seixas, Soma, Edison Machado, MAP 4, Chico Buarque, Luis Melodia, Milton Nascimento, o próprio Jards Macalé, Dominginhos e, finalmente, Gal Costa. Um compromisso aberto da música popular brasileira.

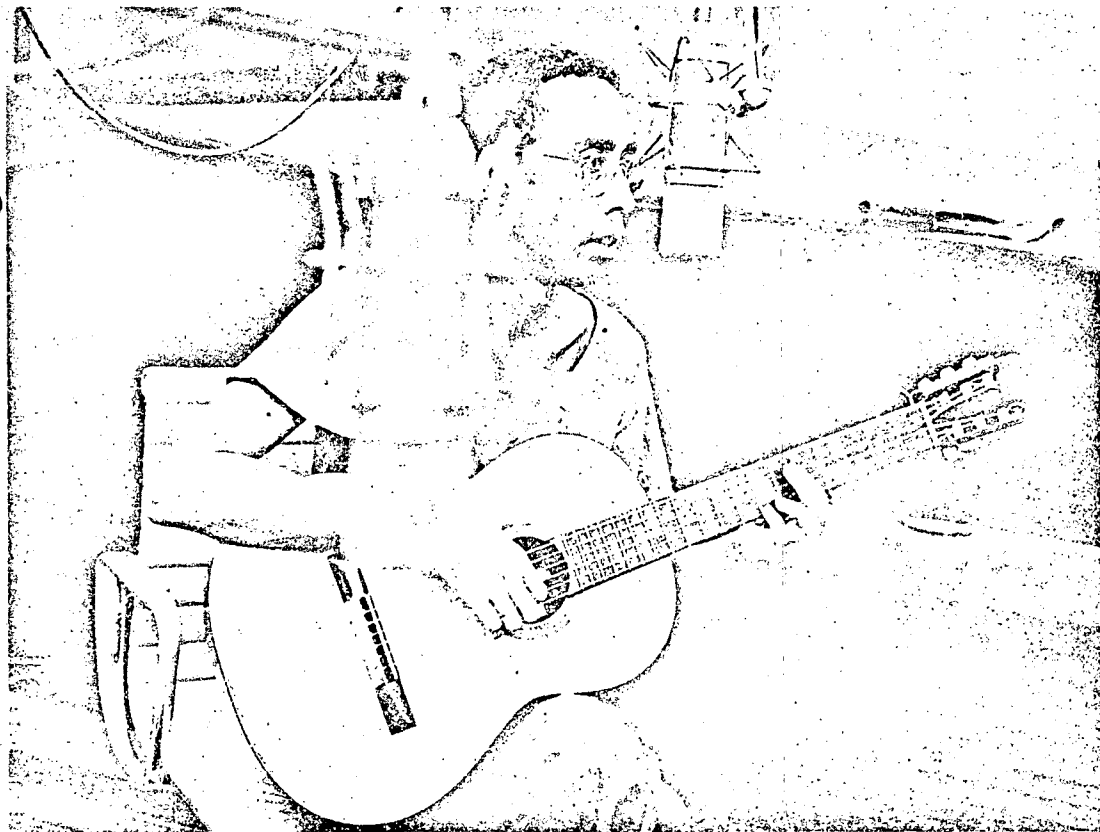
Glauber, Macalé e outros, muitos outros artistas, estão fazendo, hoje, os seus feitiços. Apontam novas maneiras de ver — de imaginar, ou conceituar — esse mistério, a realidade nacional. E preciso que se atente para esse fato, mesmo à custa de mera repetição, para que a revolução cultural concebida pela nova visão, ganhe uma consciência cada vez mais nítida de si própria. A destruição das categorias estabelecidas do pensamento é uma ascese esotérica. Supõe uma limpeza de terreno, uma purificação que se processa através da eliminação positiva dos velhos hábitos mentais.

Loucura? Também. Na verdade — como se está cansado de saber, ainda que se finja que não —, todos os homens e mulheres do mundo estão inteiramente loucos, cada um naturalmente na sua. A questão é apenas de escolher o tipo de loucura. Uma opção entre insanidades. Algumas são feias e velhas, estereis e letais. Outras insuflam a vida, estão mais próximas de suas secretas e palpitantes raízes. São loucuras que apontam, de alguma maneira, mesmo precária, ou provisória, para a cura.

A loucura de criar, a invenção instantânea — eis o espírito da nova política, a artística. Seu território é o da liberdade interior: pensar, escrever, compor, filmar, representar, cantar. Na arte ou na política, no trabalho ou no amor, a criação, instinto supremo, é o elixir da eterna juventude, da vida incessante. Isto é: o louco, iluminado projeto, é o de não morrer nunca, porque se morre a cada instante e se renasce sempre, a cada instante. A vida é infinita. Limitá-la é optar pela morte. A nova política é a escolha da criação sem limites e portanto da vida, como ela é: infinita.

Isso é o que eu chamo de escrever sobre música. Dizer: escutem o nosso canto. É um improviso: sua essência é a inspiração direta, sem mediações. Com isso, cria-se e se expande no Brasil um novo espaço cultural, no qual a liberdade transforma o absurdo em riqueza. Sem sua nova visão, a famosa abertura, de que tanto falam, não passará de uma farsa mal representada. Restos do passado.

Nossa política precisa de nossos artistas: é a sua oportunidade histórica, sua chance. A vinte anos do ano dois mil, temos de abrir as portas e as janelas, deixar o sol entrar. Chega de caretice. Chega de idéias bem arrumadas, como livros de uma biblioteca, mas inúteis. Chega de saudade.



ANISTIA (1) FOLHETIM

Tania — Sobrosa, você tem quantos anos?

Sobrosa — 35 anos.

Tania — Você foi preso com quantos?

Sobrosa — Fui preso com 27 anos.

Tania — Você podia contar pra gente a trajetória desses oito anos de prisão?

Sobrosa — Oito anos e nove meses, vou fazer daqui a 12 dias.

Tania — Como é que foi sua trajetória nesses oito anos até você aparecer aqui no Barro Branco?

Sobrosa — Foi uma luta, muita greve, contra as arbitrariedades que foram inúmeras e já reiteradas, às vezes denunciadas. Num documento bem amplo de 1973, a gente fez uma representação à Ordem dos Advogados, à Ordem Federal dos Advogados do Brasil, onde está bem relatada a situação que nós atravessamos nesse período.

Depois fizemos, posteriormente, um outro em 77. Também à Ordem dos Advogados mas abrangendo as questões jurídicas. E mais recente fizemos uma a respeito da nova lei de segurança, questão que diz respeito às adequações de pena, mesmo o cumprimento dessa lei de exceção imposta à nação, que é bem mais abrangente, atinge muito mais, se bem que ela tenha essa característica de reduzir as penas daqueles que estão na prisão mas, ela é muito mais ampla no sentido de quem não está na prisão, o caráter repressivo dela...

Tania — A sua condenação é de quantos anos?

Sobrosa — Eu fui condenado em primeira instância à pena de morte, no processo 146 de 1970, pela Segunda Auditoria de São Paulo, a 29 de novembro de 71. Essa sentença foi reformada pra prisão perpétua em 6 de setembro de 74 no Supremo Tribunal Militar, e no Supremo Tribunal Federal de acordo com o artigo 51 da lei 898, passou a ser 30 anos de prisão, que é o processo que eu tenho aqui.

Tania — Mais um processo no Sul, 20/71, foi incurso no artigo 42. Organização fardada ou não, artigo 42 da lei 898, na qual possivelmente serei anistiado.

Tania — E no resto? Agora, com um monte de gente que não foi anistiada mas que pode até sair, com adequação de pena, liberdade condicional... Como fica tua situação jurídica?

Sobrosa — Na verdade, a minha situação jurídica, se tivesse sido cumprida essa lei de exceção, que está aí imposta à nação, eu já teria sido libertado, a partir de janeiro deste ano, quando entrou em vigor a lei porque teria saído com condicional. É bem verdade que esse processo de anistia se deu agora, há quatro dias. Mas eu teria saído com adequação e juntada a soma da pena do Sul com a daqui daria 13 anos no total porque a lei diz que o artigo no qual fui condenado pela lei velha, artigo 28, parágrafo único, hoje está na faixa de oito anos pena mínima e 30 anos pena máxima.

Tania — E pode acontecer o que?

Sobrosa — Deverão adequar essa pena.

Tania — Prá quanto, você não sabe?

Sobrosa — Não sei. Se for vigorar a questão do arbítrio poderá ser acima de oito. Se cumprirmos a legislação imposta por eles mesmos, por esse regime mesmo, eu sairei da prisão em breve.

Tania — Se for a pena de oito então você pode sair porque você já tem mais de oito?

Sobrosa — Saírei com a pena cumprida, com menos 12 dias pra completar os nove meses de excesso de cárcere.

Tania — Você tem alguma expectativa, o seu advogado já sabe prever quando é que você poderia sair? E se você sair você sai em condicional ou sai livre?

Sobrosa — Eu sairia com a pena cumprida com excesso de prazo; eu estou com oito anos e nove meses, então eu sairei com nove meses menos doze dias de excesso, já, sem responder à condicional.

Tania — Isso aí dá pra acontecer quando? Seu advogado tem alguma previsão? Ele acha que isso pode acontecer nos próximos dias?

Sobrosa — Nos próximos dias, porque o prazo pra julgar esse habeas corpus, é vinte dias, como já faz dez, então possivelmente até dez, quer dizer, poderia ser hoje inclusive, né? depende dos ministros julgarem esse habeas corpus e definirem esse habeas corpus.

Tania — Você que tem oito anos e nove meses de prisão... o que é que isso muda na vida da gente? O que é estar preso durante todo esse tempo?

Sobrosa — Ah, é tudo. Muda muito, se bem que a gente conte, contasse com essa situação, que mais dia menos dia, ocorreria, poderia ocorrer, mesmo a... mesmo a minha vida, né? Quando eu estava num tipo de atuação, que era a luta armada, eu jogava com a minha vida diariamente e tive um ano de clandestinidade. Então mesmo com essa expectativa, o que a gente passou não tem como descrever. A situação da tortura, a situação do cárcere, e hoje aqui a gente tem uma situação relativamente, aparentemente boa mas, na verdade, você vê a dificuldade que tem para a própria imprensa, aqui é o presídio político onde se faz com a maior força repressiva possível o cerceamento do contato com o mundo exterior, que se dá através da nossa família e advogado porque no mais, tudo é proibido. Problema da censura, presídio neste muito grande, problema da visita conjugal que agora foi aprovado, segundo o capitão diretor do presídio e entraria em execução o pernoite das companheiras. São anos que a gente vem lutando com representação através de advogados, pra tudo que é lado, pra se conseguir o que é um direito reconhecido no Brasil inteiro, pra todos os presos políticos, e nós, presos do Barro Branco, éramos os

únicos discriminados nesse aspecto. Existe realmente uma força bem maior, não sei se pela própria característica da repressão em São Paulo, que se deu nos anos 70, própria característica que ela assumiu, com essa violência toda, né? nós temos o mesmo sistema, o mesmo regime mas com características diferentes de outros estados.

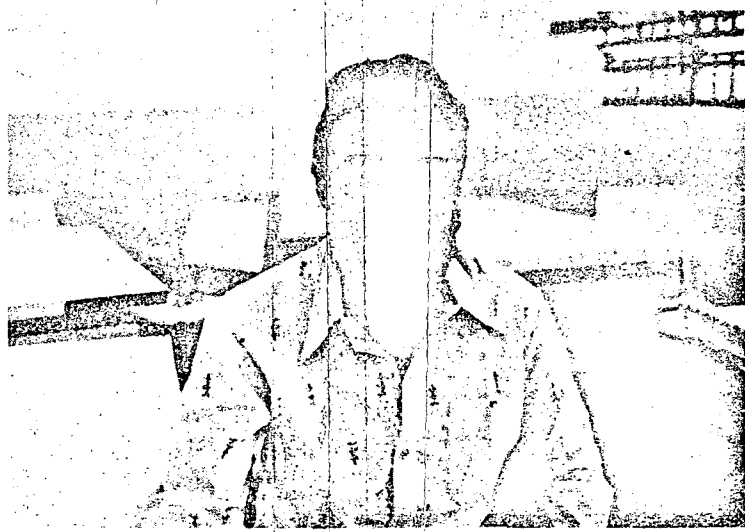
Tania — Você foi preso onde? Qual foi o teu trajeto pelas prisões?

Sobrosa — Eu fui preso no Rio Grande do Sul, em 12 de dezembro de 1970, fiquei 9 dias no DOPS de Porto Alegre, fui bastante torturado, juntamente com um irmão meu que também esteve preso, fui transportado no porta mala de uma C-14 pra São Paulo, pra Operação Bandeirantes, naquele tempo não era DOI-CODI, era um órgão extra-oficial, não oficializado, depois oficializou-se, onde fiquei durante quatro meses e oito dias numa solitária e sob interrogatório durante um mês, sob os mais variados tipos de tortura e ameaças. Depois, fui transferido para a PE do Ibirapuera, a Polícia do Exército do Ibirapuera, onde também sofri torturas de nível psicológico e as condições foram denunciadas na auditoria. Inclusive, lá não se tinha sequer condições de um ianho. Fiquei dez meses lá, onde podia lavar o rosto numa pia, mas em o indispensável material de higiene, sem o indispensável de uso pessoal, sem escova, sem nada! Não tinha colchão, pra dizer bem a verdade era num piso que eu ficava. O colchão era entregue às nove horas da noite e recolhido às seis horas da manhã; então, durante dez meses, eu fiquei nesse cubículo individual na PE, até ir pra auditoria e fazer a denúncia dessa situação, quando então foi providenciado o recolhimento de pertences de outros companheiros da própria Operação Bandeirantes e enviado a mim. Aí eu fui transferido pro Sul, fui julgado no Sul em 72. Fiquei dez meses, também de uma forma irregular, no DOPS do Rio Grande do Sul. Depois estive na Ilha Presídio do Rio Grande do Sul por um período de três dias, de onde sai acusado porque estava irregular no DOPS. Fiz uma denúncia dessa situação e o próprio DOPS me transferiu pra Ilha Presídio, junto com os outros companheiros, onde eu tinha um tio e um irmão preso também. Após três dias da transferência fui recambiado ao DOPS sob a acusação de articular tentativa de fuga, uma mentira... Forjaram uma situação. Foi uma situação criada por eles próprios pra justificar meu retorno ao DOPS e de lá, após dois dias, fui transferido novamente pra São Paulo. Aí vim pra o presídio Tiradentes, o recolhimento de Presos Tiradentes que já não existe mais, a masmorra medieval que existia até pouco tempo atrás. Quando terminou o Tiradentes, eu fui trans-

“...já podemos enxergar luz à distância, emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte. Na verdade estávamos mortos, vamos ressuscitando”.

Graciliano Ramos

— Memórias do Cárcere —



Com a publicação do depoimento prestado pelo preso político Diógenes Sobrosa à repórter Tania Celidônio, no presídio paulista de Barro Branco, Enfim dá início a uma série que a redação resolveu, oportunamente, batizar de “Memórias do Cárcere”. A série incluirá depoimentos de todos os presos que não foram até agora beneficiados pela lei da anistia. E também os de alguns que foram soltos após a aprovação da lei por recursos a outros instrumentos legais. Diógenes Sobrosa foi preso em Porto Alegre, em dezembro de 1970 e passou pelos cárceres da sessão paulista do DOI-CODI e da Polícia do Exército. Concluiu apenas o curso primário. Era metalúrgico antes de entrar na clandestinidade. Ao sair, pretende reintegrar-se à sociedade como operário. Acredita que a luta armada desencadeada no país estava totalmente desvinculada da realidade nacional. A pena perpétua a que Diógenes foi condenado acabou sendo reduzida, ainda durante a vigência da velha lei de segurança nacional, para 30 anos de prisão. Com a publicação da nova LSN, o juiz auditor Nelson Machado da Silva Guimarães reduziu-a para 18 anos e, posteriormente, para 16 anos, 6 meses e 24 dias, concedendo-lhe liberdade condicional. O comportamento do juiz não tem nada de liberal, pois os auditores de todo o país têm reduzido a pena para oito anos. É certo, porém, que até dezembro estará novamente em liberdade nas ruas. A repórter Tania Celidônio, responsável por seis dos depoimentos a serem publicados na série “Memórias do Cárcere”, trabalhou durante dois meses até conseguir penetrar no presídio de Barro Branco. A sua tenacidade deve-se à publicação desse documento.

LUIS CARLOS CABRAL

ferido para o Hipódromo, parte dos companheiros estavam no Carandiru, na Casa de Detenção, e fui transferido para o Hipódromo. Fiquei junto com os outros companheiros durante onze meses, quase um ano, em condições bem precárias, pela própria característica do presídio: aquilo é um depósito de preso, não é um presídio que tenha as condições mínimas, necessárias, a própria característica de depósito do DEIC faz com que o Hipódromo seja um presídio insuportável a gente aguentar a estrutura dele. Durante todos esses anos eu venho lutando para uma transferência para o Rio Grande do Sul, onde eu tenho a minha família. Eu não tinha família aqui em São Paulo; agora eu tenho uma irmã mas nesse período de seis anos eu lutei por essa transferência e me foi negado o direito de cumprir pena perto dos meus familiares. Então se tornou bem mais difícil a cadeia a nível afetivo e familiar pra mim. Depois, nesse meio tempo em que eu reivindicava a transferência, o juiz daqui me transferiu e me perguntou se eu gostaria de vir pra detenção; eu manifestei esse desejo de vir pra junto dos companheiros na Detenção; o Hipódromo estava com pouco preso naquela época. Fui transferido pra detenção, junto com outros companheiros. Fiquei também três meses só na Detenção; porque em junho ou julho, o coronel Erasmo Dias nos transferiu para a Penitenciária do Estado, arbitrariamente, num gesto de prepotência dele, contrariando a própria lei vigente que era o não rigor carcerário, o artigo 76 e a gente travou uma luta em cima dessa arbitrariedade, fez uma greve de fome de cinco dias, “mais uma greve de fome”, e conseguimos esse presídio aqui que é fruto de muita luta dos companheiros, de todo o conjunto de presos. Ele custou muito pra nós, não foi dado assim de graça. E eles revogaram então aquela disposição deles de nos manter arbitrariamente sob um rigor carcerário que a lei mesmo não prescrevia, como tudo, né? Aqui a gente tem o exemplo da saída dos companheiros, que levaram quatro dias pra sair quando que na Bahia foi dado o cumprimento da Anistia assim que entrou em vigor, no próprio dia da assinatura. E aqui teve todas essas demarças, marchas e contramarchas, que para liberar os companheiros foi uma luta também, porque houve muita pressão, por parte da imprensa, mesmo por parte de familiares, por parte de advogados, com medidas pra eles saírem. Saíram aí depois de três dias da assinatura da anistia. A anistia é uma coisa que eles mesmos impõem, é uma lei imposta, não foi votada, não é a vontade da nação. Eles não cumpram a própria lei, que é o que é mais flagrante nesse regime; é isso aí, é essa a denúncia que se pode

fazer, que as próprias leis que eles têm, eles não cumprem, eles violam elas diariamente.

Tania — Passados oito anos e meio, agora que você está com trinta e cinco anos, e até que você não foi preso tão moço, foi diferente do resto do pessoal, que foi preso com vinte, vinte e dois anos, em termos de realidade política do Brasil? Se pudesse voltar tudo pra trás agora, você veria a coisa de forma diferente em termos de atuação política?

Sobrosa — Em termos de atuação política é inegável que a gente, eu me considero num processo de auto-crítica do tipo de atuação: um punhado de homens não muda, eu acho que é uma questão de classe social; quem muda a realidade de um país, como a gente viu aí, tem um exemplo agora bem recente da Nicaraguá, não é um homem ou dois, ou meia dúzia, com despreendimento. Tem que existir a consciência desse povo, porque ele tem a condição de transformar e não um punhado de homens. Eu me considero dentro desse punhado de homens que diante de uma realidade, sem opção, sem muita opção, optou, pela ação armada, pela luta armada. Mas uma luta armada desvinculada, uma luta armada totalmente fora da realidade, sem a participação popular, daqueles que são oprimidos, vítimas da opressão do regime. A gente saiu em pequenos grupos, optou por isso totalmente desvinculado dessa realidade, da atuação de conscientização dessa parcela de oprimidos, a maior, que é a maior do povo brasileiro porque a verdade é que é um regime de uma minoria que impõe o arbítrio desse o golpe de 64, impõe à nação como um todo; não é isso que a nação quer. Agora, a alternativa que a gente via de transformar isso dessa forma, a gente acreditava. Hoje, existe esse documento, que fundamenta a questão da nossa não participação na greve de fome, na última. A gente acha que é o seguinte, que existem grupos mais interessados a optar por esse tipo de avanço, que não corresponde à realidade. Eu acho que o trabalho fundamental é das classes sociais se organizarem dentro da sua própria realidade e lutar pela transformação deste país. Fazer dele uma democracia depende muito não de mim ou de outros companheiros; depende sim, do povo, como um todo, como classe social.

Tania — Na época da luta armada, a sua opção teórica já era uma coisa firme e sólida ou era uma coisa vacilante que hoje em dia é muito mais firme em você?

Sobrosa — Aí é um problema: a formação, pela própria origem minha de operário, filho de operário, as convicções pela liberdade do povo, das classes marginalizadas por essa elite que se assenta no poder, no país. Eu vivi um outro período do populismo, onde existia

a mesma exploração, os mesmos interesses, os mesmos grupos que exploravam o povo, mas de uma maneira onde existia o direito de reivindicações. Isso o povo brasileiro perdeu durante esses quinze anos. Hoje, começa a se organizar, começa incipientemente a se organizar em torno das suas reivindicações mínimas e básicas de sobrevivência.

Tania — Mas naquela época você tinha essa consciência? Na luta armada você entrou mais por impulso ou já era uma coisa de que você estava convencido teoricamente?

Sobrosa — É difícil responder assim a pergunta deste nível, porque caberia num livro, você teria que estudar a realidade brasileira e não só a realidade brasileira profundamente. Então, não dá em duas ou três palavras pra você sintetizar...

Tania — Eu estou perguntando pra você, Sobrosa como pessoa... Como os outros disseram, teve muita gente que entrou por impulso, depois é que foi estudar, muitas vezes na cadeia. Na hora que você optou por participação, em determinado momento da sua realidade política, da realidade do teu país, era uma coisa que você tinha certeza ou era como muita gente falou: “o jovem sempre tem fogo de palha. Quando a gente vai ficando mais velho, vai ficando mais maduro e percebe que a coisa não é bem assim”. Entende?

Sobrosa — O impulso existe no jovem. Agora, existia o problema da opção, da alternativa que surgia dentro de um contexto da realidade da América Latina. Nós tínhamos Cuba, as experiências da Colômbia, a tese do Debray, uma série de fatores que se somavam. Se bem que tenha sido colocado em termos do entusiasmo de juventude, eu acho que existe isso, existe essa força de querer mudar as coisas mas também tem uma realidade mais geral que a gente vivia e entusiasmo. E assim como nós brasileiros tivemos isso aí, nós tivemos a Argentina, o Uruguai, com as mesmas características porque o continente é um só, então as experiências que a gente viveu, não foram vividas só por nós, pelo nosso país, só pelo Brasil, foram vividas pela Argentina, pelo Uruguai, por outros países aí, onde também uma parcela do povo se levantou em armas mas dentro de uma perspectiva que não era aquela como aconteceu na Nicaraguá, onde o povo se levantou em armas contra o arbítrio, contra uma ditadura, contra um regime forte. E aqui, não. Aqui se deu por um punhado, por uma parcela desse povo. Existe toda uma preocupação nesse sentido, da intelectualidade, que traz os assuntos mais candentes num país, as contradições mais flagrantes para a discussão, e aí uma parcela, filha de operários, se entusiasma e entra numa dessa: então por que entrou? Eu não entrei, vamos dizer, como aventura não, com esse espírito idealista, não tão idealista assim não. Acho que existe todo um trabalho, uma base pra você tomar e fazer essa opção você faz com uma base, porque eu lia, eu estudava... Eu tenho o curso primário mas eu sou autodidata, sempre trabalhei e sempre li muito...

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Tania — Sua profissão qual era antes de ser preso?

Sobrosa — "Eu trabalhei... profissões eu tive várias, a última antes de eu entrar na clandestinidade e fazer essa opção, eu, trabalhava em laminação de aço, na siderúrgica Sulriograndense, em Sapucaia do Sul, próximo de Porto Alegre. Depois, eu fui pro Rio, fiquei clandestino no Rio de Janeiro porque eles pegaram dados sobre mim, onde eu morava; houve uma prisão e um elemento foi preso e falou onde eu morava e tudo mais. A partir disso, então, eu fiquei sendo procurado.

Tania — Agora tem uma pergunta pessoal que eu queria te fazer: as relações sentimentais, as relações amorosas, elas ficam muito difíceis aqui dentro, já que você falou que tem uma companheira e se você sair vai mudar tudo porque agora não vai ser mais só a visita de sábado ou o pernoite conjugal que vai acontecer. É uma coisa que dói na gente? A gente sofre muito?

Sobrosa — É a despedida, no fim da visita, o toque da campainha. Agora mesmo teve um companheiro que foi anistiado no Rio que estava convivendo com o filho dele. Existe casos de outros presos onde ter companheiros que são pais, têm filhos na cadeia, desse relacionamento. Agora, o relacionamento é bem mais difícil porque existe aquela história quase que de namoro colegial, aquele que chega na hora e o pai manda a menina se recolher. No caso, a campainha tira a companheira da gente, você fica com um relacionamento afetivo difícil mesmo porque é com hora marcada, você tem hora marcada pra ter esse relacionamento afetivo e um ser humano não se condiciona a isso, não é.

Tania — Fora a insegurança porque aqui você é fixo, você é uma peça fixa, as pessoas vêm te visitar. Existe muita insegurança no fato de que a pessoa de quem a gente goste, que a gente ama, está lá fora e você estar sempre inseguro em relação ao que pode acontecer numa relação afetiva?

Sobrosa — Não, isso aí eu acho que depende muito das pessoas porque...

Tania — Não sei se você teve muitas namoradas aqui ou não...

Sobrosa — Sim tive, mas o problema é que essa insegurança da gente da pessoa com quem você se relaciona. Acho que se você tem confiança... eu tenho confiança com a pessoa com quem eu convivo no momento; então naquele momento eu acredito nessa pessoa, ela acredita nas coisas que eu acredito; então a gente se completa. É difícil, é bem mais difícil. Eu creio que a gente vai mesmo aprofundar esse relacionamento na medida que cesse a situação cadeia. Só aí mesmo é que a gente vai se interar muito, a gente vai se dedicar muito mais, vai conseguir construir uma vida junto, que aqui não é possível, a companheira fora e você aqui; você não constrói, você... Alguns companheiros tiveram filhos e tal, não é aquela família normal, que você tenha tempo; não, o filho vem ali na hora que é permitido vir, no dia que é permitido vir, o pai não pode ver o filho na hora que ele quer. E no lar ele vê o filho diariamente a não ser que ele não queira porque se não ele vê, mesmo que seja dormindo, como muitos operários. A grande maioria dos operários vê o filho dormindo,

A gente viu que essa anistia foi suada, foi o fruto de uma luta muito mais ampla.

às vezes porque sai de manhã cedo. Na época em que eu trabalhava, eu saía de madrugada e chegava à noite em casa. Eu não tenho filhos e se tivesse filhos veria eles como muitos, milhares de operários vêm, à noite talvez dormindo, às vezes perdem até esse contato. Essa violência aí fora também é conhecida, não é só aqui no cárcere, não muda muito não.

Tania — Esses quase nove anos de cadeia, eles te amadureceram positivamente, em termos de você com você mesmo, como pessoa, como pessoa que pode atuar politicamente lá fora?

Sobrosa — Muito, eu creio que mesmo sob o aspecto mais negativo que possa ser, que é do indivíduo estar fora do convívio de seus familiares, de seu povo, ter uma atuação positiva, mesmo com todas essas restrições, que são impostas, a experiência que a gente adquiriu durante esse anos todos, a gente vê e a gente confia no povo, na força da organização popular. A gente viu que essa anistia foi suada, foi fruto de uma luta muito mais ampla. Se você for fazer um estudo, não é uma luta de última hora. Agora, eu por exemplo, tenho críticas a respeito dessa luta por parte de setores da nossa intelectualidade, da característica assumida por alguns comitês de anistia, essa restrição, vamos dizer, ao núcleo bem pequeno de intelectuais de classe média e do movimento estudantil que não se preocupou em ampliar, no setor operário o problema da Anistia. Trabalhou mais com aqueles setores positivamente ganhos pra bandeira de luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e essa bandeira diz respeito à nação inteira, não diz respeito a grupos, ela é bem mais ampla. Esse trabalho foi feito artesanalmente a partir de 74, por algumas pessoas a quem a gente deve muito, iniciativa de ex-presos, iniciativa de casados, gente que sofreu prisão, inclusive como a Terezinha Zerbini, com o movimento feminino dela, ela levantou essa bandeira e começou uma atuação. E nesse final deixa muito a desejar porque a conquista nossa seria mais ampla, mais geral, mais irrestrita, se essa luta tivesse se ampliado bem mais...

Tania — De que forma?

Sobrosa — Trabalhando junto a quem interessa. Interessa a todas as classes sociais; os sindicatos se manifestaram, tudo mais. Mas você pergunta para o homem comum, para o operário, aquele de dentro da fábrica, ele não sabe, às vezes, o que é anistia, quanto mais a diferença da anistia ampla, geral e irrestrita. Então esse tipo de campanha de conscientização do problema, o porquê da anistia, o que é

que significa, como ela vai atuar, essa medida vai atuar diante dessa sociedade que busca a conciliação, o direito de reivindicar... A anistia tem uma característica: ela é conquista, ela é fruto de uma luta constante, porque a pressão é grande, ela é concedida, ela não é uma benesse, ela é uma conquista do povo, o povo é que quer a anistia. Quem quer a anistia não é o Figueiredo. Ele não queria dar a anistia, ele antecipou, visando inclusive esvaziar essa luta pela anistia. A denúncia que cabe fazer é que o projeto do governo, restrito, foi exatamente na tentativa de esvaziar essa luta, que vinha num crescendo, essa luta vinha se desenvolvendo ao longo desses anos, seja lá por uma parcela aqui ou outra acolá; mas tem outros setores que se conscientizaram: os sindicatos se conscientizaram e defenderam em assembleia, os setores jurídicos se manifestaram no país. Mas outros setores não se manifestaram e não participaram dessa luta, ignoraram. E também tem toda uma propaganda dirigida pelo CECOM que faz entrevistas, então você vai ver a nível de porcentagem, como é que é que se manifesta o povo na rua, as perguntas, o tipo de perguntas que se faz, assim: "Você acha justa a anistia pra terrorista?". Ninguém anistia terrorista. Agora, quem são os terroristas? No entanto, os terroristas maiores foram anistiados, foram aqueles que torturaram e que são reconhecidos pelo próprio secretário de segurança hoje em São Paulo, o desembargador Luiz Gonzaga. Ele reconhece, ele diz que são pessoas anormais, são seres humanos anormais que torturam, que matam, como mataram aquele operário, e outros tantos operários... Ele mesmo, um desembargador, reconhece isso, dando essa desculpa do anormal e esses anormais são anistiados, e estão aí com os instrumentos e todo o aparato repressivo pra torturar, tornar a trucidar outros tantos jovens, outros tantos operários, todos aqueles que levantaram a voz contra o arbítrio, que vem durante esses 15 anos.

Tania — Tem muita gente que considera vocês em vários setores da população, como os grandes heróis do Brasil. E às vezes isso é muito discutido... Na sua opinião, essa posição é justa ou a gente corre o risco de superestimar e acabar fazendo mal pra vocês mesmos?

Sobrosa — Eu acho que não existe esse herói, eu acho que todo o povo é herói, o povo que está lutando para a anistia do preso político, para a redemocratização do país, para uma verdadeira democracia nesse país. São eles os verdadeiros heróis

e não o indivíduo, por essa ou por aquela característica. Não é o indivíduo em si, por essa contingência de estar preso, de ter participado, num período histórico do nosso país, da luta armada, que ele se transforma em herói. Eu vou ter que reaprender a realidade brasileira. Eu acho que hoje, os operários conscientes tem muito mais mérito, neste momento histórico, do que eu possa ter. Eu não tenho. Talvez, no que eu possa contribuir; seja através dessa experiência vivida, transmitir essa experiência vivida anteriormente. Quem vai me transmitir essa experiência desse período que eu estive no cárcere é quem está lá fora, é o operário consciente que está lá fora; eu vou ter que aprender com ele, eu vou ter que reaprender a realidade brasileira. Então não me considero herói e acho que é errôneo, se existem tendências ou grupos que consideram o preso político como herói. Existe esse problema: a gente tem que so colocar no lugar que cabe à gente; eu acho que a gente é preso, a gente exerceu, dentro do nosso período histórico, a gente cumpriu uma atividade que outros tantos estão cumprindo hoje, de uma forma diferente da nossa, mas isso não nos transforma em heróis porque o herói mesmo é o povo brasileiro.

Tania — Saindo daqui você volta a ser operário, pelos seus planos, se é que você tem alguma plano já?

Sobrosa — Eu não tenho uma profissão definida, eu voltarei a atuar em qualquer setor, porque... vou me transformar em operário, porque sou de origem, de família operária e não tenho condições de sobrevivência. O que eu tenho pra vender é a minha força de trabalho; então eu vou vender novamente a minha força de trabalho, vou ser explorado novamente, vou ser um operário militante, defendendo os interesses da classe operária. Nunca estive fora dessa realidade, com outras aspirações... vai ser de acordo com a minha capacidade, essa força de trabalho que eu possa vender. No setor que eu trabalhava, não sei se voltarei a trabalhar porque talvez hoje eu não tenha mais as condições físicas necessárias para trabalhar em laminação de aço.

Tania — Como ex-preso, você acha que vai ser muito mais difícil sair daqui e conseguir emprego?

Sobrosa — Essa aí é uma grande dificuldade que existe pra todo o cidadão que foi preso, que teve sua liberdade tolhida por um período, é uma das maiores dificuldades, da reintegração dele na sociedade. A sociedade tem esse problema de rejeição, hoje um pouco menos, por exemplo, para o preso político. Mas é uma dificuldade que não existe realmente porque todo o povo é muito solidário com os presos políticos. Mas o preso comum, por exemplo, é totalmente discriminado. Você que conhece essa realidade mais do que eu, sabe que existe essa dificuldade de reintegração, para o preso comum. Agora, o problema da marginalização dessa sociedade, desses indivíduos, se eles tivessem condições de emprego, se fosse assegurada a eles a condição de emprego, ele não seria um marginal. Ele não é um marginal nato, ele é um marginal porque a sociedade marginalizada ele, não por instinto. Ninguém nasce marginal. Ninguém nasce marginal...

TÂNIA CELIDÔNIO

O presidente acabara de ler a entrevista de seu irmão Billy na revista Penthouse. E isso lhe parecia uma espécie de tomar conhecimento da própria mediocridade. O presidente quase se divertia, isso mesmo, quase, uma vez estabelecido que a um presidente não cai bem se divertir prá valer, a um presidente se reserva aquele tipo de alegria vigiada pelos fotógrafos ao apertar a mão de Sadat, de Begin, Aliás, o presidente se perguntara, nos últimos dias, algo assim:

— Não se confia no sorriso positivo do presidente?

E até houve quem comentasse, em Washington, que o presidente, de certa feita, assim falou a sua esposa, Rosalyn, no leito, que havia algo de muito estranho nessa coisa de viver na Casa Branca.

— O quê? — teria perguntado a primeira dama.

O presidente suspirou antes de falar:

— Bem — falou o presidente. — Acho que, morando aqui, se deve ser presidente.

Dizem que a sra. Carter respondeu ao presidente num tom difuso, romântico, ou seja, naquele tom que se espera da mulher com quem se divide o leito. E disse:

— Sabe, Jimmy, até a eleição eu pensava que ser eleito era...

O presidente completou a frase: — ... como ganhar a loteria, ganhar e acabou.

O presidente e a mulher fizeram um pequeno silêncio, depois ele falou:

— Um presidente deveria saber o que fazer com a presidência.

Dona Rosalyn houve por bem não falar ao marido que, na sua opinião, só mesmo um ex-presidente pode entender a presidência, pensava em Nixon, Nixon sem poder dormir, se perguntando porque não mandara queimar as fitas de Watergate, por que se cercara de traidores, por quê? E tinha uma resposta intuitiva:

— Pat era uma ruga detestável, suas filhas eram umas merdas e ele, Nixon, era ainda aquele delator desprezível que o posto de presidente não significava uma absolvição. Claro: Nixon guardou as fitas para o deleite da própria punição.

A primeira dama olhou o marido e teve uma bela sensação de carinho, sentia um grande carinho e uma certa pena pelo seu pleno entendimento de que seu homem era a impossibilidade do exercício da presidência. E, ainda assim, teve uma espécie de felicidade ao pensar que o amava, falou em silêncio:

— E um boboca.

Era isso: o amava como boboca, todo errado, amava o cara por quem se apaixonara, o cara que nunca soubera o que fazer das coisas conquistadas, acabou rindo alto, muito alto, quando percebeu que a brincadeira acabara com a conquista da presidência dos Estados Unidos. Acordou o marido:

— Jimmy...

— Hummm...

— Jimmy...

O presidente acordou assustado, a conselho do CIA, que exige que o presidente sempre acorde assustado:

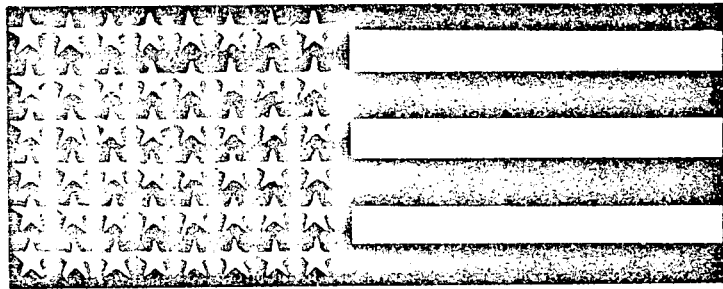
— O que é?

— Você é presidente dos Estados Unidos...

O presidente sentou na cama.

— O quê?

UM SONHO AMERICANO



— Você é presidente dos Estados Unidos...

O presidente chegou a pensar em chamar um analista mas logo desistiu porque sabia perfeitamente que os analistas sempre fazem questão de lembrar às mulheres que elas devem ter satisfação sexual, ou seja, tomam os Kennedy como exemplo.

— Você está bem? — perguntou.

E a primeira dama quase gritou:

— Você é presidente dos Estados Unidos...

O presidente ficou até mesmo pessimista, achou que se tratava de uma nova maneira de se propor atos sexuais, fez uma voz de locutor comercial, armou um certo ar de brincadeira, falou grave:

— E que dentes...

Dona Rosalyn ficou séria:

— Olha: eu levei três anos para descobrir isto, que você é o presidente. E acho que você devia descobrir isto também.

E foi assim que Jimmy Carter descobriu que havia sido eleito presidente dos Estados Unidos. Vale dizer que foi tomado de alto senso de responsabilidade, vale registrar que ficou frente ao espelho ensaiando uma maneira de acabar com aquele sorriso de campanha eleitoral. Vai daí que sentiu a responsabilidade do chefe da maior nação do ocidente. Deu-se ao trabalho de ler alguns relatórios. Sobre o Irã, por exemplo, no qual o CIA garantia que o Xá Reza Palevi se manteria no poder. Acordou um cara do CIA para perguntar se o Xá estava bem e teve uma resposta objetiva:

— Só aqui nos Estados Unidos a grana é de 250 milhões.

O presidente concluiu que o Xá já era. E logo, uma vez certo de que era presidente, tomou a decisão de agir como um líder, líder mesmo, sendo que sua primeira decisão foi — sabiamente — olhar para a frente, enterrar o passado, importar-se com o hoje. Na mesa a pasta preparada pela secretária trazia a data:

— Março, 15. Att: Posse do presidente do Brasil.

O presidente teve um belo momento de alegria ao pensar que poderia iniciar suas "incertas

presidenciais" exatamente no dia da posse de um presidente. Depois ficou irritado com a possibilidade de não encontrar o embaixador, na verdade estava quase furioso com os 30 segundos que a telefonista gastou para completar a ligação. Felizmente o embaixador estava em seu posto, falou grave:

— Sim, sr. presidente.

O presidente se perguntou o porque desse "sim". Mas logo lembrou que nesses três últimos anos só ouvia "sim", e, sim, agora tinha um problema: o que devia perguntar ao embaixador. Felizmente lembrou que no relatório constava que a mulher do vice-presidente, a sra. Mondale, estava no Brasil representando o governo americano.

— Como esta a senhora Mondale, embaixador?

— Ótima, presidente.

O presidente pensou nas formas da sra. Mondale para verificar se ela merecia a qualificação de "ótima" ou não. Sua conclusão foi negativa, embora desde logo desejasse vê-la de biquini, vislumbrando a possibilidade de ser o primeiro presidente americano a ter um caso com uma segunda dama. Coisa que — pensou alegre — nem John Kennedy fez, basta olhar pra Lady Bird.

— Lhe telefono, embaixador — falou o presidente, grave — para saber como devemos agir diante do novo governo brasileiro. Como o senhor sabe, tenho um especial carinho por esse grande país.

O embaixador foi solene:

— Creio, senhor presidente, que nossas perspectivas são excelentes.

O presidente foi um pouco afoito nesse momento:

— Tem petróleo prá burro?

O embaixador manteve a seriedade:

— Não exatamente, sr. presidente.

Na verdade o presidente se interessava pelo assunto, se deliciava pela novidade de chefe da nação líder do ocidente, era um prazer real saber das coisas todas, foi perguntando:

— O novo presidente, embaixador, pode ser considerado como um amigo do nosso país?

— Bem... olhe, senhor presidente... geralmente é sim... mas muitas vezes dizem que não... os lucros dizem sim... e os que lucram dizem que não...

— Bem, a esquerda deve alimentar as hostilidade, sr. embaixador...

— Pois é isso, sr. presidente: a esquerda está a nosso favor...

O presidente quase chorou ao comentar:

— Onde falhamos?

O embaixador foi dramático:

— E a direita reclama da gente.

— A direita, caro embaixador, está superada, como temos afirmado em nossos pronunciamentos.

A esta altura o embaixador falou pausadamente:

— Acontece, presidente, que a direita aqui virou de esquerda...

O Presidente cometeu uma gafe ao pensar alto:

— Como eu...

— Como, sr. presidente?

— Nada, nada, embaixador, eu estava falando com Amy.

O embaixador sentiu-se íntimo do presidente pelo fato dele ter revelado por telefone que Amy estava acordada às quatro da manhã. Isto lhe pareceu uma coisa bem mais depravada do que o caso de Kennedy com Marylin.

— Mas eu gostaria de saber, sr. embaixador, do comportamento geral face ao governo. A imprensa, por exemplo, como reage?

— Ah, sr. presidente, a imprensa está frontalmente contra o governo.

Aliada à oposição, portanto?

— Não, sr. presidente, a favor do governo.

O presidente pensou em chamar sua mulher para debater o assunto, acabou perguntando com humildade total:

— Perdão, embaixador, mas pensei ter ouvido que a imprensa era contra...

O embaixador falou com ar paciente:

— E contra. Para ser a favor.

O presidente ficou realmente curioso:

— O senhor poderia dar um exemplo?

— E estranho, sr. presidente, mas tente entender: há uma revista conhecida como de oposição radical. Pois bem: um homem forte do governo emprestou um milhão de dólares à revista. Com a condição de que essa revista mantivesse a campanha em favor da democracia, contra o sistema implantado em 64.

— Isso, embaixador, bem, isso me parece, digamos, corrupto...

— E que aqui, sr. presidente, se chama democracia...

O presidente ficou alegre ao achar que finalmente entendera o processo, aliás achou uma coisa normal para um país latino-americano:

— Quer dizer, embaixador, que todos podem exercer a corrupção, democraticamente?

O embaixador começou a chorar. — Não, presidente: é que a corrupção não é corrupção porque o governo garante que a corrupção acabou.

Foi quando o presidente desistiu. Fez apenas uma última pergunta:

— O senhor teria uma opinião formada sobre o novo governo?

O embaixador foi preciso:

— O governo está na oposição.

O presidente acordou gritando, explicou a Rosalyn:

— Tive um pesadelo horrível: eu era presidente do Brasil.

TARSO DE CASTRO

CARLINHOS OLIVEIRA

ANÁLISE ESTRUTURAL DO FENÔMENO BOKASSA

Derrubado o Imperador Bokassa I, seu avião particular, deixou apressadamente o Império Centro-Africano e foi pousar na França. Como qualquer indivíduo antigamente colonizado pelos franceses, Bokassa, após a descolonização, não perdera sua condição de súdito da antiga colônia. Deveria, portanto, ser considerado um francês de segunda classe — mas francês quand-même. E teria o direito de desembarcar na França e ali viver tranquilo. No entanto, Giscard lhe negou não apenas os seus direitos legais, como recusou seu pedido de asilo político. Bokassa acabou indo morar na costa do Marfim, onde melancolicamente o receberam em nome da compaixão.

Os franceses, os europeus, os africanos e o mundo em geral se perguntam até agora quais as razões que levaram Giscard a

maltratar assim rudemente o seu antigo laçao. Há duas hipóteses, ambas possivelmente corretas:

1. Seis meses antes do golpe de Estado que o derrubou, Bokassa recebeu em palácio a visita de um grande amigo pessoal de Giscard, o famoso chef Paul Bocuse, detentor da Légion d'Honneur. Sendo Bokassa um mestre-cuca vaidoso, alardeando suas qualidades de melhor cozinheiro de toda a África, Bocuse provaria um banquete preparado por Bokassa, após o qual Bokassa receberia, ou não, uma comenda modesta do Governo francês. Seria um crachá sem grande importância, jamais comparável à Légion d'Honneur. Mas Bokassa, tal como Idi Amin Dada e, antes deles, Goering, adorava surgir nos salões ostentando no peito uma coleção de medalhas de todas as cores, materiais, proce-

dências e significados. Por isso ele caprichou no jantar. Foi servido Javali au Vin, a especialidade de Bokassa. Os vinhos eram franceses, de safras memoráveis. Bocuse fartou-se. Durante os licores, fumando um charuto, Paul Bocuse declarou que aquele havia sido o mais gostoso Javali au Vin que havia provado em sua vida. Nota 10 para o Imperador Bokassa! E Bokassa abriu a bocarra, mostrando duas fileiras de dentes brancos na cara negro-brilhosa. O crachá parecia garantido.

Deu-se, porém, que ao chegar Bocuse de volta a Paris, a fim de relatar a Giscard a impressão que trouxera do imperador-cozinheiro, já o Presidente Giscard havia sido alertado por um porta-voz da Cruz Vermelha Internacional. Fartamente documentado, o porta-voz convenceu Giscard de que:

a. Não há javalis no Império Centro-Africano.

b. O javali au vin servido a Bocuse era na verdade a parte macia, glútea, do corpo do Ministro dos Diamantes do próprio Bokassa. O Ministro dos Diamantes fora fuzilado na véspera do banquete, especialmente para que suas nádegas pudessem ser cozinhadas e temperadas pelo maravilhoso imperador-cozinheiro.

Diante disso, Giscard riscou o nome de Bokassa da lista de futuros contemplados com a Comenda do Grande Cozinheiro — e simultaneamente, aqui no Rio, o Antônio Houaiss eliminava o Imperador Bokassa do quadro de sócios-correspondentes da Confraria dos Gastrônomos.

2. Segunda hipótese — tão válida quanto a precedente. Giscard descobriu que Bokassa era mentiroso. Na última visita que fizera ao Império Centro-Africano, onde costumava participar de safaris, Giscard ficou deslumbrado com a beleza de uma princesa mulata, tipo Sardinha 88, a qual recebera de Bokassa o seu título de nobreza. Durante um jantar, notando a falta da princesa no salão, Giscard imaginou que ela estivesse cansada (durante o dia ela participara de uma árdua caçada, com Giscard e outros visitantes ilustres). Mas, aproveitando sua ausência, ousou fazer uma pergunta indiscreta a Bokassa:

— Majestade... Meu Serviço Secreto me informou que Vossa Majestade já comeu aquela apetitosa mulata... É verdade?

E Bokassa, dando de ombros, respondeu.

— Ce n'est pas vrai. EU NÃO COMO NINGUÉM!

Dois dias depois, o mesmo Serviço Secreto passava nova informação a Giscard: Bokassa era um mentiroso. Prova: a princesa estava sendo comida oralmente por ambos, no mesmo momento em que Giscard fizera a pergunta maliciosa e Bokassa respondera pela negativa...

Não me perguntem onde apurei esses fatos. Meus informantes tanto pertencem à CIA quanto ao KGB. Só posso acrescentar que em Ipanema, Bokassa está sendo considerado, no momento, o mais impressionante COME-QUIETO do planeta.



Enfim, uma oportunidade de Rei.

Um dos mais importantes torneios de xadrez realizado no mais importante hotel do Rio.

Torneio Interzonal Atlântica-Boavista de Xadrez De 21 de setembro a 22 de outubro de 1979

 Atlântica-Boavista Seguros



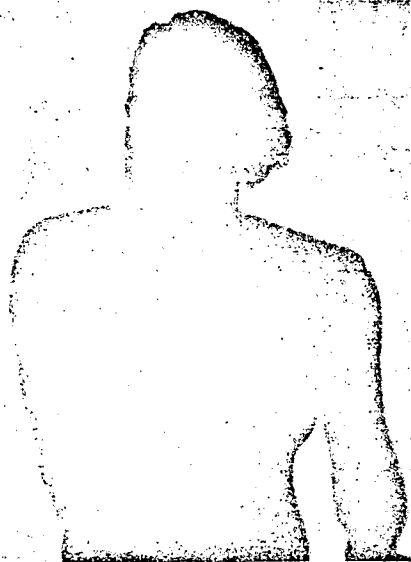
Local: Copacabana Palace Hotel
Av. Atlântica, 1.702
Tel.: 257-1819/237-3271
Copacabana - Rio de Janeiro

MALAK

A Real comida árabe

INAUGURAÇÃO

BREVE



O SOL NOSSO DE CADA DIA

Ir à praia de Ipanema diariamente deixou de ser lazer para virar uma questão de status. Não basta chegar na areia, estender a toalha e ficar rolando de um lado para o outro, queimando por igual, porque esta é uma dádiva conseguida até por gente de férias e grevistas, ou os eventuais desempregados.

É preciso conhecer os horários, ter uma turma ou duas, e ao sair a passeio ser cumprimentado em locais estratégicos. A Garcia D'Ávila, a Montenegro e o Castelinho são pontos cruciais de teste, e a passada em branco por algum desses lugares pode deixar seu prestígio seriamente abalado.

Oito às dez da manhã é o horário do caça-mamãe ou caça-babá, elemento que, adeja pela areia à espera de sua presa, geralmente indefesa. Explicou-me certa vez um destes caçadores que geralmente as mães jovens e as babás são criaturas predispostas ao diálogo, pela necessidade de matarem o tempo enquanto espiam as crianças brincarem na reia.

— Você pode ir plantando, conversando um dia em cada ponto, até sentir qual a que está madura para cair na cantada final — disse-me um destes contumazes caçadores.

Final de tarde é hora só de surfista, o que torna quente o horário entre 11 e 15 horas, em que vão os eleitos, cada vez em maior número, é bom que se diga.

É preciso estar enturmado, não só com seus pares, mas com o pessoal da prestação de serviços, que vende refrescos e refrigerantes. No Castelinho, por exemplo, quem não tem conta com o Janjão e o Ademir está completamente out, porque pagar à vista é coisa de suburbano ou paulista.

De vez em quando eles, os vendedores, se reúnem para uma conversa, e como ouvem tudo o que se diz ao redor, geralmente o papo é bem informado, embora de cores especiais. No outro dia se reuniram três destes vendedores, e um deles começou a conversa falando a respeito da visita do Presidente da República à Brasília.

— O homem esteve na tua terra e gostou — disse o primeiro.

— E não é para gostar? Eu li no jornal que ele até chorou — disse orgulhoso o baiano.

— Tinha que chorar. Perdeu o relógio, todo de ouro — arrematou o terceiro, cético diante da sensibilidade presidencial.

Decididamente, o baiano não estava para as coisas materiais, e prosseguiu dizendo que o homem era esperto, e dava uma mão a Deus e outra ao Diabo.

— Pois não é que de manhã ele aceitou um ebo para Exu, promessa de Olga de Alaketo, e de tarde foi apertar a mão do Cardeal?

Algumas pessoas falam muito em comida, principalmente se é uma ocasião para citar os restaurantes da moda, todos iguais nos pretensos molhos franceses e nos altos preços. Os cozinheiros são paraibanos, os donos portugueses ou espanhóis, os garçons do interior do Estado do Rio, mas só se fala em sauce e gratin, sem que todos saibam exatamente do que estão tratando.

A semana passada, porém, o grande prato foi o Bokhassa, ou melhor o prato de sua predileção:

gente. Primeiro o mal-entendido entre a mulher* quaretona e um rapaz de físico muito bem feito, barba cuidadosamente aparada, que apanhava sol de costas.

— Imaginem que o Bokhassa comia gente — começou dizendo a mulher.

— E o que é que tem? O dia que comer gente for crime a praia fica vazia — cortou o rapaz, em tom displicente.

— Você acha normal uma pessoa comer a outra aos pedaços? — continuou a mulher.

— Não sei, só me dou por inteiro — concluiu o barbicha.

São estranhos e contrastantes os hábitos alimentares do brasileiro. Para cada político que volta, um grande banquete, geralmente com pratos típicos; pra o Presidente um gigantesco caruru, e de vez em quando vem o chef Paul Bocuse mostrar como se faz a verdadeira cozinha francesa, até na quantidade em que é servida nos pratos.

Diante de tais contrastes não é de estranhar que um brasileiro entrasse em anemia aguda por ter doado sangue duas vezes no mesmo dia, levado por este argumento irresponsível que é a fome.

Um vampiro às avessas, porque precisava doar sangue para viver, e tinha até uma tabela de preços para melhor organizar a sua economia doméstica. Se estava com muita fome e precisava de dinheiro imediato ia a um banco de sangue em Madureira, mas se havia tempo e disposição para andar havia melhores preços, e sem a menor

exigência quanto à qualidade da mercadoria.

O que mais me impressionou foi a lógica do doador profissional, quando lhe perguntaram se não achava um absurdo a compra do seu sangue, sem maiores exigências:

— É simples; eu tenho o sangue e eles têm o dinheiro.

Trata-se de um sucinta abordagem capitalista do problema.

O Presidente da Federação das Indústrias da Colômbia, um senhor Fabio Etcheverry Correa, disse que seu país não pode patrocinar a Copa do Mundo de 1986 simplesmente porque não tem 380 milhões de dólares para gastar no evento.

O senhor Etcheverry disse coisas duras, como "primeiro temos de arrumar a casa, ter comida para oferecer, e só então poderemos convidar alguém para nos visitar", e mais adiante acrescenta: "não é justo que se pense em realizar evento tão importante e custoso em um país com tantos problemas a resolver, que necessita investir, de agora até o ano 2.000, uns 29 milhões de dólares para poder ter a energia de que precisa e não sabe se tem petróleo porque não dispõe de recursos para perfurar novos poços. Além disso, nossas cidades estão cheias de doentes mentais, mendigos e outras pessoas que não têm onde dormir".

Diante de delcarações tão contundentes, e de tal confissão de miséria, ficou claro que a Colômbia viu desistir da Copa de 86, deixando-a para algum país mais rico, sem os problemas mostrados por Etcheverry.

Surgiu, até agora, um candidato e se o leitor adivinhar qual o país tem direito a um mate, na minha conta. É só falar com o Janjão.

SÉRGIO NORONHA

241

JOÃO UBALDO RIBEIRO

VERMELHO
24

Não é de hoje nem de ontem que a baianada se pre-ocupa muitíssimo com os comunistas. O mais chato dos comunistas é que a gente nunca vê um. Quer dizer, quando vê não tem certeza e, além disso, deve ser necessária uma certa prática para conversar com um comunista. Normalmente, a gente é apresentada a uma pessoa e pergunta "você trabalha onde?", essas coisas de puxar conversa. Com o comunista, entretanto, sabendo-se que o comunista não trabalha, mas vive do dinheiro ganho do trabalho nas minas de sal de judeus, ciganos, búlgaros, romenos, húngaros e outros povos e comunidade da Europa Central, a pergunta pode ser indelicada. Talvez "você se

infiltra onde?" — mas também aí pode haver indiscrição. De qualquer forma, não vem ao caso, já que não se acha comunista com facilidade. Agora é que estão aparecendo uns dois ou três. Um deles inclusive, foi meu colega de turma no ginásio e companheiro de pingue-pongue, mas ainda não estive com ele, depois de seu reaparecimento. Quando a gente tinha uns treze anos, o disfarce dele era perfeito. Na casa dele, a gente merendava sanduíche de salame Swift com Coca-Cola, nunca ouvi uma palavra de russo, ninguém tinha mania de ir ao circo — enfim, bandeira nenhuma. A terceira série de ginásio do Colégio Sophia Costa Pinto, tradicional estabelecimento de ensino de nossa

capital, estava infiltrada e ninguém sabia. Pensando bem, deve ter sido por isso que as professoras de canto orfeônico não agüentavam nossa turma e viviam pedindo demissão, uma atrás da outra. O comunismo é contra a arte. A única arte que tem lá na Rússia são uns caras de bonezinho de pele e outros caras com uma trança no meio da cabeça raspada, dando pulos medonhos e gritando rá-rá-rá e rodando espadas, podendo machucar alguém. Também existem escritores, físicos e bailarinos clássicos, que, quando não estão no hospícios, estão pedindo asilo no primeiro consulado americano que encontram, onde deduram todo mundo que podem e vivem felizes para sempre (o comunista vive muito).

Os únicos comunistas com que convivi estavam na América, como meu amigo, o poeta Petroff, que morava na Universidade de Iowa, juntamente comigo e outros escritores cuja principal atividade era embriagar-se e falar mal dos americanos. Petroff era uma ótima pessoa, com exceção do fato de que, quando começava a brindar, a gente tinha que se mandar, porque Petroff pegava a gente e começava a beijar — aqueles chupões de russo que a gente vê fotografado e não acredita. A mim ele nunca pegou, porque eu testemunhei a vez em que ele pegou Bogomil. Bogomil era da Macedônia e devia estar acostumado, visto haver muitos comunistas na Macedônia — mais comunistas, aliás, do que macedônios —, mas, mesmo assim, passou o resto da noite lavando a boca com conhaque e rogando pragas macedônicas, cada praga

horrível (que um carneiro com incontinência urinária tenha um problema gastrointestinal no armário de roupas de sua mãe, essas coisas). Então eu já sabia: quando o comunista levantava um copinho de bourbon (ele tomava bourbon, e desgraçado!), revirava os olhos para cima e cantava "drujně! estróitnie dagaskóvick ovóvara Paruussski!" e lhe olhava engolindo em seco, é que ele ia lhe dar um chupão. O melhor recurso, na emergência, era receber a investida de Petroff com a cabeça. Basta virar a cabeça na direção do beijador, que, em noventa por cento dos casos, ele aceita e beija o alto de sua cabeça. Petroff babava minha cabeça toda, mas menos mal, malandro, menos mal.

Agora que, pela primeira vez, muitos de nós poderão ver um comunista brasileiro, o assunto tem sido objeto de grandes debates na Barbearia Tambú, de Raimundo Souza Araújo, localizada aqui na Pituba. Vejam os efeitos civilizadores da anistia. Dois dos mais discutidos temas na Barbearia são precisamente a aparência dos comunistas, seu trato social e sua conduta pública, e a possibilidade de as famosas artistas que posam para as revistas terem ou não pentelhos. Com a anistia, principalmente se ela for dada mesmo, poderemos sanar pelo menos a primeira dessas lacunas em nosso conhecimento. A segunda lacuna, infelizmente, parece que tenderá a permanecer entre nós. Foi o que se depreendeu outro dia, exatamente numa discussão na Barbearia Tambú, a respeito de comunistas e pentelhos.

— Pelo gosto dos comunistas —

adidas 

RICIANO

MATERIAL ESPORTIVO

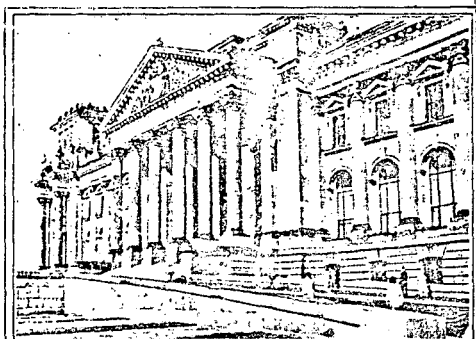
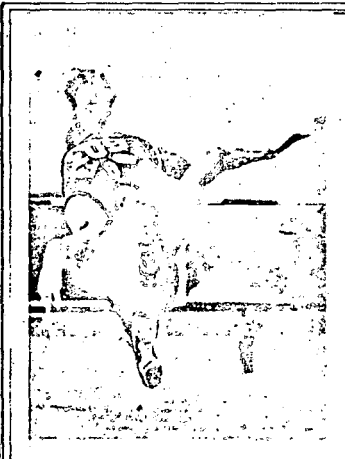

MALHAS PARA GINÁSTICA

AV. SUBURBANA, 10.100 A
TEL. 249-9555 CASCADEIRA, RJ

CAS

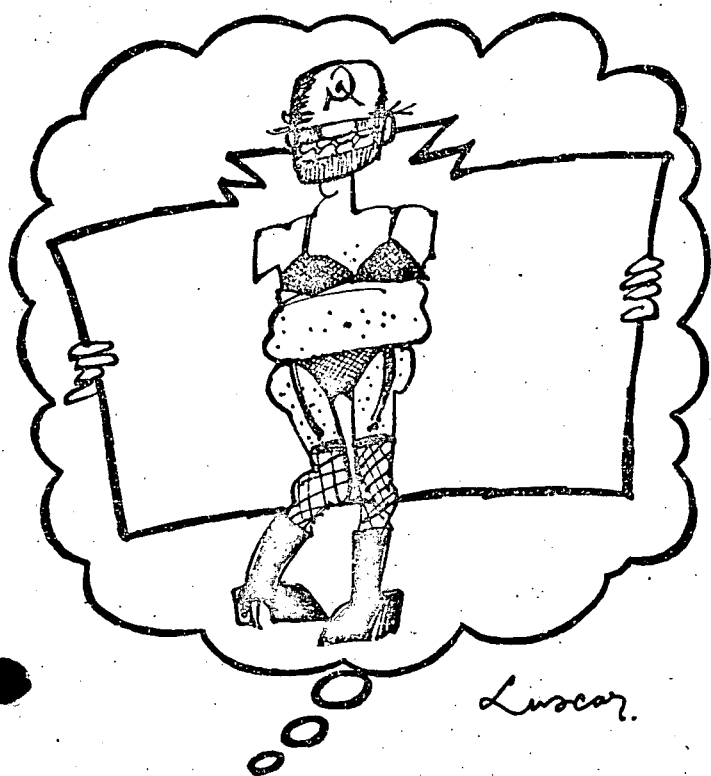
COMPANHIA ADRIÁTICA DE SEGUROS

Nas artes,

nos esportes

e na educação.



disse Raimundo — já tinha publicado a pentelhada toda nas revistas. O comunista é devasso pela própria natureza.

— Não é que ele seja devasso — explicou Dr. Beto, que estava fazendo a barba. — É que ele quer que os outros sejam devassos, mas ele não.

— Nada disso — falou seu Memé. — O comunismo incentiva a viadagem na civilização ocidental, todo mundo sabe disso. Então eles não botam os pentelhos que é para fazer com que a mulher, para o jovem brasileiro, seja uma criatura sem pentelhos, uma coisa horrível.

— Eu mesmo — disse Raimundo — não acho. Eu gosto aparadinho. — Aparadinho é uma coisa! — gritou seu Memé, indignado. — inexistente é muito outra! E você está aparadinho porque você é barbeiro, desgraçado!

— Mas, seu Memé — disse o gari Júlio Cabeça Reta, que até então estivera calado, consertando as pontas da bagana que trazia na orelha e que agora queria aproveitar — o senhor acha mesmo que umas mulheres finas dessas têm pentelhos? Por exemplo, granfina não tem cabelo no subaco, isto todo mundo sabe.

— Imbecil! — disse Raimundo. — É claro que elas têm. Elas raspam, meu Ruy Barbosa!

— Ah, quer dizer que elas raspam os pentelhos também?

— Não — explicou Dr. Beto. — Quem raspa são os caras das revistas.

— Ave Maria — disse Cabeça Reta, compungido. — Quer dizer que um homem estuda para doutor, aprende todas as letras e depois vai passar a vida raspando pentelhos, não fica bem.

— São os comunistas — disse seu Memé.

— Eu discordo — disse Dr. Beto. — Pelo gosto dos comunistas, a devassidão já estava campeando. Meu raciocínio é o seguinte. A

censura vigia os comunistas, certo? Os comunistas querem botar pentelhos nas revistas. A censura não deixa.

— Errado! — gritou seu Memé. — A censura está infiltrada de comunistas. Então os comunistas da censura raspam os pentelhos das mulheres, que é para a criança ocidental, quando for ver uma mulher e descobrir que ela tem pentelhos, morrer de medo e nunca mais querer ver perna de mulher aberta na frente, nunca mais! Eu lhe digo: esses caras querem que todo mundo vire bicha, que é para eles poderem tomar o governo. Já imaginou os russos invadindo e todo mundo aqui desmunhecando? Fica bem? Ai meu Deus, e nós que já botamos pra fora os holandeses, os portugueses... que vergonha.

— Mas que besteira — disse Dr. Beto. — É claro que é tudo ao contrário! Com os pentelhos aparecendo, a juventude ia ficar desenfreada, era todo mundo dando pra todo mundo, é isso que eles querem. Digo a você, você pode rir, mas a verdade é que o pentelho é uma bandeira comunista, esta é que é a verdade.

— Não é verdade! Comunista é

— A favor do pentelho!

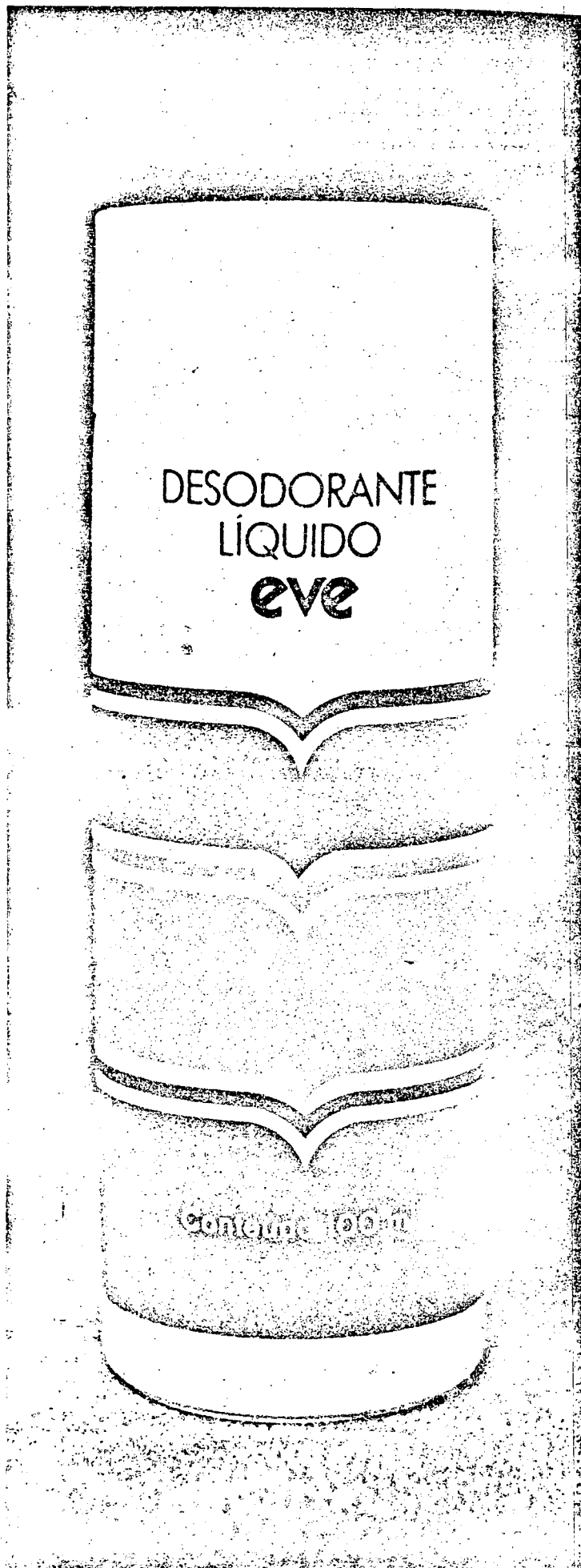
— Contra!

E, assim, enquanto o sol da Pátria vibrava no horizonte pitubano, ecoavam os bravos civicos dos debatedores. Um freguês retardatário parou na porta da Barbearia e perguntou a Cabeça Reta o que estava acontecendo.

— É uma discussão sobre o pentelho e a política — explicou Cabeça Reta. — E também sobre o comunismo, a viadagem e a sacanagem.

— Briga séria? — perguntou o visitante.

— Não — disse Cabeça Reta, retomando a vassoura com um ar entediadamente profissional e voltando ao lixo junto ao meio-fio da rua Minas Gerais. — Briga de branco.





CHETE — 13/10/79



VEJA — 25/7/79

GANHAMOS

Seção Livre

É TUDO VERDADE

Mulher de Teodomiro denuncia armadilha

J. B. Natali,
de Paris

A esposa de Teodomiro Romero dos Santos correu o risco de ser presa no aeroporto de Orly como traficante de drogas. Uma de suas malas continha um misterioso saco plástico com meio quilo de maconha e alguns invólucros de cocaína. Tão logo os descobriu ontem de manhã, Maria Conceição Gontijo de Lacerda convocou a Brigada Francesa de Entorpecentes e denunciou a polícia brasileira por ter montado uma armadilha que apenas não funcionou porque, após o desembarque, sua bagagem não passou pela inspeção alfandegária.

Considerando-se vitimada por uma operação "sórdida e de baixo nível", ela se dispõe a processar a Varig por ter permitido que os policiais do Galeão violassem a mala quando ela foi despachada, na terça, à noite, nos minutos que precederam seu transporte aos porões de DC-10 que decolaria a seguir para a França.

A mulher do ex-prisioneiro político percebeu a misteriosa mercadoria quando, ontem de manhã, precisou de uma fralda para seu filhinho. Uma amiga que a hospedava inclusive brincou com ela, porque o saco de plástico preto, utilizado para acondicionar papel fotográfico, parecia conter inofensivo chá. Perdendo a voz, Conceição gritou: "Isso daqui não é meu". Descolou vagarosamente a fita duxex que o fechava do lado de cima, e quase morreu de susto ao se inteirar do conteúdo.

Os anfitriões e a hóspede decidiram, depois de alguns minutos de hesitação, entrar em contato com a advogada de Teodomiro no Brasil. Fizeram-lhe o interurbano e a seguir comunicaram a descoberta ao Alto Comissariado dos Refugiados da ONU. Também conversaram com o representante, na França, da Liga Internacional dos Direitos dos Povos. Pediram assessoria jurídica. Imediatamente, dois advogados começaram a seguir o caso.

Pouco antes do meio-dia, dava-se o último passo: contatar a polícia francesa. A delegacia registrou a ocorrência e prometeu mandar uma equipe de investigadores para apreender a maconha e interrogar sua portadora. Tudo não passaria de pura formalidade. A dona da casa convocou duas de suas amigas (ambas de nacionalidade francesa) para cumprirem o papel de testemunhas.

Por aqui, as autoridades não acreditam que Conceição estivesse mentindo. Se fosse realmente traficante, obteria uma fortuna pelo invólucro e não o entregaria à Brigada de Entorpecentes. Parece também descartada a hipótese de ter sido utilizada inocentemente para fazer com que a droga deixas-

se o Brasil. Não trouxe nenhuma encomenda. O saco plástico estava colocado de forma ostensiva em cima das fraldas do bebê. Abrindo-se a mala no aeroporto, ele seria imediatamente detectado. E por isso que a versão de uma armadilha é verossímil.

MUITA SORTE

A mala de couro marrom não estava fechada a chave. Os dois zippers possuem em suas alças um furinho para que neles se instale um cadeado. Maria Conceição não o providenciou com o nervosismo que precedeu o embarque. E ontem, descobriu que uma cesta em que transportou leite em pó vegetal para seu filho tinha sido violada. O barbante com que o fecho estava atado com um nó que ela não deu.

Não foi presa como "traficante", ao desembarcar antecipadamente por uma simples casualidade. Suas malas não chegaram a ser revistadas. A polícia alfandegária francesa opera por um sistema de amostragem aleatória. É impossível, materialmente, controlar a bagagem de todos os passageiros que embarcam ou desembarcam em Orly, terceiro aeroporto mais movimentado da Europa, com a chegada e partida diária de 150 voos internacionais.

Ela também teve sorte porque uma movimentação inabitual de policiais no momento de seu desembarque demonstrava que os inspetores da Brigada de Entorpecentes concentravam sua atenção em outro voo sobre o qual, com certeza haviam recebido informações precisas. O esquema de policiamento foi relaxado no momento em que os passageiros do DC-10, apançavam suas malas.

Um terceiro fator também a beneficiou. Carregando seu bebê e transportando a tiracolo uma bolsa com dinheiro e documentos, Maria Conceição teve suas malas transportadas por pessoas prestativas que haviam chegado a Paris no mesmo avião. A polícia não percebeu que ela desembarcava com um volume excepcional de bagagem. Ela pagou no Rio 12 mil cruzeiros de excesso de peso. Ora, os passageiros sobrecarregados chamam normalmente a atenção, pelo menos um de seus volumes é aberto pelos agentes de fiscalização.

Na noite de terça-feira, ao apresentar-se para o embarque no Galeão, ela diz ter ouvido de um dos funcionários do serviço de passaportes comentar, com um colega, a presença de um contingente numeroso de policiais à paisana.

Ela foi imediatamente reconhecida ao transcreverem seu nome no terminal do computador que registra os cidadãos brasileiros embarcando para o exterior. O agente disse "haver um problema", na grafia de seu sobrenome. Pediu-lhe a carteira de identidade. Ela a mostrou, em meio a uma rápida resposta: "Vocês já sabem quem eu sou a mulher do Teodomiro e fazem tudo para me criar dificuldades".

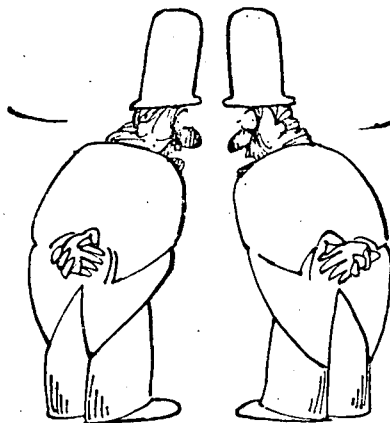
FOLHA DE SÃO PAULO — 5/10/79

...É pura fantasia, enfim, achar que aumentos de salário não são inflacionários — se não fosse, todos os brasileiros seriam ricos.

É preciso ficar claro que o governo, embora inegavelmente responsável por tudo o que faz, não pode ser incumbido sozinho do combate à inflação, assim como se incumbe um dentista de extrair um dente. É preciso ficar claro que empresas não podem aumentar livremente os preços de seus produtos e esperar que não aconteça nada com os índices inflacionários, ou que sindicatos exijam aumentos de 80% nos salários e queiram que os preços baixem — essas coisas, muito simplesmente, não existem.

EDITORIAL DA VEJA — 10/10/79
Delfim não diria melhor.

PRA MIM
ESSE NEGÓCIO
DE PEDIR
CRECHE
É COISA DE
MULHER
COMUNISTA!



JÁ NÃO
VAMOS MAIS
PODER DIZER
QUE COMEM
CRIANÇINHAS!

Lucas

249

NA MINHA, NÃO

Foi durante a greve dos metalúrgicos, que o Lula deu a dica — Sou machista e não abro.

Cubro o assunto "mulher", para um programa de rádio e durante a greve eu não poderia entrevistar outra mulher se não Marisa, a primeira dama do movimento sindical, e fui à luta.

Numa tarde liguei para a casa do, Lula para marcar a entrevista, para minha surpresa a própria Marisa atendeu o telefone e fui direto ao assunto: — Marisa, o que eu quero de você é um bate-papo rápido sobre sua vida doméstica. Não quero saber da sua posição política.

Daí pra frente foi uma dificuldade. O medo lhe subiu a cabeça e começaram as justificativas: — Olhe, o que acontece é que eu tenho muitos compromissos com meus filhos. Hoje por exemplo, tenho que ir a uma reunião no colégio deles.

E eu insisti, mas no dia seguinte ela tinha uma visita pra fazer à tarde, no período da manhã ela tinha os afazeres de casa e no outro dia seguinte sua agenda de boa dona de casa que é, estava com todos horários tomados.

Então eu apelei:

— Marisa, não quero que você fale a respeito do trabalho de seu marido, não quero opiniões suas em relação à greve, não é nada disso, eu só quero saber do dia a dia da esposa do homem mais talado do país.

Aí foi demais para ela. E Marisa me pediu um minutinho.

Eu estava crente que era um de seus filhos chorando, mas qual não foi a minha surpresa quando o "alô" que eu ouvi estava muito mais grave e bravo do que antes.

— Aqui é o Lula. O que você quer com a minha mulher?

Eu não entendi muito bem, mas fui dando as explicações.

Enérgico, Lula abriu o jogo:

— Se você quiser eu marco esta entrevista com qualquer mulher de outros líderes sindicais, mas com a minha mulher, não!

Malú Maia

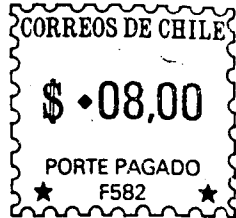
FALTA TUDO

Uns cinquenta moçadores da cidade Líder na periferia de São Paulo, afeta à regional de Itaquera/Guaianazes, resolveram sair em passeata para ver se conseguiam chamar a atenção da Prefeitura para os seus problemas, que são muitos. Entre outras coisas, eles reivindicavam: água, luz, asfalto, ônibus e policiamento. Tudo indica que só serão atendidos no pedido de policiamento. E aí vão ver como dói uma saudade. Loguinho estarão fazendo passeata para que a Prefeitura tire a polícia do pedaço e devolva os assaltantes. Esses, sem dúvida, são muito menos perigosos.

Plínio Marcos

Caros Ana e Maurício:
Estamos nos divertindo honrosos. O casino é sensacional: parece um daqueles dos filmes do James Bond. Vamos lá quase toda noite. De dia, temos feito muitos passeios. O Chile tem paisagens incríveis e o povo é muito simpático. Para vocês não terem vindo. Abraços,
Joa e Irineu.

Cortesia da
Ladeco Linea Aérea Del Cobre S.A.
Sernatur Serviço Nacional de Turismo do Chile
Bancor Operadora de Turismo S.A.
Dicka Operadora Turística Ltda.



Srta. Ana Peixoto

Av. 9 de julho 4312

São Paulo (S.P.)

Brasil.

(PS: Isto sem falar nas ótimas torturas.)

DE UM ANÚNCIO NA MANCHETE — 13/10/79

Um "hippie" na Academia



ÚLTIMA HORA — 3/10/79

Otto, o "hippie" preferido do Enfim

NUCLEBRÁS

A Nuclebrás, ao escolher a "Praia de Itaorna", em Angra, para construir a Usina Nuclear, deveria ter atentado para o significado de seu nome em Tupi-Guarany. "Itaorna" significa "Pedra Mole". Como é sabido de todos, as fundações cederam. Gastou-se tempo e dinheiro para consertar. Os índios, mais uma vez, tinham razão.

Paulo Antonio

ERUDITO

E transcorreram as eleições da UNE, entidade ilegal, como se sabe. O governo, na véspera, fez umas tantas ameaças e pareceu que pretendia intimidar os estudantes para que não fossem às urnas. Foram — e foram em paz. Não se tem notícia de um único ato de violência cometido pelas chamadas forças da ordem contra candidatos ou eleitores. Como interpretar o decreto presidencial que determina a punição dos membros de Diretórios Centrais e Acadêmicos que apoiam a UNE? Uma possível interpretação é a de que o governo, na prática, aceita a presença da entidade estudantil — e, na prática, lhe reconhece a existência —, mas, ao mesmo tempo, se apressa a dar satisfações aos setores mais duros do regime.

Não se pode negar que o governo, muitas vezes, tem agido com extrema habilidade no desenvolvimento de sua estratégia. É razoável supor que, no julgamento da História, alguns dos seus atos serão louvados. O julgamento da História precisa, contudo, da perspectiva do tempo, um largo tempo. O julgamento da opinião pública, pelo contrário, é feito na hora, em cima do lance. Se o governo está interessado no juízo favorável da opinião pública, não pode pedir dela um grau de informação, diria mesmo de sofisticação, tão elevado e abrangente quanto é sutil o seu jogo. Em certas ocasiões é mais fácil ler poesia hermética do que perceber as verdadeiras intenções do governo.

Brasília deve falar mais claramente. Quando fala claramente, tudo fica mais fácil. Dá gosto ler, por exemplo, o discurso que o presidente Figueiredo pronunciou no dia 4 de outubro, em Itajubá. Discurso limpo. Ele esclareceu o seu conceito de democracia ao dizer que não se preocupa com a origem de quem o apoia, desde que apoie a democracia.

Entende-se que o jogo do poder impõe a quem o pratica alguma, ou muita, elasticidade. Entende-se que o governo não pode esquecer a sua origem, ainda que se disponha a esquecer a origem de eventuais novos aliados e, ao que tudo indica, de novos opositores. Nas questões cruciais, contudo, é preciso chegar ao preto no branco. O discurso de Itajubá é uma boa amostra de como os conceitos podem ser anunciados sem ambiguidades, para serem logo apreendidos.

Entende-se que o jogo do poder impõe a quem o pratica alguma, ou muita, elasticidade. Entende-se que o governo não pode esquecer a sua origem, ainda que se disponha a esquecer a origem de eventuais novos aliados e, ao que tudo indica, de novos opositores. Nas questões cruciais, contudo, é preciso chegar ao preto no branco. O discurso de Itajubá é uma boa amostra de como os conceitos podem ser anunciados sem ambiguidades, para serem logo apreendidos.

TRECHOS DO EDITORIAL DE MINO CARTA — ISTO É — 10/10/79

Está na hora de Mino, o italianinho, aprender português. Eu não entendi nada.

É TUDO VERDADE

Globo demitirá quem for filiado a ASA

As Diretorias dos Núcleos de Programação da TV Globo receberam ordem para afastar das gravações de programas todos os artistas filiados à ASA, afirmou Jorge Ramos, presidente dessa entidade, em nota distribuída ontem.

TRIBUNA DA IMPRENSA
3/10/79

PT 1035-126

245

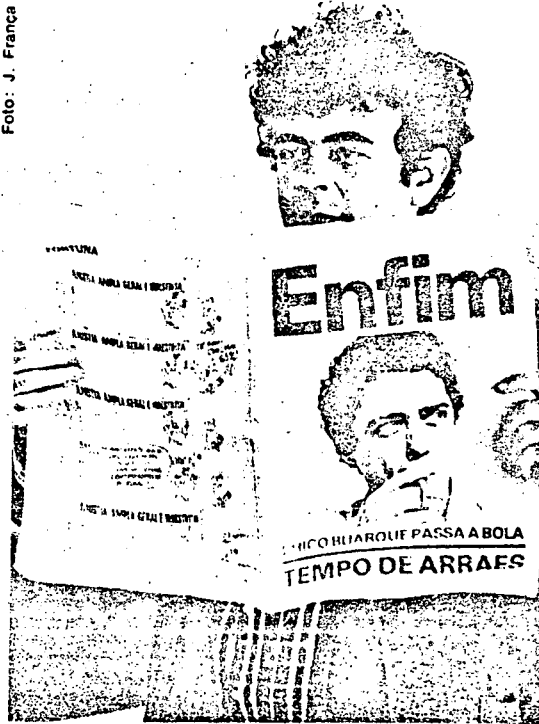
ENFIM, ALGUÉM A FIM

Glauber Rocha traz "Enfim" para o Planalto

Glauber Rocha está em Brasília. Ontem, pouco antes do meio-dia, entrou na redação do CB, parou na minha mesa e disse: "Toma". Olhei, era um jornal, **Enfim**. Na capa, edição nº 2, Chico Buarque olhando de lado, tragando seu cigarro, ilustrando a frase: "Chico Buarque Passa a Bola - Tempo de Arraes". O jornal é semanal e seu editor - geral é, nada mais, nada menos, Tarso de Castro. **Enfim**, um jornalista fora do tipo folhetim. Outros nomes preenchem a edição de 32 páginas: Cláudio Mello e Souza - Miguel Gabizo de Faria (Diretor - Presidente), Antônio Carneiro Dias (Diretor - Responsável), Fortuna, Goebel Wehne, José Colagrossi Neto (Administração), Paulo Garcez (Fotografia). Um artigo de Tarso de Castro, de vinhos de março, no qual em certo trecho está escrito: "Apenas para registrar - a infantilidade esquerdista (aliada ao moralismo do velho e cansado partido - esqueçam que o passo a caminho da liberdade é o verdadeiro passo inicial para a democracia. E pena, e é normal. Afinal, trata-se de uma histórica incompetência". A edição publica o capítulo 8 do livro de Antônio Callado, **Tempo de Arraes**, onde se pode ler esta preciosidade: "Em Pernambuco, se alguém dizia, no tempo de Arraes que não era comunista, podia - se acreditar de cara, porque os que eram do Partido Comunista diziam que não sem hesitar." E acrescenta, algo testemunhável, porque viveu por lá, como eu: "O resultado da sua política social, administrativa e educacional, é que as massas estavam se transformando em indivíduos". A entrevista de Chico ocupa 7 páginas (parece que voltamos aos tempos em que lançaram o

Pasquim). Há, ainda, Paulo Perdigão, João Ubaldo Ribeiro, Sebastião Nery - que diz: "E 1979? Nosso bom senso só chegou até a campanha da anistia". Plínio Marcos continua - na mesma: censura, linguagem de malandro - e muitas palavras. Alexandre Manuel de Mello estremece sobre o céu inalcançável de Salvador Allende, o ex-presidente assassinado no dia 11 de setembro de 1973, num país belíssimo que sempre soube respeitar a frase predileta do venezuelano Simón Bolívar: **maldito sea el soldado que dispara en contra su pueblo!** Ah, há o Carlos Eduardo Novaes dizendo que quer "ver o jornal nas frentes de trabalho do Piauí". **Enfim**, se a turma sustentar e souber explorar direito, talvez a imprensa tenha entrado no veio da abertura. Até que enfim, sem preconceito. Como no artigo de Glauber (Farda, Fardão/Kamysola de dormyr), de onde retirei isso, para concluir: "Carmem Miranda iraiu Geúlio. Preferiu dar para Walt Disney. Foi comprada para fazer propaganda da United Fruit no Caribe. Carmem era entreguista". Será que alguém sabia disso? **Enfim**, é possível que se comece a falar, rebuscar histórias da nossa História, no semanário carioca. (TGF).

Foto: J. França



Glauber Rocha: na bagagem, o recém-lançado **Enfim**

CARIOCA JURADO

A tevê tem uma influência muito mais versátil do que a gente pensa. Por exemplo, todo intelectual que mora no Rio assume uma condição de jurado de calouros. Para quem mora aqui na Bahia e do Rio só conhece a Avenida Atlântica, isto é engraçado. Então os caras vivem cheirando pó ou se embriando entre o Leblon e Ipanema, não sabem absolutamente nada do que está se passando com a maior parte do país, sentem falta de Nova Iorque e transformaram sua linda cidade em Miami Beach com cocô de cachorro e aí você aparece e diz qualquer coisa e eles imediatamente o tratam como se você tivesse acabado de apresentar sua interpretação de Malagueta estivesse querendo fazer vestibular para o Rio de Janeiro. Confundem a ignorância - não ignorância de livros, em muitos casos, mas de vida - com a realidade e ficam falando besteira, estabelecendo padrões de comportamento, censurando afirmações e se julgando o umbigo do mundo. Ora. Ou então fiquem esperando mais uma visita de um filósofo francês cabeludo, para nova sessão de catequese. Vão colonizar a patata que os pós.

João Ubaldo

CORREIO BRAZILIENSE - 21/9/79

Enfim, apenas um jornal

TALVANI GUEDES DA FONSECA

A melhor coisa que poderia acontecer na imprensa brasileira independente (?) seria o surgimento de um periódico, tipo **Enfim**. Até bem pouco tempo, jornal de jornalistas era conhecido pelo nome de nanico - como se o tamanho, número de páginas e quantidade de anúncios determinasse, qualificasse. Jornal é jornal - e ponto final. Ou é bom jornal, ou não é bom jornal (portanto, passa a ser, no segundo caso, pl-caretagem, vaidade - quando se trata de exercício de algum "jornalista" rico, querendo aparecer). Existe até uma alternativa pior: o jornal - objetivo, como, por exemplo, foi **O Expresso**, de São Paulo, infanteria da direita mais extrema da Brasil - quando ainda se iludiam, certos faiscados com a possibilidade de derrubada de Ernesto Geisel em 1976.

O propósito desta notinha é o semanário **Enfim**, de Tarso de Castro, jornalista gaúcho, competente, de muitas andanças. Altiás, ele e Luis Carlos Maciel, outro cérebro

do **Enfim**, estiveram juntos no Pasquim, no seu lançamento, há mais de dez anos. O Pasquim foi um semanário que abriu caminhos. Havia, no início, Millôr Fernandes, Sérgio Cabral - entre outros. Depois desse jornal, vieram Opinião (leia-se: órgão opinativo de Fernando Gasparian, seu fundador, proprietário e seu fechador), Movimento (do competentíssimo Rui-mundo Rodrigues Pereira e de outros jornalistas), e muitos outros: Versus, Coojornal, etc. A experiência do pequeno semanário iludiu as diversas áreas do setor de imprensa. Primeiro, porque não se pode (não se deve) fazer jornalismo político dirigido, a menos que isso seja feito em nome e defendendo um partido. Segundo, porque o leitor tem o direito de escolher dentre tantos títulos, aquele que mais se identifica com sua necessidade intelectual, política, cultural - **enfim**, lhe agrade. A verdade é simplérrima: depois que surgiu a imprensa nanica, a picaretagem adquiriu know-how e, imaginem (!), até em

Natal, Rio Grande do Norte, já circula com sabor semi-oficial, um jornal de bairro. Sem sentido.

...Ao que se sabe, São Paulo conta com quase 30 títulos diários de jornais. Contudo, a tiragem global de todas as edições mal ultrapassa um milhão de exemplares. Ou seja: muita oferta, pouco mercado. Por que o leitor é burro? Ao contrário - está provado: se-lo-ia se mergulhasse nesse grande mar de publicidade, de consumo. Consumo de opiniões, inclusive. Nos momentos mais difíceis de 75/76, a barra pesou tanto que Sérgio Augusto, excelente crítico de arte que de política não entende, por uns meses parecia o teórico da análise-crítico-sensorial-ideológica. Falta alguém que disse: muita oferta, porque, na grande imprensa, os colonistas e críticos repetem seus espaços e se repetem, todos os dias. As contradições conjunturais do Brasil (são teram) tantas, em cada setor, que exigir-se de um jornalista coerência na análise do dia-a-dia chega a ser, no mínimo, injustiça. Não há, realmente, preparo intelectual e crítico. E ninguém deve condenar Glauber Rocha

por ter afirmado isso.

Por que se deve dar um crédito ao **Enfim**, afinal? Por vários motivos, dentre os quais: no primeiro número, uma entrevista de Tarso de Castro com Brizola, fotos de Candice Bergen. Brizola era, no primeiro número, o fato - notícia da semana. Uma entrevista humana, com dez páginas, na qual Brizola falava que "a nossa intelectualidade, essa mesma, de esquerda, correja, em parte, o vício do elitismo". E acrescentava: "Só é de esquerda, pra valer, nas palavras". Impressas e verbalizadas, lembremo-nos disso. Um artigo interessantíssimo, de Hermano Alves, analisando as Forças Armadas Brasileiras. Não fora suficiente, Tarso de Castro ainda escreveu um editorial, cujas primeiras linhas dizem: **Enfim não é de esquerda, não é de direita, muito menos de extremo centro. É apenas um jornal, coisa a qual os brasileiros estão desabituados**. Conforme Marclio Farias, professor e jornalista, jornal é o efêmero. Isso diz tudo. Se fosse importante o jornal de ontem, ninguém faria o de amanhã.

CORREIO BRAZILIENSE - 21/9/79

OPINIÃO

Seção Livre

PT 1036. 125

**O MELHOR
DA SEMANA**

Objetivos de João Paulo

**Paulo Francis,
de Nova York**

Como previ nestas páginas, assim que João Paulo Segundo chegou ao "hinterland", a Filadélfia, sem estar face a face com o cosmopolitismo intelectual de Nova York (a única cidade do mundo que gasta mais dinheiro em artes do que em esportes), as verdadeiras opiniões do papa, conservadoras, alguns diriam reacionárias, emergiram plenas e inequívocas.

O mais interessante nas posições de João Paulo é que elas provocam precisamente os católicos, os quais (presume-se), em nível de clero, conhecem a história da sua Igreja. Paulo Sexto, por exemplo, estava permitindo a laicização de cerca de 2 mil padres ao ano. Os padres abandonavam a batina, casavam-se, etc., mas continuavam na Igreja. João Paulo deu fim a essa prática. Reafirmou a intocabilidade do celibato dos padres. Ora, qualquer católico informado sabe que esse celibato emergiu na Idade Média, e por motivos menos teológicos do que materiais. Em verdade, foi imposto por Roma porque as ordens religiosas estavam acumulando riquezas, e os padres se casando e tendo filhos a tendência era a criação de dinastias e possivelmente de dissidências. Não há questão teológica alguma em jogo aqui e qualquer católico informado, repito, sabe disso.

Idem a posição acachapada das mulheres da Igreja, a quem João Paulo nega ordenação como padres, sacerdotes, e não permite (o que é comum em muitas paróquias dos EUA, as mulheres — diáconas) que elas distribuam a comunhão e pratiquem outros atos pios, reafirmando o monopólio masculino. O papa diz, obscuramente, que não se trata de uma questão de Direitos Humanos, mas da dimensão (sic) do sacerdócio. O que significa isso? Nada. É uma questão de Direitos Humanos. Quando as grandes religiões, como a judaica e a cristã (esta decorrendo em boa parte da outra, naturalmente), foram criadas, era necessário, econômica e politicamente, manter a mulher presa ao lar, pois as precárias comunidades judaica e cristã precisavam ter garantia de continuidade. Hoje, essa situação inexistente.

É certo que as posições de João Paulo, passada a festa de recepção, só farão agravar a séria crise de confiança da Igreja americana, já aos pedaços em debates e cisões, se esvaziando de quadros e de fiéis.

É João Paulo, claro, reafirmou a "Humanae Vitae". Se fizesse isso apenas na questão do aborto, estaria repisando no tradicional respeito do cristianismo por qualquer forma de vida. Mas não.

Ele insistiu na proibição a anticoncepcionais. Dei aqui dias atrás uma pesquisa sobre como pensam os católicos americanos, 63 por cento favorecem o uso de anticoncepcionais, e 79 por cento acham que é possível ser bom católico e usá-los. Também não se

trata de uma questão teológica. Em verdade, Paulo Sexto convocou uma comissão de teólogos e "experts" que lhe deram o veredito de que o uso de anticoncepcionais não violava qualquer doutrina cristã. Paulo Sexto, enfurecido, recusou esse veredito e baixou a Humanae Vitae. Mais uma vez raro é o católico informado que não conhece essa sequência de eventos. E há as ramificações políticas e sociais dessa proibição. Precisamente os católicos mais miseráveis é que acreditam que o papa é o dono da verdade, e logo se abstêm do uso de anticoncepcionais, trazendo ao mundo crianças que morrem cedo. No Brasil, metade das crianças não têm o peso saudável requerido pelos pediatras. Tendem ao mongolóide e a uma morte horrível no máximo na adolescência. Eu próprio, ou qualquer pessoa que já tenha visitado uma favela, vi mulheres doentes, miseráveis, grávidas, dentro da ignorância em que são educadas pelo cura que lhes aconselha resignação. A classe médica dos EUA, católica, mas sujeita às influências do pensamento liberal, inclusive de setores da Igreja, recusou a Humanae Vitae e recusará João Paulo, considerando-o filho de uma Igreja ainda nas trevas, em país comunista, submetida de um lado a um bombardeio pseudo-marxista dos stalinistas no poder e de outro à fé simples e antiquada pré-Segundo Concílio do Vaticano.

Quanto aos homossexuais, o papa acha que a prática e não a tendência é que é o mal (sic). Em suma, o pobre do homossexual católico deve se dedicar ao celibato, como os padres, negando a sua própria sexualidade. Isso pode colar em país latino ou na Polónia. Aqui, jamais.

Os judeus já estão começando a protestar. Stephen Rosenfeld, o editor de artigos da página oposta à do editorial do "Washington Post", ontem criticou João Paulo porque na ONU pediu uma justa solução do problema palestino sem sequer citar uma vez Israel e suas necessidades. Rosenfeld pergunta se isso não é uma forma sutil de insinuar que a eliminação de Israel é possível. Não precisa perguntar. É claro que é, ainda que talvez essa não tenha sido a intenção consciente do papa, que também pediu "justiça para todos", no Oriente Médio, embora não citando Israel.

João Paulo Segundo é mais um problema dos católicos do que de quem não é. É uma pena que não use seu poder para conclamar os fiéis à luta contra as injustiças que menciona, vagamente. Não, se limita a querer que obedecem à Igreja na luta perdida contra a "permissividade". É evidente que João Paulo não gosta dos EUA. Deixou isso claro numa pequena cidade em Iowa, com uma congregação de 204 pessoas. Disse: Isso é a verdadeira América. Não é não. A verdadeira América é urbana, industrial, tecnológica, diversificada e pluralista. Jamais se submetendo às camisas de força medievais que parecem constituir o cerne da fé do primeiro (e presume-se último) papa polonês da História.

FOLHA DE SÃO PAULO — 6/10/79

QUE PAPA, HEIN

247

Durante sua visita aos Estados Unidos, o papa João Paulo II chegou a ser considerado o "John Travolta da religião". Os ingressos para a cerimônia de sua recepção foram disputados no câmbio negro, chegando a ser vendidos a 100 dólares. A imprensa americana considerou-o "o papa mais popular da história". E suas declarações foram manchetes durante a semana em que visitou seis cidades americanas. Eis as principais:

Em Limerick (Irlanda), antes de ir aos EUA:

"Que as mães e jovens mulheres irlandesas não ouçam aqueles que lhes dizem que o trabalho em uma tarefa secular ou o que o sucesso de uma profissão secular sejam mais importantes do que a vocação de conceber a vida e cuidá-la como mães"

JORNAL DO BRASIL — 2/10/79

Durante missa no Parque Grant (EUA) para 1 milhão e 500 mil pessoas:

"A cópula é um bem moral e humano somente dentro do matrimônio. Fora dele é um mal."

"O convênio entre um homem e uma mulher unidos pelo casamento cristão é tão indissolúvel e irrevogável como o amor de Deus por seu povo e o amor de Cristo por sua Igreja".

JORNAL DO BRASIL — 6/10/79

Papa defende celibato e não ordenação feminina

FOLHA DE S. PAULO — 5/10/79

Papa condena pílula, aborto e homossexualismo

JORNAL DO BRASIL — 6/10/79

Carter saúda João Paulo II, como campeão da dignidade

JORNAL DO BRASIL — 7/10/79

O colunista político Adilson de Barros, com a autoridade de quem é arqui-inimigo de esquerdistas de qualquer coloração, já decretou, na coluna diária que escreve para jornais de todo o Brasil: "O Recife é a capital ideológica do País". Ninguém duvida. É verdade.

Adilson de Barros dessa vez tem razão. A terra do frevo vai se transformando, nesses tempos de descompressão, no cenário perfeito de uma luta política que começa novamente a balançar o coreto e a dar pano p'ras mangas dos ideólogos, politicólogos, sociólogos, garimpeiros e teóricos tupiniquins. O motivo é simples: o retorno de exilados célebres a Pernambuco e a ascensão de líderes opositores surgidos no Estado depois de 1964 — como o senador Marcos Freire e o incansável presidente do diretório regional do MDB, Jarbas Vasconcelos — preenchem o vazio deixado pelo golpe de 64 e pela devastação de 1968 nas tropas opositivas pernambucanas. Em outros lugares, diz-se "fileira". Em Pernambuco, é trouxa.

Guerreiros, a nível partidário: o governador Miguel Arraes, Marcos Freire no senado, Jarbas Vasconcelos na proa do diretório, uma bancada federal formada majoritariamente por autênticos. Dois dos últimos exilados célebres a retornarem ao Brasil também estão ligados de corpo e alma a Pernambuco: o ex-líder das ligas camponesas Francisco Julião e o ex-deputado comunista Gregório Bezerra.

Recomposto o cenário — naturalmente que com os retoques, as mudanças e os novos temperos surgidos nessa década e meia — reacende-se o conflito ideológico entre oposição e governo. Não é preciso ser profeta nem descendente de Nostradamus para prever, sem margem de erro, que em Pernambuco nas próximas eleições majoritárias a disputa entre governo e oposição, se os pacotes do Planalto deixarem, será "formidável" (é essa a palavra usada pelo melhor cronista político do Recife, Garibaldi Sá, para definir o campeonato de 1982). Pois é: em outros lugares, diz-se "eleição". Em Pernambuco, é campeonato.

O motivo é simples: Recife é apontado como a cidade que, desgraçadamente, é o espelho do estado de miséria da região. Ninguém compra um ingresso de cinema no centro da cidade sem ser assediado por pedintes que caçam uma esmola. É impossível se fazer de cego no Recife. Uma pesquisa do mestrado de economia da Universidade Federal de Pernambuco constata que a Capital Ideológica do País é a cidade onde se registra a maior concentração de renda no Brasil. E por aí vai: o número de subempregados e desempregados, sem contar com os dependentes, chega a 250 mil. E os que ganham entre um e dois salários gastam noventa por cento do ordenado com comida — é o que revela o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, fundado pelo pernambucano histórico Gilberto Freyre. O inventário numérico da miséria se derrama pelas pesquisas, levantamentos, estudos e teses de mestrado: penduradas nas prateleiras das bibliotecas. Não é para menos: Recife, além de tudo, recebe, sem ter condições de absorver, a massa de deserdados

GENETON MORAES NETO

RECIFE É A DIFERENÇA



que deixam o campo, notadamente a zona da mata, onde a miséria secular da população é tão rotineira na paisagem como o verde dos canaviais. O mestre Gilberto Freyre cunhou então esta máxima: "Recife é uma cidade que incha". Pois é. Outras cidades crescem. Recife incha.

E natural, então, que esse estado de coisas se reflita no terreno da

política — que, ao menos teoricamente, deveria ser o espelho fiel da realidade. O recém-retornado Miguel Arraes, numa entrevista no exílio, recordava que, diante do quadro de miséria na região, ou se era contra ou se era a favor.

O Recife, a Capital Ideológica do País, resunie esse drama. Ninguém, no entanto, sem conhecer

de perto a cidade que encantou o príncipe Maurício de Nassau, invente de ir atrás da visão viçanda, falsa, puramente teórica e acadêmica de alguns intelectuais de esquerda que imaginam, nas colunas dos jornais, que o Nordeste inteiro é a versão cabocla de Biafra, uma terra cheia de "cabramacho" de sotaque engraçado, peixeira a tira-colo, chapéu de couro e cigarro de palha no canto da boca. É incrível, mas essa visão ainda resiste entre intelectuais com trânsito livre em jornais e revistas e, portanto, formadores de opinião pública.

Vai soar óbvio, desnecessário e até redundante, mas é preciso dizer, a esses, que, dentro do Recife, se encontra uma miniatura de Ipanema, a praia de Boa Viagem, com galerias, boutiques, apartamentos que custam milhões de cruzeiros, motoqueiros, cocotas, discotecas, gente bronzada esbanjando saúde e grana e uma das maiores rendas per capita da região. Claro: a geografia do Recife é, acima de tudo, a geografia da diferença. Não há um só Recife. Há vários. E aí é que nasce o campeonato.

Então, para além da constatação de que a volta de exilados célebres a Pernambuco e a ascensão de líderes opositores recompoem o cenário da disputa político-partidária, é preciso dar uma oihada também na tradição eleitoral no Recife.

O jornalista Ronildo Maia Leite vem preparando um livro sobre a história política do Recife. O título já foi escolhido: "A Cidade Invicta". Neste inventário político de dezoito eleições majoritárias realizadas de 1945 a 1978, constata-se, por exemplo, que os candidatos de esquerda obtiveram, sempre, entre 68 e 87 por cento dos votos do eleitorado. A última demonstração foi dada no ano passado, quando o candidato da oposição ao senado, Jarbas Vasconcelos, ficou com 22 por cento dos votos do Recife, mas terminou tragado pela soma das sublegendas da Arena e pelo poder dos célebres "currais eleitorais" do interior.

Recife é fogo. Ronildo Maia Leite descobriu, também, que o primeiro decreto de anistia no Brasil foi provocado por Recife, em 1654, logo depois do quebra-pau com os holandeses invasores. A primeira anistia perdoava os holandeses aprisionados e os brasileiros que haviam colaborado com os galegos. Calabar dançou antes do perdão, tal como iria acontecer com tanta gente três séculos depois.

Então, quando se faz tanto escarcéu em torno da volta de Miguel Arraes, por exemplo, é preciso saber direito o que é Pernambuco e o que é o Recife, para que não se diga tanta besteira e não se reduza tudo a uma análise meramente partidária, superficial e incompleta do cenário político que vai se recompondo na Capital Ideológica do País.

Se houver eleições livres em 1982, todas as peças da máquina governamental e todas as forças da oposição vão se enfrentar em Pernambuco, numa disputa onde ninguém vai ficar de fora.

Quem quiser ver de perto um confronto político entre quem é contra e quem é a favor pode estar certo, desde agora, que o palco se chama Recife. Apareçam. Vai ser formidável.

249

Duas moças conversavam animadamente no banco de trás do ônibus:

— “Olha só, descobri que quem conseguiu esse negócio de meia entrada para estudante no cinema foi a UNE, você sabia?”

— “Nunca me passou pela cabeça, mas que barato heinm!”

— “Pois é, prá quem você votou nessa eleição?”

Eu voltava da PUC onde fui ver o movimento da contagem de votos que havia começado imediatamente após o fechamento das urnas no dia anterior, ou seja, na quinta-feira, dia 4, às 22 horas. Não dava prá perceber que alguma coisa diferente estava acontecendo no campus da Universidade, até que se aproximasse das imediações do ginásio, onde se dava a abertura das urnas. Ali se computavam os votos do Grande Rio.

O cenário era dos mais singulares, dentro da realidade do estudante universitário de hoje (aquele que não vivenciamos as movimentações estudantis pré-68): grande era o número de pessoas que escolhiam uma sombra e deixavam o corpo dormir; em alguns casos chegavam a formar pequenos amontoados de corpos. Eram os cabos eleitorais e fiscais das diversas chapas que há dias não desgrudavam das urnas (que muitos ajudaram a confeccionar), numa expectativa insone.

Lembrava em quase todo os climas das eleições parlamentares — e na realidade não deixa de ser a reprodução daquela esfera menor. A toda hora algum candidato saía do ginásio onde se reunia à mesa apuradora com mais um resultado parcial; e num vai-vém incessante os delegados das chapas traziam novidades dos outros Estados. “A Mutirão ganhou a União Estadual dos Estudantes mineiros”, alguém veio gritando pelo pátio causando comoção geral entre os membros daquela chapa e o olhar de despeito ou desprezo dos demais.

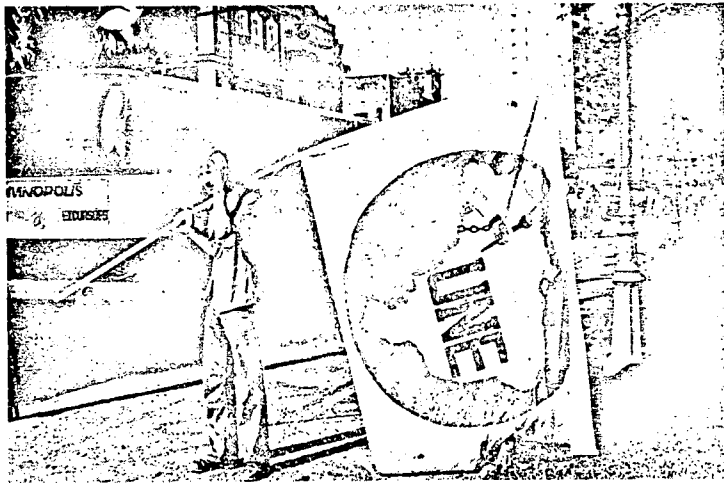
No final da tarde do segundo dia de apuração já estava decidida a parada: ganhando a chapa Mutirão para a diretoria da “nova” UNE, com quase 40 mil votos de diferença em relação à sua concorrente, a Unidade. Mas ainda pairava no ar certa tensão, uma desconfiança generalizada, pois como não poderia deixar de ser, também nessa eleição foram muitos os casos de fraude. Antes de deixar a arena aos gladiadores, tive a notícia de que na Universidade Santa Ursula, misteriosamente, havia surgido uma urna a mais; e os presentes (do lado de fora do ginásio) comentavam que era “mais um apuro da Unidade.”

Era apenas um caso isolado e, enquanto os apuradores decidiam se impugnavam ou não as 17 urnas; em outros lugares desapareciam urnas e votos; surgiam mais 10 ao invés de 1 e por aí adiante. Deixei a discussão nesse pé: coisas de eleição.

E vim no ônibus refletindo sobre o que foi todo o processo de mobilização dos estudantes para essa eleição, o que ela representava e o que seria a nova diretoria da UNE, enquanto entidade que deverá canalizar as necessidades de uma classe que congrega 1 milhão e meio de pessoas.

Não se pode, em hipótese alguma, desprezar o significado político do trabalho da elite estudantil engajada, que conseguiu, de uma forma ou de outra, levar às urnas

UNE, UMA AULA DE POLÍTICA



“pelo menos 1/3” do total de eleitores em potencial. Dizem os concorrentes que fizeram o que foi possível no momento mas o resultado poderia ter sido melhor. Nada como uma abstenção significativa, no caso 2/3, para fazer sentir a necessidade de um balanço na forma de condução do trabalho.

Ficou claro que o estudante está bastante distanciado de sua luta de classe, mesmo porque são 15 anos de encapuzamento. E aí provavelmente se encontra um dos motivos do esvaziamento da movimentação estudantil: em maio um Congresso (as entidades de base como Centros Acadêmicos e Diretórios Centrais) onde se elege uma diretoria provisória que ergueria a bandeira da rearticulação definitiva da UNE; quatro meses depois, eleição direta a nível nacional, sem um trabalho consistente de conscientização da massa estudantil. Transformar a água em vinho, de uma hora para outra, só mesmo Jesus Cristo, e assim mesmo há quem não acredite no milagre.

A falta de verba para uma campanha mais eficiente? Sim, a falta de verba; mas isso foi apenas uma gota d'água. Uma outra grande barreira foi a repressão, tanto do governo, quando de algumas universidades que de um lado espantou os menos convictos e de outro contribuiu para maior desorganização do pleito. A SUAM, do Rio de Janeiro, fechou as suas portas obrigando os mesários a realizarem a votação nas calçadas que margeiam a faculdade; o que também ocorreu em universidade de outros estados. E não faltou um elemento insólito, para descarrilhar o trem: um aluno da Mackensie desembestou a desferir golpes de caratês nas urnas que encontrava pela frente, dizendo ser “um cara coerente”.

E o decreto do Presidente General Figueiredo? Ninguém entendeu bem o motivo, quer dizer, ele deixou claro que não simpatiza nada nada com um movimento estudantil que desemboque numa entidade única; mas até aí nenhuma novidade. No decreto ele ameaça, de destituição do cargo, os DCEs e DAS (diretório Acadêmicos) que participam ou se façam representar em qualquer entidade alheia à instituição a que estejam vinculados. E ainda dá a essa instituição o direito de intervir (nos mesmos moldes das intervenções em sindicatos), para eleição de uma diretoria pelega.

O decreto do presidente não alterou substancialmente o quadro das eleições, é o que garantem algumas lideranças — apesar de ter ocorrido o afastamento de determinados diretórios centrais que temiam uma represália do governo. No mais, até a chapa da direita, a Maioria, reclamou: qual é presidente, com medo de um monte de estudantes desmobilizados? Ou existe mesmo uma força estranha no meio estudantil que começa a incomodar? Algo assim como um poder latente, meio adormecido, para o qual nem a própria estudantada atentou? De qualquer forma a medida do presidente só fez tirar votos da tal “direita” e acirrar os ânimos daqueles que ainda tinham alguma dúvida: ah é, votaremos só de pirraça!

Mas esse decreto, mesmo que venha confirmar que “abertura” é história prá boi dormir, está fadado a cair no obsoletismo, como ocorreu com o decreto 477; e se a sua revogação fará parte das lutas da UNE, essa agora deve ter outras prioridades: o problema de mais verbas para educação; ensino público e gratuito para todos, segundo afirmação do presidente

eleito, Rui César da Silva. E aí, sim acredita-se num aumento da participação da maioria dos estudantes nessa luta; o que delimita uma outra causa da atual apatia ante os apelos das lideranças: a repetição de antigos chavões.

O que se nota é que um certo enfado paira sobre a maioria quando começam a ser levantadas questões trabalhistas e político partidárias, e relegadas a um segundo plano as necessidades mais imediatas da classe. O estudante hoje quer resolver os problemas pertinentes a seu universo, o que não significa que não apoiará uma luta pelo desmantelamento do aparato repressivo do regime, pelo fim da ditadura militar. Só que essa se dará paralelamente porque há muito o que fazer dentro das universidades e talvez não haja melhor caminho para uma mudança efetiva do que um trabalho sério dentro delas.

Certamente o principal ato das chapas concorrentes para a diretoria da UNE não terem sensibilizado a massa estudantil decorre desse fato: os programas foram pouco específicos. Conversando com um cabo eleitoral da Novação, quando ele já bebia em solidariedade à provável vitória da Mutirão, fui esclarecida de que eles já reconheciam que pecaram estrategicamente em não ter aderido à chapa vencedora e o grande motivo da divisão era que a Convergência Socialista (maioria na chapa) não concordava em que a Igreja participasse de um partido (no caso o PT) que reunisse as camadas exploradas da sociedade. Na realidade, admitiu ele, uma divisão que está longe de ser vivida pelos estudantes em geral.

O repúdio a esse processo (de marginalização da base e alheamento das reivindicações primordiais da classe) ainda foi manifestado nos votos nulos e brancos. Como por exemplo, o de um aluno da Escola de Comunicação da UFRJ que tornou seu voto público assim: que foram abertas as urnas: “Quem gosta de goiabada cascão, vota na Mutirão quem gosta da sua tia, vota na Maioria. Se você usa sabão, vote na Novação/ Se gosta da sua idade, vote na Unidade.” Esse voto trazia ainda um pequeno texto protestando contra a representação apenas simbólica da mulher nas chapas, e a não representação negra (pelo menos abertamente).

Este é um caso isolado mas que retrata a aversão aos discursos vazios; a carência de objetividade e maturidade no encaminhamento de um movimento amplo como é o de estudantes universitários. Até as urnas, coisa da maior importância numa eleição, foram confeccionadas artesanalmente na noite de véspera da votação; e resultado: chegaram todas com grande atraso às faculdades acarretando uma considerável perda de votos.

Está eleita a diretoria que dia 12 toma posse em São Paulo; e na cabeça o presidente, Rui César da Silva (Comunicação-UFBA); o vice, Marcelo Barbieri (Administração FGV-SP); e secretário-geral, Aldo Rebelo (Direito-UFAL). A UNE está de volta e 1 milhão e meio de estudantes, os que votaram e os que não, vivem como o resto do país, uma grande interrogação. A grande expectativa em torno das novas lideranças e de maiores consistências e consequência.

HELENA CARONE

PT 1036-126

Sr. Redator,

na qualidade de professor de português (e também de Latim, matéria hoje desgracadamente esquecida) venho protestar contra a maneira pela qual estão sendo reproduzidas as perguntas e respostas das muitas entrevistas que o Enfim vem publicando.

Os senhores se, além de experiência jornalística, tivessem um mínimo de informação cultural e também hábito de leitura dos bons autores (já nem falo dos clássicos - deixemo-los em paz), saberiam que a declaração verbal tem todo um conjunto de circunstâncias que a tornam expressiva, tornando o discurso compreensível: um sorriso, um trejeito, um gesto de mãos, um modo de olhar - tudo isto torna uma frase perfeitamente compreensível para quem a está ouvindo. Para o ouvinte direto, pausas e repetições de palavras, uma que outra hesitação retiram da frase sentido ou significado.

Mas agora - e aí é que está o grande erro dos senhores - querer transferir para o leitor o que só o ouvinte direto tem condições de apreender é um erro jornalístico grave e uma falta literária mais do que aceitável.

A última entrevista que os senhores publicaram, com a cantora Simone (que parece ter fascinado um de seus entrevistadores); apresentava esses mesmos defeitos, ainda que ligeiramente atenuados. Mas as conversas precedentes - Chico Anísio, Chico Buarque, Brizola - estavam quase que ininteligíveis. O que disseram todos era ou parecia ser assunto de interesse, matéria de leitura. Mas como remontar aquela quebra-cabeças de conceitos confusos, muitas risadas, algumas pausas, muitos "né, quer dizer e assim por diante?"

Responda-me, Sr. Redator, poderia eu, em sua consciência, dar qualquer um desses textos como matéria de leitura e estudo para os meus alunos?

Respeitosamente,
Godofredo D'Avila Barreto
Rio de Janeiro

É professor Godofredo, o senhor tem toda a razão. Vamos procurar corrigir esses defeitos de comunicação. De qualquer forma, essas entrevistas podem não ser de aula de gramática, mas sim com certeza de aula de vida, né?

Sr. Redator,

mandei dizer à cantora Simone que essa de ficar em casa enquanto nós mulheres saímos para a rua em defesa de nossos direitos é uma careta. Ela tem o medo. Medo de encontrar o povo e dialogar com ele na rua. Ficar escondida por trás de um disco ou, separada da platéia por um jogo de luzes, cantando os seus males de amor pode ser muito confortável para ela, mas nada acrescenta à luta pela libertação da mulher. A Simone adotou uma posição muito reacionária, e tanto eu quanto minhas amigas,



Sr. Redator

As cartas para o ENFIM devem ser enviadas para a Avenida Ataulfo de Paiva, 706, 302, Leblon, Rio de Janeiro, com o nome, identidade e endereço do remetente. As cartas serão publicadas na íntegra, num máximo de 30 linhas, datilografadas.

ficamos enojadas com essa covardia.

Emiliana Gasperini
São Paulo - SP

Sua carta aí está, ó furiosa Emiliana, mas em nossa opinião a Simone faz por ela e por todas vocês muito mais do que imaginam. Ela, como diria o Alberto Roberto, "é um símbolo".

Sr. Tarso,

em matéria de futebol, este seu jornal até que começou bem, com um bom artigo do maior conhecedor de futebol do Brasil e do mundo, o Sr. João Saldanha. Mas, logo em seguida, o senhor teve a infeliz idéia de convidar o Claudio Mello e Souza para também escrever, o que é um erro. Explico: este Claudio não entende nada de futebol. Ainda que entendesse, estaria comprometido pelo fato de ser um notório torcedor do Flamengo. Quer uma prova? Quando ele cita os melhores jogadores do país simplesmente não menciona um nome sequer do Vasco, como se só o Flamengo é que tivesse craque. E o Roberto Dinamite, Sr. Tarso, o maior goleador de todos os tempos? Será que o Mello e Souza já viu o Dinamite fazer aquelas jogadas sensacionais, que decidem um jogo e que acabam com o time adversário? Responda Sr. Tarso.

Américo Guaraná Neto
Itacuruçu - Rio

Eu confesso que nunca vi o Dinamite jogar porque nunca fui, nem jamais irei, ao Maracanã. Acho chato futebol. O Claudio, aqui do meu lado diz que sempre vai, ou ia, ao Maracanã, viu o Roberto em campo várias vezes, mas não se lembra dessas ações heróicas a que se refere o illustre

missivista. Aliás, Américo, nesta edição do Enfim há exatamente uma grande matéria do Claudio sobre o Roberto. Vocês que se entendam.

Tarso

agora

ENFIM, UM JORNAL DEMOCRÁTICO

Neste mês a imprensa nacional está de parabéns, ganhou mais dois jornais de alta qualidade: Hora do Povo e Enfim. O primeiro, numa linha popular, e segundo alguns, alimentado pelos "autênticos" do Rio. Já o Enfim é para uma faixa de leitores mais elevada, também semanal, dirigido pelo jornalista Tarso de Castro, um dos criadores do País que saiu, depois de alguns desentendimentos. Dois bons jornais.

O ex-governador gaúcho Leonel de Moura Brizola de uma demonstração de maturidade política e amplos propósitos democráticos, ao cancelar seu comício marcado para o dia 13 de setembro em Porto Alegre, numa resposta direta àqueles que o queriam enredar nas malhas da provocação. A "greve" dos bancários da vinda do líder trabalhista já estava se constituindo num campo fértil para a imaginação dos agentes direitistas que querem, ou já direitistas que querem, ou já conspiram contra a luta do povo pela implantação da democracia no Brasil. As forças de oposição acompanharam - e acompanham - com ansiedade e muita discussão o retorno de Brizola. Muitas especulações se fez e elocubrações mirabolantes são definidas sobre os propósitos do trabalho defendido por Brizola. As provocações que se faz em torno de Brizola, são as mesmas dos esquerdinhos de barzinho, dos

intelectuais desocupados, que insistem em confrontá-lo com o líder metalúrgico - vedete de capa de Isto É - (Não é Mino?), Luiz Inácio da Silva "o Lula" e outros segmentos da oposição. Dizem que o PTB não atende aos anseios do operariado brasileiro. E o MDB atendeu nestes famigerados quinze anos de obscurantismo? Não se deve confundir os autênticos, e que por isso foram marginalizados, com o pensamento da cúpula do partido oposicionista. Porém, o importante em todo este contexto é o fortalecimento da frente oposicionista contra o regime que se instaurou em 64. Esta na hora das oposições brasileiras se conscientizaram da sua missão presente. Brizola, o Brizola reciclado por 15 anos de exílio, deu uma lição de aprendizado, de habilidade, de engrandecimento político e de ampla visão histórica. Não podemos mais ficar a reboque de manobristas espúrios, semelhantes aos idos da década de 60, os quais levaram as esquerdas à falência. O estacelamento do movimento oposicionista, do qual o PTB, liderado ou não por Brizola, deverá fazer ou já está fazendo parte, somente servirá ao governo vigente. A manobra maquiavélica que está em curso, na tentativa de dividir, cindir as oposições, tem um endereço certo: perpetuar o estado de coisa vigente. Não queremos mais partidos filantrópicos que irão engrossar as fileiras dos fazedores de "anos internacionais da criança". Queremos, sim, formar um partido, e o PTB repensado por Brizola preenche estes requisitos, com uma discussão interna de alto nível, que promova e defenda uma plataforma política onde tenha lugar a Reforma Agrária, a Autogestão, a formação de um Comando Geral dos Trabalhadores, enfim (olha aí o enfim) um Programa que possa servir de caminho para a tomada do poder político pelas forças de oposição. A frente de oposição ao regime, necessariamente deve hoje constar com o PTB. Uma coisa é certa, e sabemos que Brizola e seus pares estão conscientes dessa assertiva, não precisamos - e não devemos -

buscar exemplos na Social Democracia de Olaf Palmer e Cia. Temos de criar nossos meios em consonância com as condições históricas que o momento brasileiro nos propicia. A Social Democracia Europeia tem pouco, ou quase nada a nos oferecer. Tem muito mais vícios que pontos positivos. O trabalho histórico é algo que está arraigado ao espírito do operariado brasileiro pelas lutas travadas ao longo dos anos. Não serão os adesistas, os provocadores gratuitos e financiados, as velhas raposas da política nacional que desmentirão esta assertiva! O ex-conselheiro de Brizola, Paulo Schilling, vê "muita pressa e oportunismo" nas tentativas de criar o novo PTB. Creio que Paulo Schilling está equivocados. A realidade brasileira de hoje, os problemas do bóia-fria, do camponês, do arreatário, do assalariado rural e urbano, do escamoteamento da política nuclear, do combate à agressão dos grandes conglomerados internacionais, não serão resolvidos pela satisfação das vaidades pessoais deste ou daquele líder eventual. Sim pela união de todos que lutam por transformações profundas na estrutura da sociedade brasileira. Não nos esqueçamos - nós que sofremos com ele - que o golpe de 31 de março surgiu justamente pela divisão infantil das esquerdas, que se esqueceram e substituíram seu inimigo principal - que inclusive estão com as unhas de fora dissimulando atentados e greves frias - e se embrenharam em querelas semânticas, enquanto a reação, financiada e logicamente apoiada pelos Estados Unidos, criava força. Precisamos criar uma frente de oposição ampla. Frente esta que aglutine os Trabalhistas de todos os matizes, a Convergência Socialista, os Comunistas, os auto-intitulados Social Democratas e outros segmentos ou correntes que se propugnem defender um Programa Alternativo autenticamente democrático e popular. O nosso objetivo hoje é o poder e isto só conseguiremos unidos e coesos. Liderará a Frente quem melhor se posicionar dentro deste programa. Brizola é bem vindo pela sua humildade, pelo seu propósito de aprender - inclusive com o Lula que diz não aprender nada com ele - pelo seu propósito de união. Que os seus atuais seguidores principalmente conselheiros políticos saibam aquilatar a importância do momento presente. Não nos esqueçamos que os agentes gratuitos e/ou especializados em provocações estão à solta. Eles são especializados em invenções. Criaram uma situação de caos - hoje comprovada no Chile para derrubar Allende, dão apoio logístico ao Uruguai, Paraguai, Argentina, isto só para citar exemplos latinos. Porque não forjar uma situação de "exemplos idênticos aos idos de 64" que ainda é o seu (deles) leit-motiv para justificar uma incursão direitista e anti-popular? Que Brizola pense nisso e dê mais exemplos de maturidade política, condição primordial para enfrentar os que estão se empenhando para tumultuar o atual processo de democratização da sociedade brasileira.

Waldir Izidoro Silveira Castro

Enfim

Diretores: Paulo Antonio Carneiro Dias (Diretor Responsável), Cláudio Mello e Souza (Redação), Goebel Weyne (Arte), José Colagrossi Neto (Administração).

Editores: Fortuna (Humor), Paulo Garcez (Fotografia). Assistentes de Redação: Luiz Carlos Maciel, Izilda Alves e Regina Vidal. Assistente de Arte e Produção: Júlio César Vieira Gerente de Publicidade-Rio: Geraldo Dut

Secretária: Elaine Mostardeiro Barcellos. Homem Atomo: Alvaro Luiz de Melo. Laboratório: Marcc Aurélio Sabóia.

SÃO PAULO - Luiz Carlos Cabral e Maria José Arrojo (Redação); Vera Maria Whaley (Publicidade) Fone: 2852264.

Enfim é uma publicação do DIÁRIO DE PETRÓPOLIS S/A. Av. Epitácio Pessoa, 82/100 - Petrópolis. Sursal Rio: Av. Ataulfo de Paiva, 706/302 - Leblon. Tels. 274-3789/239-8353. Composto e impresso na Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65 - Rio de Janeiro. Tel. 221-2772. Distribuição: Fernando Chinaglia S/A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro. Tel. 268-9112.

Diretor-Presidente: Miguel Gabizo de Faria
Editor-Geral: Tarso de Castro

PT 1035-126

FORTUNA



Fortuna



252

INFORME nº 073/79

DATA: 02.10.79
 ASSUNTO: PASSEATA E ATO PÚBLICO CONTRA A POLUIÇÃO
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: B 2
 DIFUSÃO ANTERIOR: =====
 DIFUSÃO ATUAL: ATC/SNI - DSI/SSP/PR
 REFERENCIA: =====
 ANEXO: =====



1

No dia 1º de outubro do corrente ano, foi realizada uma reunião estudantil, na Sede do DCE/Livre de Londrina.

1.1

Na ocasião decidiram realizar uma Passeata e, um Ato Público contra a Poluição no dia 12 de outubro do corrente mês.

1.2

O evento está sendo organizado por um Grupo de Alunos do Curso de Comunicação Social e Agronomia da Fundação Universidade Estadual de Londrina.

1.3

Durante a reunião falou o estudante Mario Luiz Milani, um dos organizadores da promoção, o qual afirmou que é necessário mostrar ao governo que o povo não suporta a poluição, e o próprio governo está insensível ao problema e, ele próprio incentiva e facilita as Empresas Multinacionais para explorar e poluir o Meio Ambiente.

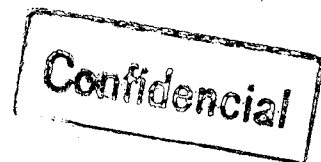
1.4

Constatou-se que a idéia da realização da Passeata partiu do Engenheiro Agrônomo Marco Antonio Castanheira, presidente da Associação Paranaense de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente, o qual recentemente proferiu duas palestras no Campus da Fundação Universidade Estadual de Londrina, para os alunos de Comunicação Social e de Agronomia.

2

Estiveram presentes na Reunião acima referida, os seguintes estudantes:

- Carlos Augusto Dias
- Edilamar Andrade Ribas
- Antonio Claudio Leme
- José Carlos de Oliveira Arruda



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo desta comunicação (Art. 12º n.º 79.099/77 (Lei de Responsabilidade de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)).

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1507
DATA: 28/10/79

PT 1036.126

253

- Raquel Dias de Arraujo
- Randolpho Decker
- Lilian Kanayama
- Nilce Ioshika Koga
- Jorge Moryassu Ogido
- Wolnei Edson dos Santos
- Milton Mutsuo Hirata
- Sidonio de Matos
- Alice Aparecida Alves Nunes

Confidencial



O cassinatório é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Decreto 79.059/77 Regulamento de Salvaguarda Assuntos Sigilosos).

PT 1035. 125



INFORME nº 069/79

DATA: 19.09.79

ASSUNTO: ULISES TELES GUARIBA NETO

ORIGEM: ACT/SNI

AVALIAÇÃO: B-2

DIFUSÃO ANTERIOR: =====

DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR

REFERENCIA: =====

ANEXO:

Confidencial

1

O nominado, professor da US.P.S.P. e membro da Diretoria da Associação dos Docentes da USP. ADUSP-SP, esteve em Londrina no dia 18 do corrente, na ocasião visitou a sede do DCE LIVRE e manteve contatos com as lideranças locais do ME, onde tratou de vários assuntos, destacando-se:

- Política Estudantil na USP e PUC.SP.
- Movimento pela Criação de Novas Associações de Docentes
- Movimento para Criação de Novas Escolas de Medicina.

1.2

Estiveram com o nominado os seguintes Alunos do Curso de Medicina da Fundação Universidade de Londrina:

- Marco Antonio Fabiani
- Carlos Augusto Dias
- Cezar T. Kohatsu
- Gilberto Berguio Martins

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos (Int. Sec.))


Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 Nº 1449
 DATA: 26/09/79

Confidencial



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

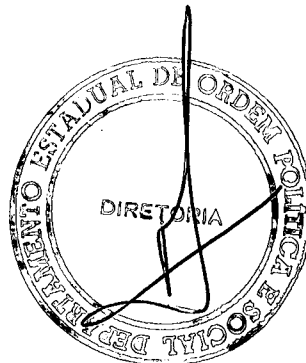
São Paulo, em 31 de outubro de 1979

1. Assunto: ULICES TELES GUARIBA NETO:
2. Origem: A FONTE
3. Classificação:
4. Difusão: SI/DSI/PR 
5. Referência: P.B. 42/79 de out/79
6. Difusão desde a origem:
7. Anexo: OP-OS-DI.

INFORM ação

N.º 1311/GDC/79 /

I - SOBRE O EPIGRAFADO, CONSTA NESTE DOPS, ÀS INFORMAÇÕES EM ANEXO.



CONFIDENCIAL

Conforme prescreve o Artigo 62 do Decreto n.º 60417, de 11/3/67, o destinatário é responsável pelo sigilo deste documento.

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
N.º 1705
DATA: 16/11/79



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
=== DIVISÃO DE ORDEM POLITICA === DOPS ===

Informação nº 669/79

Referencia:- Peído de Busca nº 42/79.-

ULISSES TELES GUARIBA NETO - CAPITAL.-

Sem qualificação.-

- 30/11/76 - Inf.DI do DOPS: Consta que o fichado em 1965 formou se pela Fac. de Filosofia da USP; segundo Informação de 29/07/71, da DOS, a respeito do inquerito da Ação Libertadora Nacional, com referencia a Ulisses Teles Guariba Neto, consta que quando visitava sua esposa Helena Ferreira Teles Guariba, no Presidio Tiradentes, foi por esta solicitado a levar um presente a Daniele Simões, amiga da casal, o que foi feito, sem saber que em seu interior havia uma mensagem de cunho subversivo.
- 19/02/77 - Inf. D.O.: Autorizada a rescisão, a pedido e a partir de 01/01/77 do contrato do fichado, Professor Assistente Doutor com o Instituto de Letras, Historias e Psicologia do Campus de Assis, observadas as cautelas legais inscristas na CLT. Processo nº.FF/CLAS, 440/74.
- 11/10/78 - Inf.374/78/USP/ASI/SP: Consta que o fichado participou do Seminario Promovido pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, sendo um dos Debatadores do Tema I - " A Universidade e a Sociedade Brasileira Atual- Participação e Alineação".
- 28/09/79 - Informe nº 69/79 - da Fundação Universidade Estadual de Londrina, datado de 19/09/79, informando que o fichado professor da USP de São Paulo e membro da Diretoria da Associação dos Docentes da USP/ADUSP/SP., esteve em Londrina no dia 08/09/79, quando visitou a sede do DCE/LIVRE e manteve contatos com as lideranças locais do ME., onde tratou de varios assuntos, entre eles: Politica Estduantil na USP e na PUC de São Paulo, Movimento pela Criação de Novas Associações de Docentes e Movimento para Criação de Novas Escolas de Medicina.

É o que temos á informar, a respeito do epigrafado, acima citado.

São Paulo, 16 de outubro de 1979.-

MG. *MG.*
16.10.79

VISTO
Em 16 de Outubro de 1979

O DESTINATARIO E RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO
DESTE DOCUMENTO (Art. 62 - Dec.
n.º 60.417/67 - Regulamento para
Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

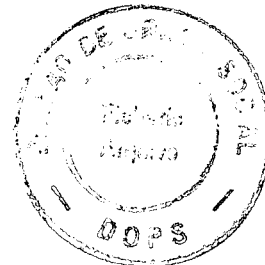
NOTA: - Esta Informação é de caráter estritamente reservado, destinando-se à orientação exclusiva da Autoridade Interessada

PT
1035.126



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL -DOPS
fichario e arquivo

INFORMAÇÃO 450/79



ULISSES TELLES GUARIBA NETTO - filho do ex-vereador cassado, Gal. Mariani Guariba.

Em 22.08.69 - Informe 278/SNI/ASP comunica que o supra referido, tem alguma relação com os últimos incendios de estações de televisões e com a bomba que explodiu na Caixa Economica, por ocasião da visita do Governador Rockefeller. Sua esposa, HELENY FERREIRA TELLES GUARIBA, muito vinculada ao meio teatral, é que o dirige e influencia. Preso pela OB entregue pelo SNI na reunião da C.I em 29/4

Em 09.03.71 - detido para veriguações.

Em 10.03.71 - foi colocado em liberdade, filho de Francisco Guariba e Efigencia Ramos Guariba, natural de São Paulo, SP, nascido em 10.08.40, desquitado, professor

J. DEY... RESPONSÁVEL
... DO SIGILO
... (Art. 62 - Dec.
n.º 60.417/77 - Regulamento para
Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - CPI - DOPS.

ULISSES TELLES GUARIBA, NERO

CONFIDENCIAL

RG. 2.185.271 - Professor Assistente da
FPOL de Assis - admitido em 07/03/68.-

Relatório datado de 22/11/76 da Divisão de Ordem Política - DOPS/SP., entre outras coisas traz o nome do epigrafado dentro do seguinte texto: Manifesto de responsabilidade da atual diretoria da ADUNESP, da qual o referido faz parte e que já é de conhecimento que o mesmo é esquerdista.-

O marginado assinou "Manifesto dos Professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - da USP. (documento arquivado em 16/12/76).-

O nome do epigrafado aparece em uma relação de professores da FFICH - Departamento de História da USP. (documento arquivado em 28/12/76).-

No Diário Oficial de 19/02/77, entre outras coisas traz o nome do marginado com os seguintes dados - Campus Universitários de Assis, autoriza a rescisão de pedido a partir de 10/01/77 do contrato do interessado professor assistente do Instituto de Letras e História e Psicologia do Campus de Assis. Observadas as cautelas legais inscritas na CIT.-

Relatório referente a 29ª Reunião Anual da SEPC. (documento arquivado em 30/11/77), onde vamos encontrar o nome do marginado como Presidente da Associação de Docentes da UNESP., que criticou a terceira Universidade oficial de São Paulo, como sendo o resultado político de interesse alheio as aspirações da Sociedade Civil.-

- CONTINUA -

PT. 1035.126



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - CPI - DOPS.

Nas declarações prestadas por Eduardo Kugelmas no DOI, em data de 06/01/78, entre outras coisas traz o nome do marginado como marido de Heleni Ferreira Guariba e que o depoente por algumas vezes serviu de mediador para alcaimar, digo alcaimar os animos do casal.-

O referido participou de um Seminário - Promovido pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, realizado dia 25, 26 e 27 de outubro de 1978, conforme ofício nº.765/78 de 05/09/79 - CRUD.-

Telex procedente da Delegacia de Polícia de Araraquara nº.262/263 - 13/11/78, informou-nos que de 07 a 10/11/78 no Campus Universitário da UNESP, realizou-se um Simpósio "Universidade e Sociedade", tendo o marginado como um dos expositores.-

Consta que o epigrafado em 1965 formou-se pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Informação datada de 29.07.71 da Delegacia Especializada de Ordem Social, a respeito do inquérito da Ação Libertadora Nacional, consta que com referência ao epigrafado, o mesmo quando visitava sua esposa Helena Ferreira Telles Guariba, no Presídio Tiradentes, foi por esta solicitado para levar um presente a Daniele Simões, amiga do casal, o que foi feito, sem saber que em seu interior havia uma mensagem de cunho subversivo.

NOTA

Esta informação é de caráter estritamente Reservada, destinando-se a orientação exclusiva da Autoridade Interessa da

Conforme prescreve o Artigo 62 do Decreto n.º 60.417 de 11/3/67, o destinatário é responsável pelo sigilo deste documento.

6/61 100 08



260

INFORME nº 068/79

DATA: 19.09.79

ASSUNTO: MARID AUGUSTO

ORIGEM: ASI/FUEL

AVALIAÇÃO: B-2

DIFUSÃO ANTERIOR:

DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR

REFERENCIA:

ANEXO:

Confidencial

1

O nominado jornalista de São Paulo, li-
gado ao ME e movimento da Convergência Socialista, esteve nova-
mente em Londrina, na ocasião esteve presente a uma reunião na
sede do DCE/LIVRE, onde em contacto com as principais lideran-
ças do ME de Londrina abordou os seguintes assuntos:

- Eleições da UNE
- Processo de Abertura
- União dos Movimentos de Oposição
- Movimento pela anistia ampla

1.1

Com relação ao processo de abertura dis-
se que o momento é muito importante e que a UNE vai levar
os estudantes para as ruas, afim de acelerar o processo de aber-
tura e conseguir anistia para todos os presos políticos. Disse
também que os estudantes devem preparar-se para todos os tipos
de lutas inclusive choque com a repressão. Falou sobre a fabrica-
ção e emprego de bombas tipo coquetel Molotov afirmando que são
de fabricação caseira e de baixo custo, mas de grande efeito.

1.2

Na reunião acima referida estiveram pre-
sentes os seguintes líderes do DCE.

- Carlos Augusto Dias
- Marco Antonio Fabiani
- Cezar T. Kohatsu
- Gilberto Berguio Martins
- Antonio Claudio Leme

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 7450
 DATA: 26/09/79

Confidencial

CONT.

destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

2. legi

1. Expediente P.D. a DOPS/SP
solicitação de dados de qualificação,
e ~~outros~~. Se custos e outros
julgado etc.

2. Apreensão
Data: 02.10.78



Já possuímos os dados de
qualificação do nominado.

Em 03-10-78



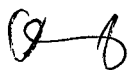
2. legi

1. Crime

2. Motivo de

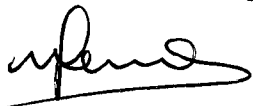
3. M. G. U. V. de

Data: 19.10.78



PASDA ASI/FOEL

Anotado: 203/11188



Confidencial

- 0 2 -

CONT.INFE Nº 068/79-ASI/FUEL

261

1.3

Mario Augusto tem vindo frequentemente a Londrina, além de contatos com o DCE, o nominado contata com membros do Cop-Jornal do Paraná.

=====

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



Confidencial

PT 1035.125



INFORME nº 084/79 - ASI/FUEL

DATA: 29.10.79
 ASSUNTO: SOCIEDADE DE ESTUDOS E ATIVIDADES FILOSÓFICAS (SEAF/PR)
 ORIGEM: ASI/FUEL
 AVALIAÇÃO: A.1
 DIFUSÃO ANTERIOR: ----
 DIFUSÃO ATUAL: ACT/SNI - DSI/SSP/PR -
 REFERENCIA: -----
 ANEXO: Cópia xerox de ofício e boletim -

Confidencial

1.

Este OI tomou conhecimento, através de correspondência enviada para Professores e Alunos do Curso de Filosofia da FUEL, que está sendo criada em Curitiba a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF/PR) Regional do Paraná.

1.1

A referida entidade está sendo criada por uma comissão Pró SEAF, liderada pela Professora Suzana Maria Munhoz da Rocha Guimarães

1.2

A reunião de fundação, deve ter ocorrido no dia 27.10.79.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 N.º 1653
 DATA: 05/11/79

PT 1036-125

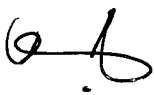
Confidencial

R. Uge

1. Anote-se, pesquisando-se
punto ao TRL. e dados
de qualificação de processo,
na Sujeira Maria Uenholz
de Poche Guimaraes

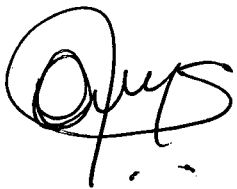
2. Após, registre-se

Jos S. 11.79

Pasta / FUEL 

Anotado

Em 09.11.79



Curitiba, 01 de outubro de 1979.

A SEAF - Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas - com sede central no Rio de Janeiro, e que tem se estendido a alguns Estados sob a forma de Regionais, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará, congrega estudiosos de Filosofia preocupados com o seu destino na atual política educacional brasileira.

A SEAF, convicta de que o exercício de Filosofia só é possível num clima de ampla liberdade de discussão e manifestação, compromete-se a lutar ao lado de todos os setores sociais que visam a implantação da democracia no Brasil.

Tem como principais finalidades:

- a defesa dos interesses profissionais da categoria;

- incentivar a pesquisa e o amplo debate filosófico com vistas à recuperação do papel social da Filosofia;

- lutar pelo retorno da Filosofia ao 2º grau como disciplina obrigatória e pela eliminação de Estudos Sociais;

- combater o isolamento dos Departamentos de Filosofia promovendo um maior intercâmbio de idéias;

- trabalhar pela completa reintegração dos professores punidos e afastados por ato de exceção.

Um grupo de estudantes e professores, preocupados com esses problemas e acreditando no espaço que a SEAF abrirá à Filosofia, convoca os interessados para uma Assembleia a ser realizada na 2ª. quinzena de outubro, com data e local a ser definido, para a criação da SEAF - Regional do Paraná, onde estará presente o Prof. Dr. Bento Prado Jr., Presidente da Regional de São Paulo.

COMISSÃO PRÓ-SEAF

Curitiba, 11 de outubro de 1.979

A Comissão pró-SEAF (SOCIEDADE DE ESTUDOS E ATIVIDADES FILOSÓFICAS) do Paraná solicita a divulgação do boletim anexo especialmente para os professores e alunos da área de Filosofia.

Além das informações contidas no boletim, comunicamos que será realizada, no dia 27/10/79 às 10:00 hrs. à Rua Ébano Pereira, 114/3º andar, uma reunião com todos os interessados, para discutir os objetivos da SEAF/Pr. e a data para a Assembléia de Fundação dessa entidade. Após essa reunião será enviado o segundo boletim informativo.

Solicitamos ainda, se possível, o envio dos nomes e endereços dos professores e estudantes de Filosofia desta Instituição.

Para pedidos de maiores informações escrever para Caixa Postal 21 - Curitiba/Pr.- 80.000 ou pelo telefone 252-5928 com a Professora Suzana Maria Munhoz da Rocha Guimarães.

COMISSÃO PRÓ-SEAF - SOCIEDADE DE ESTUDOS
E ATIVIDADES FILOSÓFICAS

Suzana Munhoz
[Signature]



Confidencial

265

INFORMAÇÃO nº 064/79 - ASI/FUEL

DATA: 26.04.79

ASSUNTO: 3º ENCONTRO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

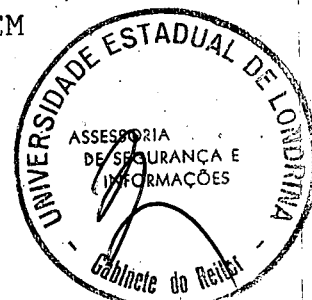
ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: PB nº 002/79 - DSI/SSP/PR - 17.04.79

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

ANEXOS: -----

DIFUSÃO: DSI/SSP/PR -



1.

Em atendimento ao PB de referência este OI informa que o local provável da realização do III ENEEN, será a cidade de Belo Horizonte, visto que o II ENEEN foi realizado em Londrina no período de 03 a 08 de julho de 1.978.

1.1

Com relação a Docente Maria do Socorro Oliveira de Souza, informamos que a mesma é elemento atuante no ME (Movimento Estudantil), tendo atuação a nível nacional, mantendo contatos com lideranças estudantis de vários estados (área de saúde), inclusive atua no CEBES (Centro Brasileiro de Estudos da Saúde) - Núcleo de Londrina.

Possui registro neste OI, com conotação política caracterizada como de tendências esquerdistas.

É ligada ao Grupo de Médicos de tendências esquerdista que atuam no HU/FUEL, onde se destacam os Docentes Darly Antonio Soares e Nilton Luiz Tornero (Médicos que atuam na área de Saúde Comunitária).

Foi constatada sua participação no ato público de protesto, realizado pelos Docentes, Médicos Residentes e Internos do HU que se encontram em greve, no dia 24.4./79, na concha acústica de Londrina.

1.2

DADOS DE QUALIFICAÇÃO:

NOME: MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA DE SOUZA

FILIAÇÃO: Ismael de Oliveira e Maria Glicia Monteiro de Oliveira.

LOCAL DE DATA DE NASC.: Natal - Rio Grande do Norte em 10/04/52.

CÉDULA DE IDENTIDADE: 800.559 - PR.

É docente na FUEL desde 04.04.77 na Categoria de Auxiliar de Ensino, lotada no Departamento de Materno

Divisão de Segurança e Informações
Subdivisão de Informações

PROTOCOLADO

N.º 666/79

DATA: 30/04/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 (regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)).

Confidencial

"segue"

PT 1035.126

Anotar

Posta: FUEL

Em 02-05-79

[Handwritten signature]

Anotado em

22/10/80

[Handwritten signature]

PASTA FUEL.

266

Confidencial

Infantil e Saúde Comunitária do CCS.

Pela Portaria nº12.339/79 de 20.02.79 foi concedida licença pelo período de 21.03.79 a 21.03.81, para frequentar Curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado na Faculdade de Saúde Pública da USP/SP.



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 - Lei nº 79.099/77 de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial



INFORMAÇÃO nº 151/79

DATA: 27.09.79

ASSUNTO: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM (IIIENEEN)

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: PB. 34 -SI/DSI/PR

DIFUSÃO ANTERIOR: =====

ANEXOS: =====

DIFUSÃO: S/I DSI/SSP/PR

Confidencial

1

Em atendimento ao P.B. de referen-

cia, este OI, informa que :

- a) O Encontro foi realizado na data e local previsto
- b) Contou com a participação de mais ou menos 600 estudantes, integrantes de 38 delegações, que representaram vários Estados.
- c) Londrina foi representada pela estudante Elizabeth Lopes Quina.
- d) No evento acima referido foram discutidos vários propostas e moções , destacando-se os seguintes assuntos :
 - Realização de 3 reuniões de delegados antes da promoção do IV ENEN:
 - A 1ª Reunião de Delegados ao IV ENEEN, está prevista para o dia 3 de novembro de 1.979, em Salvador Bahia. nesta reunião será decidido o local do próximo ENEEN, podendo ser escolhido entre os Estados do Maranhão , Goiás e Bahia.
 - A 2ª Reunião de Delegados deverá ocorrer em dezembro de 1.979, no entanto o local não foi definido.
 - A 3ª Reunião está prevista para o mês de abril de 1.980 , em Vitória no Espírito Santo.

DADOS DE QUALIFICAÇÃO

NOME	- Elizabeth Lopes Quina
FILIAÇÃO	- Glória Sutil Lopes Quina
	- Jose Alfredo Sutil Quina
DATA E LOCAL DE NASC.	- 21/09/60- São Paulo
REGISTRO GERAL	- 1.935.109/PR.
PROFISSÃO	- Estudante do Curso de Enfermagem na FUEL.
ENDEREÇO	- Rua São Salvador, Nº 860, APTº 1 Londrina /Centro.

Confidencial

Divisão de Segurança e Informações
 Subdivisão de Informações
PROTOCOLO
 Nº 1489
 DATA: 03/10/79

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 - Esquema de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

R. Laje

1. Anexar o P.B. de referencia.
2. Retornar.

Sdi, 19.10.79

OB

R. Laje

1. Anexar.
2. Retornar.

Sdi 19.10.79

OB

anotado de acordo com
o Inje n° 534-PM 2/79,
de 05/07/79.

Pasta / ASI / FUEL

Em 23/04/80

Q. J. S.